FRANCES ANN CONANT
PERGUNTAS
&
RESPOSTAS II
TRADUÇÃO:
AMADEU ANTÓNIO

PERGUNTAS E RESPOSTAS 1868

ESPÍRITO CONTROLADOR

Se o Senhor Presidente tiver perguntas, responderemos, se nos for possível fazê-lo.

PERG.—Pai, mãe e filhos que se viram inevitavelmente separados por longos anos sobre a terra voltarão a reunir-se nessa relação no mundo dos espíritos? Ou os filhos ultrapassarão toda a recordação e afeição pelos seus pais e não saberão que alguma vez lhes pertenceram?

RESP.—A atração ou lei que liga alma a alma não depende de modo algum do corpo ou da sua experiência. Se pai, mãe e filho estão ligados por uma lei espiritual de atração, nada há que a possa romper, nenhum poder que os possa separar, e gravitarão tão naturalmente um para o outro como uma maçã cairá ao chão se nenhum poder interposto interromper a sua queda. A lei da afinidade espiritual é considerada por muitos como dependente, até certo ponto, de condições humanas, da experiência humana. Mas não é assim. Estando acima e à parte da vida humana, subsiste por si. Há muitos pais e mães que não têm amor espiritual pelos seus filhos, e vice-versa. Tais pessoas não podem esperar gozar da companhia umas das outras na terra dos espíritos, nem o desejarão.

P.—A teoria da morada dos espíritos, ou "zonas da terra dos espíritos", conforme descrita por Hudson Tuttle no seu "Arcana of Nature", é correta nos seus traços principais? Se assim for, o que é feito delas no futuro longínquo, quando esta terra tiver envelhecido e passado—enquanto terra—como entendo ser a perspetiva da quase totalidade dos escritores sobre a Filosofia Harmónica?

R.—Tudo, tanto o espírito como a matéria, está sujeito à lei do progresso. Tudo está constantemente a passar por uma série interminável de transformações; portanto, se a terra dos espíritos é uma localidade distinta, como afirmam muitos escritores, deve crer, se ela mantiver ligação com a terra, que à medida que a terra passa da

sua órbita material para uma órbita espiritual, a terra ou zona dos espíritos transformar-se-á para corresponder à terra. Mas o seu orador não crê que a terra dos espíritos esteja confinada a qualquer localidade em particular. A breve experiência que tem sido a sua na terra dos espíritos ensinou-lhe que o mundo dos espíritos está em toda a parte; sobre a terra, sob a terra, acima da terra; onde quer que haja vida, aí está a terra dos espíritos.

P.—Tendo a influência de controlo, a 28 de outubro, respondido afirmativamente à pergunta sobre a pré-existência, gostaria de perguntar em que ponto do crescimento do corpo o espírito se encarna?

R.—Esse é um ponto disputado, e ao qual o seu orador não se sente competente para responder.

P.— O *Boston Post* da última segunda-feira, entre as suas notícias sobre os serviços religiosos realizados no dia anterior em Boston e arredores, faz menção ao sermão anual então pregado perante a "Charlestown Female Moral Reform Society", na Methodist Union Church, pelo Rev. J. S. Barrows, onde consta que, após aludir à recente guerra como tendo contribuído assustadora e maravilhosamente para o aumento do mal social em todas as nossas grandes cidades, declarou que a grande causa seguinte de licenciosidade no tempo presente se encontrava nos ensinamentos e práticas vergonhosas da seita que a si mesma se chama Espiritista. Gostaria de saber se concorda com o reverendo orador na sua afirmação da segunda causa e, se não, em que difere?

R.—Diferimos dele *in toto,* pois não há sequer a sombra da verdade na afirmação; portanto, se formos fiéis à verdade, teremos necessariamente de divergir dele. O Espiritualismo Moderno é um grande bicho-papão na boca daqueles que o não compreendem. O Espiritualismo Moderno coloca os seus membros faltosos à superfície. Não encobre nenhum deles. Por conseguinte, todas as suas falhas estão à vista dos seus opositores. Nisto difere da Velha Teologia. A Velha Teologia acolhe os seus membros faltosos no seu amplo manto

e protege-os do olhar do mundo tanto quanto pode. A Velha Teologia ergue a sua cabeça a partir de uma base; o Espiritualismo Moderno a partir de outra.

A Velha Teologia diz que a verdade só pode vir por um canal. O Espiritualismo Moderno diz que a verdade pode vir de toda a parte. A Velha Teologia diz que os instrutores do povo devem ser aqueles que passaram por uma determinada série de experiências teológicas e receberam o selo da Igreja. O Espiritualismo Moderno diz que quem quer que possa proferir a verdade, ainda que seja um bebé, tem a liberdade de a proferir. Quem quer que possa praticar um ato de bondade em nome do Nazareno, ou em nome de qualquer bom homem ou mulher, tem a liberdade de o fazer, e Deus abençoará o ato. Oh não; diferimos, bom irmão, e muito, do amigo cujas ideias citou.

P.—Em I Coríntios, cap. ix, v. 5, o Apóstolo Paulo pergunta se não tinha ele "poder de levar consigo uma irmã, uma mulher, como os outros Apóstolos". Numa nova versão do Testamento recentemente emitida pela "Bible Union Society", a sua pergunta é se não pode "levar consigo uma irmã como mulher". Gostaria de saber se este versículo contém uma alusão a uma prática por parte dos Apóstolos de associarem cada um a si uma membro feminina de alguma Igreja designada como irmã, e assim viajarem juntos de lugar para lugar conforme eram guiados pelo espírito? Se não for esta a alusão, queira explicá-la?

R.—Em certo sentido alude a isso. Mas em determinado outro sentido, pode ser entendido espiritualmente, e apenas espiritualmente. A teologia moderna, e também a teologia antiga, têm sido muito bem-sucedidas em transmitir ao mundo cristão todos os bons traços de caráter que pertencem aos seus luminares religiosos, e em ocultar as fraquezas desses antigos instrutores, desses defensores da fé cristã. A Igreja sempre possuiu um manto muito grande e, possuindo-o, sempre exerceu o direito de o usar. Ora, estes velhos beneméritos não estão isentos de uma disposição para encobrir as suas falhas e exibir apenas as suas virtudes. Pois bem, quando considerado sob um ponto de vista,

este é um traço de caráter excelente, se for encontrado na Igreja, excelente se respaldado por uma verdadeira caridade.

Mas não é tão bom quando posto em prática por motivos egoístas. Ora, é muito possível que a Igreja proteja, tanto quanto pode, os seus membros faltosos por causa da sua grande caridade, mas tal não é de modo algum provável. A Igreja, como qualquer outra instituição no mundo, deseja o poder, e sabe muito bem que ele reside no seu número mais do que em qualquer outra coisa. Ela sente-o. Não está tanto na sua quantidade de graça quanto no seu número. Perdoe-nos se parecemos expor as falhas da Igreja. Não temos desejo de o fazer, pois mais cedo ou mais tarde ela própria as exporá, tal como o Espiritualismo Moderno está a fazer hoje, motivo pelo qual é muito ruidosamente censurado por todos os membros da Igreja.

31 de Out.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Estamos prontos para ouvir quaisquer questões que tenha para propor, Senhor Presidente.

PERG.—Se os espíritos visitam, como dizem, outros planetas, gostaria de perguntar se estes são habitados? E, se assim for, fica a saber-se algo sobre eles—da sua história, caráter e condição, em comparação com os habitantes da terra?

RESP.—Muitíssimos dos planetas são habitados por vida animal e intelectual, ao passo que muitíssimos deles não são habitados, por não terem atingido o estágio em que possam sustentar vida animal e intelectual combinadas. É impossível visitar qualquer localidade desse tipo e não aprender algo em consequência da visita. Verificamos que todos os planetas com os quais fomos tornados de algum modo familiarizados possuem essencialmente, e em grande medida objetivamente, a mesma vida que a terra. Os átomos estão agregados de forma diferente, é certo, mas a essência dos átomos é precisamente a mesma, e a mesma lei geral parece governá-los. Os produtos daqueles planetas que parecem estar desenvolvidos quase no mesmo

plano da terra são quase os mesmos que os da terra. Há, com certeza, uma diferença; mas é mais no externo do que no interno. O grande poder que governa esta terra governa todos os outros planetas, e todos eles estão subordinados a esta lei, portanto o método de desenvolvimento deve ser semelhante.

P.—Quais desses planetas estão desenvolvidos de forma semelhante à terra?

R.—Levaria muito tempo a enumerá-los a todos.

P.—Poderia nomear um?

R.—Sim. O planeta Marte guarda uma relação muito próxima, em muitos aspetos, com a terra.

P.—Não estarão alguns muito mais desenvolvidos do que a terra?

R.—Certamente. Muitos deles passaram da órbita material para a espiritual, como a terra fará com o tempo.

P.—Conhecêmo-los pelo nome?

R.—Não, não os conhece, por terem passado do registo material muito antes de a terra ser habitada.

P.—Qual foi a estrela que guiou os astrólogos do Oriente a Belém no nascimento de Jesus?

R.—Certos teóricos determinam que esta estrela apareceu nos céus aquando do nascimento de Jesus e que deixou de existir aquando da sua morte. Determinam, portanto, que a estrela surgiu com o propósito especial de proclamar o seu nascimento e de exercer uma influência sobre o seu destino físico e espiritual. Nisto eu não creio, porque não creio que a grande lei geral seja em qualquer momento infringida para qualquer propósito especial, por muito que assim pareça ser. Que tal estrela de facto apareceu por volta do tempo em

que Jesus nasceu, e desapareceu por volta do tempo da sua morte, é muito bem sabido; mas instâncias semelhantes ocorreram antes e depois dessa época.

Portanto, devemos supor nada mais nada menos do que se tratou de um fenómeno de acordo com as leis da Natureza, e não para qualquer propósito especial. Não quereria por um momento retirar glória à que envolveu este irmão mais velho. Esse não é o meu propósito. Reverencio nele todas essas gloriosas virtudes que concorrem para formar um homem perfeito e devotado a Deus. Reverencio essa gloriosa verdade que brilhou tão resplandecentemente através dele—que nunca deixou de brilhar, apesar da escuridão que tem sido acumulada ao seu redor. Ainda assim, ela brilha. Mas creio que essa verdade, embora parecesse ter tido o seu nascimento nas planícies de Belém, sempre existiu; que não precisava de que qualquer estrela surgisse para anunciar o seu nascimento. Sempre viveu. Apenas buscou expressão através do homem Jesus, como busca expressão através daqueles que lhe são suscetíveis em todas as eras.

P.—Disse que outras estrelas tinham aparecido da mesma forma. Alguma vez se soube na história do homem que qualquer outra estrela tivesse aparecido ao nascimento e encerrado a sua existência com a vida do indivíduo que anunciava ao mundo?

R.—Se pretende fazer uma aplicação decidida da estrela ao indivíduo, então diremos, de acordo com o intelecto humano, que essa é a única manifestação semelhante de que temos qualquer registo. Mas nascem crianças em todas as eras, e nascem estrelas ao mesmo tempo. Homens e mulheres morrem em todas as eras, e estrelas deixam a existência externa ao mesmo tempo. Mas não se faz qualquer registo disso ligando a estrela e o indivíduo.

P.—Ainda assim, essa estrela parecia ter alguma ligação com o indivíduo.

R.—Apenas na superstição. Em mais lado nenhum.

P.—Por que razão, então, haveria de ter guiado os sábios até ao próprio local onde se encontrava a criança?

R.—Por que razão guia a estrela polar o marinheiro?

P.—Entendo que é uma estrela fixa.

R.—Isso é verdade, e no entanto a aplicação não é menos legítima. Nós não cremos na superstição. Que tal estrela nasceu no firmamento e deixou de existir por volta da época mencionada, cremos; mas não cremos que tivesse qualquer referência ao nascimento da criança Jesus.

P.—O que significa o relato de João a batizar no rio Jordão, e do Espírito Santo a descer em forma de pomba, etc.?

R.—Tem a certeza de que isso aconteceu?

P.—Temo-lo no registo.

R.—Oh sim, tem o registo, quebrado em fragmentos e remendado—por quem? Por fanáticos teológicos. Ao passo que a verdade simples do primeiro e único registo fiável—tem-no? Não, não o tem. Supõe que o tem, tal como as diferentes igrejas supõem que têm a única religião verdadeira. Uma diz-nos: "Vem a mim. Eu tenho a verdadeira religião. Encontrarás entrada segura no céu apenas através de mim." Todas as outras dizem-nos o mesmo.

P.—Os meios são diferentes; o fim é o mesmo.

R.—Muito verdade. O seu registo possui muita verdade, e também muito que não é verdadeiro, e cumpre a esta era separar o joio do trigo. Cumpre a toda a mente esclarecida que deseja ser informada a respeito destas coisas fazer algo para separar o joio do trigo. O registo é suscetível de ser joeirado. Esta era não passará sem joeirar esse registo, e de forma muito terrível, também. Pois há necessidade

disso; e o grande Pai de Todos, vendo a necessidade, fornece os meios.

P.—Como podemos julgar o que é o joio e o que é o trigo?

R.—Cada homem e mulher julga de acordo com a sua capacidade. Não há dois que possam julgar de igual modo. Mas uma investigação fervorosa, posta de parte toda a prevenção, ajudá-lo-á finalmente a alcançar o porto desejado, a saber, chegar à simples verdade do registo; retirar tudo o que ali não tinha lugar no início e, na medida em que for capaz através da luz que está a jorrar sobre esta era, joeirá-lo—o que deve ser feito pela análise do pensamento. A agitação do pensamento, disse alguém, é o início da sabedoria; e quando o pensamento se tornar profunda e duradouramente agitado sobre este assunto, saberá mais sobre o seu Jesus do que alguma vez soube.

P.—Então devemos deitar fora a Bíblia inteiramente, tomando a Natureza como nosso guia exclusivo?

R.—Dissemos nós tal coisa? Muito da Bíblia é verdade, e nós nunca deitamos fora a verdade. Não deve deitá-la fora, mas sim procurar fervorosamente saber quanta verdade ali está, e depois venerá-la com toda a sua alma. Não importa se encontrada em Jesus o Cristo, em João Baptista, ou até em Salomão; se a verdade for ali encontrada, venere-a. Mas o joio não é chamado a venerar. Não atenderá às necessidades da sua alma. A alma não tem necessidade dele.

P.—Mas como somos apenas finitos, como julgaremos e decidiremos sobre as leis que o Infinito nos deu? Podemos fazer isto através do estudo da Natureza?

R.—Sim, muito melhor do que em qualquer outro lugar. Se casasse a Natureza e a Bíblia, a filosofia e a religião, teria um código religioso e natural muito melhor. Divorciou-as e está a venerar cada uma separadamente. A consequência é que a sua religião é apenas um

nome, e a sua filosofia está a morrer de fome por falta de religião. Há provas disto por toda a terra. Supõe que teria sido mergulhado na miserável guerra de que mal acabou de emergir se a sua religião e a sua filosofia tivessem sido uma só? Não; não poderia ter sido. Mas porque estavam separadas, os homens foram para a guerra uns contra os outros. Apelaram à espada e ao canhão, quando deveriam ter apelado à vida de Jesus coroada de sabedoria; não essa que tem nas suas igrejas, de modo algum, mas o amor puro e imaculado que nasceu, segundo nos dizem, num estábulo, foi embalado nos braços da pobreza e enviado pelo mundo fora a pregar o Evangelho. O Evangelho de quê? Não de credos, pois ele não conhecia nenhum. O Evangelho da eterna verdade de Deus, tal como estava escrita em toda a parte, nas montanhas e nos vales, no oceano e na terra firme. Jesus casou a filosofia e a religião. Ele disse aos elementos: "Sede em paz!"

Ele compreendia o poder pelo qual os elementos eram controlados e, compreendendo-o, podia fazer uso dele. Poderia algum dos seus seguidores fazer outro tanto? Ouvimos falar de as igrejas acalmarem sequer os elementos mentais? Não; se pudessem, por que não disseram ao Sul: "Paz, fica quieto!", e o mesmo ao Norte? É tudo muito bonito venerar a Deus um dia por semana, e a Mamon em todos os outros dias; tudo muito bonito, até chegar ao ponto de olhar a religião de frente e pesá-la nas balanças da razão; mas então ela é muitas vezes achada em falta.

P.—Se vemos na Natureza o resultado de um grande poder, por que razão os Espiritualistas falam continuamente do Deus da Natureza como visto através das suas obras? Se a Natureza é a causa, deve haver uma grande causa por trás dela que produz esses efeitos.

R.—A Natureza não é a causa. A Natureza é o efeito. Cremos que Deus está em toda a parte. Ele expressa-se através da montanha, através do vale, através destas flores, [referindo-se a um ramo sobre a mesa,] através de tudo; pois como todas as coisas são por Deus, nada pode ser sem ele. Não há espaço para o seu diabo—nenhum de todo, nem sequer um canto no universo reservado para ele. Deus preenche todo o espaço. O verdadeiro Espiritista deve venerar a Deus em toda a

parte e, acima de tudo, onde vê a maior quantidade de verdade—não importa onde; se vinda dos lábios da infância, prostre-se e venere-a.

5 de Nov.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Em cumprimento do costume que é habitual neste lugar, tentaremos agora, Senhor Presidente, responder a quaisquer questões que tenha em mãos.

PERG.—O Calvinista admite que Deus é tudo em todos e governa sobre tudo. O Espiritista aceita o mesmo e diz que Deus permeia todas as condições, está em toda a parte, e no entanto ambos o negam quando isso convém ao seu capricho, como no caso da recente eleição estadual. Isto, dizem eles, é obra do diabo. O que querem eles dizer?

RESP.—A alma crê instintivamente num único Deus, que está sobre tudo; numa inteligência suprema, que sempre governou, que governa e que sempre governará; mas as circunstâncias do tempo e os efeitos da instrução humana têm feito e estão a fazer muito para obliterar esta fé tão sagrada que a alma tem em Deus. Estes arroubos a respeito do diabo que nos saem ao caminho a cada passo, e até dentro da cidadela do nosso próprio ser, são apenas os frutos amargos da nossa instrução—não pertencem à alma.

P.—Se Jesus Cristo como Filho, na Santa Trindade, era coevo do Pai, o que devemos entender pela expressão, que se diz ter sido ouvida em diferentes ocasiões: "Neste dia te gerei"?

R.—Cada alma é uma Santa Trindade em si mesma, e cada alma está ligada por laços que nunca podem ser separados à grande Santa Trindade exterior, a saber, todo o passado, todo o presente e todo o futuro. "Neste dia te gerei." Pois bem, essa passagem, no que outrora fomos ensinados a chamar de Escrituras Sagradas, é apenas a obra do homem, não de Deus. Pertence ao homem—pertence a estas condições finitas que cercam a humanidade, não ao Infinito.

P.—Inúmeras perguntas foram e continuam a ser feitas a respeito da filiação e dos fenómenos que acompanharam o nascimento de Jesus, chamado o Cristo; e até agora, pouca luz foi acrescentada àquela recolhida das próprias Escrituras. Ora, não haverá um registo duradouro e infalível em algum lugar, contendo a verdadeira história do assunto tal como ela foi, e do qual não pudessem ser tiradas impressões erróneas e divergentes? Ou haverá de facto um mar de esquecimento no qual a história de uma vida se pode perder e do qual método algum a poderá jamais retirar?

R.—Não, não há nenhum—nunca houve qualquer registo desse tipo sobre o homem Jesus. O homem Jesus, segundo aprendi durante a minha curta peregrinação no mundo dos espíritos, era de filiação obscura e muito pouco conhecido no seu tempo. Os seus historiadores, se assim podem ser chamados, recolheram certas anedotas que ouviram a respeito da sua vida, e mesmo essas são muito imperfeitas. Temos provas de que não há mais do que um grão de verdade em qualquer uma delas. Sendo isto verdade—e pela minha alma creio que é verdade—quanto podem vocês, mortais, saber a respeito do homem Jesus?

A superstição—a superstição na Igreja e a superstição que existe fora da Igreja—agrupou as suas dobras oníricas e misteriosas em redor deste homem Jesus, dotando-o da qualidade de Deus; afirmando que ele é Deus na carne; afirmando para ele o que ele nunca afirmou para si próprio, o que os seus seguidores nunca afirmaram para ele. É muito evidente, pelas muitas ideias absurdas que se esgueiraram para todas as Igrejas a respeito deste homem Jesus, que há tanto erro misturado com a pequena quantidade de verdade que possuem sobre a sua vida terrena, que é quase impossível para um espírito perspicaz, uma mente raciocinante, chegar a qualquer outra conclusão a seu respeito além da de que ele foi um grande reformador do seu tempo; que percecionou grandes verdades que estão sempre em existência e, percecionando-as, ousou proferi-las, e ousando proferi-las, as trevas da superstição judaica o crucificaram.

Essas mesmas trevas deixaram de nos transmitir qualquer registo exato a seu respeito; pois é muito evidente que não o consideravam de grande importância. É muito evidente que ele pertencia à classe mais pobre da humanidade e, embora seja hoje canonizado como Deus na carne, durante a sua vida terrena e muitos anos depois, muito pouco se pensava a seu respeito. Era de nascimento humilde, habitava na obscuridade, e as suas opiniões religiosas não eram muito consideradas até longos anos após a sua morte.

Ora, no que respeita à sua conceção milagrosa: Durante a minha vida terrena acreditei nela sem a menor dúvida; mas desde que ascendi da terra, e as escamas me caíram dos olhos, e me regozijo na liberdade da razão, sei agora que estava enganado. Ele nasceu como qualquer outra criança nasce na humanidade. Há provas abundantes para demonstrar que assim é; mas aquilo que sabemos não pode presentemente, em grande medida, ser transmitido à terra, porque um número muito limitado de filhos da terra está preparado para o receber. Quando estiverem, virá, e as sementes da verdade serão plantadas, e crescerão num novo sistema de religião, tal como o mundo terá então necessidade.

P.—O caráter de Cristo era falível? Tinha ele falhas como os outros homens na carne?

R.—Creio que tinha falhas, como todos os homens têm. Creio que era falível, como toda a humanidade é falível. Não reafirmo nada mais para ele agora, no meu segundo estado de existência, do que reafirmaria para qualquer outro reformador arrojado.

P.—É-nos dito que Cristo era de filiação pobre. Ele, como é evidente, não teve oportunidades de instrução. No entanto, foi capaz de confundir os maiores doutores judaicos do seu tempo. Como explica isto, se ele não era divinamente inspirado?

R.—Pela ação de uma lei natural sobre o corpo físico. Explico-o como explicaria a mesma manifestação noutro local qualquer. É-nos dito pela mais elevada autoridade que a senhora sujeito—a médium

através da qual estou presentemente a falar-vos—aos sete anos de idade mantinha conversação com homens e mulheres eruditos nas ciências da época, e os confundia completamente com a sua sabedoria. Dizia-se tratar-se de algum mistério estranho; o cérebro estava afetado; mas como, não viam. Em todo o caso, uma quantidade muito maior de sabedoria foi dada através dela, quando sob a inspiração dos seus espíritos protetores, ou em transe por eles, do que aquela que por qualquer possibilidade ela poderia ter atingido durante os seus sete anos de vida terrena.

Ora, os senhores passam ao largo destas coisas que estão a ter lugar no seu tempo—e recuam mil e oitocentos anos para procurar o que foi feito através do homem Jesus. Procuram venerar a glória do passado, negligenciando inteiramente a glória do presente. Não censuro ninguém que não consiga compreender a glória desta grande verdade que irrompeu sobre o mundo com tal refulgência. Não culpo aqueles que se sentam na sombra. Eu próprio me sentei ali, há apenas alguns meses; mas rogo do modo mais fervoroso para que o sol possa em breve brilhar, e as trevas do passado que se forçaram a entrar no presente possam em breve ser expulsas pela glória da hora atual. Esta é a minha oração e, como tenho fé em Deus, creio que será atendida.

11 de Nov.

PERG.—Podemos, depois de o espírito ter deixado o corpo, apreciar e gozar as belezas da natureza e da arte com a mesma facilidade com que o fazemos agora? E, se assim for, diga, por favor, podem vocês, como espíritos individuais, em e por vós mesmos, independentemente de qualquer auxílio estranho de qualquer outra fonte—um médium, por exemplo—tomar pleno e completo conhecimento de todas e quaisquer belas paisagens que costumavam frequentar e admirar enquanto estavam na terra?

RESP.—A alma está de tal modo constituída que é capaz de tomar conhecimento de tudo aquilo por que se sente atraída sob todas as circunstâncias. Mas, por necessidade, há uma grande variedade de graus. Por exemplo, se quando eu estava na terra observava através dos sentidos humanos a glória de uma determinada paisagem, e tendo

o poder de recordar isso no meu estado espiritual e o desejo de a contemplar novamente, não seria capaz, sem o auxílio dos sentidos terrenos, de tomar conhecimento da parte terrena da gloriosa imagem; mas seria capaz de tomar conhecimento da parte mais real, mais substancial, mais gloriosa, que era o espírito.

Foram ensinados por aqueles que regressaram, dando as suas perspetivas, a sua experiência no mundo dos espíritos, que toda a forma material tem a sua vida interior, a sua vida espiritual, a sua representação divina, e que esse interior, esse espiritual, esse divino, corresponde ao externo. Deus, creio eu, seria muito parcial, extremamente injusto, se vestisse a terra com tanta grandeza e beleza e negasse a mesma bênção aos céus. Tenho mais fé na sua sabedoria. Sei que o seu amor se estende para lá dos limites da terra—mencionando mais, sei-o. Portanto, tudo o que encontra expressão na terra em forma natural, encontra expressão também na terra dos espíritos em forma espiritual, a qual corresponde ao externo, ao natural.

P.—Por favor, pergunte aos espíritos sobre a cidade da Babilónia nos seus melhores dias.

R.—Pois bem, o que tem ela? A pergunta é muito indefinida. Poderia referir-se à política; poderia referir-se à religião; poderia referir-se à sociedade. Estamos sem saber o que ela pretende referir.

12 de Nov.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Se o Senhor Presidente tiver perguntas, faremos o possível para lhes responder.

PERG.—Haverá algo como aquilo que é geralmente entendido por "esquecimento"?

RESP.—Geralmente entende-se que significa aniquilação; portanto, creio que não existe tal realidade.

P.—Haverá alguma analogia causal entre as pulsações do coração humano e as marés do oceano?

R.—Sim, as pulsações do coração humano são naturais e prestam contas ao Deus da Natureza. O mesmo acontece com as marés do oceano. Toda a manifestação concebível de vida, quer encontre expressão através do corpo humano, quer através do oceano, quer do inseto que flutua no raio de sol, provém de uma única fonte, assim o creio, e essa fonte é Deus, e todas as pulsações da vida estão, até certo ponto, ligadas entre si. Há uma harmonia que percorre tudo, e uma similaridade, porque estão ligadas a um centro comum e atuam em obediência às leis desse centro.

P.—Vi no *Banner of Light* de 14 de setembro uma resposta à pergunta referente a um estado intermédio. A resposta foi: "Não creio que venha a atingir essa condição de perfeição, no absoluto, que tantas almas procuram tão fervorosamente. Haverá sempre um refúgio de descanso no futuro—algo melhor do que aquilo que já alcançou." Ora, gostaria de perguntar por que processo a alma ou espírito tem de passar ao fazer estas diversas transformações, e se as transformações são tão absolutas e grandes como a transformação da vida natural ou terrena para a vida espiritual ou invisível, como por vezes é denominada? E, se assim for, ensinará isso a imortalidade da alma?

R.—Há um número infinito, assim o creio, de transformações muito marcadas a serem atravessadas na vida espiritual, semelhantes à transformação química que tem sido denominada morte. O orador, na ocasião referida, respondeu à questão por si e apenas por si; mas há milhares e dezenas de milhares de espíritos que puseram de parte a ideia de alguma vez poderem atingir um ponto de perfeição, ou mesmo de descanso, do qual não haja apelo. De facto, todos aqueles espíritos com os quais o seu orador teve o privilégio de entrar em relações mentais, e que fizeram da ciência da vida um estudo profundo e da alma, chegaram a esta determinação. Eles creem no progresso eterno da alma e, credores disto, não conseguem ver nem perceber qualquer tempo ou estado de ser em que a alma possa dizer para si mesma: "Não irei mais longe, estou contente"; pelo contrário, a alma

só pode ser feliz em virtude do seu próprio ser interno e externo—alcançando constantemente algo melhor do que aquilo que já encontrou.

Sim, bom amigo, verificará que, como espírito desencarnado, será constantemente chamado a passar por transformações distintas e marcadas, transformações essas que não perceberá no externo. É um facto bem sabido que está constantemente a mudar. Por graus lentos vai perdendo o passado, entrando no presente e projetando o futuro. E é também um facto bem sabido que há certas transformações marcadas e distintas que têm lugar através da expressão externa, mesmo aqui na terra. Ora, é muito razoável deduzir da sua experiência aqui que passará por transformações semelhantes para lá da morte, se a progressão implica transformação—e não apenas essa transformação gradual e impercetível que acompanha constantemente a alma e o corpo, mas esses pontos marcados e distintos que vão ao encontro do viajante na jornada através da vida, aqui e ali.

P.—Jó, na antiguidade, clamou: "Se um homem morrer, voltará a viver?" O Espiritualismo responde: "Sim". Mas se a inteligência que agora controla não tem conhecimento absoluto, por experiência individual, de um estado de ser para lá daquele em que se encontra no presente, não retira isso valor à ideia da imortalidade da alma—se o homem apenas vive na vida em que se encontra no presente?

R.—Por mim, não tenho conhecimento absoluto relativamente a qualquer estado futuro definido, mas creio ter uma quantidade enorme de provas circunstanciais de que existe tal estado futuro e de que um dia desfrutarei dele, porque tenho o privilégio de comungar com aqueles que desfrutam desse estado futuro; e como tenho toda a confiança no seu testemunho, isso torna-se, até certo ponto, conhecimento para mim—mas não absoluto, porque esse só pode nascer da experiência. A transformação não rouba, de modo algum, à alma a sua imortalidade, pois a transformação não afeta a essência, o grande princípio geral que permeia todas as formas. É apenas o externo que muda, apenas a expressão que assume diferentes formas.

"Se um homem morrer, voltará a viver?" é uma pergunta a que esta era da razão deve responder.

Ela pode responder-lhe, pois atingiu agora um padrão intelectual e, posso dizer, moral e espiritual, pelo qual é capaz de compreender muito a respeito da alma que as trevas das eras passadas não lhe permitiam compreender. A alma possui a sua imortalidade como dádiva de Deus, e se a imortalidade é parte de Deus, creio que ela se move através da forma e muda na forma, assume uma variedade infinita de expressões, mas é o mesmo espírito, apesar de tudo. É Deus a manifestar-se através de uma variedade infinita de formas.

Não precisa de teme perder a sua imortalidade ao passar por estas transformações distintas, pois a transformação chamada morte é uma transformação muito clara e muito absoluta; e tenho a certeza de que eu, como indivíduo, não perdi nada da minha individualidade, e tenho hoje o mesmo direito à imortalidade que sempre tive, e tenho hoje mais fé do que nunca de que conservarei sempre a minha individualidade e também a minha imortalidade.

P.—Se compreendo o orador, ele apenas nos diz aquilo em que já cremos. Que vantagem tem isso sobre a fé da Cristandade?

R.—Aquilo que é chamado a fé cristã é uma fé muito cega, e não tem o mais pequeno fundamento de facto sobre o qual se apoiar. A nossa crença deduzimo-la dos factos, da experiência; essa é a nossa base, e é uma base muito sólida e segura.

P.—O que significa nas Escrituras essa passagem: "Eu sou a ressurreição e a vida: aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá"?

R.—Pode significar uma coisa ou pode significar outra, visto haver prova absoluta de que as chamadas Escrituras, a Bíblia, o Antigo e o Novo Testamento, são apenas a compilação feita pela ignorância sacerdotal a partir de escritores anónimos. Que provas temos de que são as Escrituras do Todo-Poderoso? Temos todas as

provas de que não o são; portanto, todos esses ditos místicos e sem sentido são para nós como as névoas da manhã, que a luz do sol ao meio-dia com certeza dissipará.

P.—Não temos tanto direito de crer que Jesus proferiu essa linguagem como de crer que Josefo escreveu a sua história?

R.—Tem o direito de crer no que quiser. Tem o direito de dar crédito ilimitado às Fábulas de Ésopo ou aos escritos de Theodore Parker. Tem razão e, portanto, supõe-se que tem o direito de a exercer.

P.—Considera então que Jesus Cristo era como os outros homens, embora possuindo poderes de mediunidade semelhantes aos exibidos no nosso tempo?

R.—Creio que ele foi um grande reformador e proferiu muitas coisas que se provaram ser luzes para as eras que se seguiram. Mas não tenho a menor fé nas histórias e nos disparates que estão associados à sua vida e ao seu nascimento.

P.—Qual teria sido o estado da civilização, se não tivessem sido as Escrituras?

R.— Na minha estimativa, a civilização teria atingido um padrão mais elevado e mais glorioso do que aquele que atingiu com elas, pois a Igreja Cristã fez mais para sufocar o progresso da ciência do que qualquer outra coisa. A Igreja proibiu a introdução de princípios científicos nas escolas. Ela disse: "Até aqui irás e não mais além." Quando um Galileu se levanta e proclama—não uma nova verdade, pois todas as verdades são antigas, mas demonstra, ou tenta demonstrar, um determinado ponto da verdade—imediatamente a Igreja se levanta e diz: "Crucifica-o, crucifica-o." Jesus proferiu grandes verdades, e o mesmo espírito o crucificou. Assim tem sido sempre, e assim será sempre, até que a Igreja seja posta sob o calcanhar de ouro da era da razão.

P.—Por que razão os Galileus e outros reformadores se levantaram todos na Cristandade, e a idade das trevas cobriu toda essa área da terra onde a Bíblia era desconhecida?

R.—Não creio nessas trevas de que fala como cobrindo a terra onde a Bíblia nunca foi conhecida. Não tenho fé nessa teoria, não tenho a menor fé. Creio que tanta luz brilhou onde a Bíblia nunca foi conhecida como onde ela é conhecida. Tem o direito de divergir de mim, e suponho que o fará. Não contestarei o seu direito, mas contestarei por mim mesmo contra as trevas do Cristianismo. Fi-lo quando estava aqui, e reclamo o mesmo direito no dia presente.

14 de Nov.

PERG.—A força ódica descoberta por Reichenbach deve ser considerada uma das condições indispensáveis para a produção de fenómenos espirituais?

RESP.—Não, certamente que não. Essa força ódica de que fala o Barão Reichenbach é uma força que ele próprio compreende muito mal. Ele chama-lhe assim porque não sabe como a analisar, porque parece ser uma força distinta do magnetismo animal e espiritual. Mas está enganado. Se não é parte da grande vida magnética pela qual as formas existentes sobre a face da terra são sustentadas, estou certamente sem saber determinar o que é. As manifestações espiritualistas não estão mais dependentes desta força ódica do que estão dependentes de qualquer outra coisa no universo. Estão, até certo ponto, dependentes de todas as condições do presente—dependentes das condições da atmosfera, dos médiuns, dos objetos trazidos em contacto com os médiuns, do estado espiritual dos médiuns e das pessoas reunidas—de facto, estão dependentes de todas as coisas, como antes notei, que encontram expressão sobre a terra.

P.—Poderá o mero movimento da matéria ponderável ser efetuado sem qualquer agência espiritual pela ação repulsiva desta força ódica, como é defendido por Reichenbach na sua última obra sobre a chama ódica?

R.—Todas as forças subtis na Natureza são extremamente poderosas, e são capazes de mover todos os corpos ponderáveis em existência, desde o mundo ou planeta em que vivem até ao vasto universo de planetas; mas creio que esta força—todas as forças subtis estão sob a direção da mente, e supõe-se que essa mente seja Deus. Ora, será possível aproximarmo-nos de Deus, que é a Mente Suprema, mas não creio que seja possível alguma vez alcançá-Lo e compreendê-lo plenamente. Um espírito desencarnado é muito mais poderoso do que era no corpo, porque tem uma melhor compreensão dessas forças subtis pelas quais todos os corpos ponderáveis são movidos. Sustento que nada pode ser movido sem a agência de alguma força oculta e subtil. Se eu pegar nesta mesa e a mover, não é o corpo que a move, mas é o espírito oculto, a força motriz subtil que é exercida sobre ela através do corpo.

P.—É provável que, prosseguindo com as experiências de Reichenbach no que respeita às manifestações espirituais, se possa lançar alguma nova luz sobre o *modus operandi* relativo às mesmas?

R.—Sim; porque Reichenbach lida com as forças imponderáveis existentes na Natureza, e quem quer que se familiarize com elas torna-se familiarizado, mais ou menos, com o *modus operandi* das manifestações espirituais e vai do efeito para a causa.

P.—Não seria melhor para os nossos conferencistas falarem mais sobre o Espiritualismo e deixarem as igrejas em paz?

R.—Como o Espiritualismo parece ser o grande tema absorvente desta era, creio que uma maior quantidade de bem num menor espaço de tempo poderia ser feita lidando com o Espiritualismo do que com as igrejas. O seu correspondente diz: "Deixem as igrejas em paz!"—isto é, se elas puderem ficar em paz; mas há uma tal comoção interna entre elas que dificilmente procuraria descanso ali, pois parecem estar não só em guerra umas com as outras, mas há uma comoção geral entre os membros de cada igreja individual.

O Espiritualismo parece ter entrado nas igrejas de mãos dadas com a sua irmã gémea, o Radicalismo, e esses dois anjos estão a fazer uma tal comoção em todas as igrejas que o descanso me parece estar fora de questão. Esse só poderá vir quando elas se tiverem esclarecido a si mesmas até ao ponto, no que respeita aos novos ismos, ou velhos ismos sob novas formas, que andam pelo país fora ou no seu próprio coração, de induzir esse descanso. Estão todas insatisfeitas, umas com as outras, e, até certo ponto, insatisfeitas consigo mesmas, e uma indagação fervorosa parece estar a sair de cada coração para saber se este Espiritualismo moderno é verdadeiro ou falso. Quando cada coração tiver resolvido o problema por si mesmo haverá descanso, e não antes.

18 de Nov.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Se tiver proposições, Senhor Presidente, responderemos a elas.

PERG.—Vi no *Banner*—há poucas semanas—esta pergunta: "Quais são as funções do baço?" Ora, gostaria de perguntar ainda mais, que efeito tem um baço doente sobre o sistema físico em geral?

RESP.—Os homens da medicina que fizeram desse ramo da ciência médica um estudo dizem-nos que o baço pode ser chamado o estômago magnético, o órgão que recebe das condições exteriores toda a força magnética que é necessária para ajudar a fazer funcionar a máquina, o corpo. Ele recebe-as e, por certos processos, adapta-as ao uso do corpo. Dizem-nos, além disso, que um baço doente produz os efeitos mais desastrosos por todo o corpo, porque vicia a totalidade das correntes magnéticas e, como é delas que todos os outros órgãos dependem para as ligações vitais naturais, se ele não estiver como deveria ser, a ligação de todos os órgãos é correspondentemente imperfeita. Sendo isto verdade, é da máxima importância para a vida que o baço esteja em bom estado.

P.—Qual é a diferença entre a força odílica e a do mesmerismo e da biologia?

R.—São apenas termos diferentes, enquanto o princípio de vida de cada uma é o mesmo.

P.—Que ligação há entre os fenómenos ou prodígios do Espiritualismo moderno e as verdades da religião e do Cristianismo?

R.—O Espiritualismo moderno é uma verdade natural e bem estabelecida. Essa verdade que percorre o Cristianismo é a mesma. Todas elas são referentes à ciência da vida; estes e todos os outros fenómenos espirituais, de qualquer classe ou tipo, são todos referentes à ciência da vida. Tudo pode ser resolvido de volta à vida.

P.—Não serão as palavras de um homem sábio, honesto e bom, falando a partir da plenitude de um coração bom e generoso, superiores a tudo o que alguma vez foi proferido por um médium, e muito mais dignas de confiança?

R.—Não. Por que haveriam de sê-lo? Se ambas forem proferidas a partir de pontos de vista sábios, bons e honestos, por que haveria de excluir a validade moral de uma, enquanto acolhe a outra? A verdade é a verdade, venha de que fonte vier, ou através de que canal for dada. A ignorância é ignorância, a sabedoria é sabedoria. Vi uma exibição de sabedoria tão grande vinda dos lábios da infância como alguma vez vi da idade madura. Às vezes a sabedoria de um Solon pode empalidecer perante a sabedoria da infância.

P.—Qual é a utilidade prática, quer moral quer religiosamente, decorrente de comunicações como as que foram reveladas nos últimos dois círculos?

R.—Para algumas almas elas demonstram a vida depois da morte. Isto é de mais importância do que tudo o resto combinado. O Cristianismo nunca demonstrou a imortalidade da alma. O Espiritualismo moderno demonstrou-a; portanto, está nesse aspeto preeminentemente acima do Cristianismo. Refiro-me a esse Cristianismo que flutua ao longo e ao largo da terra no dia presente. Não me refiro a esse espírito de Cristo puro e imaculado que está tão

inteiramente coberto por observâncias e cerimónias externas que são chamadas Cristianismo. Refiro-me à vida de todas essas cerimónias vagas que está inteiramente obscurecida pelo externo.

Tenho fé em que, com o tempo, esta vida interna, este princípio puro de verdade que tem percorrido todas as religiões, acabará por vir à superfície, acabará por se libertar de tal modo das nuvens, da superstição e das trevas que o cercam, que se tornará manifesto para a alma que procura o Cristianismo puro e imaculado. O espírito de Cristo ensina o amor universal. Encontrámo-lo naqueles que professam o Cristianismo? Não, não encontramos. Pelo contrário, estão muito distantes dele. Cristo ensinou os seus seguidores a amarem-se uns aos outros—a lei sagrada do amor procurou ele impô-la a todos os seus seguidores. Ele pregava constantemente sobre o amor. Era a estrela guia que o levava à glória. Mas oh, onde o encontraremos nós entre as igrejas que hoje tomaram o seu nome? Procurámo-lo em vão.

19 de Nov.

PERG.—É verdade que o pensamento ganha forma nos espíritos? Por outras palavras, se um espírito pensa—digamos, numa paisagem—esse pensamento ganha corpo para a visão espiritual como uma apresentação tangível da coisa pensada?

RESP.—Não, não o entendo assim. Creio que o pensamento, em concerto com a ação, pode produzir muitas e, posso dizer, todas as cenas da arte. Mas não tenho provas de que, ao pensar numa flor bonita, numa paisagem bonita ou num rosto bonito, na terra dos espíritos ou em qualquer outro lugar, essa paisagem, flor ou rosto bonitos venham a ser projetados na existência simplesmente porque pensei nisso ou desejo que venha até mim. A terra e a terra dos espíritos estão cheias de tudo o que é essencial para a felicidade da alma. Todos os auxílios essenciais ao progresso espiritual estão colocados na terra dos espíritos e na vida terrena, ou onde quer que o espírito, como espírito, possa ir.

Ora, como o espírito é possuidor de um grau muito grande, para dizer o mínimo, de liberdade quando se despoja do corpo mortal, é muito razoável supor que, se eu pensar numa paisagem, lugar ou coisa bonita, na minha vida externa, possa começar a agir para alcançar isso. Sei na minha vida da alma que isso existe em realidade tangível em algum lugar, e vou em sua busca. Se o meu desejo for suficientemente forte, não paro até alcançar isso—até que o objeto seja atingido e eu fique, por esse meio, satisfeito. Neste sentido, e creio que apenas neste sentido, o pensamento produz objetos externos ou no-los traz.

P.—Se o pensamento não ganha forma no espírito, então é verdade que as objetividades do mundo dos espíritos aparecem fixas e permanentes como connosco na terra? Por exemplo, três pessoas entre nós olham para os objetos numa divisão e todas vemos as mesmas coisas. A correspondência disto é verdadeira com os espíritos?

R.—Sim, certamente. Não há duas pessoas que vejam ou compreendam uma coisa exatamente da mesma forma. Deveria lembrar-se disso; e onde o senhor tem essa faculdade de perceção muito pouco desenvolvida aqui, o espírito na sua condição liberta tem-na amplamente desenvolvida. Por exemplo, posso dizer que aquela é uma pintura muito fraca, um borrão perfeito; outra pessoa pode dizer: "É perfeitamente bonita. É alimento para a minha alma." Estes sentimentos da alma, pois pertencem à alma aqui, pertencem-lhe em grau muito elevado no mundo dos espíritos.

Eles têm o maior espaço para o exercício dessa liberdade que pertence ao espírito depois de se ter despojado do corpo; portanto, se eu detestar o quadro aqui e não vir beleza nele, esse sentimento será intensificado no mundo dos espíritos; consequentemente, dois espíritos que regressam da mesma localidade espiritual dar-lhe-ão relatórios inteiramente diferentes dessa localidade. Um dirá que é bonita, outro que é um deserto estéril. A capacidade de compreender está no interior, a variedade está no exterior, mas a capacidade de desfrutar da variedade vem de dentro. Assim vê que não há duas pessoas que possam compreender seja o que for—nem sequer um único pensamento—exatamente da mesma forma. Haverá uma

diferença de opinião, porque há uma diferença na constituição interna do indivíduo, pois é pelo interno que o externo é medido.

P.—Por que razão os amigos espirituais daqueles que possam estar presentes numa sessão na sala do círculo não se manifestam, em vez daqueles que não têm amigos pessoais presentes?

R.—Não é considerado melhor permitir tal manifestação. Primeiro, porque se provaria um grande peso para o médium—demasiado grande. Segundo, porque o público, o público cético, diria: "Oh, vem da assistência. A maior parte daqueles que se manifestam têm amigos na assistência. É apenas o reflexo da mente deles." Assim, foi determinado que os casos de manifestações de espíritos àqueles que têm amigos na assistência sejam muito poucos—de facto, todos serão impedidos de vir, exceto aqueles que o possam fazer num plano inteiramente platónico. Se pudesse estar por trás dos bastidores e observar todo o *modus operandi* desta coisa, não se admiraria de que os guardiões destas sessões tivessem considerado melhor tomar tal rumo. E, além disso, aqueles que se manifestam são geralmente—a maioria, em todo o caso—aqueles que não conseguem alcançar os seus amigos por nenhum outro processo; os seus amigos são céticos e não se encontrarão com eles em nenhum outro lugar onde possam falar, e este é o único lugar a partir do qual podem dar publicidade às suas manifestações e alcançar os seus amigos.

21 de Nov.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Senhor Presidente, consideraremos as suas perguntas.

PERG.—Compreendo do espírito de controlo que não há perdão para o pecado; que uma pena inevitável se segue a cada transgressão de qualquer lei do nosso ser. O que acontece à pena quando as dores são removidas e as doenças curadas pelos Drs. Newton, Clarke, Persons e outros?

RESP.—Os espíritos que regressam informam-no sempre—aqueles que foram informados sobre este ponto—de que não há

perdão para os pecados. Cada pecado gera o seu próprio juiz, e o juiz gera a punição para ele. Os três estão tão intimamente ligados que não os pode separar. Quando comete um pecado contra a sua natureza física, o sofrimento é a consequência. Quando comete um pecado contra a sua natureza espiritual, o sofrimento espiritual é a consequência—produz punição, um estado de falta de harmonia; e, como o espírito vive no céu apenas vivendo em harmonia, quando vive no oposto vive no inferno, quer na terra, quer sob a terra, quer nos céus. Quando está numa condição de desarmonia está no inferno. Há muitos graus de falta de harmonia, como de harmonia. Há muitos graus de céu, como de inferno. A criança sofre um determinado grau de inferno ao violar inconscientemente as leis do seu ser físico. A lei não desculpa a pequenina porque ela não compreende a lei. Atua precisamente da mesma forma com a criança e com o adulto.

Não faz aceção de pessoas nem de idades. A pequenina tomba sob o seu golpe assim como a idade madura ou a velhice tombam sob o seu golpe. Nunca deixa de exercer a justiça e o julgamento sobre todos os que se colocam em antagonismo com ela. O seu correspondente pergunta como é no caso das curas realizadas por certos agentes curativos sobre a terra. Há um fim para todas as condições de existência. As condições são mutáveis; terminam para dar lugar a outras. A doença, a falta de harmonia, são apenas as condições da vida, sujeitas a transformação. Quando a punição foi suficientemente severa, a transformação chega. Quando o indivíduo sofredor sofreu numa extensão suficiente para o induzir a procurar o remédio adequado, então há um tempo para mudar.

O espírito recebeu castigo suficiente para o momento; portanto, a salvação intervém em consequência do exercício da razão. Ora, quando o criminoso desce cada vez mais fundo no crime, quando o seu espírito foi inundado uma e outra vez por aquilo que se segue ao crime—esse sofrimento mental, essa inquietação, essa insatisfação—quando, digo eu, foi inundado uma e outra vez, a pouco e pouco começa a raciocinar. O Deus do exterior diz ao Deus do interior: "Vem agora e raciocinemos juntos!", e o resultado é que o homem ou

a mulher começam a sentir que há um caminho melhor, e que esse caminho é para eles como para os outros.

Começam a procurar saber desse caminho, a compreendê-lo, a andar nele, a passar para fora das trevas do presente e a entrar na luz do futuro, e então começa uma existência renovada; então as névoas e os nevoeiros e as desarmonias que são o resultado do crime começam a passar, e a alma começa a ser ressuscitada dele. Será por uma interposição direta do Grande Pai de Todos exterior no universo? Pode ser; mas cremos que o espírito descansa, progride e deixa o mundo em virtude desse glorioso gérmen de progressão que o Infinito implantou no seu interior. O gérmen não pode permanecer sempre nas trevas. Acabará por encontrar o seu caminho para a luz e acabará por dispersar as sombras.

P.—Compreendo que o espírito de controlo declarou que por vezes as pessoas podem ser limpas de imoralidades de um modo de certo modo correspondente àquele como as doenças são curadas. Como podem tais coisas ser, sem perdão?

R.—Perdão é um termo que o seu correspondente parece ter definido de acordo com o seu próprio ponto de vista.

P.—Poderá a inteligência explicar o primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto, sétimo e oitavo versículos do quarto capítulo de Timóteo?

"1. Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demónios;

2. Pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência;

3. Proibindo o casamento, e ordenando a abstinência dos alimentos que Deus criou para os fiéis, e para os que

conhecem a verdade, a fim de usarem deles com ações de graças;

4. Porque toda a criatura de Deus é boa, e não há nada que rejeitar, sendo recebido com ações de graças.

5. Porque pela palavra de Deus e pela oração é santificado.

6. Mas rejeita as fábulas profanas e de velhas, e exercita-te a ti mesmo na compaixão;

7. Porque o exercício corporal pouco aproveita, mas a compaixão para tudo é proveitosa, tendo a promessa da vida presente e da que há de vir."

R.—Uma expressão condena a coisa inteira. Desculpe-nos se falamos de forma um pouco direta. "O exercício corporal pouco aproveita." Todos vós sabeis que isso é falso. O escritor determina que tudo o que é necessário para o homem ou para a mulher é a compaixão. Isso é muito verdadeiro. Mas ele parece não compreender que a compaixão pertence tanto ao corpo como à alma. Um corpo não saudável, não limpo, com má forma, não está bem adaptado a manifestações harmoniosas da alma.

Se o Deus do interior deseja manifestar-se através do Deus do exterior, para que a manifestação seja perfeita, o instrumento através do qual ela se manifesta deve ser correspondentemente perfeito. Suponde que deixáveis estes corpos passar a uma condição de inatividade. Qual seria o resultado? Todos vós sabeis muito bem sem eu vo-lo dizer. É em vão alegar que o escritor não queria dizer o que ali está escrito. Se não o queria dizer, então não o deveria ter escrito. Mas recuemos, recuemos muito no tempo, e a partir desse ponto de vista procuremos descobrir quem é o escritor, se possível. Poderemos fazê-lo? Não, não podemos. É impossível. O nome de Timóteo está apenso ao artigo; mas sabemos nós que ele o escreveu? Não, temos

todas as provas de que não escreveu. A quem o atribuiremos então? Pois a algum escritor anónimo, certamente.

A compaixão deve ser sempre procurada. Devemos procurar ser sempre piedosos em todas as coisas; em cada ato das nossas vidas. Ora, ser piedoso é ser obediente à lei que nos governa. Não podemos ser piedosos em nenhum outro sentido. Podemos curvar-nos e fazer longas orações por toda a eternidade. Isso não é compaixão. De modo algum. Devemos cumprir o nosso dever em todos os domínios do nosso ser. Devemos tomar a nossa cruz a cada momento; devemos auxiliar aqueles que caíram no caminho da vida; devemos voltar a nossa atenção para aqueles que dela necessitam, e não nos devemos esquecer do que nos é devido a nós mesmos. A verdadeira compaixão estende-se por todo o domínio da vida. Alcança o corpo tanto como a alma, e presta-lhe exatamente a mesma atenção. O corpo é tão caro a Deus como a alma; e quem quer que determine o contrário, mais cedo ou mais tarde acordará para o seu erro.

P.—Chegará alguma vez o tempo em que esta terra perderá o seu corpo material e se tornará exclusivamente a morada de inteligências espirituais?

R.—Chegará certamente o tempo em que perderá o corpo material que lhe pertence no tempo presente. Esta é uma verdade evidente por si mesma. Exibe-se em toda a parte na vida. Mas não temos provas especiais de que a terra venha alguma vez a tornar-se, enquanto terra, a morada especial de espíritos desencarnados. Pode ser que sim. Não sabemos se não o será. Mas não temos provas especiais de que venha a ser assim. É já agora a morada de milhões de espíritos desencarnados. Eles caminham pelo ar, quer quando acordais, quer quando dormis. Portanto, para eles é um lar espiritual. Pertence-lhes tanto quanto vos pertence a vós.

A seguinte carta foi lida:

ESPÍRITO CONTROLADOR
Ouviremos as vossas proposições.

PERG.—Qual é a punição no além para quem comete suicídio?

RESP.—É exatamente a mesma punição que cada alma recebe quando consciente de ter feito o mal. Agiram em antagonismo com a lei do seu ser. Cada alma recebe sempre a devida quantidade de remorso pelos erros. Quaisquer erros que possa cometer—o que chamais pecados, eu chamo-lhes erros—cada alma recebe por eles a proporção de punição sob a forma de remorso. A alma desencarnada é capaz de percecionar mais claramente o que a rodeia, e de compreender mais perfeitamente a sua relação com esse meio envolvente do que enquanto no corpo, e como é capaz de percecionar mais claramente e compreender mais perfeitamente, é também capaz de provar mais intensamente das alegrias e dores do seu novo estado de existência.

P.—Considera o homem, quer encarnado quer desencarnado, como sujeito a uma progressão eterna?

R.—Essa é a minha crença.

P.—Então Deus é progressivo ou não?

R.—Creio que o princípio divino avança através da lei do progresso, mas creio que esse princípio permanece o mesmo, ontem, hoje e para sempre.

P.—Não sei se compreendo—ele é progressivo ou não?

R.—Pode entender que digo que não é, de acordo com a minha ideia. A lei avança através do universo da mente e da matéria, através de todos os universos da mente e da matéria; a lei muda de expressão, mas é sempre a mesma em si mesma. Sempre foi perfeita, é perfeita, e creio que sempre o será.

P.—Então não chegará o homem, em última análise, a alcançar e a ir além de Deus?

R.—Quando se considera que o princípio divino é infinito, é sem limite, não teve início, não tem fim, pode esperar-se que o homem, através do progresso eterno, venha alguma vez a circundar este princípio divino, a ir alguma vez para fora e além dele? Certamente que não. Sendo Deus infinito em todos os seus atributos, se a alma está sujeita a um progresso infinito, admitindo que está, que progride ao longo de uma eternidade sem fim, mesmo assim alcançará ela alguma vez e passará além de Deus? Não, porque Deus é infinito. Creio que a alma progride em ciclos, que gira perpetuamente em torno do seu próprio centro em obediência ao seu grande centro, Deus. Creio que a alma vem de Deus e vive por Deus, este grande princípio eterno da mente e da matéria; pois concebo que Deus está na matéria tal como está no pensamento.

P.—É o homem, então, uma parte de Deus? Ou está fora de Deus?

R.—Creio que sou filho de Deus, portanto uma parte de Deus. Não creio na existência de seja o que for ou de qualquer alma fora de Deus.

P.—Então, se o homem é eternamente progressivo e Deus não o é, como pode uma parte de Deus progredir, e Deus não ser progressivo?

R.—Os princípios permanecem sempre os mesmos, enquanto os efeitos que deles derivam estão constantemente a mudar. Ora, creio que estou relacionado com Deus como estou relacionado com toda a natureza humana, e em nenhum outro sentido diferente. Creio que o princípio a que chamamos Deus—por vezes Jeová, de facto damos-lhe muitos nomes—existe em toda a parte e está constantemente a expressar-se através de todas as formas concebíveis de matéria e de mente. Mas creio que esta vida interior, este princípio divino em si mesmo permanece imutável. Esta é a minha crença. Posso mudar de crença à medida que avanço—não posso dizer que o não faça. Lamentaria muito crer que aquilo que estimo agora tão

encarecidamente o deveria estimar sempre. Não, não espero ter ganho tudo, ter atingido o cume mais elevado do conhecimento nestas matérias. De modo algum. Sou apenas uma criança sentada ao pé da cruz, suplicando fervorosamente ao grande pai e mãe da vida que me eduque.

P.—Em ligação com a primeira pergunta, gostaria de perguntar quem sofre mais intensamente—o suicida, ou aquele que assassina outro?

R.—Pela observação aprendi que o assassino sofre mais intensamente do que o suicida, e por esta razão: ele transgrediu a lei que é a vida do seu próximo. Ele não tinha qualquer direito possível de o fazer; e quando é despertado para a consciência do seu mal proceder, toma conhecimento de tudo o que o rodeia e de todas as diferentes circunstâncias que resultaram do assassínio, e recolhe-as todas para dentro de si mesmo, e elas são, garanto-lhe, uma poção muitíssimo amarga.

Mas quanto ao suicida, é de certo modo diferente. Ele geralmente raciocina desta forma: "Cometi o maior pecado contra mim mesmo. Causei mais dano a mim próprio do que a qualquer outro." Ele julga, com certeza, de um ponto de vista externo e superficial, mas é dessa forma que eles geralmente julgam; consequentemente, o seu remorso é muito menor do que o remorso do assassino. Mas cada um deles sofre o suficiente pelo mal feito, disso pode ter a certeza. Por cada erro a alma recebe o devido castigo, para que possa saber como evitá-los no futuro. Se todos os suicidas e todos os assassinos pudessem ser enviados de volta à terra para viverem de novo as suas vidas terrenas, penso que seriam muito poucos os que se atreveriam a cometer de novo qualquer um dos crimes—muito poucos!

2 de Dez.

PERG.—Poderá a inteligência explicar esta passagem—Lucas xxiv: 39: "Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como

vedes que eu tenho." Se era um corpo espiritual, por que disse ele que tinha carne e ossos? E por que comeu ele?

RESP.—Relativamente a este caso particular não temos conhecimento positivo, pois esse nasce apenas da experiência de cada um; mas julgando por analogia, supomos que se Cristo tinha passado pela transformação chamada morte, e se ele era, depois de passar por essa transformação, um habitante de um corpo suficientemente condensado para ser capaz de ir ao encontro dos sentidos da humanidade, devemos supor que esse corpo era formado por partículas materiais, e estas eram retiradas de corpos mediúnicos e da atmosfera. O mesmo tem sido feito no vosso tempo, está a ser feito por todo o país, e é em vão que o cético clama "Não acredito"—em vão, no que respeita a travar a luz, pois ela continuará a avançar até que todas as trevas sejam dispersas.

Supunho que este corpo que os discípulos apalparam, este corpo que se disse ele ter determinado ser composto de carne e sangue e ossos, era um corpo material formado para a ocasião, como disse antes, a partir da atmosfera e de algum corpo ou corpos mediúnicos. Não creio na ressurreição do corpo de Jesus depois da morte—o corpo material, natural. A ciência desmente essa teoria. Em nenhum sentido é verdadeira. Dizem-nos que tudo é possível a Deus; mas sabemos que Deus atua por uma lei eterna e imutável, e sabemos que ele nunca pisa essa lei. É sempre a mesma. Ora, então, se Jesus tinha passado pela transformação chamada morte, houve uma separação completa e distinta entre ele próprio espiritual e ele próprio natural; portanto, se ele tinha um corpo tal que podia ser apalpado, reconhecido pela humanidade, era um corpo formado para a ocasião.

SR. WHITE.—Não supõe que os seus discípulos eram Fortemente mediúnicos, tal como ele próprio?

R.—Creio que eram. Na verdade, tenho provas muito fortes no sentido do conhecimento nessa matéria.

SR. WHITE.—O facto de estarem em harmonia há tanto tempo na terra não lhe daria maior poder para formar um corpo para lhes mostrar?

R.—Sim, e com toda a probabilidade, se a harmonia entre os discípulos não tivesse sido quebrada pela falta de fidelidade de um do seu número, Jesus nunca teria sido crucificado—nunca teríeis tido um Calvário na religião cristã, nunca teríeis tido um Salvador em Jesus de Nazaré. Mas um foi infiel e traiu o seu mestre, e o que se seguiu todos vós sabeis—ou pelo menos sabeis o que o registo vos conta. A pouco e pouco sabereis muito mais a respeito disso.

P.—O progresso e a felicidade da sociedade e do mundo em todas as eras têm sido impedidos e arruinados por maus homens—monstros, diria eu—desde os políticos sem princípios no nosso meio até reis, imperadores, papas, etc. Ora, desejo saber se esses enganos sobre a humanidade ainda mantêm a sua influência no mundo espiritual?

R.—Até certo ponto, sim. Deve considerar que tudo o que esta vida produziu, tudo o que lhe pertence, quer natural quer espiritual, está no estado imperfeito consequente do estado imperfeito da terra. Ainda não chegou a esse ponto de perfeição pelo qual possa sustentar homens bons por inteiro, ou mulheres boas por inteiro. Há plantas venenosas em toda a parte sobre a superfície da terra, e há teorias venenosas em toda a parte. Há veneno espiritual como há veneno material, e ambos, creio eu, são filhos legítimos deste planeta, a terra. Ora, então, à medida que a terra cresce, se torna mais perfeita, mais desenvolvida espiritualmente e mais desenvolvida naturalmente, dar-vos-á um tipo mais elevado, não só no vegetal, mineral e animal, mas no espiritual.

Mas todas estas coisas vêm por graus lentos. O mundo não foi feito em seis dias, de modo algum. O homem não foi criado num piscar de olhos, mas milhares sobre milhares, sim, milhões sobre milhões de anos rolaram antes que o pensamento nascesse. Ora, tendes na terra uma classe de homens e mulheres tão boa quanto aquela de que a terra pode cuidar. Ficai satisfeitos; continuai a trabalhar como a

terra continua a trabalhar. A terra não se queixa. Ela cumpre a sua missão, e estou muito inclinado a pensar que todos vós cumprireis a vossa, quer o desejeis quer não.

P.—Não receberá este mundo, em breve, alguma notícia espantosa vinda do mundo espiritual? Não se abrirão as portas do mundo espiritual, de modo a termos uma inundação de luz que varrerá as trevas, a superstição, os padres, os papas, etc., numa ruína geral?

R.—Essa própria coisa está a ser feita tão depressa quanto há qualquer necessidade de ser feita. Estais a receber hoje toda a luz que podeis suportar, toda aquela para a qual estais preparados. O mundo espiritual tem, de facto, um grande oceano de luz sob a forma de verdades que vos são novas, para vos conceder quando estiverdes preparados para as receber. Leite para os bebés, carne para a idade madura.

P.—Não seria melhor para os Espiritualistas organizarem-se—refiro-me aos Espiritualistas deste mundo e aos do espiritual—numa plataforma grandiosa ou universal? Tal coisa poderia ser feita sem ser sectária.

R.—Sim, seria melhor, na minha opinião, e, na minha opinião, será feito.

P.—Não está organizado, no mundo espiritual, um congresso para controlar e dirigir os grandes movimentos espirituais na vida terrena?

R.—Há um grupo de espíritos como aquele a que o seu correspondente se refere; mas eles não controlam os negócios da vida terrena—de modo algum. Apenas exercem sobre esses negócios tanta influência quanta são capazes de exercer, por e através dos instrumentos que encontram na terra. Por vezes, embora possam desejar influenciar amplamente em certas direções, podem ser proibidos de o fazer, devido à falta de algum instrumento através do qual se manifestarem. Por vezes a atmosfera é contra eles; por vezes o

solo. Diferentes localidades produzem diferentes pensamentos, bem como diferentes influências materiais.

3 de Dez.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Senhor Presidente, se tiver dúvidas, considerá-las-emos.

PERG.—Gostaríamos de uma explicação das seguintes citações: "As vossas mulheres estejam caladas nas igrejas; porque não lhes é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também o diz a lei. E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa os seus próprios maridos; porque é vergonhoso que as mulheres falem na igreja. Da mesma sorte que as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia, não com cabeleiras frisadas, ou com ouro, ou com pérolas, ou vestuário precioso, mas (como convém a mulheres que fazem profissão de servir a Deus) com boas obras. A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão."

RESP.—Em tempos bárbaros as mulheres eram mantidas como escravas. Como tal eram consideradas, e como a era em que o velho Paulo viveu ainda não tinha saído das fraldas da barbaria, não é de todo estranho que ele sentisse um pouco as ligaduras e se comportasse em conformidade. O velho Paulo tinha uma compreensão muito fraca da natureza humana. Sabia um pouco sobre a natureza humana como sabia sobre o sol, e isso era muito pouco. Possuía um certo grau de saber antigo. Tinha leituras nessa matéria numa extensão muito limitada—limitada quando comparada com outros tempos e outras circunstâncias—mas não tinha uma ideia justa da natureza humana. Permaneceu num estado de solteiro abençoado, ou deveria dizer do estado de solteiro amaldiçoada. Perdoai-me se falo claramente. Quero ser compreendido. Não creio que ele estivesse em qualquer sentido apto para ser um instrutor; não obstante o mundo cristão o ter canonizado e tido como um santo modelo.

Se Deus fez o homem, e a mulher também, fez ambos à sua própria imagem, e deu a cada um o poder de se haver com a progressão infinita; certamente devemos supor que a mulher foi feita para se elevar, mental, moral e intelectualmente, lado a lado com a masculinidade. Se o grande Deus tivesse concebido que a mulher deveria preencher qualquer outra esfera além da intelectual e espiritual, certamente não a teria dotado do poder com que a encontramos dotada. Ela pode voar além do seu irmão em muitas coisas.

Aquilo a que ele chega por estudo árduo e paciente, ela chega através das suas intuições. Creio que Deus está mais próximo da mulher do que do homem; sempre quis crer nisso; e desde que aprendi muito dos caminhos e meios da vida no meu lar espiritual, sei agora aquilo em que acreditava na vida terrena. E em muitos pontos vi motivo para mudar a minha opinião. O velho Paulo era por natureza um tirano. Se tivésseis o privilégio de compulsar certos registos que foram destruídos na biblioteca de Alexandria, dificilmente teríeis tão boa opinião do velho Paulo como muitos de vós têm hoje. Mas como não há grande coisa contra ele na face do registo, o Cristianismo continua a mantê-lo como um santo, esforça-se por se moldar por ele e apresenta os seus ditos e feitos como um modelo para todos os tempos. Mas o Paulo de hoje está realmente envergonhado do Paulo de outros tempos. Se ele pudesse regressar falando à humanidade de modo a ser capaz de se demonstrar plenamente, afirmaria de si próprio o que eu afirmo por ele.

P.—Qual é a diferença, se alguma houver, entre o Espiritualismo moderno e a necromancia, a feitiçaria, a adivinhação e a bruxaria? Muitos Espiritualistas sustentam que não há nenhuma.

R.—E eu também—absolutamente diferença nenhuma. Necromancia é a ciência de falar com os mortos. O que é a ciência do Espiritualismo moderno além disso? Aprender dos mortos. *Necros,* aprender; *Manthano,* os mortos. A palavra vem dessas duas palavras gregas, e significa simplesmente falar com os mortos; nada mais. E todas as antigas artes de adivinhação, quando resolvidas até à sua

fonte essencial, quando despidas de toda a sua parafernália, se eram genuínas de todo, eram genuínas com base no falar com os mortos. Há sempre um artigo espúrio para cada artigo genuíno, e geralmente há uma quantidade maior do espúrio do que do genuíno; mas nunca houve uma falsificação sem um genuíno, disso podeis ter a certeza.

P.—É o Espiritualismo moderno menos aberto a ou mais livre de superstição do que o Paganismo ou o Cristianismo?

R.—Assim o esperaria eu, pelo menos. Mas há um grau de superstição apenso a ele por aqueles que o abraçaram simplesmente como uma doutrina de superfície, que não lhe pertence realmente. O Espiritualismo moderno está desprovido de toda a superstição. É profundamente natural, e toda a superstição aposta a ele é-o por aqueles que o não compreendem. É como vestir uma forma bela com trajes feios.

P.—Não faz o Espiritualismo moderno maiores exigências à credulidade do que o Paganismo ou o Cristianismo?

R.—Dificilmente, dificilmente. É uma exigência muito grande à credulidade acreditar na fábula de Jonas e da baleia, muito grande na verdade. É também uma exigência muito grande à credulidade acreditar que uma mulher pudesse conceber e dar à luz uma criança por ser coberta pela sombra do Espírito Santo. Está totalmente fora do curso da Natureza; e quem quer que nisso acredite estica a sua credulidade até ao limite extremo. O Espiritualismo vem em trajes simples. Uma criança pequena pode lê-lo. Se a mãe vem ter com a criança pequena, a criança pequena conhece a mãe. Não se pode enganar a criança; e assim é com o Espiritualismo de Deus puro e simples. Não há superstição nele, e a credulidade de uma criança não precisa de ser sobrecarregada.

P.—Não está a ressurreição de Jesus Cristo tão bem autenticada, e pelas mesmas testemunhas que confirmam a sua morte?

R.—Não, absolutamente não. Sabemos pela Natureza que se ele alguma vez viveu, ele morreu. Sabemos também pela Natureza que se ele alguma vez morreu para o corpo, o corpo nunca mais foi ressuscitado. A Natureza nunca mente—diz sempre a verdade. Não se pode forçar a Natureza a uma mentira. Pode parecê-lo, mas é apenas em aparência.

P.—O espírito de crítica é um espírito questionador. Haverá algo de errado nisto, *per se*?

R.—Certamente que não. Pelo contrário, algo de gloriosamente certo. A crítica honesta e fervorosa deve receber sempre atenção. É uma das grandes alavancas, assim o creio, através das quais o homem avança através das várias ciências da vida. A crítica dá-nos conhecimento, muitas vezes, dos nossos erros, pois faz-nos olhar mais fundo para o próprio eu, mais fundo para o que nos rodeia. Faz-nos tornar-nos críticos de nós próprios e, portanto, é da maior utilidade possível para nós. Ora, o mundo não valeria nada sem a crítica. Quando eu estava aqui na terra, nunca ficava satisfeito quando a voz da crítica se calava em relação a mim. Sentia sempre que o meu esforço tinha sido tão pequeno que não era digno de crítica. Mas quando era criticado do modo mais severo, sentia que tinha agitado as águas, de onde algum bem sairia.

5 de Dez.

PERG.—Como se há de distinguir entre uma pessoa positiva e uma negativa?

RESP.—Cada pessoa deve, por necessidade, possuir tanto qualidades positivas como negativas de ser, senão a máquina não poderia ser mantida a funcionar. Por vezes uma tem a ascendência sobre a outra. É frequentemente o caso. Raras vezes encontramos um temperamento perfeito e harmoniosamente equilibrado, mas as duas forças encontrámo-las sempre, exceto na morte. Nessa altura uma ganha a ascendência total sobre a outra. Aquelas pessoas em quem o positivo é ascendente são geralmente conhecidas pela sua firmeza de caráter, pela sua adesão a localidades, a teorias. O conservadorismo

está ao seu redor geralmente como uma muralha, e só é derrubado quando elas emergem dessa condição positiva para uma mais negativa.

Há certas características da mente que são exibidas através do corpo, através do cérebro, e as pessoas que são capazes de ler este índice da vida interior são capazes de julgar muito corretamente relativamente ao verdadeiro estado espiritual do indivíduo. Aprenda o índice do cérebro. Ele apontará sempre muito corretamente. Raras vezes o levara de algum modo enganado. Cada domínio particular da mente e da matéria tem a sua própria ciência distintiva, ou ramo da ciência, através do qual pode aprender sobre as qualidades interiores do indivíduo. A folha tem uma ciência peculiarmente sua, e é inteiramente diferente da ciência que pertence ao caule e à flor. Assim, cada qualidade particular da mente ou da matéria tem o seu próprio ramo distintivo da ciência, e se deseja compreender essa qualidade deve ir ao alfabeto, pesar e medir, por demonstração externa, tudo o que deseja saber positivamente a seu respeito.

P.—Ao controlar esta médium, o senhor possui o corpo como o espírito da médium o possui na sua condição normal?

R.—Não. Isso não é necessário. Eu envolvo o corpo. Obsesso-o como o executante musical obsessa o instrumento musical. O instrumento não emite som algum a menos que o músico lá esteja e a tocar nele; assim acontece em relação a este controlo. Envolvo o sujeito e, ao envolvê-la, crio uma atmosfera peculiar a mim mesmo, a qual é em quase todos os aspetos diferente da dela; portanto, não a encontrando de todo em harmonia natural consigo, ela geralmente retira-se, sai para o mundo espiritual exterior e toma conhecimento de cenas nesse mundo. Por vezes torna-se necessário ficar profundamente absorvido no corpo. Então a atmosfera mental é criada no interior, e não no exterior. Atuo então a partir de dentro. Mas neste caso atuo como o músico atuaria sobre o instrumento. Envolvo o corpo inteiro. Ele está sob o meu perfeito controlo.

P.—Então, se o espírito da médium deixa o corpo inteiramente, quanto tempo decorre em que o corpo fica desprovido de espírito?

R.—Pode ficar desprovido de inteligência, ou de existência consciente, por um segundo, dificilmente mais. Todas as coisas estão tão bem dispostas que não haverá tempo intermédio, ou quase nenhum; talvez como o passar de um fôlego, mas nada mais. Quero que compreenda claramente que a vida animal que está em atividade pertence inteiramente à forma animal. Isso é distinto da inteligência. Todas as funções animais podem ser desempenhadas perfeita e harmoniosamente quando não há inteligência. Disso está bem ciente. Mas estou a falar agora relativamente à quantidade de tempo que passará para o espírito aqui em inconsciência. Digo que pode ser como um fôlego que passa, apenas um segundo de tempo.

P.—Então não poderia o senhor, se quisesse, reter o controlo deste corpo e assim impedir o espírito da médium de regressar a ele?

R.—Certamente que poderia.

P.—Então, se há espíritos mal dispostos no outro mundo, não há o perigo de eles usarem esse poder para esse fim?

R.—Certamente que há.

P.—Não há modo de prevenir isso?

R.—Sim, tornando-se tão profundamente familiarizado quanto seja possível para os mortais com todas as leis pertencentes ao controlo espiritual, e exercendo cuidado em reunir para si amigos no mundo espiritual, e não inimigos. Alguém que seja verdadeiramente seu amigo nunca lhe fará mal, quer no externo quer no interno. Portanto, procure estar em harmonia com todas as classes de mente. Se estiverem abaixo de si, leve-as até ao seu padrão; se estiverem acima, alcance-as para receber o que quer que possam ser capazes de lhe dar. Deixe a lei do dar e receber estar em constante atividade consigo. Receba do mais elevado e dê ao mais baixo. Se fizer isto,

dificilmente haverá qualquer perigo a recear do controlo de um espírito indisciplinado ou não desenvolvido. Mas se se colocar em antagonismo com eles, eles guerrearão consigo, e quem for mais forte sairá vitorioso.

P.—Têm os espíritos um tamanho fixo? Tem cada espírito a sua forma peculiar de organização, ou são todos iguais?

R.—Cada espírito possui a sua forma peculiar de organização, a sua estatura peculiar. Não são todos iguais. Encontra aqui a criança e a forma madura. Encontra o homem alto e o homem baixo, todas as diferentes características de forma bem como de mente.

P.—Como possuiria o espírito de um homem alto a forma de uma criança pequena?

R.—Geralmente atuando sobre ela ao envolvê-la, como eu hoje envolvo esta médium, ou talvez influenciando um ou dois órgãos. Nem sempre é necessário influenciar todo o sistema orgânico. Eu geralmente faço-o, mas nem sempre é uma necessidade.

P.—Então uma pessoa grande pode tomar o controlo do corpo de um médium pequeno?

R.—Não pretendia que me entendesse dessa forma. Se uma criança pequena for suficientemente mediúnica para admitir o meu controlo, posso controlar a criança como posso controlar o adulto, apenas não posso dar a mesma quantidade de inteligência através da criança, porque os órgãos não estão totalmente desenvolvidos. Não pode tocar a mesma música, ou melhor, não pode dar a mesma quantidade de potência através da flauta que dá através do órgão—no entanto, ambas são música. Pode tocar "Home, Sweet Home" em ambos, mas há uma diferença na capacidade.

9 de Dez.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Senhor Presidente, no seguimento do seu costume habitual, estamos prontos para responder a quaisquer perguntas que possa propor.

PERG.—Referindo-se à passagem, "Assim as nossas almas te louvariam, oh Pai, Filho e Espírito Santo", na Invocação no Banner n.º 8, de 11 de maio, o que devemos entender por ela? Pretende-se afirmativamente a doutrina da Trindade? Se não, por que usar linguagem desprovida de sentido ou verdade?

RESP.—"O Pai, Filho e Espírito Santo" significa simplesmente o passado, o presente e o futuro, ou o Jeová judaico. Não consigo compreendê-lo sob outra luz. Sabemos que houve um passado através do qual viemos. Sabemos que existimos no presente e cremos ter provas abundantes de que existiremos no futuro. Portanto, neste sentido, há um Deus passado, um Deus presente, um Deus por vir; e contudo os três, assim o creio, são um—pois só posso crer num único Deus. Os termos não são desprovidos de sentido. Têm um significado profundo, um sentido interior que a alma apreende à primeira vista e aplica a si mesma com poder. A alma sabe que veio através de toda a eternidade passada, que existe no presente e que existirá no futuro—tudo isto creio que a alma sabe absolutamente. E creio também que é a alma que faz toda a verdadeira oração. Não creio na devoção só de lábios. Não creio nessas orações que nascem simplesmente da vida externa. Creio nessas orações profundas que vêm da alma e que reconhecem sempre o Deus no passado, o Deus no presente e o Deus no futuro.

P.—É verdade que os espíritos tomaram posse dos corpos dos homens e os torturaram e enlouqueceram no tempo de Cristo, como relata a Bíblia, e isso acontece agora?

R.—Creio que é verdade. Há vários graus de posse ou obsessão. Há o que se pode chamar obsessão absoluta e há a obsessão parcial, e há, como disse, muitos graus de ambas. Os termos posse e obsessão são, assim o creio, sinónimos. Posso possuir este sujeito numa determinada direção, ou posso possuir a natureza inteira. Pode estar

sob controlo absoluto ou apenas parcial. E creio que em todas as eras os espíritos desencarnados tiveram o poder de possuir ou obsessar formas mortais, por vezes para o que chamam mal, por vezes para o bem maior.

P.—Qual é a história do decálogo? Foi a sua revelação a Moisés ou a qualquer outra pessoa através de agência espiritual—isto é, através de um médium—ou foi inteiramente de origem humana?

R.—Durante a minha vida terrena acreditei ser a voz de Deus para o seu servo Moisés. Mas no meu segundo estado de experiência, creio que o homem Moisés não sabia mais sobre isso do que os senhores sabem—talvez não tanto. Creio que todas as verdades podem ser chamadas a voz de Deus. Creio que são verdadeiras inspirações da mais elevada sabedoria, e importa muito pouco se são dadas através de um Moisés ou através de uma criança pequena. A verdade é a verdade onde quer que venha e sob qualquer roupagem que se exiba.

P.—Qual é a história da instituição do Sabat? Como deveria ser passado, independentemente do preconceito sectário?

R.—Mais uma vez, durante a minha vida terrena acreditei na observância religiosa do Sabat judaico. Era uma parte, e uma parte muito grande, da minha religião. Mas desde que ascendi da terra ao mundo espiritual, aprendi que Deus santificou e fez sagrados todos os dias, e que ele exige um serviço absoluto e culto divino da parte e do coração de todos os seus filhos todos os dias da semana. Tenho provas que me levam a crer que a observância do Sabat, tanto judaico como cristão, originou naqueles cultores pagãos cuja história religiosa remonta a tempos muito distantes no passado.

Pertence àqueles que olham para os céus e aí contemplam a única representação verdadeira da Divindade; e encontrando a única representação verdadeira da Divindade—isto é, para a sua conceção—nos céus, veneram a sua Divindade em toda a sinceridade e verdade, de acordo com a sua crença. Assim, de acordo com a minha crença, os judeus e os gentios receberam estas ordenanças do Sabat daqueles que

tanto judeus como gentios denunciam como pagãos e idólatras. Tendes muito a aprender relativamente ao culto, e pode ser que ídolo após ídolo seja despedaçado contra o chão pela mão certeira da verdade, no vosso caso como foram no meu.

P.—Qual é a distância da segunda esfera a partir da terra?

R.—A segunda esfera, assim chamada, é a esfera da mente—que pode atuar independentemente de carne e sangue e ossos. É a esfera onde a mente pode exibir um grau maior de poder do que enquanto presa à mortalidade, e essa segunda esfera não é de modo algum qualquer localidade particular. Pode ser aqui no vosso meio e pode ser a dez mil milhas de distância. Alguns teorizadores determinaram que a segunda esfera é uma faixa que fica a cerca de sessenta milhas além da atmosfera da terra. Dizem-nos que mede isto e aquilo. Dizem-nos qual é a sua atmosfera, mas, pela minha parte, não tenho provas de que a segunda esfera exista ali mais do que aqui. A mente torna-se livre em maior extensão depois da morte, e na sua segunda esfera de ação pode fixar a sua morada a sessenta milhas da atmosfera da terra e continuar na segunda esfera, ou pode habitar aqui, entre os seus parentes na terra, e continuar na segunda esfera. Localidades especiais pertencem mais às coisas do tempo ou da vida material do que à vida espiritual. Todos vós aprendereis isto quando passardes para fora do mortal e vos tornardes mais livres no espírito.

10 de Dez.

PERG.—Por que é tão difícil comunicar satisfatoriamente com os espíritos quando eles são tão facilmente vistos pelos médiuns?

RESP.—Há mais condições que interferem material e espiritualmente com a comunhão entre espíritos desencarnados e encarnados do que poderíamos contar. Por vezes a atmosfera é muito contrária ao seu controlo. Por vezes a atmosfera mental que rodeia o médium é muito contrária ao controlo, por muito que os amigos desejem comungar com eles. É impossível enumerar todas as condições que são desfavoráveis a uma comunhão perfeita entre os espíritos e os seus amigos na carne.

P.—A terra foi formada ou criada? E por quem?

R.—Ambas; tanto formada como criada, certamente. A criação está constantemente a acontecer através de tudo na Natureza, através de tudo no domínio da mente. A criação, quando devidamente definida, significa simplesmente transformação—não significa mais nada. Não pode significar formar algo a partir do nada. Isso é absurdo. Significa transformação, uma nova exibição de forma. O seu correspondente pergunta: E por quem? Suponhamos que dizíamos por Moisés? Ele provavelmente entender-nos-ia do mesmo modo. Suponhamos que dizíamos por Jeová? Pelo grande espírito que governa aqui e em toda a parte? Suponhamos que dizíamos pela grande lei eterna que percorre a mente e a matéria? Importa muito pouco se determinarmos nesta direção ou naquela relativamente à pessoa ou poder que chamou este mundo e todos os outros à existência. Pode ser chamado Deus como qualquer outra coisa. É Deus, o grande, bom e infinito poder que cuida de todos nós—tanto de mundos como de almas.

P.—Foi recentemente declarado, numa reunião pública, que Theodore Parker, quando na vida terrena, era um opositor da Filosofia Espiritualista, ao passo que os seus escritos estão fortemente imbuídos dela. Qual é a verdade na matéria?

R.—Theodore Parker, no externo, opôs-se ao Espiritualismo moderno, mas no interno não se opôs. Havia algo dentro de mim que dizia, em termos claros e inequívocos: "Há uma grande verdade no Espiritualismo moderno", mas eu não podia aceitar as manifestações externas. Vi tanto joio misturado com o pouco bem que realmente poderia haver ali, que não estava preparado para aceitar nada no meu raciocínio externo. Não obstante, como antes notei, no interno eu era um crente no Espiritualismo, antigo e moderno. Aqueles que me conheciam melhor sabem que eu notava frequentemente que acreditava haver uma verdade muito grande, uma filosofia maravilhosa subjacente a estas manifestações rudimentares. E também

acreditava que o mundo não estava preparado para tal exibição do poder espiritual.

Mas aprendi muitas coisas desde que passei para lá desta vida humana. Aprendi que Deus não lida com os seus filhos de acordo com os caprichos deles. Aprendi que a natureza e a mente marcharão firmemente através da lei infinita do progresso, quer queiramos quer não, e podemos denunciar as manifestações da mente e da matéria tanto quanto quisermos, que é exatamente o mesmo. Choverá quer queiramos quer não. O sol brilhará quer nos escalde quer não; e assim é relativamente às manifestações da mente. A mente é livre, e correrá através da lei infinita do progresso de acordo com a lei. Não podemos mudar a lei. Não temos o menor poder sobre ela. Assim, estas demonstrações espirituais creio serem o resultado da lei, da lei infinita, e essa lei não pertence apenas à mente mas à matéria. Pertence ao crescimento da terra bem como ao crescimento da mente. É uma exibição de ambas, mente e matéria, e não a podemos controlar mais do que podemos controlar a luz do sol. Podemos excluí-la das nossas próprias capacidades de raciocínio por um tempo, mas ela brilhará do mesmo modo, e o seu poder será precisamente o mesmo, quer fechemos os nossos sentidos a ela quer o contrário.

P.—Pode a inteligência dar a verdadeira origem do Livro de Mórmon?

R.—Talvez Joseph Smith pudesse fazer isso melhor do que nós. É uma obra anónima. Isso foi razoavelmente provado. O nome do escritor não aparece e, embora seja tido por uma certa classe como uma obra inspirada, algo sagrado, a voz de Deus, contudo para mim, como para milhares de outros, é simplesmente a obra do homem e de uma personagem que, por uma causa ou outra, não quis ser conhecida. Joseph Smith reclama certos direitos relativamente a ela, os quais, diga-se de passagem, ele nunca foi capaz de fundamentar; está em posição muito semelhante à de muitos livros da Bíblia—crianças sem qualquer pai ou mãe especial.

12 de Dez.

ESPÍRITO CONTROLADOR
Agora, Senhor Presidente, se tiver proposições para a nossa consideração, ouvi-las-emos.

PERG.—Quando e onde começou a civilização?

RESP.—Esse é um ponto muito difícil de determinar. É muito possível que possa ter começado nesta localidade. Não podemos dizer, contudo—houve tantos graus de civilização, tantas montanhas, tantos vales nesta mesma condição da mente, que é muito difícil determinar onde começou a primeira montanha ou vale. A história antiga—tem sido chamada sagrada—determinou, para satisfação de algumas mentes, que a civilização começou há pouco mais de seis mil anos, que um homem e uma mulher foram chamados à existência pelo poder e vontade de Deus, e que eram desde logo civilizados e perfeitos. Muitos religiosos creem que eles foram criados perfeitos.

Ora, se havemos de entender seja o que for pelo termo, havemos de entender que eles eram perfeitos em todos os domínios da mente e da matéria; que tinham atingido o grau mais elevado de excelência. Mas a marcha do intelecto determinou o contrário. O nosso Adão e Eva diminuíram tanto e para tão longe da nossa vista que é quase impossível agora distingui-los, mesmo com a mais poderosa lente da credulidade. Para dar uma resposta direta e honesta à pergunta, devemos dizer que não sabemos quando nem onde a civilização começou primeiro.

P.—É o Novo Testamento uma história revelada do Ser Supremo?

R.—Todas as revelações da mente e da matéria são num sentido revelações do Ser Supremo, mas não no sentido distinto e absoluto que muitos supõem. Há certas mentes que creem que Deus inspirou certos antigos para que pudessem escrever para o povo, não só daquele tempo, mas de todo o tempo vindouro; que uma inspiração eterna e fixa lhes foi dada e negada a todos os outros. Isto é uma calúnia monstruosa a Deus, assim o creio—tão monstruosa que a

concebo como sendo quase um crime. Fomos acusados de blasfémia porque ignoramos uma certa parte ou quase todos os livros chamados o Novo Testamento, e podemos dizer também do Antigo. Outros foram acusados de blasfémia antes de nós. Mas viveram, não obstante, e continuaram, marchando na sua própria linha reta rumo à verdade, apesar do clamor do povo, "Crucifica-os, crucifica-os."

Os judeus crucificaram apenas o corpo de Jesus, enquanto o espírito Cristo continuou a regozijar-se, mesmo através da crucificação do corpo. E assim tem sido sempre: as almas que tentam questionar qualquer rito religioso, sagrado e há muito estabelecido, atraem com certeza sobre si mesmas os anátemas dos ignorantes, dos fanáticos, daqueles que não foram afortunados o suficiente para receber o mais elevado. Mas não importa. Toda a censura que qualquer alma possa receber porque rejeita o erro e se apega ao que sabe ser verdade apenas servirá para a elevar mais alto e a levará sobre as ondas turbulentas da oposição triunfantemente. Foram eles inspirados por Deus? A nossa resposta é: foram-no como outras obras o foram; não mais.

P.—Podem diferentes indivíduos na terra ser influenciados pela mesma pessoa ou poder no mundo espiritual ao mesmo e preciso tempo?

R.—Sim; por exemplo, eu posso, através do poder da psicologia, psicologizar qualquer número de corpos suscetíveis ao mesmo tempo. Posso psicologizá-los sobre um ponto especial, ou posso variar com eles conforme achar conveniente.

P.—Da mesma forma que o mesmerizador opera sobre os seus sujeitos?

R.—Precisamente, apenas em maior extensão. Um espírito desencarnado tem mais poder do que um no corpo; primeiro, porque tem uma maior compreensão das leis que controlam o caso; segundo, está livre de doenças corporais e, através da atmosfera e através da condição peculiar do sujeito sensível, pode entrar em *rapport* mais

direto e positivo com eles do que de algum modo poderia fazer através da carne.

P.—O que constitui uma pessoa como médium?

R.—Um médium é simplesmente um corpo que é sensível às forças ódicas no universo—forças que os senhores não compreendem profundamente—aquelas que não entraram na esfera da ciência humana; aquelas com as quais a ciência humana ainda não lidou. Um médium possui uma qualidade peculiar de magnetismo e eletricidade. O sistema nervoso é geralmente muito finamente afinado e está constantemente a receber do mundo externo e tão constantemente a expelir. Há uma atmosfera peculiar, mental e física, a envolver cada médium bem desenvolvido, e quem quer que possa entrar nessa atmosfera fica imediatamente em *rapport* com o médium, e quem quer que não possa entrar nela não pode de modo algum entrar em *rapport*, e fica excluído tão virtualmente como se houvesse uma muralha de fogo entre eles. Os médiuns são, por outras palavras, sujeitos sensíveis, não só à ação da mente no corpo, mas à mente fora do corpo; e particularmente sensíveis à mente fora do corpo.

P.—Há alguma ligação natural entre o abate de animais para alimentação e o massacre de seres humanos na guerra? Não cessarão ambos juntos?

R.—Há uma ligação natural entre os dois incidentes da vida. Mas enquanto um está dotado de inteligência, o outro tem apenas instinto. Um tem uma consciência clara de si mesmo e do seu meio envolvente, o outro tem uma consciência muito limitada de si mesmo e do seu meio envolvente. Um estende-se quase até ao infinito, o outro está limitado pela forma.

P.—Penso que o espírito dificilmente compreende a minha pergunta. Referia-me ao abate de animais pelo homem para alimentação. Não continuarão as guerras provavelmente enquanto o uso de alimento animal continuar?

R.—Creio que há no presente uma necessidade absoluta de alimento animal. Os corpos humanos, no presente estágio de existência, exigem alimento animal. Mas creio que quando tiverem passado além dessa necessidade, então estarão num plano humano mais elevado. Então creio que não guerrearão uns com os outros como fazem agora—não simplesmente porque deixaram de comer alimento animal, mas porque a necessidade de alimento animal cessou e passaram humanamente além dela; e se humanamente, espiritualmente também. Estes corpos crescem tão depressa quanto a Natureza o permite, e todas as exibições da vossa natureza animal estão em perfeita consonância com a Natureza. Vão para a guerra porque não cresceram além dessa condição.

A terra produz frutos, plantas e répteis venenosos porque não cresceu além deles. A pouco e pouco creio que o fará. Mas creio que estes corpos humanos não crescerão mais depressa do que o planeta cresce. Passarão além de uma condição de guerra à medida que este planeta passar além de muitas das suas condições de desarmonia. Naturalmente são filhos da terra, terrenos. E ao longo de todas as camadas inferiores da mente encontramos as mesmas exibições num plano mental que correspondem a certas exibições da Natureza. Há tempestades; a terra abre-se e cospe fogo, e estas manifestações selvagens e erráticas da Natureza encontram uma correspondência na humanidade. Mas não creio que seja sempre assim. Creio que vão para a guerra uns com os outros hoje porque não cresceram além dessa condição; mas sei que o farão, ou aqueles que vierem depois de vós. Mas milhares de anos rolarão sem dúvida antes que este milénio desponte.

16 de Dez.

PERG.—O homem, depois de cometer muitos erros e chegar ao ponto de desconfiar de si mesmo, fica inclinado a recorrer aos espíritos em busca de conselho. Até que ponto, se algum houver, é apropriado ceder a este sentimento? Não poderão os espíritos, embora honestamente, ser tão propensos a guiar-nos mal como os mortais?

RESP.—Nenhum espírito regressado de que eu alguma vez tenha ouvido falar reclama a perfeição. Pelo contrário, todos reclamam ser estudantes na grande escola da vida, aprendizes na grande fonte da sabedoria. Ora, sendo isto verdade, eles são tão suscetíveis de cometer erros quanto o eram quando aqui estavam. Não devem esperar que eles estejam dotados de toda a sabedoria; não devem esperar que eles regressem dando-vos sempre a mais elevada sabedoria. Cada um é capaz de dar exatamente tanto, e não mais. Um pode dar uma certa parte da verdade; outra pessoa pode completá-la. Um pode dar o que considera ser verdade, e para outra pessoa isso ser um erro.

Cada alma tem a sua própria conceção legítima da verdade. Uma vê-a de um modo, outra de outro—todas diferindo, contudo todas tendendo para o mesmo fim. Alguns estão sempre propensos, em tempos de aflição, a olhar para esses seres que consideram superiores a si mesmos em busca de auxílio. Não importa se é Deus ou o anjo Gabriel ou os seus amigos espirituais. Em tempos de aflição sentem a sua fraqueza, a sua dependência, e clamam por aqueles que consideram ser mais fortes do que eles próprios em busca de força, por aqueles que consideram mais sábios do que eles próprios em busca de sabedoria, de orientação. Isto é muito natural. Todos se voltam para Deus em busca de auxílio.

Todos sentimos a nossa dependência de Deus. Isto é bom. Se fosse de outro modo, não seríamos os seres devotos que somos; não apreciaríamos o bem, nem compreenderíamos o oposto. Sempre procurámos impressionar esta ideia nas vossas mentes, a saber, que deveis receber tudo o que parece trazer na sua face o registo da verdade para vós, e não mais. Se eu ou qualquer espírito vier ter convosco, dizendo-vos aquilo que não podeis receber como verdade, deite-o fora por todos os meios. Pode deitar fora com amor, pode pôr de parte até que chegue o tempo em que compreenderá melhor. Deus não exige que engula tudo, quer do mundo da Natureza quer do mundo da Mente. Cada um deve fazer o suficiente para fortalecer e auxiliar a alma, mas não mais.

P.—Se o espírito do mortal habita fora do corpo, por que não percecionam os clarividentes o espírito ou duplo do homem antes da morte tão bem como depois?

R.—Certas fases ou graus de clarividência atingiram esse ponto na ciência. Certos clarividentes são capazes de percecionar o espírito tão bem como o corpo natural.

P.—Quer dizer que o espírito está fora do corpo?

R.—Não; não disse isso.

P.—Essa era a pergunta.

R.—Há pouco tempo respondi a uma pergunta relativa ao controlo espiritual. Fui questionado sobre se entrava no corpo da médium ou se a controlava por psicologia. A minha resposta foi que, no meu caso, havia o que me aprouve denominar um ensombramento. Eu ensombro o sujeito e atuo sobre ele, em vez de atuar através dele. Nem sempre é esse o caso. O espírito que pertence por natureza ao corpo atua sempre através dele; mas o espírito estranho, que vem usar o corpo como um instrumento emprestado, atua com a mesma frequência sobre ele como através dele.

Pode chamar-lhe psicologia, ou distingui-lo por qualquer outro termo que lhe agrade; é uma ação sobre o instrumento, emitindo as minhas ideias do externo para o externo. Eu ensombro e atuo sobre o sujeito para aqueles que constituem a minha assistência. O controlo é por vezes igualmente perfeito, por vezes mais—de facto, penso que sou mais capaz de controlar desta forma do que por absorção. Poderia controlar dessa forma, mas não penso que o fizesse tão bem. Não entenda que estou a declarar que todos os espíritos atuam da mesma forma, pois certamente não o fazem.

P.—O espírito da médium permanece ainda no corpo, no caso deste ensombramento?

R.—Por vezes; geralmente não. O espírito prefere geralmente retirar-se, pois há uma consciência instintiva por parte do espírito habitante de que haverá uma maior ou menor fricção entre o meu espírito e o dela, e, a fim de evitar isso, ela retira-se, tomando isso como o melhor rumo.

P.—Foi dito, numa recente sessão nesta sala, que as pessoas idosas necessitam de menos sono do que as mais jovens, devido a uma perda de força magnética ou vida. Poderá a inteligência informar-nos se há algum remédio para esta perda, ou quaisquer meios pelos quais uma força magnética acrescida possa ser obtida? Se sim, qual é— como e onde se há de encontrar?

R.—Não, não há remédio, exceto um que fosse contra a Natureza. A Natureza traçou o seu curso para a vida humana, e é um curso muito exato e sábio. À medida que o corpo envelhece ou se torna sobrecarregado pelos anos, desfaz-se da sua vida magnética para que possa passar mais facilmente através da morte. Ora, suponha que ele retinha toda a sua vitalidade magnética até ao último momento da sua vida terrena, qual seria o resultado? Pois a mais terrível luta entre as forças magnéticas e elétricas, consequentemente uma morte muito difícil. Veja quão sábia e humana a Natureza é ao fazer o corpo desfazer-se gradualmente das suas forças magnéticas, para que possa passar facilmente pela transformação chamada morte. E na sua ignorância pede para a reter. Seria a maior das maldições se o pudesse fazer.

17 de Dez.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Bem, Senhor Presidente, estamos prontos para ouvir as suas proposições.

PERG.—Estava a falar com um amigo relativamente ao que A. J. Davis disse sobre os espíritos saírem desta esfera pelo Polo Norte. Ele perguntou-me como voltam eles, ou por que caminho? Ele desejava que eu obtivesse informação dos espíritos sobre que caminho eles usam para voltar.

RESP.—A pergunta é feita de uma forma muito indefinida e insatisfatória, portanto, com toda a probabilidade, a nossa resposta pode participar de certo modo da qualidade da pergunta. Infiro que o seu correspondente cometeu um erro relativamente ao sentido espiritual do artigo da pena de A. J. Davis. Ele não parece ter chegado ao seu sentido próprio, e está portanto a debater-se num mar de vaguidão, sem saber como se extricar. Todos os espíritos que regressam devem ficar subordinados às leis que governam a mente e a matéria, e às leis que governam no caso particular do regresso. E se o não fizerem, ou se fizerem tentativas para infringir a lei, não prejudicam nem quebram a lei, mas são muito suscetíveis de ser prejudicados e talvez quebrados eles próprios. Nenhuma lei natural ou espiritual pode por qualquer possibilidade ser violada. Pode supor que quebrou a lei e que a sua própria vontade, ou ação, a desafiou, mas está enganado. A lei é maior do que o senhor e, sob todas as circunstâncias, controlará o indivíduo.

Cada espírito individual possui, como é evidente, uma individualidade que lhe pertence. Mas ao redor e dentro dessa individualidade há uma lei sempre em ação, nunca silenciosa. E quem quer que atue sobre ou através dessa individualidade deve fazê-lo em consonância com a lei—não o pode por qualquer possibilidade fazer de outro modo. O espírito morre em virtude da lei natural, e regressa novamente pela mesma lei; embora haja tantas fases e condições e graus diferentes da lei quantas as circunstâncias a exigirem—a exigirem variedade—contudo a lei em si é sempre a mesma, imutável e invencível. Todos os espíritos atuam naturalmente, e nunca quebram ou infringem qualquer lei natural a fim de regressar. As leis da Natureza estão invioladas na morte, e igualmente invioladas quando o espírito regressa. Se o seu correspondente prosseguir no assunto em que entrou, um pouco mais além, dando as suas perguntas de uma forma um pouco mais clara, ficaremos muito gratos por caminhar mais além nesta escola espiritual e material com ele, esperando ganhar algo nós próprios, e dar também.

...foi um dos homens mais desprendidos que o mundo jamais conheceu, não obstante ter sido apelidado por alguns como o roubador corso; não obstante muitos crerem que ele trabalhou na sua linha militar unicamente para satisfazer a sua própria ambição, declaramos de novo que Napoleão foi um dos homens mais desprendidos que o mundo jamais conheceu. O seu amor profundo e reverente pela sua pátria levou-o a cometer muitos atos que pareceriam ser ultrajes à natureza humana à primeira vista. Mas creio que todos os grandes passos que ele deu na vida foram dados em plena visão do seu próprio e agudo julgador, com uma profunda conscienciosidade. Quando se separou da sua bela companheira, ninguém a não ser o seu próprio anjo interior de comunhão conhecia a agonia de coração que ele experimentou. Mas ele acreditava, com toda a honestidade de alma, que o bem maior da França necessitava deste sacrifício.

Sabia que quando o fizesse depositaria sobre o altar as suas mais caras esperanças sociais. Arrancou da sua fronte e do seu coração essas duradouras flores de afeição, que eram as únicas coisas a que ele alguma vez se curvara. Os amores deste mundo raras vezes os adorou, embora pudesse ter parecido o contrário. Mas a sua afeição pela sua esposa era extremamente grande, e quando se separou dela, fê-lo através de um Getsémani muitíssimo severo; mas acreditava que o sacrifício era necessário para que a França pudesse viver—não no presente apenas, mas para que pudesse ser próspera no futuro. Embora muitas das suas ideias fossem sob alguns aspetos infundadas para outros, não o eram para ele—ele foi para a guerra porque acreditava que estava a fazer o correto, e reconheceu sempre o poder que estava ao seu redor, e prestou-lhe solene e silenciosa fidelidade. Não tinha medo, simplesmente porque tinha a máxima fé em Deus—no seu Deus; não no seu ou no meu, mas no seu próprio Deus.

Quando os seus soldados mais temiam pela sua segurança, ele dizia sempre: "Viverei o meu tempo determinado, e quando for altura de eu morrer, morrerei, embora rodeado por uma legião de almas leais." Aqui estava uma fé digna da adoração do mundo. Ele pode ter roubado o seu e outros países dos seus direitos, mas era contudo fiel à sua própria consciência interior do correto, e era portanto um homem

honesto, prestando homenagem ao seu próprio Deus, e ao Deus de mais ninguém. Há poucas almas na terra que compreendam Napoleão. Ele era um livro selado em quase todos os aspetos; mas aqueles que são capazes de penetrar além do material, aqueles que são capazes de entrar na vida interior, são capazes de compreender o que um homem ou uma mulher é na realidade. Esses são os melhores julgadores.

19 de Dez.

PERG.—Será um facto científico que duas partículas de matéria nunca se tocam?

RESP.—Cada partícula possui a sua própria individualidade distinta e vive na sua própria esfera. É distinta e à parte de qualquer outra partícula; contudo, no que respeita à observação externa, uma partícula pode tocar e toca noutra partícula, mas ao mesmo tempo a lei da individualidade, no que respeita às partículas, não é infringida; neste sentido elas não se tocam, mas em nenhum outro sentido que eu possa compreender.

P.—As partículas primárias da matéria que compõem o corpo humano são de forma globular?

R.—Sim, são.

P.—É um facto que o corpo espiritual, enquanto na forma, ocupa os interstícios entre essas partículas, correspondendo assim precisamente à forma do corpo natural ou terreno?

R.—Isso é verdade. O corpo espiritual é uma substância fina, etérea—uma substância—mas tão inteiramente diferente daquela que constitui a vida externa, que não é para ser percecionada pelo olho natural; e esse corpo fino e etéreo atua sobre o sistema nervoso, e é o poder pelo qual há uma constante simpatia e inteligência mantidas entre o cérebro e todas as partes do corpo. Se o espírito está ausente de qualquer parte do corpo, então não há ligação entre essa parte e o cérebro, nenhuma de todo, devido à ausência do mensageiro entre o

escritório e a base. Sim, o corpo espiritual corresponde em aparência ao corpo natural.

P.—De onde procede o óleo de petróleo que se encontra em tanta abundância na Pensilvânia?

R.—Os geólogos informam-nos de que há imensas jazidas de carvão nessa localidade e que, por certas convulsões na Natureza, sob a crosta da terra, a rocha de xisto que se encontra nessa localidade se tornou tão profundamente fendida que este petróleo ou óleo de carvão se infiltra por ela e desce, formando onde quer que possa grandes bacias ou poços, e em alguns casos informam-nos de que este óleo de carvão se encontra em grandes lagos, e que num período não muito distante, acreditam alguns, os gases gerados pela existência deste petróleo produzirão finalmente, nas localidades onde se encontra, sismos mais terríveis do que os que alguma vez foram experimentados nessa localidade durante milhares de anos. Contudo, isso resta provar. Não sabemos. Eles dizem-nos que deve resultar das condições presentes, e se havemos de lhes dar crédito a partir da experiência passada, deveríamos dar-lhes uma quantidade muito grande de crédito, e talvez o suficiente para crer que eles são verdadeiros na teoria, pelo menos.

P.—Esta informação é derivada de geólogos do vosso lado?

R.—Sim, de geólogos do nosso lado.
23 de Dez.

ESPÍRITO CONTROLADOR
Estamos agora prontos para considerar as suas perguntas, Senhor Presidente.

PERG.—É positivamente essencial ao bem-estar de qualquer pessoa regressar após o nascimento à vida espiritual e reassociar-se, através da mediunidade ou de outro modo, com a vida mundana?

RESP.—Em alguns casos é essencial à felicidade no mundo espiritual, e noutros é exatamente o oposto. Alguns encontram o caminho do dever a levar diretamente à terra, outros a levar diretamente para longe da terra e das condições terrenas. A experiência de um não é a experiência de nenhum outro. Todas as almas progridem de acordo com as suas próprias capacidades interiores para progredir, e de acordo com a sua própria lei externa e interna. Nenhuma alma se pode desenvolver exatamente da mesma forma que qualquer outra alma, sendo constituída diferentemente, contudo as almas de todas são essencialmente as mesmas.

P.—Os apetites, paixões, propensões—numa palavra, o caráter, na vida terrena, do indivíduo, aderem a ele quando introduzido no domínio espiritual, e tornam inevitável que ele venha, através da mediunidade daqueles que ainda estão no corpo, a aperfeiçoar o seu caráter?

R.—Precisamente como a morte o deixa, assim a vida no mundo espiritual o encontra. O senhor não é espiritualmente diferente depois da morte. Apenas passou por uma transformação química que afetou o corpo e a relação do espírito com o corpo, enquanto o espírito em si permanece precisamente o mesmo. O ladrão é ainda o ladrão, o mentiroso é ainda o mentiroso, o homicida é ainda o homicida, o bêbedo é ainda o bêbedo; contudo, todas estas camadas inferiores de mentalidade o espírito pode superá-las e superá-las-á, passando além delas. Nem sempre é necessário que o espírito regresse à terra para tomar as suas primeiras lições no progresso espiritual. Por vezes é, mas nem sempre.

P.—Têm os espíritos qualquer conhecimento de algum plano para o repovoamento de Jerusalém ou para a regeneração da Palestina?

R.—Teoricamente têm; praticamente não têm. Acredita-se ainda por muitos judeus, em espírito, que a sua nacionalidade será restaurada com o tempo, e que as promessas vagas que lhes foram feitas a partir de várias fontes, quando na terra, serão cumpridas com o tempo. Mas os muitos que estão fora da fé judaica creem no contrário.

É simplesmente uma circunstância material mais do que espiritual. Eles consideram-na inteiramente espiritual e confiam inteiramente na intervenção do seu Jeová para a concretização das suas esperanças. Com toda a probabilidade ficarão grandemente enganados.

P.—Encontramos nos tempos antigos que homens distintos tinham os seus videntes, os seus profetas, os seus médiuns—Davi tinha Deus—e havia várias outras pessoas que diziam certas verdades aos reis, tanto materiais como espirituais, que foram cumpridas. Não há esperança a retirar destas promessas de que haverá uma restauração de Jerusalém e com o tempo da Terra Santa? Não sei por que retira a inferência de que é totalmente material. Qual é a sua autoridade para dizer que estas promessas são vagas?

R.—Com que autoridade determina o senhor que elas não são vagas?

P.—Pelo facto a que acabo de aludir. Se admite as profecias bíblicas—

R.—Não admitimos.

P.—Então não posso argumentar consigo. Não tenho outros dados em que me apoiar.

R.—Profecia, como definida pelos antigos, significa simplesmente poesia. Os profetas eram simplesmente poetas, e por vezes falavam através da poesia de forma mais sábia do que sabiam. O senhor hoje define a palavra profecia a partir de um ponto de vista diferente. Ao passar os olhos pelos vários livros que compõem a Bíblia, encontramos tal aglomeração de erros—perdoe-nos se parecemos blasfemar, não temos tal intenção—que é quase impossível colher qualquer verdade dali. Muitos deles não têm pai; são obras anónimas. Certos nomes, sabemo-lo, estão apostos a eles, mas também sabemos, por pesquisas históricas, que esses nomes são forjados.

Algumas das pessoas que foram apresentadas como os escritores de alguns dos livros sabiam-se ter morrido anos antes de os livros serem pensados. Isto não é fantasia; é crua realidade. A Bíblia diz que o mundo foi criado em seis dias, há pouco mais de seis mil anos. A geologia desmente-o. Ora, em qual havemos de crer, nas escrituras de Deus na Natureza, ou nas escrituras do homem falível através de um livro? Pela minha parte, prefiro tomar Deus como ele me fala através da Natureza. Ele diz-me, através da Natureza, há quanto tempo este mundo tem estado no processo de criação. Isso é suficiente. Não preciso de o ler em nenhum livro escrito. É absolutamente desnecessário. As escrituras do Deus infinito nunca mentem nem se contradizem. São infinitas na verdade, mas a obra a que se refere é uma coisa bastante diferente.

P.—Diz que estas comunicações pretendem ser escritas por pessoas há muito mortas. Se isso invalida a fidelidade dos livros, não se aplica a mesma objeção às comunicações aqui recebidas de homens e mulheres mortos?

R.—Os livros reclamam ter sido escritos por essas pessoas na forma. É assim que é entendido.

P.—Não pode ser exatamente tão verdadeiro dentro ou fora da forma? A forma é apenas o instrumento através do qual o espírito se expressa. Por que deveríamos duvidar da inspiração do velho volume por ter sido comunicado por aqueles que já passaram?

R.—Não deveria, no que a isso respeita, mas ele conta tantas histórias contraditórias sobre o mesmo assunto, afasta-se tanto da realidade, que não vejo razão para abandonarmos a filosofia por qualquer religião feita pelo homem. Para a minha mente, toda a verdadeira filosofia é verdadeira religião. Deus fez um número incontável de mundos gloriosos e deu-me inteligência com a qual aprender a respeito desses mundos. Ele fala em linguagem muito clara através da rocha, da árvore, da flor, da terra e do céu. Ele nunca se contradiz, portanto tomo as escrituras da Natureza como as escrituras

de Deus. Creio nelas. Reverencio-as. Posso compreendê-las. Nunca me guiam mal.

P.—Não fazem as comunicações através deste orador por vezes isto? Não é isso explicado pela variedade de fontes de onde as comunicações vêm, e não podem as contradições aparentes da Bíblia ser explicadas da mesma forma?

R.—A Bíblia não reclama nada desse tipo. Os estudiosos bíblicos não reclamam para ela nada desse tipo. Neste caso afirmo estar a falar através do sujeito. Cinco minutos mais tarde, alguém pode estar a falar depois de mim sobre o mesmo assunto e divergir *in toto* de mim. Aqui a plataforma é distinta e marcada. Compreende-a antes de pisá-la. Sabe exatamente o que ela é. Não reclama infalibilidade. Não se fecha contra a crítica. Procura-a.

Os estudiosos bíblicos dizem que a Bíblia nos diz isto e aquilo relativamente à terra e a Deus, à Natureza, a toda a vida—e o senhor deve acreditar nisso ou ser condenado. Dizem-nos claramente que devemos depositar a nossa própria razão e tomar algo que é extremamente irracional. Quando eu estava no corpo, procurei fervorosamente compreender a Bíblia. Pesei-a e medi-a por todo o senso comum que pude aplicar-lhe, mas para mim era uma falácia monstruosa. Para o senhor pode ser exatamente o oposto. Não o condenarei por adorar a Bíblia; o senhor não me deveria condenar por falar contra ela.

P.—Não desejo condenar ninguém, mas perguntaria: Diz a Bíblia que o mundo foi feito em seis dias? Não diz ela que estava sem forma? Perdoe-me se estou enganado, mas penso que em lugar nenhum diz que o mundo foi feito em seis dias.

R.—Os estudiosos bíblicos determinam que foi feito, e declarado muito bom por Deus, o criador, em tal extensão de tempo. A Bíblia tem sido mal interpretada. Sei que escassamente um em cada mil tem qualquer compreensão clara da Bíblia; e afirmo de novo, para mim ela

contém uma quantidade muito pequena de verdade; tão pequena que prefiro procurar a verdade noutro lugar.

24 de Dez.

PERG.—Qual é a natureza da transformação chamada nascer de novo, assim falada por Jesus: "O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito"?

RESP.—Presumo que Jesus fazia referência especial à transformação chamada morte, ou nascimento, no espírito, da vida material para a vida da alma ou espiritual.

P.—Poderá explicar a filosofia da oração? "E tudo o que pedirdes na oração, crendo, o recebereis."—Mateus xxi: 22.

R.—A oração sem obras é uma letra morta—nunca pode alcançar nada. Não tem vida interna e portanto não apresenta ação externa. Mas uma oração que é acompanhada por obras é oração viva, e oração que efetua algo—uma oração que não vive apenas em palavras mas em atos. Quando peço se o Grande Espírito me dará o desejo e a vontade de fazer o bem na terra, se não orar também por ações—vindo à terra e fazendo tudo o que estiver ao meu alcance para trazer a minha oração à fruição, certamente essa oração não serve para absolutamente nada. A oração sem obras, digo-lhe de novo, não tem qualquer utilidade. É uma letra morta, e cairá aos seus pés e nunca se erguerá da posição a que a consignou.

P.—São os trajes espirituais meras emanações corporais?

R.—Não, não são emanações corporais; são emanações espirituais—são emanações do interno, e tomam figura ou forma no externo. Estes corpos são moldados de acordo com o gérmen natural interno e em consonância com a lei da Natureza pela qual estão rodeados. Assim é relativamente ao corpo espiritual.

P.—De tempos a tempos, o espírito que controla o organismo da Sra. Conant nas suas sessões públicas, em resposta a perguntas, tem afirmado que era outro espírito, diferente do da Sra. Conant, que nessas ocasiões respondia às perguntas e controlava os seus órgãos corporais; que o espírito da Sra. Conant estava ausente do seu corpo e presente com os seus amigos noutros lugares—talvez numa cidade remota, ou mesmo no mundo espiritual. Por outro lado, A. J. Davis, na sua última obra, "Stellar Key", página 171, declara que "a alma está organicamente encravada no corpo; que a alma de nenhum homem sai do seu corpo senão uma vez—então nunca mais regressa, pois a partir desse momento o corpo está morto; que a suposição de que os espíritos vêm e entram pessoalmente nos corpos dos médiuns, como se os médiuns fossem autómatos, é antifilosófica, e que nunca houve uma mais completa má compreensão."

Diz ainda que "tem sido permitido aos médiuns dizer e fazer um grande número de coisas por causa de estar a ser creditada a assunção de que não estavam pessoalmente presentes nos seus próprios corpos, e que uma multidão de Espiritualistas e médiuns está agora a recuperar dos efeitos de tais superstições nocivas." Poderá por favor reconciliar estas diferentes declarações, ou declarar qual é a verdadeira, e que razão há para crer numa em preferência à outra?

R.—Há tantas tonalidades na verdade quantas as almas ou mentalidades a exigirem diferentes tonalidades. Ora, A. J. Davis recebeu uma determinada porção de verdade, mas está misturada com uma determinada porção de erro. Ele diz, segundo o senhor diz, que a alma está encravada na mortalidade até ser libertada pela morte. Nunca houve um erro mais terrível. A alma é sempre livre. Pode ir e vir com a liberdade do pensamento, pois ela é pensamento. A base ali assumida é para mim totalmente antifilosófica, e não pode por qualquer possibilidade ser sustentada pela razão. Ora, então, o senhor deve entender que divirjo *in toto* dela, porque a minha experiência me deu mais conhecimento. Sei aquilo sobre o qual outrora apenas teorizava. Entenda que digo que esta é uma falsa assunção.

P.—Devemos entender que esta resposta é da Sra. Conant num estado elevado ou exaltado, ou é de alguma outra inteligência, de alguma inteligência estranha?

R.—É daquele que foi chamado Theodore Parker quando aqui estava, e de mais ninguém. Não atribua à Sra. Conant ou ao Sr. White ou a qualquer outro Sr. ou Sra. aquilo pelo qual sou o único responsável.

P.—Devemos entender que em todos os casos desta aparente separação do corpo espiritual relativamente ao material, o espírito continua ligado ao material por um cordão elétrico, pelo qual tem o poder de regressar? E se esse por qualquer acaso fosse separado, não se seguiria a morte? Na aparente ausência do corpo espiritual, não continua preservada a ligação com o corpo material?

R.—Isto é afirmado por todo o espírito que regressa—sempre tido como verdadeiro. Ninguém jamais lhe disse com verdade que há uma separação distinta e positiva entre o corpo espiritual e o corpo natural, exceto na hora da morte. Nessa altura essa separação extrema tem lugar, e não há regresso—não para esse corpo. É uma transformação radical, distinta, mas o espírito pode sair à vontade e vagar através dos universos, mesmo enquanto está ligado ao corpo mundano; mas a ligação não é cortada, pois se o fosse, o corpo material passaria para outra fase da lei, e o espírito passaria para outra fase da lei, portanto haveria uma separação. O espírito não se separa absolutamente do corpo até à morte. Pode sair e vaguear por mundos distantes, mas não há separação e, contudo, o espírito é exatamente tão livre enquanto mantém a sua relação com o corpo como alguma vez o será. Todos vós aprendereis esta verdade mais cedo ou mais tarde.

P.—Devemos entender que a ação involuntária das funções animais do corpo humano é mantida?

R.—Sempre, certamente. Toda a vida funcional é devida e harmoniosamente sustentada, aliás a morte seguir-se-ia. Houve muitos casos registados em que o espírito, ao afastar-se do corpo, produziu

sobre ele um transe tão profundo e semelhante à morte que os amigos supuseram que o corpo estava de facto morto, nos quais o corpo foi enterrado, caso em que, como é evidente, a separação se tornou completa. Mas geralmente o corpo é deixado num estado harmonioso—geralmente num estado de repouso animal—a sua vida funcional não é infringida, de modo algum.

O espírito que deseja comunicar através do corpo do médium fá-lo em virtude da sua lei animal, presta fidelidade a essa lei, e no momento em que infringe ou procura dobrar essa lei, há uma guerra entre as partículas animais e as partículas espirituais, e o espírito é imediatamente ejetado. Meus caros amigos, todos nós temos muito que aprender. Somos todos alunos na escola da ciência da vida, e quando pensamos que resolvemos um problema para nossa satisfação, eis que vem algo mais para fazer, e verificamos que a eternidade se nos abre por graus lentos e distintos, dando-nos exatamente tanto quanto podemos cuidar no momento presente, e não mais.

26 de Dez.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Estamos prontos para ouvir as suas perguntas, Senhor Presidente.

PERG.—Poderá a influência de controlo explicar esta passagem da Escritura? "Ao que tem, ser-lhe-á dado; e ao que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado."

RESP.—Creio que se refere inteiramente às coisas deste mundo, pois como as coisas deste mundo em grande proporção são capazes de se reunir constantemente a si mesmas a partir da mesma fonte, aqueles que têm apenas uma pequena quantidade com certeza perderão esse pouco para aqueles que têm uma maior. Jesus compreendia bem a natureza humana, e sabia também da lei que era a vida da natureza humana, e sabia para onde a natureza humana tendia. Ele compreendia a sua base presente e também o seu futuro, e sabia que o egoísmo era a sua pedra angular e que o poder era o lugar na natureza humana. Quem quer que tivesse mais poder tinha o melhor lugar. Estão constantemente no caminho de receber exibições para ilustrar o

assunto que apresentaram, e se apenas se derem ao trabalho de estudar como Jesus fez, dificilmente terão necessidade de perguntar o significado desse parágrafo nas sagradas Escrituras.

P.—É a força ou poder intelectual apenas uma modificação da força ou poder físico? Os homens de ciência dizem que a eletricidade, o calor, o movimento e a luz são apenas diferentes expressões de uma mesma força ou coisa. Ora a pergunta que faço é: Serão todas as expressões de força, tanto intelectuais como físicas, apenas modificações do mesmo poder?

R.—Não, certamente que não. Não consideraria o pensamento simplesmente um resultado do movimento elétrico. Se o faz, equivocou-se sobre o seu verdadeiro caráter. Há uma diferença marcada e distinta entre o poder intelectual e o físico.

P.—Através do uso de que instrumentalidades pode um indivíduo aumentar mais rápida e permanentemente as suas atividades e força intelectuais? Que informação especial pode o espírito de controlo dar-nos sobre esta matéria tão importante?

R.—O conhecimento é poder, e só pode ser ganho por um pensamento empenhado e um esforço empenhado. Se deseja poder intelectual, deve procurar desenvolver-se através de todas as capacidades do seu ser. Um desenvolvimento harmonioso ou bem equilibrado é certamente o melhor. Quase todas as nossas—ou deveria dizer as vossas—grandes mentes têm sido desenvolvidas apenas numa direção—talvez duas ou três—e isto à custa de todas as outras. Jesus possuía um grau muito marcado de desenvolvimento harmónico; todas as capacidades da sua natureza pareciam estar equilibradas no uso.

Ele era conhecedor das leis da Natureza no mundo externo, das leis da mente, e clarividentemente saía para o domínio espiritual. É impossível traçar quaisquer linhas pelas quais o espírito ou a mente devam ser governados no que respeita a procurar o conhecimento. Deve ser procurado em todas as fontes e em lugar nenhum ignorado. Deveria estar disposto a permitir que tudo e qualquer mente fossem o

seu instrutor, e em contrapartida deveria estar disposto a ensinar todas as coisas e todas as mentes. Procure desenvolver todas as energias latentes da mente, e em todas as direções seja harmonioso nas suas ações e procure a sabedoria no volume eterno de Deus que está aberto para todos.

P.—Num templo em ruínas outrora dedicado ao culto do sol, situado na antiga Balbec, há uma pedra tão pesada que exigiria—segundo estimado—a força conjunta de vinte mil homens para a erguer. Por que meios foi essa pedra transportada da pedreira para o seu elevado local de descanso atual? Pode porventura dizer?

R.—Os antigos em certas eras possuíam um conhecimento maior relativamente a certas matérias do que aquele que possuem hoje. Somos informados, consultando certas fontes muito antigas, de que eles possuíam um conhecimento de química que lhes permitia dissolver a rocha sólida e torná-la um fluido, muito leve e fácil de transportar, e por um certo processo químico ela tornava-se novamente rocha sólida. Obras antigas informam-nos também relativamente a muitos outros pontos científicos com os quais os antigos estavam familiarizados, e falam muito definitivamente relativamente a isto, mas não encontro tal registo na terra, tendo sido todos destruídos em tempos remotos, por serem considerados obras sem qualquer importância.

Mas hoje a mente está a começar a pesquisar nos mistérios eternos, assim chamados, de todas as coisas, e portanto deseja arrastar para o presente tudo o que é possível acotovelar para dentro do presente, porque a mente desta era recebeu um desenvolvimento especial; uma nova era despontou—no que respeita à mente. Portanto a mente de hoje não está contente em habitar apenas no presente. Quer saber todo o passado e o futuro. O Senhor Presidente entende-nos quando dizemos que se acredita que estas rochas foram removidas num estado fluido e por um processo químico foram solidificadas novamente depois de trazidas para onde se desejava que ficassem. Entende? [Sim.] Obras antigas assim nos informam, mas nós próprios não temos conhecimento positivo, pois não estávamos lá.

P.—Poderia dar este conhecimento à geração presente?

R.—Não poderia; mas há aqueles que poderiam e aqueles que estão a trabalhar muito empenhadamente para o fazer. Creio que tiveram sucesso, até certo ponto, e esperam num tempo muito curto ser capazes de ter impressionado até agora as suas ideias com toda a sua devida força sobre alguma mente plástica aqui no corpo, de modo a dar ao mundo aquilo que o mundo tanto deseja; aquilo que será de tanta utilidade para o mundo.

P.—Devemos entender que tendes aí volumes através dos quais vos podeis esclarecer sobre a história do passado?

R.—Certamente. Tudo o que alguma vez teve uma existência nunca perde essa existência. Todas as obras escritas, tudo o que traz a verdadeira marca da mente, permanece ao longo de toda a eternidade no mundo espiritual. O volume que é destruído aqui não é de modo algum deixado encontrar o mesmo destino ali. O senhor perde-o, no que respeita à terra, mas o espírito não o perde. Compreende? [Compreendo.]

30 de Dez.

PERG.—Poderá a inteligência de controlo explicar a causa daquilo que muitas vezes parece, nos sonos noturnos, como música vocal e instrumental real, doce—natural como a da terra?

RESP.—Cada circunstância da terra é o efeito legítimo de alguma causa. Ora, a menos que a música referida seja da terra e das condições terrenas, ela é certamente do espírito. Há aqueles cujos sentidos estão por vezes tão finamente afinados que podem ouvir tão bem como ver e sentir a influência de pessoas a quem chamam mortas; e como a música é uma parte da vida das esferas, daquelas a que chamamos adiantadas, certamente, não seria de todo estranho se os habitantes das esferas espirituais por vezes descessem à terra, executando a sua música para a edificação daqueles que ainda habitam sobre a terra.

P.—Gostaria de saber o verdadeiro caráter do Deus que Moisés serviu.

R.—O próprio Moisés—ou o registo que os escritores bíblicos declaram pertencer a Moisés—dá um relato muito claro do Deus de Moisés; apresenta-o muito claramente, de modo que ninguém precisa de se equivocar sobre as suas características. Ele é um Deus de vingança; profundamente vindicativo. Ele diz: "Exijo olho por olho, dente por dente, sangue por sangue, e sem o derramamento de sangue não há remissão de pecados." O Deus de Moisés disse isto, assim nos conta a Bíblia. Ora então o Deus de Moisés é inteiramente diferente do Deus do cristão que Jesus o Cristo venerou. O verdadeiro Cristianismo venera um Deus inteiramente diferente do Deus que Moisés venerou. Em tempos antigos era muito necessário ter um Deus em existência que fosse realmente temido. De facto, Moisés não poderia ter concebido qualquer outro tipo de Deus além de um Deus que estivesse mais do que razoavelmente equilibrado do lado errado.

Todo homem, toda mulher, toda criança e tudo o que é capaz de pensar molda o seu próprio Deus. E esse Deus moldam-no sempre de acordo com as mais elevadas características espirituais da sua natureza espiritual. O que quer que um homem ou mulher acredite ser o maior, o mais elevado bem, esse é o seu Deus, e instintivamente veneram esse Deus. "Não terás outros deuses diante de mim", diz o Deus habitante de cada alma. "Não venerarás em nenhum outro santuário." Pois bem, não pode venerar em nenhum outro lugar. O Espiritista não se pode curvar e venerar o velho Deus presbiteriano. De modo algum. O brâmane não pode venerar o seu Deus. Não; o Deus dele difere do seu. Na verdade, há uma diferença entre o meu Deus e o seu, o seu e o Deus de qualquer outra alma. Não há dois que possam ser exatamente iguais e, contudo, o Espírito Divino é um só. A diferença está apenas no externo, e isso é tudo o que pode reconhecer, portanto é tudo o que pode venerar. Não pode venerar algo de que nada sabe, que não pode compreender. Só pode venerar o que é o seu ideal mais elevado. Esse é o seu Deus.

P.—Cristo diz: "Eu e o Pai somos um." Não podemos todos dizer a mesma coisa?

R.—Certamente.

P.—A divindade de Cristo sofreu na cruz?

R.—A divindade de Cristo sofreu na cruz? Sim, relativamente. Foi uma crucificação corporal, mas deixou a sua cicatriz sobre a alma. Na medida em que o divino era ao tempo coexistente com o humano, deve sofrer correspondentemente com o humano.

31 de Dez.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Tomaremos agora em consideração as suas proposições, Senhor Presidente.

PERG.—Poderá o Senador Baker, falecido, do Oregon, ou a inteligência de controlo, dar uma opinião quanto ao tratamento dos índios? E, também, quanto à viabilidade de reunir as diferentes tribos em quatro reservas, conforme pedido por John Beeson?

RESP.—A questão relativa a matérias indígenas está a ser amplamente discutida, e creio que será fielmente resolvida por aqueles que a têm a seu cargo, a saber, todas as mentes empenhadas sobre a terra e no mundo espiritual, mentes empenhadas pela liberdade e pela justiça, mentes que desejam ver cada alma livre, mentes que desejam elevar cada alma acima de todo o despotismo, acima de toda a opressão. Que certas reservas deveriam ser separadas e mantidas, no limite do possível, eternamente seguras para os índios, creio que sim. É uma coisa boa; mas há algo mais além disto a ser feito, como aqueles que olharam empenhadamente para as matérias indígenas não podem deixar de ver. Eles são um povo vivo e portanto estarão constantemente em necessidade de algo mais. Os seus irmãos brancos estão constantemente a exigir mais terras, mais riqueza, mais de tudo o que a terra e o céu oferecem.

Os índios têm o mesmo direito. Têm o direito de fazer a mesma exigência, e de quem? De todos os mordomos do céu e da terra. Quem são os mordomos? Aqueles que têm as coisas boas do céu ou da terra à sua guarda. O índio exige sabedoria; ele deveria tê-la. Ele exige terras bem providas de caça, pelas quais se possa sustentar corporalmente. Ele deveria tê-las. "Vive e deixa viver" deveria estar escrito sobre a porta de cada casa e gravado em cada coração. Mas agora, em vez disso, encontramos "Vida para mim e morte para ti; felicidade eterna para mim, miséria eterna para ti." Um estado de coisas muito mau, esse.

Senhor Presidente, pode parecer que nos afastámos do assunto que nos apresentou; ele tem sido tão profundamente discutido anteriormente, por representantes das diferentes tribos indígenas, que dificilmente consideramos necessário discuti-lo com qualquer extensão esta tarde.

P.—É bom perturbar num círculo um médium que está em transe, totalmente inconsciente e paralisado, a fim de o acordar? Não seria melhor esperar pelo mesmo poder para o libertar que o colocou nesse estado particular?

R.—Certamente. Não há poder na terra, sob certas condições, que possa despertar um médium de uma condição de transe profundo. Deve ser feito pelo mesmo poder que o fez passar a esse estado.

P.—Qual foi a causa da destruição do planeta que estava originalmente localizado—como atualmente supomos—entre Marte e Júpiter? E são os asteroides, assim chamados, os fragmentos desse planeta?

R.—Certos teóricos astrológicos e astronomia teóricos determinam que os asteroides são fragmentos desse planeta; mas há certas mentes que consideraram o assunto amplamente, no mundo espiritual, que não creem, e informam-nos de que o planeta passou fora da órbita material e entrou na órbita espiritual, de acordo com a lei planetária. Os planetas morrem exatamente como os mortais

morrem; quando cumpriram uma missão numa determinada direção, vem uma transformação.

Quando deixaram crescer além dos seus trajes materiais, trajes espirituais são providenciados. Mas não deve supor que eles passam de uma condição para outra por acidente. Não há acidentes na Natureza. Tudo é realizado com precisão matemática. Nada nasce antes do seu tempo. Nada muda antes do seu tempo, pois se isto pudesse ser, toda a superestrutura estaria a todo o tempo fora de ordem; mas a verdadeira verdade é que está sempre em ordem, e da sua ordem depende tudo—todo o tipo de vida, todo o tipo de forma, todas as condições de ser.

P.—Têm os seres espirituais mais adiantados do nosso planeta o poder de visitar qualquer dos outros planetas do nosso sistema solar? E sabe-se se alguma das entidades espirituais de qualquer dos outros planetas do nosso sistema veio para dentro dos domínios espirituais do nosso planeta? E, se assim for, houve alguma vez uma troca de ideias entre tais inteligências?

R.—Sim, há certas mentes de grande alcance que não poderiam estar mais contentes por existir com a simples quantidade de conhecimento que poderia ser recolhida de um planeta do que poderiam estar contentes por existir, se fosse possível, dentro dos confins de uma casca de noz. Eles desejam saber tudo o que lhes é possível saber e, descobrindo que têm liberdade ilimitada no mundo espiritual, exercem-na, fazem uso dela. Nem toda a alma conhece os seus poderes—não importa se a alma está vestida com a carne, ou se se desfez da carne—há muito poucas almas que percebam plenamente o poder com que Deus as investiu. A maioria não tem ideia de que pode ir além dos limites desta terra, portanto nunca fazem a tentativa. Mas há aqueles que nos dizem que visitaram muitos dos planetas além da terra, e se tornaram bastante conhecedores das suas condições.

2 de Jan.

PERG.—É Deus um poder ou alma a permear o universo, ou um ser incriado, tendo habitação e personalidade com inconcebíveis capacidades de conhecimento, sabedoria e felicidade?

RESP.—Não tenho crença num Deus pessoal, exceto no quanto creio em Deus como sendo personificado através de toda a forma concebível. Creio que Deus é um poder a permear toda a mente e toda a matéria, e para todo o sempre a transformar tudo de acordo com a sua própria vida divina.

P.—Existem as esferas como localidades separadas ou como um único mundo, como a terra, apresentando apenas um aspeto diferente a diferentes mentes—a gravidade e a cultura da alma determinando a sociedade e o cenário que cada uma desfruta e ganha?

R.—As esferas de que falam os espíritos que regressam não são localidades, de modo algum, mas são condições da mente, estados de ser. O mundo espiritual propriamente dito foi derivado das emanações espirituais deste mundo, portanto é semelhante a ele, apenas superior a ele.

P.—Se os espíritos podem ou hão de voltar a manifestar-se em forma humana, podem escolher quanto a essa forma e, na extensão da sua experiência terrena passada, eleger as suas condições hereditárias e intelectuais?

R.—A forma do espírito muda de acordo com as exigências do espírito habitante e de acordo com os poderes e capacidades do espírito habitante.

P.—O que acontece geralmente às famílias na vida espiritual ao fim de alguns séculos? Agrupam-se e apegam-se umas às outras como na terra, ou separam-se e tornam-se absorvidas na grande família da humanidade ou do género espiritual?

R.—Os espíritos estão reunidos em grupos, unindo as suas necessidades. Seja qual for o tipo de vida intelectual por que eu possa

ser atraído, para aí gravitarei; e o que é verdade no meu caso é verdade no caso de cada alma. Se não há atração natural ou espiritual entre as pessoas que compõem as famílias terrenas, elas separar-se-ão no mundo espiritual.

P.—Como fazem neste?

R.—Precisamente. Todos vós sabeis como é com as vossas famílias aqui. Algumas apegam-se com grande tenacidade e outras dividem-se assim que têm idade suficiente.

P.—Onde maridos e esposas estiveram longamente separados pela morte, não progride aquele que tem as vantagens do estado superior muitas vezes para tão longe além do plano do outro a ponto de tornar uma reunião indesejável ou impossível?

R.—Sim, certamente.

P.—Podem os espíritos reconhecer os seus amigos na assistência? Por exemplo, pode Theodore Parker conhecer algum dos seus antigos paroquianos que estão aqui hoje?

R.—Todo o espírito que regressa desta forma é obrigado a usar os órgãos da visão a fim de reconhecer as formas que possam compor a assistência. Não deveis supor que os vossos amigos no mundo espiritual vos esquecem, ou que vos não conhecem, porque não vos reconhecem em qualquer lugar público.

6 de Jan.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Estamos agora prontos para responder às suas perguntas, Senhor Presidente.

PERG.—Poderá dar uma explicação e definição científica da loucura?

RESP.—Os homens da medicina informam-nos de que a loucura é simplesmente um desequilíbrio das forças físicas e espirituais. Informam-nos de que a causa raras vezes se encontra no organismo físico isoladamente; mas encontra-se nas forças que atuam sobre os órgãos. Portanto é muito difícil saber exatamente como tratar os diferentes tipos de loucura. Dizem-nos que é uma doença muito subtil, aparecendo por vezes ceder aos agentes de cura e erguendo-se subitamente de novo com mais vigor do que antes. Os homens da medicina—no mundo espiritual, não aqui—informam-nos de que estão a fazer tudo o que lhes é possível para impor as suas ideias sobre a loucura aos cérebros plásticos dos homens da medicina na terra. Aqueles que forem os mais suscetíveis às influências espirituais receberão as suas ideias primeiro.

Creio que o fundamento da teoria deles está aqui: a loucura, residindo nas forças imponderáveis, deveria ser tratada não como trataria uma doença orgânica, mas como trataria uma doença espiritual, ou uma doença que percorre as forças imponderáveis do corpo humano. O magnetismo e a eletricidade têm sido até agora muito pouco compreendidos. Têm sido reconhecidos como existências, mas os seus usos maravilhosos nunca foram pesquisados.

Ora os homens da medicina informam-nos de que o magnetismo e a eletricidade são os agentes mais poderosos que podem ser usados, se usados com conhecimento, em todos os casos de loucura, mas na medida em que os homens da medicina têm uma compreensão tão pequena relativamente a estas forças, não seria seguro para eles procurar fazer uso delas até terem aprendido algo mais sobre elas. O magnetismo e a eletricidade erguem-se como mestres sobre a humanidade, mas quando a humanidade vier a conhecer estes agentes a humanidade dominá-los-á, trará para fora todos os seus usos e aplicá-los-á às necessidades dos sofredores.

P.—É um defeito físico ou mental?

R.—Essa matéria pensamos ter sido coberta.

P.—Podem aqueles que sabem que os seus antepassados foram loucos prevenir que esse mesmo defeito se expresse em si próprios, através da educação e da autodisciplina?

R.—Os homens da medicina dizem-nos que é quase impossível prevenir a loucura hereditária; isto é, a menos que saiba exatamente onde atingir, é muito suscetível de atingir no lugar errado. Ora, como a loucura, como antes notei, está localizada sobre e através das forças imponderáveis, é uma doença mais subtil e não se torna manifesta muitas vezes até explodir subitamente sobre o senhor em toda a sua fúria. Os homens da medicina dizem-nos que as sementes da loucura são muito frequentemente semeadas na conceção. Nessa altura é chamada hereditária. É transmitida dos antepassados ao longo de uma linha magnética e elétrica direta. Se sabe que os seus antepassados foram assim afligidos, o único curso adequado e seguro se deseja travar o seu progresso é evitar o casamento.

Os homens da medicina dizem-nos que uma vez estando as perturbações nas imponderáveis do corpo, raras vezes as pode afetar para o bem, exceto na altura em que elas se mostram do modo mais violento—quando atingem um determinado ponto, então é capaz de as afetar (se souber como aplicar os agentes,) geralmente com muito sucesso. Mas mesmo que saiba que tem as sementes da loucura implantadas no seu ser, nada pode fazer no sentido de as erradicar até que elas se tenham mostrado exteriormente. Ora isto parece bastante duro, mas aqueles que parecem compreender tais coisas declaram que é absolutamente verdadeiro.

P.—Afeta o clima essencialmente tais pessoas e, se assim for, qual dos Estados Unidos é o melhor para prevenção?

R.—As influências climáticas são muito extensas. Isso é bem sabido; mas o clima que seria o mais favorável para um indivíduo pode ser o mais desfavorável para outro; portanto vê que nenhuma regra pode ser traçada para todos. Nada de todo geral. Cada regra deve ser especial.

P.—Qual é a ordem mais elevada de fruto no reino vegetal na qual estão concentrados todos os outros frutos, análoga ao homem como o supremo do reino animal?

R.—Isso seria impossível de dizer, na medida em que certos frutos e classes de frutos mantêm no seu ser certas partículas de vida que se encontram noutros frutos que parecem estar um grau abaixo deles. Os frutos, como todas as outras coisas, vão em classes, grupos. Parece ter sido o plano do grande Formador da vida que todas as coisas deveriam avançar para a perfeição em grupos. Nada deveria estar só. Ora, então, certas famílias ou grupos de frutos possuem características semelhantes, qualidades semelhantes.

P.—Sentem os espíritos qualquer oposição da lei da gravidade ao passar para e da terra?

R.—Sim, muito sensíveis a ela. Por vezes atua tão poderosamente sobre o espírito que regressa que ele é incapaz de a superar.

P.—Poderá a inteligência explicar a causa da lei da gravidade? Qual é a opinião predominante a esse respeito no mundo espiritual?

R.—A opinião predominante ali não difere essencialmente da opinião predominante aqui. Todos os corpos ponderáveis parecem ser atraídos para o centro da terra, e isto depende sem dúvida da rotação da terra e das forças magnéticas internas da terra.

P.—Se os espíritos podem dissolver ou separar as partículas de um anel de ferro, por que razão não deixam eles, os espíritos, o anel em uma ou mais secções, de modo que os céticos o possam examinar à vontade?

R.—Ficariam os céticos de algum modo mais satisfeitos, mesmo assim? Certamente que não. A mente cética é uma mente que não está preparada para receber verdades espirituais, portanto, não estando preparada, é absolutamente inútil tentar impor-lhe as verdades. Elas

apenas regressarão, como se disse que a pomba de Noé regressou à arca, não encontrando lugar para pousar.

7 de Jan.

P.—Esta terra supõe-se que tenha vinte e cinco mil milhas de polo a polo, e em cada ponto encontramos regiões geladas. Temos tentado explorar o Oceano Ártico e não conseguimos penetrar, porque é demasiado frio e gelado. Mas se pudéssemos penetrar e ir além, não haverá uma extensão desta terra de que nada sabemos, e outra raça de pessoas a viver lá de que não temos conhecimento?

R.—Um dos oradores mais capazes da presente era proferiu esta verdade, e ela deveria ficar gravada em cada coração, lembrada por cada alma. Foi esta: "A verdade está sempre no ar, e aquelas almas que são as mais suscetíveis obtêm-na primeiro." O seu correspondente obteve certos fragmentos de uma grande verdade que está na Natureza, no ar, inalou-a através da inspiração, e agora indaga para saber a seu respeito, e qual será a nossa resposta? Pois que ele está quase correto na sua teoria.

Ganhou alguns fragmentos muito valiosos da verdade e, a pouco e pouco, será auxiliado por outros, ganhará mais da mesma classe de verdade e formará com eles uma imagem, algo que tem forma, algo que responderá à pergunta que a sua própria natureza fez. "Haverá uma condição de existência na terra de que não temos conhecimento?" Há certamente. Cada classe de seres está sujeita a influências climáticas, à influência da localidade peculiar em que vive, sob a qual foi trazida à existência natural, e há uma fronteira natural além da qual não podem facilmente passar. A mente, a inteligência—essa inteligência que encontra expressão através desta era—sente que há algo além do Oceano Ártico—um desejo de saber o que é, e por isso enviaram exploradores, mas eles falharam em obter o que procuravam.

Regressaram com muita informação valiosa, é verdade, alguns deles; mas, apesar de tudo, ficaram desapontados, porque tentaram ir além da sua própria linha de fronteira natural. "Até aqui e não mais

além", diz a lei, e ela é invencível. Eles não a podem anular. Mas como todas as coisas estão a mudar, e a mente está a reunir para si cada vez mais sabedoria, está a aprender cada vez mais da esfera natural da terra, assim pode esperar que a pouco e pouco terá reunido mais do que no tempo presente. Saberá mais relativamente às condições de vida de que nada sabe agora. Sob alguns aspetos o senhor é muito semelhante ao selvagem que habitava este continente antes de si.

Ele considerava-o como o mundo inteiro—uma ilha que lhe fora dada por alguma grande inteligência. Nunca sonhou que houvesse algo além dele. Quando o homem branco veio com as suas canoas aladas, ele pensou que tinha vindo do Grande Espírito, das estrelas, dos campos de caça superiores. Nunca sonhou que houvesse uma grande extensão de terra além dele—nunca sonhou que houvesse algo fora da sua própria esfera de existência. E assim os senhores—semisselvagens, eu próprio incluído—não sabem que há uma extensão quase ilimitada na terra de que não têm conhecimento algum. Aqueles que obtiveram esse conhecimento na terra dos espíritos assim nos informam, e sabemos que nos informaram corretamente. Mas todas as coisas são ganhas na Natureza por graus lentos e distintos, portanto não deve precipitar-se para esses extremos, mas deve aproximar-se gradualmente deles à medida que estiver preparado para deles se aproximar. Se fizer qualquer tentativa de se precipitar para eles antes do seu tempo natural, o esforço será inteiramente infrutífero.

P.—Não foram as regiões do norte outrora regiões tropicais?

R.—Foram-no, assim nos é dito, há milhares, milhões de anos. Estamos cientes de que a nossa resposta aniquilará a velha teoria da Bíblia desde logo, mas sendo verdadeira não há remédio para isso.

P.—Não há uma transformação contínua ainda a acontecer, a terra mudando de posição e o clima mudando de ano para ano?

R.—Certamente; mas tão gradualmente que o não perceciona. Há provas sob a superfície da terra, totalmente positivas, relativamente à

temperatura desta localidade há milhares de anos. Era então totalmente diferente do que é agora.

P.—Desejo saber por que razão ninguém jamais viu Cristo. Por que não vem Cristo e comunica como outros fazem, e conta a sua própria história?

R.—E se o fizesse? Acreditaria nele agora, mais do que se acreditou nele quando aqui no corpo? Pareces-me que não. Só porque nenhum nome está apenso a todas as influências que regressam aqui e ali por toda a terra, não deve inferir que o Jesus de Nazaré nunca regressou. O seu correspondente pergunta por que razão ninguém jamais o viu. Ora, ele não é um espetáculo assim tão grande, afinal. O seu orador viu-o muitas vezes. Não encontra nele o grande rei externo que a Igreja Cristã nos daria a supor que ele era, de modo algum. A humildade é uma das suas virtudes de coroação. Ele está exaltado nos céus por causa da sua própria humildade, e amado por causa da sua amabilidade, venerado por causa da sua perfeição, adorado por causa da harmonia de todas as características da sua natureza humana e divina—pois ele é humano e divino. Ele reclama um lar aqui sobre a terra, como o reclama nos céus.

P.—Paulo diz: "O bem que eu queria, não o faço; mas o mal que eu não queria, esse faço." Não mostra esta asserção o reconhecimento por parte de Paulo da doutrina da necessidade?

R.—Certamente. Paulo sentia na altura, sem dúvida, toda a força do poder das circunstâncias envolventes. Lutava contra elas, assim diz ele. Desejava fazer o bem, mas as circunstâncias sobrepuseram-se, e ele muitas vezes fazia o que lhe parecia mal. E assim é com cada outra alma. Estão cercadas por circunstâncias sobre as quais parecem ter mas pouco controlo. Mas a alma lutará sempre contra elas, pois é o seu destino fazê-lo. A alma está destinada a erguer-se superior a todas as coisas baixas e, por muito que tenha de guerrear com coisas baixas, continuará a erguer-se, continuará a ir além de tudo o que é imperfeito, tudo o que é impuro. Paulo desejava fazer um grande número de coisas na sua vida terrena que considerou impossível, sob

as circunstâncias existentes, fazer. E isto é também verdade, como antes notei, de cada ser humano.

9 de Jan.

ESPÍRITO CONTROADOR

Estamos agora prontos para considerar as suas proposições, Senhor Presidente.

PERG.—Pode lançar alguma luz sobre explosões de caldeiras a vapor? É simplesmente a pressão do vapor, ou é, como estou inclinado a pensar, um novo agente de cuja natureza e poder nada sabemos? Se assim for, não poderia este agente destrutivo ser capturado e posto a servir-nos, em vez de ser como agora um agente inconsequente de destruição?

RESP.—Todas as forças exibidas através da Natureza que o homem não compreende são, até certo ponto, mestres do homem; mas todas essas forças na Natureza que o homem compreende, ele pode fazer com que se tornem seus mais humildes servos, e no quanto ele as compreende, no tanto elas o servirão bem. Mas onde ele falha em compreendê-las, elas erguer-se-ão e talvez lidarão traiçoeiramente com ele. Os homens de ciência informam-nos de que metade das maravilhas do vapor não foram contadas, que ele é ainda algo mantido nas mãos da humanidade, para uso, do qual eles sabem muito pouco, portanto está constantemente a traí-los.

Quando se supõem mais seguros, então acontece muitas vezes que estão mais inseguros. Seria bom que as mentes científicas desta era voltassem a sua atenção mais especialmente para os imponderáveis que existem em toda a parte. Em vez de procurar saber de que é feita uma concha de amêijoa, faria melhor em procurar saber de que é feito o vapor e como pode aplicá-lo melhor e em segurança ao uso da humanidade. Como não conhece o poder do vapor, é claro que não pode saber como controlá-lo. Não pode saber como construir máquinas que o assegurem contra a sua traição, mas no quanto se informar relativamente às suas leis e às suas relações com a humanidade, e às condições pelas quais a humanidade está cercada, no

tanto será capaz de construir máquinas que estarão em perfeita adaptação ao vapor.

Estas de que tem procurado fazer uso dão-lhe provas abundantes de que não estão exatamente certas, de que cometeu um erro em algum lado, quer na estimativa do vapor quer na construção da máquina pela qual ele é tornado seu servo. Ora o único modo adequado—assim determinam as mentes científicas do nosso lado—para o senhor seguir, a fim de estar seguro sobre isto, como sobre todos os outros pontos, é estudar por si mesmo, investigar por si mesmo. Aquele que é capaz de erguer uma pedra é o mais capaz de dizer quanto a pedra pesa. Se eu lhe dissesse, se pudesse, ou se qualquer espírito regressa dizendo-lhe, será simplesmente a minha prova, não a prova dos seus sentidos. Se deseja torná-la do modo mais profundo aplicável a si mesmo, estude por si mesmo, estenda a mão através das suas naturezas interiores e procure com toda a empenho de propósito agarrar estas provas subtis do poder omnipotente pelo qual está constantemente cercado, e se tentar com todo o empenho, com a perseverança do seu lado, não há palavra como falha para si.

P.—Não podem as mentes científicas do vosso lado fazer algumas sugestões que nos auxiliem em tais investigações?

R.—Apenas como todas as sugestões são feitas, através de algum cérebro humano. Aquilo que está à parte de vós mesmos nunca o podereis compreender tão profundamente como aquilo que está incorporado no vosso próprio ser.

P.—Qual é a causa das imagens de geada tão belamente fotografadas nos vidros das janelas?

R.—As mentes científicas informam-nos de que o processo é semelhante àquele que o artista seguiria ao obter a sua fotografia através dos seus próprios processos artísticos especiais. A Natureza é o melhor instrutor em todo o mundo. A Natureza ensinar-lhe-á tudo o que deseja saber. Ensinar-lhe-á como pintar as suas imagens, como controlar o relâmpago, como controlar o vapor, como compreender

tudo o que ela lhe apresentou. Ela dá-lhe exibições vivas da sua sabedoria e do seu poder constantemente. As mentes científicas informam-nos de que estas imagens de geada são feitas melhor quando a atmosfera está num estado comparativamente quieto, quando uma certa quantidade de luz foi retirada.

Dizem-nos que não é absolutamente necessário que a escuridão perfeita esteja presente com o artista, a Natureza, mas que uma certa quantidade de escuridão é bastante necessária para uma produção perfeita destas imagens de geada. É-nos dito que a atmosfera está constantemente a retratar todas as formas sobre algumas outras formas. Cada forma individual é retratada sobre alguma outra forma e, por sua vez, torna-se ela própria a placa ou espelho sobre o qual algo mais é refletido. Dizem-nos que a escuridão, a luz e o ar atmosférico combinados são os grandes artistas pelos quais todas as coisas são retratadas dentro e fora umas sobre as outras. O processo, informam-nos, é muitíssimo belo, mas só pode ser estudado claramente a partir do lado espiritual, porque as forças em trabalho são tão subtis, tão etéreas que não apelam, sob circunstâncias ordinárias, aos sentidos externos do humano.

P.—Se o espírito do homem não foi individualizado até à sua entrada na vida terrena, segue-se necessariamente que ele deve cessar de ser como uma entidade consciente? Se sim, porquê?

R.—A questão da individualização eterna, individualização consciente, é uma questão que cada alma deve determinar por si mesma. Não creio que a alma esteja dependente de cenas terrenas ou condições terrenas para a sua individualidade, ou a sua identidade como alma. Creio que está dependente das condições da terra no quanto exige ou deseja entrar em *rapport* com as coisas da terra, e não mais além. Não creio que como alma tenha sido chamado à existência no meu nascimento material ou natural. Pelo contrário, tenho provas que me levam a crer que como alma sempre existi—como uma individualidade independente, creio que sempre tive uma existência.

Mas, até agora, o problema está apenas meio resolvido para mim. É apenas uma crença. Não equivale, até agora, para mim a conhecimento; mas como antes notei, cada alma deve responder a esta pergunta por si mesma. De muito pouco lhe valerá a si ou a qualquer outra alma que eu declare que vivi ao longo de todo o passado eterno. É muito possível, pode o senhor dizer, que eu tenha vivido, mas isso não é garantia de que o senhor tenha vivido também. Ora cada alma deve resolver o problema por si mesma e com toda a probabilidade todas serão capazes de o fazer, porque a Natureza nunca apresenta qualquer problema à alma sem dar à alma a capacidade de o resolver.

P.—A alma e o espírito do homem são falados na Bíblia. Qual é a diferença entre os dois? O que é alma? O que é espírito?

R.—Para mim são sinónimos. Uso os termos simplesmente porque não posso usar outros tão bem. Posso dizer a parte pensante de mim; posso dizer a inteligência, o princípio de vida, ou posso dizer a lei em redor da qual me movo e à qual sou responsável. Poderia dar-lhe qualquer outro termo—poderia chamar-lhe uma maçã ou uma laranja, que continuaria a ser a alma exatamente do mesmo modo. Uso simplesmente os termos "alma" e "espírito" porque são comuns. Os senhores entendem por eles a vida habitante do corpo humano, a parte consciente. Para mim ambos são um só.

16 de Jan.

PERG.—Prevalece uma ideia geral de que quando morremos passamos para a eternidade. Gostaria de perguntar se não estamos agora tanto na eternidade como alguma vez estaremos?

RESP.—Sim; a alma está sempre na eternidade. Esta vida terrena é uma das condições necessárias da eternidade, e tanto eternidade como a esfera espiritual para onde a alma se apressa.

P.—É possível para nós na nossa condição finita fazer mais do que começar a compreender o significado de eternidade, ou existência sem início nem fim?

R.—Não; a alma, enquanto se expressa através da organização física, está limitada pelos poderes dessa organização. Apenas em casos raros pode ir além deles, ultrapassá-los; portanto é muito difícil para si compreender o significado de eternidade. Sente as cadeias pelas quais está preso, e quando procura estender-se até ao infinito, encontra-se subitamente travado. Talvez seja pela existência de um Deus pessoal, ou de um diabo pessoal, ou de uma esfera pessoal, na qual o senhor, como alma, se move. Recebe sempre o travão. É em conformidade com as leis da sua vida física, portanto é bastante natural. Não pode compreender o significado de eternidade enquanto aqui estiver.

P.—"E eis que no mar se levantou uma tempestade tão grande que o barco era coberto pelas ondas; ele, porém, estava dormindo.

E os seus discípulos, aproximando-se, o despertaram, dizendo: Senhor, salva-nos, que perecemos.

E ele disse-lhes: Por que temeis, homens de pequena fé? Então, levantando-se, repreendeu os ventos e o mar, e seguiu-se uma grande bonança.

E aqueles homens se maravilharam, dizendo: Que homem é este, que até os ventos e o mar lhe obedecem?"—Mat., viii: 24-27.

Poderá algum dos nossos amigos espirituais explicar-nos a causa destes ventos extraordinariamente fortes, e como foi que Cristo os pôde controlar? Penso que Swedenborg escreveu algo sobre este assunto, e talvez ele responda a esta pergunta.

R.—Creio que todos os fenómenos da Natureza podem ser, se compreendidos, trazidos sob o controlo da inteligência humana. Entenda-me quando digo que creio que todos os fenómenos da Natureza podem ser, se compreendidos, trazidos sob o controlo da inteligência humana. O poder que dá ao homem domínio sobre tudo o que está abaixo dele é um poder que nunca se desmente a si mesmo. A alma, através da sabedoria, é capaz de subjugar, controlar todos os

poderes existentes. Aquelas pessoas que creem na divindade especial de Jesus Cristo, na sua unidade com Deus, creem que por razão da sua divindade especial ele tinha poder sobre os elementos; ele podia dizer aos ventos e às ondas, "Sede calmos", e eles obedeciam-lhe. Mas digo-lhe que todos vós tendes o mesmo poder, embora latente.

Digo-lhe positivamente que não há alma viva que o não possua. Não seria uma alma se não possuísse este poder. Não sabeis o quanto possuís. Não sabeis que o céu e o inferno e todas as coisas estão centrados no vosso ser. Não podeis compreender isto absolutamente enquanto no mortal, mais do que podeis compreender a Deus. Todos os fenómenos que vemos na Natureza são misteriosos, estranhos, e nosso mestre, quando vistos pela nossa ignorância. À medida que a alma avança de grau em grau de sabedoria, torna-se cada vez mais familiarizada com as suas relações. Todos os elementos da vida estão intimamente relacionados com a alma.

A alma, como alma, reconhece isto, mas não pode forçar o reconhecimento através dos sentidos humanos. À medida que avança de grau em grau de sabedoria, torna-se cada vez mais familiarizada com todos os poderes existentes, e em proporção com a sua familiaridade com eles é o seu poder sobre eles. Pode saber relativamente a tudo o que o rodeia, mas o conhecimento virá por graus lentos e distintos. Há cem anos o povo que residia na boa e velha Boston teria determinado de forma muito dura relativamente a cada uma das almas que aqui se reuniram, contanto que dessem a mesma demonstração que dão hoje. Essas mesmas almas têm estado a marchar através de linhas distintas de progresso no mundo espiritual, até que hoje se reúnem aqui com sagrada bênção.

Foram fiéis às condições em que viviam, à vida física pela qual estavam limitadas naqueles dias, e são igualmente fiéis às condições pelas quais estão cercadas e à vida em que existem hoje. São mais sábias hoje do que eram há cem anos—daqui a cem anos no futuro serão muito mais sábias ainda, e as coisas que são estimadas tão encarecidamente por elas hoje serão postas de parte como inúteis. Assim será relativamente a todos vós. Cada um de vós depositará a

escória de hoje pelo ouro mais fino do futuro. E à medida que continuarem marchando firmemente de um grau de fé para outro, aprenderão cada vez mais relativamente à terra, relativamente à vida pela qual estão cercados; e à medida que aprenderem relativamente à vida, assim saberão como lidar com ela.

P.—Parece que Cristo tinha o poder de acalmar os ventos e as ondas. Foi por conhecimento adquirido ou intuitivo que ele tinha este poder?

R.—Certamente não poderia ter sido por conhecimento adquirido, pois ele não tinha os meios de o adquirir; portanto, se ele o tinha de todo, deve ter vindo até ele por intuição.

P.—Sendo as leis da Natureza as mesmas, por que razão não o haveria o homem de ter hoje?

R.—Antes notámos que ele tem o poder. Cada alma viva possui o mesmo poder e, sob condições adequadas, pode usá-lo. Uma das condições mais necessárias é a condição de harmonia entre a sua vida interior e a sua vida exterior—uma expressão livre, plena e clara do seu espírito através do seu corpo. Jesus possuía essas condições, não temos dúvida.

P.—Há alguma prova de que essa história seja verdadeira?

R.—Há provas que são tudo o que é necessário para algumas mentes. Mas para algumas outras mentes essa mesma prova equivale a nada. Ora cumpre a cada mente procurar a prova que será aceitável para si mesma, e até que a possa encontrar não tem o direito de tomar aquilo que não pode facilmente apropriar. Se a história não traz provas, não demonstra uma verdade para si, não tem o direito de acreditar nela, não tem o direito de procurar acreditar nela.

P.—Pareceria que Cristo tinha poder para fazer algumas coisas em consequência da fé do povo. Foi esse poder exercido nesse caso em consequência da fé daqueles a bordo da embarcação?

R.—O registo diz-nos que em certos lugares ele era incapaz de realizar muitas obras poderosas por causa da falta de fé por parte do povo. Concebo esta falta de fé simplesmente como uma falta de poder para entrar em *rapport* magnético com o povo. É isso que significa para mim. Ninguém pode efetuar uma cura sobre uma forma doente através de influência magnética, a menos que possa entrar em *rapport* magnético claro e perfeito com a forma doente. Se o puderem fazer, é quase certo que curarão. Se não puderem, é certo que falharão.

20 de Jan.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Se tem perguntas para consideração, Senhor Presidente, estamos prontos para lhes responder.

PERG.—Durante a minha experiência de dez anos como médium de cura, encontrei muitos casos de doença induzidos pela proximidade de amigos espirituais. E creio que uma grande quantidade do sofrimento físico que encontramos é rastreável de algum modo a esta causa. Gostaria de perguntar se nos pode dar uma explicação tal que nos ajudasse a guardar-nos contra tais influências? Podemos fazer algo, em conjunto com os amigos no mundo espiritual, para prevenir uma recorrência tão frequente destes casos?

RESP.—O único método seguro de prevenção por nós conhecido é este: Familiarize-se com as influências pelas quais está acompanhado e, através da razão, dissipe as nuvens. Se elas são prejudiciais ao seu bem-estar físico e espiritual, se raciocinar com elas, elas partirão. O conhecimento é o único modo seguro pelo qual alcançar e superar todos os males da vida. As várias igrejas espalhadas pelo país estão perpetuamente a soltar o seu clamor contra o Espiritualismo moderno, mas sabem tão pouco relativamente ao Espiritualismo moderno como o caracol sabe das estrelas. Contudo, estão constantemente a lançar os seus anátemas, esperando por esse meio aniquilar o Espiritualismo moderno. Se quisessem ter sucesso na sua causa, deveriam primeiro procurar compreendê-lo, e então

poderiam ter alguma garantia de sucesso. Assim é relativamente a todas as leis na vida.

O senhor está cercado por uma nuvem inumerável de testemunhas, acompanhantes invisíveis. Alguns há que vêm para o bem, e alguns para o que chama mal. Alguns vêm para ganhar para si próprios; outros vêm para dar. Alguns vêm com o propósito de se tornarem melhores a si próprios; para encontrar entrada no céu; outros vêm esperando vingar-se daqueles que lhes fizeram mal na terra, ou que eles imaginam que os trataram mal. Há toda a classe de espíritos que visitam a terra. É uma grande estrada, e aberta a todos. Ora então cumpre a todos vós, como Espiritualistas, como cientistas, como moralistas, como cristãos, procurar saber relativamente aos poderes pelos quais estais cercados. Então, se eles produzirem dano ao corpo ou ao espírito, sabereis como repará-lo e como prevenir-vos contra ele.

P.—Pode o senhor ou atira alguma vez pensamentos para a mente do homem, e estar ele na altura inconsciente disso?

R.—Certamente; essa é uma ocorrência muito comum. A mente está constantemente a dar dos seus pensamentos, e tão constantemente a receber de alguma outra mente; e como o espírito desencarnado tem mais poder do que o espírito encarnado, e pode com maior facilidade fixar os seus pensamentos sobre algum outro cérebro, assim nesse aspeto eles são superiores às mentes na carne, e podem exercer um poder maior sobre si do que o senhor pode exercer sobre eles.

P.—Há algum outro dia de juízo além do último dia da vida de um homem aqui na terra?

R.—Sim; cada dia das vossas vidas é um dia de juízo. Cada dia que vos pertence como indivíduo, há juízo passado a seu respeito. Todos os atos das vossas vidas são passados diante do grande trono do juízo, e cada um determinado. Se são maus, trazem os seus resultados legítimos. Se são bons, trazem também os seus resultados legítimos. Uma árvore má não pode dar bons frutos. Seja o que for que semear,

isso ceifará. Não há perdão para os pecados. Deve pagar até ao último centavo por todos os erros da vida. A pouco e pouco aprenderá que é bom; pois se o grande poder no universo lhe permitisse ir sem juízo quando comete erros, dificilmente marcharia através dos maravilhosos graus de progresso traçados para si como um espírito inteligente.

P.—Temos o corpo celestial de que se fala na Bíblia assim que morremos?

R.—Tem-no antes de morrer. Está consigo agora. Forma uma cobertura etérea e mística para o sistema nervoso, e sai ou é expelido do corpo pelas forças elétricas. Quando a força magnética se foi, é dever da força elétrica expelir este corpo espiritual; então o senhor nasce de novo.

21 de Jan.

P.—O uso de fio de prata fino ou muito fino, usado para ligar as mãos das pessoas sentadas em círculos, ajudará a desenvolver médiuns? Se sim, como deve ser usado?

R.—Não tenho fé na experiência, porque sei que o poder mediúnico não está absolutamente dependente de condições terrenas para o seu desenvolvimento. É uma força subtil que, sob circunstâncias naturais, e não artificiais, abre o seu caminho até à superfície, quer queiramos quer não.

P.—Afirma-se, se não estou em erro, que todas as pessoas são mais ou menos mediúnicas. Se os espíritos adiantados sabem disto, é de presumir que também saibam como desenvolver esta qualificação, faculdade ou poder altamente importante; assim, indagamos que curso deve ser seguido por pessoas que desejam desenvolver-se como médiuns úteis e eficientes?

R.—O curso mais adequado a seguir é levar uma vida natural e harmoniosa. Seja a superfície tão suave quanto possível, e haja tanta harmonia quanta possível entre o interno e o externo. Procure essa paz sagrada que nenhumas circunstâncias da terra podem infringir. Faça a

todos os outros o que gostaria que todos os outros lhe fizessem a si. Viva naturalmente; viva temperadamente; abstenha-se de todos os excessos da vida e procure trazer todas as faculdades do seu corpo ao exercício adequado, não esquecendo nenhuma. Não exercite qualquer faculdade em detrimento de qualquer outra, mas procure exercitar todas harmoniosamente, de modo que as correntes subtis das quais o poder espiritual depende não sejam obstruídas; numa palavra, vivam vidas naturais e harmoniosas. Façam isto e, se houver algum poder mediúnico latente dentro de vós, ele virá com certeza à superfície.

ESPÍRITO CONTROLADOR

A assistência está agora à vontade para fazer qualquer pergunta adequada.

P.—O que é uma pergunta adequada e o que é uma pergunta inadequada?

R.—Todas as perguntas pessoais seriam consideradas inadequadas neste lugar.

P.—Sob que condições são os espíritos capazes de mover corpos ponderáveis, orgânicos ou inorgânicos, através da atmosfera?

R.—Várias condições são necessárias. Primeiro, é necessário trazer o médium em *rapport* espiritual ou elétrico com o objeto que deseja mover. Segundo, é necessário trazer a vontade da pessoa que é o operador principal no caso em conjunção com o objeto a ser movido e com o médium. Sendo perfeitas estas três condições, ou partes de uma só, qualquer corpo, por mais ponderável que seja, pode ser atuado de acordo com a capacidade do poder que possa ser fornecido pelo médium. Sob algumas circunstâncias, uma atmosfera seca é bastante necessária; sob outras, uma atmosfera húmida parece ser melhor.

P.—Estará algum dos meus amigos falecidos aqui presente hoje?

R.—Essa é uma pergunta pessoal. Não temos o direito de lhe responder, mesmo que o pudéssemos fazer.

P.—Não poderão os meios artificiais auxiliar no desenvolvimento da mediunidade?

R.—Não penso assim. Sei que há outros que diferem de mim nesse aspeto; mas julgando a partir de uma longa e empenhada observação, devo concluir, como concluí, que, sendo da Natureza, os meios naturais são os melhor adaptados ao seu desenvolvimento.

P.—Foi dito por um certo autor que os médiuns estão geralmente de algum modo enganados relativamente à presença pessoal dos espíritos nos círculos. Ele afirma que é mais a presença reflexa do que a real, como a sombra sobre um lago plácido. Está isso correto?

R.—Sob algumas circunstâncias está correto; sob outras, totalmente incorreto. Por vezes o espírito está presente e mantém o controlo absoluto *in propria persona* do médium; noutras ocasiões o espírito pode estar a milhares de milhas de distância e, contudo, o médium estar sob o controlo desse espírito.

P.—Na petição apresentada, segundo entendi, ao Ser Divino, qual é a natureza do arrependimento referido?

R.—É uma alegria abrandada, que se segue naturalmente ao conhecimento de que estivemos enganados e de que estamos agora na posse da verdade.

P.—Não implica o arrependimento naturalmente que há algo de que se arrepender, algo que fizemos de errado que deveria ser retificado?

R.—Assim pareceria. O arrependimento pode ser chamado o anjo vingador que lida connosco por todos os erros que possamos cometer na vida.

P.—Qual é a sua opinião relativamente à natureza do homem? É uma dualidade ou uma trindade? Ouvi dizer que somos três partes componentes—corpo, alma e espírito.

R.—Creio que enquanto estão na terra são três em um. Têm o corpo físico, que é o resultado de condições terrenas, e têm o corpo espiritual, que é um resultado do vosso corpo terreno, e têm a vida divina, que é a mesma ontem, hoje e para sempre.

P.—Relativamente ao arrependimento, devo entender que é uma punição, e não um ato da parte daquele que exercita o arrependimento?

R.—Alguns consideram-no sob essa luz, mas creio que é um resultado natural que se segue ao erro. L lamentamos não ter visto o caminho melhor antes, mas ao mesmo tempo ficamos contentes por a luz estar agora connosco. Isto parece-me ser o arrependimento. Eu próprio me arrependi dolorosa e sinceramente dos erros da minha vida terrena passada; mas ao mesmo tempo percebo uma alegria a percorrer o meu arrependimento, a qual creio ser a gloriosa luz que me retirou das trevas.

Não creio que o arrependimento venha do grande e perfeito pai do nosso espírito em consequência da nossa falta em si; mas creio que ele se segue aos nossos erros por necessidade. Se infringimos as leis que governam a vida física, a dor é o resultado, o sofrimento é certo de se seguir. E assim é relativamente a todas as coisas espirituais. Todos os erros espirituais podem ser chamados, assim o creio—e justamente, também—infrações da lei espiritual das nossas naturezas espirituais, e na mesma extensão devemos sofrer. Podemos chamar ao sofrimento arrependimento, ou por qualquer outro nome.

P.—Noto que chama ao sofrimento arrependimento. Gostaria de perguntar, qual é a causa disso? Qual é a influência espiritual que opera sobre o nosso espírito para produzir esse desgosto e a subsequente alegria?

R.—Creio que é a luz espiritual que acompanha a consciência da alma que atingiu um estado melhor do que o passado. Não sei se ela é vertida de qualquer fonte particular. Creio que nasce da vida divina das nossas próprias naturezas.

P.—Não são a tristeza e o sofrimento essenciais ao aperfeiçoamento do espírito sob todas as circunstâncias?

R.—Penso que sim; exatamente tanto como as tempestades que varrem a terra são necessárias ao desenvolvimento da terra.

P.—Pode haver algum crescimento sem sofrimento?

R.—Penso que não. Se os seres mais perfeitos de que temos qualquer registo eram capazes de um sofrimento tão intenso como o registo das suas vidas afirma, o que temos nós o direito de inferir relativamente ao sofrimento? Pois certamente que é uma necessidade. Pode ser chamado a chave que destranca as portas do céu e ordena ao espírito que fuja das sombras do passado.

P.—Continuará este sofrimento na vida futura?

R.—Vi a mais aguda de todas as tristezas no mundo espiritual. Tendes tristeza aqui na terra, mas ela é baça e estúpida quando contrastada com a do mundo espiritual. Oh, não vos enganeis relativamente à vossa vida futura. Não suponhais que é uma vida contínua de alegria, pois digo-vos que o não é. O suicida que procura escapar às tristezas da terra, esperando ganhar as alegrias do céu, acorda de um sonho enganado para se encontrar muitas vezes em tristeza mais profunda do que quando na terra. A sombra que lhe pertencia enquanto aqui seguiu-o para a terra dos espíritos e, por lei natural e perfeita, ele deve viver mais do que ela. Quando sabemos relativamente à tristeza, sabemos como fugir dela. Mas quando ela é um mistério para nós, ela paira ao nosso redor e, como as sombras da noite, recusa-se a partir até que a luz da manhã do conhecimento jorre para dentro, e então por necessidade natural ela deve partir.

23 de Jan.

ESPÍRITO CONTROLADOR.—Estamos agora prontos para atender às suas perguntas.

PERG.—Foi-me perguntado há muitos anos: "O que tem a sua Bíblia mentirosa a ver com o Deus Todo-Poderoso?" Ora, gostaria de perguntar muito respeitosamente, o que tem a Bíblia a ver com o Deus Todo-Poderoso, mais do que qualquer outra obra escrita? Costumavam dizer-me que devia acreditar em tudo como a palavra de Deus; não tinha o direito de investigar ou questionar a sua verdade, porque é demasiado sagrada. Se há alguma parte que não compreenda, deve arranjar alguém para lha explicar. Mas este alguém deve ser da mais pura estirpe ortodoxa. Então, como é evidente, estaria tudo bem, pois supunha-se que eles sabiam tudo sobre os negócios de Deus, o que ele tinha estado a fazer e a dizer nos últimos seis mil anos, mais ou menos. Ora parece-me que qualquer obra escrita que devamos receber como verdade, se não pode ser compreendida, está sempre mais bem calculada para o engano do que para a instrução. Poderá a inteligência por favor dar-nos alguma luz sobre o assunto?

RESP.—Durante o reinado das faculdades inferiores da natureza humana, era sem dúvida necessário trabalhar pela força—algum tipo de força—não importa se a força do mistério ou a força das armas. Mas quando as faculdades morais e espirituais começaram a ganhar ascendência sobre os órgãos inferiores da vida humana, então os homens e as mulheres começaram a rebelar-se contra a força, quer ela residisse no mistério quer nas armas. Em proporção à medida em que a raça humana avança do inferior para o superior, do animal para o moral e espiritual, tornam-se superiores à lei da força. Ela é tornada inferior a eles. Eles põem-na sob os seus pés e dizem: "Tudo o que não podemos compreender não tem utilidade alguma para nós. A inteligência ensina-nos que somos todos soberanias de nós próprios. Temos um reino do céu e um reino do inferno dentro de nós próprios. Temos todos os requisitos para ganhar conhecimento dentro de nós próprios. Ninguém fora de nós pode ganhar conhecimento por nós.

Outra pessoa pode ganhar o que se pode denominar uma crença, uma fé, mas ninguém pode ganhar conhecimento por nós. Esse deve vir da nossa própria experiência individual, se é que alguma vez o havemos de possuir." O seu correspondente revela certamente uma grande falta de reverência pela Bíblia. Se ele reverencia tudo o mais na Natureza, exibe certamente uma grande falta de reverência por esse registo. Pois bem, ele tem o direito de estar precisamente onde está; e se há alguém em falta porque ele está onde está, deve ser a Igreja. Deve ser essa classe de pessoas que cobriu os escritos bíblicos com mistério. Em vez de fazerem do seu trabalho torná-los claros, de modo a que uma criança e o homem viajante, embora seja quase um tolo, não pudessem errar neles, fizeram do seu trabalho torná-los misteriosos, obscuros, escuros, de modo que nenhum fosse capaz de compreender salvo aqueles que a si mesmos se intitulam estudiosos bíblicos—aqueles que receberam a bênção da Igreja; aqueles que estão dentro dos braços da Igreja; aqueles que são chamados instrutores de teologia. Eles, e só eles, supõe-se que compreendam os mistérios da Bíblia.

O seu correspondente pergunta: "O que tem a Bíblia a ver com Deus?" Tem exatamente tanto a ver com Deus como qualquer outra coisa tem, e não mais. É o registo de certas fases da mente—não a mente que pertence a esta era, certamente, mas a mente que pertencia à era em que o registo foi escrito. Se a mente é filha de Deus, o registo também o é; e tudo o que é misterioso, imperfeito, na Bíblia, pode ser atribuído à ignorância humana, à fraqueza humana, à imperfeição humana. A criança pequena profere palavras que são peculiarmente adaptadas aos anos infantis. Não são as palavras, os pensamentos, os atos da criança pequena a expressão de Deus? Não me atreveria a dizer que não eram. Nem me atreveria a dizer que seja o que for, por mais imperfeito que fosse, não era a expressão de Deus.

O pequeno riacho não pode ser o oceano; o rio majestoso não pode ser a gota de orvalho. E contudo na Natureza todos são de Deus. Assim é relativamente ao domínio da mente. Quanto mais avançamos na mentalidade, mais cremos num Deus em toda a parte. Não creio que a alma esteja obrigada a obedecer ao *ipse dixit* de qualquer

escritor religioso, seja ele qual for. Não creio que Deus chame a alma a acreditar em seja o que for que não possa compreender. Enquanto a Bíblia for um mistério para a alma, durante esse tempo a alma não se pode alimentar dela. Mas quando ela se torna clara, quando as suas páginas são iluminadas pela verdade, então a alma pode recebê-la. Quando a alma está recetiva à verdade que está fora, e a verdade que está fora está despida de mistério e trevas, então as duas devem encontrar-se e misturar-se. Não há como escapar a isso.

P.—Há algum tempo, em resposta a uma pergunta aqui, relativa aos habitantes da nossa terra, foi dito em resposta que "havia muitos desses que são ainda desconhecidos, e o seu território ainda não descoberto." Como os nossos mapas e explorações cobrem quase toda a superfície do globo, por favor dê-nos mais alguma informação quanto à localidade destes habitantes desconhecidos.

R.—Para começar, o seu correspondente cometeu um erro muito grande ao supor que os nossos mapas cobrem quase toda a superfície do globo. Há centenas de anos o selvagem, olhando para fora da sua cabana para norte e sul, para este e oeste, ter-lhe-ia dito que isto era tudo. Ele nunca sonhou que houvesse algo além do alcance da sua visão. Nunca ouvira falar disso. Nenhum som vindo de terras distantes o tinha alguma vez alcançado. Os seus sentidos nunca tinham sido interpelados. Nada sabia relativamente ao grande mundo que ficava além. Até certo ponto todos vós sois selvagens. Hão ido muito além do ponto de vista dele, é certo, mas têm um grande caminho mais a percorrer. Assim temos todos. À medida que nos estendemos para o futuro distante, quando milhares sobre milhares de milhas de território não descoberto estiverem a transbordar de civilização, sem dúvida a mesma pergunta será feita, talvez sob forma diferente: "Haverá algo além?" E se houver quem responda, a resposta deve ser ainda: "Mais além há mais."

Ora, esta terra é algo mais do que uma casca de noz—algo mais do que uma mera bolha a flutuar ao sol; e contudo, quando comparada com os milhões de mundos pelos quais é acompanhada, pareceria não ser nada mais. A norte e a sul, a este e a oeste, há milhares sobre

milhares de condições não descobertas de vida humana, tanto na terra como na água. Posso demonstrar a minha asserção? Não. O tempo deve fazer isso. E o tempo certamente o fará, porque a marcha do intelecto não cabe num alqueire. Estende-se para o futuro sem fim e quer saber o que há além, e passo a passo ganhará conhecimento. A pouco e pouco talvez a terra se amplie para se adequar às capacidades ampliadas da mente humana. Em todo o caso, verificarão, à medida que a mente cresce em sabedoria relativamente às coisas deste mundo, que a linha de fronteira se tornará—não exatamente onde está.

P.—Devo entender que o mundo crescerá como um ser humano?

R.—Não exatamente, não. O conhecimento dele crescerá.

P.—Então este espírito de exploração em direção ao Polo Norte é o mesmo que levou Colombo a este país?

R.—Certamente. O desejo de saber tudo o que há para ser sabido, o desejo de esticar as capacidades da mente humana até à sua máxima extensão, é perfeitamente legítimo, dado por Deus. Deve exercitar os seus talentos—ou certas mentes devem—quer queiram quer não. Haverá sempre Colombos não contentes por se sentarem ao canto da lareira, dispostos a olhar para as estrelas através das frestas do telhado e a ficarem satisfeitos com isso. Grandes mentes que vivem além do presente estarão sempre entre vós.

P.—Que relação guarda o mesmerismo com o Espiritualismo?

R.—Guarda uma relação muito íntima, tão íntima que dificilmente se pode dizer onde dividir os dois. O mesmerismo, ou a aura mesmérica, pode ser chamado um dos agentes mais essenciais por e através dos quais o espírito desencarnado ou o encarnado atua sobre qualquer outro espírito. Sem ele nada poderíamos fazer; sem ele os mundos não poderiam ser mantidos nos seus devidos lugares; sem ele a vegetação tornar-se-ia extinta—todos os reinos da terra, o mineral, o vegetal, o animal e o espiritual, seriam todos não entidades.

P.—Um conferencista (Dr. Willis) no Music Hall, em Boston, há alguns domingos, afirmou que uma chuva de flores frescas e variadas caiu sobre a sua cama, na qual estava deitado, à meia-noite, com tempo severo em pleno inverno, e que os caules das flores pareciam torcidos e não cortados, e como que rasgados por uma corrente de eletricidade; levando à conclusão de que tinham sido transportadas até ele de um clima mais quente, onde cresciam. Tem sido até agora suposto por muitos que tais e outras produções eram formações imediatas, compostas pelo poder espiritual a partir dos elementos da nossa atmosfera. Gostaria de perguntar qual dos processos é o verdadeiro.

R.—São ambos verdadeiros. Por vezes, sob certas condições, esses espíritos que estão familiarizados com a ciência da química são capazes de formar a partir da atmosfera—a vossa atmosfera terrena—flores de diferentes formas—as suas próprias formas espirituais; uma grande variedade de flores eles são capazes de criar a partir da atmosfera. E por vezes é-nos dito que os espíritos protetores dos médiuns lhes trazem flores dos vossos jardins terrenos. Elas são por vezes torcidas do caule-mãe pela eletricidade que é lançada sobre elas pelos espíritos que desejam possuir a flor.

Devem compreender que há muitos químicos no mundo espiritual e eles tiram grande prazer em fazer experiências químicas relativamente a todas as coisas deste mundo. Eles nunca deixam passar uma oportunidade sem fazerem algo no sentido de se informarem relativamente à natureza da terra e às suas relações com o seu lar espiritual. Querem saber quanto poder podem ter sobre todas as coisas aqui e quanto, por sua vez, vós podeis ter sobre eles; o que podem fazer com o reino vegetal, o reino mineral e o "reino" espiritual; o que podem fazer com todas as coisas aqui que pertencem à mente ou à matéria. Assim, as suas experiências estão constantemente a acontecer. Esta, referida pelo Sr. Willis, é sem dúvida uma delas.

P.—Gostaria de indagar se a descrição do céu e do inferno de Emanuel Swedenborg pode ser tida como correta?

R.—Não exatamente. Era tão correta quanto lhe podia ser dada pelos seus espíritos protetores na altura. Era tão correta quanto ele a podia percecionar através das suas envolventes terrenas. Era em parte correta e em parte incorreta. Um grande número de coisas havia ali a seu respeito que ele descobriu, aquando da sua entrada no mundo espiritual, pertencerem à terra e às condições da terra, e não à condição espiritual quer do céu quer do inferno, como ele tinha suposto.

30 de Jan.

PERG.—Encontramos em Isaías uma profecia que se supõe referir-se à vinda, missão, etc., de Cristo. Encontramos depois desta profecia, até ao tempo da sua crucificação, em cerca de trinta lugares diferentes, algo como o seguinte: "E isto foi dito e feito para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta." A pergunta é: Não disseram e fizeram Isaías e os seus seguidores estas coisas expressamente com vista a tornar a sua profecia verdadeira? Se não tivessem feito assim e assado, não teria a profecia provado ser um fracasso total?

RESP.—Parece haver um equívoco total relativamente à antiga definição da palavra profecia, ou profeta. Em tempos antigos significava simplesmente poesia, ou o poeta. Hoje certas mentes—quase a maioria das mentes que pensam sobre o assunto de todo—parecem defini-la de forma inteiramente diferente. Para elas significa uma previsão do futuro—um trazer dos acontecimentos, até certo ponto, para o presente. Todos os profetas falados na Bíblia eram simplesmente poetas—pessoas que tinham o poder de combinar os seus pensamentos numa forma bela, poética, não tendo referência alguma a acontecimentos futuros—nem a menor. Pelo menos, se fomos devidamente informados relativamente a eles, podemos com verdade afirmar que eles próprios não pretendiam nos seus escritos prever o futuro. Pode questionar-se se seriam mais sábios do que sabiam. Talvez fossem.

Mas isto nós sabemos: que eles não eram considerados como previsores do futuro. Essas pessoas eram geralmente chamadas

videntes, videntes femininas, e em nenhum caso profetas. Não posso determinar para minha própria satisfação, nem o podia quando na terra, que os escritos de Isaías ou de qualquer outro escritor antigo tivessem qualquer referência direta à vinda do Messias, aquele que deveria salvar o povo dos seus pecados. Creio que esta ideia originou na ignorância e em mais lado nenhum. E se algo possa ter sido dado nos escritos de qualquer outro escritor antigo ou moderno que parecesse assombrar o futuro, creio que é apenas em aparência.

P.—Ao responder à pergunta relativamente à estrela que apareceu ao tempo do nascimento de Jesus Cristo—como publicado num número anterior do *Banner*—a inteligência que presidia parecia ter a crença de que a estrela de facto guiou os sábios até onde o menino jazia. [Ver Mateus ii: 9.] Poderá por favor perguntar à inteligência como seria possível para qualquer homem, sábio ou não, ter um edifício designado para si por uma estrela parada sobre ele, a menos que fosse um pequeno meteoro a não mais do que algumas centenas de jardas do edifício? Esta matéria tem-me intrigado frequentemente quando leio o relato referido.

R.—Não tenho a certeza de que o nosso Irmão Channing, que estava no controlo no dia referido, mantivesse a crença de que a estrela guiou os sábios ao local de nascimento de Jesus Cristo. Talvez mantivesse. Pela minha parte, vejo tanta causa para duvidar de muito do registo que possuem relativamente ao homem Jesus, que posso com verdade dizer que a dúvida está em maioria comigo. Se não soubesse por nenhuma outra fonte além do registo bíblico do homem que tal homem alguma vez tinha vivido, duvidaria da sua existência inteiramente. Mas felizmente sei por outra fonte que ele de facto viveu, que de facto figurou entre os filhos e filhas da terra em tal época.

Mas de novo digo, no que respeita ao registo bíblico, sou deixado na dúvida, pois há tanto de erro misturado com a pequena quantidade de verdade nele contida relativamente ao homem, que é muito difícil, extremamente difícil separar o joio do grão puro. Não creio em nenhuma interposição especial da assim chamada Divina Providência

no caso do nascimento de Jesus. Não creio que a estrela fosse chamada à existência simplesmente para anunciar o seu nascimento e que aquando da sua morte tenha deixado de existir novamente. Não o creio. Em todo o caso, não creio que tivesse qualquer referência especial quer ao seu nascimento quer à sua morte. A estrela poderia ter aparecido em tal época, ou desaparecido em tal época; isso não é nada de invulgar; mas que tivesse referência direta a Jesus, não posso crer.

P.—Têm melhores oportunidades no mundo espiritual para o crescimento espiritual do que tinham neste mundo?

R.—Certamente que temos. O espírito é mais livre. Desfez-se de exatamente tanto quanto era um entrave à sua existência. Subiu exatamente tanto mais alto, portanto tem exatamente tanto mais liberdade. As suas capacidades estão ampliadas e o que podia fazer muito fracamente aqui pode fazê-lo em grande escala ali.

P.—É apenas pelo cultivo das nossas naturezas moral e espiritual que entramos no reino do céu?

R.—Sim, quanto mais avançamos nas virtudes morais, quanto mais nos elevamos na moralidade, mais do céu possuímos. Quanto mais nos elevamos sobre as desarmonias que acompanham todas as ordens inferiores de existência, mais próximos estamos do céu. Quando fechamos os olhos às cenas discordantes do mundo exterior e entramos no armário das nossas vidas interiores, e ali mantemos uma silenciosa mas sagrada comunhão com o grande espírito que nos sustenta e ama, então é que se pode dizer que estamos às portas do céu. Quando estamos em paz com todo o mundo e connosco próprios, então estamos no céu. Não importa onde estejamos localizados, quer na terra quer nas esferas espirituais além da terra, é exatamente o mesmo.

P.—Quando uma pessoa trata outra com maus-tratos e a provoca a dizer e a fazer coisas que não são corretas, qual sentirá a maior

condenação na vida espiritual, a que provocou a ira ou a que não a refreou?

R.—Eu diria que a que provocou a ira sentiria o remorso mais agudo, e por esta razão: descobriria que não só tinha pecado contra si própria, mas contra a lei de outrem. Não só tinha pisado a sua própria lei mais elevada, mas fizera o mesmo pela de outrem; portanto, para mim pareceria que receberia dupla condenação.

P.—Como explica a palavra "vidente", como usada pelos antigos?

R.—Vidente é outro termo para clarividência, ou a condição espiritual—uma condição em que o espírito pode entrar no passado e no futuro, bem como no presente.

P.—Não profetizavam estes videntes, sendo como diz "mais sábios do que sabiam", acontecimentos reais?

R.—Talvez sim. Em todo o caso, não eram denominados profetas.

P.—Não devemos entender que a história contida na Bíblia é tão autêntica como as obras de Josefo?

R.—Não, de modo algum.

P.—Poderá dar as suas razões?

R.—Sim. Não há um único livro a compor o chamado Registo Sagrado que não tenha sido passado e repassado por influência sacerdotal. Uma e outra vez foi revisto e profundamente alterado, até que as suas verdades simples e originais se perderam quase por completo. É autêntico então, depois de ter passado por tal crisol? De modo algum.

P.—Acredito que sou o indivíduo desafortunado que teve a controvérsia com o Dr. Channing relativamente à estrela de Belém, e julgo que ele reconheceu que existiu tal estrela, que veio à existência aquando do nascimento de Jesus e se apagou aquando da sua morte. Gostaria de perguntar à influência se não é tão razoável supor que uma estrela veio à existência como que um anjo apareceu aos pastores e lhes predisse o acontecimento que estava prestes a dar-se em Belém?

R.—Não. Os anjos aparecem a homens e mulheres todos os dias no presente. Mas as estrelas não nascem à existência para satisfazer o capricho de nenhum indivíduo. As leis naturais não são infringidas. Os anjos velam sobre a vinda de cada pequeno bebé neste mundo, e a algumas almas amorosas e à espera eles falam da sua vinda, e é-nos dito que em alguns casos prefiguram o seu futuro. Mas isto é de acordo com a lei natural. A lei que governa sistemas e mundos não pode ser infringida impunemente. Não creio em nada de milagroso na Natureza. E nada conheço fora da Natureza. Quando tento dar um passo além da fronteira da Natureza, não estou em lado nenhum; estou sobre o nada. Não tenho sequer a Deus como meu sustentador. Nada me defende. Assim, pois, se vivo de todo, devo viver dentro da fronteira da lei natural; essa lei que cuida da mónada e do mundo; essa lei que molda estas flores e as nossas almas; essa lei que ninguém pode infringir. Podem falar em quebrar as leis de Deus; mas é tudo conversa. Não o podem fazer.

P.—Há alguma coisa impossível para Deus?

R.—Certamente que para mim há. O quebrar da sua própria lei seria uma impossibilidade. Ele destruir-se-ia a si próprio e aniquilaria todas as formas que estão em ser. Não creio que Deus possa dar um passo fora de si próprio. Ele deve viver sempre no seu próprio ser. Para realizar um milagre, de acordo com a minha ideia, ele teria de dar um passo fora de si próprio, teria de pisar a sua própria lei, teria de desconsiderar totalmente tudo aquilo que constitui a lei da vida. Não, não creio que seja possível a Deus criar um mundo em seis dias, ou em seis mil anos, nem em seiscentos mil anos. Não; para mim há muitas coisas impossíveis, até mesmo para Deus.

P.—O que se entende por eleição, como falada na Bíblia?

R.—A Bíblia fala de um grande número de coisas tolas. Significa simplesmente isto, e nada mais: um reflexo da ignorância, do fanatismo e do sectarismo sacerdotais. É esse espírito que diz: "Sou mais santo do que tu. Há um reino do céu para mim, mas não para ti."

3 de Fev.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Tem perguntas, Senhor Presidente? Se assim for, estamos prontos para falar a seu respeito.

PERG.—Quando um homem morre, morre uma parte da sua natureza com o seu corpo? Refiro-me aos seus órgãos de apetite e paixão.

RESP.—Sim, o efeito desses apetites e paixões morre com ele, ou passa com ele para o mundo espiritual propriamente dito. Ou talvez possamos declarar mais definitivamente o nosso significado referindo-o para o corpo espiritual—a estrutura orgânica através da qual o espírito se manifesta após a morte. É constituído pelas circunstâncias desta vida. Nem uma única circunstância através da qual passa aqui falha no seu efeito de estampar uma impressão sobre o corpo espiritual. Aquando da morte a parte interna, inteligente, sabendo que deve encontrar expressão através da vida orgânica, tem a sabedoria de recolher essa vida orgânica a partir das condições humanas pelas quais está cercado.

Constitui o seu corpo a partir das experiências da vida humana—essa vida humana que pertence ao corpo através do qual se expressou na terra. Sendo isto verdade, é claro que esse corpo espiritual é apenas um reflexo ou efeito das circunstâncias da vida. Todos os apetites e paixões estão ali representados, e o espírito deve falar ou expressar-se de novo através de condições correspondentes da vida terrena. Assim, pois, o bêbedo carrega os efeitos da embriaguez para outra vida, o ladrão carrega o efeito das suas propensões para lá também, o

sensualista carrega também o seu. Um temperamento físico bem equilibrado produz a melhor estrutura orgânica espiritual. Todos deveriam lembrar-se disto: esses temperamentos físicos que são os melhor equilibrados produzem para vós a própria melhor veste de núpcias de que a Natureza vos pode fornecer. Depende muito da vossa ação inteligente nesta vida quanto ao que os vossos corpos serão na próxima.

P.—O que quis Cristo dizer ao dizer aos seus discípulos que onde dois ou três estivessem reunidos em seu nome, aí ele estaria também?

R.—Ora, suponha, por exemplo, que um dos seus amigos íntimos que estivesse prestes a partir para as esferas espirituais lhe dizia: "Quando vos reunirdes, aqueles de vós que são meus amigos, pensando em mim, chamando por mim, estarei com certeza lá." Jesus disse o mesmo. Ele compreendia as leis da vida magnética e elétrica, e sabia que seria capaz de regressar e tornar-se tangivelmente presente para eles pela sua atração magnética, pelo seu intenso pensamento nele, pelo amor que levaria deles para o mundo espiritual. Era uma grande estrada para ele, e é-o para todos.

P.—Existe um diabo a existir fora da mente humana?

R.—O maior, o mais perfeito diabo que alguma vez conhecemos teve existência na mente humana—nessa porção dela que é o resultado da instrução humana. O diabo, como uma personalidade distintiva, é uma coisa do tempo, um algo que foi elaborado através do vosso imperfeito sistema educativo. Vós sois aqui educados, religiosa, moral, intelectual e fisicamente, e essa porção a que chamamos imperfeita, que percorre todo o sistema por inteiro, é a que produziu este diabo pessoal. Fez os seus cornos e os seus cascos, e todos os seus vários apêndices, e chamou a humanidade a exercitar um temor a seu respeito; mas é tudo o resultado de uma falsa instrução. Aquelas pessoas que nunca foram de todo educadas em tais matérias não têm pensamento num diabo.

P.—Não é a ciência um dos maiores e mais importantes estudos no mundo espiritual?

R.—É o fundamento de todos os verdadeiros sistemas educativos. É a única base verdadeira sobre a qual a inteligência pode confiar para informação, quer aqui quer ali. Todos os espíritos, quando se despojam da forma mortal e se elevaram além dos preconceitos incidentes à vida humana, quando começam a desejar saber mais relativamente a si próprios e ao que os rodeia, começam imediatamente acompanhados pela ciência; e esta acompanhante nunca os abandona. Nunca ficam satisfeitos com qualquer demonstração que não seja verdadeiramente científica, que não possa ser resolvida até um ponto claro além de disputa. E seria muito melhor para os nossos religiosos da terra, para os nossos moralistas, e de facto muito melhor para todas as classes de seres, se adotassem um plano semelhante e investigassem nele pela ciência. Seja a ciência a base da vossa religião; e não venerem em nenhum santuário que não seja um santuário científico. Quando fizerem isto, raras vezes terão ocasião de olhar para trás com desgosto sobre os muitos erros que cometeram.

P.—Uma senhora é influenciada a escrever estes caracteres, dos quais deseja uma explicação, se for possível.

(O manuscrito foi colocado diante da médium e, depois de lhe tocar com os dedos, o espírito respondeu:)

Guardam uma semelhança muito impressionante com caracteres chineses; diríamos que eram tais.

4 de Fev.

PERG.—De que fonte brotou o credo Ortodoxo, e por que leis é sustentado?

RESP.—Não podemos responder a essa pergunta de melhor modo do que dizendo que brotou de uma fonte ignorante. É sustentado pela mesma fonte. A sua sentença de morte será escrita e assinada pela mesma fonte; pois quando a ignorância tiver sido tornada sem vida

através do contacto com a sabedoria, então passará, como é evidente, para fora de existência.

P.—É possível a um ser finito praticar um ato infinito?

R.—Num sentido todos os atos são infinitos, porque pertencem à eternidade. Nunca se perdem; uma vez tendo tido existência, estão sempre em existência; portanto, neste sentido, é possível a um ser finito aproximar-se pelo menos do infinito nos seus atos humanos.

P.—Pode o homem produzir movimento contínuo ou perpétuo, não usando nenhum material exceto madeira e metais?

R.—Certos cientistas afirmam que isto pode ser feito e, mais ainda, que será feito. O seu orador não tem a certeza a esse respeito, portanto não pode dar resposta definitiva.

P.—Não está mais de metade da nossa Bíblia expressa em linguagem figurada?

R.—Sim, quase toda ela.

P.—Estamos sob qualquer obrigação de acreditar em passagens na Bíblia em que não podemos acreditar que sejam verdadeiras?

R.—Não; mas estão sob obrigações infinitas de desacreditar delas.

P.—Qual é a natureza química do fogo? É um álcali ou um ácido? Não é ele o elemento unitário de toda a natureza ou substância?

R.—É-nos dito por aqueles que fizeram deste assunto um estudo que ele mantém no seu abraço todas as coisas pertencentes a esferas naturais. Portanto, como é evidente, contém todos os elementos pelos quais a vida humana tem a sua existência, e existe também em todas as coisas. É-nos dito por certos cientistas que não há nada no universo que esteja desprovido da existência do fogo.

A inteligência notou então:

Temos agora algumas palavras a dizer relativamente a estas cartas (as cartas colocadas sobre a mesa para respostas pelos invisíveis). Parece haver, até certo ponto, um equívoco relativamente a elas. As pessoas que recebem respostas indefinidas e vagas não podem compreender por que razão não recebem respostas claras e satisfatórias, como os seus vizinhos talvez consigam.

A falta, em nove casos em dez, reside nelas próprias. Elas, não compreendendo as leis que governam no caso, falham em obedecer-lhes; portanto ficam desapontadas nas suas respostas. Deveria ser entendido que apenas um tempo muito curto, digamos alguns segundos, pode ser dedicado a qualquer carta, e por esta razão: uma certa quantidade de poder magnético é abstraída e usada a partir da médium na resposta às cartas. Aqueles que estão no controlo sabem exatamente quanto pode ser tomado sem dano para o sujeito, e deve ser dividido de acordo com as exigências de cada carta; algumas exigem mais, algumas menos. Mas se não há poder pelo qual a carta possa ser respondida, certamente não pode haver resposta. Ora, a fim de assegurar uma resposta que seja em qualquer extensão satisfatória, cada carta deveria conter apenas uma pergunta, ou duas no máximo. E essas perguntas deveriam ser de um caráter que possa ser respondido por algum dos amigos espirituais que o escritor possa ter no mundo das almas. Muitas das perguntas, lamentamos dizê-lo, são de um caráter muito frívolo, pertencendo mais às coisas deste mundo do que às coisas do outro; mais a circunstâncias mundanas do que a circunstâncias da alma. Por exemplo, o Sr. B. pergunta: "Devo casar com a Sra. C.?"

Ora olhem para o absurdo da coisa; e vice-versa. Um homem pergunta: "Devo vender certas mercadorias a tal preço?"

Outro pergunta: "Terei sucesso em tal empreendimento?"

Outro: "Devo ir para Oeste?" Outro: "Devo ir para Este?"

E outro: "Receberei uma carta de tal amigo em tal altura?"

Todo o tipo de tais perguntas são feitas. Supõem que os habitantes do mundo espiritual não têm nada melhor para fazer do que regressar aqui como mensageiros nessas matérias sobre as quais os senhores podem responder melhor por vós próprios do que eles? Em todas as matérias de interesse vital os vossos amigos responderão de bom grado, quando puderem entrar em *rapport* com o sujeito que está a responder às cartas, e com verdade, também. Mas onde a vossa pergunta é de um caráter vago, incerto, sem vida, a resposta será, como é evidente, correspondentemente tal.

Se querem boas respostas, escrevam boas perguntas. Lembrem-se disto. É para o vosso bem que falamos. Querem a verdade, e a mais elevada, a melhor que vos pode ser dada. Então, ao procurá-la, procurem do modo mais elevado e melhor possível; pois só através dos vossos próprios bons esforços vos podem ser trazidos bons resultados. Lembrem-se de que sois de tão grande necessidade nesta comunhão da alma como aqueles que estão fora da vossa vista. Estais numa ponta do fio, eles na outra. Se deixais cair a vossa, se não desempenhais a vossa parte do dever, como podeis esperar que eles sejam capazes de fazer a deles e a vossa também? Não podeis fazer a parte deles no trabalho, nem eles podem fazer a vossa. Ora entendam-nos quando dizemos que todas as perguntas que tenham alcance sobre os vossos interesses mais elevados, feitas com honestidade, com sinceridade, para ganhar sabedoria, para obter o bem ou fazer o bem, serão sempre honestamente, se não claramente, respondidas.

A clareza estará em correspondência com a proximidade e o poder do espírito a quem chamaram para responder. Se eles puderem vir para dentro da esfera imediata e controlar pessoalmente, então as vossas respostas não podem deixar de ser satisfatórias; mas por vezes são respondidas por procuração. Aqueles a quem chamam não podem vir, talvez, nem sequer para dentro do círculo exterior, e muitos médiuns podem ser usados na transmissão da sua resposta até esta esfera mundana. Em alguns casos, de novo vos dizemos, eles vêm em

comunicação pessoal; então a vossa resposta é geralmente muito clara. Esperamos não ser obrigados a voltar a este assunto de novo. Queremos fazer-vos todo o bem que pudermos. Queremos abrir o caminho para vós tão depressa quanto estejais preparados para andar nele. Queremos levar-vos suavemente sobre os lugares ásperos da vida. Pedimos em contrapartida o vosso amor, os vossos bons desejos, não só para connosco, mas para com todos por quem estais cercados.

6 de Fev.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Senhor Presidente, estamos agora prontos para considerar as suas proposições.

PERG.—Está o mundo espiritual localizado numa grande faixa na Via Láctea, como Andrew Jackson Davis nos diz? Ou está todo ao nosso redor, como afirmado pela inteligência a controlar a Sra. Bullene na noite de domingo, 9 de fevereiro?

RESP.—O mundo espiritual está onde quer que um espírito possa habitar, quer no corpo quer fora do corpo. Há milhões de espíritos desencarnados que fazem o seu lar aqui convosco. Este é o mundo espiritual deles. Há milhões que fazem o seu lar muito longe da atmosfera da terra. Esse é o mundo espiritual deles. Onde quer que um espírito possa habitar, aí está o mundo espiritual.

P.—Estamos sujeitos a transformações na vida espiritual semelhantes à morte na vida terrena? Se assim for, qual é a duração da vida de um espírito até essa transformação?

R.—O espírito está constantemente a passar por diferentes transformações, gradações da mente, bem como da matéria. Parece não haver tempo especial marcado para qualquer transformação definida vir a qualquer espírito. Estas vêm de acordo com as necessidades do espírito, sempre.

P.—Qual é a lei de classificação na vida espiritual? É a nacionalidade a distinção, como na terra? Por outras palavras, somos distinguidos como ingleses, franceses, alemães, etc.?

R.—As características peculiares do local de morada mortal do espírito são carregadas pelo espírito para o mundo espiritual, consequentemente o americano é o americano ainda; o escocês é o escocês ainda; o negro é ainda o negro; o índio é ainda o índio. Com certeza há uma grande diferença entre a vida espiritual americana e a vida física americana, contudo, quando reduzidas a características, encontramo-las quase idênticas. Será muito fácil para si detetar um da sua própria nacionalidade mesmo depois da morte.

P.—Qual é a linguagem da vida espiritual? Certamente, se os espíritos têm órgãos vocais, devem ter linguagem.

R.—A linguagem corresponde às necessidades do espírito. No mundo espiritual a visão é transformada em perceção. A linguagem, em grande extensão, está ligada à lei da perceção. E contudo é uma característica distintiva. Há som no mundo espiritual. Não é tudo silêncio, de modo algum. Há forma. As formas mudam. Há uma grande variedade de sons. Todas as diferentes línguas da terra, como de todos os planetas habitados, estão representadas no mundo espiritual. A linguagem tem um espírito, como a flor tem um espírito. O espírito da flor é a fragrância ou as exalações peculiares da flor. A linguagem tem as suas exalações, a sua atmosfera, o seu espírito, e é isso que existe depois de o espírito passar para fora do corpo. É isso que vai com o espírito. É isso que o espírito emprega na comunhão com os seus semelhantes após a morte.

P.—Diz que há sons no mundo espiritual. São ecos da terra ou são causados por espíritos no mundo espiritual?

R.—Não são ecos da terra, de modo algum. O som tem também o seu espírito, a sua parte pura, mais glorificada, e é dessa que os espíritos fazem uso. Tendes os vossos sons musicais aqui. Nós temos os nossos ali. Os nossos são os mais etéreos, os mais gloriosos, os

mais belos, os mais perfeitos. Cada som peculiar na terra lança a sua própria atmosfera, ou luz, ou espírito peculiar, e é desse que os espíritos fazem uso no mundo espiritual propriamente dito, ou nessa condição de vida que se segue à transformação chamada morte.

P.—Criou Deus o mundo? Se assim for, quando, e quanto tempo esteve ele a fazê-lo?

R.—A Igreja Cristã diz que ele esteve seis dias, e ficou muito cansado, e foi obrigado a descansar no sétimo. Nós não aceitamos esta noção, sabendo que é inteiramente errónea. Nem aceitamos a noção de que o mundo tenha sido alguma vez criado, pois para nós o termo significa o chamar de algo a partir do nada. Fomos ensinados a crer, e mais, sabemos, pela observação, pela pesquisa paciente e diligente, que a matéria tem marchado ao longo de diferentes gradações desde tempos imemoriais. Nunca houve um tempo, no quanto somos capazes de aprender, em que a matéria não existisse. Vá-se tão atrás no passado quanto é possível para a clarividência ir, e ainda encontramos matéria, forma, espírito, vida, inteligência, e encontramos também que a mente e a matéria, no que respeita à expressão, estão perpetuamente a mudar, e temos todas as razões para crer que essa vida, a essência, o poder por trás da matéria, é para todo o sempre o mesmo.

As formas parecem ser elaboradas a partir do nada; mas certamente não o são. É apenas em aparência. A atmosfera parece não conter nada, exceto certos gases necessários à vida humana. Mas será assim? Não; contém ouro, prata, madeira, pedra; todo o tipo de metais, todo o tipo de vida vegetal, animal, espiritual, têm uma existência ali. Em forma? Não, não classificados, contudo sujeitos a classificação, sujeitos a forma. Então podemos dizer que a atmosfera cria em conjunção com a terra e o sol. Será assim? Não. Faríamos melhor em dizer que as formas nascem da influência combinada das várias leis que governam no universo. Deus fez o mundo pela lei. Está terminado? Não. Estará alguma vez? Não sabemos; mas temos todas as razões para crer que, se alguma vez estiver, nunca terá um fim absoluto.

Não havendo mais perguntas, a inteligência notou:

Recebemos uma pergunta de certas partes que tiveram uma participação bastante extensa na recente rebelião. A pergunta é esta: "O que creem os espíritos—essa classe de espíritos que, nos é dito, estão a velar sobre os destinos desta nação—relativamente ao direito do Congresso de legislar para os Estados do Sul? Na opinião deles, é correto ou errado?"

Algumas palavras simples de senso comum definirão a nossa posição. Ao olhar além do mero externo da pergunta proposta para a nossa consideração, achamos que aqueles que a propuseram estão ainda firmes sobre solo rebelde, no que respeita a este governo. Mantêm-se ainda fiéis às suas noções peculiares, que mergulharam esta nação na guerra civil, e estão tão relutantes em desistir delas como uma mãe estaria em entregar o seu bebé às chamas. Parecem mantê-las como algo sagrado para si próprios, um algo que têm o direito de manter. Pois bem, ninguém questiona o direito, quando considerado sob um ponto de vista; mas quando considerado sob outro, cada coração honesto e leal questionará o direito.

Pausemos e consideremos, por um momento, o que foi rendido quando o Gen. Lee e o Gen. Johnston se renderam ao exército da União. Foram meramente alguns apetrechos militares? Ou foi algo mais profundo, algo de mais valor, algo de importância mais vital? Para a minha mente foi o segundo. Uma das principais noções mantidas pelo Sul antes da rebelião—e é mantida hoje, como então—é esta: o direito de soberania dos Estados; que cada Estado deveria fazer as suas próprias leis e governar os seus próprios negócios internos; mas parecem esquecer que isto só pode ser feito em harmonia com a constituição nacional, com o governo geral.

Ora, como esta noção de soberania dos Estados foi uma das características principais que levaram à guerra civil, uma pela qual eles lutaram—assim nos dizem—claro que essa, com outros direitos, foi rendida na altura em que Lee e Johnston se renderam a Grant. Os

Estados rebeldes disseram virtualmente: "Depositamos aos vossos pés, sujeitos à vossa disposição, tudo aquilo que alimentou esta guerra civil e aquilo que a gerou. Estamos civil e politicamente à vossa disposição." A rendição em palavras claras significava isto: "Vós sois a parte mais forte; nós somos a mais fraca. Vós considerais que estivemos em rebelião contra o governo. Lutastes contra nós. Vencestes. Não podemos lutar mais. Rendemo-nos. Fazei de nós o que vos parecer bem."

Ora, se o direito de soberania dos Estados foi rendido nessa altura, o povo leal do Norte, e o Congresso, têm o direito de legislar para os Estados do Sul que estiveram em rebelião. Quem lhes deu esse direito? Ora, o Sul deu-lho. É em vão argumentar que a Constituição prevê de modo diferente; quando nos lembrarmos de que aqueles que estiveram em rebelião eram fora-da-lei em relação à Constituição, falaremos de modo diferente. A Constituição foi anulada por eles. Eles pisaram-na sob os seus pés. Não reconheceram as exigências do governo. Foram para a guerra contra ele; e porque o fizeram, tornaram-se fora-da-lei. Não têm o direito de fazer leis, nem sequer para si próprios. Eles, no que à política respeita, cortaram-se do governo, e deveriam estar dispostos a esperar e ver como o governo disporá deles. Até agora tem sido muito leniente, quase demais.

Vemos que o Congresso está certo no curso que tomou nessa matéria. O Congresso tem o direito de legislar para estes Estados rebeldes. Eles não têm o direito de legislar para si próprios. Não deram provas de que são leais, ou de que o serão—nenhuma que seja suficiente. Tempo e boas obras, fé inquebrável, são os únicos remédios que podem ser buscados com algum grau de esperança no seu caso. A nação está hoje a passar por uma luta maior do que aquela por que passava há três, quatro anos. As nuvens pairam mais pesadas hoje do que pairavam então. Não obstante uma grande nuvem, uma mancha poderosa ter sido limpa, contudo há outras de que dispor. A guerra da mente é mais terrível do que a guerra da espada.

Antes de encerrar, pediríamos que os amigos que nos enviaram a pergunta que acabámos de considerar brevemente, se não estiverem

satisfeitos com a nossa resposta, continuem o assunto mais além. Vejamos o que têm a dizer—até que ponto se podem defender. É possível que mudemos de táticas, mas não esperamos fazê-lo.

10 de Fev.

PERG.—Haverá uma corrente de eletricidade a circunscrever este mundo de que o homem mortal não esteja ainda inteirado?

RESP.—É dificilmente possível dar uma resposta clara e definitiva a essa pergunta. Há tantos estados e condições de eletricidade de que o homem está totalmente desinformado, que estaríamos muito seguros em responder afirmativamente; mas talvez, se o fizéssemos, pudéssemos levar o seu correspondente um pouco enganado; portanto pode ser melhor responder desta forma: A terra move-se numa atmosfera que é peculiar a si mesma. É tanto elétrica como magnética. Ambos esses elementos estão constantemente a atuar e agir reciprocamente um sobre o outro, preservando sempre as mais perfeitas e harmoniosas relações entre si. E, em consequência das suas relações harmoniosas, a terra passa por certas transformações inequívocas, ciclos periódicos. Das influências magnéticas e elétricas que cercam a terra dependem as estações, dependem o dia e a noite e, até certo ponto, talvez em grande extensão, todas as expressões da vida que existe na terra dependem. Um sermão muito longo poderia ser pregado sobre este assunto; o campo é extremamente vasto; mas como o nosso tempo é limitado, seremos obrigados a parar sem ir mais além.

P.—Por favor explique essas palavras de Jesus encontradas no Evangelho de S. Lucas, capítulo nono, versículo sessenta, que dizem: "Deixa aos mortos o enterrar os seus mortos", em resposta a um certo homem que dissera: "Senhor, eu te seguirei para onde quer que fores, mas permite-me primeiro ir enterrar meu pai."

R.—Jesus sem dúvida percecionou que o homem com quem conversava tinha sido ressuscitado para uma nova vida espiritual. Ele já não estava morto nas coisas velhas, velhas formas, velhas cerimónias. Ele tinha-se tornado profundamente vivo para a verdade.

Ele também percecionou, sem dúvida, que outros membros da sua família estavam mortos, absolutamente mortos, para os seus ensinamentos e para as verdades que eram proferidas por ele, para todos esses instintos mais divinos da alma que levam a alma para fora do passado e para dentro do presente. Portanto ele diz: "Deixa aos mortos o enterrar os seus mortos; certos dos teus amigos estão mortos para a verdade, mortos para a nova vida com que foste batizado, tão mortos como a forma que pedes para ir enterrar. Deixa-os cuidar dela. É melhor que eles o façam do que tu deixares a tua ocupação espiritual para enterrar os mortos."

P.—Se este Espiritualismo é o que pretende ser para o erguimento da humanidade, não deveriam os nossos médiuns estar cercados pelo tipo mais elevado de civilização intelectual e moral, de modo a que espíritos da ordem mais elevada se possam manifestar através deles?

R.—Essa condição é certamente algo a ser desejado, mas não é absolutamente uma necessidade. O espírito que regressa não faz uso da lei moral pertencente ao médium. Apenas faz uso da lei física. O corpo físico torna-se apenas um instrumento nas mãos do espírito estranho. Mas se todos os médiuns estivessem cercados nas suas vidas terrenas por boas influências—essas a que chamais elevadas e sagradas—então atrairiam sempre para si, em virtude dessas envolventes, o mais elevado; mas o mais baixo acharia muito difícil vir. Aquilo que provaria ser um agente tão excelente para um, provaria ser um obstáculo muitíssimo formidável para o outro. Uma Providência sábia fez a seleção dos seus sujeitos a que chamais médiuns a partir das camadas intermédias da vida. Jesus foi encontrado a comer e a beber com publicanos e pecadores. Tão frequentemente estava na companhia deles que os seus opositores lhe chamavam comilão e beberrão. Ele estava entre o elevado e o baixo. Anjos ministravam-lhe desde cima, diabos vinham ter com ele desde baixo. Ele pregava a uns, recebia dos outros. Se observardes de perto, verificareis que tem sido sempre assim. Os nossos médiuns são cuidadosamente selecionados a partir das camadas intermédias da vida humana, pois a partir desse plano eles podem ser tornados capazes de

fazer o maior bem. Podem receber o máximo, podem dar o máximo a partir desse plano.

"Há uma divindade que molda os nossos fins,
Por mais que os esbocemos grosseiramente."

Há um poder por trás de toda a vida que molda e afeiçoa todas as coisas, todos os pensamentos, todas as exibições da mente e da matéria, e quer confiemos nele quer duvidemos dele, ele mover-se-á no seu curso poderoso exatamente do mesmo modo.

P.—É a linguagem a maior prova que os espíritos podem dar para satisfazer o povo? Se o não é, que melhor prova podemos ter?

R.—Essa pergunta é posta de uma forma muito indistinta e vaga. Provavelmente a nossa resposta pode ser correspondentemente vaga. Todos os espíritos que se manifestam àqueles que não se despiram ainda da carcaça mortal fazem uso de quase todo o tipo concebível de forma como seus agentes no processo de regresso. São mesmo tão pouco dignificados quanto inclinar as vossas mesas e fazer sons sobre elas. Respondem aos vossos pensamentos mais íntimos, por vezes pela linguagem, e muitas vezes de muitos outros modos. Tudo se torna um médium para o espírito. Aquele que disse: "Dar-vos-ei domínio sobre as aves do ar, sobre os peixes do mar e sobre todo o réptil que se arrasta", poderia ter dito: "Dou à alma domínio sobre todas as coisas", e tendo-lhe dado esse domínio, tudo pode ser tornado seu servo. Todas as coisas são médiuns, desde o grão de areia sob os vossos pés até à mais fina máquina, o corpo humano. A linguagem é um dos veículos pelos quais a alma se expressa, mas é apenas um.

P.—É a observância dos dias de Sabat cristão e judaico indispensável ao homem numa comunidade civilizada como um dia de descanso e meditação sobre a bondade e amor de Deus?

R.—Não, não é indispensável. É bom separar uma determinada porção de tempo para ser devotada a propósitos espirituais. Se uma determinada parte não fosse separada e devotada a propósitos

espirituais, ireis muito em breve cair no materialismo do modo mais profundo. A igreja declara que as suas cerimónias são uma necessidade para a salvação da alma. Mas é apenas uma declaração da igreja, e não de Deus. Todos os dias são dias sagrados, dias de Deus, e deveriam ser preenchidos com atos de que nunca vos venhais a envergonhar, tais como estejais dispostos a encarar na terra das almas.

P.—Como não há perdão na lei nem na Natureza, como será o pecador salvo senão pela graça, ou através da expiação de Cristo?

R.—Sempre que nos colocamos em antagonismo com a lei, a lei despedaça-nos. Não faz diferença quer compreendamos a lei quer não; ela atua exatamente da mesma forma no caso da ignorância como onde a parte é antagónica a ela com conhecimento. Não há perdão para os pecados—em lado nenhum. Quem quer que se coloque em antagonismo com a lei, deve receber a pena que a lei lança sobre ele. O fogo queima-vos, a água afoga-vos. Se passardes acima de uma determinada camada da atmosfera terrena, não podeis existir na vida humana. Deveis habitar dentro de uma determinada esfera a fim de manter a máquina em ordem de funcionamento.

Deveis obedecer às leis da vida, quer espirituais quer físicas, a fim de estardes em harmonia com elas; e se sois desobedientes a elas, sois punidos. Não há perdão. Deveis pagar a pena, até ao último centavo. Nenhuma interposição de Cristo ou Confúcio é necessária. Ninguém pode interpor-se em vosso favor. Eu acreditei nesse dogma quando aqui estava, mas graças a Deus pu-lo sob os meus pés agora, e estou, por assim dizer, como a figura de Miguel Arcanjo, com o mal sob os meus pés. Sei não apenas por crença, mas por longa experiência, que nenhum Cristo pode vir entre nós e os nossos pecados e abrigar-nos da lei. A lei atuará sobre nós, e quando o seu ato estiver feito podemos ir à nossa vida e pecar de novo se quisermos, e receber outra punição, ou podemos aprender pelo que já recebemos.

P.—Não foram o trono, a lei e a Geena criados antes da terra?

R.—O questionador parece estar a debater-se numa vaguidão tão vaga que o não podemos seguir. Não cremos em nenhum tipo de criação. Cremos no crescimento, sob a lei, mas não na criação. Negamos que a terra tenha sido alguma vez criada. Negamos que qualquer tipo de forma de vida tenha sido alguma vez criada. Sabemos que tudo é um crescimento a partir da lei—nenhuma criação. Isso significa um chamar por algo a partir do nada. Não cremos nisso.

11 de Fev.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Estamos agora prontos, Senhor Presidente, para considerar quaisquer perguntas que possa ter para propor.

PERG.—Quais são as reivindicações do Espiritualismo, quando vistas à luz de um teste comum, que é tão justo para uma classe como para outra, a saber: "a árvore conhece-se pelos seus frutos"?

RESP.—As reivindicações do Espiritualismo são tão vastas, tão profundas, tão elevadas quanto o próprio Espiritualismo é. O Espiritualismo reivindica homenagem de todas as coisas—o verdadeiro Espiritualismo, não aquele que o é apenas no exterior, mas aquele que o é na sua vida interna. Os opositores dos Espiritualistas e do Espiritualismo determinam por vezes de forma muito dura relativamente ao "ismo" e aos "istas". Dizem-nos que não determinaram de forma imprudente ou injusta, pois julgaram pelos frutos que percecionam. Está certo. Os Espiritualistas deveriam ser julgados e deveriam esperar ser julgados pelo fruto que dão, pela luz moral que são capazes de verter sobre a humanidade, pela era de ouro que se espera que eles inaugurem.

Os Espiritualistas deveriam esperar ser pesados na balança da opinião pública e, se forem achados em falta, deveriam lembrar-se de que não só eles sofrerão, mas a sagrada causa que representam. Cumpre a cada um que reivindica comunhão com os anjos andar honestamente, retamente nessa fé, mantendo a regra de ouro onde a possa ver, fazendo dela uma parte da sua vida, estando sempre em

harmonia com ela, e nunca em nenhum momento permitindo-se estar em antagonismo com ela.

Quando considerado em conjunção com os desenvolvimentos externos de alguns Espiritualistas, o Espiritualismo não suportará teste algum. Se estivesse dependente de alguns dos seus expoentes para o mérito, para o valor real, seria achado tristemente em falta; mas graças a Deus, não depende de nenhum "ista", seja ele qual for. Na medida em que é puro e imaculado em si mesmo, pode marchar através das eras sem mancha, e aquelas pessoas que são capazes de olhar além da mera superfície borbulhante e espumante podem vê-lo na sua pureza. Espiritualismo ou espiritualismo—e os Espiritualistas diferem—há uma larga linha de demarcação entre os dois. Um é uma mera sombra, o outro é a realidade. A fim de testar o Espiritualismo, em nome de Deus não o teste através de Espiritualistas. Lance-o na balança em toda a sua pureza, e pese-o, e ele não poderá ser achado em falta.

P.—Há necessariamente algum antagonismo entre as doutrinas fundamentais do Cristianismo e as do Espiritualismo?

R.—Não, são duas correntes da mesma fonte, e todo o antagonismo que existe entre elas foi constituído pela ignorância daqueles que não compreendem nem o Cristianismo nem o Espiritualismo.

P.—O espírito disse na última terça-feira que Cristo comeu com publicanos e pecadores, como resposta à pergunta relativamente às envolventes dos nossos médiuns. Cristo estava cercado por todas as influências puras e sagradas. Ele não vivia todo o tempo com publicanos e pecadores nem com beberrões. A sua vida era pura e sagrada, como tanto a história sagrada como a profana nos ensinam.

R.—Tanto a história sagrada como a profana afirmam claramente que, no que respeitava às circunstâncias externas de Cristo, ele habitava com publicanos e pecadores. Embora o seu correspondente tenha percecionado a luz de uma fonte diferente daquela de onde a percecionámos, não moveremos guerra contra ele ou ela. Não

pretendemos negar que Jesus estivesse cercado em espírito por influências elevadas e sagradas; influências que vinham dispersar as trevas e verter a luz; influências que vinham elevar a humanidade pisada; influências que vinham dizer à prostituta: "Nem eu te condeno—vai e não peques mais"; influências que estavam sempre prontas, à direita e à esquerda, para abrir as portas do céu e fechar as portas do inferno; mas no externo, no que respeitava às influências deste mundo, Jesus estava constantemente em tentação. Isto sabêmo-lo. Não é especulação connosco. Sabêmo-lo.

P.—Está o sangue humano, quando num estado saudável, cheio de minúsculos animais vivos?

R.—Certamente que está, aliás seria matéria inerte.

P.—É verdade ou não, como afirmado por um químico alemão, que uma gota de sangue humano magnificada vinte milhões de vezes mostra espécimes de todos os animais que a terra alguma vez produziu, ou formas aparentadas com eles?

R.—O seu orador não está suficientemente versado nesse ramo da química para dar, no que a si próprio respeita, uma resposta afirmativa, contudo creio que é muito possível que o químico possa estar certo.

13 de Fev.

PERG.—Gostaria de fazer uma pergunta relativamente às doenças das crianças, tais como erupção de aftas, escarlatina, difteria, crupe *(laringite)*, sarampo, etc. O que tem a prática universal de comer nozes, bolos, confeitaria, fruta e, de facto, comida ou iguarias de todo e qualquer tipo, a toda e qualquer hora do dia, regular ou irregular, a ver com a causa ou produção destas doenças, que são tão virulentas e muitas vezes fatais? Também a prática quase universal de vestir excessivamente algumas partes do corpo da criança e deixar algumas partes (geralmente as extremidades) quase desnudadas? Penso que

mais luz sobre este assunto seria uma bênção incalculável para esta nação *yankee* "rápida", elegante, frívola e tola num clima agressivo e irregular.

RESP.—O povo americano é demasiado afeiçoado a imitar as modas de outras nações, independentemente do clima em que existe. A moda lidera. Tudo o resto deve ser subordinado a ela. Não importa quantas sepulturas pequenas estejam nos adros das igrejas, quantos espíritos pequenos esperem pela vinda dos seus pais. A moda, com mão implacável, governa, e a pobre e fraca humanidade curva-se diante deste Deus em toda a humildade. Não há mais homenagem prestada a nenhum Deus do que a este. Não são oferecidos mais sacrifícios do que a este. Podeis percorrer toda a gama do culto cristão e pagão, e não encontrareis em lugar nenhum registadas provas de mais sacrifícios do que os que foram feitos a este mesmo Deus da Moda, para vergonha de nações inteligentes seja dito. Os homens da medicina informam-nos de que essas doenças que parecem ser incidentes à infância podem em parte ser atribuídas à moda, a moda peculiar de comer e beber, e aquela que é peculiar ao vestuário. Informam-nos também de que o mal tem sido transmitido de geração em geração pelas falsas relações que os seus pais mantinham com a Natureza e as leis da Natureza.

A Natureza ensina-nos que no quanto nos familiarizamos com as suas leis e lhes prestamos obediência, no tanto nos tornamos saudáveis e harmoniosos; a doença passa. A fim de alcançar a causa de todos estes males que estão a prevalecer entre vós, deveríeis começar nas próprias raízes. Matai-as. Sede determinados em não deixar nada. Ponde de parte o Deus da Moda e no seu lugar venerai o Deus da Natureza. Prestai tanta homenagem ao Deus da Natureza quanta prestastes ao Deus da Moda, e muitos dos vossos males desaparecerão. É absolutamente impossível para uma geração, ou talvez uma dúzia, erradicar estes males. Eles cresceram lentamente sobre vós, e devem tão lentamente passar. Nós das esferas espirituais temos toda a esperança no vosso caso. Sabemos que o homem está a marchar firmemente, e depressa também nesta era, em direção a uma luz mais elevada, em direção a uma compreensão mais perfeita de

Deus e das suas exibições através da Natureza. E em proporção com o conhecimento que ganharem estes males desaparecerão.

Os homens da medicina, aqueles que têm a seu cargo o corpo, e aqueles que têm a seu cargo a alma também, em vez de lidarem com matérias de superfície, deveriam ir além da superfície, atingir a raiz; superar estes efeitos maus matando a causa. Então no grande futuro que fica diante de vós nas esferas espirituais, a canção de redenção vinda de lábios terrenos não falhará em alcançar os vossos ouvidos. Portanto trabalhai empenhadamente, cada um de vós—vós que recebestes a primeira luz da manhã—trabalhai empenhada e fielmente, nada temendo exceto trazer-vos a vós próprios para a desarmonia com Deus e a Natureza. Temei isso mais do que tudo o resto. Alguém disse que o temor de Deus é o início da sabedoria. Não, não é assim. Temei fazer aquilo que sabeis que vos trará sofrimento, e enquanto temerdes fazer o mal temos esperança de que aprendereis a fazer o bem.

P.—A ressurreição de Jesus Cristo—foi ele ressuscitado na carne? Se não, o que foi feito do seu corpo terreno? Se ressuscitado apenas no espírito, como se apresentou ele aos discípulos enquanto caminhavam para Emaús—também no mar de Tiberíades? Se, como alguns dizem, no corpo, como entrou ele na sala em Jerusalém, depois de as portas estarem fechadas por medo dos judeus? Se ele foi ressuscitado no corpo, então como pode ser que nós não sejamos ressuscitados da mesma forma, e como o podemos ser? Um homem perdeu um braço na batalha de Bull Run, um pé em Antietam, e a sua parte restante foi enterrada em Malden. Como hão de estas partes ser reunidas?

R.—Este assunto tem sido tão frequentemente discutido que está quase gasto. Uma e outra vez os habitantes do mundo espiritual regressaram, declarando contra ressurreições materiais, tais como os escritos sagrados falam a respeito. Temos provas muitíssimo excelentes relativamente à remoção do corpo de Jesus o Cristo pelos seus amigos, aqueles que o amavam, aqueles que amavam o corpo, aqueles que não desejavam que ele ficasse à guarda dos judeus. Os judeus têm registos antigos que provam claramente o facto. Ele foi

roubado—não pelos anjos, mas pelos seus amigos no corpo—e enterrado secretamente. E o corpo que foi visto, que foi apalpado, que parecia apelar a todos os sentidos humanos, não era outro senão um corpo formado para a ocasião.

Circunstâncias semelhantes têm existência entre vós hoje. Há pessoas cujos poderes elétricos e magnéticos podem ser tão combinados e usados a ponto de dar o poder de formar um corpo externo, material, profundamente material, ou instrumento através do qual o espírito se pode manifestar aos sentidos materiais. Foi feito então. O mesmo é feito hoje. E se estais a olhar para a frente para a ressurreição do corpo material, mais cedo ou mais tarde acordareis para o vosso erro. Ele pode ser ressuscitado em belas flores, sem dúvida sê-lo-á em relvas. Vem de novo na vida vegetal, e entra através do vegetal na vida animal. Volta e meia o círculo corre; mas o espírito, o glorificado, liberto espírito, nunca será chamado a tomar o velho caixilho gasto contra o qual a Natureza decidiu.

17 de Fev.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Estamos agora prontos para considerar quaisquer proposições que possa ter em mãos.

PERG.—É possível que o elemento elétrico a que chamamos oxigénio se resolva, em certos estados peculiares, com o carbono livre vindo da calcinação do carbonato de cal, mineral, quer nas entranhas da terra, quer nas camadas da terra subjacentes ao óleo, o qual, como um composto, se torna quer positiva quer negativamente eletrizado?—ali e então sendo devidamente aquecido, ganha afinidade pelo elemento a que chamamos hidrogénio, formando os inestimáveis óleos de carbono e a base dos nossos belos pigmentos?

RESP.—O seu correspondente está a aproximar-se de uma grande verdade, mas não a atingiu ainda inteiramente. Se havemos de crer nos ditos de certos cientistas no mundo espiritual, todas as mentes encafuadas em formas terrenas que se estendem para saber relativamente aos grandes problemas da vida, são atuadas por outras

mentes que são correspondentemente acionadas no mundo espiritual, até que a corrente se alonga até uma extensão quase interminável—mente atuando sobre mente—e o conhecimento é por esse processo transmitido em certos graus distintivos.

A mente no mortal recebe exatamente tanto quanto é capaz de receber, e não mais—exatamente tanto quanto está plenamente adaptada para receber espiritual e materialmente, e não mais. Há uma certa classe de cientistas entusiastas que não compreendem por que razão não podem agarrar a totalidade de uma ideia de uma só vez—por que razão apenas certos vislumbres são apresentados, e eles não podem de uma só vez agarrar a ideia e torná-la sua. É porque não estão preparados para ela, porque não estão em *rapport* suficiente com a ideia para a tornarem sua. Quando estiverem, ela tornar-se-á sua, e nenhum poder o poderá impedir. O seu correspondente está, somos informados, muito perto do correto relativamente ao ponto em questão.

P.—Não é provável que o mineral de rocha calcária subjacente ao ólio nas camadas da terra seja calcinado a partir do calor excessivo do gás hidrogénio produzido pela pressão e volume aumentado a que o gás é sujeito pelo confinamento nas muitas fissuras? Sabe-se que este gás é eliminado a partir dos minerais de rocha calcária.

R.—Aqueles cujas pesquisas foram feitas nessa direção informam-nos de que isto é bastante possível, e alguns vão ao ponto de dizer que é totalmente provável.

P.—Acançará a pesquisa do homem as propriedades de um líquido alcoólico a partir dos elementos compostos pelas leis da Natureza nos hidrocarbonetos?

R.—Acredita-se que isto pode ser e será feito, por aqueles que investigaram o assunto. Pela minha parte, não sei.

P.—Não há várias propriedades medicinais que poderiam servir para grande utilidade nos hidrocarbonetos ainda não reveladas?

R.—Sim, certamente; e somos informados de que as futuras gerações farão uso de tais, por serem os únicos agentes de cura fiáveis.

P.—É a mente, ou esse poder ou princípio chamado intelecto, um organismo separado, ou depende a sua ação ou crescimento da organização espiritual para a sua expressão objetiva, como o espírito depende da matéria para o seu meio de expressão?

R.—A mente está quase inteiramente dependente da formação do corpo externo para a expressão. É o meio entre o espírito e a matéria bruta. É um espelho através do qual o espírito se reflete sobre a matéria, e as suas capacidades são aumentadas ou diminuídas em correspondência com o aumento ou diminuição de matéria harmoniosa. Pertence à matéria.

P.—Pode dar-me uma definição clara e perspicaz das relações de ligação dos três princípios, matéria, espírito e mente?

R.—O espírito creio que seja a presença omnipresente chamada vida. A mente, como antes notei, creio que seja o meio entre o espírito e a matéria; a matéria a máquina através da qual o espírito se manifesta—através do meio da mente—enquanto na vida externa. À medida que o espírito avança, ou muda de estados de ser, torna-se cada vez menos dependente da matéria bruta para as suas expressões. Está dependente da matéria para a sua expressão mesmo no mundo espiritual, mas não do tipo de matéria de que está dependente enquanto aqui. É tão refinada que os sentidos humanos não tomam conhecimento algum dela, mas contudo é matéria.

18 de Fev.

PERG.—É um espírito, depois de deixar o corpo, tão enfaticamente uma individualidade independente como quando no corpo?

RESP.—É-o certamente. Há duas individualidades distintivas; uma pertencente à terra e às experiências e condições terrenas, e a

outra pertencente exclusivamente à alma, às experiências e condições do espírito. O espírito carrega consigo os efeitos da sua individualidade aqui—aquilo que lhe pertencia enquanto aqui no corpo. Estes efeitos ele elabora-os em atos no mundo espiritual. Mas a individualidade que pertence mais devidamente ao espírito na sua condição espiritual é expressa mais plenamente depois da morte do que antes. Aqui nesta vida a individualidade terrena está na ascendente. Depois de esta vida ter passado e tomardes a segunda esfera de transformação, então a individualidade espiritual ganha a ascendente sobre a material. Não é súbito; vem por graus lentos e distintos, mas é certo de vir—a individualidade, entenda-nos quando dizemos, que pertence à alma através da qual a alma propriamente dita ou espírito se expressa, essa ganha a ascendência após a morte. Antes da morte a individualidade terrena está em atividade. O seu poder é superior à individualidade do espírito, por causa da terra e das suas leis. A terra pede por individualidade terrena. As suas leis exigem-no, e são exatamente tão exigentes e certeiras como são as leis divinas.

P.—Então infiro que a individualidade terrena deve gradualmente perder a sua identidade.

R.—Sim, isso é verdade. A individualidade terrena perde gradualmente a sua identidade, precisamente desta forma: O senhor perdeu a identidade da infância; ela foi-se de si. Tem outra, a identidade da masculinidade. Assim é relativamente ao espírito. O senhor não passa subitamente da infância para a masculinidade. Não. Os graus vêm lenta e firmemente sobre si. Assim é relativamente a todas as individualidades. A individualidade é apenas uma sucessão de estados de ser que pertencem quer ao espírito quer à vida material.

P.-Então não é esta a razão pela qual os nossos amigos que desencarnaram não nos dão, nas suas comunicações, provas mais positivas da sua individualidade terrena?

R.-É certamente essa a razão. Se vos dão alguma prova da sua individualidade terrena, dão-na através da memória e em símbolos. Aqueles que não ultrapassaram a sua individualidade terrena podem

dar uma expressão muito clara dela porque ainda a mantêm; mas quando terminaram com ela — foram além, ultrapassaram-na —, a situação é completamente diferente. Não pode falar comigo como podia na infância. Eu não posso falar consigo como falaria na infância, e contudo diz que é a mesma pessoa. Ora, isso não é assim. É um ser completamente diferente. Se a sua identidade dependesse da expressão exterior, certamente a identidade que pertencia a si e a mim já não é nossa. Estamos constantemente a passar por transformações, e cada uma tira algo do que tínhamos e substitui por algo que não tínhamos antes.

P.-Então não estamos a mudar a nossa individualidade todos os dias?

R.-Com certeza que sim. Por exemplo, um homem pode esta temporada viver numa determinada individualidade política; pode estar casado de alma e coração com o partido republicano. Todos os seus interesses políticos podem virar-se nessa direção. Com o tempo começa a ver que há algo melhor. Começa a mudar de perspetiva, a girar novamente, e acaba por perder essa individualidade em particular e ganhar outra. E os seus amigos que o conheciam no ano passado como republicano, este ano conhecem-no como algo completamente diferente. Ah sim, estão constantemente a mudar, e pela minha parte dou graças a Deus por isso. Não gostaria de girar num espaço reduzido durante toda a eternidade, mesmo que pudesse. Não espero manter as mesmas perspetivas sobre nada — sobre o céu, sobre mim mesmo ou sobre Deus — daqui a anos no futuro que mantenho agora.

P.-Gostaria de perguntar, relativamente às cartas dirigidas aos espíritos, se essas respostas são geralmente dadas pelo destinatário ou por outro espírito?

R.-Isto é quase sempre feito por interposta pessoa. Por exemplo, é selecionado um espírito que possa, no momento, entrar melhor em sintonia com o médium. Esse espírito recebe as respostas que aqueles a quem se recorre estejam dispostos a dar ou possam dar. Em alguns casos são muito indistintas, porque não conseguem compreender o que

deveriam fazer na matéria. Outras são muito distintas, porque conhecem tudo sobre o *modus operandi*, e ficam muito próximos, ou em sintonia, com o médium. Por vezes, o espírito chamado na carta entra em sintonia direta e responde à carta, mas isso é a exceção, não a regra. Deixe-me ilustrar melhor. Imagine-se numa assembleia a atuar como escrivão, a receber respostas a perguntas que possam ter sido feitas por alguém na assembleia ou fora dela. Por exemplo, a Sra. B. diz na sua carta: "Meu querido marido, podes responder ao meu chamamento?" O espírito escrivão chama essa pessoa. Se ela estiver presente e puder responder, claro que responde. Se estiver ausente, geralmente nenhuma resposta é escrita na carta.

Ou, se presente, talvez dê uma resposta indefinida. Por vezes não sabem como responder às perguntas nem metade tão bem como qualquer pessoa na assistência saberia; e contudo supõem, muitos de vós, porque eles estão libertos da mortalidade, que estão dotados de sabedoria relativamente a todas as matérias que vos pertencem aqui. Não é assim. Tudo o que sabem sobre os vossos assuntos terrenos, têm de o saber através de linhas mediúnicas distintas de pensamento e inteligência, e de nenhuma outra forma. Agora, então, considerando ser isto um facto científico — o que é —, não se deveriam surpreender com a vaguidade e indistinção de muitas das respostas que são dadas às vossas cartas. Depende inteiramente da condição do sujeito, da pessoa chamada e da pessoa que ditou a pergunta. É um assunto triúno, e se um acaso ser defeituoso, os outros têm de o ser correspondentemente.

P.-Aquelas pessoas que mais se tornam afins com a terra têm conhecimento de todos os nossos atos materiais?

R.-Não; certamente que não.

P.-Ouvia dizer que sim.

R.-Sem dúvida que ouviu dizer uma grande quantidade de coisas tolas a respeito do Espiritualismo. Seria muito estranho se não tivesse ouvido. Eles têm conhecimento de uma grande quantidade dos vossos

atos, e particularmente daqueles em que tocam as suas individualidades. Por exemplo, se está a praticar um determinado ato, a realizar qualquer gesto de bondade ou de maldade, e a sua mente está profundamente ativa com um pensamento relativo a algum amigo desencarnado, se for possível para o seu amigo aproximar-se de si e entrar em sintonia consigo, ele certamente o fará. Se a lei atua com força suficiente, o efeito será certamente produzido. É tão certo como o dia nesta latitude se seguir à noite.

....P.-Se há duas individualidades distintas, uma material e outra espiritual, claro que os sons que emanam das formas espirituais não nos alcançam externamente. Como tomamos então conhecimento deles?

R.-Vós sois todos médiuns espirituais, todos e cada um de vós, e neste sentido: as vossas individualidades espirituais estão constantemente a tomar mais ou menos conhecimento das coisas que pertencem ao mundo dos espíritos. Essa individualidade está mais em sintonia com o mundo dos espíritos do que com este, mais em sintonia com as coisas mais elevadas do que com as coisas desta vida. Portanto, quando pensamentos sagrados se apoderam suavemente de vós, pensamentos de algum querido amigo ausente, há uma comunhão a decorrer entre dois espíritos. A individualidade do seu espírito chamou a individualidade do amigo na terra dos espíritos, e em nove em cada dez vezes tem de haver uma resposta.

P.-Não compreendo claramente estas duas individualidades. Quando ligo a minha individualidade às coisas espirituais, fico espiritualmente consciente desse facto, mas quando às coisas materiais, a minha individualidade torna-se material em consequência.

R.-Oh não. Não nos está a compreender. Tem duas individualidades profundamente distintas. Uma toma conhecimento das coisas da outra vida — é moldada por essas coisas; a outra toma conhecimento das coisas desta vida, e é moldada por estas. Ambas são distintas. Uma pertence ao seu espírito, a outra à sua existência animal.

20 de fev.

ESPÍRITO CONTROLADOR
Estamos prontos para responder às suas proposições, Sr. Presidente.

PERG.-Os espíritos masculinos e femininos acasalam em casamento, como na terra, ou de forma análoga?

RESP.-Sim, não obstante ser dito nas Escrituras Sagradas que "no céu não se casam nem se dão em casamento". É verdade que não há esse tipo de casamento que é corrente aqui, e dou graças a Deus por isso. Mas há um tipo que é em si mesmo tão divino e tão perfeito, que duas almas se fundem numa só, e a harmonia é completa.

P.-Um homem parte da terra bem desenvolvido nos seus órgãos morais e espirituais. Outro parte num estado não desenvolvido. O primeiro regressa à terra cheio de alegria, e diz-nos que se move numa atmosfera de luz. O outro também regressa, mas queixa-se de que habita na escuridão. A luz e a escuridão mencionadas são uma condição local real da atmosfera, aplicável do mesmo modo a todas as existências da alma, ou nascem da condição de cada espírito individual?

R.-É uma condição mental, não uma condição atmosférica. Tendes milhares, milhões de almas na terra que estão na escuridão, exatamente no mesmo tipo de escuridão — não obstante o sol poder brilhar muito intensamente — que existe com as almas após a morte. É precisamente o mesmo. Não se compreendem a si mesmas; não compreendem o que as rodeia; parece que não sabem o que seria melhor fazer para obter a felicidade. Desejam-na, mas não sabem como alcançá-la. Essa é a pior espécie de escuridão.

P.-Pode explicar a diferença entre o controlo por transe e por inspiração?

R.-A diferença está no grau. Se eu quiser controlar um sujeito por inspiração, não obsedio esse sujeito, quer do exterior quer do interior, mas simplesmente entro em sintonia com o sujeito, e através dessa sintonia magnética dou ao sujeito as minhas ideias, e elas são transmitidas pelo sujeito no seu próprio invólucro, de acordo com a capacidade do seu próprio intelecto. Compreende?

P.-Sim; mas isso só responde a metade da minha pergunta.

R.-Há também diferentes graus do que se chama controlo por transe. Por vezes o espírito controla ao ensombrar ou envolver o sujeito, como eu faço hoje. Por vezes são absorvidos pelo sujeito, e expressam-se do interior para o exterior. Por vezes um órgão, ou dois, ou mais, conforme o caso, é controlado, enquanto outros são deixados num estado inteiramente normal. Por vezes todos os órgãos são completamente controlados. Eu faço-o hoje, embora envolva o sujeito, e controle através do exterior, como o músico controla o instrumento. Ele não entra nele no exterior; controla-o, e ele serve o seu propósito, torna-se o seu agente.

P.-Quando entra ou obsedia o médium, a parte espiritual do médium é externalizada da forma?

R.-Sim, é muito frequentemente o caso. O magnetismo animal nunca está ausente do corpo. É uma parte do corpo, e não pode estar ausente sem produzir a alteração química chamada morte. Mas a parte magnética inteligente, com a sua estrutura orgânica, aquilo que lhe pertence como espírito, pode ausentar-se do corpo, e muito frequentemente fá-lo, particularmente quando o corpo está sob o controlo de um espírito estranho.

P.-O Sr. Davis diz, nas suas obras, que o estado clarividente pode ser produzido sem a ajuda de espíritos. O que diz a isso?

R.-Eu digo o mesmo.

P.-Vocês, espíritos, concordam todos nesse ponto?

R.-Não, presumo que não. Ficaria muito desgostoso se concordássemos todos, porque eu próprio sou muito apreciador da variedade. Por muito que goste de rosas, não iria querer apenas rosas.

P.-Quando o médium está possuído pelo espírito, o espírito do médium fica sempre despossuído?

R.-Nem sempre.

P.-Então dois espíritos podem ocupar o mesmo magnetismo ao mesmo tempo?

R.-Sim; um está num estado submetido, subordinado, o outro está em atividade. Toma o controlo temporariamente. Há um entendimento entre os dois ocupantes. Um não infringe o outro. O espírito residente concorda com a expressão externa. Mas é sempre melhor, se for possível, tornar o sujeito inconsciente, fechar a sua própria mentalidade, construir uma muralha alta entre a sua mentalidade e a mentalidade que deseja controlar — e por esta razão: é quase sempre de esperar que algo possa ser dito que colidisse muito rudemente com as ideias do espírito a quem pertence a máquina, portanto sob tais condições haveria desarmonia produzida de imediato, e um ou outro seria obrigado a sair.

P.-Devo entender que nos casos em que entra no corpo do médium, o espírito do médium pode ainda estar no interior?

R.-Sim; o órgão, o cérebro, é geralmente colocado num estado negativo, sob tais circunstâncias, pelo espírito residente, e o espírito estranho que deseja controlar aproveita esse estado negativo, e desse modo usa-o com maior facilidade do que se fosse deixado no seu estado positivo. Isto pode ser chamado um estado parcialmente anormal, não inteiramente. Há muitos graus de controlo espiritual, muitas fases diferentes, cada uma diferindo para se adequar às necessidades do espírito que controla e do corpo que é controlado.

24 de fev.

PERG.-No *Banner of Light* de 11 de janeiro, o espírito controlador diz: "Muitos dos planetas passaram das suas órbitas materiais para as suas órbitas espirituais, como a terra fará com o tempo." Pode dar uma explicação mais definida desta afirmação?

RESP.-Os planetas, assim como os espíritos, têm uma vida interior e uma exterior. Foi dito, e com verdade, que todas as coisas têm uma alma. Sendo isto verdade, os planetas não podem ser uma exceção; isto pressupõe que virá um tempo nas experiências da vida planetária em que cada um passará da órbita material para uma espiritual — uma que se tornará tão etérea, tão espiritual, tão afastada da matéria bruta, matéria não refinada, a ponto de ser capaz de sustentar apenas existências espirituais. É um facto geológico, científico, bem conhecido, que os animais que existiam neste planeta há milhares de anos não poderiam de modo algum existir aqui hoje, porque o planeta cresceu de forma mais espiritual.

Ascendeu de um material bruto, não desenvolvido, para uma condição espiritual mais refinada; e continuará a ascender — essa é a lei. É a lei de todas as coisas, planetas e almas. Isto foi provado para além de qualquer dúvida; não por almas na terra, certamente, mas por aquelas que foram além da terra. Mas tudo se move em graus lentos e distintos, tão lentos que os vossos sentidos humanos mal conseguem tomar conhecimento do movimento, exceto comparando o passado e o presente. Não conseguem compreender que esta terra não é hoje o que era ontem. Mas está muito mais próxima do plano espiritual. Dizem: "Ora, parece-me ser exatamente o mesmo." Assim é, quando pesado e medido nas balanças da razão finita; mas quando pesado e medido pela lei infinita e imutável, não é o mesmo.

Entendam que afirmamos que todos os planetas, todas as coisas, não importa o quê, desde o grão de areia sob os vossos pés até aos mundos nos espaços — que não conseguem alcançar com a visão externa —, estão todos dotados de almas, vidas interiores, germes que os impelem para fora do materialismo bruto para a existência espiritual. Mudarão as suas formas e as suas condições para

corresponder às necessidades do seu ser interior. Quando a alma, o germe que existe apesar de todas as tempestades da vida física, que sobrevive a tudo, quando ela já não se pode manifestar, desabrochar através destas formas físicas — então — o que acontece? Ora, entra noutra órbita e gira aí até ter cumprido a sua missão; depois entra noutra — e creio que não há limite para isso. Não consigo encontrar um ponto de partida para a matéria; não consigo encontrar um lugar onde ela termine.

P.-Se Deus falou a Moisés, como está registado na Bíblia, não é singular que não fale connosco da mesma maneira?

R.-Ora certamente, seria muito, muito singular. Não temos qualquer evidência de que Deus tenha falado a Moisés mais do que fala a cada alma. Sei que há muitos que não concordarão comigo na minha opinião sobre esse assunto, mas não importa. Deus fala a cada alma; se não da mesma maneira, com certeza fala-lhes. Fala-lhes através da beleza das flores; através da grandeza das montanhas e do oceano; através da beleza da vida em toda a parte; através do poder do intelecto; através de todas as coisas Deus fala constantemente a cada alma, e nesse sentido sois todos Moisés, todos e cada um de vós.

P.-É verdade, ou não, que os calafrios e as febres são o resultado do nascimento e da morte súbitos mas periódicos de imensas quantidades de animalículos, gerados no sangue por miasmas, vapores, etc., peculiares a condições locais? E se assim for, o amargo é um específico contra essa doença porque destrói essa espécie peculiar de animalículos e previne a sua germinação?

R.-Uma certa classe de homens da medicina defende essa teoria, enquanto outros declaram que ela depende inteiramente da desarmonia que existe nos fluidos do sistema — a desarmonia entre os fluidos e os sólidos —, portanto ocorre a congestão e a febre segue-se. Pela minha parte, estaria muito inclinado a abraçar a última teoria, penso eu. Talvez pudesse julgar de forma diferente se a minha atenção estivesse particularmente voltada para essas coisas.

P.-Vocês, espíritos, conseguem ver animalículos na água ou no sangue, sem ampliação?

R.-Temos o poder de ampliar todas as formas com que possamos entrar em contacto, mas nem sempre usamos esse poder. Vós tendes o mesmo, só que o vosso é conduzido num plano diferente. O nosso adequa-se à nossa condição espiritual, o vosso adequa-se à vossa condição material.

P.-Vejo que Moses W. Leavitt, com quem estava bem aparentado em Chicago, apareceu em pessoa — espiritualmente — no vosso círculo e relatou, e fala como se não tivesse uma grande distância a percorrer — tal como todos os outros — e entrou no organismo do médium e disse o que tinha a dizer. Ora, eu entendo que o Sr. Davis diz que o espírito magnetiza o médium a uma distância incomensurável, mesmo estando nas regiões estelares, e faz com que o médium diga o que ele deseja. Como é isso?

R.-Sim, é verdade. Mas pelo facto de ser verdade, não deve supor que é toda a verdade. Isto pode ser feito de acordo com a teoria do Sr. Davis, e pode ser feito de acordo com a teoria de quase qualquer espírito que tenha especulado sobre o assunto. Tudo se pode tornar agente do espírito. Todas as circunstâncias da vida se tornam meios para o espírito — todas as formas de vida. O corpo físico é a máquina elétrica e magnética através da qual a inteligência se manifesta mais perfeitamente.

Ora, posso psicologizar este sujeito e ao mesmo tempo estar a milhares de milhas de distância, e a influência psicológica será muito perfeita, ou posso entrar na sua esfera imediata — envolvê-la, ou ser absorvido pela sua vida física, e produzir o mesmo efeito. Algumas pessoas acham muito difícil penetrar a atmosfera da terra e entrar em contacto com as condições terrenas, portanto, quando influenciam médiuns, tal é feito talvez enquanto estão a uma grande distância. Outras não encontram dificuldade em vir à terra. É um prazer para elas vir. A atmosfera da terra não lhes é repulsiva. Podem existir nela, podem entrar e sentir-se completamente em casa nela.

O esquimó não se sentiria em casa aqui nesta latitude. Porquê? Porque não lhe é nativa. Dificilmente se sentiria em casa lá. Há influências climáticas a atuar no mundo dos espíritos, tanto quanto no mundo material. Algumas pessoas não gostam de viver no Sul. Calafrios e febre seguem-nas lá; e por outro lado há quem não consiga viver no Norte; a tuberculose apanha-as lá. Cada alma possui um guia infalível dentro de si mesma, que determinará sempre o que é melhor para essa alma, quer relativamente a localidades quer sobre qualquer outro ponto em questão, se apenas lhe permitirem liderar.

Os espíritos que se despojaram da vida material, ou destas formas físicas, pelo menos, aprenderam, ou a maioria deles aprendeu, uma lição muito grande e boa. É esta: permitir que o interior governe o exterior, ser guiado pelo interior, porque é o mais elevado; ser levado por isso, porque é o melhor; porque o resultado será mais satisfatório tanto para o interior como para o exterior. Mas as experiências brutas das vossas vidas terrenas têm muitas vezes um efeito tão poderoso sobre vós, que sois batizados com o seu poder antes de estardes cientes disso, e a vida interior é temporariamente engolida pela exterior.

ESPÍRITO CONTROLADOR

"Os atos do Sr. Johnson são constitucionais ou inconstitucionais? Esta pergunta, que todos compreenderão ser de vital importância neste momento, foi-nos solicitado que déssemos uma opinião a seu respeito. A nossa resposta deve ser muito breve, pois o nosso tempo foi quase todo despendido noutra direção.

Nestes dias é muito difícil determinar o que é constitucional e o que não é, pois a Constituição parece ter muito a mesma relação com o mundo político que Cristo e o Cristianismo têm com o mundo religioso — algo que pode ser torcido e frustrado, e feito para servir os interesses de A, B, C e D, que podem todos diferir uns dos outros. As várias seitas religiosas que hasteiam todas as suas bandeiras, sob os auspícios, assim nos dizem, de Cristo e dele crucificado, todas veem e compreendem Cristo de um ponto de vista diferente. Para um ele é

uma coisa, para outro é outra coisa. Todos diferem. A igreja protestante não o vê através do mesmo prisma que a igreja romana. E contudo ele é a única cabeça, a única fonte espiritual na qual todos procuram banhar-se e libertar-se do pecado.

O Sul disse, antes de ser disparado o primeiro canhão em Sumter, que se iria reger pela Constituição — o que se propunham fazer seria para eles profundamente constitucional. O Norte, quando ouviu o estrondo dos canhões, quando a informação foi aqui recebida — todos vós sabeis o que sentiram a esse respeito. Todos vós sabeis o que determinaram em vós mesmos — que o Sul tinha ido contra a Constituição; que a sua causa era inconstitucional, e vós fostes para a guerra contra eles com a Constituição nas vossas costas e a União sobre as vossas cabeças. Não podíeis perguntar a um único soldado nas fileiras por que estava a lutar, sem que ele dissesse que era pela Constituição e pela União. Norte e Sul, rebelde e leal, todos dão a mesma resposta: "Estamos a lutar pela Constituição. Essa é a nossa cabeça suprema."

A nenhum coração leal do Norte precisa de ser dito que esta guerra civil foi provocada em consequência da escravatura dos negros, e a ninguém precisa de ser dito, que esteja familiarizado com a Constituição, que a Constituição em parte nenhuma previu a escravatura dos negros. Nenhuma provisão é feita relativamente à escravatura. É verdade que existia um entendimento tácito entre os treze Estados no que diz respeito à escravatura, de que ela deveria ser abolida assim que exequível, mas a Constituição não tinha nada a ver com isso. Apenas os Estados podiam tratar disso. Era algo que os vossos antepassados pareciam temer manusear, por isso nenhuma provisão foi feita a esse respeito. Mas nestes últimos dias, quando a sua cabeça de Górgona se ergueu em proporções tão temíveis que o Norte estava em rebelião contra ela, e o Sul, consequentemente, estava em rebelião contra o Norte — o que acontece então? Ora, a guerra civil tem de vir como uma necessidade.

Assim, pois, como esta guerra civil foi provocada pela escravatura, e como a Constituição não prevê nem a favor nem contra

a escravatura, ora, parece-me que é muito difícil dizer se um indivíduo que está a atuar na questão da reconstrução está a atuar constitucionalmente ou inconstitucionalmente. Os Estados foram divididos pela escravatura dos negros. A primeira espada foi desembainhada em sua defesa, a última na sua emancipação — e tudo fora da Constituição. Agora então, como havemos de esperar que a reconstrução possa ter lugar sob a Constituição? Não pode ser. Nenhuma harmonia pode existir, porque os radicais veem a Constituição através de um prisma, os conservadores através de outro. Na verdade, quase cada mente a vê sob uma luz diferente, por isso todos determinam que estão a lutar pela Constituição, e qual será o resultado?

Ora, o pobre osso da discórdia será destruído, e a Constituição que era, já não será a Constituição. Há dez anos predissemos isto, aliás, há doze, quinze anos. E ao mesmo tempo predissemos a guerra civil, e a guerra política que se lhe seguiria. Quantos acreditaram em nós? Aqueles, certamente, que acreditaram estavam em grande minoria. Os acontecimentos que se seguiram rapidamente uns aos outros provaram que estávamos corretos. Dissemos-vos então que a Constituição não era suficientemente grande para o povo, e dizemos-lhes o mesmo hoje; e porque não é, o que acontece então? Pode o povo contrair-se para ficar sob as suas dobras? Não, não pode. Não vai fazer isso. Então, como resultado natural, ou o povo tem de ficar sem uma Constituição, ou tem de haver uma nova, e ser feita uma maior, uma que preveja não apenas para uma classe, mas para todas as classes; uma que corresponda às exigências desta época, não às exigências de uma época da qual já saíram. As roupas da criança não servem para a idade adulta.

Oh, eu sei que é muito difícil arrancar estes ídolos de nós. Esta mesma Constituição tem sido um ídolo perante o qual milhares se curvaram. Está bem. Serviu-vos admiravelmente no passado. Fez o seu trabalho, e mais vale pensarem em tentar segurar os vossos corpos quando a morte se apoderou deles, do que tentar segurar a Constituição destes Estados desunidos. O Sr. Johnson é um dos adoradores deste ídolo. O vosso orador venerou-a com toda a sua

alma. E contudo viu nela, mesmo na sua vida terrena, manchas, imperfeições que o belo sol da justiça lhe revelou. Falhou no seu dever para com todos. E contudo serviu bem as massas. Paz às suas cinzas. Quando erguerem o vosso monumento sobre a sua sepultura, escrevam esta inscrição: "*Requiescat in pace*." Fez bem, mas algo mais hoje fará melhor por vós.

25 de fev.

ESPÍRITO CONTROLADOR

As suas perguntas, Sr. Presidente, estamos prontos para as considerar.

Perg.-Pode, por favor, explicar esta passagem das Escrituras — Hebreus x:26-27: "Porque, se pecarmos voluntariamente, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados, mas uma certa expectativa terrível de juízo e ardor de fogo, que há de devorar os adversários"?

RESP.-É muito evidente que o autor dos pensamentos que acabou de ler ainda não se tinha libertado do cativeiro de uma religião sacrificial. Ele ainda se curvava perante o altar no qual vós todos, sem dúvida, já lestes esta inscrição: "Sem derramamento de sangue não há remissão de pecados." Os antigos — uma certa seita, em todo o caso — ensinavam que, depois de a alma ter sido uma vez iluminada relativamente às exigências da igreja ou do sacerdócio, se a alma cometesse então um pecado, sob a plena refulgência dessa luz, então não haveria perdão. O padre não estava dotado de poder para perdoar pecados sob tais circunstâncias. Deve ser lembrado que as pessoas iam ao padre para ter os seus pecados perdoados, e não a Deus; e se ele considerasse que os seus pecados eram imperdoáveis, não havia recurso. Essa era a suprema corte para elas. Mas estas noções absurdas estão a desaparecer rapidamente, e os homens e as mulheres estão a começar a aprender que não há perdão do pecado sob circunstância alguma. O próprio Deus não pode perdoar o pecado. O perdão, para a minha mente, elimina inteiramente todo o tipo de punição pelo pecado; não somos punidos, em vez disso somos perdoados. Isto não pode ser. Todos sabemos o contrário.

A nossa experiência na vida ensinou-nos que não é assim. Até a criança pequena, que mal consegue balbuciar a sua oração da noite ao joelho da mãe, vos ensinará que se cometer um pecado contra qualquer lei, conhecida ou desconhecida, ela sofre. E à medida que as almas sobem a colina da vida intelectual, aprendem mais e mais desta lei. Ela é imutável. Nunca atende aos caprichos de alma alguma. Nunca ouve as vossas orações, por mais alto ou fervorosamente que rezeis para serdes perdoados. Se pecardes, vem então a penalidade. É certa; não podeis escapar-lhe. Podeis pensar fazê-lo, mas nunca o conseguireis. Para todos os tipos de erros na vida que são chamados pecados, mas que são simplesmente isso por vos colocardes em antagonismo com a lei que rege, não há qualquer tipo de perdão — nem aqui nem em parte alguma.

P.-Por favor, explique também o cap. v: 12: "Mas, acima de tudo, meus irmãos, não jureis, nem pelo céu, nem pela terra, nem façais qualquer outro juramento; mas que o vosso sim seja sim, e o vosso não, não, para que não caiais em condenação."

R.-Este é um dos princípios fundamentais sobre os quais o Shakerismo se fundamenta; pois havia um Shakerismo antigo, assim como um mais moderno. Seitas, formas, todo o tipo de formas religiosas, intelectuais e políticas, estão constantemente a repetir-se. Milhares de anos podem transcorrer, mas elas repetir-se-ão, situando-se muito perto do mesmo plano, apenas um pouco mais à frente, ganhando em cada revolução, mas não perdendo nada. Na altura — segundo nos informam — da redação da epístola, aqueles que tinham subscrito uma determinada fé, que estavam vinculados a certos ritos e cerimónias religiosos, estavam isentos da alçada judiciária. Havia uma linha clara de demarcação então entre essa seita e a lei judiciária, uma linha reta traçada entre elas. O autor, sem dúvida, percebeu que havia muitos entre os adeptos da sua igreja que eram propensos a aproximar-se demasiado da linha; que ainda não se tinham tornado tão profundamente religiosos a ponto de estarem dispostos a deixar o mundo e as suas vaidades.

A lei civil — assim chamada no presente — tinha um domínio muito grande nesses tempos. Punha a mão sobre o pescoço de quase todas as coisas, e os seus altares estavam em toda a parte. Mas esta classe de religiosos, que estava determinada a ignorar muitas das formas da vida civil, estava ao mesmo tempo em constante tentação. O autor — segundo somos informados — viu como eles eram tentados e escrevia-lhes constantemente para que não jurassem de modo algum. Fomos informados de que uma quantidade quase ilimitada de manuscritos foi destruída deste mesmo tipo — este conselho da igreja para o povo: "Não jureis de modo algum. Seja o vosso falar sim, sim, não, não; porque o que passa disto vem do mal."

P.-Não é o ciúme uma das paixões naturais do coração humano, assim como a confiança ou o afeto? E não se manifesta em todo o ser humano, de uma forma ou de outra, quando cercado por tais circunstâncias, ou sujeito a tal tratamento por parte das suas criaturas semelhantes, a ponto de o desenvolver mesmo nas disposições mais amáveis ou caritativas? E não parece esta paixão permanecer adormecida em algumas naturezas porque nunca tiveram causa suficiente para a manifestar?

R.-O ciúme é certamente um atributo legítimo da natureza humana. É fiel à sua causa. É tão atributo da natureza humana como o amor, o ódio, o desejo de vingança. O homem é uma estrutura composta, tanto no seu ser interior como exterior; e tudo o que manifesta, cada expressão individual, é legítima — perfeitamente legítima. Podeis dizer: "Mas não serão algumas delas adquiridas pelo contacto com outras formas?" Podem sê-lo, contudo não são por isso menos legítimas. Sim, é muito verdade que o ciúme permanece por vezes adormecido num indivíduo que o possui, até ser despertado por algum poder capaz de o despertar; e o que é verdade relativamente a este atributo, é verdade relativamente a todos os outros.

P.-Observa-se frequentemente que o filho de pais que ambos têm cabelo preto terá cabelo claro ou castanho-avermelhado, ou cabelo de uma cor muito diferente. Por favor, informe-nos sobre as leis que produzem estes resultados na cor.

R.-As características físicas são transmitidas por vezes de geração em geração. Acontece por vezes que as características físicas dos pais imediatos de uma criança não são transmitidas à criança, mas aquelas que são reconhecidas como pertencentes a algum dos seus antepassados são transmitidas tão profundamente, tão perfeitamente, a ponto de serem totalmente inconfundíveis. Os médicos informam-nos de que há uma grande variedade de causas a atuar para produzir estes efeitos — causas na vida humana, na vida vegetal, na vida atmosférica; causas em tudo aquilo por que estamos cercados.

P.-É aconselhável, ou não, que o Congresso dos Estados Unidos persista na tentativa de destituir o Presidente?

R.-Sim, é; não simplesmente com o propósito de destituir o Presidente, mas para um propósito maior, mais elevado e mais grandioso. Há muitas alavancas usadas para fazer grandes reviravoltas, quer neste mundo quer em qualquer outro. É muito possível que o Congresso seja uma das alavancas usadas para provocar certas mudanças de que o povo necessita. Mas uma coisa é procurar destituir, e outra completamente diferente é ser capaz de o fazer.

27 de fev.

PERG.-Noto em muitas das comunicações enviadas ao vosso Círculo, e publicadas no vosso jornal, que os espíritos dizem ser difícil voltar — para comunicar connosco aqui, suponho. Para alguns custa-lhes um grande esforço e muito trabalho ou azáfama; outros estudam durante muito tempo a forma de voltar antes de a aprenderem; alguns acabaram de aprender que tal coisa era possível, etc., etc. Gostaria de perguntar como é isto, quando eles têm vindo a comunicar connosco aqui há tanto tempo, e em todo o mundo?

RESP.-Enquanto uma ideia está a lutar através do seu estágio imperfeito ou incipiente, essa ideia acha muito difícil expressar-se, mesmo sob condições de certo modo favoráveis. Todo o tipo de crescimento é tal em virtude da luta por que passa. Tudo o que está a

crescer está a lutar. O pequeno rebento que sai do solo na primavera luta para romper a superfície da terra para que o sol o possa aquecer dando-lhe maior força. Assim é relativamente a todo o tipo de crescimento — mental, moral, vegetal, físico, animal, espiritual — todo o tipo de crescimento está sujeito a esta experiência bruta. Agora deve ser lembrado que quase todas as inteligências que vêm a este lugar para comunicar são aquelas que não têm a simpatia dos seus amigos a quem vêm. Eles não acreditam que possam voltar. Eles vêm e lançam o seu desejo sobre as águas da vida humana, rezando para que receba uma resposta favorável. Eles sabem que encontrarão uma fria incredulidade na maioria dos casos.

R.-O corpo humano não passa de uma coisa de circunstâncias, nascido do coração das circunstâncias humanas, e o indivíduo que possui a forma não tem controlo algum sobre as circunstâncias pelas quais foi cercado na sua existência pré-natal. O seu correspondente parece não fazer distinção, ou pelo menos faz muito pouca, entre o espírito residente e a forma externa. Quando a forma está doente, está numa condição desafinada, desarmónica, o espírito falha em ser capaz de se expressar harmonicamente — há discórdia. Não pode dar harmonia se o espírito estiver desafinado. Mas — pelo facto de o corpo humano nascer desafinado, em antagonismo com a lei da harmonia — não deveis supor que ele carregará esta condição desfavorável consigo por toda a eternidade. De modo algum. O corpo que parece estar em perfeita harmonia com a Natureza e as leis da Natureza é o corpo através do qual o espírito melhor se pode manifestar enquanto aqui está, mas isso de modo algum aumenta ou diminui a sua quantidade de felicidade no além.

A sua felicidade como espírito após a morte não está dependente do corpo ou das condições pelas quais o corpo estava cercado. Ele entrou agora numa vida mais nova; expressa-se agora através de um corpo diferente. Não é o corpo doentio de que se despojou. Leva de facto muitas cicatrizes consigo para o mundo dos espíritos, mas não passam de cicatrizes, não passam de defeitos que a luz clara do mundo dos espíritos logo obliterará — logo, quando comparado com a grande eternidade que se estende para além. Há uma lei de compensação, mas

pertence à alma. A alma tira partido dela, e a lei abençoa a alma sempre, porque a alma está sempre, por si mesma, em harmonia com o seu Deus; não obstante a sua expressão poder ser tosca aqui, ainda assim no além não será assim. A alma é sempre pura; é apenas a forma através da qual se expressa que causa o pecado.

P.-É possível que as leis químicas sejam mais plenamente compreendidas e desenvolvidas no mundo dos espíritos do que com o homem na terra?

R.-Certamente que são.

P.-Quando Moisés foi inspirado no Monte Sinai, como veio a ilustrar o esgotamento e o empobrecimento dos solos? Levítico: xxv. Não temos registo de que os princípios da química fossem conhecidos nesses dias, particularmente a química agrícola. As instruções de Moisés baseiam-se em verdadeiros princípios químicos — princípios que o homem levou milhares de anos a aprender, de facto ainda não totalmente desenvolvidos.

R.-O seu correspondente deveria lembrar-se de que nos dias de Moisés era excessivamente difícil preservar registos, mesmo que tivessem sido feitos. O livro antigo chamado Bíblia fomos ensinados a acreditar — ou éramos quando aqui estávamos — ser uma obra inspirada. Os vários autores em diferentes épocas vieram sob a verdadeira inspiração de Jeová. Era a sua palavra, a sua obra. Mas não temos mais evidências de que o fosse do que temos evidências de que qualquer outra obra pertencesse especialmente a Jeová. Os antigos possuíam, muitos deles, um conhecimento das ciências que se tornaram extintas hoje, sobre as quais as pessoas deste mundo não sabem nada, ou muito pouco pelo menos. Eles não tinham o hábito de fazer um registo do seu conhecimento, como vós tendes no presente, portanto ele morreu com eles.

3 de março.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Estamos prontos, Sr. Presidente, para as suas proposições.

PERG.-O oxigénio é um corpo elementar?

RESP.-Assim é considerado. A análise química mais rigorosa que foi feita pelos cientistas terrenos determina nessa direção.

P.-O cloro é um corpo simples? E se não for, por que agente pode ser decomposto nos seus constituintes?

R.-Os cientistas informam-nos de que ele é capaz de ser decomposto, desintegrado, mas que o processo adequado pelo qual tal pode ser feito não é totalmente compreendido pelos químicos terrenos, embora com o tempo venha a sê-lo. Há uma certa classe de mentes científicas connosco que determina que todas as coisas, todos os elementos, podem ser decompostos um número quase infinito de vezes, até que as suas partes se tornem infinitas em número. Relativamente a esta posição, eu — o vosso orador — sei muito pouco, e o que tenho para dar nesta ocasião, portanto, é a experiência de outros — não me pertence.

P.-Por que razão o ácido prússico é venenoso?

R.-Por ser inimigo da vida. Essa é a resposta mais direta, frontal e conclusiva que podemos dar.

P.-Qual é a causa próxima da germinação das sementes das plantas?

R.-Ar, luz solar e solo, juntamente com as várias condições que nascem do ar, da luz solar e do solo.

P.-Há alguma ligação entre a ação dos glóbulos do sangue no que respeita à respiração e a causa próxima da germinação?

R.-Certamente. A ação funcional do sistema está profundamente ligada. Pode não parecer ser assim, mas aqueles que fizeram desta ciência um estudo assim o determinaram, e eu acredito que seja

verdade. Cada função distintiva individual do sistema humano está ligada a todas as outras. Cada uma exerce o seu devido dever em relação a todas as outras, produzindo portanto uma ação harmónica. Embora a desarmonia pareça por vezes reinar soberana, contudo é-nos dito por aqueles que fizeram disto uma matéria de investigação profunda que, se houvesse desarmonia positiva no corpo, o espírito não poderia reter a posse dele.

P.-Lavoisier continua as suas experiências sobre a cristalização do carbono? E chegou a um resultado satisfatório? Se sim, está disposto a comunicar as suas experiências aos mortais?

R.-Aqui estais vós novamente como antigamente, vós, mortais, a perguntar como vos podeis enriquecer com as coisas deste mundo — com os brinquedos que vos saem das mãos talvez na respiração seguinte. Como havemos de cristalizar o carbono de modo a torná-lo valioso? Este químico, que desperdiçou uma grande parte das suas melhores energias nesta direção, está num sentido muito desgostoso por o ter feito, porque o fez por motivos errados; e noutro está muito contente, porque isso o conduziu para fora de certos lugares escuros para outros mais claros. Ele informar-vos-ia, se estivesse aqui a falar, sem dúvida de que, se há indivíduos na terra que desejam saber o que ele sabe relativamente a este assunto simplesmente porque desejam obter o bem e fazer o bem, ele exercerá todos os poderes do seu ser para transmitir esse conhecimento a eles. Mas se o desejam por propósitos egoístas, imprudentes, ele seria o último espírito a regressar dando esse conhecimento.

O carbono no carvão e o carbono no diamante, dizem-nos, são precisamente o mesmo. Mas a cristalização depende do solo peculiar em que é encontrado, de condições atmosféricas e climáticas, da condição peculiar que existe entre os raios de luz e o solo onde o carbono existe. Se conseguirdes averiguar exatamente como regular esta máquina natural, concretizastes o vosso desejo. Se puderdes falar com o sol, e descobrir como ele enviará exatamente esse tipo peculiar de luz e sombra de que precisais para cristalizar o carbono aqui neste clima do Norte, talvez consigais fazer diamantes. Mas se o sol pudesse

falar, creio que seria bastante provável dizer-vos que ele e o solo — por exemplo, do Brasil — podem fazer muito melhor dessa forma do que todos os químicos na terra ou nas esferas espirituais.

P.-Qual é o resultado de algumas das pesquisas de Arquimedes, de Siracusa, que nós poderíamos possivelmente tornar úteis para nós próprios?

R.-Ele próprio informa-nos de que o resultado é ainda insatisfatório. Não está rematado para uma vida plena. Ele próprio está à espera de receber os frutos dos seus trabalhos.

3 de março.

Chauncey Robinson.

Estou sumamente feliz por vos encontrar desta forma peculiar e bela. Antes de a minha mudança chegar, estudei a filosofia do Espiritualismo, e para minha própria satisfação provei que era uma verdade solene. No meu espírito tenho razões para acreditar que antes da morte visitei frequentemente este lugar, e costumava pensar, muitas vezes antes da minha morte, o que faria quando viesse; o que diria e como me sentiria — que sucesso teria.

Especulei bastante a esse respeito, e cheguei finalmente à conclusão de que, se me fosse possível vir após a morte, faria o melhor que pudesse para lançar o meu contributo na grande balança de Deus, onde a verdade e o erro estão a ser pesados. Nunca me importei de ficar em segundo plano quando havia algum novo movimento no ar. Queria sempre saber o que era. Se era mau, queria fazer o que estivesse ao meu alcance para o derrotar. Se era bom, queria dar toda a minha força para o aperfeiçoar. E regozijo-me hoje por não ter tomado um rumo imprudente aqui na minha vida terrena. Não que não tenha cometido uma grande quantidade de erros. Posso olhar para trás agora e ver onde dei passos que não daria novamente — não se o pudesse evitar — se estivesse novamente na terra. Mas no que diz respeito a todas as reformas em que estive envolvido de tempos a tempos, agradeço ao Grande Espírito do mais fundo da

minha alma por ter tido algo a ver com elas. São todas degraus na grande escadaria do progresso humano, e se falharmos em dá-los ficamos exatamente mais para trás, e teremos muito mais trabalho a fazer no mundo dos espíritos — será muito mais difícil correr para alcançar aqueles que deram esses passos nas suas vidas terrenas.

Ora, fiz com que muitos espíritos viessem ter comigo, pobre de mim, desde que entrei no mundo dos espíritos, que viveram vidas piedosas aqui, que foram exaltados pelo povo e cujos nomes desceram à sepultura com honra — tais pessoas vieram ter comigo pedindo-me em nome de Deus para as ajudar a avançar; para lhes dizer em que tinham sido falhas nas suas vidas terrenas; para lhes dizer o que deveriam fazer para progredirem aqui neste mundo dos espíritos; e descobri invariavelmente que elas tinham falhado em dar esses passos nas reformas que nasceram na vida terrena.

Disse a um bom irmão que veio ter comigo (que morreu na plena fé de ser salvo pelo sangue de Cristo), quando me perguntou o que deveria fazer para ser salvo — questionei-o desta forma: "O que fez na terra?" "Oh, fiz isto e aquilo." "Bem, alguma vez pensou que talvez pudesse servir a Deus melhor noutra direção?" "Oh, sim, muitas vezes; mas pensei que era a voz do diabo, a tentar desviar-me do caminho." "Bem, agora", disse eu, "meu querido e bom irmão, era a voz de Deus, a tentar levar-te pelo progresso, mas enganaste-te nessa voz; não a compreendeste. Tenho pena de ti. A mesma voz está a chamar-te agora. Volta para a terra e cumpre o teu dever lá." E eles lutam para voltar, e acham muito difícil retratar os seus passos. Por isso agradeço a Deus por ter dado os passos que dei nas várias reformas do dia. [Deseja dar o nome desse irmão?] Sim, presumo que não fará diferença. O seu nome era Millard — David Millard, um pregador do Evangelho — do Evangelho dele, não do meu.

Disse: Se eu achar o Espiritualismo verdadeiro, tenho a certeza de que voltarei. E de várias formas tenho voltado, e tenho derramado toda a luz que me foi possível sobre aqueles que deixei, e muitos que não conhecia pessoalmente — ou não conhecia quando aqui estava —, mas que vi aqui em aflição e na escuridão. Oh, faz bem à minha alma

descer aos lugares escuros desta vida terrena e erguer aqueles pobres sofredores que não sabem como erguer-se a si mesmos, que não sabem onde reside a sua força ou, se sabem, não sabem como usá-la. Faz-me mais bem a mim do que a eles. Oh, sou beneficiado mil vezes por tudo o que faço por eles, e só espero nunca falhar no cumprimento do meu dever, pelo meu próprio bem, se não por mais nada.

Bem, meu querido e bom irmão, não pretendia pregar um sermão. Esse não era o meu forte. Mas pretendia lançar o meu pequeno contributo na balança pela verdade. É verdade. Nós podemos voltar. É verdade que milhões de espíritos estão a velar pela terra, indo onde quer que possam, e como podem, até àqueles que precisam deles, derramando a sua luz, erguendo os oprimidos e sussurrando paz às almas aflitas; em toda a parte eles estão a ir. Oh, não sabeis quão gratos devíeis estar por viverdes nesta geração! Não sabeis quanta luz está a ser derramada sobre vós. Ora, uma inundação gloriosa está a passar sobre a terra e a atuar em todos os lugares; não há lugar onde não possa chegar.

Chauncey Robinson. Eu sou da cidade de Holley, no Estado de Nova Iorque; estou aqui há dois anos e meio — um dos vossos antigos assinantes. Bom dia. Com a idade de setenta e quatro anos — uma vida longa e boa. Eu deveria ter feito alguma coisa.

3 de março.

PERG.—"Onde se achará a sabedoria, e onde está o lugar do entendimento? Não se pode comprar por ouro, nem se pesará prata pelo seu preço."

RESP.—A sabedoria é o elemento para o qual toda a alma instintivamente se volta. A inteligência que se manifesta através da infância volta-se para a sabedoria desde o seu primeiro entendimento, e continua a estender-se em direção a ela através de todo o seu ser, quer nesta condição de terra, quer naquelas que se lhe seguem. A sabedoria, creio eu, encontra-se em toda a parte. É o mestre divino que está posicionado a cada curva da vida, e quem quiser pode valer-se dos seus ensinamentos. As rochas, as águas, o solo, as estrelas, o sol, a

lua, as flores, os grãos, todo o tipo de vida contém um trono sobre o qual se senta o grande mestre sabedoria, e quem quiser pode aprender com este mestre. A sabedoria está em toda a parte. A sabedoria pode ser chamada os pequenos riachos que fluem da grande fonte, Deus, o maravilhoso oceano de inspiração cujas ondas são tão numerosas que não as conseguimos recordar.

P.—O que se quer dizer no versículo onde Jesus diz: "Em verdade, em verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus." João iii: 5.

R.—Para a minha mente, não tinha qualquer referência à ordenança do batismo — nenhuma de todo. Para a minha mente, refere-se a elementos materiais e à vida espiritual. Nenhuma alma pode contemplar a plenitude da glória da terra dos espíritos até ter nascido para esta vida espiritual — até ter nascido do espírito. Nenhuma alma pode compreender as condições desta vida, ser familiarizada com as experiências da terra, sem nascer através de condições terrenas, elementos terrenos. Jesus compreendia a lei, e ele bem sabia que quem quisesse familiarizar-se com a lei e as suas revelações teria de vir sob a lei — teria de nascer pela lei. O progresso, através de todos os nossos numerosos departamentos, é natural. Nascemos neste mundo e recebemos as experiências deste mundo em virtude do nosso nascimento natural.

Nascemos no mundo dos espíritos e recebemos as experiências desse mundo em virtude do nascimento espiritual — não podemos de nenhuma outra forma. Jesus pretendia sem dúvida transmitir esta ideia aos seus ouvintes, a saber, que a fim de nos familiarizarmos com as experiências de qualquer lei que seja, temos de nascer sob essa lei, temos de viver sob o domínio direto dessa lei. Não podemos compreender a terra a menos que sejamos terrenos. Não podemos compreender a terra dos espíritos a menos que sejamos nascidos do espírito.

P.—Poderia explicar a diferença, se alguma existir, entre o poder da vontade e as influências mesméricas? Também os seus diferentes modos de operação?

R.—O poder da vontade em cada indivíduo difere de acordo com as capacidades do indivíduo, e contudo é poder da vontade, no fim de contas. O poder da vontade que o mesmerizador exerce sobre o sujeito mesmérico é simplesmente poder da vontade. É dele ou dela. O poder da vontade que pertence ao sujeito é poder da vontade — nem mais nem menos. Mas pertence ao sujeito mesmérico, não ao operador mesmérico. O poder da vontade é essa força pela qual todo o movimento espiritual é feito. É a vida do intelecto, o movimento mental — sem ele não poderia haver exercício da mentalidade.

P.—O universo material e, tanto quanto podemos compreender, o universo espiritual também, são governados por leis fixas. Ora, lei implica um legislador, ou, por outras palavras, uma inteligência. É essa inteligência uma inteligência individualizada? Se não, em que sentido somos feitos à imagem de Deus e segundo a sua semelhança? Assumindo-se Deus como sendo o nome do autor destas leis pelas quais todas as coisas são governadas?

R.—O seu correspondente, como milhares de outros, está a trabalhar sob um grande erro quando confunde as leis de Deus com as leis humanas. Pois as leis humanas pressupõem a existência de um legislador, mas não é assim com as leis divinas. Para a minha mente, a lei da vida é o Deus da vida — o poder pelo qual toda a vida é expressa e aperfeiçoada. É a personificação do poder divino, onde quer que o veja, sob quaisquer condições em que se manifeste, é Deus. A lei que opera nos solos, nos minerais, na atmosfera, na água, nos céus, em toda a parte, é Deus. Não há poder fora desta lei que possamos reconhecer como Deus. Nenhuma grande inteligência moldada com um corpo humano. De modo algum — e quanto mais depressa se despojarem desta escuridão mental e teológica, mais depressa subirão a uma luz mais clara. Sei que é quase impossível para a mente humana conceber a lei sem conceber um legislador; mas sei também que a impossibilidade resulta da vossa educação aqui, e de

mais nada. Vós ides para o trabalho aqui, e fazeis leis para os vários departamentos da vida.

Ali está o criador. Ali está a lei. Não é assim com a lei que governa no universo. Não é assim com a lei que nos mantém a si e a mim nos nossos devidos lugares. Não é assim com esse poder que determina sobre o nosso bem-estar. É um poder, uma existência que tudo perpassa, que tem todas as formas por suas, mas não reivindica especialidade alguma de forma. O homem é feito à imagem de Deus simplesmente porque detém dentro da sua forma física todos os elementos que existem no universo. Não há nada, nenhum tipo de vida que o homem no físico não detenha dentro de si mesmo. Ele é um microcosmo de tudo o que está abaixo dele, e ergue-se como a glória coroadora da criação. Neste sentido, e apenas neste, se pode dizer que ele é criado à imagem de Deus. Porque criado à imagem de todas as coisas abaixo dele, ele representa todas as coisas, detém todas as coisas, abrange tudo. Neste sentido está ele à imagem de Deus.

5 de março.

ESPÍRITO CONTROLADOR

As suas proposições nós as consideraremos, Sr. Presidente.

PERG.—A organização conhecida como Ordem do Progresso Eterno foi organizada apenas por mortais, ou espíritos fora da forma favoreceram e ajudaram?

RESP.—Uma organização correspondente àquela que foi ultimamente instituída no vosso mundo mortal tem estado em processo de ação no mundo dos espíritos por uma longa, longa série de eras, e através de certas mentes mediúnicas certas ideias foram transmitidas a vós no estado mortal, e vós estais apenas a começar a colocá-las em prática na vida ativa.

P.—A prevalência do Espiritualismo tende a diminuir a devida apreciação da vida humana? A pergunta é feita com toda a sinceridade, tendo em vista alguns dos crimes terríveis, envolvendo

assassinato, por vezes perpetrados por pessoas que professam ser espiritualistas.

R.—O Espiritualismo, puro e inalterado, ensina-nos que o dom da vida, em todas as suas muitas fases, é a maior e melhor bênção que o Criador concedeu aos seus filhos, e que ninguém tem o direito de procurar mudar as condições do tempo pelas daquilo a que chamais eternidade. É o dever de todos procurar prolongar as suas vidas aqui até que o espírito já não se possa expressar através da forma mortal. Então, de uma forma natural e harmónica, o espírito passará para fora e desfrutará das glórias dessa vida mais elevada. O Espiritualismo ensina que o suicida e o assassino encontram mais infelicidade lá do que poderiam por qualquer possibilidade encontrar aqui. O Espiritualismo propõe-se esclarecer a alma relativamente aos seus interesses mais elevados, quer do tempo quer da eternidade. O Espiritualismo não ensina que deveis infringir, ou procurar fazê-lo, qualquer lei do vosso ser mortal ou espiritual. Ensina como vos podeis tornar em harmonia com a lei, e ao tornardes-vos em harmonia, aprendeis o caminho para o céu. É apenas quando estais em harmonia com as leis que vos estão a governar que estais no céu, ou podeis por qualquer possibilidade saber o que é a verdadeira felicidade. E se procurardes infringir a lei, ela repreender-vos-á sempre com a mais severa austeridade. Não importa se estais aqui ou ali. A lei não vos deixa na morte. Ela segue-vos para além do túmulo.

P.—Parece ser a opinião de um grande número de espiritualistas que a mulher tem o direito de exercer autoridade de igual para igual com o homem, em todos os deveres da vida. Qual seria o resultado, no caso de marido e mulher, onde houvesse uma diferença de opinião em matérias de negócios?

R.—Que a mulher é mental, moral, social e espiritualmente a igual do homem, nós sabemo-lo certamente. Fisicamente, ela é a sua inferior, e por ser fisicamente inferior ao homem, é elevada exatamente outro tanto na escala espiritual, tornou-se exatamente mais espiritual, exatamente mais intuitiva, exatamente mais adiantada em relação ao homem no que diz respeito às coisas da vida real. Agora,

com referência à pergunta que formulou, o seu orador pode talvez dar muito pouco conselho valioso, e contudo o que sou capaz de dar será dado com toda a sinceridade, com um propósito inteiramente honesto, e eu esperaria inteiramente separado de qualquer favoritismo relativamente ao homem ou à mulher.

Em matérias de negócios, aquilo que se relaciona com coisas deste mundo, aquilo que abrange o comércio da vida humana, lida com essas formas que são correntes aqui, o homem sabe geralmente mais sobre isso do que a mulher. Porquê? Porque ele viveu mais nessa atmosfera do que ela. Ele habitou lá mais constantemente do que ela habitou. Ele tornou-se mais habituado e assimilado com estas condições do que a mulher; portanto, considerando o caso sob essa luz, ele deveria ser preeminente relativamente à mulher no que diz respeito a este tipo particular de sabedoria. Mas quando considerado sob outro ponto de vista, a mulher ergue-se acima dele; e é sob este ponto de vista que a contemplamos espiritualmente como sua superior, mesmo a este respeito. Estando as suas intuições mais desenvolvidas, é por vezes muito possível que os amigos íntimos do homem, no mundo dos espíritos, possam derramar a sua influência sobre a mulher no que diz respeito ao que é melhor fazer-se, mesmo nas coisas desta vida.

A mulher pode ser capaz de receber a melhor porção de conhecimento espiritual no que diz respeito às coisas aqui, enquanto os sentidos do homem podem estar inteiramente fechados para elas. E como o homem está lado a lado com a mulher, e como Deus os reconhece a ambos como estando num mesmo plano de vida, cumpre a ambos procurar compreender-se mutuamente, e ao procurardes compreender, procurais aperfeiçoar-vos um ao outro também. A mulher deve emprestar da sua sabedoria ao homem, e o homem deve emprestar da sua força física à mulher. Deve haver uma ação harmónica entre os dois, senão não há céu para eles. Nada senão o inferno pode habitar com o homem e a mulher que são desarmónicos entre si, em qualquer sentido que seja. O tempo está a chegar em que o homem e a mulher aprenderão quão perto estão de Deus, e como Deus lhes está a falar através de todas as diferentes formas de vida. E

quando eles compreenderem isto, darão ouvidos à voz, e a harmonia virá onde a desarmonia reina agora soberana.

9 de março.

PERG.—Os espíritos têm, além do pensamento ou da comunhão mental entre si, também o som audível da voz que alguns parecem afirmar?

RESP.—A lei das correspondências é uma lei absoluta e perfeita em toda a parte, não apenas aqui mas no próprio mundo dos espíritos. Sim; nós temos aquilo que é equivalente ao som. É-lo para o espírito desencarnado. Não o seria para vós, porque as aplicações não poderiam ser feitas com sucesso aos vossos sentidos humanos. Os nervos auditivos não vibrariam sob o som que pertence ao próprio mundo dos espíritos, mas os nervos auditivos do corpo espiritual vibrarão sob os sons do mundo dos espíritos. Cada condição de vida é regulada pelas suas próprias leis especiais. Há leis pertencentes à Natureza, leis pertencentes à mente, e leis pertencentes a cada grau de mente e matéria, e governando cada um na sua própria esfera adequada.

P.—Foi dito que todas as coisas na Natureza têm de assumir uma segunda vida, isto é, a espiritual. Não vem a terra — este planeta que habitamos — sob a mesma lei? Não entrará numa vida mais espiritual ou etérea?

R.—Certamente que sim. Este planeta está a morrer constantemente. Com o tempo a mudança da morte tornar-se-á tão completa que ele passará da sua órbita material e entrará numa órbita espiritual, ou tornar-se-á a morada de seres etéreos, e não a morada para seres materiais. Todas as coisas, todas as formas, cada condição de ser de que podeis conceber, tem a sua vida interior e a sua vida exterior. A interior é o poder propulsor, a exterior é a expressão desse poder. A exterior muda constantemente. Através de um número infinito de graus ela passa até se tornar tão eterealizada ou espiritualizada a ponto de já não ser reconhecida pelos sentidos

materiais. Notai bem: tudo tem a sua vida interior e a sua vida exterior.

P.—Não é provável, então, que estas formas espirituais que passaram da esfera terrestre voltem finalmente a habitar os mesmos lugares que uma vez habitaram no corpo?

R.—Não é certamente impossível.

P.—Gostaria de perguntar, como tendo suporte na primeira pergunta, qual é a filosofia da influência espiritual? As ideias são comunicadas por sons ou palavras, caso em que o ouvido é o meio — também através de formas, como por cartas, etc., onde o olho é o meio. Agora qual é a filosofia da influência espiritual onde não se apela aos sentidos?

R.—Por vezes as faculdades percetivas são usadas como agentes para transmitir o pensamento de uma mente para outra. Sob algumas circunstâncias um pensamento mal se arredonda em forma numa mente, outra apanha-o logo, e outra e outra, e assim por diante até se perder na distância.

P.—O senhor diz que o pensamento é arredondado em forma. Eu consigo conceber uma bolha a ser arredondada em forma e depois a desvanecer-se no ar. É o mesmo com um pensamento?

R.—Certamente que sim. Vós não conseguis conceber a realidade do pensamento simplesmente porque não o conseguis medir pelos vossos sentidos humanos, não o conseguis pesar, não conseguis lidar materialmente com ele. Agora o pensamento é para a humanidade o intangível, o irreal; é o passageiro. Mas para o espírito desencarnado é o real, o tangível; é a vida. Sim, os pensamentos são arredondados em forma exatamente da mesma maneira que as bolhas o são, como os mundos o são, como as gotas de orvalho o são. Tudo começa com um ciclo e termina com um ciclo.

P.—Não tem o homem um destino direto colocado diante de si, uma estrada na qual é compelido a andar, um destino traçado para ele por um poder infinitamente sábio e bom que governa todas as coisas?

R.—Sim, eu creio que sim. Acredito que somos exatamente tão criaturas do destino como este mundo é. Ele realiza as suas revoluções em perfeita harmonia com a lei do seu destino. Nós fazemos o mesmo. Podemos pensar que podemos fazer isto ou aquilo, como nos aprouver. Podemos supor, na nossa ignorância da grande lei pela qual somos controlados, que temos uma vontade toda suficiente e omnipotente própria, mas no fim de contas ela é muito insignificante e de pouca importância, quando medida pelo grande poder governante do universo.

P.—Até que ponto, então, é o homem um agente livre, responsável pelas suas ações na terra?

R.—Essa é uma pergunta muito difícil de responder. Porque o homem está sujeito à lei de um certo destino, eu acredito que essa lei não infringe a sua liberdade — todos os direitos que lhe pertencem como ser individualizado. Acredito que o juiz de todo o ser inteligente está dentro de si mesmo, e acredito que eles são responsáveis apenas perante esse juiz; e desta forma: por exemplo, suponha que o homem de negócios comete um erro nas suas operações comerciais hoje; ele olha para o terreno e vê onde poderia ter feito melhor; ele arrepende-se do que fez, e no futuro evita dar os mesmos passos sob circunstâncias semelhantes. Ora ele julgou-se a si mesmo; pagou a penalidade através do arrependimento, e veio para uma luz mais nova em consequência do erro. Ele sabe mais do que sabia antes; dificilmente faria a mesma coisa novamente. Assim é relativamente a todas as coisas na vida. Se uma criança queima a mão ao colocá-la na chama, dificilmente a fará fazer a mesma coisa novamente. Ela temerá a chama. O velho ditado, "criança queimada tem medo do fogo", é muito verdadeiro. Mantém-se válido no reino intelectual, e em todos os outros.

P.—Com referência à minha pergunta anterior, gostaria de perguntar se não há condições na vida do homem sobre as quais ele não tem controlo, que o impedem de fazer de outra forma que não como faz?

R.—Com toda a certeza. Há condições a cercar a humanidade sobre as quais a humanidade não tem o mais mínimo controlo. O fogo possui propriedades destrutivas, e enquanto for fogo possuirá essas propriedades. Se se colocar numa posição para ser queimado por ele, ele queimá-lo-á. Não o pode controlar. E através de todas as circunstâncias da vida, surgem constantemente condições sobre as quais não temos controlo. Por exemplo, não teve controlo sobre a forma e o modo do seu nascimento — nenhum controlo sobre a vida orgânica que possui. Descobriu que a possuía quando chegou a um certo padrão de inteligência. Não teve palavra alguma na matéria. A lei, ou a natureza, operou sem sequer perguntar se podia operar no seu caso, e essa mesma lei vai consigo por toda a vida. Exatamente até onde compreender a lei profundamente pode torná-la sua serva, e não mais além. Mas nunca pode compreender a lei profundamente, portanto haverá sempre condições sobre as quais não tem controlo.

P.—A asserção do homem sobre o seu livre-arbítrio não nasce da sua ignorância das forças que o controlam?

R.—Penso que sim.

P.—As inteligências mais sábias da vida espiritual acreditam na doutrina do livre-arbítrio?

R.—Há muitas, muitíssimas, que abandonaram a crença no livre-arbítrio, no que lhes diz respeito. Há também muitíssimas que ainda a mantêm. Elas sentem que podem fazer uma grande quantidade de coisas que subitamente descobrem que não podem fazer. O selvagem, na sua ignorância, acredita que é "o senhor de todo o mundo". Não há nada superior a si mesmo. É apenas porque é ignorante. Quanto mais nos aproximamos da sabedoria, quanto mais compreendemos do grande poder infinito pelo qual somos cercados, menos sentiremos que

somos agentes livres. O nosso livre-arbítrio desvanecer-se-á perante a sabedoria. Aprenderemos que não passamos de ondas no grande oceano da vida, e que todas as outras operam sobre nós, quer queiramos quer não.

P.—Diz que há alguns na vida superior que ainda não abandonaram a doutrina. Conheceu algum que, tendo-se oposto uma vez, a tenha aceitado mais tarde?

R.—Sim.

P.—Eles mudam de ambos os lados?

R.—Sim. A mente está sujeita a flutuações. Por vezes repousa aqui e por vezes ali. Mas torna-se mais firme à medida que sobe na escala. Quanto mais sábios nos tornamos, mais estáveis somos na mente.

P.—Como define a palavra pecado? Em que consiste ele?

R.—A definição habitual é uma violação da lei, mas não é essa a forma como eu a definiria. Não acredito que lei alguma possa ser violada. Eu defini-la-ia como sendo uma relação desarmónica com a lei, em consequência da nossa ignorância. Colocamo-nos em relações desarmónicas com a lei, e a lei golpeia-nos. Acredito que todo o pecado, ou mal, não passa de bem não desenvolvido. Não acredito na depravação total de coisa nenhuma, portanto, para mim, o pecado perdeu o seu significado terreno; para mim não há pecadores, no absoluto. Há muitos que caem — ou parecem cair — no caminho da vida, mas não acredito que haja pecadores, de acordo com a definição habitual do termo.

P.—Não coexistiram sempre o bem e o mal? Poderíamos compreender um sem o outro?

R.—Não, certamente que não. Ora, se eu pensasse que o diabo se ia embora do mundo da mente e do mundo da matéria, ficaria

miserável de facto, e por esta razão: saberia que Deus, ou o grande e bom poder, seria roubado de metade da sua glória. O que saberia sobre o bom, fino e agradável tempo, se não houvesse tempestades? Cansar-se-ia dele muito rapidamente. O que saberia sobre apreciar a luz do sol, se não houvesse nuvens que passassem sobre o rosto do sol? Ora, eu penso que o diabo é um dos nossos melhores amigos e, em vez de lhe colocarmos chifres e cascos, deveríamos vesti-lo com vestes de luz e chamá-lo do que Deus lhe chama — muito bom.

P.—Não fomos colocados aqui a fim de obter conhecimento a partir de circunstâncias adversas, para que possamos estar melhor preparados para a vida que há de vir?

R.—Ora, certamente. Supõe que apreciaria as alegrias daquilo a que chama céu, o céu do mundo dos espíritos, se tivesse passado sempre por uma espécie de vida fácil e livre aqui? Ora, não. Diria: "Tive quase tão bom quanto isto na terra." Mal saberia de qual gostava mais. Aqueles que foram esmagados sob as rodas da adversidade são as almas que sabem como desfrutar do céu. Ora, eu só tenho pena de não ter tido mais adversidade quando aqui estava. Só tenho pena de não ter bebido mais profundamente do copo do amargor, porque se o tivesse feito teria um gosto mais apurado pelas alegrias do céu. O meu gosto é muito apurado agora, mas teria sido aumentado uma centena de vezes se eu tivesse apenas sofrido mais quando aqui estava. É por isso que o espírito que regressa vos diz sempre que, embora tenham sofrido muito aqui, não se podem dar ao luxo de se separar da lembrança disso — estão muito contentes por terem passado por isso.

P.—Sendo este o caso, então, a fim de assegurar a felicidade futura dos nossos amigos, não deveríamos começar a atormentá-los com todo o nosso poder enquanto estamos aqui?

R.—De modo algum. E não poderíeis mesmo que quisésseis, pois a lei do vosso destino tem-vos no seu domínio, e não podeis escapar-lhe. Podeis atormentá-los até certo ponto, mas não mais além. Se tiverdes intenção disso, podeis tentar e ver até onde podeis ir. Cansar-vos-íeis muito rapidamente disso, pois descobriríeis que o tormento

reagiria tão plenamente sobre vós mesmos que ficarias doentes com isso.

10 de março.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Sr. Presidente, estou pronto para cumprir o vosso costume habitual de responder às perguntas que possa ter recebido.

PERG.—O que é a religião experimental? Ou, por outras palavras, o que é a influência de que se fala como sendo o trabalho do Espírito Santo, pois há evidentemente algum poder invisível em movimento?

RESP.—Todo o tipo de religião é em si mesmo experimental. Nunca houve uma religião que não fosse uma religião experimental, de que eu tenha tido qualquer conhecimento. Este Espírito Santo de que fala o seu correspondente é o poder que determina relativamente ao cunho e à cor particulares da religião que possuiremos, e dá uma variedade muito grande, não possuindo duas pessoas o mesmo tipo de religião. Mil pessoas podem prestar culto no mesmo santuário religioso, e contudo no culto individual essencial todas diferem umas das outras. Este Espírito Santo e este Poder Divino que determina entre o bem e o mal é o poder que abrirá as portas do céu a cada alma individualmente, não coletivamente.

Estreito e apertado é o caminho. Uma alma não pode entrar no céu por qualquer possibilidade por qualquer outro caminho exceto o seu próprio — o caminho que Deus traçou para ela. Não pode ir para o céu pelo meu caminho. Eu não posso pelo seu. Não vale a pena tentar. Pode tentar subir pelo meu caminho, mas não o consegue fazer; descobrirá que se enganou no seu poder. Todos têm de bater às portas do céu através da lei do seu próprio espírito santo. Eles não podem por qualquer possibilidade entrar no céu de qualquer outra forma; e como todas as almas entram no céu, ou supõem que entram, por alguma luz religiosa, assim todas têm de entrar pela sua própria luz religiosa particular. O homem ou a mulher que não está pronto para uma

religião espiritual e está pronto para a religião do Catolicismo irá para o céu por esse caminho, e vós não o podeis evitar.

12 de março.

PERG. Por favor, explique o fenómeno na neve, conforme referido no seguinte parágrafo de um jornal de Michigan:

"ST. CLAIR — Às 6 horas da noite de 24 de fevereiro, ocorreram vários trovões violentos e relâmpagos fulgurantes neste lugar. O ar durante todo o dia parecia sobrecarregado de eletricidade, que aparentemente culminou e descarregou a sua força nos trovões e relâmpagos à noite. Granizo, neve e nevoeiro caíram durante o dia, acompanhados de frio intenso. A superfície da neve assim formada tinha uma cor muito escura, mais intensa em direção a Port Huron e mais para oeste, e a própria neve tinha um sabor amargo. Os lenhadores regressados dos pinhais desde segunda-feira relatam o mesmo fenómeno ali. Várias teorias são apresentadas para o explicar."

RESP. É quase impossível, durante o curto espaço de tempo que nos é concedido para responder a estas perguntas, dar uma análise clara do assunto que apresentou, mesmo que fôssemos capazes de o fazer. É um facto científico bem conhecido que certas influências elétricas, se passadas sobre a neve, ou incorporadas em qualquer massa de neve, a mudarão para uma cor escura. Os homens da ciência dizem-nos também que terá um sabor aparentemente amargo. Dizem-nos igualmente que estas condições são provocadas através de influências atmosféricas. A luz a atuar sobre a neve, e o fluido elétrico a passar entre os raios de luz e a neve, produzem a mudança na cor e a mudança no sabor. Estas experiências fenoménicas da Natureza — experiências pelas quais ela está constantemente a passar, e ocasionalmente exibindo algo que é para um observador superficial fora do curso comum —, estão contudo todas no programa. Não obstante dizer-se que a neve no verão é fora de estação, à semelhança dos ditos sábios da boca de um tolo, não obstante tudo isto que parece estar errado, está tudo bem na Natureza e com Deus.

Agora, acredito que é o dever de cada mente que tem a capacidade de se expandir sobre qualquer assunto, esticar os seus poderes até à sua capacidade máxima e agarrar todas essas experiências da Natureza, trazendo-as como criancinhas para o seu redil de inteligência, e ali torná-las suas. É em vão para qualquer espírito regressar desfazendo estes aparentes mistérios e desvendando-vos estas coisas quando não estais prontos para elas. Exatamente à medida que estiverdes prontos para receber estas verdades, as mentes crescerão o suficiente para as absorver, e serão suficientemente benévolas para as dar ao mundo. Talvez as mentes que estão livres desta vida façam muito no sentido de desvendar estes mistérios, mas não podem fazer tudo.

P.—É afirmado pelo Sr. Davis na sua última obra, "*A Stellar Key*", que o material que forma a Terra de Verão é composto de matéria refinada desenvolvida principalmente a partir dos corpos humanos; isto é, é matéria progredida, ponderável. Esta ideia tem sido frequentemente lançada por outros espiritualistas e, tanto quanto sei, é geralmente aceite. Agora que prova há de que a matéria — não as formas — progride para condições mais elevadas? Pelo contrário, não é verdade que a forma mais elevada de matéria ponderável a que podemos, por amor do argumento, chamar gases, pode ser reduzida a líquidos e daí a sólidos, mostrando que a mudança de sólidos para gases etéreos não é progressiva, mas mera mudança de forma?

E não está toda a ciência da química fundada no caráter imutável das substâncias mais simples, isto é, no facto de que o ferro puro, por exemplo, é sempre ferro puro, e não pode progredir para mais nada? Além disso, os homens da ciência alguma vez foram capazes de mudar um ponderável num imponderável, ou naquilo a que se chama magnetismo animal, ou força ódica? E se assim for, por que razão a análise química mais rigorosa não encontra porção alguma perdida na forma de luz, calor ou eletricidade, força ódica ou magnetismo animal nas suas experiências? Se a inteligência afirma que a matéria assume condições diferentes, e para nós imponderáveis, análogas ao magnetismo animal ou à eletricidade, fará o favor de designar a forma de experimentar para no-lo provar claramente?

R.—Todas as formas de matéria, no absoluto, não passam do elemento universal que tem existência no chamado mundo dos espíritos e aqui convosco, encontrando um lugar em todos os mundos em toda a parte, através de todos os universos. Acredito que a matéria é essencialmente a mesma ontem, hoje e para sempre. Em essência, acredito que nunca muda; é apenas na expressão externa, na forma, no símbolo. Falais de uma mudança da matéria como se fosse absolutamente certo que a matéria estivesse constantemente a mudar. Não pode ser assim. Pois se assim fosse, seria destruível, o que não é. No que diz respeito à forma, podeis mudá-la um número infinito de vezes. Hoje pode ser uma coisa no exterior e amanhã outra completamente diferente. Hoje o calhau pode ser uma substância dura sob os vossos pés e amanhã pode estar na atmosfera. A lei da química é tão pouco compreendida aqui que é hoje o vosso mestre, e vós, o quê? Apenas uma criança na sua presença. Todos nós, quando colocados em contacto com a química da Natureza, não passamos de crianças. Ela é maior do que nós, está para além de nós. Carrega-nos consigo quer queiramos quer não, e por graus lentos vamos aprendendo da Natureza, do seu vasto laboratório químico que está aberto para todos. Todos podemos entrar e familiarizar-nos com as formas na Natureza, e com a alma na forma, que é a única vida real da forma. Essa nunca muda. Podíeis com igual razão falar de Deus a mudar como da matéria a mudar. Não pode ser.

P.—Não é a teoria newtoniana da atração da gravidade contrária à ordem da existência universal na Natureza?

R.—Ora não, não a podemos entender assim. Esse ponto particular da lei é capaz de se provar a si mesmo, de demonstrar a sua própria verdade, e penso que a demonstrou para além da sombra de uma dúvida.

P.—Não está esta terra a aproximar-se do sol, e não será eventualmente atraída para esse corpo?

R.—Não, não entendo assim. Acredito que a terra continuará a mudar de forma — mas não na matéria essencial — por uma série infinita de eras. Mas não acredito que vá ser absorvida novamente pelo seu grande progenitor, o sol. Estudando de perto a geografia dos céus, descobrimos que todas as suas expressões ensinariam o contrário. O sol parece ser um poder a emitir corpos, mas nunca ouvimos falar de ele absorver algum novamente.

P.—Então não considera que as manchas escuras no disco do sol sejam corpos que foram atraídos para lá?

R.—Não, elas não são entendidas como tal por aqueles que fizeram dessa matéria um estudo sério.

P.—O céu é alguma localização particular?

R.—Não entendo que o céu seja uma localização. Entendo que seja uma condição de mente. Podeis ter o céu aqui tão bem como em qualquer outro lugar. Sempre que estais em paz convosco mesmos, com o mundo e com o vosso ideal mais elevado de um Deus, estais no céu onde quer que estejais. Não pode ser de outra forma. Quando um estado contrário existe em vós, estais no inferno, não importa onde estejais, mesmo no fabuloso Paraíso. O céu e o inferno são estados de mentalidade, não localizações.

P.—Há outros mundos além deste?

R.—Sim, milhões deles — milhões e milhões de mundos não descobertos, bem como aqueles que foram descobertos.

P.—Todos os espíritos tomam conhecimento do que os rodeia imediatamente ao serem desligados do corpo?

R.—Não.

P.—Por que não?

R.—É impossível dizer por que não. Nem sempre podemos explicar facilmente este fenómeno da Natureza que se nos apresenta; embora o possamos dominar com o tempo, contudo podemos não ser capazes de o fazer de imediato. Muitos espíritos que passam desta esfera para um estado de ser mais espiritual, que se despojam do mortal e são revestidos de imortalidade, passam pela mudança química chamada morte talvez sob a influência de bebidas alcoólicas, talvez sob a influência de narcóticos. Tais espíritos não são facilmente despertados para a consciência do espírito. Por exemplo, um homem morre completamente embriagado, e enquanto nesse estado passa para fora do corpo. O que é que está completamente embriagado? É o corpo? Não, é a consciência.

Ela vai para o mundo dos espíritos completamente embriagada, e permanece assim até que, pela lei natural, a condição passe e ele seja despertado para um estado de consciência, tome conhecimento do que o rodeia, meça a si mesmo e aquilo por que se encontra cercado pela sua própria consciência interior. Todas as almas estão no seu exterior especialmente agregadas; contudo não há duas iguais. Uma percebe muito facilmente todas as condições que a cercam e nas quais parece viver, enquanto outra é muito lenta a percebê-las. Um espírito ouve que o caminho está aberto para voltar à terra e imediatamente regressa. Outro ouve falar disso, mas os seus ouvidos não estão afinados com a verdade do som; ele não acredita nisso. Não lhe pode apelar como uma verdade, e ele não regressa durante anos — eras, talvez. Todos são constituídos de forma diferente no exterior, contudo no interior o bosquímano, o hotentote, o anglo-saxão, são todos o mesmo. Agora, não imagineis que sois melhores do que o selvagem dos desertos do Oeste, pois não sois. Em essência eles são um convosco.

P.—Esse estado de inconsciência dura geralmente muito tempo após a morte?

R.—É geralmente governado pelo poder interior, pela capacidade interior do indivíduo de se despojar de condições externas desarmónicas. Alguns podem fazê-lo mais facilmente do que outros. É

governado pelo seu estado interior. Com alguns dura apenas algumas horas, com alguns, anos.

P.—Na sua resposta à pergunta anterior, entendi-o corretamente que a consciência, a alma e o espírito são uma e a mesma coisa?

R.—Não; eu disse isso? Oh, não.

P.—Alguns tipos de doença não produzem os mesmos efeitos de entorpecer a consciência?

R.—Certamente. Tudo o que tornar a consciência individual inativa aqui, torna-a inativa ali. Leva a impressão para lá, e deve ser dado tempo para superar essa condição ali, bem como aqui. Não há milagres realizados em parte alguma, nem mesmo com o próprio Deus supremo. Tudo é feito por lei. Podeis falar de violar leis aqui e violar leis ali, mas as leis de Deus são invioláveis.

P.—Quanto beneficia o saber o espírito após a morte?

R.—O verdadeiro saber beneficia-o muito. Desenvolve os poderes interiores do espírito e torna-os fortes, coloca-os em contacto com as coisas externas, dá-lhes essa força ativa que corresponde à força do corpo, que recebeis pela ação. Quão fortes seríeis se não tomásseis parte ativa no mundo físico externo? Por exemplo, suponha que se senta, ou vai para a cama e fica ali deitado dois meses, levantar-se-ia forte? Não, ficaria muito fraco. Porquê? Porque os seus membros teriam sido privados da sua atividade natural. O mesmo se passa relativamente aos seus poderes mentais: quanto mais os usar sem abuso, melhor será para si aqui e no além.

16 de março.

ESPÍRITO CONTROLADOR.

As suas perguntas, Sr. Presidente, acatá-las-emos e responderemos.

PERG.—Qual é o significado da grande e aparente diferença na condição, crescimento e progresso do homem? Alguns aprendem muito mais depressa do que outros e com muito pouco trabalho, sendo isso um prazer; outros têm de mourejar arduamente com sofrimento e aversão, mas perseveram por necessidade ou por um sentido de dever. Estes, contrastando a sua condição com a dos mais favorecidos, devem naturalmente sentir-se negligenciados pela Natureza ou pelo poder criador. Eles não podem emular a capacidade que testemunham. O sucesso parece ser o resultado de certos dotes. Um, mentalmente, é um antílope em velocidade, outro uma tartaruga. Um adquire riqueza rápida e facilmente, outro falha, embora use todos os esforços. Assim, em todos os departamentos da vida, parece haver um poder distribuidor e diretor. Dois rios, partindo do mesmo ponto, podem, pelo aparente acidente de um calhau no caminho de um deles, tomar direções amplamente diferentes; um correndo por uma terra onde flui leite e mel, o outro por um deserto.

A vantagem ou desvantagem que vimos é real ou aparente? O crédito ou descrédito pertence ao ribeiro, por o seu leito ser junto a pastos verdes ou através de areias ardentes? Haverá uma equalização em algum momento? — a alma, aleijada e murcha por condições adversas, será libertada e feita progredir proporcionalmente mais depressa pelo seu atraso, e alcançará ou ultrapassará o companheiro cujo início foi mais brilhante do que o seu, para ser por sua vez, talvez, ultrapassada novamente, mas para demonstrar à vida em geral, por estas diferentes fases do destino, que não há no progresso do espírito a desigualdade que aparece; que a alma não passa de um oceano amplamente agitado, cada parte do qual é por sua vez elevada ou deprimida, mas o nível médio se mantém o mesmo — conhecendo cada gota a vertiginosa elevação e o abismo correspondente, e destinada a encontrar entre os dois o meio-termo de ouro que constitui a real vitória, paz e alegria da vida?

RESP.—Ao consultar os corpos celestes, descobrimos que eles variam em magnitude, portanto em poder, em condição. Cada estrela parece diferir de cada outra estrela. De facto, não há duas formas, quer na mente quer na matéria, que sejam criadas precisamente iguais.

Existe uma vasta variedade, e é muito afortunado para a alma que assim seja, pois se o contrário fosse verdade, uma vasta monotonia seria o resultado. Na verdade, com toda a beleza que se depara a todos os sentidos a cada curva, na mente ou na matéria, não encontraríamos nada para nos deleitar, e também nada para nos deprimir, mas mediocridade em toda a parte. Nada a que aspirar, nada a temer. Ao olharmos em redor por toda a parte contemplamos esta variedade, e ela é exibida com não menos poder na organização humana do que em qualquer outro lugar.

Encontramos um homem a mourejar arduamente para atingir os seus desejos aqui. Ele vai para o além, e ainda moureja arduamente através de séculos, através de ciclos de anos, ainda moureja arduamente. Com o tempo vem uma mudança. Por outro lado, contemplamos um homem que vemos alcançar os seus propósitos e que parece estar a andar para o céu no carro da facilidade. Tudo corre bem com ele. Um goza de uma saúde física quase ininterrupta, enquanto outro sofre de uma doença física quase ininterrupta. Assim por diante através do grande calendário da Natureza. Descobrimos que toda esta variedade pode ser combinada numa grande escala de harmonia na vida do nosso Deus. É bem que estas diferenças existam. A alma tem necessidade absoluta da sua existência. Algumas almas dificilmente se desenvolveriam sob condições agradáveis, harmónicas. Elas precisam da fricção dura da aflição. Precisam de ser colocadas em contacto com as cenas brutas e tempestades da vida, para que a alma possa crescer por esse meio; para que se possa desenvolver de uma forma diferente de todas as outras almas. Um poder sábio moldou-nos; esse mesmo poder governa-nos e guia-nos, e esse mesmo poder trará ordem do caos, harmonia da desarmonia, perfeição da imperfeição, e a grande lei da compensação não isentará ninguém.

P.—Por que razão algumas pessoas estão sujeitas a atos singulares enquanto dormem profundamente? Como no caso de uma jovem mulher que se levanta às três horas, faz o lume, enche a chaleira e põe a mesa pronta para o pequeno-almoço, regressando depois para a cama, deixando as portas atrás de si abertas, até para o ar

livre, e surpreendida à mesa do pequeno-almoço com o relato dos seus serviços inconscientes para uma refeição matinal?

R.—Há algumas pessoas que estão dotadas organicamente de um duplo poder motor, cada um perfeito em si mesmo. Estas pessoas são capazes de ser usadas por essas inteligências ou mentes que se despojaram das suas próprias organizações externas, ou corpos físicos. Enquanto o espírito residente tem a posse do poder motor interior, da estrutura nervosa interior, o espírito exterior e estranho pode ter o controlo do poder nervoso motor externo, e pode não haver consciência transmitida ao espírito residente, porque estes dois sistemas nervosos, ou poderes, são cada um distintos em si mesmos. Embora num só corpo, são distintamente separados. Um não transmite informação ao outro. O espírito estranho controla o externo, enquanto o espírito residente controla o interno. Aqui, então, está um duplo controlo de um corpo, cada um perfeito em si mesmo. A essas pessoas que possuem este duplo sistema nervoso chamais médiuns, sonâmbulos. Dai-lhes vários nomes, mas elas são simplesmente pessoas extraordinariamente sensíveis. A sua sensibilidade consiste em terem este duplo sistema nervoso — nem mais, nem menos.

17 de março.

PERG.—O equador da terra está continuamente a mudar do norte para o sul, ou do sul para o norte, e causa isto mudanças climáticas?

RESP.—Os cientistas da astronomia dizem-nos que está continuamente a mudar e que, em consequência desta mudança, as estações mudam correspondentemente. As mesmas condições, elétricas e magnéticas, não existem nesta localidade hoje que existiam aqui há mil anos no passado. Uma vez, dizem-nos eles, esta localidade era inteiramente diferente do que é agora, no que diz respeito à experiência atmosférica, mas a mudança é tão gradual, tão muito lenta, que ninguém, exceto aqueles que calculam muito rigorosamente, é capaz de a discernir.

P.—Os médiuns estão inconscientes quando em transe?

R.—Por vezes estão; por vezes não estão.

P.—Uma pessoa no estado clarividente vê externamente?

R.—O clarividente vê por perceção, e não com o órgão natural da visão. É a visão interior que toma conhecimento das coisas externas.

P.—A pobreza, a miséria e o crime são benéficos?

R.—Eles parecem ser uma necessidade absoluta, a nascer das condições da terra e, portanto, em grande medida um benefício, porque sem eles a inteligência que se exibe através da vida humana dificilmente subiria ao padrão superior a que deseja subir. As riquezas são muito propensas a induzir a indolência da mente e do corpo. Um estado de saúde ininterrupta não desperta as faculdades mais finas e delicadas da nossa natureza. Quando os indivíduos estão a mourejar sob a mão pesada da doença, acontece muito frequentemente que algumas das passagens mais finas das suas vidas interiores se abrem em consequência do desgosto externo.

A rosa não exala a sua plenitude de perfume a não ser quando esmagada. Assim é com a alma, a parte inteligente da humanidade; ela não fala plenamente a partir da sua vida interior, mais fina, melhor, exceto através da profunda escuridão do desgosto humano. Alguns dos pensamentos mais finos que alguma vez foram dados ao mundo foram dados sob as condições mais tristes. O poeta encadeou os seus pensamentos de ouro em ritmo muitas vezes sob a profunda pressão do desespero humano. Da escuridão veio a luz mais bela. As pessoas frequentemente abraçam perceções religiosas, chegam a um entendimento mais claro das coisas divinas pela doença, pelos problemas, por essa pressão externa de circunstâncias na vida humana que toca a vida interior.

P.—Deveríamos então esforçar-nos por remover estes males?

R.—Certamente que deveríeis; não o podeis evitar. Tendes uma repugnância natural pelo desgosto. A alma está de tal forma

constituída que deseja ser feliz. Esse desejo nunca se separa dela. Alguns procuram a felicidade de uma forma, outros de outra; todos desejam afastar o mal de si, no que diz respeito ao desgosto. E porquê? Simplesmente porque a tendência da alma é para cima, para fora e para a frente. Não podeis evitar procurar acabar com as coisas escuras da terra. É exatamente tão natural para vós fazer isto como para as flores virarem as suas corolas para a luz do sol.

P.—Se o crime é inevitável, deveria haver uma pena?

R.—Sim, deveria haver. Ambos são bons. E contudo, no absoluto, não há verdadeiro juiz para indivíduo algum fora da sua própria consciência mais elevada do correto. Ninguém pode cometer um erro sem sofrer as consequências disso.

P.—Pode sugerir algum remédio?

R.—Os vossos corações estão sempre a sugerir remédios. Os próprios males que existem entre vós apresentam-vos o remédio para eles; contudo nem sempre aplicais o remédio como deveríeis. Vós fazeis muito frequentemente uma aplicação falsa. Contudo o remédio está convosco, e à medida que crescerdes para um conhecimento do crime como ele é, e não como supondes que seja, exatamente com essa rapidez chegareis ao conhecimento do remédio para ele. A criança não consegue compreender o mecanismo do relógio, mas o relojoeiro consegue.

P.—É dito na Bíblia que o homem é feito à imagem de Deus. Por favor, diga-nos o que é essa imagem.

R.—Ele é feito à imagem de tudo o que alguma vez foi, é, ou alguma vez será. Ele detém dentro do seu calibre tudo o que existe, que alguma vez existiu, ou que alguma vez existirá. Ora, Deus está incluído nisto. Se ele existe de todo, existe em toda a parte (e nós abarcámos tudo), em todo o lugar, em todo o tempo, em toda a condição. Acredito que o humano está acima de todas as outras coisas

e detém no seu abraço todo o passado, presente e futuro. Neste sentido ele é criado e existe à imagem de Deus.

P.—O que é Deus essencialmente?

R.—Tudo. Essencialmente vós sois Deus, eu sou Deus — as flores, a relva, os calhaus, as estrelas, a lua, o sol, tudo é Deus. Ora, isso pode parecer uma ideia muito material de Deus, mas na realidade não é. Se me puderdes mostrar onde Deus não está, então podeis forçar-me a acreditar que Deus em essência e Deus em forma não está em toda a parte presente para os nossos entendimentos. Deus para mim fala através da água e da terra seca; através dos céus, através das flores, através das montanhas e dos vales. Não consigo entender Deus como existindo fora da Natureza.

P.—É dito que os seus olhos estão sobre todas as obras da sua mão. Ele tem olhos exceto nas obras da Natureza?

R.—Há uma grande quantidade de coisas ditas que são muito tolas, e era melhor que não fossem ditas. Sim; Deus tem olhos em toda a parte, porque a vida está em toda a parte. Nós estamos aparentados com todas as coisas na existência, e a alma percebe esta relação. Não há necessidade de órgãos externos de visão. A alma vê por perceção, e eu acredito que Deus vê por perceção. A vossa velha ideia de uma Divindade pessoal pressupõe a existência de olhos, de ouvidos, de mãos e pés, e, de facto, de todos os órgãos do corpo. Mas quando conceberdes Deus como uma grande e poderosa essência, a perpassar todas as formas e tendo todas as formas por suas, então concebereis um Deus infinito, e não um que seja finito. O vosso Deus pessoal seria tão profundamente finito que não responderia às exigências de uma única alma que fosse.

P.—Mantém a ideia de que Deus é essencialmente vida e amor, e que a vida e o amor existem como duas forças criativas?

R.—Sim; isso é verdade, absolutamente verdade.

19 de março.

ESPÍRITO CONTROLADOR
Estamos agora prontos para as suas perguntas, Sr. Presidente.

Perg.—Um bom clarividente tem poderes iguais aos de um espírito desencarnado para penetrar o espaço e localizar a Terra de Verão e as diferentes esferas, zonas, cenários, etc.?

RESP.—Sob certas condições, os clarividentes estão claramente, espiritualmente livres; mas sob certas outras condições, estão limitados, amarrados pelas circunstâncias do corpo e pelas condições da terra.

P.—Por favor, explique o seguinte parágrafo:

"VEGETAÇÃO NA LUA

Foi durante muito tempo a conclusão comum entre os astrónomos que a lua estava sem qualquer atmosfera, desprovida de água; e que, consequentemente, nem a vida animal nem a vegetal podiam ser sustentadas na sua superfície. Mas vários astrónomos modernos eminentes têm mantido que a lua tem uma atmosfera, embora de extensão muito limitada. E muito recentemente, o Sr. Schwabe, um professor de astronomia alemão, pensa ter descoberto sinais de vegetação na superfície do nosso satélite. É bem sabido que há certas linhas escuras ou riscos, como parecem, a estender-se através das encostas das montanhas mais altas da lua. Estas têm sido explicadas de várias formas, alguns considerando-as como leitos de rios secos; outros como canais deixados por torrentes de lava; outros como tendo alguma outra origem.

O Professor Schwabe afirmou ter descoberto nestas linhas uma cor esverdeada, que aparece em certas estações, dura alguns meses e depois desaparece. Ele considera, portanto, essas linhas como faixas de vegetação. Se as suas observações forem decisivamente confirmadas pelas de outros astrónomos, isso resolverá a questão de

que a lua tem ar e água, e removerá, portanto, qualquer presunção contra a existência de vida animal na sua superfície." — Jornal Inglês

R.—O Prof. Schwabe está correto nas suas conclusões astronómicas relativamente à lua. Ela tem uma atmosfera. Há terra e água na sua superfície, e a vegetação existe, embora, segundo se julga, numa forma muito primária. Os astrónomos estão a familiarizar-se muito rapidamente com muitos pontos da sua ciência que até agora tinham negligenciado, pois o Mundo cresce, e os astrónomos também. O grande afluxo de luz que está a ser derramado do mundo dos espíritos nesta era, neste momento, não pode deixar de alcançar, mais ou menos, todas as classes de mentes, e alcança com particular força essa classe de mentes que é em si mesma científica — aquelas mentes que desejam resolver os grandes problemas da vida.

É sobre elas que este afluxo espiritual desce com grande poder, e embora não o reconheçam ou não compreendam o seu alcance, ele está com elas, impressionando-as com a grande verdade que está na atmosfera, que está na terra, que pertence às estrelas, e a elas também. O geólogo é vivificado pelo espírito para saber relativamente ao que está sepultado na terra; o astrónomo é vivificado para saber o que há de ser revelado dos céus estrelados; e assim por diante através de todos os departamentos da ciência. Cada um não deixa de receber a sua devida porção desta luz que vós, espiritualistas, chamais vossa.

"A. E. G." apresenta o seguinte:

P.—Alguma alma humana teve uma existência consciente antes da sua encarnação na carne?

R.—Eu próprio não tenho lembrança de uma existência anterior àquela por que passei durante a vida terrena; mas tenho conversado com muitos espíritos que me dizem ter uma lembrança distinta de terem vivido e atuado através da vida humana antes da sua existência na terra. Estas mentes são no presente as exceções; se continuarão a sê-lo, não podemos dizer.

(...) se continuarão a sê-lo, não podemos dizer.

Julgando pelo grande progresso que tem sido feito nesta direção durante os últimos cinquenta anos, eu próprio determinaria que, no decurso dos próximos duzentos anos, estas mentes, com as suas teorias aparentemente místicas, serão a regra. Outras mentes adicionarão o seu testemunho, até que a maioria esteja com elas, não connosco. Talvez vós e eu, muito antes desse tempo, tenhamos sido despertados para a consciência de uma existência anterior àquela que desfrutámos na terra.

A. E. G. apresentará uma declaração de factos com suporte no mesmo assunto:

O Rev. David Brainerd, que trabalhou entre os índios de Nova Jérsia em 1745, num diário das suas experiências que publicou nessa altura, menciona algumas das maravilhas ou feitos maravilhosos operados por ou através de certos adivinhos, conjuradores ou *powows* índios, como eram chamados. Ele diz que se supõe que eles têm o poder de prever acontecimentos futuros, recuperar os doentes fazendo passes sobre eles, encantar pessoas até à morte, e que o seu espírito, nas suas várias operações, parece ser uma imitação fanática do espírito de profecia de que a Igreja nas primeiras eras foi favorecida. Ele ficou particularmente familiarizado com um destes adivinhos, a quem representa como tendo sido sincero, honesto e consciencioso, e alguns de cujos sentimentos o Sr. Brainerd disse parecerem-lhe muito justos.

Este índio, ao descrever a Brainerd a forma como obteve este poder que tinha de prever acontecimentos futuros, conhecer os pensamentos secretos dos homens, restaurar os doentes à saúde, etc., disse que antes de nascer foi admitido na presença de um grande homem, num mundo acima e a uma vasta distância deste mundo, que informou o índio de que o amava, tinha pena dele e desejava fazer-lhe bem. Este grande homem estava vestido com o dia mais brilhante que ele jamais vira, sim, um dia de muitos anos, de duração eterna. Todo este mundo estava desenhado sobre ele, de modo que nele a terra e todas as coisas nela podiam ser vistas. Ao lado deste grande homem

estava a sua sombra, brio ou espírito, que preenchia todos os lugares, e era sumamente agradável e maravilhoso para ele.

Este grande homem disse-lhe que ele devia descer à terra, nascer de uma determinada mulher, encontrar tais e tais coisas, e que uma vez na sua vida seria culpado de assassinato. Com isto o índio ficou desagradado, e disse ao grande homem que nunca assassinaria. Mas ele respondeu: EU O DISSE, E ASSIM SERÁ. Tudo isto aconteceu mais tarde ao índio: (isto é, ele veio mais tarde para a terra, nasceu daquela mulher em particular, encontrou tais e tais incidentes, como tinha sido predito, e tinha também, numa ocasião, cometido assassinato, totalmente inconsciente na altura de que estava a cumprir uma predição feita em referência a si antes do seu nascimento.)

O grande homem perguntou-lhe o que ele escolheria na vida. Ele respondeu que ser caçador e, mais tarde, ser um *powow*, ou adivinho; pelo que o grande homem lhe disse que teria o que desejava, e que a sua sombra, ou brio, iria com ele para a terra, e estaria com ele para sempre. Não foram faladas palavras nesta altura entre eles. A conferência não foi levada a cabo por nenhuma linguagem humana, mas eles tinham uma espécie de inteligência mental dos pensamentos um do outro. Depois disto o índio diz que não viu mais o grande homem, mas supõe que ele desceu à terra para nascer. O espírito, ou sombra, do grande homem ainda o acompanhava, e desde então continuou a aparecer-lhe em sonhos e de outras formas.

Havia ocasiões em que este espírito vinha sobre ele de uma forma especial, e então ele diz que era todo luz e não apenas ele próprio, mas era luz ao seu redor, de modo que podia ver através dos homens e conhecer os pensamentos dos seus corações.

Quem ou o que era este grande homem com quem o índio conversou no seu estado pré-existente, e que traçou um trabalho definido, preciso e em alguns aspetos desagradável para o índio realizar na terra? Assemelha-se ele ao Homem Cósmico de Swedenborg?

R.—Eu diria que este grande homem não era outro senão algum espírito protetor, cuja missão era velar por este índio, e talvez velar por muitos outros.

P.—Jesus, um ou dois dias antes da sua morte, disse: "Pai, glorifiquei-te na terra, consumando a obra que me deste a fazer; e agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse, e agora vou para ti." Gostaria de perguntar se estas e outras palavras de Jesus ligadas a isto não implicam que ele tinha a ideia da sua pré-existência?

R.—Jesus diz-nos que se lembrava clara e distintamente de uma longa existência anterior àquela que foi cruzada por tanto desgosto. Ele diz-nos que o sabia quando aqui estava, mas que não lhe era permitido falar na plenitude da sabedoria, por causa da ignorância dos seus seguidores. Era-lhe permitido dar-lhes exatamente o alimento mental que a sua condição exigia, e nenhum outro. Ele diz que sabia que tinha existido através de todo o passado como uma individualidade distinta, movendo-se através de diferentes esferas e atuando sob diferentes condições, mas sem nunca uma única vez perder a sua própria individualidade particular.

Ele diz-nos isto nas nossas esferas espirituais, e é sobre o seu testemunho que milhares de espíritos estão a procurar saber se eles também não são neste sentido imortais. A imortalidade, para o espírito, não significa simplesmente o futuro, mas implica que a alma veio através de todo o passado, que a sua imortalidade repousa no passado bem como no futuro. Abrange toda a eternidade. Se a alma não era um espírito consciente no passado, então não era uma alma. Não possuía esse direito de nascença à imortalidade que supomos que possui. Embora eu próprio não tenha consciência de uma existência anterior, contudo tenho a máxima fé no testemunho daqueles que a têm.

P.—A. J. Davis, no seu último livro, intitulado "*Memoranda of Persons, Places and Events*", na página 342, explica esta ideia de pré-existência afirmando que "a mente é um composto de princípios

eternos, cada um dos quais é consciente por si mesmo; que o intelecto mais profundamente espiritual é abençoado com as intuições mais profundas, e assim o passado é, em certos momentos, espelhado na consciência como os sentimentos e cenários do presente." Se assim for, não preexistia toda a vida presente no passado? E se assim for, o que acontece à doutrina do progresso, da qual ele é um defensor tão capaz?

R.—Acredito que todas as coisas, em essência, sempre existiram, porque acredito na imortalidade das coisas. A vida, aquilo que é o real, acredito ser imortal. Por exemplo, acredito que a parte imortal desta mesa diante de mim a mantém na sua forma presente. Não acredito, contudo, que quando esta forma se tiver decomposto, quando as partículas estiverem separadas umas das outras, a sua imortalidade se perca, ou que seja engolida no grande todo. Não, acredito que todas as coisas, todos os pensamentos e todas as almas são imortais. O Sr. Davis recebe algumas verdades muito claras e diretas dos seus guias espirituais, mas nem sempre, assim nos é dito, as compreende corretamente e, portanto, ao aplicá-las comete por vezes erros.

P.—Brainerd representa ainda o índio como dizendo "que o espírito ou sombra do grande homem continuou a aparecer-lhe em sonhos e de outras formas até que ele sentiu o poder da palavra de Deus no seu coração, desde cuja altura o deixou inteiramente." Gostaria de perguntar qual era, na opinião da inteligência controladora, a causa da cessação da mediunidade do índio, como suponho que o seu poder peculiar seria chamado na linguagem moderna?

R.—É impossível dizer qual foi a causa. Vós e eu podemos ambos supor o que possa ser, mas não podemos saber. Os médiuns modernos são vigiados e guardados por uma certa classe de espíritos durante um certo tempo. Subitamente, eles deixam-nos. Nunca mais ouvem falar deles. Não conseguem dizer por que razão é que estas coisas são assim.

P.—O senhor diz que (...) contudo descubro que tudo é (...) bem como todos os (...) sobre isto? (...) a uma grande Causa Primeira. Se tudo é (...) que (...) usamos certos termos aqui na terra para transmitir certas ideias. Eles são talvez os melhores que poderíamos usar sob as circunstâncias, e contudo falham em transmitir metade do que desejamos transmitir-vos. Nas nossas orações ao grande Deus, o Pai e Mãe de todos nós, nós apenas oramos a essa inteligência que é superior à nossa, a esse bem que está para além de nós em bondade, a esse algo em que sentimos que devemos confiar na nossa própria fraqueza individual. É como o átomo a orar à montanha; é como uma gota do grande oceano a orar a todas as outras gotas. A oração eleva-nos na escala moral do ser.

Nunca falha em fazê-lo, pois nunca damos à luz uma oração honesta sem deixarmos alguma da nossa escuridão abaixo de nós, sem subirmos algo espiritualmente. Pelo próprio facto de termos desejado orar, sabemos que estamos a ascender, que a escuridão está a passar. Quando oramos, atraímos a nós uma classe mais elevada de inteligências, e porque são mais elevadas estão dispostas a ajudar-nos, pois o melhor empresta sempre do seu tudo àquilo que está abaixo dele. É a ordem da vida. Oramos simplesmente porque sentimos que há uma necessidade de orarmos. Não conseguimos dizer de onde vem a necessidade. Não conseguimos dizer onde a oração encontrará o seu lugar de paragem, mas oramos, e a resposta vem pela nossa própria elevação moral.

23 de março.

PERG.—Qual é a opinião da inteligência controladora relativamente à teoria da correlação de forças?

RESP.—Talvez fosse honesto e justo declarar que ainda não formámos qualquer opinião conclusiva relativamente a esse assunto.

P.—Por favor, explique a sua definição das palavras "eterno" e "perpétuo", na seguinte passagem: "E irão estes para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna."

R.—Há tantas formas de definir estes termos quantas as mentes para os definir. Para mim significam algo sem início e sem fim. Os antigos tinham uma crença muito peculiar relativamente à eternidade, e dessa crença nasceu o Deus dos antigos, e um Deus muito bom ele provou ser — o Jeová — o passado, presente e futuro. "Os maus irão para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna." O parágrafo apenas encarna essa verdade que certas mentes nesta era iluminada mantêm como verdadeira relativamente à vida após a morte. Aqueles que são considerados maus vão herdar a condenação eterna, e aqueles que são considerados justos vão herdar a vida eterna. Nós sabemos que cada alma herda a vida eterna, portanto a passagem é nula e sem efeito quando pesada nas balanças do bom e são senso comum. Quando colocada na plataforma da religião natural e científica, cada alma herda a vida eterna. Não pode ser de outra forma. Ora, que classe miserável de seres seríamos, se a velha ideia teológica fosse verdadeira relativamente à vida após a morte. Aqueles que a abraçam tão estreitamente no seu peito seriam os últimos a aceitá-la e a sentir-se satisfeitos com ela. Na sua consciência mais elevada rejeitá-la-iam, mas na consciência educacional externa sentir-se-iam no dever de se apegar a ela.

24 de março.

PERG.—A Bíblia foi a única causa de termos chegado ao nosso elevado estado de civilização, ou ter-se-ia chegado a ele se não houvesse Bíblia em existência?

RESP.—Não tenho tanta fé na Bíblia a ponto de acreditar que o presente estado de civilização tenha sido alcançado através dos seus meios. Por muito que tenha reverência pelas suas verdades, não posso acreditar que o mundo da mente e o mundo da matéria sejam subservientes a esse livro. De facto, sei melhor. O mundo teria prosseguido sem dúvida exatamente como prosseguiu se não tivesse havido Bíblias.

P.—Se uma pessoa levar uma vida moral, não cometer crime algum e respeitar as leis do país, mas for muito apaixonada e usar linguagem profana, será isso um impedimento a que volte e

comunique com os seus amigos, se ele — o espírito — desejar fazê-lo?

R.—Não, certamente que não. Não pesará o valor de um grão de areia contra isso.

P.—Se as correntes magnéticas correm do sul para o norte e do leste para o oeste, não seria mais adequado para aqueles de cérebros excitáveis dormir com a cabeça para o sul e para o leste, e assim ter as influências magnéticas removidas do cérebro? E por que razão a posição oposta é considerada melhor por muitas pessoas?

R.—Porque é melhor para muitas pessoas, enquanto para muitas outras não é melhor. Algumas pessoas declaram que se sentem muito melhor, física e mentalmente, ao tomar alimento animal; outras declaram o contrário. Ambas estão certas. E assim ambas estão igualmente certas relativamente a estas forças magnéticas. Uma vez compreendidas estas forças ocultas, sabereis como vos colocar em relação a elas. Sabereis como estais relacionados com elas, como elas vos podem servir melhor. Elas são todas vossas servas. Tudo na Natureza é projetado para servir a alma. E à medida que a alma chega ao conhecimento do seu próprio poder e das suas próprias necessidades, com essa mesma rapidez estas servas serão colocadas em uso prático, e não mais depressa.

P.—A corrente da bateria eletromagnética torna-se mais magnética e consonante com o princípio da vida se for passada através do corpo do operador? E prejudica, ou não, finalmente o operador que continua a usá-la assim na prática?

R.—O bem recebido pelo paciente quando dado através do operador depende muito da condição física do operador. O operador, se persistir no decurso de transmitir estes elementos através do seu próprio corpo, seria certamente prejudicado por isso. Não pode ser de outra forma. Ele estaria constantemente sob a ação de uma superabundância daquilo que o seu próprio organismo forneceria.

P.—O espírito e a alma do homem são uma e a mesma coisa?

R.—Não, não são assim considerados. São termos usados para expressar ideias diferentes. A alma é geralmente considerada como sendo essa essência imortal que é sempre a mesma, ontem, hoje e para sempre. O espírito é o seu vestuário, a estrutura orgânica através da qual ela se manifesta. O espírito é o meio, ou mediador, entre a alma e o corpo, externamente.

P.—O transe e o estado clarividente são ambos um e o mesmo?

R.—Num certo sentido são um e o mesmo. O estado de transe propriamente dito é esse estado em que os sentidos externos do sujeito estão inteiramente fechados. O estado clarividente é aquele em que os sentidos são deixados num estado de vigília, mas o sujeito vê aquilo que foi e aquilo que há de vir.

23 de março.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Agora, Sr. Presidente, estou pronto para considerar quaisquer proposições que tenha a oferecer.

PERG.—Lio na literatura espírita que a condição material dos planetas se tornará com o tempo espiritual. Como podemos reconciliar isso com a ideia de que a matéria é eterna?

RESP.—Alguma vez parou para considerar que o espírito não passa de matéria eterealizada? Não poderia haver expressão de mente sem matéria em alguma forma. Aqui ela é muito bruta. Na terra dos espíritos é mais etérea, mas é matéria ainda assim. Os gases invisíveis por que estais cercados são simplesmente matéria. Ide para onde quiserdes através dos universos espirituais, infinitos, e ainda assim encontrareis matéria. Não a mesma classe de matéria que tendes aqui, mas é matéria, no fim de contas. É uma atenuação daquela que tendes aqui; em essência precisamente a mesma.

P.—A condição que vemos ao nosso redor, a material, não será em algum momento no futuro absorvida pelo grande espírito de onde emanou?

R.—Todas as formas de matéria que têm existência sobre a face deste planeta e de todos os outros estão destinadas a mudar. Estão lentamente a progredir, a tornar-se eterealizadas, espiritualizadas. Este artigo de mobiliário (a mesa) mudará a sua forma, mas será matéria, no fim de contas — a mesma idêntica e essencial matéria que é hoje. A atmosfera detém no seu abraço uma representação de todas as formas de matéria que possais conceber. Não conseguis ver esta representação eterealizada, contudo ela está lá. As formas mudam constantemente, mas a essência, a vida das formas, é a mesma ontem, hoje e para sempre. Esta é a sua imortalidade.

P.—O senhor diz que as formas espirituais são matéria?

R.—Certamente que são.

P.—Então como é que elas podem passar através de outra matéria, como, por exemplo, quando um espírito entra num quarto fechado? Por que razão a matéria mais densa não se lhes opõe?

R.—Certamente que se lhes opõe.

P.—Mas não impede a sua entrada?

R.—Não, porque o espírito é sempre não apenas superior em ponto de beleza e excelência, mas superior em ponto de poder. Tenho um certo controlo sobre esta matéria bruta porque sou superior a ela. Como espírito desencarnado posso passar através das paredes deste quarto, porque sou superior a elas. Elas não passam de servas, por assim dizer, para mim. Oferecem uma certa quantidade de resistência. O mesmo fazem as ondas do oceano; o mesmo faz o fogo, mas não são impenetráveis ao espírito.

P.—Ao passar através das ondas do oceano ou através do fogo, há uma deslocação das partículas de matéria. Quando a matéria espiritual passa através de um meio mais denso, há também uma deslocação das partículas?

R.—Não, não há necessidade disso.

P.—Chamamos a uma forma espiritual matéria eterealizada. Suponha que encerra um objeto numa caixa de vidro; o espírito poderia passar através dela?

R.—Não há nada em todo o universo que seja impenetrável ao espírito.

P.—Contudo diz que o espírito é matéria.

R.—É matéria, mas tão eterealizada que os vossos sentidos não a conseguem agarrar. Tendes muitas condições de matéria impenetráveis aos gases por que estais cercados, mas não tendes nada que seja impenetrável ao espírito.

P.—Poderia explicar o poder do pensamento sobre o desenvolvimento humano?

R.—O pensamento é essência — poder infinito. Supera tudo, torna todas as coisas subservientes a si. Mas expressa-se apenas através da matéria. Sem matéria não poderia haver expressão de pensamento, nenhuma de todo. O pensamento, no exterior, no que respeita à expressão, progride, desenvolve-se através da matéria. À medida que passa através da matéria, desenvolve-se, a matéria muda a sua forma. Por exemplo, o mecânico concebe a ideia de que pode fazer uma mesa melhor do que esta, algo que responda melhor às exigências da humanidade. Pensa sobre o assunto. Constrói a mesa no pensamento; mas se não tivesse matéria por meio da qual e através da qual expressar esse pensamento, o pensamento nunca seria usado; mas se há matéria, ele projeta imediatamente o seu pensamento na matéria bruta, e eis que a mesa aparece. Assim é relativamente a todas as

coisas na vida. O artista cria na sua imaginação uma bela paisagem. Deseja colocá-la na tela, mas se não houvesse matéria no universo o pensamento permaneceria para sempre sem uso. No que respeita ao seu poder, seria inteiramente inerte; mas em virtude da matéria torna-se um poder todo-poderoso. O pensamento de Deus pode ser comparado ao poder da mente, todas as mentes a moverem-se através da matéria. É impossível conceber Deus ou o desenvolvimento da alma à parte da matéria. Ficamos inteiramente perdidos quando tentamos fazê-lo.

P.—Como havemos de discriminar entre impressões produzidas pelo que nos rodeia e a real presença ou impressões espirituais?

R.—Tudo é capaz de impressionar a mente. A mente é uma placa que recebe impressões através de tudo com que entra em contacto, e nem sempre é possível discriminar entre uma impressão espiritual absoluta e uma impressão recebida de uma fonte terrena.

P.—O senhor diz que o elemento imortal está presente em toda a matéria. Desloca-o no médium quando fala através dela?

R.—A parte externa, pensante, a consciência externa, é geralmente silenciada muito profundamente. Não a deslocamos por força, de modo algum. Não há guerra travada entre o espírito residente e o espírito estranho que procura controlar o corpo. Há ocasiões em que o espírito residente, no que respeita à sua consciência externa, sai do corpo, toma conhecimento de cenas exteriores, comunica em lugares distantes, mas não é porque tenha sido expulso. Vós ides muitas vezes para fora em sonhos, em visões. Não é porque o espírito seja expulso, mas porque usa o pensamento para sair por um tempo.

P.—Por que razão é tão difícil para os espíritos que controlam diferentes médiuns reconhecer através de um organismo o controlo de outro? Por exemplo, eu me visito um médium, e algum amigo espírito vem a mim, e eu me vou a outro médium e o mesmo espírito manifesta-se, contudo não indica conhecimento do controlo anterior

através de outro organismo. Penso que todos os investigadores tiveram esta experiência. Como explica isto?

R.—Geralmente o espírito está profundamente limitado pelas condições do médium que usa, e nem sempre é possível com todos os médiuns para o espírito comunicante impressionar tão profundamente tudo o que pudesse desejar no cérebro do médium de modo a dar uma comunicação clara e satisfatória. Eles são geralmente capazes de dar apenas o que está mais à tona com eles, deixando tudo o resto fora no frio. Tudo o que eles não contemplaram comunicar antes de tomar posse do médium é-lhes estranho temporariamente. Eles sabem exatamente quanto podem dar através daquele organismo em particular. Mediram a sua capacidade e não podem ir além dela. Compreende-nos? [Sim.] Mas virá o tempo em que todas estas dificuldades poderão ser ultrapassadas; quando comunicardes com os vossos amigos face a face; quando, em vez de tomarmos posse dos nossos médiuns, nos limitaremos a estar na sua atmosfera e a comunicar distinta e absolutamente convosco.

Então seremos, para todos os efeitos e propósitos, nós mesmos; estando fora do médium e recolhendo certos elementos do médium que nos servirão temporariamente, de modo algum dependentes da estrutura orgânica do médium para a expressão. Esse bom tempo vindouro não está muito longe na distância. Estamos a olhar para ele com grande alegria, e quando ele vier parece-me que celebrareis um jubileu mais grandioso do que aquele que vos propondes celebrar no dia vindouro. (Referindo-se ao Festival de 31 de março.)

P.—É dito que os espíritos são capazes de visitar outros planetas. A ideia de cima e de baixo é-lhes indiferente? Como superam eles isto quando se aproximam dos planetas?

R.—Não conheci nenhum que tenha superado isso inteiramente. Ainda parece ser uma necessidade para todos os que conheci.

P.—Dois amigos marcaram um encontro para se reunirem no dia 4 de julho do ano 2000, no ponto mais alto de altitude no planeta Vénus. É possível que tal compromisso seja cumprido?

R.—Sim. Por que não? É certamente possível, mas eu diria que havia uma grande probabilidade de falha.

P.—Suponha que um estaria lá e o outro não, seria correto inferir que a outra parte não escolheu manter o compromisso?

R.—Não gostaria de dizer que se o compromisso fosse quebrado era porque eles não escolheram cumpri-lo. Preferia dizer que encontraram demasiados obstáculos no caminho, e foram obrigados a desistir.

P.—Tem alguma ideia da natureza dos obstáculos que eles encontrariam?

R.—Não, certamente que não.

30 de março.

PERG.—Quando, ou em que altura, recebemos a vida imortal?

RESP.—É impossível responder a essa pergunta, enquanto ninguém puder determinar relativamente ao nascimento da alma. É Acredito por aqueles que fizeram da ciência da vida um estudo profundo que sempre possuímos a nossa imortalidade. Não sabemos de tempo algum em que nos tenha sido conferida.

P.—Quando é que a vida da alma e a vida da terra se combinam?

R.—Sempre — para sempre.

P.—A vida, ou a vida humana, é o resultado de ação química?

R.—Sim; todo o universo parece ser um vasto laboratório químico, a produzir as suas multitudinárias formas, sem nunca cessar de mourejar. E estes corpos físicos entram no reino da Natureza. Eles são os resultados de um poder químico que está a trabalhar no universo. Certas combinações químicas mantêm-nos nas suas esferas adequadas. Eles são máquinas químicas sobre as quais o espírito joga, para que se possa expressar durante a sua permanência na vida terrena.

P.—Todos os espíritos podem comunicar aqui?

R.—Se quer perguntar se espíritos de todos os graus de inteligência podem comunicar aqui, responderei pela afirmativa. Seria absolutamente impossível para todos os espíritos encontrar acesso aqui, para serem capazes de comunicar aqui, visto que o canal é muito limitado, enquanto a procura é muito vasta.

P.—O espírito perde alguma vez a sua individualidade?

R.—Não; não acredito que alguma vez perca.

P.—Não há um momento, na morte, em que perde?

R.—Não; certamente que não. A morte não tem mais poder sobre o espírito do que tem poder sobre o sol. Não tem efeito algum sobre ele. A morte é uma mudança química que tem lugar no corpo físico, mas não afeta o espírito, a não ser pelo facto de o separar do corpo físico. O espírito segue em frente precisamente o mesmo que era enquanto no corpo. Não perdeu nada; não ganhou nada.

P.—Devemos supor que os médiuns que afirmam estar sob a influência direta de Jesus Cristo e de outros espíritos antigos estão corretos? Podem esses antigos vir e influenciar os médiuns do presente dia?

R.—Sim; tem a liberdade de supor o que quer que seja. Não é de modo algum uma coisa impossível para esses espíritos antigos regressarem manifestando-se através dos médiuns modernos.

P.—Quando aqueles que aqui sofreram de perturbação mental, loucura, entram no mundo dos espíritos, continuarão sujeitos à loucura?

R.—Não. A loucura é um defeito do corpo, não do espírito.

P.—Da mente também?

R.— No que respeita à sua ligação com o corpo, e não mais além. O espírito é incapaz de se expressar perfeitamente através do corpo por causa do defeito neste, não porque o espírito seja defeituoso.

P.—Então a loucura é desconhecida no mundo dos espíritos?

R.—A loucura pertence ao corpo, não à alma.

P.—A mesma regra aplica-se aos idiotas?

R.—Certamente que sim.

6 de abril.

ESPÍRITO CONTROLADOR

As suas proposições, Sr. Presidente, estamos prontos para as considerar.

PERG.—Foi aqui declarado que há vastas regiões da superfície da terra ainda não descobertas — regiões quase sem limites. Se assim for, os nossos geógrafos estão muito errados. Eles representam a superfície da terra como bastante bem explorada, exceto um pequeno espaço nas regiões ártica e antártica que é ainda desconhecido. A inteligência localizará as fronteiras e a extensão dessas regiões?

RESP.—Não tem o direito de determinar que as suas mentes científicas que exploraram certas partes da terra não estão certas, até onde foram. Até onde foram capazes de alcançar, aí estão certas. Mas

na sua ignorância determinam que, por haver uma fronteira para o seu progresso, materialmente, não há nada para além dessa fronteira. Agora aqueles que fizeram desta matéria um assunto de profunda observação no mundo dos espíritos — não aqui na terra — informam-nos de que para além do que é chamado por vós de regiões ártica e antártica há extensões quase ilimitadas de terra e água, variando em clima de acordo com as condições por que estão cercadas, de acordo com as influências planetárias que atuam sobre elas. Este mundo, dizem-nos eles, esta esfera flutuante, não é de modo algum tão pequeno como supondes que seja. É pequeno quando comparado com o vasto universo fora de si mesmo; mas não é tão pequeno como os cientistas da terra determinaram. Dizem-nos que à medida que a mente muda a sua base de operações, assim a terra muda correspondentemente; ou à medida que a terra muda, assim a mente muda, e virá um tempo em que os cientistas da terra serão capazes de investigar ainda mais longe, ainda mais profundamente, ainda mais perfeitamente do que no presente, e isso será por causa da mudança das influências climáticas.

Essa porção da terra que é agora tão fria e rarefeita que não vos podeis aproximar dela — não podeis ir além de um certo clima e linha de fronteira — será mudada para corresponder às necessidades da inteligência em crescimento. Tudo, descobrimos nós, é finalmente subserviente à vontade humana, e essa sonda todo-poderosa, a inteligência humana, que nunca se satisfaz com o presente. É impossível dar a latitude e a longitude exatas dessas localidades. Virá o tempo, mas não no vosso dia, em que aquilo que é agora apenas uma teoria espiritual será um facto fixo e demonstrado, exatamente tanto assim como o facto de que o mundo se move, ou de que é quase esférico na forma.

P.—Quais são as causas das marés? São elas causadas pela influência do sol e da lua, ou pela rotação da terra?

R.—Aqueles que fizeram dessa matéria um estudo especial determinaram que elas dependem em parte da rotação da terra e em parte da influência do sol e da lua.

P.—O calor e o frio afetam os espíritos no mundo dos espíritos?

R.—Apenas quando entram na atmosfera da terra. Quer isto dizer, esse calor e frio que pertencem especialmente à atmosfera da terra. Isso afeta-os quando regressam aqui, porque vêm então sob as leis que pertencem à terra, pelas quais a terra é governada. Por exemplo, se eu estiver neste quarto, mesmo como inteligência desencarnada, sinto a qualidade peculiar da atmosfera. Sou afetado pelo calor e pelo frio.

P.—É a sua opinião que a terra está gradualmente a ser atraída para o sol?

P.—Foi assim sugerido por algumas mentes científicas.

R.—Sim, sei que foi. Há muitas sugestões e teorias que são infundadas.

P.—Há um período fixo em que a posição da terra é gradualmente mudada, invertendo-se as regiões polares e equatoriais e causando uma mudança nos seus climas?

R.—Certas mentes assim o determinaram. É-nos dito por aqueles que fizeram dos corpos celestes um estudo especial que tudo o que a eles pertence é regulado com precisão matemática. Nada vem jamais fora de tempo. Há uma harmonia e precisão perfeitas a governar a ação de todos os corpos celestes, no que respeita a cada corpo, e no que respeita à relação de cada um com todos os outros.

Se a assistência não tiver outras perguntas a propor, é nosso prazer considerar, em breve, uma que nos chegou sob a forma de uma afirmação positiva relativamente ao que se pode chamar um fenómeno religioso.

Somos confrontados logo de início por aquele que nos questiona com uma firme recusa em acreditar em quaisquer opiniões exceto nas

suas próprias opiniões religiosas pré-concebidas, e opiniões que não colidam com as suas. Ele diz-nos que é impossível trazermos à vista qualquer instância em que uma estrela tenha aparecido subitamente nos céus e tão subitamente desaparecido, exceto a estrela chamada pelos cristãos de estrela de Belém, ou aquela que se disse ter brilhado em honra do nascimento de Jesus, o Cristo. Agora este correspondente teológico revela um lamentável grau de ignorância. O fanatismo profundo parece segurar as rédeas do seu melhor julgamento, ao recusar-se a olhar para fora, para as Escrituras abertas da Natureza, o volume eterno de Deus, que nunca se fecha para ninguém, quer judeu quer gentio — esse volume que está aberto para o cristão e para aqueles que falham em acreditar na religião cristã.

Ele diz, além disso: "Se trouxerdes à memória uma única instância do desaparecimento súbito de uma estrela localizada, então começarei a acreditar que pode haver alguma falha na crença do cristão relativamente ao nascimento de Cristo." Ainda mais à frente ele diz: "Mas sei que não o podeis fazer. Tenho a certeza de que a palavra de Deus contida na Sagrada Escritura é suficiente. O registo está espalhado e criou raízes profundas nos corações do povo. Os sábios vieram adorar a criança pelo aparecimento da estrela. Ela permaneceu sobre a terra até depois da sua crucificação e depois desapareceu."

Em perfeita refutação da sua teoria religiosa, temos apenas de citar uma instância que derrubará todo o conjunto. É um facto científico bem conhecido — aqueles versados na ciência da astronomia sabem que dizemos a verdade, e se o amigo que nos questionou se informar apenas sobre este ponto saberá também que dissemos a verdade —, é-nos dito, mais ainda, sabemos que uma certa estrela de terceira magnitude, encontrada no *Canis Major*, ou Cão Maior, desapareceu subitamente no ano de 1670. Em 1691 reapareceu, e desde essa altura tem continuado a brilhar com lustre ininterrupto. Talvez desapareça novamente. Não podemos dizer que não brilha hoje em honra dos salvadores que estão espalhados pela terra, mas é a nossa opinião que é simplesmente um fenómeno astronómico — algo sujeito a leis fixas, eternas, que não podem ser quebradas, em honra

do nascimento de milhares de almas. Se o nosso oponente teológico descer apenas por um momento da sua posição peculiar e ler os céus mais do que a sua Bíblia, ele exibirá, pensamos nós, mais sabedoria e menos ignorância.

9 de abril.

PERG.—Houve alguma vez um exemplo noutros planetas de um homem como o homem chamado Jesus Cristo, a passar por uma experiência semelhante de ensinamento e de morte, e sendo depois adorado como o Salvador do mundo, e também como Deus?

RESP.—Fomos informados de que experiências religiosas semelhantes pertencem a outros planetas que não este, contudo o vosso orador não tem conhecimento pessoal positivo relativamente ao facto.

P.—Quais são as propriedades da luz?

R.—A luz é dita ser o resultado do movimento. Num certo sentido é o resultado do movimento, visto que se manifesta sempre em ondas. Nunca está silenciosa. A luz nunca se expressa exceto através do movimento. Mentes científicas determinaram que é filha do calor, da eletricidade e do movimento. Fomos informados por aqueles que fizeram deste assunto um estudo de que a luz é produzida pelo movimento perpétuo dos elementos atmosféricos. Certas mentes acreditam que a terra possui propriedades de luz iguais às do sol, e que atrai a luz do sol por reter dentro de si mesma luz correspondente. A terra, sabemo-lo, está constantemente em movimento. Está constantemente a agitar a atmosfera por que está cercada, e por e através desta agitação a luz vem a nós, muito possivelmente, de outros planetas. Nós contemplamos a luz das estrelas, do sol e da lua apenas através do movimento da atmosfera que pertence à terra. Portanto, considerando estes factos fundamentais, é pelo menos justo inferirmos que a luz é a filha legítima do movimento.

P.—Este continente foi uma vez o leito de um oceano?

R.—Temos amplas evidências de que o foi. Há entre três e quatro mil anos temos evidências de que esteve submerso. A terra está constantemente a passar por grandes mudanças, e estas mudanças ocorrem por graus lentos, por um processo matemático distinto e infalível.

P.—Então devemos entender que o processo é gradual, de mudança do leito de um oceano para terra seca?

R.—Sim, pretendíamos que nos entendesse assim.

P.—É um facto bem conhecido que num quadrante são vistas duas imagens de um objeto. É um facto que essas imagens se separam em proporção com a distância percorrida, como se supunha ter sido descoberto há alguns anos?

R.—Penso que a descoberta referida estava no essencial correta; pelo menos temos certa evidência científica para a apoiar.

P.—O sol não é um corpo opaco, como a terra? Não é assim considerado na filosofia?

R.—É assim considerado.

P.—Difere, então, dos filósofos deste lado, que mantêm que o sol é um corpo luminoso e que a terra vai buscar a sua luz a ele?

R.—As mentes científicas que foram além do limite da mortalidade diferem muito materialmente, muitas vezes essencialmente, daquelas que estão ainda no estado mortal. Enquanto vós apanhais vislumbres ténues da verdade aqui, ela é como o dia pleno para os cientistas além desta terra. Podeis perguntar por que razão eles não transmitem o seu conhecimento ao povo da terra? Respondo que o fazem exatamente à medida que o povo da terra está pronto para receber conhecimento vindo dessa direção, exatamente à medida que as mentes se desenvolvem para receber a luz e para a

refletir novamente. Seria uma tarefa inútil derramar luz sobre qualquer assunto a uma mente que não fosse capaz de a refletir sobre outras mentes. A inspiração de um Galileu teria sido inteiramente inerte, no que respeitava à humanidade, se a sua mente não tivesse sido um refletor de luz e verdade, bem como um recetor da mesma.

P.—Todos os graus de espíritos de animais existem visivelmente na terra dos espíritos?

R.—Sim, mas essa terra dos espíritos está exatamente aqui na terra, e esses espíritos de animais estão a habitar corpos de animais aqui na terra. É a tendência da matéria desenvolver-se, aperfeiçoar-se, crescer para formas mais elevadas e mais perfeitas, e portanto as formas de animais que têm uma existência na terra hoje tornar-se-ão com o tempo extintas, para dar lugar a formas mais elevadas. A vida expressa-se sempre através da forma, e a forma depende da condição da vida para a sua expressão. Por exemplo, todas as ordens inferiores da vida animal revelam-nos uma certa quantidade de vida animal, e nada mais além disso; não há razão, não há grau superior de inteligência manifestado em parte alguma exceto através da humanidade; e com o tempo até estas formas humanas darão lugar a outras mais perfeitas, melhor adaptadas à vida que há de vir. Elas servem bem a vida que é, mas não responderão ao propósito daquela que há de ser. Por isso não espereis que através de todo o futuro retereis a semelhança destas formas, pois certamente não o fareis.

P.—Talvez eu seja melhor compreendido se puser a pergunta nesta forma: Veja-se o caso de um cavalo. Ele morre. Esse espírito aparece sob a forma animal no estado futuro, ou desvanece-se?

R.—Não. Acredito que o espírito da vida animal pertence, no que respeita à sua expressão externa, à terra e a todos os outros planetas que deram à luz a vida animal. Eles têm um espírito, com certeza, mas esse espírito, no que respeita à expressão animal, é não-imortal. Pode estar certo disso.

13 de abril.

ESPÍRITO CONTROLADOR
É nosso prazer agora, Sr. Presidente, considerar as suas proposições.

PERG.—Os espíritos usam linguagem vocal no mundo dos espíritos como faziam na terra? Se não, por que meios conversam entre si?

RESP.—Sim, usam linguagem vocal, mas não seria vocal para os sentidos humanos — para esses sentidos que pertencem ao corpo físico. É apenas vocal para os sentidos que pertencem ao corpo espiritual. Há som — todas as diferentes variedades de som — no próprio mundo dos espíritos, tal como aqui.

P.—Em que existe Deus?

R.—Em tudo. Diga-nos em que é que ele não existe!

P.—Em toda a forma?

R.—Em todas as formas. Ele existe em si, em mim, em todas estas diferentes formas — em tudo.

P.—É ele, então, um ser pessoal?

R.—Sim, no que respeita à forma. Ele está personificado em todas as formas, não tendo forma especial mas tomando todas. Essa é a minha crença.

P.—Reconhece esta divindade como algo separado dos seres humanos?

R.—Não, certamente que não. Reconheço-o como um com eles.

P.—À medida que nos tornamos mais espirituais, não são as nossas perceções mais claras em relação a ele?

R.—Certamente.

Se a assistência não tiver mais perguntas a fazer, propomo-nos considerar muito brevemente uma que nos tem sido fortemente colocada. É muito evidente que a pessoa que nos colocou esta pergunta ainda não abandonou nenhuma das suas noções pré-concebidas relativamente a Cristo e à religião cristã, não obstante dizer-nos que é sumamente liberal na sua crença religiosa, tão liberal, acrescenta ela, "quanto se pode ser pregando, como faço, o evangelho da fé presbiteriana." A pergunta é esta: "Com que direito é que os espiritualistas, e essas inteligências ditas serem os espíritos dos nossos amigos desencarnados, ignoram a doutrina da ressurreição literal de Jesus Cristo, o nosso Salvador?"

Ele dá como certo que os espiritualistas e os espíritos não têm crença na ressurreição literal do corpo de Jesus. Até aqui ele tem razão. Em primeiro lugar, eles não acreditam na história porque ela é incompatível com todas as leis conhecidas da Natureza, quer com aquelas que pertencem ao corpo físico quer com aquelas que pertencem ao espírito. É inteiramente incompatível com a lei natural, portanto com essa base eles não acreditam nela. E novamente, eles sabem que ela é filha da mitologia egípcia. É um mito cristão que nasceu da mitologia egípcia. Agora consideremos por um momento quão próxima é a analogia entre a crença de certos antigos sacerdotes egípcios e a história cristã. É um facto bem conhecido que todas as religiões antigas foram fundadas no culto das estrelas. Todos os deuses tiveram a sua origem nas estrelas, e todos os cerimoniais sacerdotais eram realizados em referência direta às mudanças que estavam a ter lugar nos céus.

Quando o sol entrava na constelação de Escorpião, os sacerdotes egípcios costumavam encerrar o seu deus, Osíris, numa arca, ou caixa, feita para esse propósito. Ele era colocado ali quando o sol começava a entrar nesta constelação, e na manhã do terceiro dia o sacerdote anunciava subitamente ao povo que Osíris tinha sido encontrado — que tinha escapado da arca. Quando o sol descia para o hemisfério

inferior, então dizia-se que Osíris tinha morrido, e todo o povo o chorava. Ele estava ausente deles, e no equinócio da primavera ele tinha ressuscitado — literalmente ressuscitado.

Ele era colocado novamente nos seus templos e adorado, e dizia-se que estava investido de maior poder; que tinha mais poder sobre a vegetação, sobre toda a vida animal, sobre todo o tipo de vida; de facto, que tinha ido para junto do seu Pai e tinha regressado novamente, trazendo consigo mais poder do que alguma vez tivera antes. Ora, qualquer raciocinador atento não pode deixar de ver que este mito cristão não passa do filho do mito egípcio. Um só sangue corre através dos dois. Há uma linha direta de vida a correr entre os dois. A mitologia egípcia não passava de mitologia; o seu deus não passava de uma divindade imaginária, e o seu poder não passava de um poder imaginário. Nós sabemos que é assim, e sabendo isto, temos nós mais algum direito de acreditar na história relativa ao homem Jesus? No que respeita a todos esses chamados milagres da sua vida, defendo que não temos o direito de acreditar nela. Cada ordenança individual que pertence à Igreja Cristã, cada cerimonial, teve a sua origem entre os antigos egípcios. A ordenança do batismo nasceu dos seus ritos, não obstante os cristãos declararem o contrário. De facto, todos esses vários pontos foram deitados a mão — todos e cada um deles. A vida pura e simples de Cristo foi toda envolta neste falso manto de mitologia pagã.

Que tal homem viveu, que morreu de morte natural, que ressuscitou como todas as almas ressuscitam, nós acreditamos plenamente; mas que tenha ressuscitado dos mortos, corporalmente, fisicamente, depois de ter estado absolutamente morto, sem ter vindo sob a regra da Natureza e da sua lei, nós negamo-lo. Negamo-lo porque é inverídico, porque tudo na história passada declara que é inverídico, tudo no que respeita à ciência da vida declara que é inverídico; e aquele cujos sentidos estão tão obnubilados a ponto de acreditar nisso é digno de pena, e há muitos assim na terra hoje. Mas estamos muito contentes por os sentidos humanos estarem a ser libertados. Estamos contentes por haver aqueles do nosso lado, e do

vosso também, que veem a verdade, e que, vendo-a, ousam dizê-la, embora mil Calvários lhes fiquem de frente.

Antes de fechar, gostaríamos de informar o amigo que nos questionou relativamente a este assunto tão importante que demos apenas uma síntese muito breve das nossas ideias sobre o assunto, necessariamente breve porque o nosso tempo é limitado aqui; mas se falhámos em responder às suas objeções, ficaríamos muito contentes em ouvir da parte dele novamente.

14 de abril.

PERG.—É sabido por mentes clarividentes do mundo dos espíritos que em algum momento no decurso de escassos anos haverá uma grande destruição de vida humana nesta terra por algum tipo de praga ou algo semelhante?

RESP.—Nenhuma calamidade dessa natureza é conhecida; nenhuma calamidade dessa natureza é esperada, exceto aquelas calamidades locais que visitam constantemente a humanidade.

P.—Há um grão de verdade, embora talvez escondido pelo misticismo, na velha ideia da queda de Lúcifer, e da expulsão do céu dos anjos rebeldes? Qual é a opinião de mentes avançadas sobre este assunto? Não há alguma verdade literal na face disso?

R.—Sim, há algo mais do que um grão de verdade contido nesta tradição, e essa verdade pode ser encontrada consultando os mundos por que esta terra está cercada. A história teve a sua origem com aqueles cuja religião estava fundada no culto das estrelas. Este é um facto bem conhecido, e todos os que são versados na astrologia e na história profana concordarão connosco, estamos inteiramente certos.

P.—Não é provável que antes de muitos anos a eletricidade seja o motor das máquinas, em vez do vapor?

R.—É, assim nos informam mentes científicas, muito provável. Um Franklin está largamente empenhado em impressionar ou procurar impressionar o conhecimento que ganhou durante a sua residência no mundo dos espíritos sobre essas mentes que são capazes de o receber. Ele faz progressos à medida que a mente progride na terra. Não mais depressa.

P.—Solicita-se uma explicação científica da Idiotia.

R.—Há várias teorias relativamente à idiotia. Uma certa classe de mentes científicas, connosco, determinou recentemente que a causa dela pode geralmente ser encontrada nos imponderáveis da forma física — uma distribuição desigual das forças elétricas e magnéticas. Em consequência desta distribuição desigual, o espírito é incapaz de se manifestar. Elas determinam que o espírito, a vida essencial, a parte inteligente, é, em si mesmo, perfeito, e em muitas instâncias o físico externo é, em si mesmo, uma máquina perfeita. Mas a causa reside entre os dois, como disse antes, nos imponderáveis, esses gases que mantêm a máquina em movimento — esse poder pelo qual o espírito se manifesta através do corpo físico.

P.—Os sinais dos tempos não indicam que em breve se podem esperar mudanças grandes e revolucionárias, quer na existência material, quer, mais particularmente, na vida humana e política?

R.—Sim, e mais do que isto, os sinais dos tempos não só indicam tal experiência, como ela já está convosco. A revolução na mente já começou por todo o mundo, e o Espiritualismo moderno é a grande alavanca que a está a produzir.

P.—Não é verdade que entre algumas das chamadas nações bárbaras a ciência poderia obter, se acessível, muito conhecimento pelo qual agora anda às cegas?

R.—Sim, a ciência pertence a cada departamento do ser, e torna-se aparente para os sentidos humanos através de todos os departamentos do ser. Não há lugar onde ela não seja encontrada e

seja a sua pronta mestra. Não há condição onde ela não possa ser usada para o avanço do intelecto que pertence ao humano.

16 de abril.

ESPÍRITO CONTROLADOR.

As suas perguntas, Sr. Presidente, se as tiver, estamos agora prontos para as considerar.

PERG.—Por favor, explique a lei que produz manifestações físicas, e por que razão são mais frequentes do que em tempos anteriores?

RESP.—Seria absolutamente impossível dar uma explicação plena e clara da lei pela qual estas manifestações são realizadas sem demonstração, e como faltam aqui as condições pelas quais podemos demonstrar a lei, nós, claro, falharemos na resposta. Elas são de ocorrência mais frequente nestes dias, talvez, do que no tempo passado, porque o homem está mais desenvolvido e a terra está também num estado mais adaptado para receber tais chamadas manifestações ocultas. A terra está pronta para isso — a mente está pronta para isso. Há escassos anos no passado — escassos, quando comparados com a eternidade, certamente —, um certo grupo de espíritos desencarnados regressou à terra com o propósito de demonstrar a realidade da vida após a morte àqueles que permaneciam na terra. Eles vieram, uma certa porção deles, muito perto desta localidade, e qual foi o resultado?

Ora, a escuridão engoliu a luz, crucificou-a absolutamente, e portanto, como uma matéria de justiça para com os instrumentos através dos quais a luz devia brilhar, ela retirou-se para esperar até que a escuridão fosse por um processo natural dissipada. A mesma luz veio novamente — a mesma classe de manifestações que foram dadas então são dadas hoje, mas sob circunstâncias diferentes. A escuridão da noite passou, portanto os instrumentos através dos quais estas manifestações eram feitas já não são crucificados como eram nesses dias; mas virá o tempo em que a luz brilhará ainda mais intensamente;

quando estas manifestações, quer físicas quer mentais, tiverem alcançado uma altitude muito além da presente, e olhareis para trás para o presente, sem dúvida considerando-o como a infância das manifestações espirituais.

P.—O que atrai o íman para o Polo Norte? Explique por que razão a necessidade de atração é para esse ponto mais do que para qualquer outro.

R.—Mentes científicas informam-nos de que o Polo Norte é o grande coração magnético da terra. Deste radiam todas as várias correntes magnéticas que se sabe existirem através da terra, e portanto as condições nesse ponto particular induziriam o íman a virar-se nessa direção. Seria absolutamente impossível para ele virar-se em qualquer outra. Foi dito por alguns que toda a vida magnética propriamente dita que pertence à terra existe sob a superfície da terra; mas experiências recentes demonstraram que isto é falso. A teoria é infundada. A terra está literalmente cheia de veias e artérias magnéticas, e ao seu lado encontram-se veias e artérias elétricas, atuando cada uma sobre a outra, produzindo todas as manifestações que se encontram na Natureza. Estes dois elementos maravilhosamente subtis são os poderes pelos quais toda a Natureza cresce do caos para a ordem e beleza.

P.—Em caso de destruição de manuscritos ou de obras impressas de literatura, ou de registos importantes para nós aqui na terra, vós, no mundo dos espíritos, tendes essas ideias em registo não obliteradas? Se sim, estão elas onde as possais consultar e transmitir o seu teor a nós quando de importância para o desenvolvimento da ciência?

R.—Um registo preciso de todos os pensamentos escritos ou não escritos que encontraram expressão neste planeta é mantido no próprio mundo dos espíritos que pertence a este planeta. Nem um único pensamento se perde. Todas as velhas ideias são cuidadosamente mantidas no mundo dos espíritos. Nada se perde, porque tudo tem uma vida interior ou imortal. Todos esses registos valiosos que o passado teve mas o presente não tem, no que respeita à vida humana,

são todos mantidos no mundo dos espíritos, e cada alma que deseja informar-se relativamente a esses registos tem a liberdade de o fazer. Eles são livres para todos. O mundo dos espíritos é uma vasta biblioteca pública.

20 de abril.

PERG.—Há espíritos que estão sob a forte persuasão de que estão apenas a passar por um sonho?

RESP.—Oh sim, muitos desses. Pois uma grande quantidade passa da terra através de um estado incerto, ou estão num estado mental incerto quando passam dos seus corpos terrenos, e esse estado mental peculiar permanece com eles até que por experiência passem para fora dele. Há muitos que acreditam estar num estado intermédio. Num certo sentido isto é verdade, mas não no sentido em que concebem ser verdade, e estão em perpétuo temor de serem a qualquer momento consignados ao tormento sem fim, ou na expectativa de serem chamados a desfrutar da perfeição sem fim. Que eles estão, num certo sentido, num estado intermédio, como observei antes, é muito verdadeiro. Todas as almas estão nesse estado intermédio porque vieram do passado, existem no presente, e o futuro está para vir. Há um algo melhor para cada alma. É necessário que cada alma passe por todas as diferentes condições que parecem ser-lhe forçadas, a fim de que possam estar preparadas para esse futuro que lhes pertence.

P.—Por que poder espiritual é que Cristo acalmou as ondas e os ventos, como registado no Novo Testamento?

R.—Há uma grande diferença de opinião relativamente a essa história. Muitos são muito honestos em afirmar que ele não teve absolutamente nada a ver com o acalmar dos ventos e das ondas. Que ele possa ter saído e dito aos elementos, "Paz, aquietai-vos", eles não o negam. Mas o vosso orador acredita que o espírito do homem tem domínio sobre todas as coisas — não sendo os elementos exceção. O vosso orador acredita que exatamente até onde compreenderdes a lei

das coisas, e exatamente até onde estiverdes em harmonia com essa lei, podeis torná-la vossa serva; ela prestará absoluta obediência à vossa vontade. Mas se fordes ignorantes da lei, e vos colocardes em antagonismo com ela, ela despedaçar-vos-á sempre. Portanto é de absoluta necessidade que a alma se informe relativamente às condições por que está cercada — relativamente a todas as coisas.

As próprias pedras sob os vossos pés podem tornar-se vossas mestras, a menos que estejais familiarizados com a lei que as governa, e por essa familiaridade as possais tornar vossas servas. Em virtude do conhecimento protegeis-vos contra a fúria dos elementos, e isso não está, como estais bem cientes, tornado perfeito ainda. O relâmpago muitas vezes vos atinge; os raios do sol muitas vezes produzem uma condição no cérebro que é inimiga da vida animal; todos os vários fenómenos da Natureza tratam por vezes muito severamente a humanidade, mas é apenas porque a humanidade está em antagonismo com a lei e em ignorância da lei. Se Jesus controlou os elementos, fê-lo em virtude da lei magnética e elétrica que ele compreendia e com a qual estava em harmonia... Fê-lo precisamente sob o mesmo princípio que o Dr. Newton e outros curadores produzem as suas curas. Eles dizem à doença, "Parte", e ela toma a sua partida absolutamente. Jesus disse aos ventos e às ondas, "Aquietai-vos", e eles ficaram sossegados. Um não é mais misterioso nem difícil de fazer do que o outro.

P.—Relativamente à clarividência, gostaria de perguntar se não é universal? Não deixamos todos, por vezes, o corpo durante o sono, na altura da noite, e regressamos a ele, e de manhã chamamos-lhe um sonho?

R.—Sim, cada alma é por si mesma clarividente. Como alma, não está absolutamente presa ao corpo humano. Quando o corpo está num estado de repouso, sob o poder dominante das funções animais apenas, ela pode ir para fora e visitar outros lugares, envolver-se noutras cenas que não aquelas que cercam o corpo. Suponha, por exemplo, que tem um amigo na cidade de Londres. Deita-se no seu leito a pensar nesse amigo; o seu espírito está em sintonia com ele, e pela lei da atração magnética, assim que o corpo está num estado de repouso, lá vai a

alma comunicar com o amigo em Londres. Isto é mais especialmente verdadeiro para alguns, mas é, num certo sentido, verdadeiro relativamente a todas as almas.

P.—Pode um espírito controlar outro em mais do que uma esfera abaixo?

R.—Oh sim, certamente; em tantas esferas quantas as mentes para habitar esferas mentais.

P.—Quero dizer diretamente.

R.—Sim, diretamente.

P.—Um na quinta esfera pode controlar um na primeira, diretamente?

R.—O anjo mais elevado de que a mente pode conceber pode regressar ao menor dos filhos da terra e comunicar com eles diretamente, sem a assistência de qualquer segunda ou terceira parte. Isto pode parecer uma afirmação muito forte, mas é uma afirmação muito verdadeira.

P.—Vi no outro dia um pequeno brinquedo chamado "*planchette*", que responde a várias perguntas quando se colocam as mãos sobre ele. Pode explicar a filosofia disso? Tem alguma coisa a ver com o Espiritualismo?

R.—Não o tendo visto, nós, claro, não o podemos explicar. Se produzir tal brinquedo, veremos o que podemos fazer no sentido de o explicar.

P.—Podemos nós, mortais na forma, fazer algo para ajudar aqueles fora da forma que precisam de ajuda e que vêm até nós não desenvolvidos? Podemos fazer-lhes bem?

R.—Certamente que podeis. Se não fôsseis capazes de lhes transmitir bem algum, eles certamente não o poderiam a vós. A lei tem de funcionar em ambos os sentidos a fim de ser de uso para qualquer das almas. Se o anjo Gabriel vem a vós ensinando-vos, ele, por sua vez, ganha algo de vós, senão é um assunto muito pobre e unilateral. Ele não pode derramar a sua luz sobre vós sem receber uma luz correspondente de vós. É dar e receber através de todo o reino da mente e da matéria.

P.—O bom comportamento da sociedade depende do seu fornecimento?

R.—Do seu fornecimento de quê?

P.—Das necessidades materiais da vida.

R.—Sim, em muito grande medida — muito grande. O indivíduo que está bem fornecido de tudo o que concorre para o tornar confortável, de tudo o que tenderia a produzir um estado confortável de mente e corpo, dificilmente pensaria em cometer um crime, a menos que as condições lhe fossem forçadas a partir de condições pré-natais. Há ladrões que nascem ladrões; há assassinos que eram assassinos antes de virem a este mundo. Um pensamento da mãe pode ter estampado a lei do assassinato na criança. Então, geralmente com a menor provocação, a lei começa a atuar, e o homem ou a mulher comete o ato de assassinato. Mas se houvesse menos pobreza, se a lei do meu e do teu não fosse tão severa na vida terrena, haveria menos crime. A sociedade erguer-se-ia; assumiria proporções mais belas do que assume hoje.

P.—Todas as pessoas se podem tornar clarividentes, na aceção comum do termo?

R.—São todas clarividentes, quer queiram quer não. Cada alma está dotada de clarividência. O dom pode não ser exercido de modo a estardes conscientes dele, mas tende-lo, não obstante.

21 de abril.

ESPÍRITO CONTROLADOR
Consideraremos agora as suas perguntas, Senhor Presidente.

PERGUNTA.— "Deus enviou o seu Filho unigénito ao mundo para que todo aquele que nele crê tenha a vida eterna." A minha mente detém-se no "unigénito" como o ponto em questão relativamente à crença dos Espiritualistas.

RESPOSTA.— O seu orador não tem qualquer crença num filho unigénito de Jeová. Nunca teve nenhuma — por isso, com toda a probabilidade, não fará justiça ao assunto segundo a compreensão do mundo cristão. O seu orador crê que cada filho e filha da humanidade, quer tenham tido existência no passado, quer existam no presente, são filhos e filhas gerados por Jeová, cada um deles, nem mais um do que outro. O sopro do Infinito está com todos, e todos são criados à imagem de Deus, o que significa à imagem de todas as coisas que foram, de todas as que são e de todas as que podem ser. Este filho unigénito de Deus, a quem a Igreja Cristã dedica tanta reverência, foi sem dúvida um exemplar extremamente excelente da humanidade, mas nada mais.

Poderá ser determinado que o seu orador ainda vagueia entre as sombras da Igreja Judaica. Não é assim. Nenhuma sombra de qualquer Igreja, Judaica ou Gentia, permanece em redor da opinião do seu orador. Eu creio na grandeza, na omnipotência de Deus. Mas não creio que uma criança seja mais especialmente abençoada por ele do que todas as outras. Tenho mais fé na sua justiça do que para o julgar um Deus parcial. Creio que ele é o Grande Espírito que perpassa a mente e a matéria, atuando através de todas as coisas, em todos os momentos, em todos os lugares, e creio que ele encontra expressão mais perfeita através dos sentidos humanos do que em qualquer outro

lugar, mas não mais perfeitamente através de um Jesus de Nazaré do que através de qualquer outro homem ou mulher de bem.

P.— Não é necessário que uma pessoa fique fraca no seu ser físico, a fim de se encontrar na condição adequada para que os espíritos se manifestem através dela? E não é o médico de um modo geral muito fraco e suscetível a todas as influências, boas ou más?

R.— A fraqueza é por vezes uma necessidade destas manifestações, mas nem sempre. Não é uma regra geral. É uma exceção. Existem alguns médicos cuja saúde corporal é excelente, ao passo que existem outros que parecem esvoaçar entre os dois mundos. Por vezes a fraqueza do corpo pode ser aproveitada por um espírito estranho ao dar estas manifestações. Por vezes uma saúde robusta servirá muito melhor ao seu propósito.

P.— Gostaria de perguntar se não seria melhor resistir às influências dos espíritos, manter-se afastado delas e não permitir que a própria pessoa se torne um médico? Estou de certo modo sob essa influência e fui reduzido de uma condição forte e saudável para uma condição muito fraca. Não seria melhor para mim e para muitos outros mantermo-nos afastados das reuniões onde estamos sujeitos a essas influências?

R.— A sua Bíblia ensina que não deve resistir ao espírito. É muitas vezes essa mesma resistência que produz esta desarmonia entre o espírito habitante e o corpo físico, induzindo por isso a doença. Há momentos, sem dúvida, em que seria bom manter-se afastado dessas reuniões promíscuas — reuniões onde todo e qualquer espírito tem licença para atuar sobre toda e qualquer pessoa. Existem algumas organizações físicas tão suscetíveis à influência dos espíritos que, sob certas condições, serão controladas, quer seja essa a sua intenção ou o contrário. Deve ser lembrado que o mundo dos espíritos propriamente dito é o mundo mais positivo; que o espírito fora do corpo é mais

positivo do que o espírito no corpo e, portanto, tem vantagem sobre o espírito no corpo.

Todos esses fios subtis de vida elétrica e magnética que passam dos vossos corpos físicos para a atmosfera são todos agentes nas mãos de inteligências invisíveis, cada um deles. Podem ser usados em vosso detrimento, ou no sentido oposto. Se deseja reter a sua saúde e, ao mesmo tempo, ceder-se ao uso de inteligências estranhas, é seu dever tornar-se o mais harmonioso possível — estudar as leis da vida e da harmonia — as leis que lhe dizem respeito como indivíduo, não as que dizem respeito a qualquer outra pessoa. Aprenda o que é melhor para si. Nenhuma regra geral pode ser aplicada a todos; existe uma lei de vida para cada indivíduo. Por exemplo, uma pessoa é obrigada a atribuir ao físico uma certa quantidade de alimento animal a cada dia, a fim de manter a máquina em bom estado, enquanto outra descobre que o alimento animal não lhe é adaptado. O vegetal atende ao seu propósito muito melhor.

Deve estudar o que é melhor para si. Se uma certa classe de espíritos vem para influenciá-lo, ao ponto de retirar-lhe a saúde e substituir por fraqueza e doença, deve aprender quais são as caraterísticas desses espíritos, e como e por que o prejudicam, e depois procurar educá-los tanto a eles como a si mesmo. Quando eles estiverem satisfeitos por estarem a ser injustos consigo, acredite em nós, não serão mais injustos. Tenho essa quantidade de fé na humanidade, quer esteja ela na condição mortal quer além da mortalidade, que me faz sentir que nenhuma alma jamais praticará a injustiça uma vez convencida de que uma coisa é absoluta e comprovadamente injusta.

P.— O que devemos entender pela estrela em particular que os pastores seguiram, a fim de encontrar o menino Jesus?

R.— Há muitas maneiras de entender o que é verdadeiro e o que é falso no que concerne à história desta estrela. A sua Igreja crê que ela veio à existência para anunciar o nascimento de Jesus, o seu

Salvador, e que quando não foi mais necessária para velar pelo seu destino, deixou de existir. O seu orador não crê nisto. Ele não crê que a estrela tenha tido mais referência ao nascimento ou à vida de Jesus do que a que todas as estrelas têm relativamente às vidas de cada um de nós. As estrelas têm vindo à existência subitamente e tão subitamente têm-se apagado em todas as eras. Esta experiência não é de modo algum isolada.

P.— A história da conceção imaculada é inteiramente um mito, ou tem alguma base na verdade?

R.— Definindo-a segundo a crença popular, o seu orador crê que não tem qualquer fundamento na verdade; mas, por outro lado, o seu orador crê que o grande Poder Supremo existente em todo o lado é exercido sobre cada nascimento. Nenhum espírito entra numa forma orgânica sem a bênção do Infinito e a difusão do poder desse Infinito sobre esse ponto especial. Pois como todas as coisas vêm de Deus, e como nada existe sem Deus, com certeza esta não é uma exceção. 23 de abril.

PERGUNTA.— Barras de metal, ferro, aço, cobre ou platina, se colocadas nas gavetas de uma mesa, ou no tampo da mesa, auxiliariam os espíritos a fazer golpes rítmicos, etc.?

RESPOSTA.— É possível que pudessem, mas é de todo improvável.

P.— O espírito controlador dará uma definição plena e completa de "aura mesmérica", a fim de que o leitor leigo possa compreender a relação íntima que tal agente guarda com o Espiritualismo? Dê-nos uma análise científica de toda a ideia, se faz o favor.

R.— Isso levaria um tempo muito longo para se realizar, pois é em si algo muito grande. A ciência do mesmerismo está compreendida na ciência da vida; a vida aqui e a vida no devir. Todas as emanações destes corpos animais podem ser chamadas de magnetismo animal, ou a esfera animal ou material na qual vós, como seres deste mundo, viveis, vos moves e tendes o vosso ser. Estais constantemente a absorver influências magnéticas de tudo aquilo com que entrais em contacto, e estais tão perpetuamente a derramar essa vida magnética sobre todas as coisas com que entrais em contacto.

Quando os espíritos desencarnados desejam comunicar através da vida orgânica para a vida orgânica, eles entram de necessidade em comunicação ou sintonia com a vida magnética do espírito. Por vezes é extremamente antagónica; então não pode haver comunhão perfeita. Outras vezes é tudo o que se poderia desejar. Esta aura magnética é simplesmente o pensamento impalpável mas omnipotente, que é exercido pela mente e projetado através da vida animal. Não a podeis ver, não a podeis sentir, exceto com as perceções do espírito; não a podeis manusear; não a podeis analisar e, contudo, ela é omnipotente para o espírito. No que diz respeito ao espírito, ela é poderosíssima; por vezes impede-vos de proferir uma única palavra ou de dar à luz um único pensamento. É o grande agente que atua entre a mente e a matéria. É o poder que mantém os mundos nos seus lugares e mantém os pensamentos nos seus lugares; é o poder que forma o pensamento e é o poder pelo qual o pensamento é expresso. É infinito em si mesmo, e seria absolutamente impossível analisá-lo, devido à sua infinitude.

P.— Os espíritos desencarnados têm alguma intervenção no mesmerismo, ou trata-se simplesmente da ação de mente sobre mente na carne?

R.— Um espírito desencarnado pode mesmerizar um indivíduo, ou o espírito que ainda retém o seu domínio sobre esta vida orgânica pode mesmerizar um indivíduo. Cada um pode fazê-lo. Um espírito desencarnado tem um certo grau de vantagem sobre o espírito

encarnado, mas ambos são capazes de realizar a mesma coisa. É algo com que tanto o encarnado como o desencarnado podem lidar.

P.— Qual é a vantagem de espíritos desencarnados orarem através de um organismo humano?

R.— A mesma vantagem é obtida pelo espírito desencarnado que é obtida pelo espírito que está encarnado. A oração eleva sempre o espírito, quer esteja ele aqui na carne quer tenha passado para além da carne. Ela eleva sempre o espírito para além ou para fora das suas preocupações e perplexidades presentes. Derrama uma atmosfera mais nova e mais divina em seu redor, e atrai a si inteligências mais elevadas e mais poderosas, mais santas e mais perfeitas, e pela presença dessas inteligências o espírito orante recebe benefício. Não podeis permanecer na presença de alguém que é santo, bom e verdadeiro sem receber benefício, pois os bons derramam sempre uma influência santa que cada alma que está em sintonia com ela deve sentir. A oração é sempre útil, e todas as almas estão constantemente em oração. Ora isto pode parecer uma afirmação muito despropositada e errática, mas é no entanto verdadeira. Todas as almas estão constantemente em oração porque todas estão constantemente a aspirar a um estado melhor. Isto é a oração. Um tipo de oração está corporizado em palavras, outro tipo em atos. Há muitos tipos de oração, para além daqueles que estão revestidos de palavras.

P.— Por favor explique esta passagem das Escrituras: "Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas"?

R.— A passagem lê-se assim?

P.R.— Sim, se bem me lembro. Posso estar enganado.

R.— Penso que está. Penso que a passagem se lê desta forma: "Os espíritos dos profetas foram feitos sujeitos aos profetas."

P.R.— Não segundo a nossa versão atual.

R.— Talvez não, mas contudo importa muito pouco de que forma está escrita. No que diz respeito a vós, nesta era, é totalmente desprovida de sentido. Se eu ou qualquer outro espírito dissertássemos sobre ela por toda a eternidade, não vos faria bem algum.

P.— Qual é a causa da obsessão?

R.— Há muitas causas. Obsessão e posse são sinónimos. Neste momento eu obsésso ou possuo o médico. A causa ou causas que levam a que eu tome tal rumo são numerosas, tão numerosas que eu seria incapaz de as abordar a todas se as fosse discutir nesta ocasião.

P.— Somos agentes morais livres?

R.— Até um certo ponto sois, mas no que diz respeito ao grande todo geral não o sois. O vosso livre-arbítrio moral creio que está vinculado ao grande todo. Creio que um determinado destino, se assim me posso exprimir, está traçado para cada alma, e que essa alma não teve voz na determinação desse destino. Mas creio que, no que concerne às coisas menores da vida, a alma tem uma certa quantidade de livre-arbítrio moral; mas quando considerado em ligação com o grande todo, o livre-arbítrio moral é absorvido. 27 de abril.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Se tem proposições, Senhor Presidente, faremos o esforço de as considerar.

PERGUNTA.— Num recente Banner, um escritor diz estar com a impressão de que todos os tipos de escrita à mão serão superados por uma máquina de escrever, capaz de representar quinhentas palavras por minuto. Por favor dê a sua opinião sobre esta predição e informe-nos por que poder ou processo podem os pensamentos ser assim visivelmente impressionados?

RESPOSTA.— Esta impressão que o seu correspondente recebeu não é de modo algum sem fundamento. O velho adágio diz que "os acontecimentos vindouros lançam as suas sombras diante de si". Há sempre uma premonição, sob uma forma ou outra, caminhando, como João Batista, à frente de todo o tipo de reforma. Não importa se é uma reforma nas artes, na mecânica, na religião ou na política. Onde quer que vá, envia sempre o seu arauto adiante, e há certas mentes que são suficientemente suscetíveis para receber impressões desses arautos e, em muitos casos, transmitem-nas a outras mentes.

À medida que o intelecto humano se expande, vai concebendo para si invenções extraordinárias através das quais possa eliminar este excesso de trabalho manual. O espírito tem estado emperrado, sobrecarregado por este excesso, mas à medida que se torna sábio, à medida que a ignorância recua do intelecto, assim conceberá meios através dos quais realizar tudo aquilo que é agora executado sob circunstâncias difíceis, da maneira mais fácil possível. Todos os tipos de trabalho que até aqui foram executados com as mãos estão agora a ser feitos por meio de maquinaria — outro tipo de maquinaria. O cérebro ativo do homem, e da mulher também, nunca repousa. A dormir ou acordado, lança-se no futuro, pedindo para saber o que pode ser feito nesta ou naquela direção para benefício próprio e dos seus semelhantes. Uma mente estende-se numa direção e outra noutra, até que quase todos os fios magnéticos no grande reino do pensamento são agarrados e utilizados.

A mente desce à terra e aprende o que lá existe e como pode ser apropriado para o bem do homem e da mulher. Vai aos céus e aprende o que lá existe. Volta-se para norte e para sul, para este e para oeste,

para aprender sobre todos os seus arredores, e recolhe o seu conhecimento grão a grão, leva-o para o armazém da sua razão e, finalmente, após o retrabalhar uma e outra vez, ele surge sob a forma de alguma ideia absolutamente objetiva. Inconvenientes variados sob os quais a humanidade atualmente cambaleia serão, com o tempo, varridos — tudo aquilo que impede o fluxo do espírito em direção à sabedoria —, mas o crescimento será lento e por etapas distintas.

P.— Não existe uma condição transitória da atmosfera, durante os meses de março e abril, que seja mais desfavorável à saúde do que noutras estações; e como podemos evitar ou repelir tal influência quando expostos a ela?

R.— Não estou seguro de que este estado de transição das estações seja absolutamente inimigo da vida. A experiência e a observação ensinaram-nos que durante estes meses certos planetas parecem ter, e têm de facto, uma influência direta sobre a terra — uma influência para chamar do seu centro aquilo de que a superfície necessita; consequentemente os elementos, magnéticos e elétricos, todos os elementos atmosféricos estarão num estado de agitação — num estado de parto — para trazer à luz vida renovada. E como o homem é apenas um animal sobre a superfície da terra, e um animal feito de substâncias minerais e vegetais, bem como de substâncias animais e espirituais, de necessidade tem de sentir estas mudanças.

Mas seria imprudente determinar que elas lhe são absolutamente desfavoráveis. Pelo contrário, penso que se fôssemos dispensar essas condições que estes meses nos trazem, encontrar-nos-íamos muito piores do que no presente. Estes corpos que estão sobre a terra hoje em dia são peculiarmente adaptados às condições atmosféricas pelas quais estão cercados; e se se pudesse provocar a mudança que muitos desejam nestes arredores atmosféricos, o resultado seria, penso eu, em gravíssimas instâncias, fatal para a vida humana. Vós tendes necessidade absoluta, como a terra tem necessidade, dos vossos ventos de março, das vossas abertas de abril e de todas as mudanças rápidas e

sucessivas que estes meses trazem. Não poderíeis passar bem sem elas e, embora sejam, num sentido, as sombras da vida terrena, noutro sentido são os raios de sol, e aconselhar-vos-íamos a não tomar qualquer medida para impedir a sua ação legítima sobre vós, pois se o fizésseis, nas circunstâncias existentes, não posso ver que fosse tão bom para vós.

P.— Como se forma o carvão, ou de que é derivado? Há quanto tempo ocorreu a sua primeira formação? E está sujeito a mudanças no que respeita ao seu uso como combustível?

R.— Aqueles que fizeram deste assunto um estudo informam-nos de que as formações de carvão têm estado em processo desde tempos imemoriais. São os resultados dessas florestas primordiais que existiram em eras passadas. A terra está constantemente a passar por grandes transformações; continentes estão a erguer-se para a vida objetiva e estão a desaparecer novamente em consequência dessas transformações. Coisas que foram aparentes para os sentidos externos já não o são. Essas velhas florestas primordiais não saíram da existência, mas o coração da terra guarda-as seguras e retrabalha-as no seu grande laboratório para o uso da humanidade. É-nos dito que a madeira que está profundamente cravada no coração da terra se amalgama com a vida mineral e, dessa amalgamação, forma-se o carvão e substâncias similares.

É o resultado da união da vida mineral e vegetal. E creio, porque tenho confiança naqueles que fizeram desta matéria um estudo, que o trabalho esteve sempre a decorrer, ou, pelo menos, recua tanto no passado que não podemos por qualquer possibilidade com os nossos sentidos alcançar o tempo em que o carvão foi formado pela primeira vez.

Sei muito bem que o relato bíblico nos diz que esta terra, este mundo redondo e veloz, tem apenas pouco mais de seis mil anos, mas sei que essa história é inverídica. Sei que não podemos recuar ao tempo em que a terra não existia. Não podemos estender-nos tão longe

com a nossa mente no passado infinito. A investigação geológica provou que isto é verdade e, à medida que a ciência avança, ou à medida que o homem avança em direção à ciência, aprende que a terra é cada vez mais antiga, e que estas marés de transformação têm estado a decorrer durante eras incontáveis.

P.— É correto em algum momento exercer a vingança?

R.— Sim, é correto para aqueles que a exercem, mas para aqueles que veem o lado escuro e deformado da vingança, não é correto. Certamente não é o melhor caminho. A alma que exerce a vingança faz o por ser ignorante do melhor caminho, sempre. Nunca conheci um indivíduo a exercer, ou a procurar exercer, vingança sobre qualquer um dos seus semelhantes, quando esse indivíduo estava acompanhado de sabedoria sobre o assunto. O desejo de ser vingado é nascido da ignorância. Quando a ignorância deixar de dar à luz tais monstruosidades, então elas não existirão mais.

P.— Foi dito que o dever e o afeto vão sempre de mãos dadas. Isto é verdade?

R.— Não, não vejo que seja verdade. Nós por vezes seguimos linhas distintas de dever quando não há nada em ligação com isso sobre o qual depositar o nosso afeto. Nós por vezes seguimos essas linhas de dever quando elas nos são inteiramente desagradáveis — quando não há nada nelas, além de serem linhas de dever, que as torne minimamente agradáveis. 28 de abril.

PERGUNTA.— É verdade que tanto o sofrimento mental como o físico são eventualmente benéficos para o desenvolvimento do espírito?

RESPOSTA.— A filosofia da mente revela-nos este facto, de que a inteligência só se pode tornar perfeita através do sofrimento, tanto mental como físico; tal como a terra só pode alcançar um estado perfeito, ou só pode crescer, através de tempestades bem como do brilho do sol, assim a alma, ou mentalidade do homem ou da mulher, só pode alcançar um estado perfeito através das tempestades de desgosto e do desespero humano.

P.— Como se há de saber que esta teoria espiritual é verdadeira, quando as coisas que podemos facilmente investigar se provam inverídicas, especialmente estas respostas a cartas, à mesa? É uma ocorrência muito rara serem respondidas de todo. Foi-nos dito que eles podiam ler os nossos pensamentos e responder-nos quer escrevêssemos quer não, e quando a simples resposta seria sim ou não, eu pensaria que seria tão fácil como escrever três ou quatro linhas, que não são resposta alguma à pergunta feita.

R.— Esse assunto foi perfeitamente respondido anteriormente, e se o seu correspondente se der ao trabalho de rever os números passados do seu jornal, encontrará, Senhor Presidente, a resposta clara e explícita.

P.— É verdade que existiu outrora um planeta a mover-se na sua órbita entre Marte e Júpiter, que mais tarde se fragmentou, tornando-se um dos fragmentos num asteroide agora visível?

R.— Não, não creio nessa teoria. Creio que é totalmente infundada, pelo facto de os planetas não tomarem esse rumo de destruição. Quando passam do material e entram numa órbita espiritual, não há essa separação de partículas, essa confusão selvagem, esse caos que marca a sua vida incipiente. Pelo contrário, passam da órbita material para a espiritual, ou vão além dos vossos sentidos humanos de uma maneira tão fácil e quieta que não estais cientes da sua ausência até que tenham partido. Sei que certos

filósofos determinaram que tal teoria é totalmente sustentável, correta, mas eu não creio nisso.

P.— Os habitantes dos planetas mais antigos que foram formados antes da nossa terra chegaram a tal grau de inteligência que saibam como manter-se em perfeita saúde e vivem em amor e harmonia?

R.— Muitos deles sim, particularmente os habitantes de Úrano e Júpiter. É o destino dos habitantes de todos os planetas sobreviverem a estas condições desarmónicas que são uma necessidade do crescimento da terra. Os habitantes de um planeta crescem à medida que o planeta cresce. Quando não existirem mais répteis venenosos, plantas ou substâncias venenosas na terra, não mais tornados, quando todos estes sinais externos de violência — sinais materiais e terrenos de violência — tiverem passado, então os sinais de violência que dizem respeito mais particularmente à vossa vida humana e física também terão passado. Este é o destino, creio eu, da vida humana.

P.— Algum dos habitantes de qualquer outro planeta já visitou esta terra e se deu a conhecer?

R.— Penso que, se tal coisa alguma vez ocorreu, é certamente algo muito raro. Os habitantes pertencentes a cada planeta separado, aqueles que passaram além do material para a vida espiritual, são de necessidade mais poderosamente atraídos para o planeta do qual nasceram do que para qualquer outro. De facto, é quase impossível para o habitante de qualquer outro planeta visitar a terra em própria persona, ou vice-versa. Tudo é conduzido em conformidade com a lei e a ordem em todo o universo, e nenhuma lei absoluta é jamais violada pelo espírito. 23 de abril.

ESPÍRITO CONTROLADOR

É-nos solicitado que demos a nossa opinião sobre a causa das chuvas de meteoros ou estrelas cadentes. Considerando que temos um espaço de tempo muito breve que nos foi concedido, a nossa resposta deve ser, naturalmente, igualmente breve. Creio que estas chuvas de meteoros, que visitam a terra periodicamente, não são nem mais nem menos do que substâncias elétricas. Creio que estas substâncias elétricas são expelidas desse corpo nebuloso que gira em torno do sol quase na mesma órbita da terra. Quando estas substâncias elétricas atingem a atmosfera da terra, inflamam-se, tornam-se naquilo que vedes. Substâncias inflamadas, estrelas cadentes, meteoros. É alegado por alguns que este corpo nebuloso que gira em torno do sol é um mundo não formado, um mundo em processo de formação, e que a expulsão destas substâncias elétricas é incidental ao seu crescimento.

Esta teoria parece ser sustentável e, por mim, não estou disposto a desacreditá-la. Em todo o caso, é um assunto que deve prender a atenção de todas as mentes filosóficas na terra, na medida em que se relaciona tão particularmente com a terra. Na medida em que é um fenómeno que podeis investigar tão facilmente, é o dever de todos os que têm uma tendência nessa direção investigar, pois seguramente conduzirá a um grande campo da ciência até agora desconhecido, um campo da ciência no qual a alma só pode curvar-se e adorar a Deus, sentindo esse temor reverente sublime que por vezes vem sobre a alma quando se ergue perante a majestade das obras de Deus. Se tivesse tempo gostaria de me alargar sobre o assunto, mas o tempo que me foi concedido expirou. 30 de abril.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Estamos agora prontos, Senhor Presidente, para considerar as suas proposições.

PERGUNTA.— As predições dos Profetas nas Escrituras Judaicas respeitantes a um "homem vindouro" têm alguma referência ao homem Jesus como um Príncipe e Salvador; como se afirma que ele diz aos seus discípulos para pesquisarem as Escrituras, pois elas testemunham dele?

RESPOSTA.— A humanidade no passado, tal como no presente, esteve sempre inclinada a crer mais na forma do que no princípio — a confiar mais no externo do que no interno, na vida habitante. Daí a crença num Deus pessoal, num Salvador pessoal. Estas divindades pessoais têm sido adoradas desde tempos imemoriais, e isso deve-se ao facto de homens e mulheres terem vivido mais no externo do que no interno. Ora, eu creio que este homem vindouro referido não é nem mais nem menos do que um princípio vindouro — a elaboração de um princípio que sempre esteve convosco e não foi compreendido. As ideias são maiores do que as formas, os princípios maiores do que as ideias. Mas quanto mais nos afastamos da forma, menos fé parecemos ter. Parecemos perder a nossa fé em Deus e em nós mesmos quando separados da forma, mas isso é apenas porque não temos vivido tão perto de Deus quanto deveríamos ter vivido. É apenas porque temos adorado a letra, ao passo que o espírito tem sido negligenciado. Não posso determinar de outro modo relativamente a este homem vindouro senão para crer nele como uma ideia vindoura, uma representação de um princípio que não é compreendido ou apreciado. Pode ser revelado através do homem; pode ser revelado através da mulher. Pode ser através de um indivíduo, e pode ser através de milhares; não podemos dizer. Mas todos faríeis melhor em pôr de parte a forma e em lidar mais seriamente com o espírito, a vida interior.

P.— Por favor explique a passagem intitulada "a viúva importuna". — Lucas xviii: 1-6:

1. "E contou-lhes também uma parábola sobre o dever de orar sempre, e nunca esmorecer,

2. Dizendo: Havia numa cidade um juiz que nem temia a Deus, nem respeitava o homem.

3. Havia também naquela mesma cidade uma viúva; e ia ter com ele, dizendo: Faze-me justiça contra o meu adversário.

4. E por algum tempo não quis; mas depois disse consigo: Ainda que não temo a Deus, nem respeito o homem,

5. Todavia, como esta viúva me incomoda, farei-lhe justiça, para que não venha a enfadar-me pela sua contínua vinda.

6. E disse o Senhor: Ouvi o que diz o juiz da injustiça."

R.— A passagem parece explicar-se a si mesma. Jesus sem dúvida desejou impressionar nas mentes dos seus seguidores a necessidade da persistência em tudo o que considerassem correto. Em vez de esmorecerem facilmente no caminho do dever, de se cansarem facilmente de carregar a cruz, deviam perseverar, sabendo que o sucesso coroará os esforços daqueles que são persistentes nos esforços em direção ao bem. Era necessário, sem dúvida, para o grande mestre dos tempos antigos alcançar as mentes dos seus ouvintes por parábolas e por histórias. Eles eram crianças pequenas, daí ele poder aproximar-se deles dessa maneira que as crianças pequenas apreciam. Contar-lhes uma história e fazê-los compreender o seu significado faria com que chegassem mais facilmente à ideia do que por qualquer outro processo.

P.— Se a alma está destinada a desdobrar os seus poderes para sempre, descreva a condição da mais elevada inteligência conhecida dos anjos, que é a mais perfeita em conhecimento e sabedoria.

R.— Não tendo alcançado nós próprios essa elevada eminência, seria totalmente impossível dar uma descrição daqueles que a alcançaram.

P.— Existem espíritos que podem controlar e controlam a fúria dos elementos quando estes estão em guerra, uma tempestade no mar, ou os elementos que produzem sismos e tornados?

R.— Existe uma lei da Natureza tal como da mente, e nenhuma lei pode, por qualquer possibilidade, infringir os direitos de outra lei absoluta. Creio que, na medida em que nos colocamos em conjunção com a lei, na medida em que compreendemos a lei que desejamos utilizar, nessa medida podemos usá-la para os nossos próprios propósitos, e não mais além. Não a podemos quebrar. Podemos procurar abusar dela, mas o que quer que seja uma lei absoluta não pode por qualquer possibilidade ser quebrada. Os espíritos desencarnados encontram mais prazer e mais proveito em atender à esfera da mente do que à da matéria.

P.— A alma por vezes parece sentir um poder a impeli-la para a frente num certo rumo na vida. Pode ela resistir a esse poder e preservar um rumo oposto àquele pretendido pelo infinito?

R.— Não; certamente que não. Isso seria determinar que o infinito era menor do que o finito.

P.— A temperatura da região Polar da nossa terra tornar-se-á alguma vez tão modificada que seja habitável pelo homem?

R.— Sim; assim é acreditado por aqueles que estudaram esse assunto.

P.— Aqueles que enquanto aqui estavam se sentiam em casa nos palcos teatrais podem continuar a dedicar-se à mesma profissão?

R.— Podem certamente, e essas pessoas que viveram esse tipo de vida por escolha não a abandonam, de modo algum, quando passam da terra, e existem meios amplos pelos quais e através dos quais se podem aperfeiçoar nesta muito louvável arte.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Estamos a receber muitas interrogações no que diz respeito à classe de perguntas que são propostas neste local, e às respostas às mesmas. O Sr. A. indaga por que não nos limitamos sempre a assuntos científicos, por que não excluímos tudo o resto, para que assim possamos elevar a humanidade mais rapidamente e mais eficazmente. O Sr. B. indaga por que somos sempre tão científicos, por que não descemos à compreensão das mentes comuns, por que permitimos que perguntas de tal ordem científica sejam propostas, quando mais bem, na sua opinião, poderia ser feito ao responder às necessidades das classes mais baixas. A Sra. C. pergunta por que é que todas as perguntas de caráter pessoal são proibidas, por que não lidamos com elas a fim de que os membros da assistência possam assim receber uma satisfação mais direta, e assim sucessivamente ad infinitum. Estas perguntas estão constantemente a chegar até nós.

Ora, com todo o devido respeito pelas opiniões dos nossos críticos terrenos, temos apenas uma resposta a dar, e é esta. Nós próprios estamos sob o controlo de um poder além de nós mesmos, um poder mais elevado do que nós, superior a nós, e esse mesmo poder fez a nossa linha de dever tão clara que não a podemos por qualquer possibilidade errar. E enquanto os nossos agentes terrenos, os nossos assistentes — toda a honra lhes seja dada por aquilo que nos têm prestado —, enquanto eles forem fiéis ao sagrado encargo neles depositado, durante esse tempo prosseguiremos esta distinta linha de dever independentemente da crítica de amigos ou de inimigos,

portanto é absolutamente inútil para A., B., C. e D. enviarem-nos as suas críticas, as suas censuras, pois não podemos desviar-nos da ordem, quer queiramos quer não.

Estamos profundamente acostumados a lidar com este espírito de censura — não é nenhum estranho para nós —, não o era quando estávamos aqui na forma terrena, e nunca nos alheámos dele, mesmo na nossa vida espiritual, e procuraremos sempre lidar com ele com toda a justiça, e com tanto desse amor que caraterizou os nossos líderes divinos no passado quanto nos for possível exibir. Sob todas as circunstâncias procuraremos sempre o maior bem daqueles de quem nos é concedido aproximarmo-nos, e se cometermos erros, serão eles da cabeça e não do coração.

4 de maio.

PERGUNTA.— Se uma pessoa agir conforme é impressionada, fará sempre o correto?

RESPOSTA.— Há um número infinito de graus de retidão, sendo cada um um grau distinto. Há também um número infinito de fontes das quais uma alma individual pode obter impressões, e a alma é tão suscetível de receber impressões das inferiores como das superiores, portanto nem sempre é a sabedoria mais elevada seguir as nossas impressões. Sei que assim é determinado por muitíssimas almas, mas não posso compreendê-lo dessa forma. Se estarmos certos de que estamos em harmonia no momento com o bem mais elevado de que podemos conceber, então podemos estar muito certos de que quaisquer impressões que recebamos no momento serão tais que não estão calculadas para nos extraviar; mas se nós próprios estivermos na sombra, numa condição desarmónica em relação ao mais elevado, seremos muito suscetíveis de atrair impressões correspondentes e de estar sujeitos a ser extraviados.

A fim de compreender quando as nossas impressões são do caráter correto e quando não o são, e quando são suscetíveis de nos

conduzir para cima ou para baixo, devemos compreender sempre quando estamos em harmonia com o grande bem que está além de nós. Devemos aprender a medir-nos por este grande bem exterior, este Deus eterno, nunca esquecendo que os pratos da balança estão no interior. A única balança onde podemos pesar a nossa própria condição individual de ser está dentro de nós mesmos, e chamamos-lhe razão, o mais elevado de todos os atributos com que o grande Pai achou por bem dotar o ser humano.

P.— A afinidade química, a repulsão, a atração de coesão e a atração de gravidade dependem da diversidade comparativa da condição solar?

R.— Assim é determinado por aqueles que fizeram desse ramo da ciência um estudo.

P.— Ao traçar um paralelo entre virtude e vício, bem e mal, luz e trevas, não poderemos nós, por outras considerações, em vista do princípio de que é necessária uma exceção para provar todas as regras gerais, dizer que "tudo o que é, é correto", exceto um mal consciente? Não são os extremos polares necessários a todas as gamas de princípios?

R.— Sim; a partir desse padrão tudo o que é, é absolutamente correto. Todas as manifestações da mente ou da matéria creio que são uma necessidade absoluta, e sob o controlo certo de uma Inteligência Omnisciente.

P.— A combustão é a condição magnética, ou o magnetismo resultante da eletricidade em movimento?

R.— A combustão provou ser o resultado de um encontro súbito das correntes elétrica e magnética.

P.— Sob o mesmo paralelo, é a mente a condição ou o magnetismo resultante da eletricidade em movimento?

R.— O materialista assim o determinaria, mas, julgando a partir de um ponto de vista espiritual, fazemos uma linha distinta de demarcação entre espírito e matéria, mente e movimento.

P.— Não existe uma condição magnética central nos incontáveis sistemas solares da mente, correspondente ao sol central do nosso e de outros sistemas solares, diferindo apenas na extensão e na perfeição de grau?

R.— Sim, certamente.

P.— A análise minuciosa e a compreensão de tudo o que se pode saber da condição polar, como fonte de todo o movimento na matéria, não são indispensáveis para uma plena realização da base sobre a qual repousa toda a superestrutura do Espiritualismo?

R.— Sim.

5 de maio.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Agora, Senhor Presidente, faremos o esforço de considerar quaisquer proposições que possa ter para oferecer.

PERGUNTA.— Os habitantes das esferas espirituais constroem habitações, jardins, etc., de acordo com os seus gostos individuais? E por que processo e de que materiais?

RESPOSTA.— Há de facto jardins no mundo dos espíritos tão mais belos do que os que tendes aqui que não podeis formar uma estimativa justa deles. Na verdade, tudo o que encontra expressão aqui está mais plenamente representado connosco. Toda a beleza da vida — todo o poder da vida — tudo o que é expresso na arte, na ciência, na natureza, tudo encontra uma contrapartida no mundo dos espíritos. Seria absolutamente impossível para nós dar-vos uma análise tão pormenorizada relativamente ao material de que toda a sua beleza e poder são construídos, porque estais limitados pela lei dos vossos sentidos humanos. Os vossos olhos não podem ver, os vossos ouvidos não podem ouvir, nem pode entrar nos vossos corações conceber todas as glórias que pertencem particularmente ao mundo dos espíritos. Podeis captar vislumbres ténues da sua realidade, mas a glória clara do meio-dia da realidade não a podeis contemplar — não a podeis compreender até que vós também sejais despidos da carne e estejais a contemplá-la através dos sentidos espirituais.

P.— Alguns credos ensinam-nos que os laços de parentesco que existem nesta vida não existem mais quando entramos no mundo dos espíritos. Isto é verdade de alguma forma?

R.— Todos os laços que pertencem à alma a alma leva consigo quando é ressuscitada do corpo de carne. Os amores que tínhamos são ainda nossos, e todas as condições do nosso ser mental levamo-las connosco para o mundo dos espíritos, porque teremos necessidade delas lá. Os nossos amigos não nos abandonam lá, nem nós os abandonamos a eles. Toda a atração verdadeira está mais do que claramente representada no mundo dos espíritos. Não há quebra de lei — não há rutura de laços, por nenhuma possibilidade; e a alma descobre que as suas esperanças serão tão plenamente, tão absolutamente realizadas no mundo dos espíritos que não resta espaço para a dúvida. A mãe que ama o seu filho encontra o filho além do túmulo, e vice-versa; e todos os nossos amigos que tínhamos por tão caros através desses laços que Deus nos deu estão agrupados em redor de nós novamente no nosso lar espiritual. Não, não; não acrediteis

nesses credos que ensinam a rutura de laços que são tão caros, tão próximos da alma.

P.— O Sr. Davis diz que a Terra do Verão é composta por partículas que outrora foram corpos humanos. Gostaria de perguntar se uma individualidade suficiente permanece junto dos restos terrenosa de um espírito desencarnado para lhe permitir reconhecer essas partículas e sentir-se atraído por elas quando ascendidas e sublimadas?

R.— A Terra do Verão, ou mundo dos espíritos, é de facto composta por partículas que outrora habitaram formas materiais, porque o espírito etéreo encontra expressão através de todos os graus da matéria. Ele vem do mais baixo, crescendo para o mais elevado, para sempre e eternamente deixando o mais baixo e entrando no mais elevado. Neste sentido a Terra do Verão é construída de átomos que outrora estiveram em formas brutas naturais. Há um certo poder de atração pelo qual o espírito desencarnado regressa à terra, e é atraído pelas suas vestes terrenas descartadas. Há alguns nos quais a atração é muito forte, e ela continua a atuar com poder potente sobre eles até que a vida magnética e elétrica se modifique profundamente no corpo que deixou. Em outras palavras, até que todas as partículas se tornem mais ou menos decompostas — até que ele tenha expelido todas as suas exalações magnéticas e elétricas.

PRESIDENTE.— Penso que o consulente deseja saber se o espírito é atraído por essas partículas que ascenderam ou se tornaram sublimadas.

R.— Sim, certamente; essa seria uma consequência natural. Permita-me ilustrar mais detalhadamente. Tem-vos sido ensinado que construís as vossas moradas espirituais dia a dia antes de entrardes nelas, e assim fazeis neste sentido: pelas vossas ações terrenas, pelos vossos pensamentos terrenos, exalais partículas espirituais que

encontram o seu lugar apropriado no vosso próprio lar espiritual. Se elas forem radiantes e belas, o vosso lar espiritual será correspondentemente radiante e belo, e deveis por necessidade gravitar para o vosso lar na morte. Não podeis ir para mais lugar nenhum. É a lei do vosso ser. Não podeis encontrar um lugar de descanso no lar de um Sócrates ou de um Franklin, mas o vosso próprio lar é vosso, e para lá deveis ir. Cada espírito tem a sua própria localidade, e gravitará para lá por virtude de uma lei pela qual está cercado, e na qual vive. Essa lei atua sobre o lar com poder atrativo; atua também com o indivíduo — opera entre os dois, e vós ides para lá por virtude de uma necessidade absoluta.

P.— Os espíritos que vivem atualmente no corpo passam do seu corpo para os médicos e controlam-nos da mesma forma que o fazem os espíritos que puseram de parte o corpo?

R.— Não muito frequentemente. Há raros casos excecionais deste tipo. Mas são a exceção, não a regra. Geralmente, o espírito que não desfez o corpo externo e que deseja controlar outro espírito, fá-lo por virtude de um poder psicológico, através do meio do magnetismo. Lançam a sua vontade sobre o indivíduo recetivo, e este torna-se o seu sujeito para todos os efeitos.

P.— A inteligência fará o favor de nos informar a quem Deus se dirigia quando disse: "Façamos o homem à nossa imagem"?

R.— Seria muito difícil dizer a quem se dirigia, dado não nos ser possível por qualquer modo ou meio sabê-lo. Cada classe de seres — na verdade, cada alma individual possui o seu próprio Deus ou divindade distintiva. Pois a nossa divindade é apenas o poder que concebemos como o mais elevado, o melhor na vida; portanto, todos os relatos respeitantes a Deus são apenas as expressões da mente finita — nada mais. Se concebo o meu Deus como um bezerro de ouro, dou forma aos meus pensamentos — escrevo sobre ele nessa linha. Se o

concebo como um ser humano grande e forte, sentado num grande trono branco, cercado por anjos e arcanjos, ora desenharei essa imagem.

Se escrever, darei a imagem em ideias. Se puser uma imagem numa tela, ela estará ali representada em forma e ideia também; e no fim de contas é apenas a minha compreensão de Deus. É o máximo do grande princípio controlador no universo que consigo compreender, e nada mais. Todos os deuses de todas as eras diante dos quais os seres humanos se curvaram e a quem serviram eram simplesmente a mais elevada conceção do que o indivíduo podia ter de Deus — nada mais. O Universalista tem o seu Deus; o Unitário tem o seu; os Baptistas têm o seu; os Presbiterianos têm o seu. Todas as diferentes seitas religiosas têm um Deus diferente. Ora isto é absolutamente verdadeiro; e cada uma o representa de acordo com a sua própria ideia interna de divindade.

7 de maio.

O presidente leu a seguinte carta:

EDITORES DO BANNER OF LIGHT — Sou um leitor regular do vosso jornal e aprecio especialmente a secção de mensagens, e estou semanalmente à espera de uma comunicação de um querido amigo que partiu recentemente. Mas receio que nada do que ele pudesse escrever afetasse favoravelmente os seus amigos céticos se precedido por ou publicado em ligação com uma mensagem como a que vem de Cornelius Winne.

Freddy Harmon, numa comunicação no mesmo jornal, diz que o Sr. Parker gostaria de ter a mãe dele (de Freddy) preparada para receber a verdade. Não consigo ver a oportunidade de publicar mensagens que são na sua natureza repulsivas para pessoas de inteligência e refinamento, e calculadas para as fazer sentir que os demónios estão "soltos na terra". Será que mentes como Theodore

Parker e William Channing aprovam tais publicações? Não me oponho a tal comunicação num círculo privado se algum bem puder vir dela para o espírito ou para os mortais.

Por vezes penso que há espíritos num plano baixo que influenciam e pervertem as mentes de médicos não suficientemente salvaguardados contra o falso ensino; não posso de outro modo justificar a tolice e o fanatismo que com demasiada frequência passam sob o nome de Espiritualismo. Os Espiritualistas afirmam ser governados pela razão e pela ciência, e há ainda mais inconveniência no seu seguimento cego de tudo o que vem do mundo dos espíritos do que para os Cristãos que tomam a Bíblia como um guia infalível.

Nunca houve nada mais desastroso nos seus efeitos sobre a humanidade do que a religião sem a razão. Todo o tipo de crime e perseguição tem sido perpetrado sob o seu nome. E é apenas quando guiados pela ciência, razão e sabedoria que podemos esperar que o Espiritualismo abençoe permanentemente a humanidade. Que sejais guiados pela sabedoria infinita nos vossos esforços para esclarecer o mundo é o desejo sincero do autor.

RESPOSTA.— É-nos dito que Cristo veio não para chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento. Ele veio não para apontar o caminho do céu àqueles que já o conheciam, mas àqueles que não tinham conhecimento do caminho. Ele veio não para reerguer aqueles que não tinham necessidade da sua força, mas veio para reerguer os oprimidos, aqueles que tinham caído no caminho da vida, aqueles que em consequência da sua ignorância tinham cometido erros desastrosos na vida. A esses Jesus veio, e em nome desses estamos aqui hoje. A nossa plataforma é livre para todos, até para o próprio Lúcifer da fábula.

O índio e o africano de tez escura, com toda a sua ignorância, são bem-vindos aqui; aqueles que foram oprimidos na vida terrena, que em consequência da ignorância, do falso ensino, de todas essas

condições infelizes que muitas vezes se aglomeram em redor da alma enquanto aqui está; aqueles que estiveram sob tais condições, e entraram no mundo dos espíritos com toda essa escuridão mental que faz o inferno em que a alma é por vezes mergulhada, eles próprios são bem-vindos aqui, com toda a sua escuridão, com todo o seu pecado e com todas as suas vestes manchadas — são bem-vindos aqui. O seu correspondente pergunta se um Channing e um Parker aprovam tais comunicações. Muito certamente que sim. Falo por mim, e sei que o meu bom irmão Parker diria ainda mais do que eu digo sobre o assunto. Se o fundador da religião cristã, esse espírito que tem sido apontado como um modelo de bondade, de moralidade, de todas as virtudes cristãs durante muitos séculos, não achou incorreto caminhar, falar e comungar com publicanos e pecadores da classe mais baixa, faremos nós menos?

O espírito da verdade chama todos ao seu estandarte, os elevados e os humildes, os servos e os livres, os sábios e os ignorantes, e o seu correspondente comete um erro lamentável ao supor que a casta divide as almas nesta terra livre dos espíritos. Não é assim. Tal tolice pertence à terra. Não tem qualquer lugar na gloriosa terra dos espíritos. O africano e o índio de tez escura são tão preciosos aos olhos do grande Deus como o louro anglo-saxão. A alma que está encurvada com a ignorância e o crime é igualmente cara ao Grande Pai.

Nenhuma escuridão, por mais moral, por mais mental — nenhum tipo de escuridão é tão denso que o espírito da verdade e do amor e sabedoria infinitos não possa entrar ali. O seu correspondente receia que a mãe possa não receber uma comunicação do seu ente querido se esta aparecer lado a lado com a de um dos humildes da terra. É tempo de o seu correspondente sair dessa escuridão para uma luz melhor, e de se erguer acima destas névoas e nevoeiros, e de vestir uma veste que não pudesse ser contaminada por nenhuma das condições da vida humana.

P.— Gostaria de perguntar se a influência controladora reconhece como um facto que o poder que controla o universo é em si mesmo consciente da consciência humana.

R.— Não creio que assim seja. Creio que a grande consciência universal se expressa através de formas, da consciência humana, e talvez em nenhum outro lugar tão perfeitamente. Há um tipo de consciência que pertence a certas esferas inferiores da existência animal, mas quando se eleva para o humano torna-se mais perfeita, mais bela, mais elaborada. Não posso conceber uma consciência separada da forma, daquela que percecionamos em redor de nós através dos nossos semelhantes. Não creio num Deus separado das suas obras. Tal Deus estaria tão longe da minha compreensão que o não poderia adorar. Creio que Deus atua através das suas obras, e manifesta consciência onde quer que existam órgãos adaptados a tal expressão.

P.— Reconhece a vida em qualquer lugar, em quaisquer condições, sem uma consciência correspondente a essa condição?

R.— Reconheço; sim, creio que há uma variedade ou número infinito de tipos de vida que não possuem uma condição consciente distintiva. Contudo a vida está lá.

P.— Então a consciência deve ter um início?

R.— Não necessariamente. Em todo o caso seria muito difícil determinar onde a consciência começou. Não temos conhecimento de que alguma vez tenha tido um início. No que diz respeito às formas, como é evidente, teve um início ali. A consciência teve um início neste planeta, mas tinha existido em algum outro lugar milhões de anos antes de este planeta vir à vida, sem dúvida.

P.— É geralmente concedido que tudo o que teve um início necessariamente tem um fim, e se a consciência não se encontra onde quer que a vida se encontre, parece-me que deve ter um início em algum lugar, e necessariamente teria um fim.

R.— No que diz respeito à forma, tem um fim. A consciência que pertence à sua forma física terá um fim, no que concerne a essa forma. Mas a consciência viverá. É dependente da forma para a expressão, e muda de acordo com a forma, mas não creio que seja criada pela forma, ou que termine com o declínio da forma. É possível que possa ter havido um tempo em que a consciência nasceu — em que foi criada —, mas não conhecemos tal tempo. Se fôssemos capazes de recuar nas nossas próprias vidas conscientes milhões de anos no passado, ainda encontraríamos, penso eu, milhões de anos mais onde a consciência tinha vida.

P.— Foi dito que os Cristãos raramente se manifestam aqui. Pode lançar alguma luz sobre o assunto?

R.— Isso é falso. Arriscamo-nos a dizer que pelo menos sete em cada dez que se manifestam aqui estiveram de alguma forma ligados a alguma igreja cristã quando na terra. As pessoas que pensam de outro modo só têm de compulsar os números passados do nosso jornal, para se poderem convencer. Estou inteiramente certo de que aqueles que pertenceram a diferentes igrejas quando aqui, que comunicaram neste local, estão em de longe maioria. 11 de maio.

ESPÍRITO CONTROLADOR

As suas perguntas, Senhor Presidente, serão agora por nós consideradas.

PERGUNTA. — Como é que os espíritos de índios conseguem falar um inglês tão bom e, ainda assim, exprimir sempre aquilo que as pessoas geralmente entendem por ideias de índios?

RESPOSTA. — Os índios encontram métodos de educação no mundo espiritual tal como todos os outros, e não demoram a tirar partido desses métodos.

P. — Por que razão as suas comunicações refletem tão claramente as noções que os habitantes do Leste adquiriram através de romances falsos sobre os índios e de historiadores ignorantes, em vez do seu próprio caráter natural?

R. — Seremos obrigados a discordar das noções do seu correspondente em relação ao caráter dos índios, pois vemos claramente que, na sua pergunta, ele está apenas a retratar as suas próprias ideias sobre o caráter indígena. Ele fez aquilo que acusa os outros de fazerem. Vê o índio do seu ponto de vista; o homem do Leste vê-o do dele, mas apenas o próprio índio é o melhor juiz a seu respeito.

P. — Como é que pequenas índias e «donzelas» — espíritos — que, enquanto na Terra, eram quase tão ignorantes e brutas de sentimentos como os animais, fazem poesias tão agradáveis, geralmente sobre os temas já batidos das flores, dos raios de sol, etc.?

R. — Ah, aqui o seu correspondente revela o seu caráter do modo mais forte. «Sobre os temas já batidos das flores e dos raios de sol.» Nenhum tema está eivado de mais interesse do que estes, mas ele não o conseguiu perceber. Esses mesmos pequenos espíritos de índias, esses bebés da floresta, têm o privilégio de aproveitar todos os métodos disponibilizados para efeitos de educação no mundo espiritual; e repito que não demoram a tirar partido dessas oportunidades para aprender. Ele concebe-as como estando quase ao nível dos animais. Nisto ele engana-se. Porque elas estão mais intimamente ligadas à Natureza, e portanto mais intimamente ligadas a Deus, ele não as consegue compreender; na medida em que vive, sem dúvida, no mundo da Arte, pouco sabe do mundo da Natureza.

P. — Por que razão os espíritos dão sempre os seus próprios nomes, mas quase sempre omitem o dos seus amigos ou o endereço destes, impedindo assim que os céticos investiguem através do auxílio das suas comunicações?

R. — Eles têm o direito de usar os seus próprios nomes publicamente em ligação com o Espiritualismo; não têm o direito de usar os nomes dos seus amigos. Em muitos casos — na quase totalidade deles —, os amigos opor-se-iam a que os seus nomes aparecessem em público associados ao Espiritualismo. Por essa razão, é estritamente proibido neste local. Eles estão autorizados a dar os seus próprios nomes e todos os factos de que disponham através dos quais possam ser identificados, mas raramente lhes é permitido dar os nomes dos amigos, a menos que se saiba que esses amigos são, em certa medida, favoráveis a esta nova Filosofia.

P. — Como é que as cartas nem sempre são respondidas corretamente?

R. — Acontece muitas vezes que o conteúdo não tem alma, pelo que não é fácil responder a esse tipo de cartas. Por outro lado, acontece com frequência que aqueles que são chamados a responder a cartas neste local não conseguem entrar em sintonia nem com o assunto apresentado nem com o médium. É possível que consigam vir e fazer um trabalho excelente numa segunda tentativa, mas nem sempre é possível na primeira tentativa, e talvez nem na segunda ou na terceira. Existem vários obstáculos no caminho para dar respostas perfeitas. E há tanta escuridão do vosso lado como do nosso.

Na verdade, com frequência, há muito mais. Como foi aqui assinalado, há pouco tempo, pela pessoa que estava ao controlo nessa altura — algo como isto: «A Sra. B. pergunta: Devo casar com o Sr. O.? O Sr. C. pergunta: Terei sucesso neste empreendimento? Será melhor ir para o Colorado? Terei sucesso nas operações mineiras? Devo abandonar este negócio e abraçar outro?» Oh, que ideia monstruosa! E depois queixam-se porque os espíritos não vos dão respostas satisfatórias! Em nove em cada dez vezes, eles têm vergonha

de vir responder a tais perguntas e recusam-se a fazê-lo. Mas nem sempre é esse o caso. Existem belas exceções. Há momentos em que o espírito que é chamado usa todo o poder de que dispõe para entrar em sintonia com o assunto, ou com a influência no controlo aqui no momento, para poder responder à pergunta do seu ente querido.

P. — Não é a lei do mesmerismo a mesma que a do Espiritualismo?

R. — Com certeza que sim. Ambos são ramos do mesmo tronco. A mesma vida perpassa ambos.

P. — Queira indicar sob que nomes a Filosofia Espiritualista tem sido conhecida no mundo.

R. — Sob quase todas as formas religiosas ela encontrou algum tipo de pouso. Não há seita religiosa de que tenhamos conhecimento que não tenha a verdade espiritual por fundamento. A Filosofia Espiritualista perpassa todas elas, mas é terrivelmente pervertida em quase todo o lado.

P. — Disse que o mesmerismo era a mesma coisa. Gostaria que indicasse outras formas, se puder.

R. — A Psicologia é outra.

P. — Clarividência?

R. — Sim; a clarividência pode ser chamada a mais extensa. Abrange o todo.

P. — Clariaudiência?

R. — Clariaudiência, com certeza. Todo o espírito é clariaudiente, embora esse poder possa não ser projetado através dos seus sentidos. O seu espírito é a todo o momento capaz de ouvir, capaz de responder a qualquer outro espírito com quem entre em

sintonia — refiro-me aos desencarnados. Não depende do som nem da forma da fala.

P. — Não haverá alguns casos, denominados epilepsia pelos médicos, que não são epiléticos, mas apenas alguma fase espiritual?

R. — Muitos. Muitos mesmo.

12 de maio.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Recebemos uma pergunta à qual talvez não seja despropositado dar uma resposta neste momento. É a seguinte: a pergunta chega-nos de um membro da igreja muito honesto, alguém que deseja, sem dúvida, andar em toda a compaixão e verdade. Ele diz: «Estou tristemente aflito por causa desta ideia. Desejo saber se cometo um pecado por não conseguir amar os meus inimigos. Será de facto um dos mandamentos de Deus que devamos amar os nossos inimigos?»

Apenas posso responder a partir do meu ponto de vista racional. Para mim não é um dos mandamentos de Deus, mas antes o oposto. Se o bom amigo religioso deseja uma resposta segundo o padrão bíblico, se está disposto a aceitar isso como autoridade, basta-lhe ler os versículos 43, 44, 45 e 46 do capítulo 5 de Mateus. Aí o problema será resolvido para sua satisfação, talvez, mas certamente não para a minha. Não acredito na possibilidade de amar algo que é desprovido de atrativo. Não acredito na possibilidade de amarmos os nossos inimigos, pois para nós eles não são amáveis. Podemos ter compaixão, caridade, qualquer quantidade de misericórdia pelas suas faltas, mas amá-los é uma coisa completamente diferente. Não acredito que a chamada regra de ouro abranja esta ideia. Não acreditava nisso quando estava aqui. Mas acredito que é moralmente imperioso para cada alma agir com justiça e misericórdia em relação aos nossos inimigos, nunca nos permitindo retaliar contra eles, pois ao fazê-lo

tentamos vencer um mal com outro mal, o que falha sempre. Sei que se disse que Cristo proferiu estas palavras: «Que era imperioso para a alma amar aquele que estivesse em inimizade contra ela», mas não consigo acreditar nisso. Não acredito na doutrina do ódio. Longe disso. Tão-pouco acredito no outro extremo. Mas acredito em tratar todos com justiça e misericórdia, e nunca imputar a Deus, o Grande Mestre da Vida, aquilo que pertence propriamente às coisas do tempo.

Ora, seria muito melhor, em minha opinião, que este bom amigo deixasse de se apoquentar sobre como Deus lidará com ele por esta ou aquela coisa — refiro-me ao Deus da Igreja — e passasse a raciocinar com o Deus da sua própria natureza; e seja o que for que esse Deus diga, pode ter a certeza de que não estará muito longe do caminho certo. Poder-se-á perguntar agora, e sem dúvida que se perguntará, por que razão não damos o nome deste consulente. Simplesmente porque não temos o direito de o fazer. Simplesmente porque ele se encontra numa posição em que não desejaria ver o seu nome associado ao Espiritualismo. Por muito que lamentemos esse falso orgulho, esse falso receio, ao mesmo tempo não temos o direito de o pisotear. 12 de maio.

PERGUNTA. — Acreditamos numa vida futura, mas que prova temos de que essa vida é sem fim?

RESPOSTA. — Julgando pelo passado, trazendo as nossas provas do passado, elas tornam-se bastante grandes no presente para se estenderem a um futuro ilimitado. Temos tendência para julgar pelo que foi. Temos tendência para medir o futuro pelo passado, e temos provas excelentes de que o passado se estende quase até ao infinito. Não sabemos quando começou a existência humana. Não podemos recuar a um tempo em que a mente não existisse — em que as várias manifestações da mente não tivessem lugar de ser em parte alguma.

Ora, é certamente razoável concluir que a mente continuará a existir no futuro, uma vez que existiu no passado. É certo que não sabemos se existiremos ao longo de um futuro sem fim, porque o conhecimento só pode vir da experiência. Mas temos grandes provas

para demonstrar que existiremos sempre; que não podemos ser envoltos no esquecimento; que a centelha de inteligência que foi avivada para a existência pelo grande princípio infinito permanecerá sempre uma vida inteligente. Dizemos que temos provas amplas para acreditar que assim seja, embora, como é evidente, não o possamos saber.

P. — Não poderá a nossa individualidade perder-se nos elementos que constituem o princípio a que chamamos Deus?

R. — Estamos perpetuamente a perder a nossa individualidade e estamos tão perpetuamente a formar novas individualidades. Desfazemo-nos de tudo o que constitui a nossa mente no exterior, tal como nos desfazemos de tudo o que constitui a nossa matéria no exterior, e estamos constantemente a assimilar, a partir das condições circundantes, aquilo que é novo para nós enquanto indivíduos. Hoje não pensamos exatamente como pensávamos ontem. Há uma diferença, por mais ligeira que seja, e como a individualidade da alma consiste no seu pensar e no seu exprimir dos pensamentos, logo, essa individualidade está constantemente a mudar, a ser constantemente absorvida pelo grande todo infinito, e nós estamos tão constantemente a absorver desse grande todo infinito. É um dar e receber para todo o sempre.

P. — Se a memória viver para sempre connosco, não poderá ela tornar a vida futura desagradável ou intolerável?

R. — Sim, torná-la-á certamente, em muitos casos, extremamente desagradável. O homem que defraudou o seu próximo em qualquer sentido, que praticou os vários tipos de injustiça que se exibem na terra, que cometeu erros contra a sua própria consciência, esse homem não pode senão esperar receber a condenação em consequência de se lembrar desses atos no mundo espiritual. Levamos connosco todas as luzes e sombras da nossa existência aqui para o mundo espiritual, e se a sombra preponderar, bem, certamente não poderemos deixar de ser infelizes. Agora, portanto, cuidai para que não leveis para o mundo

espiritual aquelas coisas que, quando vos lembrardes delas, vos causarão remorso. Porque se o fizerdes, levareis o vosso inferno convosco. Tende a certeza disso.

P. — Alcançamos uma condição celestial através dos nossos próprios esforços e aspirações, ou somos ajudados por influências divinas?

R. — Alcançamo-la por ambos. Além das nossas próprias aspirações, do nosso próprio desejo de obter o melhor que Deus tem reservado para nós, temos também o auxílio de todo o bem que existe na terra, porque todo o bem está inseparavelmente ligado entre si. Nós fazemos o nosso próprio céu e o nosso próprio inferno, mas descobrimos que a lei é aumentada por condições externas.

P. — Existe uma distinção, no futuro da alma, entre pecados de intenção e de ignorância?

R. — Certamente que sim, no que diz respeito ao indivíduo. Se cometerdes um erro e souberdes, no momento em que o cometeis, que se trata de um erro, que não é o melhor caminho, quando vier o remorso pela comissão desse erro, ele será muito mais agudo do que se tivésseis cometido o erro por ignorância.

P. — Perde-se alguma vez algo que seja criado?

R. — Não, certamente que não. Nada jamais se perdeu, no absoluto.

P. — Irão os criminosos mais atrozes ser algum dia restaurados no mundo espiritual de modo a ficarem de igual para igual com os restantes?

R. — Sempre, em minha opinião. Tenho visto muitos que eram extremamente baixos, e vejo-os a progredir, pelo que espero que, durante algum período da sua existência, tenham despojado tudo o que

é mau na sua natureza, todo o bem menor, e tenham alcançado o bem supremo.

P. — Quais são os poderes dessa restauração?

R. — Infinitos.

P. — O que é infinito?

R. — Aquilo que nunca teve um princípio e nunca terá um fim.

P. — Como o denominaria?

R. — Eternidade — Deus — qualquer coisa que exprima tudo o que alguma vez foi, é ou será. Não importa o nome que lhe derdes.

P. — Qual é o agente pelo qual Deus cria?

R. — Tudo — tudo o que é mente e tudo o que é matéria.

P. — Pode ele criar através da matéria?

R. — Certamente; isto é, segundo a definição habitual do termo criação. Pela minha parte, não acredito que alguma coisa tenha sido criada, porque para mim uma coisa que é criada é feita a partir do nada. Ora, tal crença é profundamente absurda, mas a maioria das pessoas define criação simplesmente como uma mudança de forma, um refazer. Mas para mim, aquilo que é criado vem do nada; por conseguinte, não acredito na criação, em sentido algum.

P. — Diz-se que no princípio foram criados os céus e a terra. Foi a partir do nada?

R. — Muitas coisas tolas foram ditas. Essa é uma delas.

P. — É esse o ponto a que se referiu.

R. — Sei que o relato diz que no princípio Deus criou os céus e a terra; sei também que esse relato é obra do homem, do homem pobre, falível, fraco e equivocado, em vez de ser a palavra de Deus.

P. — Acredita que exista algo como um milagre?

R. — Não, certamente que não. Todas as manifestações da mente ou da matéria entram na esfera da lei. Um milagre é algo que é feito fora da lei. Não há milagres. Eles apenas parecem sê-lo porque os desconheceis.

P. — Não pensa que o sol ou a lua tenham alguma vez parado?

R. — Não, não penso.

P. — Ou que um homem tenha sido atirado ao fogo sem se queimar?

R. — Isso seria mais provável. Sim, acredito no último caso. Sei que, aproveitando certas leis químicas, é possível passar pelo fogo sem sofrer danos. Mas o parar do sol ou da lua é uma coisa completamente diferente.

P. — Pensa que existe algum processo químico pelo qual um homem possa ser colocado numa fornalha aquecida sete vezes mais do que alguma vez esteve e não se queimar?

R. — Sim, penso.

P. — Considera um milagre abrir os olhos aos cegos?

R. — Não, certamente que não.

P. — É possível restituir a vida a um homem morto após quatro dias, como se relata na Bíblia?

R. — Não, não acredito que seja possível, não se o indivíduo tiver realmente passado para o domínio de outra lei. Não acredito que qualquer lei possa ser violada com impunidade. As leis da Natureza são fixas, imutáveis. Não podemos pisoteá-las como bem nos aprouver. De modo algum.

P. — Há uma lei da vida e, do mesmo modo, uma lei da corrupção. Foi Lázaro ressuscitado pela lei da corrupção?

R. — Não, certamente que não. Há vida na ascendente e vida na descendente. No fundo, é tudo vida. Descemos à sepultura em virtude da lei da vida e ascendemos como espíritos em virtude da mesma lei. Realizamos todas as operações do nosso ser pela mesma lei. Podemos pensar que violamos a lei, mas com certeza não o fazemos.

P. — Por que lei foi Lázaro ressuscitado dos mortos?

R. — Não acredito que ele tenha sido ressuscitado dos mortos, não como o cristão geralmente acreditaria.

P. — É possível a um espírito voltar a habitar o corpo depois de se ter afastado completamente dele?

R. — Sim, certamente. Mas depois de, em virtude da lei natural, ter despojado o corpo, depois de esse corpo ter deixado de ter utilidade para o espírito, depois de toda a sua vida magnética e elétrica ter sido consumida pelo espírito, aí seria uma impossibilidade natural o espírito regressar, mantendo o controlo permanente do corpo.

14 de maio.

ESPÍRITO CONTROLADOR

As suas perguntas iremos agora considerar, Senhor Presidente.

O Presidente leu uma carta contendo uma declaração a respeito de Thomas Paine.

RESPOSTA. — O seu correspondente deseja sem dúvida saber se tal incidente transcorreu na vida de Paine. Ora, como quem vos fala está de momento impossibilitado de julgar o caso ou de responder à pergunta, como é evidente, esta terá de ser adiada até que o Sr. Paine possa vir e responder por si mesmo. Reportarei o caso a ele e, da próxima vez que visitar o vosso círculo, ele sem dúvida pegará no assunto e responder-lhe-á.

PERGUNTA. — Queira explicar os versículos 51 a 58 do capítulo 6 de João.

RESPOSTA. — Qualquer mente inteligente sabe muito bem que estas passagens das Escrituras, se compreendidas literal e materialmente, não passam de monstruosidades intelectuais; mas se as considerarmos espiritualmente, se nos sintonizarmos com a corrente subterrânea que esteve sempre em ação através de todos os atos e pensamentos da vida de Jesus, descobriremos que se trata de uma coisa completamente diferente. Jesus, o Cristo, foi a representação viva, divina e humana da verdade. Ele foi a alma e o corpo da verdade — da verdade que apelava à humanidade e à divindade, e sem dúvida foi a esse corpo e a essa alma que ele se referiu. De certo, de certo não podia ter sido ao corpo corrupto e mutável da carne — ao sangue, aos ossos, aos tendões, aos nervos, a tudo o que constitui o corpo externo. Não, não. Ele poderia muito bem ter dito: «Aquele que comer das margaridas e da erva viverá para sempre.» Foi da alma e dos princípios que ensinou, da vida divina encarnada no humano, que ele falou. A astúcia sacerdotal fez tanto, trabalhou tanto para encobrir a verdade límpida, simples e gloriosa, que é extremamente difícil penetrar sob essa vestes.

Os cerimoniais externos da Igreja, o corpo de fé que se encontra em todas as igrejas, é mais adorado do que o espírito. Sempre assim foi; mas Jesus profetizou um tempo em que haveria uma separação do joio do trigo limpo, em que todas essas opiniões pesadas que deformam a verdade simples seriam varridas perante a grande luz

desta verdade pura e simples. Há tantas opiniões horrendas misturadas com as verdades que Jesus ensinou, que não me admira que a mente esteja atordoada, perplexa e perdida. Não sabe se há de entrar no céu pelo portão que os padres prescrevem, ou pelo caminho simples traçado pela Natureza, a que cada alma tem direito próprio.

Há tantos credos a apontar o caminho que não me admira que a mente fique perplexa em consequência disso. Quando o mundo cristão aprender a lidar mais com o espírito e menos com a letra, então todas estas deformidades externas irão encolher-se e desaparecer. Mas oh, por que razão não consegue o mundo ver além da servidão sacerdotal e da superstição? Por que razão continuará a clamar: «Dai-nos o sangue e a carne»? Por que não pedir a palavra de Deus na sua simplicidade desnudada? Mas temos toda a esperança de que a humanidade alcance finalmente a meta das suas expectativas, de que contemple finalmente este Jesus, o Cristo, em toda a sua límpida simplicidade, despojado de toda a deformidade sacerdotal, desnudado de todos os credos da igreja e revestido com essa veste de retidão que não precisa de exterior, mas vive na vida interior. 18 de maio.

ESPÍRITO CONTROLADOR. — Senhor Presidente, fui informado de que na sua sessão de ontem me foi dirigida uma pergunta. Como não estava cá para responder na altura, terei muito gosto em fazê-lo hoje.

PRESIDENTE. — Lamento dizer que não tenho aqui a pergunta hoje.

E. C. — Lamento muito; mas, sendo esse o caso, se tiver outras perguntas, eu as considerarei.

PERGUNTA. — A mente humana fica alguma vez debilitada?

RESPOSTA. — Certamente que sim, pois a mente é apenas o espelho que está colocado entre o organismo externo e a alma ou

espírito, através do qual o espírito se reflete sobre as coisas externas. Sendo um resultado da vida externa, atua sob a lei da vida externa e está sujeita às condições variáveis dessa vida. Se o corpo está doente, também a mente o está. Se o corpo está fraco, a mente está correspondentemente fraca; mas tendes muita tendência para confundir a mente com a alma, quando a verdade é que são dois corpos ou entidades de ser distintos, tão distintos um do outro como a alma é distinta do corpo externo.

P. — Pode descrever a alma?

R. — Não, certamente que não; tal como não poderia descrever Deus. Ela descreve-se a si mesma. Escreve a sua própria história. Figura-se a si mesma em todas as coisas existentes. A alma é expressa pelo artista na sua tela, pelo poeta quando emite sons harmoniosos. A alma exprime-se através da mecânica e de todas as várias artes e ciências da vida.

P. — Ouvi um senhor comentar esta manhã que era justo que Lincoln tivesse sido colocado onde foi, e que Johnson não devia sofrer impeachment, e que o negro tinha de ter os seus direitos e tornar-se um cidadão tanto quanto qualquer outro, e que havia um poder superior a governar todas estas coisas e a orientá-las para o bem. Quer dizer-me qual é a sua opinião a esse respeito?

R. — Essa é a minha opinião, sem dúvida alguma. Seria muito relutante em acreditar que não houvesse algum poder superior a governar o resultado — que a sabedoria não estivesse sempre num plano superior. Se acreditasse no contrário, seria verdadeiramente miserável, mesmo no meu estado atual de vida.

P. — Então devemos inferir que os homens podem fazer o que bem lhes aprouver; que há uma lei superior a governar todas essas coisas que fará com que tudo fique bem no final?

R. — Sim; acredito que todos os erros, todos os bens menores, se tornarão finalmente no mais elevado, no melhor bem. Isso não usurpa de modo algum a nossa responsabilidade perante a nossa própria razão mais elevada, no que diz respeito a todos os nossos atos e a todos os nossos pensamentos. Esta crença de que «tudo o que é, está certo» não nos rouba, como muitos supõem, toda essa responsabilidade que acredito pertencer-nos enquanto seres inteligentes.

P. — Em relação à primeira pergunta, quer dizer que há uma distinção entre a mente e a alma nos animais inferiores, ou que eles não têm uma parte imortal?

R. — Acredito que todas as coisas, num certo sentido, são imortais. Acredito também que aquilo que é instinto nos animais é o mesmo que a mente é para o animal superior, o homem. É apenas o espelho através do qual a parte interior se exprime, se reflete sobre o mundo externo.

P. — O outro ramo da pergunta: são eles imortais?

R. — Num certo sentido, são. Mas no que diz respeito à sua individualidade na forma, não penso que o sejam. Não tenho provas de que o sejam.

P. — Mentes educadas e não educadas estão juntas no outro mundo?

R. — Certamente que sim, tal como aqui. Se não estivessem, teria muito poucas esperanças para os não educados.

P. — Os não educados progridem no outro mundo?

R. — Certamente, tal como aqui, só que as condições para a sua educação são muito melhores do que aqui.

P. — Não irá a telegrafia espiritual, um dia, substituir o nosso atual sistema de telegrafia física?

R. — Não é de modo algum uma improbabilidade. Pelo contrário, é altamente possível. Há uma classe de mentes que acredita que não está distante o tempo em que esta fase da ciência espiritual será trazida à terra e usada com sucesso. Ela está inconscientemente em ação entre vós o tempo todo. A mente está perpetuamente a telegrafar para a mente, em todo o mundo, e é certamente muito razoável supor que chegará o tempo em que tereis uma compreensão profunda dessa ciência e a tornareis aplicável ao mundo externo, a tornareis útil.

Durante milhares de anos, aliás, durante milhões, tanto quanto sei, o relâmpago não teve qualquer utilidade conhecida para o homem. Ele não sabia que podia fazer uso dele. No seu estado selvagem, temia-o, e houve muitos que o adoraram, mas ninguém que compreendesse o seu poder e como torná-lo útil para a vida humana. Mais tarde, surgiu um Franklin, e o relâmpago tornou-se um brinquedo nas suas mãos, e em anos posteriores é o vosso mais humilde servo. Ora, considerando que a alma está a marchar através de todas as condições de ser, analisando tudo e tornando tudo subserviente a si mesma, é muito razoável supor que ela não negligenciará isto.

P. — Os homens deterioram-se alguma vez no outro mundo?

R. — Não acredito que o façam alguma vez — nem aqui nem lá.

P. — Não vão alguns para mais alto e outros para mais baixo lá, tal como aqui?

R. — Nada vi que me faça levar a crer que a alma caia alguma vez da sua elevada condição. Pode parecer fazê-lo a sentidos que não compreendem a *modus operandi* da vida, mas não consigo acreditar que o faça alguma vez. Há montanhas e vales na nossa experiência. É tão essencial para nós descer aos vales como é subir às montanhas; mas, pelo facto de haver montanhas e vales, não posso acreditar que a

alma perca algo da sua elevada condição, da sua primeira vida pura, ao descer ao vale. Pelo contrário, acredito que ela está sempre na ascendente, cada vez mais perto da sua grande fonte. Vós chamais a essa fonte Deus. Talvez seja um nome tão bom quanto qualquer outro que lhe pudessem dar. 19 de maio.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Se tiver à mão a pergunta que foi apresentada aqui há algumas tardes, tentaremos responder-lhe.

O Presidente leu a seguinte carta:

Há pouco tempo, deparei-me por acaso com um exemplar do «Family Christian Almanac», publicado em 1842. Um artigo aí contido chamou-me a atenção em especial, pois registava uma anedota respeitante a um homem a quem todos os amantes do liberalismo (eu incluído) admiram e cuja memória prezamos. Copiei o artigo com a intenção de o enviar para os círculos livres do *Banner of Light*, para que Thomas Paine, que é a pessoa referida, possa responder se este escritor cristão disse a verdade ou não. A história parece-me muito improvável, mas reservarei o julgamento final sobre ela até ouvir o próprio Thomas Paine, através do vosso círculo. Teria o Sr. White a bondade de ler o artigo (uma cópia do qual apresento abaixo) e interrogar os espíritos a esse respeito? I. H. AUSTIN, M. D.

Winslow, Condado de Camden, N. J. Agora quanto ao artigo. É intitulado:

«O CONSELHO DE UM INFEL

Recentemente, estive à conversa com um cavalheiro que conhecia pessoalmente o afamado Tom Paine, com quem aprendi pormenores que poderá ser útil repetir. Este cavalheiro afirma que, quando era jovem, conduzia a carroça do seu pai de Sing Sing para a sua

propriedade no condado de West Chester, N. Y., quando Paine, viajando na mesma direção, pediu para ser levado. O jovem consentindo, viajaram cerca de vinte milhas juntos. A fama e a conversa sobre a obra *Age of Reason* de Paine tinham deixado uma impressão cética na mente do jovem e, encontrando-se na presença do seu autor, aproveitou de bom grado a oportunidade para aprender mais sobre esse tipo de razão. No decorrer da conversa, Paine afirmou categoricamente que acreditava que as Escrituras eram a palavra de Deus e encarregou muito seriamente o seu ouvinte de não ler o seu livro e, se o fizesse, de não permitir que tivesse qualquer influência na sua mente.

Disse que não continha a verdade; que o tinha escrito de início sem a intenção de o publicar, apenas para ver o que conseguia fazer; que lamentava profundamente a sua publicação e daria tudo se nunca o tivesse escrito. Tal foi a seriedade compenetrada de Paine nestas observações, e de forma tão conclusiva raciocinou contra os princípios do seu *Age of Reason*, que removeu inteiramente toda a impressão cética da mente do jovem (o presente informador), de tal modo que este último guardou desde então uma recordação grata da conversa, e diz agora que tal era a seriedade de Paine em evitar que ele fosse prejudicado pelos seus escritos, e em erradicar todas as impressões malignas que eles já tivessem causado, que jamais poderá esquecer essa lembrança.»

Isto foi copiado para o «Christian Almanac» a partir do *Western Observer* (publicado no Ohio), segundo dizem as notas introdutórias.

R. — Senhor Presidente, no que me diz respeito, apenas tenho a dizer que não tenho qualquer recordação de tal circunstância terrena. Pelo contrário, nunca vi o momento em que lamentasse a publicação de qualquer uma das minhas obras. Apenas lamento não ter sido capaz de publicar mais obras do mesmo tipo. Cinquenta e nove anos de permanência no mundo espiritual não mudaram em nada a minha

mente. Continuo a manter-me no mesmo terreno, e os meus pés estão mais firmemente plantados ali do que nunca. Compreende-me? [Sim]

Espero sinceramente que o seu correspondente possa compreender de igual modo. Consideraria o assunto com maior extensão, mas me debato com graves dificuldades em consequência da doença da médium.

P. — Há cerca de duas semanas foi proferido um sermão nesta cidade sobre o tema da marcha dos filhos de Israel e a sua travessia do Mar Vermelho; que eles foram milagrosamente alimentados e as águas separadas especialmente para essa ocasião, para que pudessem passar em segurança. O pregador falou como se isto fosse literalmente verdade. Queira dar-nos toda a luz possível em relação a este assunto.

R. — Num sentido é literalmente verdade, e noutro é absolutamente falso. É literalmente verdade no que diz respeito à crença cristã, para eles. Mas no que diz respeito a um raciocínio são e científico, é absolutamente falso. É sempre melhor pesar e medir tudo pela ciência. Aquilo que não suportar ser pesado e medido não vale rigorosamente nada. Se as Escrituras falharem no teste da ciência, então certamente não são dignas de ser o guia da alma. Está a chegar o tempo — e agradeço ao grande Espírito Eterno por isso — em que os homens não acreditarão naquilo que a sua razão não puder sancionar; em que as histórias dos tempos antigos terão menos peso para a alma do que têm hoje; em que as brumas e nevoeiros do preconceito, as nuvens escuras da superstição, terão passado; e então, oh então, como a alma lamentará ter habitado tanto tempo nas trevas quando poderia ter saído para a luz do sol de uma sabedoria mais pura.

P. — O que constitui o poder de cura?

R. — A superabundância de vida magnética saudável. Apenas isso e nada mais.

P. — O que aconteceu às almas que entraram na vida espiritual há centenas de anos?

R. — Continuam na vida espiritual — não precisamente onde a vida espiritual as encontrou quando entraram nela pela primeira vez. Mas não foram de modo algum apagadas da existência. A alma está destinada a passar de uma condição para outra ao longo de toda a eternidade, reunindo sempre para si tudo o que necessita para o seu próprio avanço.

P. — As almas são responsabilizadas na vida espiritual pelos atos praticados na vida terrena?

R. — Certamente que sim.

P. — Qual é a força ou poder usado pelos espíritos para produzir manifestações físicas, visíveis na vida terrena aos mortais?

R. — A força ou poder reside na inteligência do indivíduo que está a produzir as manifestações, mas os agentes usados são numerosos. Todas as leis conhecidas da vida universal são requisitadas para produzir estas chamadas manifestações físicas. Embora os espíritos desencarnados não sejam de modo algum detentores de toda a sabedoria, contudo reuniram — muitos deles — muito mais sobre a vida e as suas leis do que possuíam enquanto aqui estavam, e um vasto exército está a usá-lo para benefício do povo da terra.

P. — Uma alma que tenha perdido a razão — que tenha ficado perturbada na vida terrena — recupera o seu estado normal no mundo dos espíritos?

R. — A alma, enquanto alma, está sempre num estado normal. É apenas a máquina, ou as condições através das quais se exprime, que às vezes cai neste estado inarmónico e doentio. As forças estão distribuídas desigualmente por vezes e, em consequência disso, a alma

é incapaz de dar manifestações normais, embora ela própria esteja sempre num estado perfeitamente normal e são.

P. — Os amigos na vida espiritual discernem ou reconhecem os amigos na vida terrena?

R. — Certamente que sim. Ficaria muito desgostoso se não o fizessem, pois aí concluiria que o grande Dispositor dos Eventos tinha cometido um erro grave.

P. — Podem os amigos terrenos comunicar com algum amigo espiritual em particular? Se sim, de que maneira?

R. — Há demonstrações que respondem a essa pergunta por todo o país hoje em dia. É inútil eu tentar responder-lhe. A minha vinda hoje responde-lhe. Chamastes por mim — eu estou aqui. Fizestes-me uma pergunta — eu respondi-lhe. E o que eu faço, todos os outros, sob circunstâncias adequadas, podem fazer do mesmo modo. 25 de maio.

ESPÍRITO CONTROLADOR

As suas perguntas, Senhor Presidente, se as tiver, estamos prontos para as receber.

PERGUNTA. — De onde brotaram os primeiros tipos de humanidade?

RESPOSTA. — Das ordens inferiores da vida animal, mineral e vegetal. Os primeiros tipos de humanidade vieram do tipo mais elevado de vida animal que existia então na terra.

P. — É verdade, como é popularmente suposto, que Judas Iscariotes foi induzido a trair o nosso Senhor pelo desejo de obter dinheiro? Foi um espírito de cobiça que o impeliu a isso?

R. — Assim foi determinado por certas classes de investigadores religiosos, mas, pela minha parte, tenho uma opinião melhor de Judas

do que essa. Acredito que ele era de uma natureza negativa e suscetível, e foi influenciado do modo mais potente pelas condições más, ou de menor bem, pelas quais estava cercado. Jesus viveu e agiu numa atmosfera que lhe era inteiramente antagónica. Ele refletiu a sua luz através das trevas da época em que viveu, e as trevas procuraram por todos os meios ao alcance crucificar a luz. Não posso acreditar que Judas tenha sido atuado por motivos puramente egoístas ao trair assim o seu amigo mais querido.

P. — Pode dizer-me o motivo supremo que o levou a cometer esse ato?

R. — Não, não posso; nem acho que ele tivesse qualquer motivo dominante.

P. — Não estamos sempre, a cada momento, sob o poder de algum motivo dominante?

R. — Não, penso que não. De qualquer modo, se estamos, não estamos nós próprios conscientes desse facto.

P. — Quando Judas fez o acordo para trair o seu mestre, qual era a ideia na sua mente? A que fim desejava servir?

R. — Não sei que ele desejasse servir qualquer fim especial. Como notei anteriormente, ele estava sob a influência psicológica, sem dúvida, das condições pelas quais estava cercado, tal como alguns dos vossos Senadores estão neste momento. Eles flutuam entre o certo e o errado; a influência que predominar sobre eles no momento é aquela a que cedem, e não sabem dizer os porquês nem os paraquês.

P. — Judas podia não estar consciente ele próprio de nenhum motivo dominante, mas não é uma lei da natureza humana que deve haver algum motivo a impelir-nos sempre?

R. — Não é assim que eu entendo.

P. — Nesta pergunta vou usar as palavras esposa e marido, primeiro no seu sentido convencional e depois no que chamo o seu sentido espiritual. Sabemos, como questão de facto, que neste mundo um homem por vezes casará com três ou quatro esposas, uma mulher com três ou quatro maridos, mas espiritualmente falando, pode um homem ter mais do que uma esposa, ou uma mulher mais do que um marido?

R. — Não, não penso que possam, porque penso que o positivo e o negativo formam o todo. O homem único e a mulher única formam o todo — o ser arredondado. Um é imperfeito sem o outro. Está a chegar o tempo, mas é no futuro, em que compreendereis que aquele casamento que não é da alma não é casamento de todo; que aquele que é provocado por condições externas é inteiramente ilegítimo. Aquilo que Deus uniu ninguém o pode separar, mas aquilo que é unido pelas condições da vida humana, quase qualquer um o pode separar; e é legítimo que o façam, porque as partes estão ilegitimamente unidas. Está a chegar o tempo em que compreendereis este assunto, em que ele será mais simplificado, em que entrará como parte de toda a educação humana e se tornará, até certo ponto, a base da educação humana.

P. — Considerando a atual condição da sociedade e quão pouco o sentido moral é cultivado em comparação com o que será no futuro, não é conveniente que para já exista o que chamamos uma forma de casamento, e que as pessoas que entram no estado de matrimónio deem certos compromissos à sociedade e recebam a sanção da sociedade para viver nessa condição?

R. — Com certeza que sim, «Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus». A sociedade, na sua condição atual, exige certas coisas que é correto conceder.

P. — Pode lançar alguma luz sobre a natureza psicológica do que chamamos loucura? Para mim é um problema menos iluminado do

que quase qualquer outro e, como as circunstâncias me puseram em contacto com várias pessoas que sofrem disso, estou particularmente ansioso por obter alguma informação a respeito deste fenómeno tão maravilhoso e doloroso.

R. — A loucura divide-se em muitas fases diferentes e é induzida por outras tantas causas diferentes. Às vezes é filha de condições antenatais — com muita frequência o é. Às vezes é filha de condições espirituais — com muita frequência o é. Às vezes é filha da convivência humana, gerada a partir das condições mal combinadas da vida humana. Ora, para lidar com sucesso com todos os tipos de loucura, devemos compreender em cada caso especial qual é a causa, e depois lidar com ela segundo as necessidades do caso, e de modo algum adulterar os efeitos. Assim tereis a certeza de efetuar uma cura quando for possível fazê-lo.

P. — Acho que compreendo até onde foi, mas perguntaria o que é a loucura em si mesma — na sua própria essência?

R. — É uma distribuição desincorporada das forças nervosas. As forças nervosas, em todos os tipos de loucura, por qualquer causa, estão distribuídas desigualmente. Há uma desarmonia entre as forças, positivas e negativas, e tudo o que puderdes fazer para produzir harmonia ou equilíbrio aí, terá a certeza de efetuar uma cura. Reside nos imponderáveis do sistema, quase sempre, não nos sólidos.

P. — Permite-me fazer uma declaração pessoal a meu respeito? Há vários anos que tenho tido muita experiência em ligação com este triste fenómeno da loucura. Conheço o caso de uma pessoa que de tempos a tempos tem ataques graves e, enquanto eles duram, fica num estado violentíssimo e incontrolável. Ora, se eu entrar no quarto enquanto ela está nesse estado, basta-me ficar de pé, olhar para ela e dizer, muito calmamente: «Sente-se», e é precisamente como as ondas a caírem aos pés de Jesus quando ele disse: «Paz, acalma-te»; essa mulher fica tão perfeitamente calma e senhora de si como eu estou neste momento. Pode explicar como é que isto é efetuado?

R. — Pela regra mais simples de todas. Transmitis através do vosso pensamento, do vosso desejo, precisamente aquilo que é necessário para produzir esse equilíbrio das forças nervosas. Lançais sobre o sujeito uma vida magnética que acalma imediatamente as ondas mentais.

P. — É o poder de lançar este magnetismo sobre outrem um poder independente do indivíduo que o possui? Não sou parente desta mulher. Há dez anos não sabia que tal pessoa existia. Nenhum parente de sangue, nenhum amigo mais querido que ela tenha, tem o menor poder sobre ela. Têm a certeza de a irritar ainda mais. Eu acalmo-a, como digo. Como é que eu o posso fazer, quando ninguém em simpatia com ela o consegue?

R. — Simplesmente porque estais em *rapport* magnético com ela, e eles não estão. Ela é recetiva à vossa vida magnética e não à deles. A vossa é peculiarmente adaptada para acalmar esta perturbação; a deles não é. 26 de maio.

PERGUNTA. — Queira dar a sua opinião a respeito do futuro religioso e político do nosso país. A atual Constituição será em breve abolida e uma Democracia Teocrática será o governo?

RESPOSTA. — O futuro religioso e político da América já está tão claramente delineado em muitas mentes, que há muito pouco receio de que estejamos equivocados a respeito deste futuro. Os sinais dos tempos estão a escrever nas paredes da América em termos inconfundíveis e, por todo o lado, no que diz respeito à política e à religião, encontramos esta frase: «Mene, mene, tekel, upharsin» — «Foste pesado nas balanças e achado em falta». Durante a minha vida terrena, vi em espírito o futuro da América. Sabia que Deus iria tão certamente pesar a nação nas balanças da sua justiça como cuidaria de cada alma que chamara à existência. Estava seguro, também, do que seria o resultado. A religião da América está rapidamente a despojar-se das suas vestes antigas e a vestir novas; aqui e ali uma pequena parte é cortada. A seu tempo, toda a cobertura exterior terá

desaparecido. Haverá então necessidade de outra, e ela já é fornecida pelo grande exército de espíritos que, nos últimos vinte anos, têm procurado por todo o mundo vestir a mente com uma veste religiosa melhor. A Constituição dos Estados Unidos — ou deveria dizer mais propriamente dos Estados Desunidos — é de todo demasiado pequena para as necessidades do povo.

Os pergaminhos, como vos dissemos há quinze anos, não crescem, mas as ideias estão sempre a crescer. As mentes das pessoas estão sempre a expandir-se. Há alguns anos, as partes ocidentais deste Continente Americano eram quase desabitadas por vida civilizada. Hoje já não é assim. Estendem-se de Norte a Sul, de Este a Oeste, com as suas artes e ciências. A mente está a ir para toda a parte, expandindo-se, e supordes que ela pode permanecer por muito tempo, politicamente falando, sob a Constituição que foi formada para as treze colónias há anos? De modo algum. Isso seria uma impossibilidade política bem como moral. Ora bem, uma vez que sois todos adoradores de ídolos, cada um de vós, adorais mais a forma do que o espírito, deveis esperar que, quando os vossos ídolos vos forem tirados, haverá guerra, confusão. Enquanto fordes adoradores de ídolos, apegar-vos-eis aos vossos ídolos.

A Constituição é um deles. Dissemos-lhes há quinze anos que este ídolo vos seria tirado. Dizemos-vos o mesmo hoje. Estais quinze anos mais perto desse ponto do que estáveis na altura e, garanto-vos, estais muito perto dele hoje. Aquelas mentes conservadoras que ainda se apegam a esse ídolo tal como ele era, sem qualquer emenda, sofrerão o maior choque; na verdade, ficarão tão terrivelmente ultrajadas que suporão que o seu belo país está a ser arruinado. Mas, em vez disso, o grande Deus está apenas a ampliar, para que possais ficar melhor satisfeitos. A Constituição, em espírito, é tudo o que se precisa. Mas no que diz respeito à sua forma externa, não é tudo o que se precisa. Ela provê para vós apenas em parte.

Aquelas mentes que estão contentes por habitar no passado estão satisfeitas com ela, mas aquelas que não estão contentes por viver ali, mas só estão contentes por viver no glorioso presente, não estão

satisfeitas com ela. Veem que é demasiado pequena, que as roupas de bebé da nação recém-nascida não servem para esta nação na sua virilidade. Não; e os anjos viram-no também. «Os vossos pais, onde estão eles?» Esta pergunta foi feita há anos numa das vossas tribunas públicas. Onde estão eles? Quem responde? Ora, eles próprios respondem. Estão aqui no vosso meio. Eles formaram a vossa Constituição e sabem perfeitamente até que ponto ela fica aquém das vossas necessidades atuais, pelo que é seu dever, como amantes do seu antigo lar, como defensores daquilo que foi e ainda é tão caro para eles, é seu dever regressar fazendo tudo o que estiver ao seu alcance para ampliar, purificar e tornar adequada para esta nação a Constituição — esse ídolo, pois ídolo é — que vós, a seu tempo, percebereis de acordo com o seu verdadeiro valor. Alma após alma começará a compreender que ela não é tudo o que se precisa e, quando um número suficiente de almas se tiver reunido para protestar contra ela, a mudança virá. A Constituição que foi ou é não existirá mais, e abençoareis o dia, do fundo das vossas almas, em que um novo bebé vos nascerá na forma de uma nova Constituição, ou a antiga tão plenamente ampliada que venha ao encontro das necessidades do povo.

P. — É o espírito animal da mesma essência que o espírito do homem?

R. — Há uma diferença assinalável entre a vida animal e a espiritual que pertence à humanidade. Vida é vida em toda a parte. Mas na expressão é diferente em toda a parte. A mão não pode ser a cabeça, nem a cabeça pode ser a mão, e contudo são partes de uma mesma estrutura. A vida animal não é na expressão vida humana, vida intelectual; e contudo, a vida animal é uma parte da grande estrutura do universo. Acredito no poder de Deus sobre todas as coisas e na vida de Deus através de todas as coisas.

P. — O que se quer dizer quando se diz que o mundo espiritual é um grande homem, como é dito por A. J. Davis e outros?

R. — O único grande homem de que tenho conhecimento é o grande homem da verdade eterna, o espírito da verdade eterna que se move através de todas as eras, e se tem movido através de toda a eternidade passada.

P. — Gostaria de perguntar relativamente a testar os espíritos que vêm ter connosco. Às vezes fomos muito tristemente enganados. Quando um espírito pretende estar presente, como podemos saber com certeza que é o espírito que professa ser? Nós frequentemente testámo-los perguntando se estavam dispostos a dizer ámen à Oração do Senhor. Este teste foi-me sugerido por William Howitt, que disse que nunca lhe tinha falhado. Pode falar-me de algum teste em que possamos confiar sempre?

R. — Meu caro e bom amigo, por impossibilidade alguma podeis vós, enquanto mortais, nas presentes circunstâncias, estar inteiramente certos da identidade de qualquer espírito que regressa, porque o espírito que regressa está fora da vossa vista, além do domínio e da esfera dos vossos sentidos naturais, e estes sentidos são os únicos poderes através dos quais podeis pesar e medir todas as coisas com que entrais em contacto. Ora, posso dizer-vos que sou o espírito de determinado indivíduo que viveu em determinada altura, e posso dizer-vos o que é absolutamente verdade. Podeis acreditar nisso, mas não o podeis saber. Tendes apenas a minha palavra para tal. Não me podeis ver — estou atrás do ecrã de outra vida. Apenas vedes essa vida, e tanto da minha própria quanto sou capaz de dar através dessa vida orgânica. Ora, não me importa quantas orações possais repetir, ou quantos «ámens» o espírito possa acrescentar-lhes. Não fará a menor diferença no que diz respeito a testar a identidade do espírito. Apenas o podeis testar até onde as vossas próprias faculdades de raciocínio vos levarem — nada mais além. «Até aqui irás e não mais além», diz a vida externa. Ora bem, atrevo-me a dizer que sete, pelo menos — isto para colocar por baixo —, de cada dez espíritos que regressam vêm com um propósito honesto. Dão-vos tanto quanto é possível, sob as suas condições, e não têm intenção alguma de enganar. Aqueles que o fazem são a exceção, não a regra.

Encontrais aqueles que enganam, que gostam de enganar, aqui. Eles vão para o mundo espiritual com as mesmas tendências; regressam com as mesmas, e manifestam as mesmas até que as tenham superado. É uma lei da vida celestial que a alma supere todas as suas imperfeições. Passará além de toda a sua escuridão mental. Chegará tão perto do Infinito que se despojará de toda a sua grosseria, de tudo o que a acorrenta, de tudo o que a torna, em qualquer sentido, moralmente deformada. Compreendei-nos quando dizemos que não conhecemos forma alguma pela qual possais, com absoluta certeza, testar a identidade de qualquer espírito que regressa. Somos honestos ao dizer-vos isto.

Deveis medir tudo pelos vossos sentidos; receber tudo o que entrar no teste dos vossos sentidos; tudo o que sentirdes na vossa vida interior como sendo bom, verdadeiro, como sendo o que pretende ser, recebei e apropriai para vosso próprio uso, na medida em que fordes capazes. Mas tudo o que não puderdes pesar assim, ponde de parte até que o possais fazer; mas de modo algum descarteis como sem valor aquilo que não podeis testar ou não podeis compreender, pois ao fazê-lo podeis estar a fechar as portas ao anjo mais brilhante que alguma vez visitou a vida humana.

P. — Fico-lhe muito agradecido pela sua resposta explícita, embora não seja o que eu esperava. Mas gostaria de mencionar um caso concreto. Um espírito vem e diz-me que é meu dever dar um determinado passo que envolve uma mudança importante na minha vida, influenciando para o bem ou para o mal a mim próprio, a minha família e as minhas perspetivas futuras. Não há nada na mensagem em si que pareça irrazoável. Pode parecer uma coisa perfeitamente adequada a fazer. Seria correto confiar no espírito e seguir a sua orientação? Para tornar o caso mais claro, suponha que o espírito diz: «Deve deixar o seu atual campo de trabalho; o clima é prejudicial à sua saúde e, ao ir para outro lugar, fará um grande bem.» Ora, eu sou incapaz de dizer se o clima é prejudicial, ou se ao mudar-me faria mais bem; mas, se estivesse seguro desses factos, é evidente que

seguiria imediatamente o conselho do espírito. Qual seria o meu dever nestas circunstâncias?

R. — Bem, meu caro amigo, pela experiência que recolhi em tais matérias durante a minha vida como espírito desencarnado, só lhe posso dar uma resposta, e essa é: seria absolutamente errado para si ser guiado em qualquer direção por qualquer espírito ou espíritos, por mais elevados que fossem, à custa da renúncia à sua própria razão. Se não consegue ver que seria correto para si dar tal passo, seria absolutamente errado dá-lo.

De qualquer espírito que regresse pedindo-lhe que renuncie ao mais brilhante ornamento da sua masculinidade ao seu mando, pode ter a certeza de que está equivocado em relação ao seu maior e melhor bem. Só posso responder a partir do meu próprio ponto de vista de experiência, mas enfrentei esta matéria abertamente e fiz dela objeto de fervorosa investigação, e só posso chegar a esta conclusão: que a razão que temos na vida humana é o oráculo que se interpõe entre o nosso Deus e nós mesmos, apontando sempre o caminho. Devemos dar-lhe ouvidos e, por muito que possamos receber o conselho de outros, nunca o devíamos apropriar a não ser que esteja em harmonia com a nossa razão mais elevada. Compreende?

P. — Compreendo perfeitamente o que diz, embora não tenha conseguido resolver a minha dificuldade. Neste caso, não vejo razões particulares nem a favor nem contra. Mas, se estivesse perfeitamente seguro de que o espírito me estava a aconselhar a fazer o que sabia ser correto, eu segui-lo-ia. Não tenho outra prova para me guiar.

R. — Então eu diria para permanecer, por todos os meios, exatamente onde está até que a sua prova seja suficiente para o guiar.

P. — Comunicam espíritos que viveram antes do nosso atual período histórico?

R. — Certamente. A história não remonta a um passado muito distante, quando comparada com a eternidade do passado. Remonta a

um passado muito antigo, bem sei, mas há muitíssimo para lá dela. 28 de maio.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Estamos prontos para considerar as suas perguntas, Senhor Presidente.

PERGUNTA. — Queira explicar a filosofia das luzes de diferentes cores que emanam do cérebro humano; isto é, de que respetivas faculdades procedem o azul, o vermelho, o amarelo e as várias outras cores?

RESPOSTA. — Seria impossível, durante o curto espaço de tempo que nos é concedido para responder a estas perguntas, analisar e demonstrar cientificamente as condições e relações peculiares de todas as cores que emanam do corpo, e particularmente do cérebro. É um assunto que por si só é muito extenso e exige uma audiência extensa da parte dos cientistas da terra. Cada pensamento tem a sua tonalidade ou cor de atmosfera peculiar. Todo o corpo vivo, seja animal, vegetal ou mineral, ou seja da substância mais refinada chamada espírito, está constantemente a libertar emanações de cores diferentes.

Cada faculdade especial parece possuir uma atmosfera especialmente sua e, portanto, liberta uma atmosfera cuja cor difere de todas as suas companheiras. Se pudesse perceber as exalações da vida da rosa, que são invisíveis, como é evidente, aos olhos mortais, contemplaria um espetáculo belíssimo. E o que é verdade para a rosa é verdade também para o lírio; o que é verdade para o lírio é verdade para o cardo; o que é verdade para o cardo é verdade para o corpo humano; e o que é verdade para o corpo humano é verdade para a alma humana e para todas as faculdades que lhe pertencem. O grande corpo da Natureza está constantemente a lançar as suas emanações de cores diferentes, os seus diferentes raios de luz, e, quando todos se combinam, formam o que se pode denominar a harmonia divina da Natureza. Teríamos muito gosto em falar extensamente sobre este

assunto, mas, como notámos anteriormente, é de todo demasiado extenso para o curto espaço de tempo que aqui nos é concedido.

P. — Os dois mundos, espírito e matéria, fundem-se e interpenetram-se, ou são distintos e distantes um do outro? Se for o primeiro caso, ou em qualquer medida, os habitantes de cada um são igualmente invisíveis entre si, embora caminhando lado a lado ou atravessando-se mutuamente? As condições de intercurso entre cada mundo são as mesmas, governadas por leis e temperamentos; sendo espíritos de constituição peculiar médiuns para os mortais, tal como os mortais o são para os espíritos?

R. — O mundo espiritual propriamente dito está de facto tão intimamente interfundido com o mundo mortal, o mundo material, que não se pode traçar a linha de demarcação entre os dois. A matéria e o espírito, temo-vos dito sempre, são inseparáveis. A matéria seria inerte, de utilidade nenhuma, sem o espírito. O espírito não encontraria mundo através do qual se exprimir sem a matéria. Para mim os dois mundos estão casados e nunca se podem divorciar. Para mim não há um mundo espiritual distante, nenhuma esfera separada localizada longe no espaço, para onde o espírito vai na altura da morte. Não há necessidade disso. Quando a flor morre para a visão mortal, ela floresce na atmosfera mais bela do que antes. Ela apenas largou o externo, enquanto o interno continua a viver, não longe além dos céus, mas mesmo aqui. O mundo espiritual dá-vos as mãos, e sempre o fez.

P. — Dizem-nos que aquilo que fazemos de nós mesmos o somos de novo, que as circunstâncias nos fazem. A vida espiritual acolhe-nos exatamente onde a vida mortal nos deixa, social, moral e intelectualmente. Ora, esta doutrina está cheia de iniquidade e angústia para alguns. Podemos ter as aspirações mais profundas de sucesso nestes essenciais da felicidade, reconhecer plenamente a sua importância para o nosso bem-estar, e contudo o cérebro pode ser tão moldado, circunscrito, sensível, que a atividade social e intelectual

tem de ser travada em vez de cultivada. Os órgãos superiores podem estar de tal modo cercados, frenologicamente ou por acidente, que a expansão em qualquer medida acarreta sofrimento, podendo produzir loucura. A vítima pode saber e lamentar isto, mas ser tão incapaz de mudar a órbita de ferro em que se move mentalmente como de remover uma deformidade física. Incapaz de avançar ou de ficar parada, tem de retroceder. Será que a Morte lhe debita um fracasso e uma ruína que não pôde evitar, que teria dado mundos, realizado esforços hercúleos, se fosse possível, para ter evitado?

R. — O mundo espiritual, ou as condições que pertencem ao espírito depois de ter despojado a forma mortal, são, com certeza, até certo ponto, muito semelhantes ao que o espírito experiencia enquanto aqui está. Em outras palavras, o mundo espiritual encontra de facto o espírito nem mais alto nem mais baixo do que aquele ponto para onde gravitou por lei natural. O mundo espiritual não tem o poder de levar o espírito além da sua capacidade natural de ser. De modo algum. Mas não deveis supor que, pelo facto de o espírito achar difícil exprimir-se através do seu organismo terrestre, achará igualmente difícil exprimir-se através do corpo espiritual.

Não deveis determinar assim. Intelectual, moral ou mentalmente, sois precisamente os mesmos depois da morte que éreis antes; mas o espírito tem maiores facilidades de progresso, de desdobramento. As condições que o prendiam aqui já não o prendem. Está livre. Não tem a pobreza com que lutar; não tem a doença do corpo, nem as convenções sufocantes da vida humana com que lutar. Tem em todos os sentidos uma liberdade maior do que tinha aqui. Mas não é melhor como espírito — não se encontra num patamar mais elevado, moral ou intelectualmente. O homem ou a mulher é precisamente o mesmo, a criança é a mesma, não emerge subitamente para a virilidade ou feminilidade quando a morte a encontrou criança. Tem de crescer, pois a própria alma cresce por lei natural. Por impossibilidade alguma pode despojar-se das imperfeições da vida de qualquer outra maneira.

P. — O que é a vida?

R. — Seria tão impossível definir esse termo como definir Deus; pois ela é Deus. É tudo o que podeis conceber. É tudo o que foi, tudo o que é, tudo o que alguma vez será. A vida pertence à flor, a si, a mim, ao edifício em que estamos, aos céus que estão acima de nós, à terra que está sob os nossos pés. Tudo possui vida. A morte não está em parte alguma. Mas não temos balanças suficientemente grandes para pesarmos a vida — nenhuns instrumentos pelos quais a possamos medir, nenhumas faculdades analíticas pelas quais a possamos analisar. Está tão além de nós que não a podemos abarcar inteiramente.

P. — Podemos traçar a linha de demarcação entre a vida e o material?

R. — Não, são um só. Não admitimos lugar algum, condição alguma, onde a vida não esteja; nem mesmo nessas substâncias que parecem mais inanimadas. A vida está lá. A vida está na rocha de granito. Está nesta mesa, senão a decomposição não poderia vir sobre ela. Mudança alguma poderia ter lugar na sua estrutura se não houvesse vida ali.

P. — Devemos entender que o poder ou princípio usado na vida geral toma a sua posição fora e além dela, puxando-a através dos seus diferentes estágios?

R. — Está dentro dela, e está fora e além dela. A vida abrange todas as formas de matéria e perpassa todas as formas de matéria também.

P. — Será dado o poder para desintegrar rochas?

R. — Já foi dado. Há algumas mentes neste país, e em outros, que estão a começar a ficar agitadas sobre este assunto. Estão a começar a receber ideias sobre ele. Estão a fazer experiências e, sem dúvida, dentro em breve trarão as suas experiências ao mundo. Algumas já fizeram uma série de experiências públicas que, até onde foram, têm

sido muito satisfatórias. A experiência parece ser a de dissolver o granito sólido até ao estado fluido e novamente, por experiências químicas, resolvê-lo de volta ao seu estado sólido. Dizem-nos que não exige uma grande quantidade de tempo nem de poder químico. É extremamente simples em si mesmo e, em razão da sua simplicidade, tem sido negligenciado há tanto tempo. A maioria das mentes é apta a agarrar-se ao que considera serem grandes coisas, negligenciando as pequenas, mas talvez dentro do calibre menor possa residir uma gema mais preciosa do que todas as restantes.

P. — O que causa a cauda de um cometa?

R. — Parece haver uma variedade de opiniões relativamente a estes fenómenos atmosféricos. Acredito que foi recentemente determinado, por certos astrónomos, que a cauda do cometa é simplesmente os raios de luz procedentes do sol que atingem o corpo opaco do cometa e são refratados e lançados em substâncias luminosas, como os vedes, representando a cauda do cometa.

P. — Acredito que isso é contestado por alguns, que dizem que o cometa tem a sua cauda atrás de si à medida que se afasta do sol.

R. — Sei que é contestado. Há várias teorias relativamente a essa matéria. Pela minha parte, não encontrei nenhuma, pelo que não posso dar nenhuma como pertencendo especialmente a mim.

P. — Os astrónomos do vosso lado não têm o poder de apurar?

R. — Sim; mas, tal como vós, às vezes demoram muito tempo a chegar a uma conclusão definitiva em relação a tais matérias e, depois de terem chegado a uma conclusão, ainda são às vezes bastante dilatórios em dar o resultado das suas experiências a mentes na terra, ou a mentes abaixo delas, nestas coisas, no mundo espiritual.

P. — Qual é a dificuldade em aceitar a teoria que alguns avançam, de que a cauda do cometa é causada pela expansão do material do cometa ao percorrer o éter no espaço?

R. — Ouvi esse assunto ser muito habilmente discutido e estaria mais inclinado a abraçar essa teoria do que outras que ouvi. Pareceu-me mais racional do que aquela que mencionei anteriormente, que parece ter-se apoderado de muitas mentes. Estes errantes excêntricos dos céus parecem estar a desafiar o poder da razão humana para os analisar, para dizer o que são, de onde vieram e para onde se dirigem. Alguns determinam que são fragmentos de planetas despedaçados. Isto não posso aceitar, porque não acredito que os planetas sejam descartados dessa maneira. Sei que certos astrónomos acreditam que os asteroides são partes fragmentárias de planetas decompostos. Para mim isto é uma loucura monstruosa. Não posso acreditar nisso. Acredito que eles revolvem numa órbita material até estarem materialmente aperfeiçoados; depois acredito que mudam para uma órbita mais espiritual ou etérea, e continuam sem serem despedaçados, desintegrados, transformados em corpos menores. Não posso aceitar tal teoria.

P. — Os filósofos disseram que há um certo número de primatas na matéria. O número atual será aumentado ou diminuído?

R. — Penso que é muito provável que venha a ser diminuído.

P. — O número de metais será resolvido em menos primatas?

R. — Sim, isso é muito possível e de modo algum improvável. Mudanças estão a ter lugar constantemente no grande laboratório da Natureza, vistas e invisíveis. Não seria de todo estranho se de sessenta e quatro passássemos a ter apenas quatro. 1 de junho.

PERGUNTA. — Pode dizer-nos o que aconteceu aos antigos videntes e sábios? Podem eles comunicar connosco, ou estão tão distantes que não podem regressar aqui?

RESPOSTA. — Os antigos videntes e sábios estão frequentemente no vosso meio, comunicando os pensamentos que recolheram durante a sua experiência na vida espiritual. Não passaram de modo algum a fronteira que os separa do seu antigo lar terrestre; pelo contrário, estão dentro da esfera da terra e estão constantemente a emprestar a sua vida intelectual para benefício daqueles que permanecem na terra.

P. — Então é possível que possam vir diretamente e falar connosco, pessoalmente, é?

R. — Certamente podem, e certamente o fazem.

P. — O Rei Herodes deu a ordem para matar as crianças após o nascimento de Jesus?

R. — O relato assim nos informa.

P. — Sim, mas gostaria de saber algo mais.

R. — É minha opinião que ele deu tal ordem. De facto, temos relatos em que não podemos duvidar referentes a esse ponto.

P. — O espírito dele diz-me que nunca deu tal ordem.

R. — É possível que não tenha dado, mas todas as circunstâncias que acompanham o caso tornam-no muito improvável.

P. — É provável que o espírito de Herodes visitasse a terra?

R. — Certamente. Por que não?

P. — Então não é exatamente tão provável que o espírito de Jesus a visitasse?

R. — Certamente. Ficaria muito desgostoso pelo mundo cristão se ele não pudesse.

P. — Pessoalmente?

R. — Pessoalmente.

P. — Já comunicou pessoalmente com o espírito de Jesus?

R. — Certamente que sim. Não com o ídolo da igreja cristã, mas com o manso e humilde Nazareno, que saiu das trevas da igreja e procurou dar uma nova luz ao povo que habitava então na terra. Ele derramou a sua luz e as trevas religiosas crucificaram-no. Ele era humilde nas suas circunstâncias, nas suas aspirações humanas. Não era de todo o que o mundo cristão supõe que ele seja, e regressa à terra hoje em dia, exatamente tão estranho para aqueles que professam conhecê-lo melhor como era nos dias em que vivia no corpo.

P. — Não é esta a segunda vinda de Cristo, num significado espiritual?

R. — Certamente que sim.

P. — Não num sentido literal, mas num sentido espiritual, quero dizer.

R. — Tanto num sentido literal como espiritual. Aquilo que é literal é tão diferente do que supondes que não o conseguis reconhecer. A vossa igreja declara que o seu salvador aparecerá nas nuvens do céu com poder e grande glória; com muitos anjos acompanhantes; com mais do que a glória que um rei terrestre poderia comandar; com toda a pompa que acompanha os soberanos terrestres. Oh, que vergonha! Que vergonha! A verdade por si só é suficientemente grandiosa sem exibição exterior. A sabedoria não precisa de ser exaltada pelos seus filhos. Ela exaltar-se-á a si mesma.

P. — Qual é a sua opinião sobre a vida de Jesus, tal como foi escrita através do organismo de Alexander Smyth?

R. — Acredito que esse relato é, em muitos aspetos, muito mais fiável do que aquele que se ligou ao Antigo Testamento, por assim dizer, a que chamais o Novo.

P. — O que aconteceu ao corpo natural de Cristo após a crucificação?

R. — Foi roubado pelos seus amigos, aqueles que amavam o corpo mais do que o espírito, aqueles que tinham velado por ele e para quem era extremamente caro. Não foi levado por qualquer interposição milagrosa da divina providência. Voltou através da lei da sua mãe Natureza e cumpriu todos os seus deveres através da lei natural, como todos os outros corpos mortos fazem. A vossa igreja acredita que este corpo foi ressuscitado dos mortos por uma interposição especial da divina providência. Eu não, porque sei que é falso, antifilosófico. Não há nada em toda a lei natural que substancie tal crença.

P. — O corpo espiritual não ascendeu ao céu, como eles supõem?

R. — Todos os corpos espirituais ascendem.

P. — Visivelmente para as pessoas?

R. — Sim. Os corpos espirituais estão a ser tornados visíveis aqui e ali por todo o país hoje em dia. O dele foi sem dúvida tornado visível pelo mesmo processo. Não é não natural — milagre nenhum.

P. — Qual é a sua opinião sobre a paternidade de Jesus? O seu pai foi Caifás ou José?

R. — Acredito que o seu pai foi Caifás e, na verdade, assim era suposto por muitos da nossa igreja naquela altura, mas ninguém ousava soprar os seus pensamentos.

P. — Caifás não foi feito sumo sacerdote senão quando Jesus tinha vinte e cinco anos de idade, mas não era ele um sacerdote no templo muitos anos antes?

R. — Era.

P. — Maria não foi criada no templo?

R. — Era uma donzela judaica, criada em todos os ritos e cerimónias da igreja judaica.

P. — Não era costume pegar em tais crianças e criá-las na igreja judaica?

R. — Era.

P. — Manter as crianças do sexo feminino até uma certa idade e reter as crianças do sexo masculino como sacerdotes?

R. — Sim, assim era.

P. — Quem ordenou a Moisés que saísse contra os midianitas e vingasse os filhos de Israel?

R. — Não o Jeová Infinito, cujo amor é igual à sua sabedoria, mas as trevas dos tempos, a superstição da época.

P. — Algum espírito antigo não se representou como o único Deus, acomodando-se à superstição do povo?

R. — A igreja antiga tinha o costume de consultar os espíritos dos mortos e, na sua ignorância, acreditava, ou o povo comum acreditava, que estes espíritos familiares não eram outro senão o Senhor, o Jeová. Quando Moisés consultava os espíritos desencarnados, regressava ao povo com um «Assim diz o Senhor». Mas deveria ter regressado com um «Assim diz o espírito com quem estive a comunicar». É muito possível que o espírito pudesse ter sido mais baixo em moralidade do que Moisés, muito abaixo dele

intelectualmente, mas a morte, para uma mente não esclarecida, veste a inteligência com uma sabedoria superior; contudo, para uma mente esclarecida, a morte nada tira à alma e nada lhe acrescenta.

P. — Então os antigos estão muito à frente dos modernos em desenvolvimento?

R. — De modo algum.

P. — Eles tiveram o benefício do desenvolvimento no mundo espiritual e nós no material?

R. — Sim; e os dois geralmente mantêm o passo juntos.

P. — Não pode esta época ser muito propriamente considerada a alvorada do milénio?

R. — Certamente que sim.

P. — Não está já inaugurado?

R. — Para mim está.

P. — E dentro de muito pouco tempo, também?

R. — Sim. 2 de junho.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Se tem proposições para nossa consideração, Senhor Presidente, atenderemos a elas.

PERGUNTA. — A inteligência controladora dar-nos-á a informação de se há algum mérito na «Planchette», que é uma tábua, em forma de coração, com cerca de oito polegadas de comprimento por sete de largura, na sua parte mais larga? É suportada por duas pequenas rodas, ou rodízios (sobre os quais se move muito livremente

quando empurrada), e um lápis macio, com o qual se diz que escreve as suas afirmações místicas. O método consiste em colocar a Planchette sobre uma folha de papel, e uma ou mais pessoas põem as mãos muito levemente sobre ela, quando, segundo se diz, responderá a perguntas. É concebida para promover a causa do Espiritualismo? Ou os seus movimentos são causados por eletricidade, como muitos supõem?

RESPOSTA. — Este instrumento, a que chamastes Planchette, possui certamente algum mérito. Mas qualquer mérito que possua reside apenas no facto de poder ser usado por espíritos desencarnados ao comunicarem os seus pensamentos aos seus amigos que permanecem aqui. É um agente, ou médium, entre a mente fora do corpo e a mente no corpo. Não tenho conhecimento de que a eletricidade possua inteligência. Tenho ainda de ser levado a compreender que essa força subtil que perpassa todas as formas de existência, que enche todas as atmosferas e se encontra em toda a parte, seja capaz de originar um único pensamento que seja, de formar uma única frase. A eletricidade não pode fazer isto, mas, tal como a Planchette, é um agente nas mãos ou sob a lei da inteligência. Essa centelha divina de ser que encontra expressão aqui através da forma humana, volta a encontrar expressão através da forma espiritual.

P. — Está calculado para atrair ou ajudar um espírito a controlar um médium o facto de haver amigos presentes na sala do círculo?

R. — Em certas circunstâncias está calculado para os ajudar muito essencialmente. Acontece por vezes que espíritos desencarnados são incapazes de se aproximar de qualquer médium em particular de que se queiram aproximar, sem receberem ajuda de alguém com quem estejam em *rapport* magnético. Se essa pessoa estiver na assistência, isso geralmente ajuda-os muitíssimo. 4 de junho.

PERGUNTA. — Se o meu marido e eu estivéssemos em esferas diferentes e cada um de nós quisesse os nossos filhos, quem os teria?

RESPOSTA. — Há uma lei de gravitação que une as almas afins, e ela está sempre ativa, nunca em descanso; e esta lei decidirá em todos esses casos. Se os filhos forem naturalmente mais fortemente atraídos pelo pai, gravitarão para a sua esfera de existência; se pela mãe, gravitarão para a dela. Não existe tal coisa como unir almas incompatíveis no mundo espiritual. A lei da repulsão é também extremamente ativa. Atua sobre todas as almas; nenhuma está isenta dela. Podeis esperar no mundo espiritual estar separados daqueles por quem não sois atraídos, e que não são atraídos por vós — não importa que leis vos unam aqui na terra.

P. — Vi há algum tempo nas colunas do *Banner of Light*, e representada como vinda das inteligências invisíveis através da organização da Sra. Conant, uma afirmação a respeito do *impeachment* do Presidente Johnson, a qual, tendo-se provado praticamente correta, gostaria agora de obter uma opinião da mesma fonte sobre se o General Grant será devidamente eleito e empossado como nosso próximo Presidente.

R. — A pergunta é uma pergunta que poderia ser tão prontamente respondida como a anterior — a saber, a referente à condenação do Presidente Johnson; mas é sempre melhor deixar que os acontecimentos se aproximem do seu foco material antes de dar uma opinião pública, particularmente desta forma. Suponhamos que eu respondia à pergunta desta forma, dizendo que o Gen. Grant seria eleito. A consequência seria que certas mentes que acreditam nestes fenómenos espirituais mudariam inteiramente o seu curso. O seu estatuto político seria imediatamente alterado; consequentemente, poderia haver uma mudança muito grande em outras mentes pelas radiações que viriam através dessas mentes que acreditam nestas coisas, e o resultado seria talvez muito diferente do que seria de outro modo se eu tivesse permanecido em silêncio sobre o assunto até que a criança, a ideia política, estivesse suficientemente bem formada para proibir o aborto.

P. — Vi há algum tempo no *Banner of Light*, na comunicação de uma criança pequena, que quando ela estava pronta para partir tinha medo de ir. Qual era o significado desse medo? Há alguma sensação dolorosa experimentada ao passar deste estado para o estado espiritual novamente?

R. — Há uma sensação de desmaio de certo modo semelhante à morte, para o espírito que parte, e aquelas crianças que regressam através de médiuns, trazendo as declarações de outros a esse respeito, muito naturalmente têm algum medo em relação à partida.

P. — Têm os espíritos poder para prever acontecimentos e, se sim, de onde obtêm esse poder?

RESPOSTA. — Que eles têm o poder de prever acontecimentos foi perfeitamente demonstrado muitas, muitas vezes. O velho ditado de que «os acontecimentos vindouros lançam as suas sombras antes de si» é muito verdadeiro. São estas sombras que o espírito desencarnado percebe e avalia relativamente à forma objetiva que terá lugar na vida terrena. Cada ideia que é plenamente elaborada na vida terrena reúne em redor de si uma grande e longa cadeia de circunstâncias que são invisíveis para vós, mas não para as inteligências desencarnadas, e quem quer que seja capaz de somar todas estas circunstâncias invisíveis é capaz de vos dar uma resposta correta relativamente ao desfecho de todos os pontos, desde o mais pequeno ao maior de todos.

P. — Não tentam muitos profetizar sem serem competentes?

R. — Certamente. Muitas pessoas supõem que resolveram um problema corretamente, mas uma coisa é supor que se fez uma coisa exatamente bem, e outra bastante diferente é fazê-la exatamente bem. Mas o fracasso de um indivíduo não diminui o poder de outro. De modo algum.

P. — De onde vem o material que forma as mãos espirituais tão frequentemente vistas na presença de médiuns?

R. — Da atmosfera, ou daquilo que está contido na atmosfera, focalizado e condensado através da vida mediúnica.

P. — É feito de compostos elementares?

R. — É. Estais bem cientes, ou deveríeis estar, de que a atmosfera contém os elementos de que todas as formas são feitas. Toda a forma concebível que encontra expressão na terra pode ser encontrada nos elementos da atmosfera peculiar à terra.

P. — Vi H. Melville Fay realizar um bom número de truques, se assim lhes podemos chamar, com os Irmãos Davenport. Ele diz que os está a expor. Pensa que ele é um médium?

R. — Certamente que sim. Mais do que isso, sei que o é. Sei também que é dado a truques e que suportará uma dose muito grande de crítica.

P. — Então pensa que os espíritos o ajudariam nos seus truques?

R. — Certamente que sim.

P. — Então os espíritos, por vezes, ajudam no engano?

R. — Por que não haveriam de o fazer? Há espíritos desencarnados que estão no mesmo plano que ele e, da parte deles, deveis esperar condições mentais semelhantes. Eles fariam o mesmo que ele faria. Não se encontram nem mais alto nem mais baixo. Estão prontos a ajudá-lo em tudo o que for possível. A mediunidade, ou as manifestações espirituais, não dependem de modo algum de qualquer lei moral elevada. Pertencem à Natureza; e a Natureza dá por vezes manifestações muito brutas, enquanto outras vezes nos dá manifestações muito belas.

P. — Os Irmãos Davenport não eram bons médiuns no início?

R. — E continuam a sê-lo agora.

P. — Pensa que é um benefício para o Espiritualismo permitir que Fay continue?

R. — Certamente não prejudica o Espiritualismo. Não pode prejudicar.

P. — Não prejudica na estima das pessoas?

R. — Não; nem mesmo na estima dos seus opositores. O Espiritualismo, como ciência natural, não pode ser prejudicado pela trapaça de um, dois ou mil indivíduos. Todas essas pessoas que praticam trapaças sob o nome do Espiritualismo apenas incitam o povo a investigar, a saber o que é verdadeiro e o que é falso. Aquilo que usariam contra o Espiritualismo, o grande Deus lança na balança e usa a favor dele.

P. — Estão os espíritos no outro mundo sujeitos às impressões dos elementos como nós? Experienciam a noite e o dia, os benefícios do sol, etc.?

R. — Sim; não no mesmo sentido em que vós experienciais, mas num sentido semelhante. Têm as suas épocas de descanso e de intensa atividade.

P. — Mais do que neste mundo?

R. — Não; talvez não.

P. — Eles contam o tempo como nós?

R. — Oh, não. Não há tempo no mundo espiritual, não como aquele que é reconhecido por vós.

P. — Não calculam por minutos e horas como nós?

R. — Nada disso. O tempo, se é que é medido de todo, é medido por acontecimentos.

P. — Como regulam as suas horas de descanso?

R. — Das suas necessidades. O espírito descansa quando tem necessidade de descanso.

P. — Então deve haver um limite para o seu poder?

R. — Certamente. 8 de junho.

PERGUNTA. — No *Banner of Light* de 6 de junho, na resposta à pergunta: «São os atos do Sr. Johnson constitucionais ou inconstitucionais?», o espírito controlador diz: «O pomo da discórdia entre os dois partidos políticos de agora — a Constituição — será destruído, e o povo terá de ficar sem Constituição, ou terá de ser feita uma nova e maior.» O resultado disto não será a guerra? Pode uma reconstrução tão radical como esta ter lugar sem esse resultado? Haverá uma nova plataforma feita e um partido organizado com base numa nova Constituição durante esta disputa presidencial?

RESPOSTA. — Uma guerra política está a ser travada neste momento, para todos os efeitos. Esta diferença de opinião que existe entre os governantes não pode existir sem produzir certos resultados bem definidos. Estes resultados só podem vir através da mudança, mudança de base, mudança de ambiente e uma mudança naquilo que manteve a estrutura unida. Ao olhar através da área política da mente, descobrimos que não há dois a pisar a mesma plataforma, não há dois a ver exatamente as mesmas ideias da mesma forma, não há dois dispostos a subscrever a mesma forma.

A desintegração é a palavra de ordem, e é, ou deveria ser, aparente para toda a mente racional que a mudança absoluta tem de ser o resultado. Mas esta mudança não pressupõe uma guerra como aquela por que passastes, mas sim uma que será mais profunda e de consequência mais vital do que essa — uma guerra de pensamento, uma agitação profunda das águas da mente. As ondas subirão muito alto por vezes, as vagas baterão na praia e muitas embarcações

azaradas serão afundadas. A Constituição, dissemos-vos há quinze anos — dezoito anos —, foi-vos dito não por este orador, mas por outros, era de todo demasiado pequena para esta nação.

Não passava das roupas de bebé das colónias, e vós amontoastes ideia após ideia dentro dela, até que está rasgada em todas as suas partes, e clama bem alto para ser reconstruída, refeita, remodelada, para se adequar às necessidades do povo. Não coloqueis a vossa guerra política num futuro distante, pois ela está bem presente entre vós. Existe convosco hoje em dia tanto quanto a guerra de armas esteve convosco há poucos meses. A boca do canhão está silenciosa, mas há outras bocas que não foram silenciadas. Olhai para esse corpo que compõe o vosso Congresso. Analesai-o e depois dizei-me, se puderdes, qual é o resultado. Trazei-o para a esfera das vossas faculdades de raciocínio e vede se não prevê uma mudança, se não diz claramente que a Constituição tal como era já não pode servir este povo. 9 de junho.

ESPÍRITO CONTROLADOR

As suas proposições, Senhor Presidente, estamos agora prontos a atender.

PERGUNTA. — Deus ordena-nos que nos amemos uns aos outros, contudo diz-se que se zanga se amarmos uma ou mais pessoas melhor do que a ele próprio. Conceder-nos-ia ele a capacidade de amar se fosse possível que o nosso afeto se tornasse demasiado intenso?

RESPOSTA. — A Bíblia tem um registo de muitos ditos tolos. Muitas coisas tolas estão ali estabelecidas relativamente a Deus e ao diabo. Procurámos sempre dar-vos a luz mais elevada que nos era possível dar sob as circunstâncias existentes e, não obstante os ídolos que possamos de tempos a tempos demolir, prosseguiremos este único caminho reto até ao fim da nossa jornada. Acreditar que Deus se zangava e tinha ciúmes em qualquer altura, sob quaisquer circunstâncias, seria diminuir de tal modo a sua bondade a ponto de o

roubar absolutamente da sua divindade. Para mim, o meu Deus possui atributos inteiramente divinos. Para mim, o grande Deus em amor percebe as causas de todos os atos de cada alma e, percebendo, não se pode de modo algum zangar em consequência da expressão externa. Fomos ensinados sob a lei do amor, tal como pregada por Jesus, a amarmo-nos uns aos outros. Sob a antiga lei mosaica fomos ensinados a amar o Senhor nosso Deus de todo o nosso coração, força, mente e alma, não deixando nada para os nossos semelhantes.

À medida que a alma avança na escala da sabedoria, torna-se cada vez mais familiarizada com o amor de Deus, e é capaz de perceber que este amor é infinito e está a todo o tempo em ação em direção a cada alma, atraindo cada alma, embora cada uma de forma diferente, constantemente para si. O nosso Pai Deus não pode por forma alguma ter ciúmes dos seus filhos. O grande Espírito Infinito de bem tem de conhecer as necessidades de cada alma, tem de perceber o poder interior que impele cada uma através do externo de uma maneira diferente. Nenhuma alma dá a mesma expressão na vida.

Todas chegam ao céu por um caminho diferente. Eu não posso ir para o meu céu pelo vosso caminho; vós não podeis ir pelo meu. As almas estão constituídas de tal modo que amarão tudo o que for amável. Não importa se é a flor, o belo rosto, o mundo belo, a imponente árvore da floresta, a vaga do oceano, o céu azul; tudo o que for amável a alma amará. Não importa onde se encontre. Ora bem, Deus seria muito pouco sábio se se zangasse com a alma por amar, quando ele próprio criou todas estas formas diferentes para amar.

P. — Não há nenhum registo no mundo espiritual sobre a idade aproximada da raça humana? Não se pode declarar no intervalo de dez mil anos do seu primeiro aparecimento? Se não, foi iniciada alguma investigação para a apurar?

R. — Há um registo no mundo espiritual, que remonta a milhares de anos, relativamente aos habitantes deste planeta, e à condição, física e espiritual, deste planeta, e à medida que a mente se for

desenvolvendo na terra para receber fragmentos desse registo, ele descerá até vós.

P. — Há alguém na terra que possa ensinar e explicar verdadeiramente o mistério da compaixão? Se sim, pediria agradecidamente aos espíritos que proclamassem o nome da pessoa, através da médium, para que o mundo possa ser abençoado.

R. — Aqueles que ensinam e pregam continuamente o mistério da compaixão podem ser encontrados entre as crianças pequenas da terra. Não conheço nada em todas as formas da mente e da matéria que pregue tão eloquentemente sobre Deus como a criança pequena; e se quereis ser Piedosos, aprendei com elas. Elas nunca vos levarão pelo mau caminho.

P. — Como, e com que objetivo, são produzidas as luzes espirituais?

R. — Através de efusões elétricas; e são produzidas para satisfazer mentes inquisitivas relativamente ao poder dos espíritos desencarnados. São focalizadas por meio do poder que é extraído do corpo do médium, e são inflamadas pelo mesmo poder. São capazes de arder na vossa atmosfera até que esse poder se esgote, e não mais além.

P. — A reflexão de que a minha juventude passou entristece a minha vida. Lamento sinceramente as oportunidades perdidas e os erros cometidos. Amo a juventude fresca, florescente, bela e alegre, e morreria de bom grado hoje se tivesse a garantia de que poderia ser novamente provido de um corpo jovem, saudável e belo, para entrar novamente numa experiência de vida aprazível na terra. Pode um espírito desencarnado, que assim o deseje ardentemente, ser novamente provido de um corpo terrestre, para viver novamente uma vida inteira na terra? Se sim, poderia ele ter uma memória da experiência de uma existência anterior e tirar proveito dela? E poderia, até certo ponto, moldar o seu próprio destino?

R. — A vida interior nunca envelhece. Por si só vive numa primavera perpétua. É apenas a concha exterior que está sujeita às condições do tempo. A vida interior, uma vez madura, possui uma primavera imortal. Não há velhice no mundo das almas. A doutrina da transmigração das almas é, num sentido certo e muito importante, verdadeira. Todas as formas de espírito ou matéria progridem, ou movem-se em círculos ou ciclos, pelo que não é de modo algum improvável que a alma regresse à terra novamente e viva, e passe pela mortalidade. Milhares no mundo espiritual acreditam, sem uma sombra de dúvida, nesta doutrina, e muitos têm uma recordação distinta de uma vida anterior à vida terrena — de um tempo em que passaram para fora da existência material e entraram na espiritual, e novamente reentraram na material e novamente passaram para a espiritual.

Aqueles que nunca passaram conscientemente por tal experiência são juízes imperfeitos na matéria. Apenas podem acreditar; não podem saber. Cada alma deseja reter a sua juventude e todos os poderes de uma vida perfeita. Cada alma encolhe-se instintivamente perante a fraqueza e a decadência da velhice, e um Pai sábio proveu belissimamente para a alma nessa vida para onde estais todos a ir. Quando tiverdes terminado com o externo aqui, essa vida interna brilhará na juventude possuidora de todos os poderes de um desenvolvimento perfeito. Ninguém suspirará porque a velhice se aproximou de si e os seus poderes estão enfraquecidos, mas todos se regozijarão na primavera de uma juventude perpétua.

P. — Já encontrou algum espírito que tenha passado por essa experiência de entrar na matéria duas vezes?

R. — Sim.

P. — Lembram-se disso claramente?

R. — Dizem-me que a sua recordação relativamente a diferentes estados de vida é tão clara e bem definida como a sua experiência das cenas do passado que estão perto de si. Alguns são capazes de olhar

para trás muito mais longe do que outros, mas há muitíssimos que nos declaram que se lembram distintamente de ter passado por duas e alguns por três mudanças distintas, do material para o espiritual, e novamente do espiritual para o material.

P. — Quantos anos são considerados como um ciclo?

R. — Acredito que isso depende da condição da alma. Não há tempo geral ou condição de ser atribuída a todas as almas. Aquilo que seria um ciclo para mim não o poderia ser para nenhuma outra alma. Compreende? [Sim.] Alguns passam para fora desta vida material na primeira infância; outros chegam à idade madura; outros descem a encosta até à velhice, mas ninguém morre antes do seu tempo. Cada um cumpre a medida da sua missão antes de passar para fora do corpo terrestre. Podeis ter muita certeza disso. Não há acidentes na Natureza. Pode parecer haver, mas na realidade não há nenhum.

P. — Então as almas repetem-se da mesma forma que o grão se repete?

R. — Precisamente da mesma forma. 15 de junho.

PERGUNTA. — Alguns escritores sobre o Espiritualismo falam de uma mudança no mundo espiritual, de certo modo análoga à morte. Fica um corpo após tal mudança, como fica aqui?

RESPOSTA. — Sim. Vivemos através da mudança. Estamos constantemente a passar por diferentes mudanças. A alma não pode por forma alguma exprimir-se a não ser através da forma. Torna-se aliada da matéria; matéria organizada, e exprime-se através dessa matéria, e tanto quanto a conhecemos, está assim envolvida externamente, mas há um número infinito de graus de matéria. A alma, ou espírito, passa para fora do seu envoltório externo, ou da máquina através da qual se exprime no mundo espiritual, precisamente sob a mesma condição espiritual a que chamais morte. Separa-se da

forma através da qual encontra expressão externa. Deixou de precisar dela lá, como aqui, e prossegue para experiências mais elevadas.

P. — Que destino é dado a esses corpos pelos espíritos em seu redor?

R. — São absorvidos pelos elementos circundantes e vão alimentar ou nutrir os seus corpos. Colocais estes envoltórios externos sob a terra. Eles emergem em flores, em grãos, em frutos, e são usados por outros corpos como alimento. Assim é no mundo espiritual. É um dar e receber ao longo de toda a eternidade.

P. — A vida espiritual entra alguma vez numa forma inferior e ocupa-a? Alguma alma humana entra alguma vez no corpo de um animal de uma ordem inferior à do homem?

R. — Até certo ponto, mas não absolutamente. O vosso espírito, até certo ponto, entra em tudo aquilo com que lida. Por exemplo, o mecânico ao construir uma casa entra em cada artigo em que toca com o seu espírito, mas como ser inteligente ele não habita ali. O artista entra na pintura: o seu pensamento permeia-a, chama-a à vida, mas a inteligência do artista não habita ali. Lançais a vossa vontade, ou o vosso pensamento positivo, sobre o animal, e ele cumpre a vossa ordem, mas a vossa vida consciente não tem morada ali.

P. — A minha ideia era: a alma, tendo progredido, anda alguma vez para trás?

R. — A alma nunca retrocede.

P. — Os nossos espíritos mantêm a sua identidade no mundo dos espíritos?

R. — Estais perpetuamente a separar-vos da vossa identidade. Aquela que possuíeis há uma hora já não a possuís agora — não no absoluto. Mas o processo é muito lento. Separai-vos da vossa identidade por graus lentos. Intelectualmente não sois o mesmo

indivíduo que éreis há uns anos; moralmente não sois o mesmo; mentalmente não sois o mesmo; espiritualmente não sois o mesmo; fisicamente não sois o mesmo; e nisto consiste a vossa identidade. Estais constantemente a mudar a vossa expressão externa, mas não precisais de temer que não venhais a conhecer os vossos amigos no mundo espiritual. Há uma identidade da alma, de que o externo nada sabe, que é sempre mantida.

P. — Mantemos o mesmo afeto no futuro que temos neste mundo pelos nossos amigos?

R. — Os afetos humanos estão sujeitos a mudança — exatamente tanto no mundo espiritual como aqui.

P. — Qual é o efeito nas crianças de estarem em contacto constante com os idosos, física, mental e espiritualmente?

R. — Tende a embotar fisicamente. O carvalho jovem não florescerá tão bem sob a sombra da árvore velha. Tirai-o dali e colocai-o num viveiro de árvores jovens e ele prosperará bem. Assim é com a juventude.

ESPÍRITO CONTROLADOR

As suas proposições, Senhor Presidente, estamos agora prontos a atender.

PERGUNTA. — Se um escritor de cartas de Lima, Peru, merece crédito, há uma região a quarenta léguas dessa cidade, chamada vale de Jauja, onde o clima devolve a saúde às pessoas tísicas tão certamente como a noite se segue ao dia. Nenhum outro remédio é necessário além do ar puro do vale. Centenas de pessoas dizem ir de todas as partes do Peru, anualmente, para serem curadas desta terrível doença; e embora o escritor antecipe que os homens da medicina sorrirão com a ideia de a tísica ser curável, ainda assim afirma que todos os inválidos — excetuando apenas aqueles no último estágio da

doença — regressam fisicamente sãos após uma residência em Jauja de um a dois anos. Os espíritos dir-nos-ão algo sobre este «vale de Jauja», no Peru, e informar-nos-ão se a afirmação acima é verdadeira? Aconselhariam as pessoas tísicas a ir para lá, e qual é a filosofia da cura?

RESPOSTA. — Certas mentes que estavam na área médica quando estavam na terra conhecem há muito a existência de tal localidade. E, se a minha memória não me falha, tenho a certeza de que a afirmação que recebeu do seu correspondente é correta — inteiramente correta. Com toda a probabilidade, a filosofia é extremamente simples. Qualquer condição de atmosfera que trave a decomposição das partes realizará a cura. É por si só todo o agente remediador que é necessário. A tísica pulmonar, segundo fomos informados, só pode ser curada por meios atmosféricos. Quantidade alguma de medicamentos pode por forma alguma efetuar uma cura.

Podem atenuar por um tempo, mas não podem curar. Pulmões doentes só podem ser restaurados a um estado de saúde por remédios atmosféricos. Se a Natureza os fornece em qualquer localidade, ora a Natureza está ali como um médico preeminente. Está a chegar o tempo, acredito, mas está longe do presente, em que as doenças de todo o tipo terão desaparecido da terra, porque os habitantes terão aprendido como prevenir a doença. Agora habitam no meio dela e cortejam-na, porque são ignorantes relativamente às leis da vida; mas à medida que a mente progredir, passará para fora desta condição infeliz. Virá um tempo para os habitantes desta terra, acredito firmemente, em que não haverá mais doença, de classe alguma; em que os corpos virão ao mundo saudáveis e sairão naturalmente. Mas, como notei anteriormente, esse tempo está longe do presente. Mas a Natureza está a marchar para ele perpetuamente. A terra não dá uma única volta sobre o seu eixo sem vos trazer mais perto desse milénio.

P. — Como todas as coisas são governadas por leis naturais, pode haver algum livre-arbítrio real? E se as leis naturais fossem

plenamente compreendidas e obedecidas, existiria necessidade para a lei civil dos governos?

R. — Todo o domínio civil é o resultado da ignorância e da barbariedade. Quando as leis da Natureza forem plenamente compreendidas, serão obedecidas. Então não haverá necessidade destas regras estranhas, destas linhas brutas que certas mentes traçaram para todo o mundo seguir.

P. — Como reconcilia a justiça de Deus com as misérias e torturas que são infligidas pelo homem ao seu semelhante?

R. — Está perfeitamente em harmonia com a ignorância que existe entre os humanos; perfeitamente em harmonia com o atual estado subdesenvolvido da vida humana. Quando a alma no seu ser externo estiver plenamente desenvolvida e tiver entrado em perfeito *rapport* com as leis pelas quais está cercada, então enquanto alma compreenderá plenamente que não pode por forma alguma infligir sofrimento sem sofrer mais ou menos ela própria. As nossas maldições que são enviadas para pousar sobre outras cabeças regressam sempre com terrível vingança sobre nós próprios. E quando compreendermos isto plenamente, deixaremos de amaldiçoar, deixaremos de perseguir, deixaremos de exercitar tudo o que não seja amor e caridade e todos os atributos mais elevados que pertencem à alma. Os inferiores morrerão e os superiores entrarão em ação.

A seu tempo, todas as bestas feras, todas as plantas venenosas, tudo o que é inimigo da vida, da saúde ou da felicidade terá desaparecido da terra; mas no presente são apenas crianças naturais, os resultados legítimos da terra. Ela não pode dar expressões mais elevadas, nem manifestações mais grandiosas. A seu tempo, quando a terra tiver envelhecido, ficado mais pura, estas manifestações cessarão. As manifestações brutas e incultas da mente que nos saem ao caminho a quase cada passo estão em perfeita harmonia com estas manifestações brutas da Natureza — com o tornado, com todas as tempestades que varrem a face da terra. Tudo o que não tender para a

felicidade mais elevada com que a alma sonha irá, a seu tempo, desaparecer.

P. — De quem brotou a raça de gigantes de que se fala no Antigo Testamento? Brotaram de Adão e Eva?

R. — Não conheço Adão e Eva — não do tipo que figura na história bíblica. Cada raça e tribo que existiu na terra em tempos antigos teve sem dúvida o seu Adão e a sua Eva, mas não reconheço nenhum primeiro casal.

P. — Fala do desaparecimento do mal, até das plantas venenosas. Isto envolveria uma grande mudança, e não se seguiria necessariamente que deveria haver uma grande mudança no material que compõe este planeta? Qual seria essa mudança?

RESPOSTA. — Um número infinito de mudanças. O material que compõe este planeta está perpetuamente a mudar pela sua própria lei inerente. Está a tornar-se mais puro, mais perfeito, melhor adaptado para dar expressões mais elevadas na sua superfície. A mudança é gradual. Não haverá uma mudança acentuada, mas uma passagem gradual para fora do inferior e uma entrada no superior. Olhando para trás sobre uma série de anos — digamos cinquenta —, perceberes mudanças ao longo de todo o caminho, na sociedade, na política, na religião, uma mudança na feição humana, uma mudança na ciência médica, uma mudança em toda a química da vida. Nada permanece precisamente onde estava mesmo há uma hora.

P. — Falando da raça de gigantes aludida no Antigo Testamento, acredita que tal raça tenha alguma vez existido?

R. — Em contraposição a uma raça de pigmeus, sim, certamente. Mas não acredito no sentido em que é geralmente acreditado, segundo a história bíblica.

P. — Que razão temos para duvidar disso?

R. — Seria impossível enumerar todas as razões pelas quais; mas se ler o capítulo seguinte e o que o precede, penso que compreenderá porquê. Compreenderá certamente, se a sua mente não estiver preconceituosa por velhas teorias religiosas.

P. — O que aconteceu ao homem e à mulher que Deus fez antes de fazer Adão e Eva?

R. — Não tenho conhecimento da existência de quaisquer pessoas do género, nem conheço ninguém que alguma vez tenha tido.

P. — A Bíblia fala deles.

R. — No que diz respeito à existência do homem e da mulher, acredito que, desde o estágio incipiente deste planeta, a vida masculina e feminina sempre existiu em todo o tipo de forma; não apenas na humana.

P. — Devemos derivar toda a nossa verdade espiritual, ou qualquer grande parte dela, da Bíblia?

R. — De modo algum. Deve procurar alimento espiritual em toda a parte, não confinando a sua busca a um único lugar. Procure a Deus em toda a parte e o alimento que é adequado para o espírito em toda a parte. Os céus estrelados fornecê-lo-ão; a terra fornecê-lo-á; a criança a balbuciar dar-lho-á; estes belos botões (referindo-se a um ramo sobre a mesa) transmitirão alimento espiritual. Não é bom imaginar que Deus, ou o alimento que ele provê para todas as almas, possa, por qualquer possibilidade, ser encerrado entre as capas da Bíblia. Junho.

PERGUNTA. — Existe algum sistema de propriedade no mundo espiritual análogo ao que temos na terra, no que diz respeito a bens imobiliários, pessoais ou monetários?

RESPOSTA. — A lei do meu e do teu, no que diz respeito à natureza universal, tem existência apenas na terra, e eu, por mim, agradeço a Deus por isso. Tudo o que a alma tem absoluta

necessidade, na terra dos espíritos, isso ela tem, e nada mais. Não pode acumular tesouros nesse reino do devir. Não pode ajuntar para si mais do que aquilo de que pode fazer uso; mas tudo o que puder fazer uso, para seu próprio bem e para o bem dos seus semelhantes, isso encontrará sempre. Os proprietários de terras, tais como os encontramos na terra, perderão a sua ocupação na terra dos espíritos. Aqueles que encontram o seu céu na esfera dos bens imobiliários sairão do céu quando a morte os visitar. E eu aconselharia todos esses a mudarem de esfera enquanto estão aqui, pois tão certo como não o fazerem, um terrível remorso e insatisfação de espírito com certeza os alcançarão.

P. — Não garantem as leis da Natureza, da justiça e da harmonia a cada um o livre uso de todos os elementos naturais, tais como a luz do sol, a atmosfera, a água e a terra, apenas nas quantidades necessárias para uso real? E não proíbem todo o monopólio dos mesmos?

R. — Ora, certamente. Os dons de Deus são livres para todos. O sol brilha sobre o criminoso e sobre o homem piedoso da mesma forma. Não há diferença. A água é tão pura para o pecador como para o santo. As flores florescem no jardim do homem mau como no do homem bom.

P. — Por que razão deveria a terra ser monopolizada por alguns, à custa de muitos, quando a água, o ar e a luz do sol são livres para todos?

R. — Segundo a sabedoria superior não deveria haver monopólio, e quando a alma tiver entrado na esfera da sabedoria superior não haverá nenhum. É apenas porque habitais nas trevas. Sois ignorantes quanto ao melhor caminho, por isso escolheis esse.

P. — Não pode a humanidade ser ensinada sobre um melhor sistema para a distribuição do solo, em quotas equitativas para todos, para que todos e cada um possam ter lar e fartura, em vez de, como

agora, os dois extremos viciosos de riqueza excessiva e extrema pobreza?

R. — Sim, podem ser ensinados nesta direção, mas será por graus lentos. Têm estado muito tempo a aprender a acumular. O espírito de ganância tem sido há demasiado tempo um hóspede da casa. É um dos ídolos, e quando for demolido haverá choro e lamentação por causa da sua morte. Mas por graus lentos a alma será ensinada a compreender que tudo o que junta para si de que não pode fazer uso será um fardo desnecessário no mercado do céu. Agora, lembrai-vos disso, cada um de vós. Se tendes um dólar mais do que aquele que sabeis o que fazer com ele, livrai-vos dele o mais rápido que puderdes.

P. — Não poderiam as leis humanas ser levadas a harmonizar-se com as naturais ou divinas, garantindo esta distribuição equitativa da terra, em quotas proporcionais à população, e não faria isto mais do que qualquer outra coisa para abolir a pobreza, a degradação e o crime da sociedade, e para estabelecer a justiça, a fartura, a harmonia e a felicidade entre os homens?

R. — Sim, mas como disse antes, só pode ser feito por graus lentos. Não pode haver uma reviravolta súbita nesta direção. Tem de ser levado a cabo por um processo lento e uniforme de desenvolvimento. Não pode por forma alguma ser levado a cabo, para se manter numa base firme, de qualquer outra maneira.

P. — Supõe-se por alguns atualmente que esta terra foi habitada por seres humanos muitos milhares de anos antes do relato dado nas Escrituras. Se há alguma prova que mostre ser isto um facto, gostaria de saber quais são as melhores provas.

R. — A geologia fornece uma prova tão boa quanto qualquer outra classe de ciência. Que a terra foi habitada por seres humanos milhares de anos antes da era bíblica, acredito firmemente, pois há, para a minha mente, a prova mais perfeita da sua verdade. Não acredito que esta terra não tenha mais de seis mil anos. Pelo contrário, acredito que existiu por um número infinito de eras. Seria absurdo

acreditar que esta terra estivesse em existência há tanto tempo e estivesse despovoada.

Acredito que tem estado constantemente a passar por uma série de mudanças, revoluções naturais, ao longo de todos os seus diferentes departamentos, que raças têm vindo à existência e saído, um número incalculável delas. Acredito que a raça que agora existe na terra, a seu tempo, não existirá mais, e uma superior tomará o seu lugar. Acredito que este continente a seu tempo será submerso, e será novamente ressuscitado das águas. Acredito que a Natureza está constantemente a trabalhar, nunca inativa, e porque está constantemente a trabalhar, está perpetuamente a trazer novas revelações, e a retirar as antigas, limpando o lixo e produzindo um tipo mais elevado de existência.

P. — Quem escreveu os cinco livros de Moisés?

R. — Não Moisés, de modo algum. É impossível dizer; mas não temos provas de que Moisés os tenha escrito. Na verdade, temos todas as provas de que não escreveu. Acredito que tenham sido ideias recolhidas de várias mentes, compiladas por vários processos. Não acredito que tenham simplesmente uma autoria.

P. — Não seria possível obter o testemunho de Moisés sobre esse assunto? Não está ele acessível?

R. — Certamente. Tão acessível quanto eu próprio.

P. — Para pessoas agora na terra?

R. — Certamente. Mas suponha que ele vinha em pessoa, como espírito, que mais provas poderia dar do que qualquer outro espírito? Poderia declarar que não era o autor dos livros referidos, o que tem feito a muitos milhares no mundo espiritual, mas a prova para as mentes terrenas não seria mais conclusiva. Se o pudesse ver face a face, e pudesse saber que era o verdadeiro Moisés, o legislador dos egípcios, isso mudaria a coisa inteiramente; mas como não pode, a prova permaneceria bastante imperfeita.

P. — O escritor desses livros era inspirado?

R. — Todos os escritores são mais ou menos inspirados. Se não por outras mentes, são inspirados pelas ideias que estão a tentar desenvolver. O mundo move-se por inspiração. A mente é desenvolvida por inspiração. Nunca houve um pensamento registado que não fosse abençoado pela inspiração. Robert B. Thomas era exatamente tão inspirado quando escreveu o seu almanaque quanto qualquer outra pessoa. O homem que faz a cartilha para a criança pequena também é inspirado, e a criança pequena que recolhe ideias da cartilha também é inspirada. A inspiração é livre para todos e perpassa toda a vida. Sei que é acreditado por uma grande classe de mentes que a única obra inspirada na terra é a Bíblia. Isto é um erro muito grande — nunca houve erro maior. Eu próprio pensei assim uma vez, mas superei isso felizmente. 23 de junho.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Estou agora pronto para considerar as suas perguntas.

PERGUNTA. — Como devemos compreender esta passagem de São Paulo: «Quem me livrará deste corpo de morte?»

RESPOSTA. — Cada alma humana em algum momento da sua existência terrena — desde que tenha chegado a anos de maturidade — sem dúvida colocou a mesma pergunta ao Infinito. Mas nunca ouvimos dizer que Deus alguma vez tenha respondido à alma a não ser através das suas manifestações como vistas na Natureza e nas leis da Natureza. O corpo de morte concebo que seja o corpo humano, aquele que está sujeito a todas as várias leis da vida humana, aquele a que o espírito está preso por uma temporada para que possa ganhar certas experiências terrenas. «Quem será capaz de me livrar deste corpo de morte?», clama São Paulo.

Sem dúvida ele estava nessa altura a passar por alguma experiência terrena severa, e sentiu o travo que o corpo era para a

alma da forma mais severa. Daí no seu desgosto ter clamado: «Quem me livrará». É muito possível que ele tenha contemplado o suicídio — não sabemos que não o tenha feito — e não querendo livrar-se a si próprio clama para saber quem o livrará. Não sabemos que Deus lhe tenha respondido de qualquer outra forma que não seja a forma como responde a cada alma. A resposta encontra-se na Natureza e nas leis da Natureza, e em nenhum outro lugar. E este Deus da Natureza é sempre capaz de nos livrar do corpo de morte, e assim fará sempre, quando chegar o momento próprio. Ele nunca confunde nenhum de nós, e por muito que possamos supor que ele deixou de cuidar de nós, ou se esqueceu do seu dever para connosco, tal não pode ser. Quando chegar o nosso momento próprio para sermos livrados, seremos, quer queiramos quer não.

P. — É a transmigração das almas, de que se falou aqui no outro dia, a mesma coisa que o processo conhecido por nós como o sombrear da conceção pelos espíritos de seres humanos desencarnados?

R. — Não, não entendo assim. Acredito que a alma, como entidade, sempre existiu, e também acredito que está dependente da forma para o seu método de expressão, portanto estou na necessidade de acreditar que sempre existiu em forma. Mas não posso dizer que a forma tenha sempre correspondido à atual forma humana.

PRESIDENTE. — A pergunta seguinte pressupõe uma resposta afirmativa à anterior, mas vou lê-la: Os espíritos que assim renovam as suas vidas, por assim dizer, projetando-se em formas mais novas, estão confinados aos habitantes deste planeta, ou são habitantes de diferentes planetas?

R. — Acredito que há uma lei de gravitação que pertence à alma, como há uma que pertence ao corpo. E acredito que todas as almas prestarão obediência absoluta a essa lei. Elas não vão, não podem desviar-se dela. Também acredito que seria impossível para mim, como espírito, me mover por gravidade para o planeta Marte, e ali

encontrar um corpo através do qual atuasse por uma temporada. Acredito que a lei de gravitação que me pertence, como espírito, está dentro da esfera da vida terrena, e em nenhum outro lugar. Se me exprimo de todo através da forma, exprimo-me através da lei de gravitação que me pertence como espírito.

A terra produz certas formas com as quais nos tornamos familiarizados pelo contacto, pelo uso. Todas as formas que a terra produziu obedecem à lei da gravitação terrena. E o que é verdade para as formas que a terra produziu é igualmente verdade para os espíritos que pertencem a certas formas. Posso ir a planetas distantes e encontrar uma vida temporária ali, mas não acredito que possa ser permanente. Posso pegar numa bola e atirá-la para o ar. Ela permanece ali até que o impulso ou força se esgote, depois a lei da gravitação afirma o seu direito, e ela cai no chão. Assim seria relativamente ao meu espírito. Eu viajaria até planetas distantes e permaneceria um certo tempo, mas a seu tempo a lei forçar-me-ia de volta ao meu lugar próprio.

P. — A matéria sempre existiu, ou foi criada?

R. — É minha opinião que a matéria sempre existiu, em algum tipo de forma, se não naquela em que a encontramos atualmente.

P. — Há algum aumento ou diminuição nela, ou haverá alguma vez?

R. — Acredito que a matéria está constantemente a mudar, mas não tenho provas de que esteja a aumentar.

PERGUNTA. — Sou ultimamente um leitor constante do *Banner of Light*, e especialmente da Secção de Mensagens, e, estranho, encontro ali os espíritos de muitas denominações cristãs representados, e alguns índios, e para meu grande espanto, um espírito de um judeu. Não têm eles alma? Ou estão realmente condenados para a eternidade, como os cristãos ortodoxos nos ensinam?

RESPOSTA. — O seu correspondente revela logo à partida um lamentável grau de ignorância relativamente às manifestações de que se fala. Ele pede para saber se não há espíritos que habitaram na fé judaica quando aqui estavam. Não ouve falar do seu regresso, mas os seus ouvidos parecem ser duros, feitos de chumbo. É um facto claro que muitos judeus regressaram, expressando-se neste lugar. Que vivem, como todas as outras almas vivem, é um facto além de qualquer dúvida. E que mantêm em muitos casos certas grandes sombras da sua antiga crença também é verdade, mas há alguns que passaram para fora da sombra sacerdotal, e estão a lutar para apurar a luz.

O orador que vos fala pertence a essa classe ele próprio, sendo da fé judaica quando aqui estava, pregando o que acreditava serem verdades judaicas; passou ultimamente de sob a sombra sacerdotal, e está a tentar agarrar-se à luz do presente, tentando ver quanta luz e quanta escuridão pertencem ao seu antigo credo. E todos os bons anjos acorrem em seu auxílio; não há nenhum indisposto a ajudá-lo na sua busca pela verdade. Diga ao seu correspondente que o judeu vive naquela vida e regressa à terra talvez tão frequentemente como qualquer outra de todas as outras fés que são conhecidas na terra.

P. — O centro do nosso sistema solar é habitado por seres de inteligência, vivendo em conformidade com a lei e a ordem, como neste planeta?

R. — Há certas mentes que fizeram grandes pesquisas em várias direções, tanto na esfera da mente como da matéria, e essas informam-nos de que o centro do sistema solar é habitado por uma classe inteligente de seres, e que a sua inteligência corresponde em muitos aspetos à inteligência que é conhecida por vós.

P. — Várias opiniões são mantidas sobre o caráter de Jesus Cristo. Alguns defendem que ele é o próprio Deus, outros que não é Deus exatamente, mas algo que se aproxima disso; que não nasceu no mundo como os seres humanos nascem. Outra classe ainda defende

que ele era um homem muito bom, possuindo grandes poderes mediúnicos. Gostaria da opinião do espírito sobre este assunto.

R. — O orador que vos fala concorda de forma muito enfática com esta última classe, negando para Cristo todas as reivindicações de divindade exceto aquelas que todos podem reivindicar.

P. — Tem algum conhecimento de onde está o seu espírito? Se ele está a operar neste movimento atual para a redenção da humanidade?

R. — Este homem, que parece ter sido um professor moral aqui, continua os seus ensinamentos morais no mundo espiritual, tendo-se ligado a uma classe de seres cujo propósito é definir todas as coisas adequadamente, e enquanto trabalha na vinha moral, procura pela sua divindade — pois ele tem-na — derrubar todas as ideias erróneas relativamente a si próprio e a todos os outros deuses, ou todos os outros seres que eram adorados como deuses na vida humana.

P. — Têm os espíritos o poder de visitar outros planetas?

R. — Certamente que têm.

P. — E visitam?

R. — Visitam.

P. — E regressam a este planeta?

R. — Regressam.

P. — Estão as inteligências lá informadas como as deste?

R. — Muitas delas, dizem-nos, estão muito bem informadas. Algumas estão adiantadas, em muitos pontos, relativamente aos filhos da terra. Em alguns planetas as artes e as ciências estão muitos passos à frente do que tendes aqui. Seria muito vaidoso supor, no atual estado de inteligência, que esta pequena terra era o único dos corpos celestes

que era povoado por seres que eram inteligentes, que tinham saído da primeira infância da raça e entrado na virilidade e feminilidade dela.

P. — Ao visitar outros planetas, têm os espíritos a mesma capacidade de entrar na esfera externa do planeta como têm da esfera terrena?

R. — Foi-me dito que encontram muitas dificuldades em tais expedições, mas que são todas superadas com sucesso pelo espírito perseverante.

P. — Há alguma verdade no que se chama a Queda do Homem?

R. — Acredito que a história da Queda do Homem foi um mito de eras pagãs, e nada mais. Não acredito na queda do homem, tal como não acredito na criação da mulher a partir da costela do homem. São monstruosidades, não factos, não tendo qualquer reivindicação sobre a Natureza; nenhuma de todo. Toda a Natureza proclama verdades inconfundíveis. Estas são falsidades. O tempo está próximo de vós em que todas as mentes inteligentes, todas as mentes que estão prontas para sair das trevas de superstições passadas, começarão a perceber estes mitos no seu verdadeiro caráter. A vossa história da serpente, e da vida a enganar a mulher, foi recolhida de misticismos antigos.

O símbolo da vossa cruz, a que todo o mundo cristão se curva, foi recolhido do antigo mito, e o símbolo representava os quatro ventos do céu — nada mais. Uma certa classe de antigos acreditava que havia quatro deuses, e que cada um estava situado num dos pontos cardeais, e que cada um dispensava prazer ou dor conforme achava conveniente. Assim estes sacerdotes ignorantes davam oferendas para propiciar um, e ofereciam orações e louvores em honra dos outros. A cruz é apenas o símbolo desses deuses míticos, e vós curvais-vos em santa reverência perante ela. Oh, vós idólatras! esquecestes o espírito, e adorais a madeira e a pedra exatamente tanto agora como faziam aquelas pobres crianças ignorantes de eras passadas, cuja inteligência estava muito abaixo da vossa. Não, não acredito em nenhuma destas

histórias monstruosas. São difamações sobre o vosso Deus e sobre o meu Deus, e difamações sobre as nossas naturezas humanas também.

P. — A relação existente entre marido e mulher continua no outro mundo?

R. — Nem sempre. Há muitos casamentos que são casamentos da mão, não da vida interior. Estes são dissolvidos na morte, se não antes. Aqueles que são da vida interior continuam além do véu da morte.

P. — Como pode a humanidade saber como fazer casamentos da vida interior?

R. — É apenas por estudo árduo e persistente que o homem pode saber algo relativamente a si próprio ou às leis pelas quais é governado. Não podeis agarrar o todo, mas podeis absorver uma parte. Não podeis compreender, talvez, num ano, ou dez, ou numa vida inteira, o que é melhor para vós, ou como escolher aquilo que é melhor para o vosso maior bem, mas podeis fazer tão bem quanto sabeis fazer. E se cometerdes um erro, ora, não sereis eternamente amaldiçoados por isso, como muitos supõem. «Procurai», diz o vosso livro sagrado, «e encontrareis». Batei à porta da sabedoria, e ser-vos-á aberta. Isto para mim significa que se continuardes a procurar através de todas as várias vias da vida aprendereis com todas elas, e a seu tempo tornar-se-ão mestres de tudo. Mas até que o sejais, elas estarão constantemente a virar-se para vos despedaçar pelos erros que cometeis. 29 de junho.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Estou agora pronto para considerar as suas perguntas.

PERGUNTA. — Como devemos compreender esta passagem de São Paulo: «Quem me livrará deste corpo de morte?»

RESPOSTA. — Cada alma humana em algum momento da sua existência terrena — desde que tenha chegado a anos de maturidade — sem dúvida colocou a mesma pergunta ao Infinito. Mas nunca

ouvimos dizer que Deus alguma vez tenha respondido à alma a não ser através das suas manifestações como vistas na Natureza e nas leis da Natureza. O corpo de morte concebo que seja o corpo humano, aquele que está sujeito a todas as várias leis da vida humana, aquele a que o espírito está preso por uma temporada para que possa ganhar certas experiências terrenas. «Quem será capaz de me livrar deste corpo de morte?», clama São Paulo. Sem dúvida ele estava nessa altura a passar por alguma experiência terrena severa, e sentiu o travo que o corpo era para a alma da forma mais severa. Daí no seu desgosto ter clamado: «Quem me livrará».

ESPÍRITO CONTROLADOR. — Se tem proposições, Senhor Presidente, estamos agora prontos para as considerar.

PERGUNTA. — É esta esfera terrena em que vivemos na atmosfera, combinada com outros princípios elementares? Quando o espírito deixa o corpo — se muito puro — não ascende a uma grande altitude acima da atmosfera, e vive no elemento chamado eletricidade? Se o espírito é bruto ou não evoluído, não é obrigado a permanecer na ou perto da terra até se ter purificado?

RESPOSTA. — Não é necessário que a alma passe para fora da atmosfera da terra a fim de habitar no estado mais elevado do céu. A atmosfera que pertence particularmente à alma pode ser encontrada em toda a parte. Não há lugar especial reservado para ela. Tem existência onde quer que haja harmonia. Sempre e onde quer que a alma seja feliz, quando descansa num estado de contentamento e paz, então está nessa atmosfera rarefeita a que chamais pelo termo céu. Não é necessário que a alma suba, passe além da atmosfera terrena, para uma mais rarefeita e elétrica como pertencendo às coisas humanas. Sois tão aptos a confundir as condições que pertencem à mente e as que pertencem à matéria, que é quase impossível fazer-vos compreender que o céu, ou a atmosfera em que a alma vive, não é uma localidade. Pode ser aqui; pode ser a milhões de milhas de distância; pode ser em toda a parte. É uma ideia equivocada que haja uma terra

para onde a alma gravita após a morte, a sessenta, setenta, cem ou mais milhas fora da atmosfera da terra. Isto é raciocinar a partir de um ponto de vista inteiramente material, e a alma não toma parte alguma nisso.

P. — Diz que a alma sempre existiu como uma entidade individual — isto é, existia em embrião antes da conceção. Não é esse o caso com todos os germes de vida em organização, sejam vegetais ou animais?

R. — Sim, assim o acredito.

P. — Foi ultimamente afirmado pela inteligência controladora que a força motriz que controla o corpo se exerce fora do corpo, e o controla e guia como o músico faz ao seu instrumento. Se é esse o caso, por que razão nos foi dito diferentemente — que o espírito existia dentro do corpo, e o deixava na morte? Por outro lado, se o espírito existe fora do corpo, de onde veio? Emanou do corpo, ou existia como entidade antes da existência do corpo?

R. — Ambas as afirmações estão igualmente corretas. Permita-me ilustrar. Há um princípio de vida dentro da flor, e esse princípio de vida existe além das fronteiras externamente vistas da flor. Não está confinado inteiramente ao interior, mas vai além das fronteiras materiais da flor, está preso à forma, pertence à forma. Alguns espíritos exercem o seu poder sobre a sua máquina, o corpo humano, do externo para o interno, enquanto outros exercem o seu poder do interno para o externo. Alguns trabalham de dentro para fora, outros o inverso. Não há duas almas a tocar nestes instrumentos humanos exatamente da mesma forma. Cada uma varia. Pode parecer ao observador externo que o executante musical atua sempre do externo para o interno, mas isso é um engano.

Tanto quanto os vossos sentidos externos são capazes de perceber, ele atua; mas há sentidos que vão além deles. Conheço muitos executantes musicais que atuam do interno para o externo, mesmo nas coisas brutas desta vida. É comum, e não podeis fazer de

outra forma senão medir tudo pelos vossos sentidos humanos, e tudo o que não puder ser medido por eles não podeis compreender. A alma elude este poder. Não a podeis agarrar. Não a podeis atirar para as balanças dos vossos sentidos humanos, para ali ser pesada. Não a podeis trazer para o âmbito do vosso entendimento analítico, para ali ser analisada. Não a podeis matar; ela escapa à morte. É uma inteligência subtil que predomina sobre todas as coisas. Acredito que sempre teve existência, e sempre terá. Como espírito controlador, eu envolvo este sujeito, e atuo do externo para o interno. Apossar-me-ia de todas as faculdades do seu ser, mas faço-o a partir do externo. Uma certa parte da minha vida torna-se absorvida, mas é uma parte muito pequena. Há outros espíritos que se tornam amplamente absorvidos, tanto que são obrigados a atuar do interno para o externo. Isso é porque a lei da vida do sujeito tem um poder de controlo mais forte do que o espírito estrangeiro externo tem. Eu fico do lado de fora e extraio as forças, enquanto outros são atraídos para o interior e lançam fora as forças. O sol derrama os seus raios sobre a terra, e chama para fora do seu glorioso depósito, mas uma certa porção dos raios do sol é absorvida pela terra. Estudai a partir do grande volume da Natureza. Está aberto; é livre; e quem o quiser tornar seu deve estudar fervorosamente por si próprio.

P. — Se o homem é duplo — animal e espiritual —, dir-nos-á que tipo de pensamentos pertencem ao animal e quais ao espiritual?

R. — Todos os pensamentos pertencem ao espírito, de qualquer classe, de qualquer tipo. O cão pensa, e tem um espírito. Não é o corpo, pois o corpo permanece depois de o espírito ter saído. O cavalo exibe inteligência, que é pensamento; e o que é verdade para estes dois animais domésticos, é igualmente verdade para todos. A besta fera da floresta, quando está à espreita da sua presa, pensa, medita, planeia. O que é que planeia, que medita, que está à espreita? É o corpo? Aparentemente é, mas na realidade não é. Há uma alma em todas as coisas, e é essa que faz o pensar.

P. — A diferença que vemos na capacidade natural ou mentes dos homens deve ser atribuída totalmente à organização e às circunstâncias, ou há mais elemento de alma, espírito ou mente em alguns do que em outros desde o princípio?

R. — A alma, quando se exprime através de condições terrenas, é obrigada a conformar-se com a lei das condições terrenas, e como todos os sujeitos terrenos, ou corpos humanos, variam em caráter e em ser, assim a expressão de duas almas não pode ser precisamente igual. E como todos os corpos são constituídos diferentemente, assim são todas as almas. Há uma lei pela qual as almas são agregadas, como há uma lei pela qual os corpos são agregados. Certos átomos espirituais compõem a alma, como certos átomos materiais compõem o corpo. Todas as almas são compostas diferentemente. As partes componentes da minha alma diferem da vossa. E assim é ao longo da vasta cadeia da vida eterna. Mas o princípio de vida, a essência eterna que tudo perpassa, acredito que seja o mesmo no bosquímano e no hottentotte como no anglo-saxão.

P. — É dito por médiuns que a clarividência deve ser atribuída à organização peculiar do clarividente. Dir-nos-á como difere da do não clarividente? Os anatomistas não parecem encontrar nenhuma. E se a causa não está na organização, qual é?

R. — Algumas almas têm o poder, de tempos a tempos, de ganhar ascendência sobre a matéria, superando as suas leis, ultrapassando as suas fronteiras. Estas almas são capazes de perceber coisas além das fronteiras do tempo ou do presente. São capazes de estender a sua perceção ao passado e ao futuro, como ao presente imediato. Estas são chamadas clarividentes, videntes, pessoas dotadas de segunda visão ou visão anormal. Não sei que estas pessoas possuam uma organização material diferente de todas as outras pessoas. Acredito que a faculdade ou poder de clarividência reside mais no espírito do que no corpo. Acredito que é um dom espiritual em vez de material.

P. — O éter será provavelmente dispensado, no progresso do Espiritualismo?

R. — Penso que sim. Pois à medida que o verdadeiro Espiritualismo avançar a ciência desdobrará melhores meios do que esse de que fala.

P. — Não está a chegar o tempo em que a maioria da humanidade se tornará clarividente, e será capaz de ver e compreender as leis da vida espiritual, e introduzi-las na terra na forma de instrução social, política e religiosa, fazendo com que o reino do céu seja estabelecido aqui?

R. — Esse bom tempo que profetas e videntes predeterminaram em eras passadas, ainda está, acredito, na distância. Contudo tenho fé para acreditar que a raça se está a aproximar dele, porque sei que a alma está a subir na escala da sabedoria infinita. Acredito que virá um tempo na história desta terra em que todas as condições inarmónicas terão desaparecido; em que cada homem e cada mulher será uma lei para si próprio; em que compreenderão tão perfeitamente a si próprios e as suas relações com todos os outros e com Deus, que se poderão governar a si próprios, e viverão sempre de acordo com uma lei moral elevada e santa, bem como uma lei física elevada e santa.

P. — Qual é a sua opinião sobre a história do dilúvio? Que Deus se zangou por causa da maldade da humanidade e os varreu, com exceção de Noé e da sua família?

R. — Em minha opinião é um mito monstruoso — nada mais, nada menos. É um filho das trevas, e não tem lugar na luz desta geração. Pode parecer ter um lugar, mas na realidade não tem. É uma fábula monstruosa, e deveria ser colocada na categoria com as fábulas de Esopo e as melodias da Mãe Ganso. Agora perdoe-me, se pareço falar fora de lugar ou o que não é verdade. Não tenho desejo de sequer pensar blasfémia, quanto mais falá-la. Tenho uma reverência profunda e duradoura, e confio que divina, por todas as coisas santas e verdadeiras, mas tenho a maior repugnância por tudo o que é falso,

particularmente quando se impõe à alma e clama ser uma verdade religiosa. 30 de junho.

PERGUNTA. — Os espíritos ensinam o progresso contínuo na outra bem como nesta vida. Se isto for verdade, é claro, então, que há carência contínua, a mente sempre a procurar algum bem imaginado, não alcançado. Agora, se a carência nos está a perseguir no além eternamente, como tem acontecido sob várias formas neste mundo, (embora a Bíblia pronuncie uma bênção sobre aqueles que têm fome e sede de justiça,) por que não é a aniquilação, ou a mera existência onde não há carência nem fome, melhor do que um estado de inquietude eterna e saciedade incompleta?

RESPOSTA. — A alma está de tal modo constituída que tem de ter sempre carência. Nunca pode vir uma condição à alma em que ela cesse de ter carência, porque a alma está sob a grande e eterna lei do progresso, e em virtude desta lei deseja sempre algo que ainda não alcançou. O homem pobre deseja as riquezas deste mundo; mas quando as obtém continua insatisfeito, não obstante ter proclamado repetidamente a Deus e à sua própria alma e ao mundo — que se as riquezas lhe viessem abençoar ele seria inteiramente feliz. Quando as riquezas chegam a felicidade continua no futuro. Ainda insatisfeito, o homem com os seus milhões deseja algo mais. Eu não desejaria mudar a minha condição de vida da alma por uma de contentamento e descanso, tal que não conheça ação, tal que não se estenda até a um futuro glorioso.

Não, preferia lutar no meio das vagas selvagens do oceano para todo o sempre do que conhecer esse descanso luxuoso que a alma na sua ignorância pede. Podeis ter a certeza de que, ides para onde fordes, levareis as vossas almas convosco, e, tendo-as convosco, tereis sempre carência. A alma não pode descansar. Não há tal coisa como descanso para a alma, no absoluto. Quando alcança uma glória, uma bênção, pede outra; quando um cume de montanha foi escalado, há ainda montanhas além. Quando uma verdade gloriosa foi analisada há

ainda mais para analisar. Deus é infinito, e, porque é infinito, a alma deve sempre estender-se para fora, se aspira a ele.

P. — Como pode a Divindade ser considerada como infinita em amor e sabedoria quando nos compele através desta e da vida futura a estarmos continuamente insatisfeitos?

R. — É por causa do seu amor infinito e da sua sabedoria infinita que ele nos compele a estar insatisfeitos. Não há tal coisa como satisfação perfeita. Nunca alcançareis esse estado fabuloso. Podeis sempre especular sobre ele, mas, como a antiga terra prometida, nunca o alcançareis.

P. — Se a doutrina da reencarnação é verdadeira, não é possível, se não provável, que os espíritos dos antigos sábios, tais como Pitágoras, Sócrates, Platão e aqueles que viveram no seu tempo, possam ter sido reencarnados mais do que uma vez desde o período em que temos a história dos seus nomes, ou não possam mesmo agora estar a ocupar corpos de carne e osso na terra?

R. — Isto não é de modo algum impossível, pois acredito que entra na lei do progresso natural. Há muitas almas na terra dos espíritos que têm uma recordação distinta de uma vida terrena anterior àquela que as abençoou logo antes da última mudança chamada morte. Pitágoras tem uma recordação distinta de uma vida anterior, de uma dupla vida terrena. Lembra-se do seu nome, da esfera em que trabalhou; lembra-se dos seus ditos, dos deveres que cumpriu, das cruzes que carregou e das batalhas que lutou. Na verdade, tudo parece estar estendido diante dele como um panorama vivo de si próprio no passado. E o que é verdade para ele é também verdade para muitos outros. Mas nem todos são igualmente dotados; embora muitos milhões possam ter sido reencarnados muitas vezes na vida terrena, há poucos que, no presente, se lembrem de tal condição.

P. — Estamos neste estado de ser, se honestos, compelidos a mourejar e mourejar e tirar a vida para sustentar a vida. Agora o que sustenta a vida no vosso estado de ser, e como é obtido?

R. — O dar e receber está na ordem da vida para nós como para vós. Vivemos pela mudança, progredimos pela mudança. A forma que outrora tivemos já não a temos; mas os elementos que foram dados na composição da forma passada são usados para sustentar o espírito ressuscitado. A terra envia da sua plenitude, projeta do seu grande caudal de vida espiritual para nós, e nós recebemo-lo. Torna-se o nosso sustento e, por sua vez, da nossa abundância, damos à terra dos nossos pensamentos elevados, das nossas realizações no mundo espiritual. Enviamos os nossos pensamentos através de várias vias para a terra, e a terra recebe-os e é abençoada por eles, e produz mais frutos em consequência de ter recebido das nossas preciosas reservas.

À medida que o homem progride na escala da sabedoria, aprende o que a terra contém e, tendo-se familiarizado nessa direção, põe-se imediatamente a trabalhar para se apossar da fartura que a terra está pronta a ceder. Assim, a terra recebe a bênção da sabedoria do homem em alimento e, por sua vez, dá-lhe dos seus preciosos frutos.

P. — Pareceria, a partir de certos fenómenos, que o homem está morto; que há um homem animal que inclui o corpo físico e, também, um homem espiritual que por vezes habita e por vezes não habita o corpo, ou que por vezes deixa o corpo físico e se faz manifestar e mantém conversação a muitas milhas do seu corpo vivo, e que o homem animal pode manter conversação com aqueles em seu redor ao mesmo tempo. É isto verdade? E, se assim for, que parte do homem animal vai com o homem espiritual na morte, ou ficam para sempre separados nessa altura?

R. — Acredito que há uma separação nítida entre o homem animal e o homem espiritual na mudança química chamada morte. É o romper destas finas fibras que conectam os dois que causa a perturbação que percebeis no espírito que parte.

P. — O instinto sexual vem do plano animal ou espiritual do nosso ser?

R. — Claramente do animal.

P. — Se um homem teve uma existência anterior, como se pode reconciliar com a ideia de progresso o facto de um homem com a sabedoria de Sócrates poder regressar à condição infantil?

R. — O progresso não é percorrido numa linha reta, mas todo o progresso se dá por ciclos ou círculos. As almas revolvem como os planetas. Os planetas revolvem; estão constantemente, no que diz respeito ao movimento, a repetir-se. Mas não andam para trás na escala do ser. Estão constantemente a avançar; e assim é com as almas. Embora eu possa estar hoje no monte da transfiguração, cercado por toda a glória do céu, amanhã posso estar a habitar nos infernos do vale, cercado por todos os vapores escuros e venenosos. Contudo, nunca cesso de progredir. Continuo a ser um filho da lei, e ela continua a manter-me no seu punho de ferro. O progresso tem sido muito imperfeitamente compreendido pela vida humana. Sois muito aptos a pensar que a alma só pode progredir numa linha reta, para cima. Isso é um engano. Algumas das mais belas glórias da alma têm sido expressas na vida exterior pelas mais escuras condições de experiência.

P. — Mas como pode reconciliar com a ideia de crescimento do espírito que o espírito de um homem ocupe o corpo de um recém-nascido?

R. — O crescimento espiritual não significa de modo algum estatura espiritual. Se, no externo, os espíritos estivessem constantemente a crescer, encheriam o universo a seu tempo. Há um limite para a estatura de cada espírito, um tempo em que se aperfeiçoou, no que diz respeito à forma. Mas a vida interior do espírito não está confinada à forma. Cresce além da forma. Um homem pode reunir em si toda a sabedoria da época e contudo habitar

num casebre, estar encurralado dentro dos pequenos limites de um corpo físico deformado. O espírito pode ser em si mesmo tão grande como o universo e em forma extremamente pequeno. Não deveis tentar medir o espírito ou as suas capacidades pela forma, pois ficareis perdidos imediatamente. Percebereis, como os antigos perceberam, que o espírito tem de viver fora de toda a forma e independente de toda a forma.

P. — Mantemos todas as nossas memórias, boas e más, noutro estado de existência?

R. — Acredito que a memória é eterna; mas há certos estados em que parece adormecer e só pode ser despertada para a ação consciente por certas condições que sejam exercidas sobre ela. Por exemplo, posso ter-me esquecido de um certo incidente da minha vida terrena e, por alguma palavra ou ato da vossa parte, ou da parte de outra pessoa qualquer, essa transação pode subitamente ser despertada para a consciência. Acredito verdadeiramente que a memória é eterna; que levamos com os nossos espíritos todas as experiências que alguma vez nos pertenceram, que ainda nos pertencem, e também todo o grande futuro eterno que está diante de nós. Acredito que somos flores da eternidade. Temos o passado, o presente e o futuro eterno dentro da estrutura das nossas almas.

P. — Não são os espíritos todos médiuns de um poder mais elevado, invisível e talvez desconhecido?

R. — Certamente que são; sendo todos elos de uma vasta e eterna cadeia, estão todos conectados uns com os outros, todos constantemente a dar uns aos outros, constantemente a receber.

P. — É sabido que os espíritos, num qualquer período determinado no futuro, morrem e voltam a aparecer numa nova existência ainda mais adiantada?

R. — Há mudanças no mundo espiritual análogas à mudança a que chamais morte.

P. — É o processo semelhante à morte do corpo?

R. — Não precisamente como podereis imaginar. A alma está constantemente a morrer lá como aqui. Por morrer quero dizer a mudar. Há mudanças marcadas e distintas no mundo espiritual exatamente como há aqui. Com certeza não há corpos físicos para morrer, para a alma se separar, mas há corpos que a alma deixará para trás por crescimento, de que já não precisará e, portanto, será chamada a separar-se deles.

P. — Como explica a aparente decadência da mente à medida que o corpo se decompõe?

R. — Está dependente dos órgãos humanos para a sua expressão enquanto aqui está. E se esses órgãos de expressão estiverem fracos, a expressão do espírito será correspondentemente fraca.

P. — Ao passar para o estado espiritual regressará todo o seu brilho anterior?

R. — Sim; alcançará o meio-dia da sua vida, pois a alma nunca retrocede. As almas nunca são fracas. É apenas o exterior que é fraco; a alma é do Infinito e não conhece fraqueza.

P. — E quanto ao que chamamos loucura?

R. — Não há espíritos loucos. As manifestações inarmónicas, a que chamais manifestações de loucura, não pertencem ao espírito.

P. — Entendo os espíritos dizerem que, quando este corpo é despojado, o homem real encontra condições mais favoráveis, também que há diferentes esferas no mundo espiritual, mais elevadas e ainda

mais elevadas, e que os espíritos tomam posições mais elevadas, passam para círculos mais elevados?

R. — Sim; passam.

P. — E continuam a fazê-lo?

R. — Para todo o sempre.

P. — Então como reconcilia isso com o regresso do espírito à condição infantil?

R. — Desta forma, como disse antes. O espírito progride em ciclos. A expressão pode ser infantil, enquanto o espírito que habita no interior pode ser divino.

P. — É necessário que assumam essa condição?

R. — Acredito que todas as experiências pelas quais as almas são chamadas a passar são experiências de necessidade. A alma tem necessidade de cada uma delas, e fica muito melhor por passar por elas. Acredito que há uma divindade que anda sempre connosco, que dita nos mais pequenos bem como nos maiores assuntos da vida. Acredito que o poder que guia o curso do pardal que cai guia o curso de cada espírito e nunca o abandona, sabe sempre o que é melhor para ele e faz sempre o que é melhor para ele. 2 de julho.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Agora, Senhor Presidente, estamos prontos para considerar quaisquer proposições que tenha para nos oferecer.

PERGUNTA. — Por que poder são os planetas postos em movimento? E por que lei são mantidos nas suas órbitas?

RESPOSTA. — Os cientistas que fizeram dos corpos celestes e dos seus movimentos um estudo especial determinaram ou acharam por bem dar o nome à força pela qual estes corpos celestes são

mantidos em movimento e também mantidos nas suas órbitas próprias de repulsão e atração. Nós daremos um nome diferente, mas será o mesmo poder, no fundo. O nome que daríamos seria magnetismo e eletricidade, atuando e reatuando os dois um sobre o outro perpetuamente. É o movimento perpétuo da forma. Agora, compreenda-se que a forma, sob todas as suas condições, está perpetuamente em movimento — algum tipo de movimento. A mesma lei que mantém os planetas no lugar e determina as suas revoluções determina relativamente ao movimento que pode ser percebido clarividentemente nos átomos que compõem a rocha de granito. Ah, dizeis vós, não há movimento ali.

Nós declaramos o contrário. Há movimento. Na verdade, não há tal coisa como o oposto. Porque os vossos sentidos humanos não podem tomar conhecimento de todos os tipos e graus de movimento, não deveis determinar que o oposto exista. Todos temos muito a aprender relativamente aos corpos celestes, aos seixos sob os nossos pés e a nós próprios, mas nunca dominaremos o todo. Pesquisemos tão diligentemente quanto pudermos, estudemos tão afincadamente quanto nos seja possível, haverá sempre algo que ainda não agarrámos, ainda não analisámos.

Porque Deus está em toda esta matéria, enchendo-a toda, regulando-a toda, e porque Deus é infinito e nós somos finitos, nunca poderemos compreender tudo. Mas podemos orar fervorosamente para fazer o melhor uso possível do que compreendemos e, em todos os casos, estar dispostos a dar do nosso pouco conhecimento àqueles que não têm tanto como nós. Somos todos aprendizes no grande templo da ciência da vida, cada um de nós, desde a criancinha a balbuciar até ao sábio; desde o bebé ao peito da mãe até ao arcanjo nas esferas além do tempo — todos a habitar no mesmo templo, todos aprendizes no mesmo altar.

P. — É o dinheiro um atributo da Divindade, como é vulgarmente considerado pelos nossos professores públicos?

R. — Assim pareceria, pelos muitos adoradores devotos que se curvam constantemente no seu altar. De facto, pareceria que era o atributo mais elevado da Divindade, e quase a própria Divindade. É uma parte do grande corpo de Deus, sem dúvida, uma vez que reconhecemos Deus em tudo, claro que o reconhecemos no ouro e na prata. Mas, não obstante ser de Deus, não exige a homenagem de indivíduos inteligentes. As circunstâncias que acompanham a vida humana deram-lhe um lugar e poder proeminentes e, por causa desse lugar e poder, a pobre natureza humana, na sua fraqueza, adora-o.

P. — Uma confluência de átomos tendendo para um ponto central — como é mantido pela hipótese nebular — resultaria numa rotação ou num estado de repouso?

R. — Quando situada à parte da atmosfera especial da terra, resultaria, sem dúvida, nessa forma de movimento chamada rotação, mas noutras circunstâncias resultaria num simples movimento, nunca no repouso.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Em resposta a uma pergunta que nos foi apresentada neste lugar, mas não foi respondida, uma seleção será lida pela autora, que esteve ausente da morada da carne cerca de catorze anos, esperando que venha ao encontro das necessidades desse espírito deitado ao desgosto, e a ajude a pensar na direção certa. A pergunta é esta: «É correto para mim, ou para alguém, procurar obter um lar permanente na terra?» Ela acrescenta ainda: «Procurei-o toda a minha vida, mas em vão, e cheguei a pensar que não é correto para mim procurar mais por um lar na terra. Contudo, estou em dúvida. Oh anjos, dai-me luz.»

A TERRA MELHOR

«Porque não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a futura.» — Heb. xiii: 14.

Nenhuma cidade aqui, nenhuma habitação constante
Onde pousar os nossos corações pulsantes e receios;
Nenhuma cidade aqui, onde o desgosto e a vexação
Não possam entrar, e trazer o seu peso de cuidados;
Nenhum lar de descanso, onde a mudança nunca possa entrar;
Nenhum lar que o tempo não possa esboroar;
Nenhum laço forjado pelo amor que a morte deixe de romper;
Nenhum lugar onde as trevas se não sigam ao dia!
Confiamos na amizade como o oceano agitado,
As vagas do tempo podem logo apagar o encanto;
Confiamos no amor — uma palavra, um olhar, ou movimento,
Pode levar os sonhos que tão bem amamos;
Confiamos na fama e achamo-la apenas uma bolha,
cujas matrizes, ao ser agarrada, desvanecem silenciosamente;
Confiamos na riqueza — está num mar de problemas,
Ganha asas e voa num dia!

Não temos lar, nenhuma região livre do desgosto —
Pobres caminhantes sem teto num deserto sombrio —
Nenhum lugar a que chamar nosso, nenhum doce amanhã
Onde o prazer venha sem mancha de uma lágrima.
Nenhum lar? nenhum lar? Sobre a asa caíra e cansada,
Como a pomba solitária que vagou longe da arca,
Devemos vagar, ainda tristes, sem bênção e sombrios,
Sem uma esperança, um raio de dia nas trevas?

Ah, não! ah, não! Da própria e vasta expansão do céu
Um espírito sussurra, através do borrão de sombras,
«O Pai tem muitas e espaçosas moradas;»
Há um lar, um lar feliz para ti —
Um lar onde a morte e o tempo nunca podem entrar,
Permanece inexorável pela passagem dos anos,
Um rio de ventura cintila no seu centro,
É a própria cidade de Deus, sem mistura de lágrimas.
Ali, nesse lar, nenhum pulsar de profundo desalento

Pode travar a alegria do coração jubiloso;
Mas docemente unidos na verdadeira afeição de Deus,
Nada pode separar esses laços apeados.
Não temos lar na terra, mas tristemente impelidos
Rio do tempo abaixo, onde o desgosto deixa um traço,
Tem esperança, alma triste; há um lar no céu —
Um lugar de morada constante, firme e seguro.

Não choremos, embora a vida nos possa trazer desgosto;
Em breve poderemos lançar de lado o barro pesado.
Temos uma esperança, uma gloriosa esperança no amanhã —
Um lar no céu, um lar de dia constante.
Não temos lar na terra; então separemos
Os nossos pensamentos da terra e do seu amor sedutor,
E ouçamos a voz do anjo, que sussurra para sempre,
Há um lar de constância no alto.

7 de set.

PRESIDENTE. — J. S. Williams envia-nos o seguinte parágrafo:

«No *Banner of Light* do dia 8 do corrente, que recebi hoje, tendes um parágrafo sobre A Ressurreição Literal, no qual pedis o profundo interesse de todos os leitores pelo que a 'inteligência invisível' tem a dizer sobre esse assunto. Sou um daqueles Espiritualistas que não tomam nada como prova, num caso destes, senão a Palavra de Deus escrita na criação pelas leis imutáveis da Natureza, ou o que é razoavelmente dedutível de tal prova. Vedes que isto atira para fora do meu catálogo de provas tudo o que qualquer homem, ou corpo de homens, qualquer espírito, ou hoste de espíritos, meramente afirme num caso destes. Tanta importância daria ao mero *ipse dixit* de um padre católico como ao de qualquer espírito.

Na verdade, posso responsabilizar o padre de certo modo pela verdade, mas o espírito nem um pouco. Por essa razão, digo, é mais

seguro ser dominado por padres do que ser dominado por espíritos por se acreditar no que um espírito diz, meramente porque é um espírito que o diz quando o mesmo não seria acreditado se dito por um homem da terra. Na peça a que se referiu não consigo perceber nada melhor do que a nua afirmação do espírito, seja ele quem for. Não acredito na ressurreição literal do corpo material, como a velha teologia professa acreditar, mas não encontro nada como prova contra ela na peça que menciona.

Foi-me dito que a vossa imprensa está amordaçada, e que não publicareis nada no *Banner of Light* que milite contra as vossas ideias fixas de crença. Não vos julgo tão sectários como isso, o que seria pior do que mesmo o egoísmo católico ou a meandrice presbiteriana. Tenho, até agora, considerado o *Banner of Light* um jornal muito justo, e o melhor jornal religioso que temos. Não há, pelo menos, mal nenhum em eu enviar esta peça, com o meu pedido fervoroso para a sua rápida inserção.»

RESPOSTA. — O seu correspondente parece não exigir resposta à sua pergunta. Declarou a posição que ocupa espiritualmente, no que diz respeito à sua crença. Isso é honesto e bom, e é uma posição que nenhum homem ou mulher precisa de temer ocupar. Não é nem sábio nem, em sentido algum, bom acreditar numa coisa simplesmente por causa da sua fonte. Naquilo que não carregar consigo ampla prova da sua identidade, não sois chamados a erguer o vosso templo de fé. Cada homem e mulher tem direito às suas próprias opiniões sobre todos os assuntos, essas opiniões que foram formadas a partir da experiência por que passaram. E ninguém tem o direito moral de interferir com essas opiniões. São sagradas para o indivíduo e deveriam exigir sempre respeito.

PERGUNTA. — Não é cada ser humano, até onde sabe ou acredita, controlado por uma estrela particular que influencia a mente e o corpo e traça um destino para o que nasceu sob essa estrela particular? Se assim for, não é possível, ou altamente provável, que

uma estrela possa afundar-se e outra subir que passará daí em diante a controlar o destino desse ser? Por outro lado, a nossa ignorância neste particular não nos acarreta sofrimento e infelicidade que poderiam ser evitados se soubéssemos como moldar as nossas ações de acordo com a lei do corpo ou estrela controladora? E aquilo a que nos apraz chamar «as idades das trevas» não foram guiadas por elas e não fizeram deste ramo da minha especulação um estudo para as suas escolas, evitando assim o sofrimento físico e mental?

RESPOSTA. — É verdade que todos os corpos celestes têm uma influência especial não só sobre todo o tipo de vida mineral e vegetal, mas sobre todo o tipo de vida animal e todo o tipo de vida espiritual. Os diferentes estágios da vegetação mostram-vos inequivocamente a influência que é exercida nesse departamento pelos corpos celestes e, se observásseis mais de perto, perceberíeis que a mesma vida, o mesmo poder, é exibido através da vida animal. A mesma influência é exercida ali, apenas mais potentemente. As estrelas são vossas irmãs, filhas do vosso Pai, e meu. Nasceram da mesma fonte que nós e, portanto, estando ligadas através da lei da vida a nós, devem, em virtude dessa lei, atuar sobre nós, e nós, por nossa vez, devemos reatuar sobre elas.

Sendo elas a força maior, claro que podem exercer o maior poder sobre nós. Somos apenas átomos minúsculos, comparados com elas, contudo exercemos um poder sobre elas. É extremamente pequeno, comparado com aquele que elas exercem sobre nós. É, sem dúvida, uma verdade que muitos dos males de que a carne é herdeira poderiam ser afastados ou mudados para maior bem se a humanidade apenas compreendesse a lei que governa qualquer caso, relativamente aos corpos celestes. Está a chegar o tempo em que este ramo da ciência será tornado um estudo especial, e em que um homem ou mulher não será considerado um tolo por afirmar que as estrelas o influenciam.

P. — A. J. Davis diz: «Nunca deixeis qualquer alma passar para fora do corpo físico através da agonia das penas ou do algodão, seja

debaixo ou em dobras em redor do sofredor.» Por que razão lhes causa isso agonia?

R. — As penas possuem uma grande quantidade de magnetismo animal, e esse magnetismo sustenta a relação entre o espírito e o corpo, por vezes durante horas depois de, de outro modo, ter tomado a sua partida. Relativamente ao algodão, dizem-nos que o excesso de magnetismo vegetal produz resultados semelhantes. Sabendo que isto é verdade, removei todos esses obstáculos daqueles indivíduos que estão a esvoaçar entre os dois mundos, cujos espíritos ansiosos só são mantidos em miséria aqui pela ignorância.

ESPÍRITO CONTROLADOR

No final desta sessão, se houver tempo e as condições forem favoráveis, uma jovem índia lerá uma seleção do «Cântico de Hiawatha», de Longfellow. A leitura destina-se a mostrar-vos que a vossa educação não chega ao fim com as vossas vidas terrenas; pois esta mesma criança índia, há cinco anos, era inteiramente iletrada, não tendo conhecimento algum dos caminhos e costumes do povo branco. Mas hoje está muito adiantada em todos os ramos do inglês e, dizem-nos, é uma excelente leitora, tendo obtido toda a sua informação ao vir à terra. Agora, portanto, apercebei-vos, cada um de vós, que embora os espíritos regressem para ensinar, também regressam para ser ensinados. Tendes um dever para com eles, como eles têm um para convosco. Esperamos fervorosamente que não falheis em cumprir o vosso, e oramos, também, para que nós nunca falhemos em cumprir o nosso. 8 de set.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Estamos prontos, Senhor Presidente, para considerar as suas perguntas.

PERGUNTA. — Por que razão os acontecimentos vindouros lançam as suas sombras antes de si? Por exemplo, o autor encontrou

recentemente um desastre, antes do qual continuava a dizer aos seus amigos que algo de desastroso ia acontecer, e aconteceu. Pode isso ser explicado?

RESPOSTA. — Oh sim, sob princípios científicos. Tudo o que vive em formas, de que os vossos sentidos humanos podem tomar conhecimento, viveu numa forma de que os sentidos espirituais são capazes de tomar conhecimento antes de entrar na forma meramente externa. Tudo vive na eternidade, é governado pela lei eterna, existiu no passado, vive no presente e reivindica uma existência no futuro. Para a minha mente, a imortalidade é o dom de todas as coisas. O velho ditado de que «os acontecimentos vindouros lançam as suas sombras antes de si» é eminentemente verdadeiro e aquelas pessoas sensíveis cujas vidas internas estão em estreita comunhão com a outra vida são capazes de contemplar estes chamados fantasmas, de reconhecer a sua presença.

Chamais-lhes aparições, avisos prévios, e supondes, às vezes, que são especialidades, enviadas por Deus para vos informar do perigo. Não é assim. É simplesmente o exercício de uma lei científica e, à medida que entrais na esfera da lei, reconhecei-la. Milhões de mundos invisíveis, não reconhecidos, existem, além do alcance do olho ou do telescópio. Quando um após outro é trazido para o alcance da visão humana, a ciência não pensa em dizer: «Isto é uma interposição especial da divina providência.» Não. O tempo de tal loucura passou. Tudo o que tem existência de todo, mesmo na forma mais fantasmagórica, existe por lei. Não há nada como imaginação, não como vós a definis. Não há devaneio não sistematizado em todo o domínio de Deus. Tudo o que é, é em virtude da lei natural e, na medida em que compreenderdes a lei e puderdes entrar em comunhão com ela, até aí percebeis aquilo que no externo não podeis ver, não podeis ouvir.

P. — É verdade que há médiuns em cada família?

R. — Certamente que é verdade; pois não podeis encontrar um único átomo, desde o grão de areia até à alma humana, que não seja

um médium para o espírito. Portanto, todas as coisas são médiuns. Cada família, então, os tem.

P. — É possível que uma doença interna — curável — possa ser curada simplesmente pela imposição das mãos externamente?

R. — Certamente que é possível; pois as correntes magnéticas ou o magnetismo curativo que é usado na imposição das mãos passa mais do que sobre a superfície da vida animal — permeia o ser interior. E se a doença interna estivesse fora, e a externa pudesse por qualquer possibilidade ser curada pelo magnetismo curativo, pode ser curada exatamente tão bem internamente como se fosse externa.

P. — Muitos médicos defendem que as doenças sairão do sistema humano a seu tempo. Por exemplo, uma pessoa tem dispepsia. Os médicos dizem que o estômago ficará tão fraco que se recusará completamente a digerir seja o que for, e quando chegar a este ponto reatuará — a pessoa ficará boa novamente.

R. — Não, não é verdade. De facto, temos provas abundantes em contrário. Se fosse verdade, nunca morreríeis por doença, porque quando a doença tivesse atingido o seu pico, o inimigo daria a volta e recuaria, deixando o corpo recuperar a saúde. Mas sete em cada dez vezes, a doença, se não for tratada com sabedoria, prostrará de tal modo as forças do corpo a ponto de produzir a mudança química chamada morte.

P. — Podem recém-nascidos, de poucas semanas, recentemente falecidos, regressar e dar uma mensagem oral inteligível através de um médium? Se sim, queira dar uma explicação.

R. — Não, não podem fazê-lo. Essa é uma das coisas que são impossíveis. Se vos disserem que podem, não acrediteis. A criança de três semanas entra na terra dos espíritos como um bebé, nada mais. Podia falar aqui? Não. Podia manifestar inteligência aqui? No. Então

não procureis por isso, simplesmente porque passou pela mudança chamada morte.

P. — Qual foi a causa da explosão do planeta, que originalmente estava localizado entre Marte e Júpiter, cujos fragmentos são agora encontrados como asteroides?

R. — O seu correspondente parece tomar como garantido que tal planeta tenha explodido. Nós não acreditamos nisso. Sei que há uma teoria que pareceria tomar tal posição entre certos cientistas, mas não posso acreditar nisso. A vida planetária não funciona dessa maneira. Há uma ordem perfeita exibida em todos os corpos celestes — nenhuma desvio da lei, e o que é a lei de um planeta é a lei de todos.

PRESIDENTE. — A pergunta seguinte pressupõe uma resposta afirmativa à anterior, mas vou lê-la:

P. — Quando existiam tais circunstâncias que levavam a tal catástrofe, por que razão a divindade ou os espíritos não se interpuseram para evitar um resultado tão desgraçado?

R. — Tal condição de vida planetária existe apenas nas mentes daqueles que não compreendem essa vida. Novamente, dizemos, os planetas não me explodem. Isso não faz parte da lei.

ESPÍRITO CONTROLADOR

No final desta sessão, a mesma criança índia que leu aqui há dois dias lerá um poema, um poema singular, intitulado «Nenhuma Seita no Céu». 10 de set.

PERGUNTA. — Dar-me-ão as inteligências controladoras as suas opiniões relativamente às probabilidades do meu sucesso em trazer os nossos irmãos vermelhos para melhores condições através da agência do Espiritualismo?

RESPOSTA. — É a opinião do orador que vos fala — e o que é dele é o reflexo também de muitos milhares — que este mesmo Espiritualismo, que é, em outros termos, a ciência da vida, corrigirá finalmente os males do homem vermelho, fá-lo-á finalmente chegar, nesta vida, onde deveria estar; dar-lhe-á esses direitos que ele na sua vida interna sempre exigiu do homem branco, que o homem branco nunca lhe concedeu. A civilização traz consigo o espírito de ganância, a avareza, o clamor por mais, enquanto a Natureza ensina que o suficiente é suficiente, e mais não passa de uma maldição. O índio fica satisfeito quando todas as necessidades da sua natureza são supridas. O homem branco nunca fica satisfeito. E contudo não deveríamos censurar o homem branco por ele estar assim sempre insatisfeito, pelo menos não demasiado severamente, porque o mesmo grande poder que determinou relativamente à vida natural do índio determina também relativamente ao homem branco. Por muito que lamentemos a posição que o homem branco mantém perante o índio, contudo percebemos que há algo de correto em todo este parecer errado, e que esse pequeno grão de correto levedará finalmente toda a massa de errado, mudando-a para a glória desse Grande Espírito a quem o índio e o homem branco adoram da mesma forma.

Durante séculos uma certa tribo de índios tem sido mantida em escravidão abjeta. Os seus jovens têm sido comprados, vendidos, trocados por isto ou aquilo. Não têm tido direitos. Os seus costumes religiosos não têm sido observados pelos seus irmãos brancos — tudo o que têm mantido como sagrado tem sido pisoteado. Durante séculos têm sido caçados como cães e não têm tido parte na civilização. E hoje, graças a este mesmo Espiritualismo, essa tribo infeliz está a começar a receber os seus direitos. Os seus antigos campos de caça foram-lhes restituídos; os seus filhos foram libertados; os seus homens velhos e as suas mulheres velhas foram libertados; e se pudésseis ter ouvido o cântico de louvor que subiu desse bando selvagem para o Grande Espírito, em honra do regresso da liberdade, não questionaríeis se o Espiritualismo faria algo pelo homem vermelho ou não.

Há tanto que se poderia dizer e deveria ser dito sobre este assunto, que os poucos momentos que me são concedidos são inteiramente insuficientes para o cobrir. Na verdade, precisaria de dias, semanas ou meses para encher a página. Alguém tem de escrever repetidamente e, tão certo como há um espírito de direito no universo, tão certamente todos estes males monstruosos serão transformados, e transformados por esta mesma ciência da vida que todos nós estamos a começar a compreender.

P. — Era Cristo, o Nazareno, um médium essencialmente igual aos médiuns dos dias de hoje?

R. — Acredita-se que Cristo era um médium — que era atuado por poderes espirituais como os médiuns o são hoje em dia.

P. — São as manifestações espirituais nas Escrituras do Antigo e Novo Testamentos essencialmente as mesmas que as de hoje em dia?

R. — Assim o acredito.

P. — O Espiritualismo tem estado no mundo, sob alguma forma, desde que a mente humana se desenvolveu?

R. — Sempre. E acredito que permanecerá sempre no mundo, e não só neste mas em todos os outros mundos.

P. — Suponho que todos os seres e todos os mundos estão sujeitos às mesmas leis espirituais bem como naturais?

R. — Assim o entendo.

P. — As cartas que pretendem ser respondidas pelo Primo Benjamim não podem ser respondidas mais satisfatoriamente do que têm sido até agora?

R. — Desde que as perguntas nela contidas sejam de tal natureza que possam receber respostas satisfatórias.

P. — O fracasso, então, é por causa da forma como as perguntas são formuladas, é?

R. — Em nove casos em cada dez. 14 de set.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Estamos prontos para responder da melhor forma que pudermos às suas proposições, Senhor Presidente.

PERGUNTA. — Por que razão espíritos de tempos antigos, que viveram na terra há três ou quatro mil anos, não regressam e se manifestam? Ou estão tão transformados por sucessivas mudanças que o regresso direto é impossível?

RESPOSTA. — Inteligências que habitaram neste planeta há milhares de anos regressaram manifestando-se através dos vossos médiuns modernos. Na verdade, o seu regresso não é uma coisa de rara ocorrência. Nem sempre lhes é possível regressar manifestando-se de modo a serem reconhecidos. Os seus pensamentos, as suas ideias, podem ser dados muitas vezes quando a sua identidade não pode ser reconhecida.

P. — Os espíritos ficam velhos — isto é, experienciam crescimento e decadência análogos aos da vida na terra?

R. — O espírito, ou vida interior, como tal, nunca envelhece. A decadência que pertence ao tempo não tem poder sobre a alma. Pode parecer assim ao transitar de um estado de existência para outro, mas na realidade a alma nunca é afetada pelas mudanças que têm lugar no corpo, apenas na medida em que a sua expressão externa é afetada. A alma não pode exprimir-se na sua plenitude através de um organismo inarmónico. Pode dar uma certa parte da sua vida — não pode retratar o todo.

P. — Se existe um sentimento bondoso, e espíritos protetores assistem quase cada indivíduo, por que razão em casos como a queda das Fábricas Pemberton há alguns anos, ou outras grandes baixas, onde muitas vidas são perdidas e muito sofrimento suportado, nenhuma premonição parece vir a ninguém?

R. — Os espíritos desencarnados não são nem os guardiões nem os ditadores do destino humano. Há momentos em que os vossos espíritos protetores vêm a vós, informando-vos do perigo vindouro. Há outros momentos, em que pareceria que mais precisáveis deles, em que estavam ausentes. Deveríeis compreender que há um poder supremo, uma vida infinita, na qual todas as almas revolvem, e as suas revoluções são em obediência à lei desse poder, e não têm controlo sobre o destino que lhes é legado por esse poder. Regressam em virtude da lei infinita. Avisam-vos pela mesma lei, e ficam longe de vós e deixam-vos participar no desastre por causa da mesma lei.

P. — Um espírito falecido, um que tenha deixado a forma, não ficaria melhor agradado se essa forma fosse reduzida a cinzas, em vez de continuar como uma massa de corrupção para os vermes se deliciarem nela?

R. — Sim, acredito que a expressão geral por parte das inteligências espirituais favoreceria tal curso relativamente aos restos mortais.

P. — A teoria de Edgar A. Poe de um universo limitado tem adeptos no mundo espiritual?

R. — Não, nem um, nem mesmo ele próprio.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Sou solicitado a anunciar que no final desta sessão, uma seleção será lida do «Cântico de Hiawatha», de Longfellow, por um jovem espírito índio que é residente do mundo espiritual há poucos anos. A leitura não se destina a ser uma exibição de elocução, mas

simplesmente a mostrar-vos que a mente progride após a morte, pois esta mesma criança era um selvagem sem instrução dos vossos sertões ocidentais ao deixar esta vida mortal, e ao regressar e prosseguir os métodos habituais seguidos pelo povo da terra, tornou-se razoavelmente instruída em muitos dos ramos do inglês. 15 de set.

PERGUNTA. — Que distinção encontra entre magnetismo animal, magnetismo espiritual e eletricidade, no que concerne ao corpo físico? Qual destas forças predomina aqui, e qual no mundo espiritual?

RESPOSTA. — Fazemos a distinção simplesmente de grau entre todos estes termos diferentes. O magnetismo animal reflete-se sobre o mundo objetivo através da vida animal, e o magnetismo espiritual através da vida espiritual. Ora, como a vida animal e a espiritual vão de mãos dadas neste mundo, tendes os dois graus do mesmo poder igualmente convosco. Há alturas em que um prepondera sobre o outro, e há alturas em que parecem ser paralelos. No mundo espiritual propriamente dito, essa esfera de vida que está além do plano animal, o magnetismo animal já não é uma necessidade, embora este mesmo poder, esta força de vida subtil exista, mas sob condições diferentes. Já não é magnetismo animal, mas é o mesmo poder. A música existe na vossa atmosfera o tempo todo, mas só é trazida para a vida objetiva através dos vossos vários tipos de instrumentos musicais. O mesmo se passa relativamente às forças subtis, a este magnetismo animal, a este magnetismo espiritual, que é, de facto, apenas o princípio de vida, ao qual tendes dado uma grande variedade de termos.

PERGUNTA. — A inteligência dar-se-á ao trabalho de explicar o seguinte parágrafo?

ESTRANHA ALUCINAÇÃO

Um incidente estranho e surpreendente ocorreu na semana passada no interior, a algumas milhas ao norte de Corinto. Um Sr. Mangrum matou um jovem durante a guerra, e há poucos dias o Sr. Mangrum estava numa caçada aos veados e, enquanto estava num dos

postos, viu um objeto aproximar-se dele que o alarmou de tal modo que levantou a espingarda e disparou contra ele. O objeto, que se assemelhava a um homem coberto com um lençol, continuou a avançar sobre ele, momento em que ele puxou das pistolas e descarregou todos os canos sobre o fantasma.

Não parecendo que nenhum dos tiros surgisse efeito, ele subiu a uma árvore para escapar. Na altura em que já estava a uma curta distância na árvore, o objeto branco estava de pé debaixo dele com os olhos fixos nele, e ele declarou que era o espírito do jovem que tinha matado. Mangrum ficou tão sobressaltado com o olhar fixo dos olhos que fora a causa de deixar frios na morte, que desmaiou e caiu da árvore. Os seus amigos levaram-no para casa, com o fantasma a segui-lo e a postar-se diante dele constantemente, cuja visão trouxe a recordação da sua culpa com tal força à sua mente que ele morreu em grande agonia após dois ou três dias de sofrimento. — *Corinth (Miss.) Caucasian*.»

RESPOSTA. — O autor do artigo parece acreditar que este fenómeno não passa de uma alucinação, algo irreal, um devaneio do cérebro. Vós, Espiritualistas, sabeis perfeitamente; vós, cujas mentes foram esclarecidas relativamente à ciência da vida aqui e da vida no além, sabeis perfeitamente. Sabeis muito bem que não só é possível o espírito regressar, como é inteiramente provável que, sob tais circunstâncias, regressasse e, se o assassino tivesse quaisquer poderes mediúnicos, faria uso deles. Ora, se o espírito estivesse bondosamente disposto e não guardasse espírito de vingança relativamente ao assassino, seria impossível para o espírito procurar fazer mal ao assassino. Mas caso o espírito de vingança perdurasse no espírito desencarnado, seria a coisa mais natural do mundo que procurasse encontrar expressão aqui e, encontrando meios através dos quais se exprimir, usá-los-ia. Isto não é milagre algum; é uma das manifestações legítimas do vosso tempo; um filho da lei, perfeito em si mesmo e sujeito apenas à grande lei do universo. Mentes ignorantes podem escarnecer de tais manifestações, mas quando a sua ignorância tiver desaparecido, o seu escarnecer terá desaparecido também.

P. — Podem os espíritos no outro mundo exercer o seu poder para fazer as pessoas fazerem o mal?

R. — Podem certamente, e exercem esse poder muito amplamente.

P. — Não podem os bons espíritos também exercer o seu poder para as fazer fazer o bem?

R. — Podem certamente; mas se a propensão para fazer o mal existir no sujeito usado, essa propensão será muito suscetível de atrair a si um mal semelhante. Portanto, a bateria ficaria completa e o espírito não evoluído ganharia controlo perfeito.

P. — A boa influência não teria poder para contrariar a má?

R. — Nem sempre. Nenhuma boa influência pode violar lei alguma nem infringir lei alguma.

P. — Qual é a causa da loucura?

R. — As causas da loucura são numerosas. Às vezes existem nas forças espirituais, ou nos imponderáveis do sistema, às vezes nas partículas materiais. A loucura vem às vezes como consequência de malformação física, às vezes de malformação espiritual, mas mais geralmente como consequência de desarmonia existente nas forças imponderáveis que permeiam o corpo.

P. — Qual é o melhor método para desenvolver a mediunidade?

R. — Viver uma vida natural, pura, obedecendo a todos os instintos mais elevados da vossa natureza, fazendo com que todos os inferiores fiquem submetidos aos superiores.

P. — Pode o homem nesta vida chegar com certeza ao bem ou ao mal?

R. — Não, não no absoluto. Um indivíduo pode chegar ao que é correto para si, mas nunca ao que é absolutamente correto para todo o universo. O que seria absolutamente correto para si poderia ser absolutamente errado para o seu vizinho. Compreenda-nos quando dizemos que individualmente pode chegar ao correto. Pode saber, no que a si diz respeito, o que é correto, mas no que diz respeito a qualquer outra pessoa, não pode saber.

P. — Então não há nenhuma regra de bem e mal infalível e universal aplicável a toda a família humana?

R. — Nenhuma pela qual todos se possam governar da mesma forma. Não há regra especial de bem que se possa aplicar da mesma forma a cada indivíduo. A aplicação é diferente para todos. Não há duas lâminas de relva exatamente iguais, não há duas folhas iguais. Todas as pétalas das flores diferem; todas as estrelas diferem; todos os planetas diferem. Cada grão de areia difere de todos os outros. Então como pode esperar erguer um padrão de bem geral e absoluto para todos? Não pode ser feito.

P. — Como pode então um único indivíduo chegar a uma regra perfeita de bem, no que a si diz respeito?

R. — Nesta vida o absolutamente perfeito, mesmo no que diz respeito ao indivíduo, pode nunca ser alcançado.

P. — Então por que autoridade decidimos que determinada conduta da parte de outros é correta ou errada?

R. — Pela autoridade da ignorância simplesmente.

P. — Então, quando condenamos um ato como criminoso, um homicídio, por exemplo, a autoridade pela qual condenamos isso é a ignorância, é?

R. — Sim, precisamente isso, nada menos.

P. — Devo entender que pela disseminação da inteligência, por um elevado grau de cultura intelectual, devemos chegar à conclusão de que não há ato algum a ser condenado como errado?

R. — Num certo sentido chegará a essa conclusão. Não temos o direito de condenar ato algum como sendo absolutamente errado, a menos que compreendamos todos os motivos que levaram ao ato, todos os poderes que estão por trás dele, todas as forças que o trouxeram à sua presente existência. Se pudermos compreender tudo isso, então temos o direito de condenar a pessoa. Mas se não pudermos, não temos o direito de o fazer. Temos cada um de nós um Deus dentro de nós próprios, que não deixará de julgar relativamente a cada ato nosso, e não deixará de repreender, condenar, punir por tudo aquilo que é o bem menor, e dessa forma forçar-nos para o bem melhor.

Mas quando nos constituímos como juízes para os outros, então estamos a dar um passo fora do nosso próprio poder; estamos a revestir-nos de um falso poder; estamos a exercer um falso direito; estamos em antagonismo com a lei, e ela certamente virar-se-á e despedaçar-nos-á. Não podemos despedaçar isso. Toda a condenação que for exercida para com qualquer indivíduo fora de vós próprios regressará àquele que condena, e encontrará ali um lugar de repouso. Pode ter a certeza disso. Pode ser extremamente honesto na sua condenação, mas a condenação seguirá a linha da lei e regressará ao seu lar nativo.

P. — Então por que autoridade o governo protege a sociedade por decretos penais para punir o crime?

R. — Pela autoridade da ignorância. Aquilo que se aplica aos indivíduos aplica-se também perfeitamente bem aos governos. E contudo, na atual condição subdesenvolvida da humanidade, é bom que os governos se protejam assim contra os seus membros delinquentes. É bom que a ignorância seja exercida convosco, porque se encontra um lugar de morada convosco, deve também encontrar

espaço para se exercitar. A ignorância passa da terra apenas pela atividade. Pelo exercício torna-se transformada. «A agitação do pensamento», diz alguém, «é o início da sabedoria.» A agitação da ignorância é também o início da sabedoria, como todos vós mais cedo ou mais tarde aprendereis.

P. — É melhor, e considera um espírito mais feliz o que parte na infância?

R. — Num certo sentido é, porque escapa aos males da vida física. Noutro sentido não é tão feliz, porque deve regressar à vida física e ganhar as experiências espirituais que advêm dessa vida física sob circunstâncias difíceis. 17 de set.

ESPÍRITO CONTROLADOR

As suas perguntas, Senhor Presidente, estamos prontos a considerar.

PERGUNTA. — Qual é uma explicação correta para o seguinte incidente? Pai e filho sonham ambos na mesma noite, como se segue: o pai sonha que morreu e ascendeu a uma curta distância do seu corpo. O filho relata que a mesma impressão foi feita na sua mente ao mesmo tempo, estando o pai no andar de baixo e o filho no andar de cima.

RESPOSTA. — A impressão veio como consequência, sem dúvida, da suscetibilidade de ambas as mentes em questão à influência mencionada. Foi-vos dito que não só é possível, como há muitos casos do género registados, no que diz respeito à vossa ciência espiritual, em que um único espírito individual impressionou um número indefinido de mentes com a mesma ideia ao mesmo tempo — mostrando claramente que todas estas várias mentes assim impressionadas estavam espiritual e magneticamente na mesma condição, e no mesmo grau suscetíveis à influência. Pai e filho estavam sem dúvida em *rapport* magnético um com o outro, pelo que não foi de modo algum algo fora da lei natural que a impressão fosse igual em ambos.

P. — Parece haver um conflito de consciência sobre os nossos títulos nacionais — se forem pagos em ouro, e com outra grande e invulgar discriminação a seu favor, de acordo com a letra e o espírito da lei, não estará a ser feita injustiça a outro endividamento nacional, e ao grande corpo do povo dos Estados Unidos? Não há uma repugnância crescente no mundo civilizado em carregar grandes dívidas de guerra de geração em geração? E quando as guerras se tornam essenciais ao progresso das nações, não deveriam ser imediatamente providenciadas, e a sua despesa extinta, e não permitida que seja um fardo para a posteridade? Não seria esta consideração uma alavanca para tentar a humanidade a reformar-se e a comportar-se sem a espada?

R. — Se os governos e os seus apoiantes estivessem sempre harmoniosamente relacionados; se os governos trabalhassem para o bem mais elevado dos seus apoiantes, e vice-versa, cada um sentiria que infringir os direitos do outro era um erro moral, um erro político, um erro governamental, um erro público e, sentindo assim nas suas próprias almas, teriam muito pouco a ver com isso. Esta questão do bem e do mal relativamente à vossa moeda nacional exige a vossa fervorosa atenção e, mais do que isso, a vossa ação fervorosa, pois hoje em dia, quando estais justamente a emergir, ou parecendo estar, pelo menos, da nuvem da guerra política, todas as outras nacionalidades vos observam, esforçando-se por apurar quão bem e quão rapidamente cuidareis de todos os vossos passivos, quão honestos sereis entre vós próprios e com referência a outras nações.

Na verdade, esta nação está hoje a escrever um registo mais potente do seu ser do que alguma vez fez, e cumpre a cada membro desta grande casa ver que cada artigo de mobiliário político e governamental esteja em perfeita ordem. Este direito de troca é muito mal compreendido pelo Governo Americano. Lamento que assim seja, mas assim é. O Governo parece supor que tem o direito de tributar amplamente, e assim infringir os direitos dos seus apoiantes, e o povo, a maioria dele, pelo menos, parece disposto a prestar cega homenagem a esta ideia, e assim ambos são lesados, ambos ficam sob uma falsa

luz um perante o outro. Mas é inútil especular, é melhor agir. Espero que o tempo não esteja distante em que uma ação definitiva e clara será tomada sobre este ponto, como foi sobre alguns de menor importância.

P. — Jesus Cristo ensinou a doutrina do *Shakerismo* como o único meio de salvação? Jesus e os seus discípulos acreditavam que o casamento era um pecado e uma desobediência contra a lei e a ordem do Todo-Poderoso?

R. — Não temos conhecimento de que Cristo fosse um *Shaker*, ou que tivesse qualquer conhecimento ele próprio dos princípios do *Shakerismo*. Pelo contrário, temos provas abundantes de que não era *Shaker*. Sendo um homem natural, apoiando a lei natural e defendendo-a até ao limite, não podia ser um *Shaker*. Aquilo que um homem ou mulher acredita honestamente ser correto é correto para eles, mas pode de modo algum sê-lo para outro que não eles próprios. Os *Shakers* acreditam que são um povo posto à parte do mundo que será abençoado por Deus, favorecido por Deus, por causa dos princípios peculiares que a sua religião inculca; mas as pessoas do mundo pensam diferentemente, e todos sabemos se todos se tornassem *Shakers* qual seria o resultado. Não precisamos de especular sobre essa ideia. Ela mata-se a si própria sem qualquer especulação. 21 de set.

PERGUNTA. — Não se encontram pessoas que estão sob uma forte influência ou poder involuntário emanado sobre elas, e não de um espírito individual? Tenho estado sob tal poder há um certo número de anos, ao mesmo tempo não acreditando que o homem seja consciente após a morte, descartando daí a ideia da individualidade dos espíritos.

RESPOSTA. — Cada espírito, quer esteja no corpo de carne quer fora dele, tem o poder de atuar sobre todos os outros espíritos em todos os outros universos. O espírito desnudado, ou esse espírito que está desnudado do bruto templo de carne, pode exercer este poder,

este poder psicológico, com muito melhor vantagem do que enquanto na carne. À medida que avança na vida, torna-se mais profundamente familiarizado com o seu próprio poder, e assim é mais capaz de o usar, de o exercitar. Estende-se mais além de si. As suas radiações são mais perfeitas. O seu correspondente nega ou não acredita na identidade espiritual do espírito após a morte — isso é muito evidente da pergunta —, não acredita que ele possua uma consciência que passe além dos sentidos humanos.

Bem, há milhares por este mundo fora, e outros, que acreditam quase o mesmo relativamente ao espírito. Mas mil vezes dez mil crenças não mudarão a verdade, não a roubarão da sua verdade. Todos os factos na Natureza permanecerão como tais, apesar das especulações ou crença ou descrença de todas as almas no universo. E no que diz respeito a este único facto, todas as almas estão destinadas a tê-lo resolvido para sua inteira satisfação. Esse é o destino de todas, exatamente tanto quanto é o destino de todas as almas na carne passar para fora da carne. É o resultado inevitável do movimento da vida, da mudança de ser, do progresso da alma.

P. — Por que razão nos círculos públicos os nossos amigos não vêm tão frequentemente como os estranhos?

R. — Se por círculos públicos se refere a este lugar, podemos assegurar-lhe que todos os amigos íntimos das pessoas que aqui se reúnem de tempos a tempos estão proibidos de comunicar.

P. — Refiro-me a outros círculos.

R. — Então pergunte à sua própria individualidade por que razão assim é. Seria tão suscetível de comunicar informações privadas, isto é, domésticas, aos seus amigos quando qualquer número de estranhos estivesse presente? Certamente que não. Sentiria nove em cada dez vezes uma delicadeza recatada que superaria o seu desejo de encontrar os amigos e comunicar com eles. Ora, todos os espíritos que desejam comunicar com os seus próprios entes queridos muito amados que passaram além do véu deveriam lembrar-se de que esses amigos

continuam humanos. Possuem todos os atributos da natureza humana. Preferiam encontrar os seus amigos em privado do que em público. Portanto, se deseja ficar satisfeito nas comunicações que possam ter lugar entre os seus amigos e você próprio, encontre-se com eles em privado, e veja se seleciona os melhores instrumentos de que tenha conhecimento, pois os melhores não são demais.

P. — Queira definir a Divindade. Na sua invocação parece dirigir-se a um Espírito Eterno — gostaria de ouvir esse espírito ser definido.

R. — Só posso definir Deus para minha própria satisfação, não para a satisfação de qualquer outro indivíduo no universo. Para mim, Deus é o poder vivo e eterno de bem que vejo em toda a parte. Vejo este poder nas flores, nas rochas, no ar, em tudo o que contemplo. Em todas as coisas com que entro em contacto reconheço este poder. Para mim é bom; é Deus. Há algo de bom em todas as coisas para mim. Neste sentido sou um materialista. Não acredito num Deus à parte das suas obras. Não acredito num Deus fora da Natureza; mas acredito num que está em e ao nosso redor, e em tudo com que entramos em contacto. Para mim isto é Deus. Pode chamar-lhe Jeová, ou Brahma, ou por qualquer nome que lhe apraza, mas é o grande espírito vivo que permeia todas as coisas e controla tudo.

P. — Por que razão não temos melhores médiuns, quando é tão essencial que tivéssemos?

R. — Porque não sabeis como cuidar daqueles que tendes. Quando estes forem devidamente cuidados, e não mimados da forma errada; quando forem devidamente compreendidos e educados por vós no reconhecimento da vida divina, então, sem dúvida, o mundo espiritual exercerá o seu poder para desenvolver mais. Agora não sabeis cuidar bem daqueles que tendes. Portanto não peçais mais do mesmo tipo, ou de um tipo melhor. Não cuidaríeis deles nada melhor. Se o Jesus de outros tempos regressasse, exercendo o seu poder tangivelmente sobre a humanidade hoje em dia, a humanidade

reconheceria esse poder? Reconhece o poder? Não. Jesus diz: «Vim para os meus, mas os meus não me receberam.»

P. — Se Jesus é realmente uma pessoa, e está aqui entre nós, por que razão não vem a estes círculos e responde às perguntas? Não somos agora suficientemente inteligentes para o aceitar se ele o fizesse?

R. — Seria algo mais satisfatório? Penso que não. Será que a mera aposição do nome de Jesus o Cristo a qualquer verdade a tornaria mais verdade? Certamente que não.

P. — Viria ele se fosse convidado?

R. — É possível, e talvez provável. Não deveis entender que Jesus o Cristo em pessoa, como um espírito distinto, não possa regressar e manifestar-se aos mortais, pois certamente pode. Aquele que através da custódia da verdade tinha uma compreensão tão clara destas coisas há tanto tempo no passado, aquele que podia ver através das trevas desse passado, vê igualmente bem através da luz mais brilhante de hoje em dia; e o mesmo poder que era tão potente em outros dias não o é menos hoje em dia. Jesus o Cristo vive hoje em dia, como vivia há mil e oitocentos anos. Tem os mesmos dons, o mesmo amor, a mesma sabedoria; mas caso viesse *in propria persona* como um espírito, anunciando-se como o verdadeiro Jesus o Cristo de outros tempos, faria ele com que o compreendêsseis? Imediatamente o clamor de blasfémia seria erguido; mãos erguer-se-iam em santo horror por toda a parte; e contudo este manso e humilde Nazareno caminha no vosso meio todos os dias. Tende a certeza disso.

P. — Que espírito está a falar agora?

R. — A seu tempo compreenderá; isto é, no final desta sessão os nomes de todos os que participaram nos exercícios serão dados.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Sou solicitado a anunciar que no final desta sessão, se houver tempo e oportunidade, o jovem espírito índio conhecido como «Flor da Pradaria» lerá uma seleção do «Cântico de Hiawatha». 22 de set.

ESPÍRITO CONTROLADOR. — Se tem proposições, Senhor Presidente, estamos prontos para as considerar.

PERGUNTA. — Os movimentos da Planchette têm algo a ver com o Espiritualismo?

RESPOSTA. — O Espiritualismo, devidamente definido, significa a ciência da vida; e todas as coisas que alguma vez foram, são ou serão estão inseparavelmente ligadas à ciência da vida. Todas as suas manifestações, quer vistas quer invisíveis, são governadas pela ciência da vida. A Planchette não é uma exceção. Esta pequena e simples máquina nas mãos da inteligência é capaz de realizar prodígios. Diz-se que a pena é mais poderosa do que a espada. As pequenas coisas da vida são por vezes usadas pelas coisas maiores para um bem imenso. Sendo o Espiritualismo a ciência da vida, propriamente falando, e sendo este mesmo pequeno instrumento uma parte da ciência da vida, claro que estão ligados.

Os espíritos desencarnados ao fazerem-se compreender pelos mortais estão dispostos a fazer uso de todos os agentes na Natureza, desde o próprio universo até à pequena Planchette. Não suponha por um momento que o espírito perde algo da sua dignidade, por muito elevado que esteja nos reinos espirituais, ao condescender em comunicar com a vida aqui, mesmo através e por meio da Planchette. Na verdade, todos os meios pelos quais a inteligência possa ser transmitida da vida pós-morte para a vossa vida aqui serão usados, pode ter a certeza disso. As janelas dos céus de Deus estão abertas, e não é muito provável que venham a ser fechadas novamente, certamente não no que diz respeito à presente raça.

P. — Estão os espíritos que anteriormente existiam em corpos nesta terra limitados nos seus movimentos à atmosfera desta terra, ou podem comunicar com existências em outros planetas?

R. — O espírito, como tal, é superior à matéria. As leis que governam no espírito são superiores às que governam na matéria. O espírito é uma força positiva e potente. A matéria é um agente negativo. Sendo isto verdade, os espíritos podem exatamente tão bem viajar até às estrelas distantes e comunicar com os habitantes, tendo-se familiarizado com as condições para tal, como podem comunicar aqui com os amigos que deixaram nos seus antigos lares terrestres. A alma ou espírito possui um poder ilimitado, mas só toma conhecimento das suas posses passo a passo. Não pode controlar as forças eternas que pertencem a si própria. Apenas passo a passo pode marchar encosta acima da sabedoria eterna. Apenas até onde a alma se compreenda a si própria e às suas relações com o que a rodeia, apenas até aí pode controlar esse meio envolvente, e nada mais além.

P. — Se podem comunicar com existências em outros planetas, qual é a natureza dessas existências?

R. — As existências ou habitantes dos diferentes planetas são determinados de acordo com a vida física do planeta. Vós os da terra sois terrenos. Estais delimitados pelas leis da terra, no que diz respeito às vossas formas físicas. Sois filhos, em corpo, da terra, e deveis prestar homenagem natural à vossa mãe comum. Sendo isto verdade para vós, é igualmente verdade relativamente aos habitantes de outros planetas. Eles partilham da constituição dos planetas em que vivem, dos quais eles próprios nasceram.

Se o planeta é antigo e está numa condição rarefeita, tendo passado por muitos ciclos ou graus de desenvolvimento, os habitantes corresponderão em inteligência à condição do planeta. As almas, ou os seus corpos, pelo menos, só podem crescer ou desdobrar-se à medida que os seus progenitores, os planetas em que existem, crescem ou se desdobram. Estais dependentes da terra para o crescimento e desenvolvimento e, à medida que a terra se torna mais e mais perfeita,

os vossos corpos tornam-se mais e mais perfeitos e mais bem adaptados para a alma se manifestar através deles.

P. — São as formas nesses planetas semelhantes às nossas?

R. — Em alguns deles são.

PRESIDENTE. — A pergunta seguinte foi-nos enviada para publicação, com o pedido de que algum Espiritualista a esclarecesse, se possível. Apresentá-la-ei aqui:

P. — Os elementos no mundo do além são subjetivos ou objetivos? Isto é, comunicações que pretendem vir da terra dos espíritos declaram que árvores, montanhas, rios e flores existem ali. Existem simplesmente na imaginação, subjetivos, ou são uma realidade, objetivos? Se entrar na minha sala de estar, você, em comum com outros, concorda que há janelas, cadeiras e quadros na sala; pegue em toda a comunidade, ricos e pobres, educados e ignorantes, os bons e os maus, todos concordarão com o mesmo facto geral. Se existe um mundo espiritual, e os ocupantes do mesmo realmente comunicam connosco aqui na terra, por que razão, pergunta o descrente, não concordam os espíritos unanimemente, como acima, relativamente à realidade tangível das coisas que pretendem existir na sua esfera?

R. — Todos os fenómenos da Natureza, e todas as formas na Natureza que têm existência convosco, têm também uma existência objetiva no mundo espiritual propriamente dito. Há coisas, lugares no mundo espiritual, bem como pensamentos. O pêssego e a pera, a gloriosa árvore da floresta, a montanha e o oceano, não existem apenas na imaginação do espírito, ou na memória do que foi. Mas são realidades vivas, tangíveis, presentes. O seu correspondente pergunta por que razão os espíritos não concordam todos sobre este assunto. É muito claro por que não concordam. A pradaria ocidental não é de modo algum uma cidade do Leste. Isso há de admitir. Um homem selvagem da vossa pradaria ocidental, quando lhe falam das multidões

de seres inteligentes que enchem as vossas cidades do Leste, duvida de si, não pode acreditar em si.

E caso ele passasse para o mundo espiritual não tendo conhecimento destas cidades do Leste, regressaria dizendo-lhe que o seu mundo espiritual era uma pradaria ou um campo de caça. Não deveria esquecer que o mundo espiritual é apenas uma condição de ser, exatamente como o vosso mundo é aqui. Há lugares onde não há árvores, nem flores, nem vegetais, nenhuma das belezas da Natureza, nada que fosse belo para si, e há espíritos inteligentes a habitar em tais lugares. Se têm o poder de regressar, voltam reportando que não há belezas naturais no mundo espiritual, nenhuma paisagem natural.

Ouviram falar disso, mas não viram. É tudo imaginação — assim é para eles. Mas para aqueles que foram mais afortunados, não é imaginação. A criança feliz que regressa da terra dos espíritos falar-lhe-á das flores, dos pássaros, das gloriosas perspetivas espirituais, de tudo o que vai para alegrar a alma. Talvez no fôlego seguinte regresse um dizendo: «Não há flores, nem frutos — não vejo nada do género. O meu lar espiritual não fornece nada do género.» Terá um sido falso? Não; ambos lhe disseram a verdade. O seu lar espiritual não é de modo algum o lar espiritual de qualquer outro espírito. O seu meio envolvente depende de si próprio. É atraído por uma lei espiritual de gravitação que não pode frustrar para os seus lugares próprios no mundo espiritual. Esse lugar tem a sua paisagem espiritual natural, ou é desprovido dela. Talvez haja árvores e flores, relvas e rios, talvez não. O grande pergaminho de revelações espirituais está a ser rapidamente desenrolado, e lentamente as brumas e nevoeiros da vossa antiga superstição passarão.

Acreditastes numa Divindade pessoal sentada num grande trono branco. A seu tempo poreis essa falsa ideia debaixo dos vossos pés e abraçareis uma mais racional. Exatamente tão rápido quanto a luz da sabedoria e verdade de Deus brilhar nas vossas almas, exatamente tão rápido podeis perceber a verdade em toda a sua simplicidade. Dizemos-vos repetidamente que há coisas belas no mundo espiritual

— árvores, flores, relvas, frutos —, tudo o que tendes aqui está fielmente representado ali — pode ter a certeza disso. 24 de set.

PERGUNTA. — Diz-se que se um pedaço de ferro for colocado no chão a poucas polegadas de profundidade diretamente de norte para sul pelo espaço de dois anos, ficará magnetizado. Se isso for verdade, que efeito teria sobre o corpo humano dormir na mesma posição? Não ajudaria as forças vitais e os órgãos digestivos, e promoveria a mediunidade?

RESPOSTA. — A Natureza parece ter instituído uma multidão de formas pelas quais todas as coisas podem receber o seu devido equilíbrio magnético. É um facto científico bem conhecido que um pedaço de ferro colocado de acordo com a sua descrição ficará até certo ponto magnetizado. Separar-se-á de uma certa quantidade da sua força elétrica e ganhará uma superabundância de vida magnética. O mesmo seria sem dúvida verdade relativamente ao homem animal, mas não estou tão seguro de que fosse o melhor método para ele seguir a fim de ganhar ou reter a vida. Uma vez que o homem está sujeito constante, perpétua, eternamente às condições pelas quais se encontra cercado, atuado constantemente por forças invisíveis, externas, nem sempre lhe é possível seguir um determinado curso de ação definitivo.

Estas circunstâncias externas forçá-lo-ão a desviar-se, quer ele queira quer não. A força magnética e elétrica do universo é superior à sua vontade. Ele pode determinar que deitará a sua cabeça para norte toda a sua vida, sempre que dormir, mas uma força superior a si próprio determinará, em nove em cada dez casos, o contrário. Há uma guerra perpétua mantida entre a inteligência como exibida na vida humana e essa inteligência que se manifesta na ordem da Natureza, e esta guerra é de utilidade, pois traz ao de cima as faculdades latentes da vida individual; fortalece. Estas marés diversas têm a sua utilidade.

Exatamente como o desgosto traz ao de cima as qualidades mais finas da alma, assim estas marés magnéticas e elétricas cruzadas trazem ao de cima as qualidades mais finas da vida física. Um plano

uniforme de existência, é muito evidente, não foi o desenho do Criador em caso algum.

P. — O grande ponto procurado por mim é o conhecimento da imortalidade da alma. Vejo muitas comunicações no *Banner of Light*. São estas confirmadas pelos seus amigos? Notei algumas. Acho que posso dar pleno desconto para contradições nas comunicações dos espíritos, mas há algumas que não consigo explicar. Por exemplo, noto que o pai de Robert Hare comunica com ele através da Sra. Gourlay e localiza as esferas em redor da terra concentricamente, estando a sexta e a sétima a cerca de sessenta milhas da terra; e A. J. Davis, no «Stellar Key», localiza-as dentro da via láctea. Isto faz ele por e através de clarividência independente, e também filosoficamente. Ora surge-me a pergunta sobre como tal erro ou contradição pôde surgir, admitindo que ambos os relatos foram dados honestamente, o que não tenho razão para duvidar.

R. — Estas afirmações não são de modo algum afirmações de factos, mas simplesmente de opiniões individuais. O mundo espiritual está, de facto, a sessenta milhas da terra. Encontra um lugar na via láctea. Está em cada estrela. Alcance através de todos os universos, e está aqui no vosso meio. É o mundo infinito da mente, feito de diferentes graus ou esferas, se assim lhe apraz dividir, de acordo com os diferentes graus ou esferas de mente no mundo espiritual. Classes ou grupos de espíritos no mundo espiritual, assim chamado, são muito aptos a agrupar-se, também, por localização. São agregados pela lei do seu ser, e gravitam para certas localidades, de acordo com a lei do seu ser e a lei da Natureza que está fora deles próprios. Alguns gravitam para longe da terra, outros estão justamente aqui no vosso meio.

Ora, se me puder dizer onde o mundo espiritual não está, pode dizer-me onde Deus não está. Não conheço lugar algum ou condição de ser alguma que não seja real e essencialmente o mundo espiritual. Não importa quantos relatos contraditórios possa receber, são todos verdadeiros — verdadeiros para a fonte de onde vieram. Se eu regressar, dizendo-lhe que o mundo espiritual está a sessenta milhas

da terra, ou sobre um dos anéis de Saturno, o que deve supor? Ora, simplesmente que esse é o meu lugar de morada, o meu mundo espiritual: eu vivo ali. Outro regressa, dizendo-lhe que o mundo espiritual está aqui sobre a terra. O que deve inferir?

Ora, que o mundo espiritual desse indivíduo é ali. Disseram-lhe a verdade. Um homem aqui sobre a terra diz: «Não vejo beleza alguma na ciência da geologia. É uma ciência abstrata, inútil, algo em que não vejo como alguém possa ter prazer em investigar.» Outro diz: «O meu céu está na ciência da geologia. É glorioso para mim. Eleva-me além da terra mesmo enquanto estou a escavar no centro mais profundo da terra.» Há um relato contraditório certamente, e vindo de mentes na vossa terra, também. O que havemos de dizer a estes relatos contraditórios? Que há uma mentira assente entre os dois? Oh, não; o homem que não conseguia ver beleza alguma na ciência da geologia disse a verdade; não há nenhuma para ele. O homem que vê toda a beleza ali disse a verdade; o seu céu de beleza está ali.

P. — O que rodeia o Polo Norte? Descreva o seu meio envolvente. Se não pode, por que razão não pode?

R. — A vida rodeia-o, e todas as várias condições de vida incidentes a esse clima. Seria impossível descrever minuciosa e claramente à compreensão humana o meio envolvente do Polo Norte.

P. — Qual é a diferença entre alma e espírito?

R. — A diferença entre alma e espírito existe apenas no termo, não na essência. Essencialmente são um só.

P. — Não há algum poder residente interior ao corpo espiritual?

R. — Com toda a certeza. A essência imortal, aquilo que sobrevive à mudança, à mudança do tempo e da eternidade, habita dentro do corpo espiritual e atua através dele.

P. — O corpo espiritual está a ser construído com o físico?

R. — O corpo espiritual é, de facto, até certo ponto, construído pelo físico.

P. — O que é o fôlego da vida?

R. — Deus. O que é Deus? A lei natural. O que é a lei natural? A eternidade. E assim poderíamos continuar, acumulando definição após definição, e não dar em nada afinal, porque não podemos definir Deus. Ele é o todo de que somos uma parte. 28 de set.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Estamos prontos para responder às suas perguntas, Senhor Presidente.

PERGUNTA. — Todos aqueles que eram mais puros em vida e caráter aqui, e consequentemente mais exaltados na vida espiritual, concordam consigo em procurar propagar a filosofia espiritualista? E se não, por que razão?

RESPOSTA. — Jesus disse: «Bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus.» É minha crença que aqueles que são verdadeiramente puros nas suas vidas interiores não podem deixar de ver a Deus em toda a parte. À medida que a alma avança na pureza e na perfeição, percebe cada vez mais as verdades de Deus, aquelas a que até então chamara ocultas, misteriosas. Torna-se cada vez mais plenamente familiarizada com a ciência da vida, não apenas a vida que é, mas a que foi e a que há de vir. Pureza, bondade, perfeição, são para mim uma e a mesma coisa. São apenas termos usados para exprimir os atributos de Deus através da humanidade.

Essas inteligências que passaram desta terra com pensamentos puros, com desejos santos, com o seu ser interior elevado acima das trevas da vida humana, não podem deixar de perceber este anjo, o Espiritualismo, na sua verdadeira luz; e vendo-o e compreendendo-o como sendo a voz de Deus para os filhos da terra, se forem leais à sua pureza de alma, farão tudo o que estiver ao seu alcance para impulsionar a carruagem do Progresso, no que diz respeito ao

Espiritualismo. As fileiras estão bem compostas no mundo espiritual. Esse vasto exército que procura beneficiar o povo da terra sabe que o Espiritualismo há de ser o salvador desta época. Sabem que ele é a luz pela qual a alma compreenderá algo respeitante aos mistérios da Compaixão e, sabendo isto, trabalharão zelozamente na causa.

P. — Os opositores desta teoria, a saber: as igrejas e pregadores da Cristandade, recebem a assistência de espíritos?

R. — Recebem. Ninguém é deixado fora do Espiritualismo e dos espíritos desencarnados.

P. — Dizem-nos que o espírito do homem sempre existiu num estado individualizado; que tudo o que tem um início deve ter um fim, mas o homem, como ser imortal, sempre existiu. Se entendi corretamente, então, perguntaria: O homem, em qualquer estado anterior de existência, sabia mais do que sabia ao nascer neste mundo?

R. — A alma, em essência, é de Deus, sempre foi, é e acredito que sempre será. Mas essa individualidade externa através da qual a essência se exprime está perpetuamente a mudar. Está sujeita à lei da mudança e, desde toda a eternidade passada, tem vindo a passar por um número infinito de mudanças. Acredito na eternidade da alma, no passado, presente e futuro, mas não na eternidade da individualidade que pertence ao presente. Nenhuma alma pode reivindicar possuir uma individualidade eterna. A nossa imortalidade, aquilo que pertence às nossas vidas interiores, é de Deus, imutável, perfeita.

P. — O que é a progressão? Poderia o espírito do homem ter estado a progredir ao longo de todas as eras infinitas da eternidade passada e, ainda assim, compreender tão pouco à sua entrada no nosso mundo?

R. — Progressão, para mim, é simplesmente outro termo para mudança. A alma progride em ciclos, como toda a vida. Repete-se a si mesma repetidamente, sempre a revolver em torno do seu centro,

Deus, e a cada revolução assume uma vida mais nova, exibe alguns atributos mais perfeitos, estende-se mais longe no infinito, torna-se mais sábia, torna-se, no externo, mais santa.

P. — Gostaria que desse a sua ideia sobre um poder que tem estado com algumas pessoas durante anos, pelo qual, se disserem a outra pessoa que uma mesa está mais pesada do que o seu peso habitual, essa pessoa, na maioria dos casos, reconhecerá que um poder invisível está sobre a mesa, tornando-a bastante pesada, sem que quem fala entre em contacto com a mesa ou use o seu poder de vontade conscientemente.

R. — Os espíritos desencarnados têm o poder de acrescentar às leis da gravitação natural e de retirar delas. Por exemplo, certos espíritos têm o poder de tornar este artigo de mobiliário (a mesa) muito leve ou muito pesado, mas o poder só pode ser usado através de certos organismos físicos. Com toda a probabilidade, o indivíduo de quem fala possuía o poder requisitado.

P. — Pode este poder ser aplicado com sucesso na remoção de doenças à distância, enviando uma carta?

R. — Certamente que pode.

29 de set.

PERGUNTA. — Queira explicar esta passagem da Escritura — Tiago i: 12: «Bem-aventurado o homem que suporta a tentação; porque, quando for provado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam.»

RESPOSTA. — Sim, bem-aventurada de facto é a alma que é feita sujeita à tentação, porque a tentação, quando devidamente compreendida, é o poder propulsor pelo qual a inteligência de todos os graus deve progredir. Um Colombo é tentado a experimentar a incerteza do futuro no que diz respeito a encontrar um novo mundo e, tão forte é a sua tentação, que finalmente, em conjunção com a sua

razão e intuição, cede a ela, e por ela progride, e deixa o velho e entra no novo. Jesus procurou sempre impressionar esta verdade nas mentes dos seus ouvintes, que a tentação era um bem e não um mal, uma bênção e não uma maldição; e contudo deveríamos procurar sempre essa luz mais elevada para nos guiar quando somos tentados, para que possamos andar no caminho sem tropeçar, para que possamos ir destemidamente através da noite da tentação.

P. — Explique também o seguinte — Apoc. xxi: 8: «Mas, quanto aos cobardes, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos fornicadores, e aos feiticeiros, e aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre; o que é a segunda morte.»

R. — Não tenho fé na definição geralmente aceite dessa passagem da Escritura. Não acredito na existência de qualquer lago literal de fogo e enxofre. Sei que os elementos que produzem toda esta deformidade moral, se lhe posso chamar assim, não podem entrar no Reino dos Céus. Sei que todo o bem menor tem de ser mudado, será mudado, para o bem maior; e sei, também, que tais mudanças são levadas a cabo através de profundo sofrimento. Sempre que a alma sofre, está no inferno; quando o sofrimento cessa e a alegria começa, está no céu. Não importa onde esteja.

P. — Explique também o seguinte — Heb. x: 26: «Porque, se pecarmos voluntariamente, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados, mas uma certa expectativa terrível de juízo, e ardor de fogo, que há de devorar os adversários.»

R. — Uma velha feição mosaica da lei mosaica. Nesse pecado que para a sua salvação depende de sangue humano, de sacrifício humano, não acredito. «Sem derramamento de sangue não há remissão de pecados», assim diz a lei. Mas essa lei era um ténue reflexo da lei divina através das trevas dos tempos. As mentes, no estado subdesenvolvido, sabem instintivamente que o pecado tem de

desaparecer. Deve haver algum poder pelo qual o pecado há de ser mudado. O velho método era pelo sacrifício, fosse humano ou outro. E quando Cristo veio, disse-se que ele era esse sacrifício divino que era necessário a toda a humanidade, para que todos pudessem ser salvos por e através dele. Ora, vós confundistes a letra com o espírito, o corpo com a vida interior. Tendes estado a sacrificar no externo, quando deveríeis ter estado a sacrificar no interno.

P. — Como pode esta ideia de sacrifício ser removida das mentes do povo?

R. — Pelo crescimento natural e espiritual; certamente de nenhuma outra forma. Uma ideia que é forçada na mente humana antes de esta ter crescido o suficiente para a receber nunca dará fruto algum. Lembrai-vos, aquele que é «convencido contra a sua vontade continua com a mesma opinião». Sempre que a alma tiver crescido o suficiente para ir além de todas estas ideias erróneas, passará além delas.

P. — Mas se a alma não sentir a necessidade de qualquer esclarecimento adicional, o que acontece então?

R. — Então — certamente podeis saber que ela não progrediu para fora das trevas. Continua nas fraldas de uma velha teologia enfaixada. Sempre que ela sentir a necessidade de luz, a luz virá.

P. — Disse que quando a alma estava feliz estava no céu, e quando miserável estava no inferno. Temos o poder de ser sempre suficientemente bons aqui para sermos sempre felizes?

R. — Não, certamente que não; nem seria bom que fôsseis sempre felizes. As almas precisam da disciplina da infelicidade a fim de saberem que têm o céu.

P. — Então não somos agentes morais livres?

R. — Num certo sentido somos; num certo outro sentido não somos. Na medida em que estamos em harmonia com a lei que nos governa, na medida em que atuamos em harmonia com essa lei, somos agentes morais livres; mas quando lutamos contra ela, o nosso livre-arbítrio moral desapareceu. 1 de out.

PERGUNTAS & RESPOSTAS 1862

A Celebração do Natal

«É correto que os Cristãos celebrem o aniversário do nascimento do nosso Salvador como muitos o fazem, com cantos de alegria e dança?»

Esta é uma pergunta que nos é colocada neste dia. Não nos cabe a nós, ó nosso consulente, declarar que existe qualquer padrão perfeito de bem. Acreditamos que todos e cada um dos que ostentam a imagem da vida têm o direito de acreditar e agir por si mesmos, e de adorar a Deus à sua própria maneira. Portanto, nenhum padrão pode ser estabelecido segundo o qual os homens devam adorar. A grande massa da mente religiosa precisa de ter um Deus pessoal para adorar — precisa de ter algo tangível perante o qual se curvar, orar e pedir esmolas.

Esta exigência ainda não saiu do crescimento da velha mitologia religiosa, que foi transmitida às crianças dos dias de hoje e da qual elas não largaram o contacto. Elas precisam de ter algo a que se agarrar. Portanto, deixai-as ir aos seus templos e curvar-se perante o Jeová pessoal; é assim que elas adoram. Não nos cabe a nós dizer que fazem mal, embora possam não ter alcançado o espírito da verdade que liberta todos os homens.

Outra classe da humanidade que acha adequado avançar com alegria nos seus lábios, e a luz da alegria a brilhar nos seus olhos, e

que entra em todas as festividades da vida, e goza a alegria da hora, diremos nós que fazem mal? Acreditamos que adorar e gozar tais festividades vão de mãos dadas. Aqueles que dançam fazem bem, não menos do que aqueles que dobram o joelho. Podem orar exatamente tão bem nas festividades de um dia de festa como no ato do culto Cristão. E, frequentemente, as pessoas são muito mais religiosas na sua alegria do que aquelas almas que se sentam em pano de saco e cinza.

É correto adorar a Deus assim e assado? Ó nosso consulente, é correto viver de acordo com a luz mais elevada que temos e, se o fizerdes, não estareis errados. Se algumas pessoas desejam celebrar por oração e louvor o nascimento do nosso bom irmão Jesus, deixai-as fazê-lo; se outras desejam adorar a Madona, deixai-as fazê-lo, se acham que estão certas; se ainda outras desejam sair para o desfrute da natureza, deixai-as fazê-lo, se acham que estão certas. Desde que o homem não transgrida a lei física e moral, ele está certo. Não há padrão geral pelo qual adorar. Tenha o nosso consulente consigo o Anjo da Caridade e tereis mais paz, ajeitai-vos a crer em nós. 24 de dez.

Violação da Lei — Punição do Pecado. Têm os amigos uma pergunta para nos propor?

«A violação de uma lei física ou material não é um pecado, da mesma forma que a violação da lei moral é pecado? Se assim for, qual é a distinção?»

Há uma lei tão positiva e certa a governar o ser material como a que governa o espiritual, e é certamente tanto um pecado violar qualquer porção da lei física como violar a lei espiritual; pois a lei física é inteiramente dependente da lei espiritual. A vós, como espírito, é entregue a responsabilidade de um templo material. É vosso, e estais dotados da capacidade de o proteger e acarinhar

devidamente. É protegido por certas leis e, se infringirdes essas leis, sofreis fisicamente, pois o sofrimento é a penalidade do pecado; e quando tiverdes pago pelo vosso pecado até ao último centavo, ficais livres, e não antes.

Se não há outros que desejem interrogar-nos, falaremos alguns momentos sobre uma pergunta já diante de nós:

«Se Deus pune o pecador com a morte, como são, então, todos os homens imortais?»

Esta é uma pergunta que recebemos, sem dúvida, de alguém que está em dúvida relativamente à imortalidade de toda a raça humana. Ele acredita que apenas uma certa porção da grande família humana é imortal, e que essa porção são aqueles que alcançaram uma determinada idade aqui e também cumpriram certos requisitos morais, segundo a sua definição da coisa. «Se Deus pune o pecador com a morte, como são, então, todos os homens imortais?» O nosso bom irmão confundiu o pecador com o pecado — a execução da lei com a própria lei. Ele não conseguiu perceber a larga linha de demarcação entre os dois. Está a viver demasiado no mundo material — a lidar demasiado com coisas materiais e não o suficiente com os dons do céu e da imortalidade, e das coisas a eles ligadas. Sabemos que esta é a sua condição, porque a sua própria alma é um espelho para nós.

Percebemos que o nosso bom irmão, na pergunta diante de nós, faz referência a essa passagem da escritura que reza assim: «O salário do pecado é a morte.» Se o nosso irmão estudasse mais profundamente o significado da passagem, poderia tornar-se um pouco mais esclarecido, sem a nossa ajuda. Procurámos sempre incutir esta verdade nas mentes dos nossos ouvintes — que todo o pecado é mortal e, assim, está destinado a morrer. Não pode viver sempre, mas deve regressar às suas origens novamente e ser fundido num estado de vida mais elevado. A morte está marcada nele — e porquê? Porque a

mudança é a lei que governa todas as coisas — porque a grande lei do progresso perpassa todas as coisas e conduz todas as coisas a uma condição de vida mais elevada, separando-as do inferior e fundindo-as no superior. «O salário do pecado é a morte.»

Morte a quê? Ao pecado. «O salário do pecado é a morte», praticamente — não apenas em matérias espirituais, mas é a grande lei que perpassa toda a natureza. Proclama-se a si mesma na vida da prostituta, do homicida, do ladrão, do bêbado — toda essa classe de seres que viveram uma mentira — todos os que beberam da fonte do desgosto. Todos percebem que o salário do seu pecado é a morte — morte do pecado, não do pecador. A lei da mudança eterna está marcada neles, e o pecado, que é um grau menor da bondade e pureza da vida, deve passar para o abismo da morte. Deus assim o ordenou, e a grande lei da natureza exige um justo equivalente por tudo o que dá.

Sabei, portanto, ó nosso consulente, que tudo o que é mortal deve tornar-se imortal, e que a alma não existiria agora a menos que existisse para sempre, pois é o fôlego de Deus revestido com vestes carnais. E sabei também, ó nosso consulente, que a alma humana, uma vez iniciada na grande jornada em direção a Deus, nunca pode voltar atrás — nunca pode perder os seus direitos sobre a Divindade, mas é tão fiel ao seu Pai como a agulha ao polo. Ó nosso consulente, procurai conhecer as coisas da vida mais elevada. Entrai no templo do Deus vivo e não habiteis mais nos escuros claustros do materialismo e das trevas morais. Procurai compreender a Deus como ele realmente é — o Deus tanto dos justos como dos pecadores, e então aprendereis algo dessa grande lei que mantém os universos nos seus devidos lugares. 12 de nov.

Doença e Recuperação

Têm os amigos uma pergunta para propor? Se assim for, estamos agora prontos para a ouvir e responder. Se não houver nenhuma, falaremos brevemente sobre uma que já temos connosco.

A pergunta diante de nós foi respondida muitas, muitas vezes; mas como foi agora apresentada para a nossa elucidação, falaremos novamente sobre ela. A pergunta é esta:

«O espírito desencarnado conhece a doença e a recuperação?»

Se o nosso consulente se refere às doenças incidentes ao corpo, diremos prontamente que Não; mas, segundo a sabedoria que recebemos das esferas além da terra — segundo o nosso padrão espiritual —, declararemos que o espírito conhece de facto a doença e a recuperação. Há muitos no mundo espiritual que ainda sofrem das doenças da terra — aqueles que passaram por anos de miséria aqui e que foram trazidos muito em contacto com as relações brutas da materialidade.

Encontramos uma classe de indivíduos que têm todas as suas energias voltadas para a prossecução de uma ideia de estimação — que lançaram todas as suas faculdades da alma na balança que lhes dará alguma coisa desejada. Ora, ao fazê-lo, o indivíduo permite a expansão de uma faculdade, ou conjunto de faculdades, em negligência ou prejuízo de outra. Um Webster chega ao mundo espiritual moralmente doente. Porquê? Porque lançou todos os poderes da sua alma na balança intelectual. Esforçou-se por estar num patamar mais elevado, intelectualmente, do que outros homens, e o resultado é que falhou no devido cultivo e cuidado da sua natureza moral — desdobrou-se no mundo espiritual moralmente doente.

Mas continuarão os espíritos no seu progresso em diante? Todos os espíritos do mundo espiritual têm o poder de despojar condições doentias — de crescer naturalmente a partir delas e desdobrar-se moralmente, e ampliar as faculdades que foram atrofiadas e sufocadas.

O bêbado vem ter connosco mental e moralmente doente. O que faremos por ele? Primeiro, dar-lhe uma visão clara de si próprio;

deixá-lo perceber claramente a sua própria deformidade e o seu pecado à vista de Deus. Dar-lhe a saber o que ele pode ser, bem como o que ele é. Ensinar ao seu coração aquilo de cujo conhecimento o mundo e a igreja o privaram — que, embora sujeito ao mal, ele é intrínsecamente divino, e só tem de exigir o seu próprio direito de nascença e manter-se numa condição digna dele. Assim que tiver aprendido a primeira lição e percebido a verdade dos nossos ensinamentos — que ele é de facto divino —, dará então o passo correspondente no progresso. Ele avança, e todas as funções do seu espírito são trazidas à atividade — a ação saudável é estabelecida, a doença é lançada fora e o espírito é salvo das dores da «Segunda morte».

Poderíamos falar de muitos tipos de doença — muitos graus de subdesenvolvimento por que o espírito deve passar para alcançar o plano de perfeita liberdade. Mas antes de irmos, suplicaríamos àquele que nos interrogou que afaste dos seus lábios o cálice intoxicante. Vem a nós, ó homem de intelecto, com todas as tuas faculdades da alma intocadas, mas vem a nós também como as criancinhas, pois o nosso divino irmão disse: «delas é o reino dos céus». Lança de lado o teu orgulho intelectual e entra no templo da harmonia — a presença do Deus vivo. Dedica então a Deus toda a tua natureza eterna e adora-o em espírito e em verdade. Eleva a ele cantos de ação de graças e, por sua vez, a tua alma será tocada por um carvão vivo, que purgará toda a escória e deixará apenas o ouro puro. 14 de nov.

A Missão dos Anjos

Qual é a missão dos anjos para com os habitantes da terra?

Esta é a pergunta apresentada para consideração do momento. Respondemos que a sua missão é estabelecer a lei do amor e da boa vontade. A sua missão é impor a prática dessa lei santa entre os filhos e filhas da terra. Jesus, o Antigo e Divino, veio entre a humanidade

para ensinar essa lei do amor a tais filhos de Deus que até então tinham tido o seu caminho às cegas ao longo das vias da terra, no meio de cenas de trevas e pecado. Mas a gloriosa maré da vida tem vindo a fluir encosta abaixo do tempo há séculos e, hoje em dia, ides beber dessa vida.

A missão dos anjos, oh, é uma missão divina! Eles vêm para que possam arrancar de vós a vossa própria justiça e imcompaixão! Eles vêm para vos vestir com vestes de pureza e amor, e para envolver sobre os vossos ombros o manto da caridade! Eles vêm para que vos possam ensinar a olhar para dentro do vosso interior! Eles vêm para vos falar do Deus que habita dentro de cada alma humana e através cujos ensinamentos divinos vos haveis de tornar herdeiros do céu!

Os anjos, quem são eles? Os espíritos dos falecidos; aqueles que outrora partilharam do cálice da mortalidade convosco, que caminharam pela terra no meio de cenas de desgosto e sofrimento e são, portanto, os mais bem preparados para vos confortar nas vossas horas de provação e aflição. Eles vêm pelo poder do Todo-Poderoso para estabelecer um reino entre vós, tal como o passado, tal como o cristianismo antigo jamais sonhou. Através do Espiritualismo, os seus anjos vêm pelo poder do Deus Todo-Poderoso para vos dar aquilo que nada mais vos pode dar!

Ó nosso irmão, sai das trevas que até agora envolveram a tua alma, resolvido a saber mais do futuro eterno, que se estende ténue e sombrio diante dos teus olhos cegos pela terra, e pedindo ao Grande Eu Sou que te dê luz, que dissipe as nuvens que escondem as suas belezas da tua vista! Respondemos que a nossa missão é tirar o velho e dar-vos o novo; ensinar-vos uma nova religião, por meio da qual até a mais baixa das criaturas de Deus possa ser salva; ensinar-vos que não tendes o direito de julgar uns aos outros, mas deveis deixar todos os julgamentos nas mãos de um Deus misericordioso.

Vimos ensinar-vos, ó filhos errantes da terra, que o Todo-Poderoso está convosco em todos os momentos e em todos os lugares! Oh, não ides para os deslumbrantes antros de pecado e injustiça em busca do fantasma do prazer, mas virai-vos do mal que vos rodeia para o caminho da virtude e santidade, que o próprio Cristo já traçou para vós. Oh, a nossa missão é a missão de Jesus! Quando eras futuras tiverem corrido e o tempo não existir mais para vós, mas a eternidade for vossa para sempre, então, oh então, percebereis plenamente a missão dos anjos para com os filhos da terra!

Então não pauseis na vossa carreira de aprendizagem, mas buscai esses dons mais elevados de Deus continuamente, e encontrá-los-eis; e enquanto gota após gota vem ter convosco do Reino de Deus, oh recebei gota após gota à medida que vem ter convosco, abençoando o doador dela. A missão dos anjos, oh, é dar-vos um Reino dos Céus, mesmo aqui sobre a terra. 19 de junho.

Progresso do Espírito

Têm os amigos qualquer pergunta para nos fazer? Estamos agora prontos para ouvir tal.

Um visitante sugeriu como pergunta:

«O progresso do espírito é imediato ou é por graus distintos?»

Há muitos graus distintos na vida, tanto aqui como no além. Um dos mais distintos para vós na terra é a mudança chamada morte. Há tantas mudanças inteiramente distintas depois da morte como antes. O crescimento ou desdobramento do Deus em miniatura é gradual — tão gradual que mal se percebe. O orvalho cai silenciosa e gradualmente — a terra bebe-o silenciosa e gradualmente. As flores desdobram-se silenciosa e gradualmente. Assim, em todas as manifestações

exteriores, o desdobramento do homem é gradual. Os graus menores são pequenos, muito pequenos, de tal modo que os sentidos exteriores não os conseguem perceber, contudo são distintos em si mesmos.

As cadeias exteriores que envolvem a sociedade entrelaçam-se umas com as outras e passam de uma para a outra. Não há andar para trás na natureza, nem há grandes passos em frente. Nenhum homem de má índole hoje se pode tornar um santo amanhã, nem um santo hoje se pode tornar de má índole amanhã. Não pode haver desespero hoje e ventura amanhã, nem o inverso. Os grandes poderes no universo têm de ser trazidos ao espírito individual. Portanto, chegamos à conclusão de que o desdobramento do espírito tem de ser gradual. 3 de dez.

A Eletricidade como Força Motriz. Fomos solicitados a responder a uma pergunta relativa à eletricidade. Esta pergunta é:

«Irá a eletricidade alguma vez ser usada no movimento de grandes substâncias materiais?»

Não há elemento em, debaixo de, ou acima da terra, ou nas regiões celestes, que o homem não possa e não vá fazer seu servo. O homem é dotado de sabedoria, e ele é a única porção da criação do nosso Mestre que é dotada de sabedoria. Em virtude disto, ele tornar-se-á um Deus em si mesmo. Sendo assim, temos de supor que, mais cedo ou mais tarde, ele se tornará tão familiarizado com o elemento elétrico a ponto de o fazer seu servo em cada aceção da palavra. Os últimos anos desdobraram muito na ciência da eletricidade. O homem já deu muitos passos no sentido de a tornar seu grande servo. Julgando pelo passado, sabemos que ele a tornará uma serva, para cumprir as suas ordens e obedecer aos seus comandos, implicitamente.

No presente há apenas uma pequena compreensão do elemento, comparada com a que haverá no futuro. Irá ele usá-la no movimento de objetos ponderosos? Muito certamente que sim. Ó nosso consulente, sabe que no âmbito de uma gota de água há um poder

elétrico, se devidamente aplicado, suficiente para derrubar o Monumento de Bunker Hill. Falamos do que sabemos. Quando o homem vier a compreender plenamente a natureza do elemento, não o usará para fazer a sua vontade? Muito certamente que sim. À medida que o homem desdobra a sua mente, o material na sua natureza recua. Olhai para trás quinhentos anos e mal reconhecereis o homem desse dia como pertencendo à vossa raça.

A força física morre perante a marcha da mente. O homem faz com que os elementos o sirvam. Na medida em que exige certas condições para a sua felicidade, para o seu desenvolvimento, se não as encontrar nas forças físicas, deve procurá-las nos elementos e usá-las também. Olhamos em redor pela terra e vemos que temos tudo a manter o passo com o crescimento da alma. Tudo é melhorado. Máquinas enchem os nossos mercados para tomar o lugar da força. Isto e aquilo tomarão o lugar das forças físicas e realizarão o trabalho que o homem costumava realizar.

Há poucos anos o fluido elétrico não era de todo compreendido. Um Franklin descobriu um pouco da sua natureza e, em poucas experiências, procurou apertar-lhe a mão! E achou-o pronto a apertar-lhe a mão. Em poucas eras vindouras, o homem não só apertará a mão ao universo, mas envolver-se-á nele. Isto, mortal, nós sabemo-lo, e quando te postares nas praias da imortalidade, concordarás connosco em que a eletricidade será o teu mais valioso servo no futuro. 3 de dez.

O que é um Milagre?

Propomo-nos considerar e responder brevemente a uma pergunta proposta por um dos clérigos da nossa cidade. O nosso amigo acha adequado prefaciar a sua pergunta com a seguinte declaração: que os Espiritualistas e médiuns em geral acreditam e declaram que Jesus de Nazaré não era mais do que um médium, realizando apenas tais atos que os médiuns do século dezanove são capazes de fazer, e não mais do que eles podem fazer.

PERGUNTA. — «O que é um milagre? E são os médiuns de hoje em dia, aqueles que se intitulam médiuns espiritualistas, capazes de produzir ou realizar milagres tais como os que foram realizados pelo Jesus do passado?»

O que consideramos que os milagres sejam. Quando justamente definidos, não são mais nem menos do que violações das leis da Natureza, ou infrações contra a Divindade. Agora fazei uma pausa e deixai que o consulente se faça a pergunta a si próprio, se pode supor um indivíduo capaz de infringir as leis naturais? E, novamente, o que é a lei natural? Podemos dizer-lhe que é Deus. Então a lei natural e a Divindade, para nós, são uma e a mesma coisa. Portanto, para violar a lei, infringimos a Divindade. Sendo assim, declaramos que nunca foi realizado um milagre. Nunca houve e nunca pode haver um indivíduo capaz de violar a lei da Natureza. Ninguém é capaz de tal violação, e a Divindade não pode ser violada. Se assim for, onde está a sabedoria de que tanto se fala como centrada em Jeová?

Não pretendemos negar a declaração relativamente aos médiuns espirituais. Temos sempre ensinado e acreditamos que Jesus de Nazaré era humano bem como divino. Ele era um médium tão perfeito quanto algum dia existiu; mas que ele tenha alguma vez realizado um milagre, nós negamo-lo. Ele era perfeitamente leal ao seu Deus.

São os médiuns capazes de realizar os milagres que Jesus realizou? São capazes de realizar exatamente o que ele fez. Se acreditarmos nele, temos de concluir assim. «Estas coisas podeis vós fazer», diz Jesus. Não só isto saiu dos seus lábios, mas de toda a natureza, descendo as eras passo a passo e revelado a nós na presente era.

Presumimos que o nosso bom irmão perguntará se Jesus não ressuscitou os mortos. Ele nunca o fez e nunca o poderia fazer. Isso

teria sido uma violação das leis da Natureza, uma infração contra a Divindade. Ó nosso bom irmão, enquanto lês a nossa resposta e ergues as tuas mãos em santo horror perante a conclusão a que chegamos, olha para a luz derramada no estrangeiro e olha para ela com um olho sem preconceitos. Não carregues contigo os ensinamentos da tua teologia mística, nem habites nas regiões do passado morto. Permite-nos acrescentar, nunca leias a Deus pela luz da tua teologia morta.

Contemplamos, mesmo agora, a luz derramada sobre o nosso bom irmão. Virá ter com ele nas vigílias silenciosas da noite, e a razão romperá o preconceito que há tanto tempo o rodeia. Quando a razão for ouvida, como apelada, nunca mais será silenciada. Sentimos que o tempo da primavera da tua nova vida amadurecerá numa colheita frutífera, quando regressares ao Deus da Natureza e não habitares mais em credos escuros, mortos e imprestáveis. 5 de dez.

O que é a Vida?

Esta é a pergunta que temos de considerar neste momento. O que é a Vida? Uma máquina belíssima e perfeita, que funciona muito bem nas mãos de quem a compreende, mas uma muito fraca nas mãos de quem a não compreende. Portanto, aconselharíamos o nosso consulente a procurar saber mais da vida, para que saiba como gerir esta máquina maravilhosa. Esta é a nossa definição. 10 de dez.

Perguntas e Respostas.

Estamos agora prontos para responder a qualquer pergunta dos amigos presentes.

PERGUNTA. — «Se temos alguns amigos espirituais presentes, ficaríamos felizes por ouvir da parte deles.»

RESPOSTA. — Essa é uma pergunta a que só eles podem responder.

P. — «Se um espírito tem um forte desejo de comunicar com esta médium, pode ele ter acesso para comunicar com este círculo imediatamente, ou deve esperar por certas condições?»

R. — Se o desejo do espírito estiver em harmonia com o meio envolvente, o espírito pode vir quando quiser; mas se for antagónico ao meio envolvente não o poderia fazer e deve esperar até entrar em harmonia. Alguns espíritos não entram em tal harmonia durante muitos meses, alguns durante anos, enquanto outros possuem os requisitos logo à primeira vinda.

P. — «É a Consciência um guia infalível?»

R. — É suficiente para guiar os homens através desta esfera mundana e podemos dizer que é infalível. A Consciência é positiva e absoluta nos seus ditames do bem. Se o homem obedecesse sempre aos seus ditames, estaria sempre certo. A Consciência é por vezes apenas o meio envolvente do homem. É o guia mais infalível que Deus deu à humanidade.

P. — «Não é ela em parte filha da educação?»

R. — Aquilo que os homens muitas vezes confundem com a consciência é apenas educação. É frequentemente difícil julgar entre os dois; mas, à medida que o homem avança na escala da vida, pode distinguir a diferença facilmente. Acautelai-vos da consciência artificial, essa que é apenas um legado do passado. Segui aquilo que brota para vós de uma fonte na vossa própria alma, puro e sem preconceito, e estareis certos. Toda a religião dos dias de hoje não passa de partes ou porções daquela que pertencia aos antigos.

Dizemos toda, pois não há uma religião na terra que não fosse conhecida há milhares de anos.

Alguns homens são muito conceituosos relativamente à observância do Sábado e não farão isto nem aquilo, porque dizem que Deus separou o dia e o santificou. É a consciência ou o bem, ou é a educação que dita muitas destas coisas? Acreditamos que há consciências pervertidas, envolvidas como que por vestes, seguir as quais vos levaria inevitavelmente ao erro; mas se tendes uma consciência simples, infantil, e seguirdes os seus ensinamentos, ela nunca vos levará no mau caminho.

P. — «Pode dizer-me a distinção entre pedir para não ser levado em tentação e pedir poder para resistir à tentação?»

R. — Não conseguimos perceber a diferença entre as duas — se temos o poder de resistir, não podemos ser facilmente levados em tentação.

P. — «Não é mais seguro evitar a tentação?»

R. — Muito certamente que é. 10 de dez.

O Propósito da Mensagem de Inglaterra.

Estamos agora prontos para qualquer proposição que possa ser oferecida por qualquer pessoa presente. E gostaríamos também de acrescentar que somos quase incapazes de controlar a nossa cobaia, por causa da sua condição física. Não obstante, faremos o melhor que pudermos.

PERGUNTA. — «Se for adequado, gostaria de perguntar qual é o propósito da mensagem de Inglaterra?»

RESPOSTA. — É perfeitamente adequado. Ponha a sua pergunta numa forma apropriada.

P. — «Qual é o propósito da mensagem de Inglaterra para a nossa Administração relativamente ao caso Trent?»

R. — Aquilo que você ou muitos possam supor como vindo do quartel-general em Inglaterra não vem dessa fonte. Esse plano foi concebido pelos vossos irmãos, que vos são inimigos, e Inglaterra nada tem a ver com isso. Acredite em mim — isto é um mero falatório que rebentará quando chegar à superfície e não saberá mais nada sobre o assunto. Pretende exigir a libertação imediata dos vossos dois prisioneiros, Mason e Slidell, com certas outras coisas que não nos interessa especificar. Mas carrega no seu exterior uma falsidade porque exige algumas coisas, não só contra a lei americana, mas contra a lei britânica. Os mais interessados cometeram um grande descuido, o qual dirá a seu tempo com o mais excelente proveito. 19 de dez.

Certo e Errado

«Como podemos nós, pobres mortais, saber quando estamos certos e quando estamos errados?»

A pergunta que nos foi dada para a consideração desta tarde é uma que tem vindo a ser feita desde o início da vida civilizada. A humanidade tem vindo continuamente a fazer esta pergunta há mais de dois mil anos e no presente continua à deriva sobre um mar incerto, sem bússola nem leme. Mas por que razão vão à deriva sobre um mar incerto, visto que há um Deus para os pôr no bom caminho e os conduzir em segurança ao porto, perguntaria você?

Há uma razão para a humanidade estar assim tristemente situada. «Como podemos nós, pobres mortais, saber quando estamos certos e quando estamos errados?» Quando vislumbramos a esfera ou localidade peculiar de pensamento de onde a nossa pergunta emana, não podemos senão ficar maravilhados; não podemos senão perguntar ao nosso consulente: como é que está assim lançado sobre um mar incerto, sem piloto ou guia para o conduzir em segurança à margem? Tal como a pomba de Noé, parece não ter onde pousar. «Como podemos saber quando estamos certos e quando estamos errados?» É impossível para o indivíduo ser governado por qualquer lei comum ou geral, visto que não há dois criados iguais, portanto não há dois que possam pensar igual, não há dois que possam acreditar igual, não há dois que possam adorar igual ou curvar-se perante qualquer altar ou padrão único do bem.

«Como podemos saber quando estamos certos e quando estamos errados?» A Natureza ou o seu Deus colocou dentro da alma de cada um dos seus filhos um monitor que, se for escutado atentamente, lhes ensinará sempre o bem e os avisará do mal. É verdade que o caminho para o céu é extremamente estreito e reto; tão reto e estreito que apenas um pode caminhar nele de cada vez. Mas no preciso momento em que dá um passo fora desse caminho santo, nesse momento fica perdido; você afasta-se então de si próprio, o que é afastar-se do seu Deus.

«Como podemos saber quando estamos certos e quando estamos errados?» Você sabe que há uma satisfação da alma quando faz o bem; você sabe que é melhor dar do que receber; você sabe que é melhor adorar aquilo que é ditado a partir de dentro, ou a partir do ponto de vista mais elevado do seu conhecimento, do que curvar-se perante o altar de outro. Quando o indivíduo perde o seu caminho, ou se afasta do bem, então começa a adorar no altar de um alguém sobre quem nada sabe. Ele perde a sua responsabilidade. Ele não tem lar, não tem lugar de morada, não tem Deus, não tem esperança, não tem nada sobre o qual assentar a sua fé e fixar as suas convicções honestas

de alma. Contudo, não há desculpa para alguém se equivocar no caminho que Deus traçou para cada um dos seus filhos, e nada é mais verdadeiro do que aquilo que o antigo viajante diz do homem — embora seja um tolo, não precisa de se afastar do bem.

Estes fracassos por parte da humanidade brotaram todos de uma causa. Vocês não obedeceram ao Deus do vosso interior. Não tem havido resposta a partir de dentro e o clamor da vossa alma tem sido continuamente: «Oh, mostra-me o bem e eu cumpri-lo-ei!» Oh, em nome de Deus não seja governado pela opinião de outro sobre o bem e o mal, mas consulte esse monitor, o grande EU SOU, que habita na alma de cada ser humano, e nunca será desviado do caminho reto.

Como saberá quando faz o mal? Este mesmo monitor que lhe apontou o bem também lhe dirá quando faz o mal do mesmo modo. Se julgar injustamente, o que é julgar qualquer pessoa além de si próprio, logo será tornado ciente do mal que cometeu, porque não está em paz com a sua própria alma e, tal como a pomba de Noé, não consegue encontrar descanso.

O Filósofo Chinês deu-lhe um padrão de bem e mal verdadeiramente glorioso, e um que está ao alcance de cada alma humana; até o mais pobre de vós pode seguir os seus ensinamentos divinos: Fazei aos outros o que quereríeis que vos fizessem a vós. Nesta regra de ouro estão envolvidos todos os atributos da Divindade: simples, grande, glorioso e sublime é o caminho traçado para cada indivíduo. Oh, não permita que nenhum de vós consulte o Deus de outro, mas vire-se para dentro de si próprio e, acredite em nós, encontrará o céu. Não se equivocará no caminho e não há pedra de tropeço na vereda que conduz à vida eterna.

Oh, possa Deus na sua Divina Misericórdia — o Deus do nosso consulente — esclarecer e reavivar de tal modo a sua natureza espiritual, que ele não venha novamente ao mundo exterior; mas que

se vire para dentro e pergunte ao seu próprio Deus que caminho deve seguir para encontrar o céu. 26 de junho.

C. C. Felton

Meus amigos, a língua inglesa falha em dar-me palavras para me exprimir nesta ocasião.

PERGUNTA. — A capacidade de inspiração é um dom peculiar, inerente à constituição de certos indivíduos, ou é adquirida — se assim for, de que maneira?

RESPOSTA. — Inspiração — o que é? Podemos declarar que é o fôlego do Todo-Poderoso e dizer a verdade. Ninguém está sem ela. A inspiração sempre inundou o mundo mental. Certas formas orgânicas são mais inspiradas do que outras, mas acreditamos que não há ninguém que se encontre nas colunas intelectuais da vida que não seja mais ou menos inspirado continuamente. A inspiração não é algo que seja adquirido por qualquer processo externo ou intelectual; vem sem ser chamada. Os vossos médiuns são mais inspirados do que aqueles ao vosso redor no plano comum da vida; e porquê? Por causa da sua organização mental peculiar, que lhes permite retirar inspiração do mundo superior. Vá onde quiser, onde a vida intelectual for encontrada sobre a terra, e ali encontrará inspiração num grau maior ou menor, visto que uma não pode existir sem a outra.

P. — É possível para uma forma humana nascer e crescer até à idade adulta e não possuir um espírito, como no caso dos tolos ou idiotas?

R. — Acreditamos que o Todo-Poderoso dotou cada forma humana com um espírito individual. Pela violação de alguma lei da natureza, a forma pode ter-se tornado imperfeita, não deixando

nenhuma via aberta através da qual o espírito se possa manifestar. Tal espírito pode dizer-se estar encerrado ou sepultado no corpo e, quando nasce no mundo espiritual, é como um recém-nascido, no que diz respeito ao conhecimento das coisas espirituais. Mas o espírito é tão perfeito no idiota como em Webster.

P. — A mente tem alguma ligação com a alma?

R. — Concebemos a mente como sendo o espelho no qual a alma se reflete. A mente pode ser chamada uma força subtil, que atua sobre o cérebro, e através dessa força ou peculiaridade subtil, o espírito manifesta-se às coisas externas.

P. — A alma do homem não é um composto de tudo o resto no universo?

R. — Certamente que não. Pois aquilo que é composto em si mesmo é destruível e pode ser facilmente dissolvido; e como sabemos que a alma é imortal, portanto não pode ser um composto. É uma obra por si mesma, evoluída a partir do grande centro do universo, Deus; é distinta e uma parte, e não pode, em momento algum, ser infringida através de leis materiais. 3 de março.

O Fim Principal do Homem.

Estamos agora prontos para receber tais perguntas que possam ser propostas por amigos presentes. «Qual é o fim principal do homem?»

O fim principal do homem, ou o que o homem mais deseja — pois é o que ele deseja, em vez do que faz. A partir do nosso ponto de vista, entende-se que o seu fim principal é a felicidade. E isso não se encontra, como a igreja nos disse, num estado de descanso e inatividade. O espírito do homem está sempre ativo e em frente, alcançando continuamente patamares cada vez mais elevados.

O fim principal do homem é em todos os momentos e sob todas as circunstâncias fazer a vontade de Jeová. A igreja e a ignorância ensinam que ele é propenso a afastar-se de Deus e a desobedecer-lhe. Nós declaramos que nunca houve um espírito individual que transgredisse a menor porção da lei de Deus. Tudo o que Ele dotou com faculdades peculiares a si mesmas, a que o Infinito deu uma chave própria, pela qual abrir o portão do céu e da paz. Encontramos felicidade e céu de acordo com o desejo das nossas próprias almas. Um homem encontra felicidade em oprimir a humanidade, para que possa subir ele próprio ao fazê-lo. Esta é a felicidade dele ou dela. Diremos nós que eles fazem mal ao fazê-lo? Certamente não é errado para a causa que o produz.

O fim principal do homem está em glorificar a Deus, podemos dizer, mas para ele isto é apenas num pequeno círculo. Fazer a vontade de Jeová em todos os momentos, quer estejamos num estado mortal ou imortal, é apenas passar um passo mais alto em frente. Continuar para sempre em busca da felicidade é buscar obedecer e glorificar a Deus. Isto não é mais nem menos do que o fim principal do homem. 9 de jan.

Forma do Espírito do Homem

Propomo-nos agora ocupar um curto espaço de tempo a responder a quaisquer perguntas que nos sejam apresentadas por aqueles que estão presentes. Se não houver nenhuma, falaremos brevemente sobre uma que já temos connosco. A pergunta é esta:

«Irá o espírito do homem reter para sempre a sua presente figura ou forma?»

Se havemos de julgar pelo passado, diremos que o espírito do homem nem sempre reterá a sua presente forma. Ao olharmos para a

estrutura da forma física do homem, encontramos há apenas quatro mil anos que as formas físicas que então habitavam a terra estavam muito distantes das formas que habitam a terra no presente. Embora carreguem uma semelhança muito impressionante com essas formas, contudo para o olho agudo do espírito clarividente há uma larga linha de demarcação. São diferentes em todos os respeitos; e o material de que são compostas era muito mais bruto e grosso do que aquele que vai para constituir as formas do presente. As formas que tendes convosco são mais perfeitas, são muito mais refinadas — instrumentos muito mais adequados para o espírito da Divindade se manifestar através deles. O espírito do passado esteve bem através das formas que o passado lhe deu; mas agora o espírito da Divindade precisa de formas diferentes, e assim a natureza produziu-as, e assim o fará sempre.

Ora, então, se as formas de hoje diferem tão grandemente das formas da humanidade de há quatro mil anos no passado, certamente aquelas que hão de vir serão tão diferentes do presente como o presente é do passado. Declaramos-vos que quatro mil anos no futuro darão ao homem na terra formas que diferirão das vossas de hoje muito mais amplamente do que as do presente diferem das do passado. A Natureza está a crescer continuamente, a crescer em sabedoria, a crescer em beleza e perfeição — a crescer em direção ao grande coração central da Divindade. Assim é necessário que o espírito de mudança esteja continuamente a trabalhar no vosso meio, e se ele não produz uma mudança para melhor a cada hora, a cada momento, a cada segundo de tempo, para que serve ele? Certamente, se não o faz, ele não realiza bem a sua missão nem faz o seu trabalho. O homem é o grande ser central da existência animal. Não há forma mais bela do que aquela que ele tem, porque ele se encontra no plano intelectual e no plano espiritual; porque ele é dotado com essas partículas de ser retiradas do passado que o sustentam no presente, e o sustentação no futuro de todos os tempos, mudando e crescendo conforme ele possa vir a precisar delas, para sempre.

O Ser Infinito que nos trouxe até à nossa presente posição não tem ideia de nos deixar onde agora estamos; contudo o que o futuro diante de nós há de ser não nos cabe a nós saber — mas sabemos este pouco: excederá de longe as formas que tendes hoje, porque a Natureza nunca abandonou o seu trabalho — nunca falhou na realização de nada que empreendesse. A sua missão é para todo o sempre progredir e desdobrar-se — não num reino, mas em todos. Encontramos esta verdade ilustrada da mesma forma nos reinos mineral, vegetal, animal, espiritual e celestial. O selo da mudança está marcado não apenas sobre as coisas do espírito, mas sobre todas as coisas mortais da mesma forma.

Apenas tendes de olhar para as coisas externas da criação para acreditar que dizemos a verdade. Tudo na natureza está continuamente a passar por mudanças peculiares — continuamente a tornar-se mais espiritual e refinado, em perfeito acordo e harmonia — continuamente a expandir-se cada vez mais perto da perfeição. Cada flor, grão de areia e lâmina de relva — todas as coisas pequenas e grandes estão da mesma forma destinadas a passar da condição antiga e inferior e a entrar na mais nova e mais bela. Se assim é num caso, deve ser assim para sempre. O grande Deus trabalha através de toda a natureza e, tal como todas as outras coisas na natureza, a forma humana ascenderá continuamente cada vez mais alto na escala da progressão e assumirá uma condição mais harmoniosa, aperfeiçoada e bela.

Sendo assim, ó nosso consulente, acreditamos que o futuro exigirá uma forma mais perfeita do que o passado exigiu, e mais perfeita do que a do presente, no grau em que o presente é superior ao passado. Acreditamos que assim será; e novamente dizemos: se havemos de julgar pelo passado, sabemos que assim será. 14 de jan.

PERGUNTA. — Qual é a condição de que se fala como Vida Celestial?

RESPOSTA. — A vida celestial é a vida da sabedoria, afastada das condições mundanas, ou a vida progredida. O céu celestial pode estar convosco dentro desta sala e contudo ser-vos desconhecido. Dentro do pequeno âmbito do vosso próprio domínio ou ser, podeis por vezes encontrar o mundo da alma. Quando o espírito é liberto da terra, fica pasmado com a sua própria grandeza e a sua magnitude é uma fonte inesgotável de surpresa para muitos que tinham medido o mundo da alma por limites materiais. Pode encontrar prazer por anos vindouros em vagar através do seu próprio império sem limites.

Não precisa de sair dos limites do seu próprio domínio de alma para encontrar o céu; enquanto aqui na esfera mortal medis a alma por condições materiais, esforçais-vos por confiná-la dentro de limites ou fronteiras externas. Mas quando lançardes fora as vestes da mortalidade e passardes para o mundo espiritual, vereis ali o reino dos céus, a cidade do vosso Deus. A vida celestial é a vida da sabedoria e da alma. Oh, quando a alma contempla o espelho do seu próprio ser, à parte da mortalidade, fica maravilhada de como pôde ter sido por tanto tempo enganada, por tanto tempo ter habitado nas trevas.

Não precisais de vagar para nenhum planeta distante para saber das glórias e mistérios desse planeta, pois dentro da vossa própria alma existe um espelho de todas as coisas criadas. Foi-vos dito que elas são microcosmos do universo, mas esse termo aplica-se também à vossa estrutura ou ser material. Se eu fosse desdobrar perante o vosso olhar apenas uma milésima parte dos mistérios da vossa própria alma, curvar-vos-íeis e adoraríeis o eu. Mas uma Inteligência sábia que permeia a vida universal escondeu de vós, enquanto na vossa infância, estes mistérios não contados; mas quando passardes para a idade adulta, ou o segundo grau da vida intelectual, então adorareis a Deus, e ao Deus Verdadeiro, também, em Espírito e em Verdade.

P. — Não há uma lei que progride a matéria?

R. — Com toda a certeza.

P. — E ela não muda?

R. — Pensamos que não. De acordo com o nosso entendimento, é sempre a mesma e não está sujeita às condições do tempo. 5 de maio.

Opinião dos Espíritos sobre Parson Brownlow. A pergunta apresentada para a consideração desta tarde é de natureza demasiado pessoal para lidarmos com ela com qualquer extensão; mas como nos foi apresentada, daremos, não obstante, uma vista de olhos sobre ela. A pergunta é esta:

«Dar-nos-ão os espíritos a sua opinião sobre Parson Brownlow?»

Todos e cada um dos atos do espírito humano são impulsionados e forçados à existência pelo poder motor do amor-próprio. Se este sentimento não existisse no coração do homem, ele não teria desejo de se elevar a si próprio ou de avançar os interesses da humanidade. Ora esta felicidade própria, ou céu próprio, é o grande poder que move toda a criação. Se o homem não desejasse tornar-se, no futuro, algo maior do que os seus instintos animais o levariam a ser, ele não teria disposição para cultivar e exercitar a faculdade do amor-próprio, com a qual Deus dotou todos os seus filhos num grau maior ou menor.

Ora, então, não podemos acusar o nosso amigo Brownlow de ter mais deste elemento do que aquele com que o nosso consulente está dotado. Cada pessoa deseja aperfeiçoar-se a si própria. Alguns escolhem ir para o céu pelo caminho do inferno — alguns seguem um curso mais direto. Ora o nosso bom amigo, o Parson, deseja, como todos desejam, aperfeiçoar-se a si próprio, tanto quanto possível neste mundo, e construir para si uma morada no céu; e deseja cercar-se, enquanto vivo, por essas condições que lhe são mais congéneres.

Ora, então, a partir deste ponto de vista de visão, declaramos que Parson Brownlow fez bem; mas caso assumíssemos outra posição para efeitos de observação, sem dúvida que o julgaríamos de forma muito

diferente daquela que agora fazemos. Se nos postássemos na plataforma do Sul e olhássemos para ele através das lentes do Sul, achá-lo-íamos — tal como a massa do povo no Sul no presente acha — tudo o que é horroroso e repulsivo. Despi-lo-íamos imediatamente daqueles atributos nobres que o Norte lhe atribuiu e para o exercício e exibição dos quais o acolheriam de bom grado nos seus corações com amor e honestidade.

Dissemos que o sentimento de amor-próprio impulsiona e força à ação todos e cada um dos atos do espírito humano, e por muito incrível que isto vos possa parecer ao olhardes para a superfície, é contudo correto, porque dado por Deus. Que o nosso bom amigo o Parson deseja beneficiar a humanidade, não há dúvida; e que ele deseja elevar-se a si próprio na escala da progressão humana há tão pouca dúvida; mas na medida em que ele caminha de acordo com as suas ideias mais elevadas do bem, ou de acordo com os ditames do Deus dentro dele, dizemos que ele está certo. Ao próprio Parson diríamos: «Continua e eleva não apenas o teu próprio eu, mas a humanidade em geral pela tua própria força, pois Deus deu-te poder para fazer isto, e podes continuar o teu caminho regozijando-te, através do tempo e da eternidade.» 16 de junho.

Esquecimento — Remorso — Medo. Têm os amigos uma pergunta para nos propor? Se assim for, estamos prontos para ouvir e responder.

«O espírito na sua condição mais elevada esquece as circunstâncias de uma condição anterior ou inferior — perde a memória do seu estado anterior?»

A memória, com o espírito, é eterna. O espírito do homem pode voar tão alto quanto queira, pode ir muito além das cenas da humanidade; mas por muito alto que o espírito voe, ele retém para sempre uma memória de todo o passado. Pode haver momentos em

que as cenas do presente possam obscurecer as do passado, mas nunca podem varrer o passado do recetáculo da memória; e sob certas condições ele é reiluminado ao olhar da alma. Nada o pode apagar, ou torná-lo menor do que era no início. A Memória é Eterna, tal como o grande autor da Memória é Eterno.

«É o Remorso para ser sem fim, então?»

A Memória do Remorso é para ser Eterna, mas quando essa condição da mente que é equivalente ao Inferno tiver realizado o seu trabalho de purificação, o espírito de Remorso passará, pois não é imortal — não é eterno.

Um amigo de um dos Estados irmãos deseja saber algo relativamente ao registo de Ananias e Safira; deseja saber se é de facto verdade que a morte súbita os visitou em consequência de eles dizerem mentiras?

Devemos dizer aqui que o registo é inteiramente falso — que nenhum evento desses jamais teve lugar — que estamos dispostos a desacreditar que estas pessoas tenham morrido em consequência de dizerem uma inverdade, não sendo a morte do humano nunca, de acordo com a Divina Providência, o resultado de uma mentira, imposição, ou o que quer que escolha chamar-lhe. O registo informa-nos de que essas duas pessoas não só mentiram ao homem, mas a Deus. Foi um pecado cometido contra o Espírito Santo e, como tal, o pensamento incutiu terror nas suas almas. Ora, que estas pessoas possam ter passado, ou morrido, através da agência do Medo, não duvidamos. Estamos cientes de que isso poderia ter ocorrido por esta causa, pois há muitos casos desses no registo moderno e, sem dúvida, muitos desses são conhecidos por alguns de vós. Mas se o nosso amigo acredita que o próprio Deus deu um passo fora do curso natural da sua lei e, por meio de uma Divina Providência, privou Ananias e Safira da existência terrena, e os privou da sua imortalidade, em

consequência do seu engano, ele está grandemente enganado. Desejamos declarar aqui que não duvidamos do registo do falecimento súbito, mas questionamos a causa do evento como nele declarada. Muitos viajantes encalharam nesta rocha. Mas chegou o tempo em que as coisas ocultas são tornadas claras, e as coisas misteriosas do passado são lidas e interpretadas à luz de um novo poder e de uma sabedoria mais subtil. As leis de Deus não mudaram, mas são as mesmas agora como eram na era Apostólica. Essas duas pessoas, se morreram de todo, como representado, entregaram a sua mortalidade, não porque Deus as tenha ferido pela sua falsidade, mas através da influência do medo. 11 de nov.

A História de Sansão

A seguinte pergunta foi dada e respondida pelos espíritos:

PERGUNTA. — A história bíblica de Sansão era verdadeira e, se assim for, por que razão perdeu ele o seu poder com a perda do seu cabelo?

Acreditamos, mais ainda, sabemos que a história, ou registo, é verdadeira em substância, mas na sua passagem ao longo das eras recebeu muita coloração e elaboração; contudo em essência é verdadeira. Um homem como Sansão, acreditamos, viveu uma vez sobre a terra e sob as circunstâncias declaradas no Antigo Testamento.

Os Espiritualistas modernos perceberão que o homem Sansão foi dotado de força espiritual; sendo ele obrigado a ser lançado num estado de existência anormal, a fim de empunhar esta faculdade excessiva de força com grande proveito. O Espiritualismo moderno lança muita luz sobre este, como sobre todos os outros registos bíblicos. Portanto, os Espiritualistas lerão a Bíblia de forma muito mais compreensiva do que os céticos e não-crentes, permitindo as suas perceções mais delicadas analisar e interpretar num relance as

passagens mais complicadas e misteriosas contidas nesse livro da escrita sagrada.

Por que razão perdeu Sansão a sua força ou poder com a perda do seu cabelo? Simplesmente porque perdeu um poderoso canal mediúnico, através do qual o poder lhe era dado, sendo o cabelo um condutor perfeito de eletricidade. Muito poder vem através do cabelo dos vossos médiuns. Contudo, direis vós, até os nossos médiuns perdem o seu cabelo, mas não o seu poder. A isto responderíamos que o mesmo poder que tira estes canais naturais para o fluxo de eletricidade por vezes abre outros igualmente úteis. Sansão, tendo perdido as suas sete tranças de cabelo, consequentemente perdeu os sete canais através dos quais os seus guias invisíveis lançavam a sua força elétrica sobre ele. O vidente antigo ou moderno perceberá uma certa luz, ou halo, a certas cabeças de algumas pessoas, uma luz tal como geralmente vemos a envolver a cabeça nas pinturas do nosso Salvador. Como explicar isto satisfatoriamente, eles não o sabem, porque não conhecem a filosofia do cabelo. Tolice!, grita o cético. Sabedoria no sentido mais profundo!, grita o crente, e o cético, também, quando ambos se postarem na praia imortal; pois quando o véu for rasgado em dois que esconde o mundo espiritual da visão humana, o homem contemplará coisas mais grandes e belas do que até a sua poderosa imaginação concebeu enquanto habitante da terra.

Quando estudardes a forma humana, seria bom estudar, não uma parte apenas, mas tudo o que vai para constituir o corpo; pois não há a menor partícula usada no mecanismo do corpo que não seja necessária para a vossa felicidade espiritual no futuro.

A mulher, em todas as eras, tem sido mais dotada em faculdades percetivas do que o homem, e porquê? Por causa do crescimento e comprimento naturais do seu cabelo. Se este é o caso, podeis perguntar, e justamente, também, por que razão o sábio Doador da Lei não impressiona o sexo mais forte para aumentar o seu poder usando o

cabelo comprido? Responderíamos que porque o homem não tem tanta necessidade disso, estando bem provido de força de outras formas; embora a natureza, através das suas incontáveis fontes, diga ao homem para não rapar o cabelo.

A Bíblia é um registo belíssimo das manifestações de Deus para com o povo da terra, agora em existência. Seria bom, então, para todos vós estudar e ler fielmente esse registo, pois ele será uma grande chave para os mistérios do Espiritualismo moderno. Lede-o, então, e agradecei a Deus por o terdes. 17 de março.

Resistência ao Mal

Se estiver presente alguém com uma pergunta ou perguntas para propor, estamos prontos para ouvir e responder, se o pudermos fazer; mas primeiro talvez seja bom declarar que o nosso assunto não permite um longo controlo, e teremos de ser breves esta tarde.

Foi proposta a pergunta:

«Será correto, sob quaisquer circunstâncias, resistir ao mal ou retribuir o mal com o mal?»

Quando considerada de um ponto de vista, não é correto; quando considerada de outro, é correto. As Escrituras ensinaram o mundo cristão a resistir ao Diabo, e ele fugiria dele. A Cristandade, e o mundo em geral, no passado e até ao presente, tiveram uma fraca compreensão do mal — o Diabo, a tentação — todas estas várias formas que podem ser classificadas sob um único cabeçalho. Repetimo-lo, a Cristandade e o mundo tiveram uma fraca compreensão daquilo a que chamais mal. Ser tentado é simplesmente ser atraído para o que se chama mal. A lei da atração e da repulsão governa o universo material e dirige também o universo espiritual. A

tentação, segundo as nossas ideias, não é mais do que o poder da atração.

Embora possa parecer sombria e má em si mesma, não deixa de ser uma parte da lei de Deus e tão necessária ao desenvolvimento da humanidade em todas e quaisquer condições como os orvalhos e os aguaceiros da meia-noite são necessários ao desenvolvimento da flor. A flor, a árvore e toda a vegetação não podem dizer à escuridão: «Não tenho necessidade de ti; tenho o sol e posso crescer sob os seus raios dourados, e o aguaceiro da meia-noite não me serve de nada.» Nem a humanidade pode dizer: «Não tenho necessidade das sombras chamadas mal.» É bom que cada indivíduo viva de acordo com a luz mais elevada que possui — ou, por outras palavras, obedeça o melhor que puder ao Deus que está dentro da sua alma. Se sente que é positivamente correto fazer determinada coisa, acredite em nós, essa coisa é correta.

Se acredita que está a fazer algo de errado, a coisa é errada para si. Aquilo que pode ser errado ou correto para o seu vizinho pode não o ser para si. Todos deveriam compreender-se a si mesmos e àquilo que está dentro de vós. Não há necessidade de saírem fora de vós mesmos para saberem seja o que for sobre o caráter de Deus ou para averiguarem o que é correto ou errado. Consulte o grande instrutor dentro de si mesmo e raramente se extraviará.

Dizem-nos que Cristo disse a um que o estava a tentar a fazer determinada coisa: «Vai-te para trás de mim, Satanás — não terei nada a ver contigo.» Dizem-nos que Cristo disse isto e aquilo quando o espírito maligno veio a Cristo e colocou diante dele certas coisas que pensava que iriam atrair o nosso divino irmão e desviá-lo do cumprimento do seu dever; mas Jesus compreendeu as artimanhas do tentador, pois não havia nada na natureza de Jesus que o pudesse atrair para o tentador. Ele poderia ter colocado todas as suas forças no caminho do nosso amado irmão, mas ele tê-las-ia considerado como nada, pois a lei da repulsão governava dentro dele e ele teria dito: «Vai-te para trás de mim, Satanás, não terei nada a ver contigo.» Se

tivesse sido possível a Jesus ser desviado por este tentador, ele teria sido desviado; mas a lei da repulsão governou inteiramente nesse caso. Os homens supõem que foi porque Jesus tinha um conhecimento superior de todas as condições da vida; mas não foi assim.

Manifestou-se não apenas através de Jesus a lei espiritual, física, moral e religiosa, mas cada uma e todas as partes são mais ou menos livremente manifestadas através de cada um e de todos os filhos da humanidade. É correto que o nosso irmão faça aquilo a que Deus o impele. É errado fazer aquilo a que não tem um impulso para fazer. Não precisa de ir para o mundo exterior ou para a igreja para saber o que é correto e o que é errado. Dentro da sua própria alma está o juiz e o guia. Só tem de olhar para aí para aprender o caminho para o céu. 19 de Ago.

Causa da Presente Guerra

Recebemos uma pergunta de uma das principais mentes da Nação Americana. Se os presentes não têm perguntas a fazer-nos, procederemos à resposta àquela que já temos connosco. A pergunta é esta:

«Qual é a causa da presente guerra civil?»

Presumindo que o nosso amigo se refere diretamente à causa material — aquela que existe no mundo material —, falaremos dessa causa, tendo pouco ou nada a ver com a espiritual — embora existam causas espirituais, bem como materiais, tal como existe um mundo e um corpo espiritual, bem como um material. Cada coisa, cada pensamento, tem o seu lado espiritual e também o seu lado material.

Qual é a causa da presente guerra civil? Os vossos antepassados eram curtos de vista, como o resto da humanidade, e não perceberam tanto do futuro como talvez pudessem ter percebido se tivessem tido

um pouco mais a ver com o espírito das coisas e menos com o material, com toda a honra para as suas mentes e para os seus feitos. Falamos com a devida deferência em relação a eles e certamente não pretendemos predispô-los contra aqueles que sentem que todas as ações do passado são sagradas.

Quando a Constituição dos Estados Unidos foi elaborada, foi elaborada demasiado apressadamente — sem um devido respeito pelo bem-estar do povo no presente e pelo dos seus descendentes no futuro. Os nossos antepassados argumentaram desta forma: «Lutámos numa longa guerra, o despotismo foi derrubado e o direito triunfou. Estamos cansados e desejamos descanso.» E assim procuraram erguer para si um templo de Governo — demasiado depressa —, sem um devido respeito pelo futuro. Não dedicaram nenhum pensamento definitivo àqueles que viriam depois deles. Construíram o templo da Liberdade e da Independência, é verdade, mas não olharam suficientemente longe para o futuro para contemplarem as coisas de hoje. Que havia um pilar fraco no templo que erigiram, a guerra civil que divide a vossa nação hoje bem o prova.

Em vez de erradicarem a escravatura africana do seu meio — em vez de varrerem dos armazéns toda a palha, não permitindo que ficassem senão os grãos verdadeiros —, permitiram que algo que é pelo menos moralmente doentio existisse com eles. «Permitiremos que assim seja por enquanto», disseram; «é de pouca importância e, quando tivermos tempo, cuidaremos disso e acabar com isso.» Mas esqueceram-se, quando disseram isto, de que, à medida que a nação ganhasse força, a escravatura africana também ganharia força. Esqueceram-se de que a criança Escravatura cresceria para se tornar poderosa — não tão fácil de ser vencida. Foi-lhe permitido existir quando a Constituição foi elaborada e tem-lhe sido permitido desde então. Agora, esta manifesta negligência do dever por parte dos vossos antepassados foi a causa material direta da vossa presente guerra civil.

Os vossos políticos legalizaram a escravatura e os vossos púlpitos defenderam-na, simplesmente porque os vossos antepassados não tiveram o cuidado de acabar com ela. Ela impregnou-se na vossa nacionalidade e tornou-se tão poderosa que não conseguem livrar-se dela por quaisquer meios mais brandos; daí a vossa presente guerra civil. Não há outra causa, religiosa, política ou moral, para o vosso confronto civil; mas é devido ao erigir deste pilar fraco no templo do vosso governo. Quando tentam agora remover esse pilar, toda a restante estrutura treme. Este pilar tornou-se um instrumento de grande mal moral e social na vossa gloriosa Constituição. Todos os outros pilares sofrem em consequência disso e a estrutura tornou-se fraca, não havendo cura em toda a nação, no Sul ou no Norte. Cada Estado secessionista declara que já não pode existir em harmonia com o Norte porque o povo aprendeu os efeitos desastrosos daquele único pilar sobre o qual os seus pais basearam o tecido da Constituição, e o seu bambolear é sentido em todo o templo. O Norte sente-o, o Sul sente-o, e é a causa da vossa guerra civil.

Ora isto ensinar-vos-á hoje uma lição maior do que o passado jamais vos deu; e essa lição é fazer o vosso dever hoje e não adiá-lo para amanhã. O amanhã traz outras condições e forças. E quando a consciência dita fazer determinada coisa, ou não a fazer, obedeçam à voz da consciência, que é a voz de Deus, e não terão de fazer o vosso dever em anos posteriores, sob condições desvantajosas. Se a escravatura africana tivesse sido erradicada na manhã da vossa nação, poderia ter sido feita sem derramamento de sangue; mas, como estão as coisas, o sangue de milhares será necessário para branquear as vossas vestes. Acredita em nós, amigo, esta é a causa material direta e positiva da vossa presente guerra civil. 20 de Ago.

A infalibilidade do Contacto Espiritual. Se estiver presente alguém com perguntas para nos propor, estamos prontos para as responder. Se não houver ninguém, falaremos sobre uma que já nos foi dada, que é esta:

«Por que razão as comunicações que recebemos, supostamente vindas do mundo dos espíritos, são tantas vezes tão imperfeitas?»

O Espiritualismo é atualmente uma mera criança perante a humanidade. Não cresceu muito nem se tornou forte, e os seus poderes são ainda débeis — muito fracos. As mentes que habitam na terra não estão prontas para receber nada mais forte ou mais perfeito do que a criança Espiritualismo é capaz de dar. O nosso sábio Pai planeou todas as coisas com sabedoria. A ignorância não faz parte dele. Tudo o que ele faz, faz com sabedoria e bem. E como nos dizem que o nosso Pai faz todas as coisas, ele consequentemente tem algo a ver com a criança Espiritualismo.

Na vossa falta de discernimento e curta visão, estão sempre a pedir mais do que aquilo de que podem cuidar bem, física e espiritualmente; pedem uma inundação de luz maior do que aquela que são capazes de receber e usar devidamente. No entanto, pedem, devido àquela influência propulsora dentro de vós — aquela lei pela qual deveis progredir e superar toda a escuridão, tornando-vos livres em espírito, bons e felizes. Estamos constantemente a pedir, porque o desejo foi implantado nas nossas naturezas; mas o mesmo poder que plantou este desejo estabeleceu-lhe limites.

Se todas as comunicações do mundo dos espíritos para os habitantes da terra fossem perfeitas — fossem exatamente o que a mortalidade poderia pedir ou desejar —, o que supõem que seria o resultado? Em primeiro lugar, os nossos sujeitos perderiam a sua humildade — subiriam demasiado alto na sua estima própria e cercar-se-iam de uma força demasiado positiva, e nós não seríamos capazes de superar inteiramente essa força. Eles construiriam em redor de si mesmos uma parede alta e os seus amigos espirituais não seriam capazes de a escalar. Esta seria uma das consequências de tal evento, e o mundo ficaria com medo dos médiuns, sabendo que eles tinham o

poder de exercer tal influência para a felicidade ou para a miséria. Acreditem em nós, o mundo tremeria se recebessem tudo o que tolamente pedem. Acreditem em nós, o Espiritualismo moderno seria mais uma maldição do que uma bênção se chegasse até vós mais depressa do que as vossas mentes pudessem receber e assimilar a sua verdade. Permitam-nos perguntar ao amigo que nos interrogou: Seria sensato da sua parte esperar que o pequenino que acabou de começar a aprender o seu abecedário dominasse todo o reino científico numa lição ou fosse além de certos limites do intelecto? Dir-nos-ia que não, porque ele é uma criança e está numa condição incipiente de intelecto ou mentalidade. A nossa nova e gloriosa religião, já vos dissemos, é também uma criança; e à medida que crescem e se expandem nas vossas naturezas espirituais, assim a criança Espiritualismo cresce e se torna forte, e receberão alimento espiritual de acordo com a capacidade da vossa natureza.

Deus escuta e responde sempre às orações dos seus filhos; mas para aqueles que pedem apenas por curiosidade, ele não tem resposta. Quando nos pedem para derrubar o Monumento de Bunker Hill, supõem que o faremos para satisfazer a vossa curiosidade? Supõem que o podemos fazer? Dizemos-vos que não. Aquele Deus que nos criou estabeleceu limites sobre nós, e podemos fazer até determinado ponto e não mais. Na nossa esfera de vida estamos tão sujeitos a condições como vós estais. Por isso vós, que pedem mais luz espiritual do que aquela que são capazes de receber sem prejuízo para a vossa visão, não se admirem de que o grande Autor das vossas almas não atenda à vossa exigência; mas voltem-se para dentro de vós mesmos e vejam se não têm o suficiente para cuidar — o suficiente que não conseguem compreender —, o suficiente que não têm o poder de apreender.

Oh, aprendam bem as lições da hora, e a seguinte fornecer-vos-á algo mais elevado, mais nobre e mais grandioso. 22 de Ago.

A ideia de Criação, o trazer à existência de um mundo através da palavra; o chamar algo do nada é simplesmente absurda. Quem pode produzir tal evento? Certamente nem o próprio Deus. Consegue conceber um lugar onde nada exista? Admitimos, de facto, que houve um tempo em que havia o caos — mas os elementos que constituem a terra e tudo o resto eram tão perfeitos há milhões de anos como o são hoje; mas Deus deu-lhes o poder de desenvolvimento tão rápido quanto lhes era devido. Ele deu às formas de vida que existiam nos tempos antigos apenas o suficiente de vida desenvolvida para as enviar através do tempo, amadurecendo gradualmente, tornando-se mais elevadas e mais nobres. Sabemos que Deus é precisamente o mesmo ser que era há mil e seiscentos ou dezasseis mil anos. Os elementos da vida em todas as formas existentes manifestam-se exatamente da mesma maneira que se manifestavam há milhões de anos, e precisamente pelos mesmos princípios.

Supor que o nosso Deus era um Deus de progressão seria supor que ele era finito — que se poderia demovê-lo da sua intenção ou da sua vontade. Ora, nós não acreditamos no progresso dos princípios. Acreditamos no progresso das manifestações, que são as vestes exteriores das coisas. Sendo assim, não podemos ter simpatia por aquilo que o velho relato da Bíblia nos dá relativamente à criação do mundo.

Se o nosso amigo tem mais perguntas a fazer-nos sobre este assunto, estamos prontos para as ouvir.

Poderia explicar a formação da terra e dos diferentes planetas?

A ideia de Criação, o trazer à existência de um mundo através da palavra; o chamar algo do nada é simplesmente absurda. Quem pode produzir tal evento? Certamente nem o próprio Deus. Consegue conceber um lugar onde nada exista? Admitimos, de facto, que houve um tempo em que havia o caos — mas os elementos que constituem a

terra e tudo o resto eram tão perfeitos há milhões de anos como o são hoje; mas Deus deu-lhes o poder de desenvolvimento tão rápido quanto lhes era devido. Ele deu às formas de vida que existiam nos tempos antigos apenas o suficiente de vida desenvolvida para as enviar através do tempo, amadurecendo gradualmente, tornando-se mais elevadas e mais nobres. Sabemos que Deus é precisamente o mesmo ser que era há mil e seiscentos ou dezasseis mil anos. Os elementos da vida em todas as formas existentes manifestam-se exatamente da mesma maneira que se manifestavam há milhões de anos, e precisamente pelos mesmos princípios.

Supor que o nosso Deus era um Deus de progressão seria supor que ele era finito — que se poderia demovê-lo da sua intenção ou da sua vontade. Ora, nós não acreditamos no progresso dos princípios. Acreditamos no progresso das manifestações, que são as vestes exteriores das coisas. Sendo assim, não podemos ter simpatia por aquilo que o velho relato da Bíblia nos dá relativamente à criação do mundo.

Se o nosso amigo tem mais perguntas a fazer-nos sobre este assunto, estamos prontos para as ouvir.

Poderia explicar a formação da terra e dos diferentes planetas?

Cada uma e todas as manifestações exteriores, quer sejam pequenas quer grandes, são para nós um ramal da grande Mente Central ou Princípio que permeia todas as coisas materiais. Estas formas humanas, segundo as nossas ideias, não passam de uma corporização exterior ou externa de condições inferiores da matéria. Estes corpos são os instrumentos através dos quais o espírito do Altíssimo é capacitado para se manifestar a e através de todos os outros departamentos da Natureza. A vasta variedade de planetas que preenchem o vosso universo veio à existência pela mesma lei através da qual vós viestes à existência. O mesmo poderoso princípio que

planeou lenta e gradualmente o intelecto e a alma humanos trouxe tão lenta e firmemente a matéria para fora do caos para a forma do vosso belo planeta.

Mas este poder não criou algo a partir do nada para flutuar como mundos no Universo. A mesma grande lei que cria a minúscula flor para vos abençoar com a sua beleza e fragrância chamou os vastos mundos, cada um e todos eles, no seu tempo e lugar, à forma. Assim, todas as coisas são governadas por uma lei que lhes é própria e que é comparável à grande lei geral, tal como o planeta terra é comparável ao centro do sistema planetário. Assim como a terra se move em redor do sol central, assim cada coisa e tudo, material ou espiritual, se move em redor do Deus central; e, tal como o próprio Deus, em momento algum pode ir para fora da sua órbita própria.

Há um campo vasto e poderoso aberto diante de nós, tão poderoso que as nossas palavras nos parecem insignificantes. Este assunto requer tempo — uma quantidade de tempo maior do que aquela de que dispomos para usar de momento. 26 de Ago.

O Dia do Juízo

Estamos agora prontos para quaisquer perguntas que os nossos amigos tenham preparadas para nós.

«Qual é a condição daqueles espíritos que acreditavam no dia do juízo geral e na ressurreição do corpo material?»

Quando o espírito do homem se despoja do seu envoltório, ou se solta do corpo físico, é precisamente a mesma identidade que sempre foi. Se era Ortodoxo enquanto estava num templo mortal, é Ortodoxo em espírito; se era Universalista antes de deixar esse templo, é o mesmo depois disso. Se na terra era Católico, o espírito é Católico na vida espiritual. Todos e cada um são em espírito o mesmo que na vida

material. Na Bíblia há uma passagem que diz: «Como a árvore cai, assim fica.» Nós aplicamo-la desta forma: Como o homem morre, assim entra no plano espiritual da vida. A mesma lei permeia tudo. A mudança do estado de mortal para a imortalidade é apenas uma mudança de condição — não de natureza. Ora o espírito, quando deixa a terra e passa para a outra vida, carrega consigo a crença que foi plantada e nutrida antes desse evento. Os espíritos não perdem a sua crença religiosa com os seus corpos, mas ela adere a eles até que tenham sido capazes de participar de alimento mais forte, intelectual e espiritualmente, e assim receber a luz mais forte sob a radiância da qual o velho passará e o novo lhe sucederá. A condição do espírito emancipado é precisamente a mesma que a condição de alguém aqui na forma com tal crença. Todo o ser que perdeu o seu corpo entrou no plano espiritual esperando ver todas as coisas diferentes; mas a expectativa engana continuamente. Eles têm de se despojar do velho e vestir o novo antes de poderem ver as coisas como elas são.

Milhares ainda acreditam na velha ideia da ressurreição do corpo físico porque não morreram a acreditar de outra forma. O sentimento de falta de caridade para com todos os que vivem e morrem fora do seio da Cristandade é tão proeminente entre os espíritos como entre os mortais, e eles abraçam tão devotamente o sudário do sectarismo em que foram envoltos como alguma vez o fizeram enquanto estavam na terra; apenas à medida que recebem a luz daqueles que estão acima deles é que soltam o seu apego para agarrar realidades imperecíveis.

Se alguém é apreciador de olhar para a vasta e bela expansão da Natureza, fora da Igreja, entra na existência espiritual mais verdadeiramente como um amante de Deus e um estudante mais apto e pronto para as verdades da Natureza. A Igreja clama por Deus, mas não o encontra como o concebeu, e fica desapontada; assim, milhares de espíritos regressam à terra insatisfeitos e infelizes.

Há muitos propenso a aceitar as verdades da nova dispensação que não se atrevem. Há milhares que de boa vontade deixariam as coisas de outrora e agarrariam o novo e mais belo, mas não se atrevem e têm vergonha de confessar o seu Senhor e Salvador. E o que diz Jesus de tais pessoas? Vejamos o que diz o relato: «Aqueles que se envergonharem de me confessar, deles me envergonharei eu diante de Deus e dos santos anjos.» Aqui regressa toda a força da lei desobedecida. Este é um pecado para o qual não há perdão, nem neste mundo nem no mundo vindouro. Um pecado — chamamos-lhe assim para que nos possam compreender. Um indivíduo que tenha sido despertado para uma consciência da condição das coisas no mundo espiritual e tenha recebido a plena luz da verdade sobre a sua alma renderá graças ao seu criador e desejará servir o Senhor e Salvador onde ele se encontra. Eles começam a saber que ele não se encontra num trono num céu distante, mas dentro da vida de cada indivíduo está o guia e instrutor da imortalidade, e todos e cada um podem olhar para aí e aprender o caminho para o céu.

Quando esta nova luz surge em toda a sua glória sobre o habitante do mundo espiritual, há uma perceção mais aguda da luz e da escuridão, do céu e do inferno. Qual é o resultado natural? A menos que seja educado até um ponto de vista elevado, o indivíduo é mergulhado no inferno mais profundo que a mente pode conceber, pois a separação das crenças estimadas e o abdicar daquelas que eram consideradas as únicas garantias de salvação é doloroso de facto.

Mas à medida que o tempo roda, as mudanças sucedem-se em rápida sucessão. A mudança está marcada em tudo. E a luz da nova era dissipa a escuridão das mais antigas — aquela densa escuridão moral que envolveu as mentes dos homens no passado, mas que ainda assim proporcionou um conhecimento mais elevado do que qualquer era anterior ao seu tempo.

Quando o corpo é descartado pelo espírito, apenas regressou ao seu progenitor comum — deitou-se no seio da sua mãe, para nunca mais ser ressuscitado numa forma novamente, para o mesmo propósito que cumpriu antes. Assim, muitos adoradores da velha teologia ficarão tristemente desapontados e terão de habitar no Inferno devido à ignorância em matéria de religião e espiritualidade. Oh, procurem saber destas coisas antes de entrarem na esfera de existência seguinte. Acomodem as vossas lâmpadas, para que, quando o noivo chegar, não sejam obrigados a pedir azeite aos vossos vizinhos. 27 de Ago.

Vida Funcional do Espírito

Estamos agora prontos para ouvir quaisquer perguntas que possam ser apresentadas.

«Como é que a vida funcional do espírito difere da do corpo terrestre?»

Diríamos aos nossos amigos na terra, em resposta, que o espírito deixa o corpo material na mudança chamada morte e entra na sua existência separada, possuindo cada um e todos os órgãos, cada uma e todas as feições ou funções peculiares que tinha no corpo. A diferença existe apenas na medida em que deve por necessidade existir, por o espírito estar separado das envolventes materiais e independente das coisas e condições materiais. Nós, que fomos libertados dos nossos corpos, fazemos na nossa esfera precisamente o que vós fazeis na vossa, com exceção do uso mecânico de um corpo material. Tão rudimentares e imperfeitas têm sido as ideias de homens e mulheres relativamente à existência do espírito que muitos ficam pasmados quando lhes dizemos que temos precisamente os mesmos órgãos para usar após a mudança da morte que tínhamos antes da mudança.

No espírito há tudo o que é equivalente ao material, ou aquilo que se manifestava através do material. O espírito atinge um determinado

estágio, ou recebe uma determinada quantidade de experiência ou progressão, enquanto habita um corpo material. Depois de ter deixado a forma material, essa forma torna-se inativa — toda a vida funcional cessou. Apagou-se. Para onde foi? O espírito atuou através do corpo enquanto o pôde usar, e quando o corpo se tornou impróprio para conter o espírito, ou o espírito se tornou demasiado subtil para continuar a ser contido no corpo, ele retira-se dele, não tendo mais necessidade dele, e o corpo desfaz-se de novo nas suas partes constituintes, enquanto o espírito avança, aperfeiçoado e amadurecido pela sua existência na mortalidade. Entrou numa vida mais nova e não pode voltar atrás. O espírito não pode permanecer muito tempo na sua condição primária ou no seu primeiro departamento, porque é meramente um degrau para a condição e departamento de vida imediatamente seguinte; e a partir daí vai em frente e para cima em refinação e progressão, tornado a cada passo mais sensível e poderoso em espírito, enquanto se afasta e consequentemente se torna mais fraco na materialidade.

Tão belo, tão grandioso, tão vasto em si mesmo é o assunto diante de nós que todas as eras futuras são necessárias para a sua manifestação e desenvolvimento. Podemos apenas dar o passo que está diante de nós e temos de esperar até sermos chamados a dar o segundo. Muitas vezes vos dissemos que há muitos espíritos a habitar o mundo dos espíritos que mal conseguem conceber a mudança — mal podem acreditar que perderam os seus corpos materiais. Por que razão é assim? Simplesmente porque a sua condição espiritualmente está tão estreitamente ligada à sua condição materialmente que não são capazes de discriminar a diferença. Tão próxima é a ligação entre o mundo dos espíritos e a vossa bela terra que um está continuamente a entrelaçar-se com o outro.

29 de Ago.

Espíritos Índios e a nossa Guerra

Estamos agora prontos para ouvir e responder às perguntas que nos possam ser propostas.

Foi lido o seguinte:

«O espírito do homem vermelho não possui hoje mais poder sobre este continente do que o do homem branco, na forma desta guerra — tal como a bateria oculta, a emboscada de mosquetaria, a crueldade para com os inimigos, até agora desconhecida entre as nações civilizadas — e, se assim for, com que objetivo?»

Os filhos da América no passado trataram o homem vermelho injustamente; e tão certo como o dia segue a noite, e a noite segue o dia, tão certo tem de haver um tempo de retribuição. Todos e cada um devem receber a sua quota-parte natural; se não a receberem num tempo, recebê-la-ão certamente noutro.

Quando os vossos antepassados puseram pé pela primeira vez no solo americano, em vez de olharem para cima e obedecerem ao Deus natural, obedeceram ao Deus não natural; e há certas sementes que plantaram no continente americano de que vós, hoje, colheis os frutos. Eles vieram com as suas almas totalmente carregadas de egoísmo e de fanatismo e, por causa dessa condição não natural das coisas, os seus descendentes colhem a recompensa de vingança há muito guardada daqueles a quem fizeram mal. Eles quiseram apossar-se do solo onde desembarcaram o mais facilmente possível, e isso, também, sem dar em troca um equivalente justo. «Como podemos apossar-nos de tanto da sua terra?» era uma pergunta frequentemente feita entre eles. «Como extinguiremos o homem vermelho? Como faremos negócio com ele? Dar-lhe-emos este e aquele brinquedo e, na simplicidade da sua natureza, receberemos em troca algo de valor. Tomaremos as suas terras — os seus vastos campos de caça — e daremos por eles "uma ninharia".» Mas eles não sabiam como a sua injustiça para com as crianças selvagens da floresta estava guardada nos corações dessa

raça, para ser derramada sobre as cabeças dos filhos dos seus filhos no tempo vindouro.

A credulidade e a honestidade nativa do homem vermelho fizeram dele uma presa fácil para os pálidos astutos, calculistas e dissimulados. Os seus órgãos morais e intelectuais eram pequenos e a sua natureza fraca traiu-os. Mas agora os homens vermelhos cresceram fortes na vida espiritual — perceberam o mal que os seus irmãos brancos lhes fizeram, e tão certo como o dia segue a noite, tão certamente o homem vermelho voltará e tomará conta daquilo que era seu por direito dado por Deus.

Se pecardes contra qualquer átomo de vida no universo de Deus, esse átomo, em algum momento, trazer-vos-á de volta a vossa justa condenação. Na verdade, esta é uma lei poderosa que vos segue mesmo até à vida espiritual. Os pecados dos vossos pais no passado estão agora a ser visitados sobre vós nesta era e geração. Os milhares de espíritos dos homens vermelhos a quem os vossos pais fizeram mal estão a voltar com todo o poder da sua existência espiritual para lutar contra vós do Norte que estais a tentar sustentar o Governo Americano, pois eles desejam vê-lo derrubado porque veem que o seu fundamento era mau. Eles veem-no como o fundamento das sementes do mal contra eles, e toda a sua força está, em consequência, aliada aos inimigos da União.

O sentimento que os vossos antepassados plantaram no seio do homem vermelho pelo seu egoísmo e ganância receberá a sua lei de compensação, e o resultado é inevitável. Não podeis mudar o ódio do homem vermelho por uma educação exterior. Podeis cobri-lo e escondê-lo, mas o mesmo poder está lá e procurará sempre a sua liberdade. É o seu guia, e eles são tão totalmente governados por ele como vós o sois pelo vosso Deus — pela vossa consciência do correto; e os homens vermelhos, agindo naturalmente através dos vossos médiuns materiais de mil maneiras que não sabeis, sobre as faculdades do homem suscetíveis de uso, estão a exultar com a

chegada da hora em que as suas almas poderão ser saciadas de vingança.

Severa será a luta por que tereis de passar; mas quando a lição da guerra for finalmente aprendida e as suas experiências aproveitadas, sabereis que o Grande Eterno guia para sempre todas as coisas com retidão e a sua mão é vista em todos os assuntos da mortalidade. Então a vossa nação desfrutará novamente da luz do sol da paz e da prosperidade. 2 de Set.

A Segunda Morte

Estamos agora prontos para falar sobre qualquer pergunta que nos possa ser proposta.

Um visitante perguntou:

«Existe tal condição como a Segunda Morte? — se sim, o que é?»

O livro chamado Bíblia Sagrada fala de tal condição. Dizem-nos que alguém disse que aqueles sobre quem a segunda morte não tem poder são de facto abençoados. Mas, como todos os ditos desse nosso bom e verdadeiro irmão, tinha o seu duplo significado. Que existe tal condição como a segunda morte, nós sabemo-lo. Não é uma crença para nós, mas conhecimento positivo. Abençoados são aqueles sobre quem a segunda morte não tem poder.

Mas o que é esta segunda morte? Podemos defini-la de uma variedade de maneiras, mas aquela que é mais clara para nós dar-vos-emos a vós. Em primeiro lugar, todas as condições da matéria e graus de vida em redor de vós estão continuamente a morrer. Como a morte não é senão outro nome para a mudança, e estais constantemente a

mudar, assim estais constantemente a morrer. Não há um momento das vossas vidas em que não estejais a mudar — a passar de uma esfera ou fase da vida para outra; mas como tendes referência direta à grande mudança, àquela que parece ser a morte para a vossa conceção, falaremos dessa e apenas dessa.

A primeira morte que reconheceis é a mudança que tem lugar entre o espiritual e o material, quando o espiritual já não tem necessidade de uma forma material ou quando, pela força das condições, o corpo material já não o pode conter. Esta, dizemos nós, é a primeira morte aparente para a vossa consciência. Então o que é a segunda morte? Durante a vida natural do homem, ou a sua existência aqui no corpo natural, ele reúne em si uma grande porção de tudo o que flutua na atmosfera da terra — material, espiritual, político, moral e religioso. Todas estas diferentes condições ele reúne em si, mais ou menos; e assim, todos e cada um, quando vêm para o mundo dos espíritos, ficam por algum tempo incapazes de julgar por si mesmos, de estender as suas mãos em reconhecimento do mundo e das suas leis, além da esfera material. Eles formam naturalmente alguma ideia sobre em que condição hão de estar depois de deixarem o corpo, que a natureza lhes ensinou que têm de deixar.

Através de toda a ordem inferior das coisas foi-lhe ensinada a lição de que as formas existentes estão todas mais ou menos rapidamente a sofrer mudança — que as partículas mais elevadas ou mais refinadas estão continuamente a sair —, sabe com certeza positiva que o seu espírito não pode controlar para sempre a sua forma física. Daí que deseje saber o que será dele depois de ter perdido o seu corpo. Continuará a existir? — e, se assim for, em que condição? Assim, a mente é propensa a indagar junto da igreja e de outros oráculos que o mundo erigiu como transmissores de sabedoria para o povo.

Mas a igreja não concorda consigo mesma. «Vinde», diz um professor, «e mostrar-vos-ei o único caminho para o céu.» «Vinde», diz outro, «e guiar-vos-ei pela única estrada verdadeira — todas as outras, exceto aquela em que ando, levam diretamente à perdição.» A mente humana não pode deixar de ser sitiada pela incredulidade por causa destas influências conflituantes; e ele torna-se muitas vezes espiritualmente infeliz e as suas ideias tornam-se também vagas por causa do seu desejo pela verdade. Na verdade, estas ideias ficam tão impressionadas no seu ser mortal que colocá-las de parte requer outra morte, terrível como aquela que caracterizou o separar da forma espiritual da física. Quando ele passa para o mundo dos espíritos e descobre que lhe foi ensinada uma doutrina quase totalmente desprovida de verdade, vem com um efeito terrível o sentimento que caracterizou a mudança chamada morte, pois ele tem de morrer para essas ideias, tal como o seu espírito morreu para o seu corpo.

Ora, pode algum de vós conceber essa mais terrível condição de existência por que se tem de passar? Oh, o nosso Divino Irmão não disse um pensamento pequeno quando disse: «Abençoados são aqueles sobre quem a segunda morte não tem poder!» E quem são eles? Encontramos muito poucos na verdade que não estejam amarrados — emancipados — livres; que não se comprimiram por nenhuma religião especial, mas têm estado a olhar em redor através da natureza em vez de estruturas artificiais e, portanto, a acolher na alma coisas de frescura espiritual em vez de ignorância e superstição mofadas.

O passado deu apenas um conhecimento limitado do mundo dos espíritos; mas o presente glorioso, a manhã do milénio, marcada como está pelo regresso dos espíritos dos falecidos carregados com a sabedoria de duas esferas, lançou uma luz mais nova sobre a condição dos falecidos do que aquela que ainda recebestes. O Espiritualismo moderno, neste presente glorioso, deu-vos uma luz mais nova do que a que tendes. Vem de acordo com a lei da natureza e sob a direção do Todo-Poderoso. Estais prontos para o afluxo. Estais preparados para falar com anjos. Que o mundo o receba e procure compreender e

lucrar com os seus ensinamentos, e não haverá necessidade para a segunda morte — a morte a partir dos credos cegos que a ignorância e o preconceito entreteceram com os vossos espíritos.

Oh, que terrível ordem de coisas existe no mundo dos espíritos em relação a estas coisas. Abençoados, três vezes abençoados sois vós sobre quem a segunda morte não tem poder. Vós que entrais no mundo dos espíritos com a mente livre e pronta para receber a verdade quando ela vem a vós estais entre os abençoados. Oh, com que mão liberal a natureza concede os seus dons aos seus filhos! No entanto, poucos os recebem como deveriam, porque poucos estão tão aperfeiçoados em espírito que sejam recetivos ao amor e ao cuidado dos espíritos desencarnados.

Não precisais de ir mais para o passado morto para atingir a sabedoria, do mesmo modo que não precisais de levar os vossos corpos mortos para o mundo dos espíritos convosco. A Natureza é tão vasta nos seus recursos e tão liberal nas suas benfeitorias que todos podem, se quiserem, estar livres do cativeiro da segunda morte. Oh, possa o Grande Eterno, na sua sabedoria e amorosa bondade, poupar todos dos horrores da segunda morte! 3 de Set.

A Morte

Se os nossos amigos têm qualquer pergunta ou perguntas para nos propor, estamos prontos pelo menos para as ouvir. Se os presentes não têm nenhuma para nos propor, falaremos sobre uma que já nos foi dada, que é esta:

A morte do corpo material é uma necessidade — e, se assim for, porquê?

Percebemos que o amigo que nos questionou assim olhou apenas para o lado material das coisas e não penetrou na espiritualidade da

pergunta: «A morte do corpo material é uma necessidade — e, se assim for, porquê?» Quem determinou a morte para todos os homens? Quem marcou a mudança em todas as coisas? O passado, o presente e o futuro de todas as coisas, a vida, o Deus, o nosso Deus, o vosso Deus e o Deus de todos. Ele ordenou que o corpo voltasse ao pó. Ora, ele nunca foi conhecido por fazer aquilo que era desnecessário, ou aquilo que não estivesse de acordo com a lei da Natureza e, portanto, correto ou, na verdade, necessário.

Ora, é necessário que o corpo morra ou mude — que o espírito seja separado da condição material em algum momento e entre num novo estado, condição ou esfera de existência. Se sois herdeiros da imortalidade, deveis em algum momento separar-vos do corpo decadente. A Natureza, por um lado, clama pelo corpo material; a Natureza, por outro lado, clama pelo corpo espiritual, e o grito «Vem mais para cima» é ouvido no santuário mais sagrado do indivíduo. Qual é o resultado? Aquele ou aquela a quem o chamamento vem deve separar-se do corpo físico e deve entrar na condição superior ou espiritual.

Se não houvesse morte, não poderia haver vida. Morreis para que possais viver novamente. Passais por toda a vasta variedade de mudanças para que sejais tornados melhores, todos e cada um de vós. Em vez de permanecerdes numa posição, podeis passar por todas, de acordo com a lei natural, que é a lei de Deus.

Onde há alguém na vasta família humana que não deseje a imortalidade? Há algum que não a deseje? Todos desejam viver novamente. Isto é natural e correto, e a mudança da morte é apenas a porta que se abre para a imortalidade a partir das esferas materiais, e é tão necessária como a própria vida.

São apenas as nuvens do exterior que envolveram a morte como a contemplamos, e é alto tempo de os mortais começarem a sair da

escuridão do passado e procurarem habitar nessa luz que flui do templo do Deus vivo.

Não há vale escuro da sombra da morte, pois a mudança da existência material para a espiritual é pacífica e bela para aqueles que têm fé em que a mão de Deus está em todas as mudanças e eventos da vida, e que ele governa e guia todas as coisas com o poder do seu amor.

A morte do corpo material é uma necessidade? Mais do que certamente o é. Como a imortalidade é uma necessidade, assim é a morte — uma abertura gloriosa, cada vez mais elevada. O homem é por natureza um ser progressivo. Ele não pode permanecer muito tempo numa condição de vida. Deve deixar a inferior e tomar a superior. «Em frente, para sempre em frente» é a palavra de ordem dos espíritos; e, se o é, então a morte deve entrar como uma das ajudas eternas de Deus. 5 de Set.

Desenvolvimento do Espírito

Se há quaisquer perguntas para elucidação hoje, estamos prontos para as ouvir e responder a elas.

Um visitante apresentou o seguinte:

Alguns espíritos dizem que quando um espírito de uma criança falece, o seu desenvolvimento não é perfeito e deve regressar à terra e passar por todas as vicissitudes incidentes a uma vida na terra, até à idade adulta, masculina ou feminina, antes de estar totalmente preparado para desfrutar da felicidade na terra dos espíritos. Não é a pureza de caráter aqui que constitui um espírito aperfeiçoado no futuro?

O espírito, como princípio, é sempre perfeito — não mais hoje do que será milhares de anos no futuro; não mais milhares de anos no passado do que é hoje. Quando falamos de espírito, queremos dizer essa parte que é o Deus. Mas os mortais são demasiado propensos a confundir o interno com o externo e, assim, ficam mistificados, perdidos na escuridão da materialidade. Repetimo-lo: o espírito é sempre perfeito em si mesmo. Isto tem de ser assim, visto ter vindo até nós da mão do Criador — da grande fonte de todas as coisas — Deus. Mas o Infinito não aperfeiçoou a sua missão terrena. Não tem, quando começa, a experiência de que necessita ao ir de uma condição não desenvolvida para uma condição mais elevada da vida material ou para um grau mais elevado de manifestação. Aqueles que passam para as esferas espirituais na infância devem regressar para reunir em si mesmos as coisas de que a sua condição necessitava para a perfeição da sua vida orgânica. Essa experiência iniciática, dizemos nós, é tão necessária ao desenvolvimento do espírito como a morte o é para a vida imortal. Não pode haver vida imortal sem a morte.

A criança na vida espiritual é trazida de volta sempre às condições naturais e materiais necessárias ao seu desenvolvimento — necessárias para remover essa ignorância que tanto faz para manter a alma na baixeza. Quando a pequenina passa do vosso meio, olhais frequentemente para a circunstância e dizeis: «O nosso Deus chamou-a mais para cima.» Dir-vos-emos que, num sentido, Deus nada tem a ver com isso. A razão deve ser encontrada nas envolventes materiais da criança para a sua entrada precoce na terra das almas desencarnadas. Mas a Natureza dá as suas lições a todos e cada um dos seus filhos, e a lição primária deve ser aprendida através de condições externas, deve ser ministrada através de formas mortais; e se o espírito for privado do material antes de ter aprendido as suas primeiras lições na vida, então deve regressar e aprendê-las através de algum outro instrumento — algum outro corpo em sintonia com o seu.

Isto é lei — é natural, é divino. O caminho dos estágios mais baixos da existência até aos mais elevados é um caminho que todos têm de percorrer. Supôs-se que quando as pequeninas passam desta

esfera de vida são chamadas para os graus celestiais de imediato. No que diz respeito à pureza, elas estão de facto lá; mas como não viveram através daquelas experiências que pertencem a uma vida na terra, são nessa exata medida ignorantes e, portanto, fracas.

Assim, oh mortais — vós que fostes privados dessas pequeninas tão queridas dos vossos corações —, lembrai-vos de que fostes apenas privados do envoltório corporal dos vossos entes queridos, mas a parte imortal, a parte real está ainda convosco, reunindo em si mesma essas lições de vida que falhou em reunir enquanto estava convosco no tabernáculo de carne. Não pode haver transgressão da lei do espírito. O que pertence à alma, a alma tem de o ter.

Todas as coisas têm o seu fundamento bruto no material e é necessário, como dissemos, que todos tenham essa experiência elemental que pertence propriamente à terra antes de estarem capacitados para começar na sua progressão em direção ao grau mais elevado da vida espiritual. Uma lição não pode ser aprendida antes de aquela que a precede ser dominada. Se o mortal entrar nas esferas espirituais antes de ter ganho essas experiências necessárias através da sua própria forma material, então regressa para a ganhar através de um progenitor ou talvez a atração magnética seja transferida para um estranho — alguém que não está em nenhuma sintonia material com a pequenina, mas numa conexão espiritual. A lei da vida espiritual, dizemos nós, é perfeita e todos os seus desenvolvimentos serão perfeitos também. O Grande Arquiteto de todas as coisas espirituais e materiais faz tudo bem. Assim a pequenina, que foi para o futuro ilimitado como que para a escuridão, é capacitada para obter essa luz de que necessita e que teria reunido se a sua vida tivesse sido prolongada no mortal, na sua condição primária. Compreendem-nos?
9 de Set.

Profecia

Estamos agora prontos para as perguntas que os nossos amigos tenham para nos colocar.

Um visitante perguntou:

«Qual é a Filosofia da Profecia?»

A filosofia da profecia, o falar de coisas que estão para vir, o estender das faculdades para o mundo futuro! Profecia! É um reflexo daquilo que está para vir — um prefiguramento do futuro — uma realidade — algo mais do que os mortais têm qualquer ideia. Profecia! Ela dá ao homem não apenas um conhecimento do futuro, mas apresenta o presente mais claramente à sua vista.

Mentes no passado falaram de coisas que vós, hoje, realizais. Por que poder são elas capacitadas a fazer isto? Pelo poder de baixo? Não. Pelos poderes ao seu redor? Não. Por aquilo que está acima delas e lhes é superior. Os homens profetizam porque estão aliados a Deus. O que é? O que é no plano do presente que é capacitado a ler os mistérios desenvolvidos do futuro — o que senão o Espírito Infinito do Todo-Poderoso, enviando a verdade aos mortais nas asas da profecia, para que saibam que Deus vive em tudo e com tudo; que ele é o espírito de tudo o que é, foi ou alguma vez será, e nunca está em descanso. Este é o espírito da profecia — o espírito do Deus vivo.

Todos os homens são criados diferentemente. Não há dois humanos iguais, tal como não há duas coisas iguais em todo o vasto universo criado. Assim, todos e cada um têm várias capacidades, vários graus de desenvolvimento. Todos e cada um têm uma missão a cumprir e uma lei para os desenvolver no mundo. Ora, aquele ou aquela que foi dotado com o espírito de profecia, ou com o poder clarividente que lê o futuro, ou essa porção do futuro que o Todo-Poderoso é capaz ou está disposto a que os mortais saibam, é o recetor

de dons maiores do que aqueles de que a maioria dos mortais é encarregada.

Os profetas de outrora eram clarividentes ou, por outras palavras, refletor do espírito de profecia; e esse espírito é Deus. A era presente profetiza sobre o futuro; e não houve era alguma, por mais remota, que não tenha tido os seus profetas. E porquê? Porque o espírito do Altíssimo habitou sempre com a humanidade. Nunca houve um tempo em que esse espírito não estivesse aliado à humanidade. Ele encontrou os seus canais de transmissão na Igreja Cristã, no passado, é verdade. A inspiração, que é o verdadeiro servo da Profecia, é o alimento de que a alma se nutre. Sem ela, ninguém poderia ser imortal; sem ela, ninguém pode estar aliado a Deus — ninguém pode progredir sem ela, pois é parte da criação.

A inspiração é aquilo que desce do Grande Espírito, de Deus, e que varre continuamente através de todas as eras do mundo, dando aos mortais esse pão da vida que é tão requisito para o seu desenvolvimento e para a sua progressão. Profecia! O espírito da Profecia — novamente dizemos, é o Espírito do Deus Altíssimo, agindo através de poderes clarividentes, contando ao homem sobre o futuro, que é o fruto do presente. Oh, quando o espírito da Profecia é abundante entre vós, deveis saber que as janelas do Céu estão abertas de par em par e o Espírito do Deus Altíssimo está a dar-vos a saber algo daquilo para onde estais a apressar-vos. Profecia! Começou com Deus; termina apenas com Deus. 10 de Set.

Estamos agora prontos para receber quaisquer perguntas que nos possam ser propostas:

O que é o Pecado?

Um grau menor de retidão. Espiritual e divinamente considerado, não há pecado. Muito bem sabemos que o livro a que chamais Bíblia

ensina o pecado. Muito bem sabemos que todo o mundo cristão reconhece tal condição, mas, para nós, não há pecado. O que parece sê-lo é apenas um grau menor de bem.

«Tudo o que é, está correto.» Esta doutrina está correta?

Todos concordarão connosco — pelo menos, todos os que acreditam na existência desse ser superior e divino a que os homens chamam Deus — que esse Deus é bom; e concordarão também connosco quando dizemos que ele fez todas as coisas. Ora, se esse Deus é infinito em bondade, poderia ele ser o criador de algo não inteiramente bom? Dizem-nos que quando ele terminou a obra da criação olhou em redor para tudo o que tinha formado e declarou tudo muito bom. Ora, se o sábio, bom e omnipotente Criador declarou tudo bom, deveria o homem, o sujeito, a criatura, erguer-se e proclamar algo como mau ou maligno? Não se o homem estiver bem familiarizado com o seu Deus, certamente. É porque o homem tem um conhecimento imperfeito de Deus — porque está na sua infância no que respeita ao conhecimento das coisas que governam o mundo, ou das leis da sua criação —, porque o seu insignificante conhecimento não pode compreender a sabedoria de Deus.

Deus tem estado continuamente a dar ao homem um conhecimento do externo, como o casaco ou invólucro que contém o interno; mas o homem tem estado a adquirir um conhecimento artificial em vez de fazer o uso devido das lições da Divindade. O conhecimento artificial que ele adquiriu nada tem de valioso. Não há nada que reconheçamos como sendo valioso em todas as religiões da terra na medida em que afirmam ser expoentes da verdade de Deus. Mas quando nos voltamos para o interno da natureza do homem, esse reino de todos os outros reinos, aí encontramos uma religião natural — uma religião adaptada às necessidades de todos e cada um dos filhos da terra.

Não precisais de ir para o mundo externo para aprender o que é a religião. Tendes apenas de vos voltar para dentro e consultar o vosso próprio Deus, e ele responderá em todos os momentos aos vossos desejos, se lho permitirdes, e não precisareis de vagar mais na escuridão.

Tudo o que é, está correto, quando divinamente considerado; mas quando considerado de um ponto de vista material ou artificial, há de facto muito de errado. Mas o tempo está a chegar rapidamente para vós em que todos os filhos e filhas da terra perceberão que as sombras escuras da vida chamadas mal são apenas um grau menor de bondade.

O mesmo Deus que navega na luz do sol navega também na nuvem da meia-noite. As flores têm necessidade dos aguaceiros, tal como têm necessidade do sol; e vós da terra tendes necessidade das sombras escuras da vida, tal como tendes da glória que vem de acordo com a vossa conceção de Deus e do correto. Infinito em sabedoria e poder é o nosso Pai, e ele está em todo o lado, bem como é omnipotente; e a sua voz é ouvida em todo o lado declarando todas as coisas boas. Conseguis conceber um lugar onde Deus não esteja? Conseguis conceber uma condição na vida onde Deus não esteja? Conseguis encontrar na terra o menor átomo que Deus não tenha originado? Oh, não. Então somos de facto forçados a concluir que tudo o que Deus chamou à existência através da palavra, e faz, é bom — muito bom. 12 de Set.

Perguntas e Respostas...

Os nossos amigos têm algumas perguntas que desejem propor-nos? Se assim for, estamos prontos para as ouvir. «É pecado abater animais para alimentação ou comê-los quando mortos? A Bíblia (Gên. ix., 3-4) contradiz-se a si mesma.»

A Cristandade e o mundo têm a sua própria perceção peculiar desta doutrina na Bíblia. Podemos dizer que cada indivíduo tem a sua

própria conceção da doutrina nela contida. Nós, em comum com todos os outros, temos a nossa opinião nesta matéria. Ora, nós acreditamos ser correto abater tudo o que está abaixo de vós, no reino animal, que possa ser requerido para o vosso sustento. A Natureza, ou Deus, dotou-vos com pensamento, força, intelecto e poder superiores, e deu-vos a saber que sois superiores ao reino animal, e que a besta da floresta foi colocada sob o vosso poder, para vos assistir no progresso em direção às esferas celestiais. Se concebeis que necessitais de alimento animal, é correto que atendais à vossa natureza física. Não importa qual possa ser a vida animal; a questão é apenas quanto à sua aptidão para o ser humano assimilar. Dizemos que é correto para vós abater a besta, para que possais viver por meio dela.

Todas as coisas que existem têm vida. O nobre boi não é mais uma parte da criação de Deus do que a folha de relva; e se é correto para o boi comer a folha de relva, para sustentar a sua existência, não é menos correto para vós abater o boi para sustentar o vosso templo físico por esse meio.

Há mais perguntas a fazer? Se não houver nenhuma, responderemos a uma que temos espiritualmente diante de nós. M vistas muito peculiares são sem dúvida mantidas por aquele que nos propôs esta pergunta. É esta:

Os mortos justos regressarão, respondendo às nossas perguntas? Como é que, então, os mortos justos propõem dispor dessa porção da Escritura que se lê desta forma? «Os maus irão para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna.»

Percebereis que o nosso amigo pede aos mortos justos que regressem e respondam à sua dúvida. Ora, não nos cabe a nós declararmo-nos justos; não nos cabe regressar declarando-nos livres de toda a escuridão — de tudo o que pertence à terra e às coisas terrenas; não nos cabe regressar declarando ao nosso irmão que somos

tudo o que a palavra justo implica. Não; mas regressamos, declarando-nos filhos do Deus vivo, e filhos caros a esse Deus — tão caros como quaisquer outros que tenham passado da terra e das condições materiais —, pois ele ama todas as suas criaturas de igual modo.

De acordo com a nossa ideia de vida progressiva, todos os homens e mulheres são igualmente justos, porque todos são bons. Não importa onde os encontremos, ou sob que condição existam, eles são bons. E porquê? Porque pertencem a Deus, e Deus nunca criou nada que não fosse bom. Assim, pois, regressamos, simplesmente declarando-nos filhos do Deus vivo, partes e porções da Divindade e, como tais, reclamamos vir, coroados de verdade e imortalidade.

Como é que, então, propomos dispor da pergunta diante de nós?, pergunta o nosso irmão. Muitas vezes respondemos à mesma pergunta, e talvez sejamos chamados a respondê-la novamente para benefício de alguma mente inquisitiva no futuro; mas seremos sempre extremamente felizes por responder a qualquer pergunta pertencente à vida espiritual que possamos; e estamos sempre dispostos a receber aquilo que vem até nós, se assim vem respondendo a algum desejo de saber a verdade — para capacitar alguma alma a ir da escuridão para a luz —, para descartar o velho e vestir o novo. A alma humana arde com o desejo da verdade em algum momento, e tão certo como o indivíduo a deseja, tão certo tem o grande Deus de responder a esse desejo.

Mas para a nossa pergunta. Diremos aqui, no início, que acreditamos na condenação eterna dos maus; o que quer dizer que acreditamos que os malfeitores hão de ser eternamente torturados e sofrerão eternamente. Nisto acreditamos — sim, sabemo-lo; mas não acreditamos que aquele ou aquela a quem o mundo chama mau e maligno vá permanecer assim eternamente. Aquilo que está revestido de escuridão nesta hora pode estar revestido de glória na hora futura. Quem pode dizer que não será assim? Ninguém. Enquanto essa

condição de vida a que chamamos mal existir, enquanto existir, um inferno existirá também — uma condição de sofrimento que é idêntica ao pecado. Ora, nós acreditamos que a condição de menor bem existirá sempre; não acreditamos que vá alguma vez deixar de ter o seu lugar próprio na grandiosa economia da natureza.

Ora, então, respondemos à pergunta. Todos os maus, ou malignos, ou todos os tingidos por essa condição que parece má ou maligna à humanidade, sofrerão eternamente; mas as partículas da alma individual da Grande Lei Divina não hão de sofrer eternamente. E porquê? Porque todos vós sois filhos da grande lei do progresso. O que é o progresso? A condição de se erguer para fora do baixo e entrar no elevado; descartar todas as condições baixas e vestir as mais elevadas. E quando o indivíduo se tiver uma vez erguido acima das coisas materiais, então a condição que formava o inferno dissipar-se-á, e a condição do céu virá no seu lugar. Oh, se acreditais que os vossos entes caros na terra hão de sofrer o inferno que suportam no presente, através de uma infinidade sem progresso do tempo, então não tendes confiança ou fé em Deus, e ele não passa de um resultado da vossa própria condição individual e material. Ele é um Deus apenas da terra, e nem sequer olha para o futuro.

Oh, nosso irmão, quando te encontras no caminho que leva para a frente, para o futuro, não falhes em olhar em teu redor e abaixo de ti também, sentindo-te pronto para reconhecer todas as coisas como obra das mãos do Grande Eterno — que Ele formou todas as coisas, e formou tudo bem; lembrando-te, também, de que a natureza é a grande lei eterna do ser, e todas as coisas naturais têm de ser governadas por ela; que todos e cada um dos filhos do seu Pai têm certamente de regressar e superar todas as condições menores de bem, e ir em frente para reinos de santidade e pureza recém-revelados.

Mas no entanto dizemos que acreditamos no sofrimento eterno; pois acreditamos que, como a condição de mal tem uma existência,

assim também a condição de inferno tem de existir como o seu único purificador e redentor. A grande lei de Deus, agindo através da natureza, o meio de Deus, compele a isso. Mas lembra-te também, oh nosso irmão, que todos e cada um dos habitantes nesta condição não desenvolvida pertencem a Deus, são para sempre atraídos para ele, e estão a cada momento a aproximar-se mais e mais da sua presença.

A progressão é uma das leis mais grandiosas de Deus, e todas as suas leis são perfeitas, elaborando as condições mais belas e gloriosas através de todos e cada um dos departamentos da vida. Deus não está menos no inferno do que no céu, pois ele está em todo o lado; mas no inferno ele está ocultado da visão mortal, e no céu ele apresenta-se revestido de radiância eterna. E, mortais, à medida que crescerdes para além das condições artificiais que envolvem a vossa existência primária, sereis capazes de receber mais sabedoria do que a que os vossos pais ensinaram, e começareis a perceber que vos dissemos algo da verdade. 23 de Set.

Desenvolvimento do Espírito

Se há quaisquer perguntas para propor, estamos prontos para as ouvir.

«Como é o espírito melhorado por ser trazido em contacto com a terra?»

Tendes a certeza de que as duas esferas da vida, espiritual e material, estão conectadas. Podeis supor, como alguns acreditam, que há uma grande diferença entre os dois mundos, espiritual e material, mas não é assim. Os dois estão inseparavelmente casados um com o outro; e essa mesma lei que vos traz, no mundo material, até um padrão elevado com a mortalidade é usada para trazer aqueles que passaram para o mundo dos espíritos. Cerca de nove décimos daqueles espíritos que deixam a vossa terra deixam-na antes de estarem amadurecidos no que respeita às coisas do mundo — antes de terem

recebido toda a força espiritual ou disciplina necessária para a sua felicidade, ou paz de espírito, se preferirdes.

Em consequência do vasto número dos que deixam a terra nesta condição, é necessário que uma estrada seja aberta sobre a qual eles possam regressar e vir em direta sintonia com os corpos terrestres necessários à sua progressão sem fim. Tendo deixado este plano de vida, diremos, antes de deverem tê-lo deixado — antes de a natureza ter concebido que o deveriam deixar —, é necessário que regressem à terra e tomem a partir daí o seu ponto de partida em direção à nova condição de vida na qual entraram. Daí que muitos espíritos, na hora da mudança, ou morte, particularmente se essa mudança for provocada por violência ou por meios violentos, retenham uma grande quantidade de poder vital ou magnético, e ele é seu para uso tanto quanto o era antes de deixarem a esfera terrestre, ou descartarem o seu corpo mortal.

Ora, este magnetismo é assumido por algum corpo com que o espírito possa entrar em sintonia ou simpatia. Tal forma assume-o e retém-no para o uso do desafortunado no mundo dos espíritos, e quando as condições estão corretas, ou, diremos, a lei está correta para eles regressarem, eles têm por necessidade de regressar, assumindo o magnetismo do qual recebem ajuda em todas as condições terrenas. Muitas vezes os espíritos estão cercados por um véu de densa escuridão moral, ou estão numa condição quase inteiramente desprovida de luz; e quando a luz aparece, tem de agir sobre esses espíritos na sua própria esfera, ou eles permanecerão por anos, talvez por centenas de anos, no seu estado de semiesquecimento.

Dificilmente haverá alguém na terra que não seja um médio para a ajuda do mundo dos espíritos. Existem pessoas hoje que têm de assumir o magnetismo daqueles que viveram na terra, antes de a natureza os chamar mais para cima — para a segunda condição de vida espiritual.

Por que razão é que por vezes o corpo mediúnico sente efetivamente, em certos momentos, as próprias dores da morte, ou mudança, quando alguns indivíduos regressam a eles? Por que razão sentem eles por vezes como se o seu próprio espírito estivesse prestes a partir para as esferas superiores? Talvez nos anos futuros compreendam melhor esta lei, quando tiverem experimentado as sensações da vossa própria passagem desta vida para a seguinte; mas podemos apenas dizer que isto é produzido pelo corpo mediúnico ao assumir o magnetismo descartado do espírito que parte. E assim é que o espírito regressa para se beneficiar ou fortalecer pela lei do seu próprio magnetismo.

A era presente está a transbordar com os magnetismos daqueles espíritos que há muito habitaram o mundo dos espíritos — a transbordar com esse magnetismo espiritual que foi cortado pela violência no passado e no presente. Qual é, então, o resultado desta súbita mudança de condição ou existência sobre o espírito, senão que a terra está povoada por milhares de espíritos, mantidos, por assim dizer, num estado de parcial inconsciência, até que, através da grande lei do magnetismo a que nos referimos, sejam libertados do seu cativeiro? É por essa lei do magnetismo que eles fazem todas as manifestações que vós, hoje, testemunhais. Na bela e grandiosa economia da natureza vemos cada vez mais claramente o grande propósito da Divindade em ligar a humanidade através de um laço que ninguém pode romper; e, à medida que trabalhamos para a redenção dos outros, nós próprios somos redimidos. 24 de Set.

Os Planetas São Habitados? Há quaisquer perguntas a serem propostas para nós? Se assim for, estamos prontos para as ouvir.

Um visitante perguntou:

«Algum dos planetas do nosso sistema solar é habitado por seres humanos? — e, se assim for, qual é a sua condição?»

Não conhecemos nenhum planeta que seja habitado por humanos, exceto o planeta Terra. Esse passará em breve para fora da sua órbita atual, e a lua segui-lo-á, ou tomará o seu lugar, na ordem da lei, ou em cumprimento de causas naturais. Achamos que a lua está num grau mais elevado de desenvolvimento do que qualquer outro planeta exceto a terra, mas ainda não se refinou tanto a ponto de ser capaz de sustentar vida animal. A vida vegetal existe lá agora, embora num estado bruto, primário. Dizemos em breve, e será em breve, quando comparado com os milhões de anos que transcorreram desde o início da criação.

Assim profetizámos. Deveis esperar que o tempo vo-lo prove, muito depois de terdes passado da terra. Novamente dizemos, não conhecemos nenhum planeta que seja habitado por humanos, exceto a terra. 30 de Set.

Memória

Estamos agora prontos para as perguntas que os amigos possam ter para nos propor. Um visitante propôs:

«A memória e as suas leis, num estado espiritual.»

O espírito nunca pode esquecer, porque a memória é uma parte da sua vida. Sem ela, ele não poderia existir, ou sem ela a alma estaria desprovida de sabedoria, ou de Deus. Todas as coisas que uma vez passaram pelo cérebro física e espiritualmente são retidas no cérebro espiritual. Elas nunca se perdem. Cada pensamento que uma vez foi impressionado no vosso espírito permanece lá eternamente, e há condições ou circunstâncias em que todos e cada um dos pensamentos podem ser chamados para uso no presente.

Aqueles espíritos que passaram da vossa terra há milhares de anos no passado regressam frequentemente, dando-vos conta de coisas que tiveram lugar no seu tempo, lugar e geração. Ora, se a memória não fosse eterna, ou uma parte do Deus no homem, dada a ele para uma herança eterna, como seria possível para o espírito individual recordar essas ações ou coisas que tiveram lugar há mais de mil anos no passado?

A memória é uma das grandes leis de Deus; ninguém pode infringir qualquer uma das leis de Deus. O indivíduo aqui pode, através do físico, deixar de se lembrar. Coisas particulares que possam ter passado com ele ou ela podem ter-se tornado inteiramente obliteradas da mente. Mas quando as condições materiais são colocadas de parte, como uma nuvem limpa do caminho, então todas estas coisas serão lembradas novamente, pois a memória é imortal e eterna.

Foi dito por homens de ciência no passado, e até do vosso dia, que com o declínio do corpo os poderes da mente declinam, e o poder de lembrar aquelas coisas que tiveram lugar no passado. Isto é, num sentido, verdadeiro; mas a tela que cobre a forma física é tão artificial, tão bruta, que é difícil perceber as faculdades do espírito quando envolto no mortal; mas quando chega a descartar a forma mortal, o espírito e todas as suas funções assumem uma forma natural e atingem a sua perfeição normal; então tudo o que é artificial e bruto dissipa-se, e aquilo que parece tão real agora será tudo irreal, quando vierdes para a esfera positiva e real da vida. 1 de Out.

Tradução

Têm os amigos quaisquer perguntas que desejem que respondamos? Se assim for, estamos prontos para as ouvir. Foi proposto o seguinte:

«São verdadeiros os relatos nas Escrituras sobre a Tradução? Ou terá alguém partido desta vida por qualquer outro processo que não a morte do corpo?»

Acreditar que os ponderosos corpos que contêm todos os átomos do reino abaixo dele, e as esferas espirituais, poderiam, por qualquer possibilidade, ser tomados para habitar numa condição espiritual de vida seria acreditar que não havia Deus, não havia lei. Antes que o espírito do homem possa ser traduzido da terra para as esferas espirituais, tem de haver uma dissolução da forma espiritual da material; a lei da mudança tem de ter realizado a sua obra. Ela é uma das grandes rodas naturais do universo, e o grande Autor de tudo manifesta-se sempre, mas lenta e silenciosamente, através do seu poder, e em momento algum muda os seus planos para a acomodação especial das suas criaturas.

Muitas vezes antes dissemos que não podemos depositar confiança implícita naquilo que encontramos entre as capas da Bíblia, acreditando, como acreditamos, que foi transmitido a vós pelo homem débil, através de condições imperfeitas. Não podemos em momento algum pronunciá-la a palavra infalível de Deus, como muitos fazem. Acreditar que aquele sol ali parado no céu ao comando de um mortal seria acreditar na existência de alguma lei que poderia ser mudada ou suspensa à vontade; ao passo que tudo é governado por uma lei própria — imutável e inalterável, que não pode ser infringida.

Temos de acreditar que esta declaração é verdadeira, se quisermos acreditar na existência de qualquer poder superior ao homem. Acreditamos, portanto, que todos os seres humanos têm de passar pelo grande laboratório da natureza, através da mudança chamada morte ou dissolução, antes de poderem vir a público purificados e aperfeiçoados. Assim, pois, naquilo que vos fala da tradução da alma e do corpo para um estado de existência superior, independente desta mudança, não podemos ter fé. Na verdade, não pode ser assim. Tudo na natureza escreve a mentira sobre isso. O

nosso Deus é perfeito, ou não é Deus; e Ele faz todas as coisas bem, e tudo em perfeita harmonia com a grande lei da natureza. Cada evento pulsa em harmonia com a vontade do grande EU SOU, e nenhum mortal pode quebrar a lei divina. Nem mesmo Jesus de Nazaré o poderia fazer. Dir-nos-eis que a Bíblia vo-lo diz; mas nós diríamos em resposta que o mesmo livro vos diz muitas coisas tolas baseadas na ignorância e na superstição, que nenhum ser humano sensato e racional por um instante deveria entreter. Reverenciamos tudo o que há de verdade entre as capas da Bíblia, porque a verdade é sempre de Deus; mas aquilo que não tem o sinete da verdade sobre si deveríamos fazer tudo ao nosso alcance para remover do caminho daquelas mentes não suficientemente desenvolvidas para discriminar entre a verdade e o erro.

O relato da Bíblia fala-vos de um Elias, que foi tomado para o céu diante dos olhos de certos indivíduos. O mesmo relato fala-vos do paramento do sol, porque um Josué o fez parar. Oh, nossos amigos, novamente dizemos que a natureza falha em apontar-nos qualquer lei pela qual estas coisas sejam feitas, e Deus não pode trabalhar fora da Natureza, que é Deus. Se o Grande Governante Eterno está sujeito à lei, certamente o finito tem de obedecer à lei também. A Natureza é perfeita e inteira, e assim pode dobrar e dobra todas as coisas e todos os seres à sua lei.

Olhai para dentro, nossos questionadores, e compreendei-vos a vós mesmos; procurai também compreender as leis que vos governam como indivíduos; e quando tiverdes ganho uma compreensão dos vários reinos da Natureza, percebereis que tudo não poderia deixar de ser como é, enquanto o Mestre Infinito estiver ao leme do Universo. 3 de Out.

Afinidade. Incredulidade

Estamos agora prontos para as perguntas que possam ser propostas para nós.

«Será que metade daqueles que se casam obtêm a sua verdadeira afinidade?»

As leis de Deus e as leis do homem diferem amplamente. Muitos supõem que, porque a lei civil uniu dois indivíduos num só, a lei de Deus os uniu também. Mas novamente dizemos, as leis de Deus e as leis do homem não são iguais. Enquanto habitais no mortal, deveis esperar estar a cometer erros a cada passo. Não é de supor que chegueis ao céu ou à felicidade sem encontrar quaisquer tropeços — sem por vezes cairdes na grande estrada da vida, ou chegardes a uma condição que requererá todas as energias da vossa natureza, todos os vossos poderes superiores, para superar tais condições.

«Será que metade das pessoas da terra obtém a sua verdadeira afinidade?», pergunta o nosso questionador — ou, por outras palavras, estão casadas de acordo com a lei de Deus ou a lei do homem? Respondemos-lhe que não — metade das pessoas da terra não está devidamente casada, e não é de esperar que assim seja. Habitais num mundo onde é impossível passar pelas muitas mudanças sem cometer alguns erros pelo caminho. E no entanto aquilo que parece inarmónico e mau para um pode ser correto e bom para algum outro; e o que pode ser errado aos olhos dos mortais pode ser correto aos olhos da Natureza ou de Deus — uma e a mesma coisa.

Pode ser impossível para os mortais julgar corretamente em cada caso; mas todos deveriam estar dispostos a consultar o elevado instrutor do correto que o Grande Eterno plantou em cada seio humano. Em vez de inquirirdes nos templos ao longo do vosso caminho, entrai no grande templo da vossa natureza, e aí procurai o conhecimento. Esse instrutor será pelo menos verdadeiro para vós. Cada indivíduo tem um santuário dentro da sua própria alma, ao qual

pode ir para obter conhecimento. Para saberdes se estais devidamente emparelhados, tendes apenas de consultar esse instrutor. Deixai as faculdades morais e religiosas estarem na ascendente e, acreditai em nós, não precisais de ir mais longe do que a vossa própria alma para a resposta.

É o vosso dever, enquanto aqui na mortalidade, guiar as vossas vidas de acordo com as leis da terra em que viveis. Na verdade, aconselhamos a obediência a elas; pois se não o fizerdes, não estareis preparados para ser governados pela lei superior — pois a superior tem de ser deduzida da inferior. O nosso Divino Irmão respondeu à pergunta desta forma: Quando perguntado se era correto pagar tributo a César ou não, ele respondeu: «Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.» Assim pedimos de vós: Dai a devida obediência às leis da vossa terra, não importa quão severas elas vos possam parecer. Viveis aqui, e é apenas correto que obedeçais às leis da condição em que estais colocados, ao mesmo tempo nunca esquecendo de manter à vista a lei superior, que em todos os momentos vos manterá no vosso devido lugar.

«Por que razão um incrédulo dificulta o poder de comunicação?»

Um incrédulo honesto nunca o faz. É apenas o eflúvio que vem de uma pessoa que continua a desacreditar depois de a crença dever ser definitiva que tende a perturbar. Essa classe por vezes interfere com a comunhão espiritual; mas o incrédulo honesto que não consegue ver a verdade, mas deseja fazê-lo, não pode em momento algum dificultar o afluxo da verdade espiritual na comunhão espiritual.

O poder que dificulta é a força objetiva, vindo, talvez mais propriamente, sob o cabeçalho de magnetismo positivo — mais positivo do que aquele usado pelo espírito controlador; e como o positivo ultrapassa sempre o negativo, assim o espiritual fraco pode

ser afetado pelo material forte. Essa força magnética, tão subtil e invisível, é mais importante do que tudo o resto no vosso Universo. É o poder pelo qual viveis, vos moveis e tendes o vosso ser; o poder que controla mundos e universos, e os mantém na posição devida. 7 de Out.

«Vinde, e Eu Vos Darei Descanso.»

Têm os presentes uma pergunta para propor? Se assim for, estamos prontos para a ouvir. Se não houver nenhuma, falaremos brevemente sobre uma que encontramos espiritualmente diante de nós. Foi apresentada por um bom irmão no mortal. A pergunta é esta:

«Qual é o significado da passagem da Escritura que diz: "Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos darei descanso"?»

Explica-o, diz o nosso irmão mortal: «Vinde a mim, e eu vos darei descanso.» Jesus Cristo foi a corporização ou manifestação exterior do espírito da verdade. O espírito da verdade habitava nele; e o espírito da verdade através do seu organismo diz: «Vinde a mim, e eu vos darei descanso.» Vinde, todos vós que procurastes por todo o mundo por uma resposta às exigências da vossa alma — vinde, e eu vos darei descanso. Não procureis mais por aquilo que não é para ser encontrado; entrai dentro do santo templo da verdade, e aí comungai com o vosso Deus, ou escutai os ditames desse guia — esforçai-vos por seguir como ele ordena, em vez de tentardes acreditar naquilo que o mundo vos oferece.

Em vez de procurardes orientação a partir do externo, entrai no sagrado templo da vossa própria alma, que é de facto dedicado ao Deus vivo, o Deus da verdade. Aí encontrareis de facto paz e descanso. Quando o espírito do homem for uma vez levado a compreender a sua relação com a Divindade, então estará de facto em paz. Já não descansará sob a anátema do medo, nem sob as nuvens da

escuridão. A verdade não se encontra no mundo da arte — apenas nos reinos da natureza não contaminada, e aí ela está ao chamamento de cada filho e filha do Todo-Poderoso. Ninguém precisa de pedir para saber o caminho e não receber resposta. A verdade não faz acepção de pessoas, e está tanto ao desejo do humilde como do elevado. Oh, então, vinde ao templo da verdade, e ele dar-vos-á descanso, e já não precisareis de vagar na escuridão, cansados e oprimidos. 8 de Out.

Variedade nos Princípios da Alma

Têm os amigos qualquer pergunta que desejem propor-nos? Se não houver nenhuma, falaremos sobre uma que já temos connosco.

Um amigo no mortal deseja saber se não há uma variedade infinita de princípios da alma no Universo — ou, por outras palavras, não serão todas as almas diferentes, uma da outra?

Muitas vezes nos temos esforçado por esclarecer a humanidade sobre este assunto, não apenas aqui, mas noutros lugares; não apenas através destes lábios, mas de outros. Temo-nos esforçado por dar aquilo que nos parece a verdade relativamente a essa dádiva, a alma, que Deus dá a nós e a todos e a cada um da humanidade.

A ciência ensina à humanidade que os elementos primários de todas as almas na natureza são iguais. Tudo o que se encontra no vosso globo, quando resolvido de volta às condições primárias, é igual. Não há diferença que possais detetar — nem a menor partícula de diferença. Ora, como todas as coisas no espírito são uma contraparte de todas as coisas materiais ou externas, assim, pois, todas as almas, quer de uma esfera de existência quer de outra, quando resolvidas de volta à sua primeira condição, que é Deus, são iguais. Não pode haver diferença. Todas as almas vieram de Deus, e têm de voltar para ele. No início elas eram Deus, e no fim elas serão Deus. Há uma variedade infinita no desenvolvimento da nossa natureza, tal

como há uma variedade infinita espalhada na terra. Os desenvolvimentos do vosso espírito podem variar até um grau infinito.

Quem é capaz de numerar as diferentes tonalidades de cor na vida material? Ninguém; e no entanto todas podem ser resolvidas de volta a uma cor primária, que é o branco. Assim cada alma, quando resolvida de volta à sua condição primária, é Deus. Toda a vasta diferença que há entre a alma do sábio e a do selvagem é meramente uma diferença de organização — apenas a diferença que as condições lhe deram ou emprestaram, de momento. Nada na natureza pode atirar a alma para fora do seu ciclo em redor do centro do coração de Deus, embora as nuvens possam escurecer e ocultar ou o sol possa iluminá-la e torná-la radiante. A alma nunca pode ser privada do seu direito de nascença. O princípio da alma ou espiritualidade do homem pode mudar em condição, mas nunca em identidade.

As ciências da mortalidade revelam muito ao homem. Elas dão-lhe a saber tudo em seu redor. Não há ciências da vida superior? Sim, dizemos-vos que há; e as ciências da vida superior dizem-vos que não há nem pode haver mudança no princípio da alma do homem. Todos os átomos de alma, bem como de materialidade, carregam o selo do dedo do Todo-Poderoso. Ele não faz acepção de pessoas, tempos ou condições; e ele reunirá os vastos universos de átomos, e torná-los-á um com ele em ação e em verdade. 10 de Out.

A Filosofia do Magnetismo

Por alguns momentos manter-nos-emos de prevenção para responder às perguntas que os amigos presentes possam desejar fazer-nos.

Um visitante pediu para ser informado relativamente à «Filosofia do Magnetismo».

A filosofia do magnetismo é um assunto grande em interesse — demasiado poderoso para os poucos momentos fugazes diante de nós. O magnetismo é a mãe do Universo. Quer material quer espiritual, dizemos que é a mãe do Universo — ou, em todo o caso, assim o concebemos ser. É esse poder governante que chama o Universo para a frente. A força elétrica é aquilo que vos repele; a magnética aquilo que atrai — não apenas no presente, mas até na grande eternidade do tempo. O magnetismo, novamente dizemos, é demasiado poderoso para nós abarcarmos no breve espaço de tempo que nos é concedido.

Gostaríamos de falar longamente sobre ele, pois exige não apenas a atenção mais próxima, mas tempo e vagar. É um assunto do tempo e da eternidade. O que é isso que vos manda a todos olhar para o futuro? O que é isso que vos inspira esperança? Nada mais nada menos do que o magnetismo — a vossa mãe material. É o vosso tutor bondoso, sempre permitindo, mas nunca compelindo. O que é isso que vos atrai aqui a esta hora? É a mesma lei; e sentis a ternura materna e o amor filial a atrair-vos aqui para responder às suas exigências.

Quando o vosso magnetismo mãe parte para sempre da estrutura física, há apenas um poder deixado; esse foi propriamente denominado eletricidade, e pelo poder dessa lei a decomposição tem lugar, e os átomos constituintes são resolvidos de volta novamente para a sua condição primária. Depois de o magnetismo mãe ter deixado o corpo, ele adere ao espírito, e parte com ele para a terra das almas; e está aí novamente em belo uso, ao trazer almas em comunhão com outras almas.

Magnetismo! Que palavra! Quanto está abarcado nessa única e pequena palavra! Oh, é mais do que vós, seres mortais, podeis compreender — mais do que os sentidos humanos podem medir, quer mortais quer desprovidos de mortalidade.

14 de Out.

Existência Pré-natal.

Foi-nos solicitado que considerássemos um assunto nesta hora que não apenas absorveu as mentes dos homens no passado, mas está a chamar à ação milhares de mentes no presente. Propomo-nos a falar muito brevemente sobre o assunto, pois dispomos de um tempo limitado. O assunto em questão é este:

«Será que a alma humana ou o espírito do homem teve uma existência anterior ao seu nascimento na forma humana? — e, se assim for, em que forma existiu?»

Acreditamos que tudo o que está diante de nós na Natureza, espiritual ou material, não apenas teve uma existência para sempre, mas sempre a terá. Acreditamos que a alma humana não é a única a ser imortal, mas tudo o que alguma vez viveu deve viver eternamente. A alma humana ou espírito do homem é o que concebemos como uma imagem ou centelha divina do Criador e, com ele, eterna — com ele, nunca tendo tido um início, nunca terá um fim. Perguntaremos ao nosso questionador se ele consegue conceber um tempo em que Deus não existia, ou um lugar onde ele não esteja? Se ele consegue conceber um tempo em que Deus não tinha existência, então pode conceber um tempo em que a alma humana não tinha existência.

O espírito do homem acreditamos que sempre existiu, apenas numa forma diferente. A vida interior — tudo o que há, em realidade, do ser humano — sempre existiu desde o período de tempo mais remoto. A vida da menor partícula diante de nós teve uma existência para sempre. Se assim é, por que razão não haveria de ser eternamente assim com a alma humana, o maior e melhor dos desenvolvimentos de Deus?

Mas é impossível demonstrar cabalmente ao nosso questionador a forma específica em que a alma existe antes de assumir a forma humana. Podemos dizer que existia em todo o lado. Podemos dizer que não há nada marcado com vida no vasto Universo, em parte

alguma, que não tenha em si uma porção da alma humana; pois a alma humana é uma parte de Deus, e toda a vida vem do mesmo Deus.

Acreditar que alguma vez houve um início da alma humana — acreditar que houve um tempo em que ela foi chamada à existência — seria acreditar que a alma humana não era imortal; pois o que tem um início tem de ter um fim. Assim, somos compelidos a acreditar que a alma sempre viveu e sempre viverá; mas a forma precisa que ocupa antes da sua corporização, na forma humana, não nos propomos a determinar, nem mesmo a compreender. Não podemos explicar a forma em que vive antes da sua corporização terrena, mas a ciência do espírito proclama que ela sempre viveu e sempre viverá. 15 de Out.

A Sexualidade na Vida Espiritual

Durante os minutos seguintes propomo-nos a responder às perguntas que nos forem propostas.

Um visitante perguntou:

«Será a faculdade que propaga a família humana uma qualidade inseparável do Espírito? Ou terá a sua origem e os seus usos exclusivamente no corpo, tornando-se daí em diante para sempre defunta?»

Cada função do corpo humano tem uma faculdade correspondente no espiritual.

Tudo o que existe no humano existe no espírito também, pois, na realidade, do espiritual vem o material. Ele vive, move-se e tem existência no espírito antes de ser corporizado na forma material. Todas as emoções e sensações são do espírito, apenas agindo através do corpo. Quando a dissolução do espiritual em relação ao material tem lugar, não devemos supor que o espírito perde a menor partícula

da sua individualidade. Tudo o que tem existência no material tem também no espiritual, embora as circunstâncias possam mudar o tom de qualquer um; e tudo o que afeta o humano não pode deixar de influenciar o espiritual. O campo é vasto, muito vasto, e não somos agora capazes de percorrer todo o terreno.

«Se a função sexual existe, qual pode ser o seu objetivo na vida espiritual?»

O objetivo é o progresso da vida. Se o espírito perder qualquer parte do seu poder aqui, cessaria de ir em frente, pois achamos que todas as faculdades do homem são necessárias ao seu desenvolvimento. Sem o exercício de cada poder do corpo, pode haver apenas um desenvolvimento limitado ou parcial. O progresso da raça depende muito das faculdades do corpo e do desenvolvimento dessas faculdades. Supor que os pecados do corpo — se assim lhes podemos chamar, pois o mundo fala fortemente do pecado —, supor que os pecados ou doenças do corpo se originam unicamente no corpo é um grande erro.

Todo o tipo de doença da forma material ou física vem através do espírito. Assim, cada faculdade do espírito deve ser trazida a uma condição de exercício devido. Há espíritos doentes, tanto quanto há corpos doentes, e tanto sem a ocupação do corpo como com ela; e à medida que o espírito desencarnado se ergue acima das suas condições mais brutas, é necessário que essas funções mais brutas sejam usadas no desenvolvimento; e quando a alma não tem mais necessidade delas, já não são mais trazidas para uso. À medida que o espírito progride para os graus mais elevados da vida, descarta esses graus de pecado, ou condições de um grau menor de bondade.

Há uma grandiosa harmonia a perpassar por todo o vasto reino da imortalidade e da individualidade. Aquilo que supõem pertencer apenas ao material pertence ao espírito, e quando perceberdes todas as coisas em verdade e realidade, vereis claramente a filosofia de muitas

coisas de forma diferente do que vedes no plano que agora ocupais. 17 de Out.

A Esperança

Um amigo no mortal desejou que definíssemos a Esperança. A Esperança é para nós essa poderosa faculdade da alma humana que olha para todo o sempre para o futuro eterno. A Esperança é aquilo que garante, ou deveria garantir, ao homem que ele é imortal; que a família humana não é o resultado de uma hora, mas que a vasta eternidade que se estende diante dele é de facto sua. A Esperança fala do céu e fala também do inferno. Por ela, o homem pode saber, com certeza positiva, que vive para além do túmulo.

«Não é a Esperança um dom?»

Mais do que certamente o é, vindo do Espírito Infinito — um dom com que todos estão dotados em maior ou menor grau. Não há ninguém sem ele.

«Diminui a Esperança por falta de uso e fortalece-se pelo exercício? E, orando por mais Esperança, não poderemos obtê-la?»

A Esperança pertence ao espírito, e o espírito não se pode tornar menos do que era no início. Como cada faculdade da alma é aumentada ou desenvolvida pelo uso, assim é a Esperança. Acreditar que é um dom do Pai não é senão reconhecer Deus num dos seus desenvolvimentos. Orar por uma adição à Esperança, ou extensão dela, é reunir força a partir do mundo das almas que deixaram os confins da carne; pois, como tendes um desejo a favor de qualquer coisa a ser encontrada na Natureza, esse desejo há de ser respondido. O Infinito tem uma grande variedade de meios com os quais responder a cada chamamento que vem do menor dos seus átomos. A pequena

planta deseja o ar e a chuva, e essa exigência é uma oração natural. E se o Pai responde à oração da planta, não responderá àquela que vem da alma humana? Certamente responderá.

21 de Out.

«O Salvador do Mundo»

«Não foi Jesus Cristo o Salvador do Mundo — o mediador através do qual a humanidade deve receber o perdão para todo o pecado e entrar na vida ou condição de paz perfeita?»

Este é o assunto que foi apresentado para consideração. As verdades, verdades brilhantes, gloriosas, que nunca empalidecem, que foram ensinadas através de Jesus, ou que ele deu ao povo, foram de facto um meio de salvação. Mas o nosso bom irmão e questionador acredita, e honestamente também, que o nosso bom irmão Jesus Cristo foi oferecido voluntariamente como um sacrifício pelo pecado humano, e que, sem o sacrifício, ninguém poderia ser salvo, ninguém poderia entrar no céu. Oh, materialismo, até quando encontrarás um lugar de morada nas almas dos homens?

Materialismo, até quando te erguerás contra o mundo espiritual? As eras passadas viveram num mundo de materialidade e curvaram-se perante deuses e ídolos materiais — deuses que podiam manusear e criar; e a estes adoraram em vez do Deus do espírito; eles desejaram algo mais, mas falharam durante muito tempo em encontrar qualquer outro que não o Deus erguido sobre a sua humanidade depravada — uma imagem para a qual os anjos não gostam de olhar. Novamente dizemos, num sentido, Jesus Cristo foi um Salvador da humanidade, mas apenas num. Na medida em que ele foi instrumental em revelar a imortalidade do homem a ele próprio, nessa medida ele foi o vosso Salvador, e não mais longe.

O passado não vos deu apenas um Cristo, mas o presente apresentou-vos também um Jesus. A verdade nunca passa — nunca se decompõe. Ela está sempre convosco, e provará ser sempre o vosso Salvador, embora a possais esmagar por algum tempo e dez mil vezes debaixo dos pés da materialidade. Ela nunca é morta pelo poder do homem, mas está dotada de uma existência sem fim, ao longo da eternidade. As verdades gloriosas que recebeis hoje são outros tantos golpes para soltar as algemas do materialismo e mandar a alma em liberdade.

Há grandes desenvolvimentos continuamente ao vosso redor e a apontar-vos para o futuro eterno. Estas verdades brilhantes e gloriosas que recebeis são apenas outros tantos Salvadores; e há tantos Salvadores quantas as verdades; e todos e cada um podem tornar-se um Salvador até um certo ponto. Se fordes capaz de subir na escala do ser vós mesmos, sois de necessidade um Salvador para alguém mais fraco do que vós. Não há alma, por mais nublada que esteja pela escuridão material, que não possa ser um Salvador para alguém. Quem pode ver a centelha divina dentro de si, senão aqueles que aprenderam a conhecer o seu Deus?

Oh, há um número vasto de abençoados Salvadores espalhados entre a humanidade. Cada era é santificada com eles. Todos — todos — todos são Salvadores; e quando vos desenvolverdes num plano elevado da mente, percebereis que vós próprios não sois menos gloriosos do que foi o glorioso mestre de Nazaré. Ele foi um Salvador de acordo com a sua capacidade, e assim é cada um de vós. Oh, meçam as capacidades da vossa própria alma, não as de qualquer outro. Ergam a luz eterna dentro da vossa própria embarcação e vão em frente, não temendo os escárnios do materialista ou do Cristão; pois o que são eles comparados com a perseguição e oposição que Jesus enfrentou há muito tempo, e que recaíram sobre aqueles semelhantes a ele em cada dia e geração? 22 de Out.

Não Existe Morte

Um amigo no mortal envia-nos a seguinte pergunta. Recebemo-la desta forma:

«Os espíritos dizem-nos que não há morte. Não está o corpo morto depois de o espírito o ter deixado?»

A hora aproxima-se rapidamente em que todos os homens e mulheres inteligentes, quer no corpo quer fora dele, concordarão connosco quando dizemos que não há morte — a morte tornou-se obsoleta. Os mortais estão famintos por saber mais sobre a vida e, assim, estão a preparar-se para ver os mistérios da vida revelados.

Enquanto o espírito mantém o controlo da forma mortal ou habita nela, a lei da atração está na ascendente, ou é predominante — é o poder governante. Daí que as partículas que constituem a estrutura humana sejam mantidas unidas — mantidas por uma lei de atração positiva e inflexível; mas quando o espírito deixa a forma, então a lei da repulsão está na ascendente, ou é o poder predominante. Então cada átomo está a tornar-se um átomo individualizado — está a ser refinado para outra esfera de ação, e assim a estrutura cai em decadência; as partículas separam-se em partículas individuais e tornam-se tão numerosas e incontáveis como as areias na praia do mar. Ora, se houvesse tal coisa como a morte, toda a natureza ficaria paralisada e todas as suas funções desarranjadas. Se houvesse tal coisa como a morte, não poderia haver movimento — pois todo o movimento é vida. Não há período na vida do ser humano em que os seus poderes e funções cessem de agir; o corpo não conhece morte, mas vive em incontáveis formas ao longo de eras sem fim — ao longo da vida eterna.

O corpo está a declinar. O que o faz declinar? Não a morte, mas a vida espiritual. Procurámos pelo mistério da morte, mas nada encontrámos dentro de vós que não seja bom em cada pormenor —

não apenas no corpo humano na sua condição atual, mas em todos os tempos e em todas as condições.

Chegará o tempo em que o homem já não temerá o sonho vão da morte. Deus é vida, e a vida é eterna. Certamente, pois, se ele está em todo o lado, então a morte não está em parte alguma.

24 de Out.

A Guerra e a Constituição

Estamos agora prontos para responder às perguntas que os amigos possam desejar propor-nos: Foi apresentado o seguinte:

«Estarão os espíritos dos nossos antepassados — os patriotas da Revolução e os fundadores deste governo — a trabalhar no mundo dos espíritos para provocar uma reunião dos Estados sob a velha Constituição, ou para a construção de um novo governo, com novos princípios, sobre as ruínas do antigo?»

Os espíritos dos vossos antepassados — perguntais onde estão eles e o que estão a fazer. Respondemos: estão convosco — convosco para fazerem tudo o que puderem para erguer a humanidade; para erguerem novamente no vosso meio um templo dedicado à liberdade — não à liberdade do passado, mas àquela que pode servir o presente. Os vossos antepassados percebem que há muito de imperfeição na velha Constituição — muito que já ultrapassastes —, muito de que não tendes necessidade e de que, portanto, precisais de vos livrar; por isso farão tudo ao seu alcance para a varrer inteiramente. Não deixarão sequer uma sombra daquilo que foi, tão grande de facto será a reforma que estão a tentar provocar.

Muitas vezes vos dissemos que nem todas as coisas materiais têm a marca do progresso sobre si. É apenas o espírito que vive sob a lei do progresso. Ora, a velha Constituição dos Estados Unidos é uma

coisa material, e cumpriu a sua missão material. Nasceu noutros tempos e respondeu às exigências de outras mentes — esteve adaptada a outras condições, espiritual e fisicamente. Mas novamente dizemos: não vos pode servir a vós, hoje, porque avançastes no caminho do progresso, enquanto a Constituição foi deixada para trás. Ora, então, os vossos antepassados — aqueles que amavam carinhosamente a América — estão a trabalhar para o vosso maior bem e do vosso país; e aqueles que se apegam tão tenazmente às formas do passado cairão, mesmo com essas velhas instituições em decadência — ou, por outras palavras, serão envolvidos na queda dessas coisas materiais e, assim, serão levados a ver que o Deus do progresso e da mudança vive na terra e é tão capaz de colocar de parte a Constituição dos Estados Unidos como de fazer brotar as flores na primavera ou despojar as árvores da sua folhagem no outono.

A vossa nação está cercada de agentes invisíveis empenhados nas poderosas reformas do século dezanove; e tudo o que parece trabalhar contra a vossa prosperidade como nação é dirigido por um propósito mais elevado, para limpar o terreno para o novo templo da liberdade, cujas muralhas abrigarão não apenas o anglo-saxão, mas o africano e os oprimidos de todas as nações; e o lema dos vossos Estados Unidos não será gravado num único pilar, mas será escrito por todas as muralhas do templo. No passado, tivestes apenas o nome da liberdade; no futuro tereis a realidade! 5 de Nov.

Desenvolvimento

Têm os amigos uma pergunta para nos propor? Se não houver nenhuma, falaremos brevemente sobre uma que já temos diante de nós. Um amigo pergunta se o homem não atingiu o seu presente estado de desenvolvimento através da criação bruta. Não terá ele chegado à humanidade através de todas as ordens inferiores da vida animal?

Esta pergunta foi feita muitas vezes, e outras tantas foi respondida, mas de cada vez de acordo com a variedade de conhecimento ou grau de desenvolvimento daquele que lhe respondeu. Ora, podemos diferir na nossa interpretação de todos aqueles que falaram antes de nós; mas, se formos verdadeiros connosco próprios, temos de falar de acordo com a nossa própria condição de pensamento, e temos de tomar esse padrão que é o nosso melhor guia, se quisermos responder à pergunta. Aquele que acredita numa coisa porque algum outro o faz não tem crença alguma; mas aquele que acredita porque tem isso dentro de si que o faz acreditar, esse tem de facto uma crença que equivale ao conhecimento.

Não podemos por um momento supor que a raça humana resultou de uma ordem inferior de vida animal. Temos de acreditar que o homem foi sempre humano; desde a hora em que foi chamado pela primeira vez à existência individual, acreditamos que ele foi humano. Ora, também acreditamos que possuímos todos os atributos encontrados na ordem inferior da vida animal, e que cada vida e forma da terra se manifesta em algum grau na sua natureza. Aquilo que percebe, cresce e se encontra sempre a subir a escada da progressão nunca desce.

Os animais inferiores nunca podem ir além de um certo ponto na inteligência, mas recebem a sua sentença do grande poder governante do Universo. Ao alcance do homem, nada é inatingível, e ele é mais influenciado pelo espírito de inquietação e insatisfação quando pode ver mais claramente a distância entre si mesmo e a Divindade, cujo caminho deve percorrer passo a passo. Quando perguntais se o homem veio através da ordem inferior dos animais, respondemos-vos sem hesitação que não. Sois uma parte e porção tão distinta da obra de Deus como o são o leão e o cordeiro, o boi e o asno, ou qualquer classe da vasta variedade de vida animal diante de vós.

Que estais ligados a todas as coisas sobre a face da terra por laços materiais, sabemo-lo; mas sabemos também que nascestes de um

ponto diferente no esquema eterno, e ao qual a vida abaixo de vós nunca poderá atingir. Sabemos que a vida do homem é de aspiração e anseio, enquanto a do animal é enfadonha e satisfeita. Sabemos também que o animal descansa dos seus problemas após a morte, mas o homem é colocado de novo numa nova jornada. Que há animais no mundo dos espíritos, sabemo-lo, mas não estão mais desenvolvidos do que estão convosco. Eles estão tão alto quanto podem estar, e a progressão neles cessou. Não é assim com o homem. O animal tem apenas o instinto suficiente para satisfazer as exigências da sua forma — não mais; e ele nunca obtém mais. Oh, tu, filho do Infinito, não é assim contigo. Podes pedir hoje e receber; pedir amanhã e receber; e embora os teus desejos sejam respondidos repetidamente, nunca estás satisfeito. 26 de Nov.

A Manifestação de Deus ao Homem

Temos uma pergunta a considerar brevemente e, após a consideração desta, se algum amigo tiver uma pergunta a propor, estaremos prontos para lhe responder. A pergunta que temos a considerar é esta:

«Qual é a primeira manifestação de Deus que é aparente aos sentidos físicos do homem?»

Acreditamos que seja o movimento. Como o movimento é a demonstração absoluta de vida, e a vida a demonstração de Deus, assim acreditamos que o movimento seja a primeira manifestação de Deus que é aparente aos homens. O religioso vai pela Natureza e vê aí Deus, e declara que o vê ao seu redor. Mas quando está na sua casa não vê Deus aí. Não há movimento aí — nada aparente aos sentidos externos —, nada declara exteriormente a vida interiormente. O religioso percebe Deus através do movimento, e todas as pessoas são religiosas até certo ponto. Podeis declinar uma crença em Deus — podeis negar uma crença na vida futura —, mas os mais céticos são muitas vezes os mais religiosos.

Qual é a sensação de um homem quando vai por um belo jardim? É a sua natureza religiosa que é chamada para fora. O Deus em movimento declara a obra das mãos como sendo bela e boa. Assim a nossa pergunta dá, como sua solução, que a primeira manifestação do poder Divino é o poder do movimento. Esse é sentido percecionável e sensivelmente no bem natural. Mas quando retirado e colocado na vida artificial, torna-se num sentido desprovido de movimento. O movimento que um homem podia ver na árvore a crescer não o testemunha no objeto inanimado em casa. É até aí imperfeito para os seus sentidos externos. Ora há tanto poder de Deus nesta mesa como quando a madeira estava a crescer fresca na árvore. Quando retirados dos sentidos externos, os homens não percebem que Deus cuida dela.

Estamos agora prontos para responder a qualquer pergunta que possa ser proposta por quaisquer amigos presentes. Não havendo nenhuma, passaremos para o controlo seguinte. 2 de Dez.

Desejam os amigos presentes pedir conselho? Se assim for, estamos prontos para ouvir qualquer pergunta e responder o melhor que pudermos.

PERG. Ouvirão os espíritos o chamamento dos mortais? Quando se aproximam, vêm de modo a ouvir distintamente?

RESP. Isso depende inteiramente da condição da pessoa, espiritual e materialmente. Se o espírito estiver em sintonia, ouvirá, sem dúvida. À medida que avançais pelo templo do conhecimento, reunindo gema após gema de sabedoria, podereis encontrar o suficiente para todos — nada se achará em falta. Esse mistério e dúvida no futuro hão de ser revelados — hão de ser uma realidade —, uma flor perfeita de conhecimento.

PERG. Posso declarar a causa desta pergunta? Pedi isto porque aqueles que desejam chamar pelos seus amigos espirituais desejam chamar por eles próprios, para que possam obter uma resposta às suas comunicações de forma melhor.

RESP. Tendes razão, meu amigo.

Há mais alguns momentos, se os amigos desejarem falar connosco. 26 de Dez.

Progressão da Alma

Estamos agora prontos para ouvir qualquer pergunta ou perguntas que nos possam ser propostas.

Foi submetida a seguinte pergunta por escrito:

«Ensinais que a progressão da alma é sem fim. Será ela, então, uma existência CIRCULAR? Pois, na matemática, nada senão um círculo pode ser SEM FIM. Se for um círculo, será ele tão estendido que não tenhamos repetido, ou não tenhamos de repetir a nossa existência? Em suma, por favor dai-nos a vossa ideia sobre a doutrina Oriental da transmigração, tal como a podeis ver à luz dos desenvolvimentos espirituais.»

A alma do homem, o homem humano, progride ao longo da eternidade. Não acreditamos que a alma alguma vez dê um passo atrás, mas que vai em frente, em frente, para todo o sempre indo em frente. O velho Pitagorismo, como ouvido e provavelmente recebido por uma classe de antigos, não é desprovido de alguma verdade, não é desprovido de algum fundamento natural. Os antigos receberam a hipótese através de menos dificuldades do que os homens no dia presente, porque menos cercados de condições materiais. Eles estavam

mais em sintonia com a Natureza, e assim com o Deus da Natureza. A era presente é quase artificial, não natural, como vista de um ponto de vista terreno mais claro. Por mais artificial ou irracional que seja a natureza que se agrupa em redor da alma, essa alma permanece sempre a mesma em ponto de pureza ou elementos. Ela não é afetada por quaisquer condições artificiais. Podemos comparar a alma do homem a uma escada em caracol que tem por base a Divindade, uma criança, e no seu ápice a Divindade na maturidade. Ora esta alma vem da Divindade e deve regressar novamente à Divindade. Não passa de uma centelha da fonte infinita de sabedoria.

E novamente, a alma pode ser comparada a um círculo, algo sem início nem fim, uma eternidade de si mesma. Terá a alma do homem sido alguma vez criada? Pensamos que não. Conseguis vós, oh nosso questionador, conceber um tempo em que Deus não existia — em que a Sabedoria Infinita, pela qual vivemos, nos movemos e temos o nosso ser, foi criada? Se assim for, podeis conceber o tempo em que a alma foi criada. Vós sempre exististes em espírito tão perfeitos no início como alguma vez sereis. Sem fim, para sempre sem fim é a grande estrada da vida. Quando tiverdes atingido o ponto mais elevado da sabedoria, vereis algo mais elevado. O externo no futuro crescerá mais belo; quanto mais alto e mais alto a alma ascender, o externo desenvolver-se-á, e apenas mudará para aquilo ainda mais belo, enquanto a alma permanece para sempre a mesma. Não podeis ultrapassar o menor ponto da progressão. Ouvis dizer que podemos ultrapassar uma lei da Natureza. Sabemos que não o podemos fazer.

O chamado é sempre em frente, e não podemos passar para trás mesmo que o quiséssemos. Conseguis recordar um segundo de tempo, como o entendeis, ou trazer de volta o passado para o presente? Não, certamente não conseguis. O eterno aqui não tem passado ou futuro, mas um eterno presente. Ora, então, se assim é, a alma do homem é um círculo. Acreditamos nisto. Ela nunca foi criada e nunca cessará de viver. Ela nunca passará para fora da sua órbita na vida. O planeta-espírito é mantido na sua posição devida, precisamente da mesma maneira que o são os planetas no sistema solar; nenhum pode

interferir com qualquer outro — tudo é perfeita harmonia. À medida que a alma lança luz para a matéria externa, então a forma externa torna-se mais sábia, mais capaz de se definir perante os objetos circundantes.

Oh, nosso questionador, não precisais de temer que alguma vez entreis num grau inferior de vida ou mentalidade. A Sabedoria planeou para todos, e deveis vir mais para cima e mais para cima; a mesma lei prevalece por todo o universo, e não podeis ultrapassá-la. Por muito que vos tenha sido ensinado que a alma do homem é depravada e será mergulhada no inferno pelos seus pecados, não a podeis destruir. A Divindade em vós é um poder propulsor — uma força que vos mantém no vosso lugar devido — e quando for requerido que avanceis um passo, tudo o que é externo tem de obedecer à exigência. 30 de Dez.

Quando se Tornará o Homem Infinitamente Feliz?

Esta pergunta propomo-nos a discutir por alguns momentos: «Quando se tornará o homem infinitamente feliz?» Aquele que nos questiona, como todas as outras pessoas, procura a felicidade, e, como todos os outros, procura-a onde ela não se encontra, batendo à porta errada e procurando o céu onde ele não existe. Até que haja um novo céu e uma nova terra, onde habita a retidão, enquanto houver alguém no inferno, todos participarão do sofrimento desse único. Nunca alma alguma desfrutará de felicidade infinita enquanto houver uma a beber a miséria. Andemos nós por onde quisermos, através de todos os graus de vida na terra dos espíritos, nem um só ser desfrutará de felicidade infinita enquanto houver desgosto a gretar, a florescer e a dar frutos, mesmo nas regiões celestiais. Como cada elo nas regiões celestiais se liga a algum outro elo na terra, uma alma infeliz da mais insignificante das criaturas de Deus torna-se o desgosto de todos.

O espírito da verdade e da reforma benevolente, através de Jesus, bem compreendeu isto quando ensinou que aqueles que desejam ser felizes devem procurar aliviar os sofrimentos dos outros. Enquanto os outros continuarem infelizes, vós deveis sê-lo, em maior ou menor grau. Ao nosso questionador foi ensinado a acreditar que o espírito do homem será infinitamente feliz ou miserável para sempre. Foi-lhe ensinado aquilo que é falso para todas as coisas naturais. Ele precisa apenas de consultar a sua própria alma para se convencer de que é falso aquilo que lhe foi ensinado.

Quando todos e cada um dos habitantes do nosso reino estiverem livres de desgosto, livres de tudo o que faz o inferno, então podemos conceber que o nosso questionador esteja em descanso infinito. Enquanto as ondas de desgosto estiverem a rolar sobre um, estarão a rolar sobre cada um. Vê lá, questionador, que faças tudo o que puderes para aliviar os outros, e cada lágrima que puderes limpar adicionará outra ao reino de Deus — ao bem infinito. Trabalha bem e na direção certa. O céu é teu apenas na medida em que for do teu inimigo. Quando te encontrares nas praias imortais e olhares para trás, perceberás que cada onda de desgosto se espalha sobre outros bem como sobre o sofredor. Possamos nós pedir que percebas agora o que perceberás então, e encontres a chave que destrancará o armário do reino do céu. Encontra-a, usa-a, e os anjos regozijar-se-ão com a tua vitória. 2 de Jan.

O Homem uma Lei para Si Próprio

«Será o homem alguma vez uma lei para si mesmo e, se assim for, quando?»

Acreditamos que o homem com o tempo se tornará uma lei para si mesmo. Acreditamos que o homem intelectual tem o poder de controlar todas as coisas na Natureza — fazer todas as coisas servirem-no e servirem-no bem. Acreditamos que o homem tem o poder de se apossar de todo o conhecimento. Acreditamos que quando

ele estiver de posse de todo o conhecimento, será então uma lei para si mesmo. O que é agora ténue para ele tornar-se-á distinto; e ele terá um conhecimento pleno e perfeito de todas as coisas abaixo dele. Ele despirá as vestes da sua presente forma de vida e vestirá as de uma superior. Isto deve ser feito naturalmente e por um crescimento lento e contínuo; então o homem será uma lei para si mesmo. Ele tem ainda de permanecer muito tempo nas suas condições baixas antes de poder exercer o direito divino do seu ser — o direito ao autogoverno. Ele é ainda apenas como uma criança no berço; mas os anjos estão a trabalhar esforçando-se por colocar a coroa do conhecimento e da sabedoria sobre a fronte do homem inferior; então ele poderá tornar-se uma lei para si mesmo. 6 de Jan.

Mensagens aos Céticos

Percebemos que a grande massa de crentes na teoria espiritual está muitas vezes a lançar-nos a seguinte indagação:

«Por que razão os amigos espirituais daqueles que acreditam no fenómeno do Espiritualismo não regressam através do BANNER OF LIGHT, comungando com eles? Por que razão são eles quase todos estranhos, e as suas mensagens para aqueles que não as podem apreciar ou compreender, e que não devolvem ao mundo do pensamento qualquer registo de eles alguma vez virem? Por que razão é assim?»

Propomo-nos a responder a esta pergunta esta tarde. A classe de espíritos que governa ou controla ou guia estas sessões está disposta, como Jesus de Nazaré estava, a dar luz àqueles que mais dela necessitam — àqueles que se sentam na maior escuridão. Àqueles que ainda não viram sequer o primeiro raio de luz, a esses queremos trazer a bênção. Àqueles que porventura ouviram dizer que os espíritos comunicam, mas não conhecem o objetivo da sua vinda — aos espiritualmente surdos, cegos, fracos e doentes, a esses vimos. A essa

grande parte da humanidade que é estéril de frutos adequados, a essa vimos, semeando semente que brotará dando fruto para a honra e glória do nosso Deus na carne.

Desejamos assegurar aos amigos que acreditam no fenómeno espiritual, e estão muito ansiosos por que um ou mais dos seus amigos venham através do BANNER OF LIGHT até eles, que os seus amigos todos e cada um ouvem o seu chamamento; e se a sabedoria os impelisse a responder, mais do que certamente o fariam. Mas quanto àqueles que se sentam no vale e sombra da morte espiritual, estamos mais ansiosos do que quaisquer outros que sejam levados a dar ouvidos aos seus amigos amorosos. Lançamos o nosso fardo aos pés da humanidade, e ele pode jazer aos seus pés por muitos dias, mas logo o tomam e o levam em frente, e então aprendem que os seus caros amigos na vida espiritual os amam e cuidam deles — aprendem o que era desconhecido para eles antes. Asseguraríamos aos nossos caros amigos que não há uma única comunicação publicada no BANNER OF LIGHT que não faça a sua obra devidamente, e de acordo com a vontade e desejo daquele que a enviou pelo mundo fora. Embora a história dos seus efeitos possa repousar em silêncio por eras, ainda assim o futuro contará uma história demasiado maravilhosa para que muitos a acreditem.

Dizia-se que Cristo veio à terra não para chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento — não para conceder os seus dons àqueles que não tinham necessidade deles, mas àqueles que não sabiam como os obter. A nova dispensação do Espiritualismo vem ao homem trazendo-lhe dons que encherão a sua alma de maior glória do que qualquer outra que tenha recebido do passado; pois onde está o desenvolvimento da Natureza tão cheio de bom presságio para a alma humana como aquele que vem falando através do organismo de seres humanos as verdades que unem os entes queridos falecidos aos amigos que lutam no vale da escuridão espiritual, e lhes pede que tenham bom ânimo e cumpram bem as suas tarefas atribuídas na terra, para estarem aptos para a sua companhia quando o véu da mortalidade

for rasgado? Como dissemos, embora possais não sentir a influência destas comunicações, vindas a estranhos de estranhos para vós, no entanto elas realizarão a sua tarefa decretada pelo céu, e todos e cada um receberão a luz e a verdade assim que a luz e a verdade estiverem prontas para ser recebidas. Estai dispostos a deixar Deus fazer a sua obra à sua maneira, quer as vossas ideias e gostos sejam consultados quer não. A grande obra está nas mãos dele, e se todos os seus filhos forem justos para consigo mesmos, todos cumprirão bem a sua missão. 6 de Jan.

PERG. Chamei o Sr. Chase a mim em relação a uma declaração feita por ele aqui recentemente de que era um escravo do seu assassino. Estava eu certo em dizer-lhe que ele poderia, por aspirações mais elevadas, quebrar as condições que o ligavam ao seu assassino?

RESP. A condição pela qual ele disse estar ligado ao seu assassino era natural. Na altura do assassinato, ele projetou o seu magnetismo sobre o seu assassino, e continuará de necessidade nesta condição até que regresse à terra, e enquanto retiver qualquer coisa que pertença legitimamente ao assassino.

P. Não pode este encanto ser quebrado pelas nossas aspirações?

R. Certamente, pois as aspirações apressam o seu voo para cima e para a frente, enviando-o não para objetos terrenos, mas divinos. À medida que um indivíduo deseja subir de uma posição inferior para uma superior, assim recebe força que o capacita a superar todas as coisas, e o faz subir rapidamente. O seu conselho foi bom.

P. Duvidei se, no caso de Chase, ele tinha sido capacitado a superar a sua sede por bebidas alcoólicas, como declarou.

R. Muito verdadeiro — porque os elementos que foram trazidos sobre ele por falsas indulgências não foram em momento algum um instrumento de bem para ele; ele envolveu-se num manto de névoa não confinado aos mortais, pois o espírito carrega tendências terrenas para o mundo espiritual.

P. Estava eu certo em dizer a Charles Todd que, se ele se entregasse aos seus sentimentos de vingança em relação ao Dr. Brown, o seu magnetismo se tornaria mais escuro?

R. Estava certo, porque se tornaria um material mais denso, semelhante à terra, e assim seria um instrumento num plano inferior, intelectual e moralmente.

P. Disse-lhe que ele ficaria cego, se continuasse a entregar-se a estes sentimentos de vingança.

R. No entanto era perfeitamente natural e correto que todos esses sentimentos fossem expelidos, pois ao fazê-lo purgar-se-ia daquilo que tendia a torná-lo escuro — inferno em vez de céu. O bom Quacre estava certo, o qual, quando ouviu um homem a rogar pragas, disse: «Roga pragas, irmão, e purga-te de tudo o que é doentio.»

P. Numa reunião anterior, perguntei: Pode um homem de elevadas aspirações atrair a si um espírito não desenvolvido chamando por ele; ou se, sob certas condições, um homem progredido na terra não pode chamar um espírito não desenvolvido para que possa falar com ele?

R. As condições não são aplicáveis em todos os casos; podem sê-lo em mil e um casos, e não no milésimo segundo. Há alguns espíritos baixos e não desenvolvidos que não têm sido capazes de revisitar a terra há eras, e não o serão por eras vindouras. Eles estão em

condições perfeitamente naturais, e governados pela lei, tanto quanto a lei que governa os planetas e os mantém nas suas órbitas; eles são mantidos na sua condição pela lei, e essa lei não pode ser infringida. Podeis chamar e chamar em vão, e eles não podem vir; eles gravitam para baixo em direção à terra, e não podem subir acima disso. Como no mundo material a lei impede o ultrapassar de limites, assim cada indivíduo, encarnado e desencarnado, é um mundo e planeta em si mesmo — cada um gira na sua própria condição peculiar, e se lhe pedis para dar um passo fora do seu curso, pensais que esse pedido será respondido? Podemos pedir de acordo com a lei, e a exigência será recebida; mas se fora da lei, cairá.

P. Devemos inferir que não podemos ajudar os espíritos?

R. Não deveis, mais do que certamente. O homem sobe apenas na proporção em que aqueles ao seu redor sobem, e se não fizer o bem àqueles ao seu redor, não subirá. É pelo esforço despendido para ajudar outro alguém que a ajuda vem à vossa própria alma. O homem é atualmente apenas uma criança, e pouco sabe de si mesmo, ou das suas envolventes; mas porque não sabe todas as coisas, deveremos fechar as avenidas da alma, e não ir em frente? Deveremos esconder um talento, porque não temos vinte? Despendam tudo o que têm para benefício da raça, e trareis de volta uma colheita que bem vale o tempo da sementeira. O homem comete muitos erros na sua jornada para cima e para a frente, e poucos cessam de os cometer. Porque não o faz, tem de necessidade de cair, no entanto vai mais alto e ainda mais alto, para todo o sempre. À medida que tenta escalar a montanha que parece quase inacessível, a Natureza ajuda-o à medida que ele despende esforços para a escalar. Quando ele despende um talento, o mesmo dador entrega-lhe outro, e assim é ao longo de toda a linha da eternidade. 7 de Jan.

Têm os amigos uma pergunta para discussão esta tarde? Estamos prontos para tal.

PERG. Que distinção fazeis, se alguma, entre mente e espírito?

Resp. A mente, para nós, é a manifestação do espírito — ou por outras palavras, a mente é o veículo através do qual o espírito se manifesta. A mente, segundo a nossa ideia, está numa relação mais próxima com a mortalidade do que o espírito. É um meio entre os dois, ou um algo que une as faculdades externas e internas, e dá à alma a sua forma peculiar de expressão. A mente pode ser chamada o corpo magnético do espírito. Através desse corpo magnético, o espírito manifesta as peculiaridades da sua vida orgânica. Esta é a definição mais simples de mente, ou a distinção entre mente e espírito, que nos é aparente. Há mais perguntas? Se assim for, estamos prontos para as receber.

P. Poder do espírito: até que ponto se move sobre os mortais para agir e falar?

R. Ou, por outras palavras, quanto poder têm os espíritos sobre a humanidade? Quando os habitantes do mundo dos espíritos entrarem na posse do conhecimento que é requisito para o governo das formas materiais, então o poder será compreendido. Agora está limitado, porque esse conhecimento é limitado — porque eles não estão ainda familiarizados com as leis pelas quais a existência em espírito é governada. Espírito! O que não pode ele superar? Há alguma coisa no vasto universo que o poder do espírito, quando uma vez totalmente desenvolvido, não possa manter seu sujeito? Para nós, não há nada.

É verdade que o mundo material está em direta sintonia com o mundo dos espíritos; e como o mundo dos espíritos mantém essa relação convosco; até aí, pois, podem os desencarnados agir sobre os encarnados, e influenciar de acordo com a sua vontade e prazer. O homem pode ele próprio atrair a si a ajuda do poder espiritual, ao adquirir para si um conhecimento das leis governantes. Uma grande porção da humanidade é cega para essas leis agora, e pode permanecer

assim por algum tempo, mas não há tal coisa como uma cegueira eterna. Novamente dizemos, quando os habitantes do mundo dos espíritos entrarem na posse de conhecimento suficiente para superar todos os obstáculos da vida material, então o poder do espírito será ilimitado. Atualmente está limitado.

P. Acredita numa distinção entre alma e espírito?

R. Como indivíduo, não acredito. Há muitos que acreditam — muitos que acreditam que a alma é parte da Divindade; a parte divina da humanidade. «Mas», como indivíduo, acredito que a alma e o espírito são um só. Prossegui.

P. Qual é o princípio de vida no mortal? — e permanece ele com o desencarnado?

R. Essa parte do princípio de vida de Deus necessária ao desenvolvimento do espírito vai com o espírito; deixa o mortal para sempre. Essa parte necessária para permanecer com o corpo, a forma morta, permanece com ele. A vida está em todo o lado. Olhais para a forma que está aparentemente sem vida. Foi uma vez a morada daquele que amastes; e agora dizeis que está morta. Mas falais ignorantemente, pois ela está de facto viva, em material. Uma certa parte do princípio de vida é deixada com o corpo. Se não fosse assim, permaneceria para todo o sempre na sua condição atual; mas como estão as coisas, é resolvida de volta novamente para os seus elementos primários, para ser trabalhada repetidamente, para sempre.

P. Isto é toda a ressurreição do corpo que alguma vez haverá, então, não é?

R. Sim, mas não de acordo com os credos. O corpo ergue-se novamente na forma de relva, flores, frutos, árvores, ar, de cada uma e

de todas as formas e fases da vida. Cada zéfiro que abana a vossa fronte está carregado com as suas emanações, e cada coisa que comeis devolve-vos o alimento que tinha derivado dos vossos antepassados. Todos os seres são assim ressuscitados, de acordo com a lei natural; mas a velha ideia da ressurreição do corpo é uma ideia desprovida de sentido e razão.

P. Deste como tua opinião que a alma e o espírito são idênticos — são o mesmo. Foi declarado que a alma é tanto um envoltório para o espírito como o corpo é um envoltório para a alma. Ora não fazem estas diferenças de opinião vindas dos espíritos discórdia nas esferas dos anjos?

R. Mais do que certamente não. Todos e cada um percebem e ensinam o que para eles é lícito e correto. Na esfera do intelecto, há uma vasta variedade, como há em qualquer outro lado na Natureza. Nenhuma das duas flores é feita para parecer igual. São as suas cores e perfumes menos harmoniosos? São elas imperfeitas por não serem iguais? Nenhuma das duas folhas, nem formas e rostos humanos, são iguais. São eles imperfeitos em consequência? Certamente que não. Todos e cada um têm o seu próprio reino peculiar para habitar, e são úteis e igualmente importantes aos olhos do grande Deus sobre todos.

P. Mas em matérias tão importantes, que critério temos nós como indivíduos para julgar da correção das comunicações dadas a nós por diferentes mentes?

R. Ponderai todas e cada uma das que recebeis na balança da vossa própria razão. O que parecer razoável e correto para vós, aceitai; o que parecer errado, recusai receber até que se recomende favoravelmente ao vosso julgamento — até esse tempo em que possais percebê-lo como correto e não errado. A verdade recomendar-se-á ao homem sempre; se ele não estiver pronto para ela, a verdade pode bem

dar-se ao luxo de esperar — ele, apenas, é o perdedor. Um regressa, declarando que não há céu nem inferno.

Outro regressa, proclamando que há tal coisa como céu ou inferno. Cada um fala a verdade, de acordo com a quantidade dela que é capaz de receber e dar a conhecer. O outro, porque viu apenas essa quantidade de luz. O espírito e a alma do homem ninguém pode jamais compreender. Ninguém os mede — ninguém os pode sondar. Eles são a Divindade e, como ele, Infinitos. O finito pode ouvir e saber do Infinito, mas não pode detê-lo e limitá-lo. Mas novamente digo, como indivíduo, acredito que a alma e o espírito de homens e mulheres são um e o mesmo. 20 de Jan.

Têm os amigos uma pergunta para nos propor?

PERG. O que é feito de Mason e Slidell, e estão eles em segurança?

RESP. Estão em segurança — vivos — no corpo — e a aproximarem-se das praias da velha Inglaterra.

P. Qual é a sua verdadeira missão? É ela conhecida dos espíritos?

R. Eles são atores importantes no grande palco da guerra civil, e têm o seu papel a desempenhar, o qual será feito, e bem feito. O que tem de ser feito, será bem feito. Há um grande poder a governar todas as coisas, e embora haja uma aparência de mal convosco, é apenas porque a pobre mortalidade é incapaz de ver claramente.

P. Sabem os espíritos os nossos pensamentos?

R. Por vezes sabem. Quando estão em sintonia com os indivíduos, são então até certo ponto capazes de ler a tábua do pensamento.

P. Por que razão nunca mantemos comunhão com o espírito de Jesus?

R. Estais continuamente a ter comunicações desse mesmo espírito; mas se ele viesse entre vós e se declarasse Jesus de Nazaré, onde estaria a vossa fé? Que bem certo seria ele então capaz de realizar? O bem não repousa no nome, mas no ato.

P. Tem a luz artificial ou elétrica o mesmo efeito, material e espiritual, que a luz natural?

R. Toda a luz é positiva, e todas as suas manifestações, quer atmosféricas, magnéticas ou elétricas. É positiva sempre, e tem sempre precisamente a mesma influência.

P. Falareis sobre a Luz como uma Força Motora?

R. A luz é a eletricidade positiva da vida material — a grande força motora pela qual todas as vossas mudanças são provocadas. Sem ela, não haveria vida, nem mudança, nem sinal de progresso. Podemos chamar-lhe a mão direita da Divindade; sem ela, não poderia haver poder na esquerda. Compreendem-nos?

P. Tem a luz poder para mover corpos ponderáveis?

R. Indubitavelmente tem. Não há nada que ela não possa mover, quando sabeis como usar o poder centrado na luz.

P. São os espíritos movidos por ela?

R. São.

P. Há alguma diferença entre luz e eletricidade?

R. Há diferentes graus de luz, e há diferentes graus de força elétrica; mas a essência é uma e a mesma. Há diferentes graus de vida humana — infância, meninice, maturidade e velhice; mas o princípio de vida é o mesmo num como no outro. O mesmo se passa com a luz. Não houve forma peculiar de vida no universo senão após o nascimento da luz, embora a vida tenha sempre existido, e não conheçamos tempo ou época especial da sua criação, no entanto acreditamos que todas as formas da Natureza eram ocas até que a luz nasceu. A luz é a grande força motora pela qual todos e cada um dos mundos são mantidos na sua posição devida, e continuamente a ascender — isto é, a ser tornados mais puros, mais divinos e mais perfeitos.

P. Produz a luz todos os movimentos subterrâneos?

R. Até certo ponto permeia todos os universos. Ela habita na pedra, no coração do granito, e adormece sob a montanha. Não há lugar na terra ou debaixo da terra onde a luz não seja sentida. O centro da terra não é escuro, mas luminoso; mares de fogo sempre a arder estão a trabalhar no coração da vossa terra, e todas as formações materiais entre a superfície onde estamos e essa massa a arder foram temperadas e reguladas pelo calor e pela luz; portanto não há parte do universo, material ou espiritual, onde a luz não exista. 21 de Jan.

Os Direitos dos Estados Soberanos

Somos chamados a considerar brevemente os direitos constitucionais dos Estados individuais. Alguém nos faz a pergunta:

«Não está cada Estado dotado de um poder soberano próprio? Não é um pequeno reino em si mesmo?»

O breve espaço de tempo concedido a nós para considerar este assunto julgamos inadequado para aquele que está diante de nós; contudo estamos obrigados a falar sobre ele.

Os direitos constitucionais dos Estados individuais — quais são eles? Percebemos que o amigo que nos questionou se refere diretamente à secessão e à escravatura africana. Ele poderia muito bem ter-nos perguntado se as duas não estão de acordo com a Constituição dos Estados Unidos. Percebendo, como percebemos, a corrente que subjaz à pergunta, responderemos em conformidade.

A Constituição dos Estados Unidos, acreditamos nós, dá a cada Estado individual o direito de fazer as suas próprias leis e tomar conta dos seus assuntos internos, contanto que estas leis sejam feitas em estrita harmonia com a Constituição; se não forem assim, tornam-se nulas — sem valor algum. Ora em relação à escravatura: acreditamos ser, em todos os sentidos da palavra, estritamente constitucional. Muito bem sabemos que há milhares no vosso meio que a veem de outra forma, e que a chamam contrária a Deus, contanto que seja constitucional; mas não obstante as muitas objeções que existem nas mentes de alguns em referência à matéria, temos ainda de declarar que acreditamos que a escravatura está estritamente de acordo com a Constituição dos Estados Unidos, e acreditamos que cada Estado tem o direito de fazer tais leis e regulamentos como lhes aprouver relativamente a esta instituição, e nenhum outro Estado tem o direito de interferir.

Mas no que diz respeito à secessão, essa é total e inteiramente inconstitucional. Cada Estado que foi alguma vez admitido na União jurou fidelidade eterna à União, à Constituição, a base sobre a qual o Governo repousa. Qualquer tentativa de sacudir esta fidelidade não passa de uma tentativa de quebrar toda a lei, e espalhar toda a ordem aos quatro ventos do céu. Nenhum Estado tem o direito de fazer isto; e

se eu estivesse no poder, oh, nosso questionador, como uma vez estive, enforcaria tão alto como um homem aquele que ousasse sequer dar pensamento ou dar o exemplo de tal ideia traidora. Não me importa a sua posição, seja ele santo ou pecador. Novamente declaro, enforcaria tão alto como um homem, se tivesse o poder para o fazer, o defensor de tal ideia. Aqui, pois, declaro-me a favor da Pena de Morte, pois declaro que um ou dois deveriam ser feitos sofrer para o bem de milhões. Tendes a minha resposta.

Propomo-nos agora a responder a tais perguntas como possam ser propostas para nós nos minutos seguintes. O espírito foi pedido para declarar em que é que Comunidades separadas não tinham o mesmo direito que reinos independentes.

RESP. A inteligência que falou convosco sobre o assunto especificado partiu; contudo, como estou aqui para responder a perguntas, responderei de acordo com o melhor da minha capacidade. Com a voz do povo aqui, repousa o poder. Não compreendestes o espírito quando aqui esteve para falar dos nossos Estados como reinos. Aquele que questionou a inteligência questionou desta forma: Não é cada Estado individual um reino separado em si mesmo? Não é um poder em si mesmo? Não tem o direito de controlar os seus próprios assuntos com exclusão de todos os outros? A inteligência defendeu que não tinha tal direito, e que isso não se encontra na Constituição dos Estados Unidos. Se as leis feitas pelos Estados individuais estiverem de acordo com a Constituição dos Estados Unidos, elas devem ser apoiadas pela Constituição; se não, o Governo tem o direito de as considerar nulas, e agir em conformidade.

P. Não têm estas comunidades separadas os direitos de um povo soberano? Não repousa este poder soberano com o povo, onde quer que ele esteja?

R. Tendes razão. Não defendeu a inteligência o mesmo?

P. Onde está, então, a inconstitucionalidade da secessão?

R. A Constituição dos Estados Unidos, de acordo com a nossa compreensão dela, foi elaborada para o bem de todos — não para o único, mas para os muitos. Com o propósito de igual benefício e força, os Estados separados foram consolidados ou unidos sob um único Governo — cada um até um grau ainda independente dos outros, e no entanto apenas até um grau, pois eles renderam uma certa quantidade da sua individualidade ao tomarem sobre si os laços da União. Quando eles tentam quebrar a fidelidade que juraram manter, já não são verdadeiros para com a Constituição, e, de acordo com as ideias do orador anterior, devem ser tratados em conformidade. Embora o Estado possa dizer que tem o direito soberano de se retirar da Confederação da União quando julgar conveniente, a Constituição nunca deu tais direitos, e nunca os aprovará.

P. Desejo saber se há alguma coisa na Constituição que negue o direito de um Estado se retirar?

R. A Constituição dos Estados Unidos declara plenamente que nenhum Estado tem o direito de se separar da União — pois a União são eles próprios, tendo-se tornado um com ela. Portanto todas as ideias de secessão são traidoras e inconstitucionais; e quem quer que abrigue o pensamento nutre uma víbora que, mais cedo ou mais tarde, cravará as suas presas nos vitais do povo, e causará a sua morte como Comunidade.

P. De acordo com os princípios estabelecidos, se alguém se junta a uma sociedade diabólica, não importa quão infames sejam os seus propósitos, não tem o direito de se retirar dela, mesmo depois de ter visto o seu mal?

R. De acordo com a Constituição, a voz do povo governa; e se governa, o que diz a voz do povo? O Governo dos Estados Unidos

teve o seu propósito na elevação do bem, do nobre e do verdadeiro, e, em todos os sentidos, do que é divino. Foi o bem de todos e o prejuízo de ninguém. Ora, então, se a voz da multidão governa, a multidão, que são estes Estados separados, é responsável por essa voz, cada um de acordo com a sua força. No que diz respeito a ser uma sociedade diabólica, um instrumento do vício e concebida na iniquidade, apontamos-vos para os registos não apenas da terra, mas do céu. A vossa Constituição serviu bem a vossa nação no passado, e no futuro ver-se-á que é boa e verdadeira. Adeus. 3 de Feb.

Hereditariedade

Alguns momentos serão agora ocupados a responder a perguntas de pessoas presentes.

Um visitante perguntou:

A lei da hereditariedade. Qual é o resultado nos graus futuros de vida da violação da lei espiritual na vida terrena?

Precisamente similar ao efeito visto na vida terrena. Transmitis doenças físicas aos vossos filhos. Isto é-vos aparente. Se o fazeis através do vosso físico, fazeis também através da lei espiritual. Não podeis violar uma sem afetar a outra. Por exemplo: um Webster lança uma grande quantidade do seu poder na escala intelectual, ou, por outras palavras, ele é cuidadoso apenas com os seus poderes intelectuais, e o moral é portanto muito pouco cuidado. Ora, então, um Webster, sob tais condições, está intelectualmente doente. Ele tem uma superabundância de força intelectual, e uma igual falta de poder moral.

Enquanto nesta condição peculiar, caso um Webster gere um filho ou filha, como consequência natural, ele transmite uma porção do seu defeito a esse filho ou filha, e assim pode ser ao longo de uma

extensa linha de gerações. E se este é o caso com o corpo material ou organismo externo, tem de ser o caso também com os espíritos no mundo dos espíritos, pois a mudança da morte apenas remove o gérmen da alma de uma condição para outra sem de resto perturbar o seu caráter ou identidade. E o efeito não pode deixar de ser o mesmo, quer a violação da lei seja deliberada quer por ignorância. Respondemos à pergunta para vossa satisfação? 4 de Feb.

Magnetismo e Eletricidade

Têm os amigos alguma pergunta a propor-nos? Pretendemos ocupar os próximos minutos a responder a qualquer questão que nos seja colocada.

As seguintes perguntas foram respondidas por ordem:
PERGUNTA. — Queira explicar qual é a diferença entre magnetismo e eletricidade?

RESPOSTA. — Relativamente falando, existe uma diferença, porque um é o positivo e o outro o negativo. O magnetismo é o positivo e a eletricidade o negativo; mas, quando considerados espiritualmente, são uma e a mesma coisa. O magnetismo e a eletricidade são as forças vitalizadoras da vida — as forças pelas quais viveis, vos moves e tendes a vossa existência; e como nunca existiu uma coisa unilateral, sendo tudo partes e porções da mesma entidade, assim também o magnetismo positivo e a eletricidade negativa são partes da mesma grande lei. Além disso, existem tantas espécies de magnetismo e de eletricidade quantas as formas individuais de vida, tendo cada uma o seu próprio lugar, condição e uso; e compreender tudo é estar além e acima de tudo, capaz de olhar do alto para todo o universo e de o atravessar com o olhar. À eletricidade, voltamos a dizer, pode chamar-se a mãe do universo, e ao magnetismo o pai.

P. — Se o magnetismo atrai e solidifica, a eletricidade dissipa ou dispersa?

R. — Sob certas condições, assim é; sob outras condições, é exatamente o oposto. Por vezes, o elemento magnético atrai e por

vezes dissipa, ou dissolve; por vezes, também, a eletricidade é levada a atrair e, noutras ocasiões, a dispersar, tudo dependendo da relação e da condição de cada parte do elemento combinado.

P. — É a ação elétrica sobre os primeiros reinos dos sólidos e dos fluidos que produz a nossa atmosfera?

R. — A ação harmoniosa dos poderes magnéticos e elétricos produz o movimento; do movimento vem a mudança; da mudança, novas formas.

P. — Não existe em redor desta Terra uma faixa magnética ou elétrica mais pura do que a nossa atmosfera? Se sim, é mais solidificada?

R. — Existe, mas não é mais solidificada; pelo contrário, é mais atmosférica e invisível. Aquilo que é invisível para o mortal, e percetível apenas para a visão imortal, contém certamente o maior poder. Aquilo que podeis realizar, sentir e ver, e que é aparente para os vossos sentidos externos, quando comparado com o que é invisível a tudo isto, carece de poder.

P. — Existe alguma condição em que um corpo elétrico possa ser colocado de modo a ficar positivo em relação a um corpo magnético?

R. — Sim, o ambiente da mente pode atuar de tal forma sobre o corpo que o torne, de momento, positivo; e pode atuar de modo a torná-lo negativo. Toda e qualquer forma de vida, visível ou invisível, está ligada a todas as outras e é, assim, capaz de sofrer a ação de qualquer outra forma e partícula que lhe esteja associada. Podemos percecionar diante de nós um espírito possuidor de tudo o que cria um elemento positivo ou um reino em si mesmo; e quando o sujeitamos a certas condições, influências, inteligências ou formas de vida que possam ser atraídas por essa forma, dá-se uma mudança e, em vez de uma condição, contemplamos outra. Isto seria a prova concreta de que nenhum de vós é um ser independente, mas que cada um depende de todos os outros, e todas as coisas dependem de tudo o resto, para a sua existência e perfeição.

Feb. 6.

PERGUNTA. — Terá o General McClellan tido realmente o sonho que foi publicado recentemente no *BANNER*?

RESPOSTA. — A pergunta é oportuna e fácil de responder. Tal visão, ou premonição, foi de facto concedida ao Comandante-em-Chefe do exército Federal. O Todo-Poderoso vive, e o mesmo poder que vos ajudou, a vós, povo americano, a alcançar a vossa independência há anos, interveio hoje a vosso favor. Não há nada de estranho ou desnatural no sonho de que falais. É um facto simples e, embora tenha recebido algum colorido do indivíduo que vo-lo transmitiu, é contudo verdadeiro. O General McClellan está a agir de acordo com os ditames do seu guia espiritual, aquele que lhe dá a informação referida. A fraca mortalidade não é capaz de seguir inteiramente os ditames da imortalidade, mas, tanto quanto nos é dado julgar, acreditamos firmemente que o General McClellan — tal como o nosso bem-amado Washington, cuja memória ainda acalentamos — foi enviado por Deus como um segundo Salvador para esta nação oprimida.

P. — Foi entregue ao General McClellan um mapa com essas características?

R. — Aquilo que é considerado literal, objetivo ou tangível pelos mortais nem sempre é classificado sob a mesma categoria por nós. Não estamos dispostos a declarar se tal mapa lhe foi entregue em papel, mas declaramos que lhe foi transmitido mentalmente.

P. — A emancipação geral resultará desta guerra?

R. — Essa pergunta tem sido feita muitas vezes e chega continuamente à terra dos espíritos: onde estão os nossos pais? Tomarão eles parte ativa neste confronto? Os espíritos dos vossos pais foram gerados e nutridos pelo próprio poder que está hoje no vosso meio. Sabei, pois, por virtude destas condições naturais, que eles têm de regressar e participar no conflito em curso. Antes da tomada de posse do General McClellan, os vossos pais espirituais perceberam que havia uma escassez entre vós. Não sabíeis para que lado avançar

com segurança. A cada passo que dáveis, surgiam novas dificuldades no vosso caminho.

Havia traidores entre vós — sim, alojados sob as próprias paredes do Capitólio — que vigiavam secretamente os vossos menores movimentos, apenas para os relatar aos vossos inimigos. Dececionados, perplexos e traídos por aqueles que tinham jurado publicamente ajudar-vos e defender-vos, nessa hora decisiva caístes exaustos e desesperados por terra, clamando como o bravo Espártaco de outrora: "*There are no Gods in heaven!"* [Não há Deuses no céu!]. Mas, mesmo nessa altura, enquanto murmuráveis contra os decretos da Providência, o Pai de todas as Misericórdias procurava diligentemente em cada cidade, aldeia e povoação do Norte alguém que estivesse capacitado para realizar a grande obra de salvação deste país oprimido. Por fim, do próprio coração da vossa nação, foi encontrado um homem de natureza mediúnica e dotado de talentos militares superiores, a quem esta monumental missão foi confiada.

E bem podemos dizer que o General McClellan foi nomeado por Deus como um Salvador para o povo da nossa República, decaída mas até agora gloriosa. Que a vossa fé na prudência e no valor deste recém-nomeado Washington não vacile por um momento, pois, ainda que as próprias mandíbulas da morte se abram ao seu redor, nenhum mal lhe acontecerá, porque há sobre ele um escudo mais poderoso e tangível do que as mentes humanas podem conceber! Cada um de vós tem uma grande obra a realizar na condução deste grandioso trabalho de redenção.

A cada hora da vossa vida enviais emoções para o bem ou para o mal; portanto, cuidai para que nada seja lançado por vós para o futuro que não regresse trazendo bom fruto a cento por um. Enviai a vossa ajuda a Deus, peço-vos, pois o grande Eterno precisa de todos vós e não dispensaria um único que fosse. A secessão desferiu o golpe mortal na escravatura e, dentro em breve, a mancha escura do cativeiro, que permaneceu como um nódoa imunda sobre a superfície do nosso amado país, será apagada para sempre por falanges angélicas; enquanto, por toda esta terra gloriosa, o canto de ação de

graças se erguerá Àquele que concedeu o precioso direito de nascença da liberdade a cada um dos seus filhos oprimidos.

20 de fev.

O Uso da Oração

Propomo-nos falar durante alguns momentos sobre o uso da oração. Terá ela alguma utilidade? Pergunta um de vós, mortais. Pode a oração valer-nos de alguma coisa? Um dos capazes expositores da doutrina espiritual declara não ter fé na oração, ou apenas naquela que vem do uso das mãos e dos pés. Temos pena de alguém assim, pois falhou em analisar a oração para lá do externo. Temos pena dele, voltamos a dizer, porque sabemos que, mais cedo ou mais tarde, será obrigado a derrubar a falsa estrutura que construiu e a erguer um novo edifício, antes de poder esperar viver em harmonia com Deus e com o homem. É bom orar?

Declaramos que é bom, aliás, mais do que isso, necessário, para que possais entrar em comunhão direta com outros mais fortes do que vós. Ao redor de cada espírito há um corpo magnético. Talvez esse corpo se tenha tornado escuro e denso pelo pecado. Um espírito assim está, portanto, encerrado num túmulo vivo e não tem comunhão com os que estão acima dele. Ora, quando um tal corpo magnético se forma em redor de um espírito, esse espírito sente desejos de derrubar as suas paredes prisioneiras. Como se fará isso, então, a não ser pela oração? No momento em que o espírito lança as suas setas de verdade, entra em contacto com uma classe de espíritos mais fortes do que ele e, através da comunhão direta com eles, vê as suas próprias faculdades espirituais fortalecidas e aumentadas.

Para provar que dizemos a verdade, basta remeter-vos para aquele que se afastava frequentemente daqueles que amava para comungar com o seu Pai Divino. À noite, no jardim do Getsémani, dobrou os joelhos e, erguendo a voz em oração, disse: "*Father, all things are possible unto thee; take away this cup from me; nevertheless, not what I will, but what thou wilt."* [Pai, todas as coisas te são possíveis; afasta de mim este cálice; contudo, não se faça o que eu quero, mas o que tu

queres]. Regressando para junto dos seus amados discípulos, encontrou-os a dormir e, dirigindo-se a Pedro, disse: "*What, could ye not watch with me one hour? Watch and pray, that ye enter not into temptation; the spirit indeed is willing, but the flesh is weak."* [Então, não pudestes vigiar comigo uma hora? Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca]. Através da oração, Cristo atraiu a si uma legião de anjos que o ampararam na sua angústia, mesmo quando pregado na cruz.

Como foi com Washington — aquele a quem o povo americano chama Salvador — quando as probabilidades estavam terrivelmente contra ele, quando ninguém ao seu lado podia dizer com verdade: "Acredito que vencerás"? Sozinho, ergueu a sua voz em oração ao Pai de todas as misericórdias. E quem há entre vós hoje que, recordando as suas fugas miraculosas no campo de batalha, ouse negar que Deus ouviu e respondeu a essa oração, e que foi através do auxílio celestial que a independência das colónias americanas foi alcançada? Ninguém, confio eu. Uma legião de espíritos fortes foi então, como agora, atraída em auxílio do vosso país por virtude da oração.

Agora, pois, podeis conceber que a oração tem alguma utilidade. Nenhum de vós consegue ver quanto poder jaz adormecido numa única gota de água e, no entanto, nas mãos de Deus, essa minúscula gota tem força suficiente para inundar a vossa cidade, arrastar as vossas pontes e espalhar nas vossas praias uma longa linha de destroços. Oh, procurai, pois, compreender as coisas espirituais da vida e, à medida que o fizerdes, subireis a escada da oração. O que pode a oração trazer ao homem? Todo o poder do mundo angélico. Não precisais de recuar mil e oitocentos anos na história do mundo para saber que a oração é de grande utilidade para a humanidade. Não, nem precisais de ir além da hora presente para conhecer esta verdade; e se ela não vos provar a sua utilidade, o seu valor inestimável para a frágil mortalidade, então bem podeis dizer que não há luz nem inteligência entre os homens.

PERGUNTA. Explica a filosofia da oração? De que é ela a expressão natural?

RESPOSTA. — Podemos dizer que é a chave que abre a porta da prisão, do lado de fora da qual o anjo da guarda de cada indivíduo se encontra a pedir entrada. A oração é um elemento divino; algo implantado na natureza humana pelo próprio Divino e é, de facto, parte e porção do Ser Divino. Quando o homem exercita essa faculdade, ela vai direta a Deus, mesmo antes de a expressão do pensamento ter escapado dos lábios humanos. O poeta diz que a oração é "*the motion of the human fire that dwells within the breast"* [o movimento do fogo humano que habita no peito], algo que não conseguimos compreender porque não conhecemos o nosso Deus. Ela coloca o homem em *rapport* com os elementos que harmonizam a alma. Os vossos mártires passaram através da oração para o mundo dos espíritos e, no entanto, todos eles regressarão para vos dizer que na morte não sofreram qualquer dor física, porque o espiritual triunfou sobre o físico, e todas as dores inerentes à mortalidade agonizante foram retiradas.

24 de fev.

PERGUNTA. — Iluminação Espiritual da alma imortal: existe tal condição e o que é?

RESPOSTA. — Enquanto o espírito habita na meia-noite do erro, ou naquilo a que se pode chamar a noite religiosa, pode dizer-se que habita na morte, segundo a compreensão material ou mortal. Quando o espírito sai da sua escuridão e vê pela luz da razão, torna-se um corpo luminoso, magneticamente encarregado de verdade. Neste sentido, e apenas neste, o espírito pode ser chamado um corpo luminoso.

P. — Existem espíritos maus?

R. — Com toda a certeza que sim. A experiência ensinou-vos a todos que os tendes convosco na Terra, e nós, nas esferas celestiais, temo-los connosco desencarnados. Não há alteração do espírito após a morte; é precisamente o mesmo que era antes da sua desmaterialização. Quando considerado espiritual e divinamente, não há mal; mas quando nos aproximamos da Terra e a olhamos do vosso ponto de vista, vemo-lo ao nosso redor. Pelo bem, sabeis que existe o

mal; pelo mal, conheceis o bem. Ambas as qualidades são necessárias ao crescimento uma da outra.

Portanto, quando os pouco desenvolvidos e os não santificados regressam à Terra, em vez de os receberdes com injustiça e desprezo, deveis acolhê-los com um coração humilde e esforçar-vos por lhes ensinar os caminhos do Eterno. Ninguém precisa de temer a existência de espíritos maus, ou as sombras escuras que a sua aproximação à Terra lança sobre o mundo material, pois eles não vos farão mal se viverdes de acordo com Deus e com as leis da vossa natureza. O mal é a mão esquerda da alegria e é tão necessário à vossa felicidade como a Luz é necessária à chegada do dia.

P. — Existe no mundo espiritual tanta luta e contenda como a que se encontra cá em baixo?

R. — Existe com toda a certeza; e, por vezes, existe entre nós num grau mais elevado do que convosco na Terra. A luta, a discórdia ou a agitação são apenas o funcionamento da grande lei da Natureza para aperfeiçoar a Criação. Ensinaram-vos em algum lado que existe um lugar de paz ou, por outras palavras, um estado de total inatividade. Ora, nós não conhecemos tal lugar no reino celestial. Há tanta luta e contenda lá como cá em baixo, apenas é mais espiritual e mais refinada. Não há duas pessoas que pensem da mesma maneira, nem duas que sejam moldadas de forma idêntica; cada espírito é dotado de liberdade e, se assim o sentirem, o poder brotará e lançar-se-á no vasto oceano da eternidade. Um espírito de antagonismo vai ao seu encontro e, assim, são lançados numa fornalha ardente e tornam-se, por assim dizer, purificados. É por esta sabedoria Eterna que vós, cá em baixo, aprendeis a sabedoria, vos tornais fortes e vos transformais, em certo sentido, em Deuses de vós mesmos.

4 de março.

Solilóquio

Desde a alvorada da verdade espiritual e da comunicação dos espíritos vindos da terra do Invisível, tem sido sempre o nosso propósito fazer o que está ao nosso alcance para auxiliar a raça

humana; e, no cumprimento da nossa missão, somos obrigados a recorrer a vários meios e, em vez de tocar numa única corda da harpa da humanidade, somos obrigados a tocá-las a todas, para que a melodia da verdade de Deus seja harmoniosa e completa. Ora, como nós, espíritos, somos obrigados a aproximar-nos de vós, humanos, através destes canais terrestres, as verdades tão livremente expressas por nós têm de apresentar ao ouvinte mortal uma variedade de formas, cores e personalidades, bem como aparentes contradições de termos e afirmações. Mas se olhardes para além do externo, percebereis de imediato que há uma certa harmonia, um grau de unidade subjacente a tudo, que fala de Deus e imprime o selo da sua santa mão sobre todas as coisas espiritualmente pronunciadas ou escritas. Desejamos dar-vos, a vós mortais, aquilo que procede unicamente da fonte da verdade; apelar a esse rio cristalino de verdade que flui ao redor de cada alma humana e, se formos bem-sucedidos nisso, as águas misturar-se-ão e Deus será glorificado.

18 de março.

PERGUNTA. — Quais são as relações existentes entre espírito e vida, e entre vida e eletricidade?

RESPOSTA. — Espírito, vida e eletricidade, enquanto essência, são um só. Quando assim considerados, não há realmente diferença entre eles.

P. — Por favor, demonstre essa afirmação?

R. — Não o podemos fazer de forma satisfatória. Para compreenderem claramente esta verdade, têm de estar do nosso lado. Têm de deixar de existir no estado mortal, posicionar-se fora do mortal ou, por outras palavras, tornar-se imortais, a fim de compreenderem plenamente o nosso significado. As coisas que pertencem exclusivamente ao espírito não podem ser claramente compreendidas pela mortalidade; quando, portanto, deixardes de existir na carne e vos tornardes, por assim dizer, espiritualizados, então, e só então, vereis como nós vemos.

P. — O espírito é material?

R. — Até certo ponto, é.

P. — Até que ponto?

R. — Enquanto o espírito habita na esfera de vida terrena, participa da materialidade dessa vida; mas, à medida que avança em direção ao mundo dos espíritos, torna-se etéreo e completamente separado da sua existência terrena.

P. — Cristo não disse que o espírito não tem forma?

R. — Não sabemos que o tenha dito. Acreditamos que Jesus falou desta forma: "*A spirit hath not flesh and bones like ye see me have."* [Um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho]. Ele pretendia transmitir às mentes dos seus seguidores que tinha deixado o antigo estado, que tinha passado para uma existência mais elevada e mais espiritual.

P. — A eletricidade é uma substância ponderável?

R. — A eletricidade é uma substância tanto ponderável como imponderável. Ponderável quando ligada ao mundo objetivo; imponderável quando ligada ao mundo espiritual.

P. — O que lhe dá peso?

R. — A sua relação mútua.

P. — Existe tal coisa como o pecado no mundo?

R. — De acordo com a estrita definição espiritual, não há pecado. Amigo, é impossível para o espírito encerrado na mortalidade compreender plenamente a posição do espírito que se encontra do lado de fora. Aquilo que para nós é conhecimento, para vós é apenas uma crença. A grande lei da Natureza fixou os nossos limites. Há um abismo entre nós; quando o mensageiro da mudança o eliminar e vos colocar do outro lado, vereis então aquilo que vos era invisível como mortais. Estais limitados à lei mortal e deveis obedecer aos seus ditames. Eu, como espírito individual, não devo transgredir as leis de Deus; devo obedecer à sua lei, pois é de tal ordem que não pode ser violada.

Alguém disse: “Então nunca nenhuma lei do Todo-Poderoso foi violada.” Ao que o espírito respondeu:

Certamente que não. Se as leis de Deus pudessem ser violadas, onde estaria, então, a omnipotência? O homem e Deus diferem neste aspeto: um é finito, o outro é infinito. Se Deus não fosse um ser supremo cujas leis são invioláveis, poderíeis facilmente esmagá-lo e quebrá-lo sob os vossos pés como o mais pequeno átomo.

P. — O Apóstolo Paulo não falou dos Gálatas como pecadores?

R. — O Apóstolo Paulo transmitiu aquilo que lhe parecia ser verdade.

P. — O que é o pecado?

R. — Afirmamos novamente que não há transgressão da lei de Deus. Poderíeis da mesma forma declarar-nos que, pela vossa vontade, poderíeis arrancar aquele sol da sua posição nos céus e colocá-lo aos vossos pés. Deus é Deus em toda a parte e as suas leis são incapazes de ser transgredidas pelo homem.

P. — Não estou eu sujeito à lei de Deus?

R. — As leis de Deus que são reconhecidas por vós na mortalidade são simplesmente as leis do vosso ser material. Neste caso, qualquer transgressão da vossa parte seria uma violação do externo — a lei da natureza — e não do interno.

P. — Quem é o autor desta lei da natureza?

R. — Deus.

P. — Não é ela, então, a lei de Deus?

R. — A lei de Deus é algo incapaz de ser transgredido. Podeis fazer violência ao externo, mas não ao interno. Viveis agora no mundo objetivo, mas quando tiverdes vestido as vestes da imortalidade, concordareis connosco em como não há pecado.

P. — Se não há pecado na Terra, porque orou pela humanidade esta tarde?

R. — Oramos porque é da nossa natureza fazê-lo. Adoramos porque entramos em *rapport*, através da oração, com essas inteligências que nos podem ajudar, elevar e trazer para uma esfera mais alta.

P. — A eletricidade é comunicada como o pensamento?

R. — Até certo ponto, sim. Pode dizer-se que a eletricidade é o meio de transporte do pensamento. Pela força elétrica do vosso magnetismo, projetais a vossa impressão sobre o cérebro de outrem.

18 de março.

Memória

PERGUNTA. — A filosofia das memórias e experiências da vida; onde e como são retidas?

RESPOSTA. — Sobre a tábua da alma, o espelho da vida. Todas e cada uma estão gravadas na sua superfície e refletidas de acordo com o caráter e a condição de cada indivíduo. A memória é eterna. Todas as coisas são imortais, sejam invisíveis ou não. O espírito retém tudo o que nele foi gravado. Nada perde ao passar pelos ciclos da eternidade. A filosofia da memória é a de Deus, tão profunda e elevada como a filosofia da Infinitude.

25 de março.

A Oração do Senhor [Pai Nosso]

Propomo-nos falar brevemente sobre o tema da Oração do Senhor, visto que nos foi pedido muitas vezes que o fizéssemos — a Oração do Senhor, ou uma forma de oração que se diz ter sido estabelecida ou dada por um tal Jesus Cristo. Não teremos a presunção de negar que a oração em questão tenha sido dada por Jesus de Nazaré, nem pretendemos declarar que o tenha sido por ele. Mantemo-nos neutros nesta matéria.

Mas sobre a origem — a origem material e espiritual — da Oração do Senhor, um bom irmão de fé judaica pediu muitas vezes uma explicação. Dizei-nos, ó espíritos invisíveis, se a Oração do Senhor, tal como registada no Novo Testamento de uso protestante,

não foi derivada da Igreja Judaica? Se quisermos falar a verdade, devemos dizer que sim, com toda a certeza. Ora, sabemos bem que esta oração tem sido mantida como sagrada por toda a Cristandade desde o tempo do nosso Salvador. Tem sido venerada e tida como sagrada até por homens da época presente, tal como os antigos veneravam os seus deuses. Notando este facto, não será despropositado mostrar-vos neste momento o físico interno deste ídolo.

Os discípulos de Cristo — ou os seus seguidores escolhidos — eram crentes na sua origem divina e sabedoria divinal, e não é de estranhar que, vendo-o dedicado à oração num determinado lugar, quando ele terminou, um dos seus discípulos, segundo o relato escrito, tenha dito ao seu Divino Mestre: "*Lord, teach us to pray, as John also taught his disciples."* [Senhor, ensina-nos a orar, como João também ensinou os seus discípulos]. Ora, então, como Jesus foi solicitado pelos apóstolos a dar-lhes uma forma de oração, devemos supor que ele responderia a esse pedido de uma forma natural. Supomos que o relato é verdadeiro, porque foi dado por Jesus de uma forma natural aos seus discípulos.

Ele diz que devereis orar desta forma: "*Our Father who art in heaven."* [Pai Nosso que estás no céu]. Ele poderia ter dito: Nosso Pai, que habitas em *Hevus*, o nome judaico para a palavra cristã céu. *Hevus*, ou o assento dos deuses, é um termo que pertence à Igreja Judaica. Esta era uma fé peculiar aos antigos judeus, que acreditavam num lugar santo, ou céu, chamado *Hevus*, conhecido como a morada dos deuses, e que, em todos os aspetos, corresponde ao céu cristão. Portanto, até aqui, o ídolo cristão e o ídolo judaico são essencialmente a mesma coisa.

"*Hallowed be thy name."* [Santificado seja o teu nome]. Os antigos judeus costumavam integrar os seus atos e cerimónias religiosas em todas as condições da sua vida, misturando assim, por assim dizer, a sua teologia com as praticabilidades do dia a dia dos negócios. Eles diziam: fazemos isto e aquilo em nome dos deuses, ou em nome de Jeová, santificando assim para sempre o nome dos seus

deuses. "*Hallowed be thy name."* Aqui percebereis novamente a extração judaica desta porção da Oração do Senhor.

"*Thy kingdom come; thy will be done; on earth as in heaven,"* [Venha a nós o teu reino; seja feita a tua vontade; assim na terra como no céu], ou, por outras palavras, como no *Hevus* judaico. Aqui está, novamente, um apelo direto à fé judaica.

"*Give us this day our daily bread."* [O pão nosso de cada dia nos dá hoje]. Os habitantes de Jerusalém costumavam ir todas as manhãs, ao nascer do sol, ao templo, para obter uma porção do pão santo ou abençoado, que lhes era distribuído diariamente pelos seus sacerdotes. Se lhes fosse negado, por qualquer infração de bom comportamento, eram excluídos da sociedade durante algum tempo, o seu nome era votado ao desprezo público e a marca da ignomínia era impressa na sua testa. A vossa pena capital, tal como administrada aos criminosos, não se comparava à recusa do pão santo a qualquer pessoa do povo. Nesta ilustração de um costume judaico comum, encontrareis a chave para a súplica: "*Give us this day our daily bread"* — palavras que foram transmitidas por Cristo aos seus discípulos, e por estes a toda a Cristandade moderna.

"Perdoa-nos as nossas ofensas." Estas palavras eram apenas a expressão natural de sentimento por parte de judeus penitentes, quando imploravam a absolvição dos seus pecados aos seus sacerdotes. "Perdoa-nos as nossas ofensas", diz Jesus, um fac-símile perfeito das palavras empregadas pelos antigos judeus ao buscarem a redenção do pecado.

"Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal." A antiga Divindade judaica era um Deus triúno, ou um ser possuidor de um só corpo e três cabeças distintas, chamadas respetivamente Sabedoria, Justiça e Poder. Dizia-se que o Deus do Poder estava continuamente ocupado a levar as pessoas à tentação. "Mas livra-nos de todo o mal, porque teu é o poder, e a glória, para sempre. Amém."

Os judeus, mesmo os dos dias de hoje, dir-vos-ão que não têm fé no vosso Cristo, porque ele roubou as suas ideias à fé judaica deles.

Dir-vos-ão que ele foi um ladrão, um mentiroso e um impostor, e que vos provarão a verdade das suas afirmações além da possibilidade de uma dúvida racional. Mas há outro lado para o qual olhar nesta matéria, antes de justificar a veracidade de tal observação. Este Cristo, cuja memória todos amamos e reverenciamos, nasceu sob condições peculiares, na Idade das Trevas, numa altura em que os homens pouco sabiam das suas próprias almas, e ainda menos do grande Autor dessas almas. A ignorância e a superstição escravizavam os seus sentidos e tornavam-nos ciumentos de um novo rei, que se declarava escolhido por Deus.

Assim, pois, este Jesus — a quem os judeus tão cruelmente entregaram à morte — só poderia estar a um passo do Paganismo, do Gentilismo ou das ideias judaicas. Se ele estivesse mais afastado, quem teria acolhido a ele ou aos seus atos? Quem teria compreendido a sua missão? Ninguém, nem mesmo os seus amados seguidores.

A Natureza, ou Deus, sabe melhor como moldar todas as coisas, e não nos cabe a nós erguer-nos e dizer que Cristo, ou qualquer um de nós, não tinha uma missão a cumprir na terra. Há um Juiz Supremo colocado no centro do universo. Chamamos-lhe Sabedoria, e levaremos todas as coisas que não conseguimos compreender ao seu santo templo, e lá as depositaremos sobre o altar, sabendo bem que nos serão devolvidas tornadas claras em anos vindouros.

27 de março.

PERGUNTA. — O que se entende por pecar contra o Espírito Santo?

RESPOSTA. — Pecar contra o Espírito Santo seria roubar ao Jeová Infinito o seu poder — a sua infinitude. Portanto, para nós, não existe tal coisa como pecar contra o Espírito Santo. A lei de Deus é uma lei contra a qual ninguém pode pecar, ninguém pode infringir.

P. — O Milénio já passou ou ainda está para vir?

R. — Está aqui convosco.

P. — O que significa o relato da vinda de Cristo nas nuvens, para ser visto por todos os homens?

R. — É uma mera expressão figurativa, significando algo mais do que a figura transmite, pois Deus é um espírito, e ninguém pode contemplar um espírito com o olho externo.

P. — Queira explicar ou analisar a filosofia da melancolia?

R. — Ela chega ao indivíduo através de mil vezes dez mil fontes e, no entanto, quando definida espiritualmente, descobrimos que a melancolia tem a sua origem na Ignorância. A sabedoria gera a felicidade, o céu, para aqueles que a possuem. Portanto, para vos livrardes da melancolia, livrai-vos da ignorância e tornai-vos sábios.

P. — Qual é o significado de Milénio?

R. — Uma nova era, um regresso de pensamentos dados no passado e desdobrados sobre a página do presente; o cumprimento de um ciclo de ideias ou pensamentos. Por exemplo, Jesus pronunciou certas ideias, implantadas na sua alma durante a sua vida na terra. Elas cumpriram a sua obra nessa altura e circularam nos ciclos do tempo até ao seu cumprimento, que é hoje.

1 de abril.

Incerteza das Manifestações Espirituais

Propomo-nos agora falar durante alguns minutos sobre a seguinte questão:

Pergunta. Porque são os honestos buscadores da verdade tão frequentemente enganados em círculos ou sessões espiritualistas?

RESPOSTA. — Seria impossível, no curto espaço de tempo que nos é concedido para responder a perguntas, falar plenamente sobre um assunto que é de tão vital importância, não só para os próprios Espiritualistas, mas mais especialmente para aquelas pessoas que são noviças na nova crença e que, tendo admitido nas suas almas até então escuras alguns raios de luz da grande lâmpada espiritual, procuram encarecidamente por mais luz através da qual possam dissipar a escuridão egípcia que há tanto tempo as envolve.

Não negamos que muitos são deliberada e vergonhosamente enganados por inteligências travessas. Que muitos são enganados devido à sua própria incapacidade de descobrir a diferença entre o certo e o errado, a verdade e a falsidade, não é menos certo.

Não somos a favor destes círculos promíscuos, pois, em nove em cada dez vezes, são produtores de mais mal do que bem. Há uma grande falta de ordem e de bom senso, tanto por parte do ouvinte como do emissor. Além disso, acontece quase sempre que os médiuns encontrados em tais locais não são verdadeiros nem perfeitamente desenvolvidos. São indivíduos forçados na humanidade por meios não naturais e, sendo artificiais em si mesmos, não podem, como é evidente, transmitir e disseminar sementes de verdade aos seus ouvintes. Por exemplo, esta ou aquela pessoa deseja tornar-se médium. Dotado de uma organização material e não recebendo inspiração direta de Deus, o nosso indivíduo é de imediato submetido a um curso de treino artificial, com vista a tornar-se um médium falante ou escrevente. O resultado de impor tais sujeitos não naturais ao mundo seria promover a falsidade e o engano, em vez da verdade e da fé nas coisas espirituais.

Não há nada que uma pessoa possa fazer para induzir o poder mediúnico; e aconselhamos a todo o momento aqueles que desejam entrar em *rapport* com inteligências mais elevadas a viverem de acordo com as leis de Deus, contentando-se em aguardar pelo tempo do Pai para o desenvolvimento do poder espiritual nas almas dos seus filhos.

Descobrimos também, nestes ajuntamentos promíscuos, uma grande falta de harmonia espiritual, não sendo percetível nesses círculos qualquer centro particular ou mão condutora. É estranho, então, que as poucas verdades ali apresentadas saiam disparadas, apenas para regressarem novamente, como a pomba de Noé, não encontrando lugar onde pousar? Agora, em nome de Deus, se frequentais círculos espiritualistas, levai convosco aquilo que Deus vos deu, a saber, a razão. Além disso, é vosso dever, bem como vosso privilégio, submeter aos maiores testes materiais quaisquer ideias que

ali ouçardes avançar ou promulgar. Fazei isto e haverá pouca probabilidade de serdes enganados ou iludidos por outros.

A antiga teologia ensinou os seus seguidores a renunciarem ao conhecimento individual e a usarem o dos seus padres ou ministros. Um padre, ou prelado, declara ao povo que tal coisa é assim; não deveis questionar ou disputar a veracidade disso, porque é um mistério, e se abris a boca, é apenas para o engolir. A teologia tem exigido a vossa inteira crença nos seus ensinamentos, e vós, como discípulos da antiga religião, sois forçados a submeter-vos aos seus decretos, por mais severos que sejam.

Muitos dos que frequentam estes círculos são pessoas que acabaram de sair do templo da antiga teologia e estão a avançar lentamente em direção ao templo espiritual, com os olhos meio cegos pela luz deslumbrante da nova religião. Eles acreditam que os invisíveis enviam comunicações do mundo dos espíritos para os seus amigos na terra, mas questionam se é bom para eles acreditar no que muitos...

PERGUNTA. — Como devemos entender a ordem de Cristo aos seus discípulos, "*To preach to all the people that he was ordained of God to be the judge of quick and dead"* [Para pregarem a todo o povo que ele foi ordenado por Deus para ser o juiz dos vivos e dos mortos]?

RESPOSTA. — Devei-lo entender desta forma: que ele foi ordenado por Deus para ser o juiz tanto dos vivos como dos mortos; que, quer no corpo quer fora dele, o homem seria o juiz de si mesmo. O seu juiz estava dentro de si mesmo, o vosso está dentro de vós mesmos. Não subis a um tribunal geral para receber a sentença, mas sim ao tribunal da vossa própria consciência. Foi isto, sem dúvida, o que Jesus pretendia transmitir às mentes dos seus ouvintes.

P. — Como devemos entender esta passagem das Escrituras — "*That through his name (Christ) whosoever believeth in him shall receive remission of sins"* [Que através do seu nome (Cristo) todo aquele que nele crê receberá a remissão dos pecados]?

R. — Através da vida prática de Jesus, o Cristo, todos os homens recebem a remissão dos pecados; mas quando descemos tanto do pedestal espiritual a ponto de acreditar que os nossos pecados hão de ser perdoados através do Cristo material, ou em seu nome, negamos a nossa própria divindade; praticamente cortamo-nos da herança do Reino dos Céus. Todos os pecados hão de ser perdoados através de nós mesmos — isto é, através da nossa própria compreensão de Deus. "*Believe in me and you shall be saved"* [Crei em mim e sereis salvos], diz o relato; crei na Natureza e por esse meio sereis salvos, pois a natureza abrir-vos-á uma estrada aberta na qual todos caminharão; ninguém é excluído.

7 de abril.

"O que é a Alma?"

Fomos chamados esta tarde a definir alma. Dizei-nos o que é a alma? Defini-a, para que a possamos conhecer e compreender. Somos incapazes de responder a isso. O termo alma, o externo podemos definir, mas o interno não podemos; poderíeis da mesma forma pedir-nos para definir Deus. O que é a alma senão uma porção da Grande Mente Infinita, e tão insondável como o próprio Grande Centro Divino? Ficamos em reverência diante dela. Não podemos definir ou medir a alma. Podemos apenas aproximar-nos dela. Embora possamos apertar as mãos à Divindade, podemos nunca vir a conhecê-la. Embora em comunhão com o Infinito, somos, não obstante, ignorantes do seu verdadeiro caráter.

8 de abril.

PERGUNTA. — O que é a verdade e como podemos ter a certeza dela perante Deus?

RESPOSTA. — A verdade é um dos atributos mais elevados da Divindade. Podemos ter a certeza da sua presença examinando o espelho das vossas próprias vidas, ou estudando cuidadosamente as vossas próprias almas. A verdade é uma porção da Divindade. Podemos saber que ela está connosco procurando compreender a alma que Deus confiou à nossa guarda terrena. Podemos saber quando o

Espírito da Verdade se aproxima de nós pelo sentimento instintivo de boas-vindas que a alma lhe estende.

Nenhum homem ou mulher precisa de enganar qualquer um de vós. Supondes que há engano praticado no mundo invisível? Não; e porquê? Simplesmente porque os habitantes do mundo dos espíritos vivem apenas a partir do interno; enquanto vós, no mundo objetivo, viveis a partir do mundo externo e, ao fazê-lo, deformais a vossa alma. Em vez de irdes a qualquer pessoa ao vosso redor em busca de conselho, devíeis consultar o Deus da vossa própria alma.

"*Thou shalt have no other Gods before me!"* [Não terás outros Deuses diante de mim!], diz o Deus no vosso interior. Em vez de perguntardes o que dirá o Deus da nossa própria alma, pergunta-se o que dirá o Deus da Opinião Pública? Medis a verdade pelo padrão da opinião do mundo, em vez de por qualquer estimativa da vossa própria alma.

As imagens da vida interna são projetadas no mundo externo, porque a vida flui do interno. Eis, então, uma grande mudança no programa da vida, quando despirdeis as vestes da mortalidade.

Vivei, pois, a partir do interno. Trazei tudo o que vos é trazido da vida externa para os salões secretos da vossa própria alma, e ali pesai-o cuidadosamente, e assim, e só assim, podereis medir a verdade.

Como uma individualidade distinta daquela que me precedeu, declaro-me pronto para responder à vossa pergunta.

PERGUNTA. — Queira explicar a passagem: "*No man hath ascended up to heaven but he that came down from heaven, even the Son of Man, which is in heaven"* [Ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu, o Filho do Homem, que está no céu]?

RESPOSTA. — Quem é o Filho do Homem e de Deus? Não são todos e cada um, caracterizados pela mortalidade individual, herdeiros de Deus e do céu? Não vieram todos da mesma fonte? Não vieram do Eterno? Certamente; e a essa mesma fonte, então, todos vós deveis regressar, à medida que percorreis os ciclos do tempo. O Espírito da Sabedoria desejava transmitir às mentes de todos os que ouviam esta

ideia: que toda a vida brotou da mesma fonte, que todos eram filhos de um Pai comum e, consequentemente, deviam regressar a essa fonte Paterna, na medida em que o homem é, em si mesmo, um círculo harmonioso. Viestes do centro e a ele deveis regressar.

O selo da Divindade foi colocado no ser de Cristo; da mesma forma está no vosso. A estampa do Todo-Poderoso repousa sobre todos vós — não mais sobre Jesus, o Nazareno, do que sobre qualquer um de vós. Falamos do que sabemos, não prestando testemunho a uma crença. Que Jesus era humano bem como Divino, não só o relato, mas toda a Natureza vos dirá. Que ele era governado por leis naturais enquanto esteve na terra, como outros seres humanos, toda a vida, mesmo das suas camadas mais baixas, vos dirá. Ele era possuidor de um corpo e estava sujeito às condições desse corpo.

Ele não foi exceção à lei do Todo-Poderoso, pois o Todo-Poderoso não faz exceções. Jesus, o Cristo — perdoai-nos a afirmação — tem sido o ídolo da Cristandade. O antigo paganismo curvava-se diante de imagens de madeira e pedra. A Cristandade curva-se diante de um ídolo espiritual e encarnado. Jesus, como espírito, não o deseja. Deus fala à vossa natureza e diz-vos que só deveis curvar-vos diante do Deus da vossa própria e abrangente Divindade; pois quem quer que se curve diante de qualquer outro é culpado de idolatria.

PERGUNTA. — Os espíritos, como seres pessoais, têm o poder de aparecer uns aos outros sob qualquer outra forma que não a sua?

RESPOSTA. — Têm, na medida em que estão relacionados entre si por certas formas e condições de vida espiritual. Por todos e cada um eles são conhecidos, e têm o poder de assumir todas essas várias formas e organismos sobre si mesmos, às vezes ao sabor do seu próprio prazer. Fazem-no pelo poder natural e divino de que são súbditos leais.

8 de abril.

PERGUNTA. — A lua é habitada e vós, espíritos, tendes acesso a ela?

RESPOSTA. — O espírito está dotado de um poder pelo qual pode penetrar toda a matéria, todas as localizações. Não há lugar nas esferas ao qual o espírito não tenha acesso. A lua é de facto habitada, mas não por uma raça de seres semelhante à vossa. Eles diferem de vós na forma, no caráter e em todos os atributos da vida intelectual.

P. — Os espíritos desta Terra comunicam com os de outros planetas?

R. — De acordo com a sua relação ou atração mútua, os espíritos de um planeta devem naturalmente comunicar com os habitantes de outros mundos, ou esferas. Em exata proporção a essa relação está o seu poder de comunhão ou correspondência. Por vezes é bastante perfeito, por vezes muito imperfeito.

P. — Marte é habitado por uma raça de seres como nós?

R. — No que diz respeito ao intelecto, não disputaremos a sua semelhança com as pessoas deste planeta, mas no que respeita à forma ou ao caráter, deve haver uma larga linha de demarcação entre as duas raças. A forma humana não é a única forma que cobre a razão, o intelecto ou a divindade divina.

10 de abril.

Tributação

Pedem-nos que demos a nossa opinião relativamente ao imposto prestes a ser imposto pelo Governo ao povo dos Estados Unidos.

A consulta chega-nos de uma fonte infiel a nós. Talvez seja bom declarar aqui que o nosso questionador não tem qualquer crença no poder dos espíritos para regressarem e comunicarem com a mortalidade. Não obstante, ele enviou esta consulta para a terra dos invisíveis e eu, como espírito individual, estou tanto disposto como pronto para lhe responder.

PERGUNTA. — Se os espíritos têm o poder de regressar e comunicar as suas ideias aos mortais, não virão eles àquele círculo ali e comunicar-me-ão as suas ideias relativamente ao novo sistema de tributação?

RESPOSTA. — Este foi o tom da consulta enviada por um descrente no Espiritualismo para o mundo invisível. Ao darmos as nossas opiniões sobre o assunto que temos diante de nós, seremos obrigados a falar de forma breve e clara sobre uma matéria que é de vital importância para cada cidadão dos Estados Unidos.

Em primeiro lugar, então, percebemos que o nosso questionador se opõe fortemente ao movimento proposto pelo governo relativamente à tributação. Tememos que ele tenha mais de si mesmo na sua composição do que o desejo de promover o bem geral da humanidade. Ele, como muitos outros — cujo principal objetivo na vida tem sido a acumulação de dinheiro —, tem estado a dormir enquanto os demagogos políticos têm fugido com a riqueza do país. Não está sozinho neste aspeto. Há milhares dos seus congéneres que permitiram que outros tomassem os seus lugares nas urnas e preenchessem os seus assentos na Câmara do Senado, simplesmente por uma falta de inclinação para se imiscuírem naquilo a que chamam política. Homens ignorantes e iludidos! Mal se dão conta de que este desinteresse, da sua parte, pelo cumprimento do que não é nem mais nem menos do que o seu dever, dá aos vilões a maioria nas eleições e coloca o governo nas mãos de uma clique política que, para servir os interesses do seu próprio partido particular, não hesitaria em quebrar a República mais gloriosa que o mundo já conheceu.

Em segundo lugar, o *Yankee* [norte-americano] pensa extremamente bem do seu bolso e, para falar figurativamente, transporta frequentemente uma tabuada de multiplicar no lugar onde deveria estar o coração. Tocai-lhe no bolso e tocareis na alma do *Yankee*. É a própria chave através da qual abris os mistérios da sua natureza até então adormecida, e o forçais a cumprir o seu dever. Este sistema de tributação direta é para nós, portanto, algo de bom, algo que despertará os homens para o sentido do dever e da ação.

Quando o bolso do *Yankee* é tocado, ele quer saber quem lhe tocou. Raciocinará desta forma: “Se dou o meu dinheiro para o sustento do governo geral, quero saber que tipo de governo é este que estou a apoiar e a salvar da ruína iminente. Se a minha riqueza vai

para o enriquecimento do tesouro público, eu, como cidadão americano, deveria certamente ter uma voz nas eleições e uma mão na escolha de homens honestos para preencher lugares de responsabilidade no Senado e na Assembleia Legislativa."

Portanto, é justo que o governo bata com força à porta do bolso do *Yankee*, pois a experiência dos últimos cinquenta anos provou claramente que só por essa via podem os membros delinquentes da sociedade ser levados a cumprir o seu dever e a dar o seu apoio ao governo que lhes concedeu tantos privilégios e bênçãos.

Além disso, há milhares, espalhados por todo o país, que nunca se incomodam a ir às urnas nos dias de eleição. As preocupações prementes dos negócios, ou o medo de serem chamados de caçadores de cargos, ou manipuladores, não são desculpas incomuns para que muitas pessoas se ausentem das urnas em tais alturas. Que o país afunde ou flutue, é-lhes tudo o mesmo, desde que não sejam envolvidos na ruína geral. Enquanto o dinheiro fluir livremente para os seus cofres, não se preocupam com a prosperidade geral do país; não perguntam a si mesmos se esta era de paz e prosperidade durará sempre; não perguntam a si mesmos se a pobreza ou o sofrimento de alguns membros da sociedade não é causado pela avareza e egoísmo de indivíduos como eles. Oh, não, não há da parte deles qualquer questionamento da alma quanto à causa desta grande mudança no bem-estar do seu amado país, até que o governo, com a sua mão forte e dura, bata com força aos seus bolsos. É então que o homem de negócios egoísta e ganancioso se desvia do seu livro-razão e das suas contas bancárias para estudar a causa e a necessidade deste, para ele, imprudente sistema de tributação.

Agora, se eu estivesse na terra e tivesse o poder necessário, forçaria esta classe de pessoas a cumprir o seu dever através do seu dinheiro, como o meio mais seguro de as despertar para o sentido da sua responsabilidade como membros da sociedade civil. O nosso amigo e questionador retirou-se dos negócios e estabeleceu-se para gozar dos prazeres da vida privada. Construiu para si uma torre na qual julga verdadeiramente escapar ao olho de Deus e à flecha certeira

do anjo da morte. O nosso bom irmão diz, como muitos outros dizem: "Não desejo meter-me nos assuntos do governo, não tenho gosto pela política e estou disposto a acatar a decisão da maioria em todas as eleições públicas. No que diz respeito à fortuna, sou independente."

Sereis vós, meu amigo? Sois independente dos átomos que pisais — dos seres que vos rodeiam? Penso que não. A independência é algo quase obsoleto. Aconselhar-vos-íamos, caro irmão, embora muitos anos vos tenham coroado, a sairdes a partir desta hora e a usardes a vossa influência, bem como o vosso dinheiro, para o sustento do governo sob o qual envelhecestes, bem como enriquecestes, e o poder que está a ser derramado do mundo invisível sobre vós beneficiará as massas, bem como a vossa própria alma. O mundo em geral precisa de ajuda, e é já sem tempo que haja menos egoísmo no mundo e mais desejo de promover o bem geral da humanidade.

Novamente afirmamos que acreditamos que o sistema de tributação proposto é o método mais direto que o governo pode usar para impor o dever por parte dos seus membros delinquentes; e em vez de enviarem para Washington homens para cuidarem dos vossos assuntos políticos que são demónios encarnados, enviareis no futuro almas honestas que não lutarão pelo seu próprio engrandecimento, mas pelo bem-estar e prosperidade do seu país e pela glória do Deus Todo-Poderoso.

10 de abril.

"Escolhei a Quem Quereis Servir"

"Escolhei hoje a quem quereis servir."

Esta passagem da História Bíblica pedem-nos que a abordemos no dia de hoje. Não nos importa o que motivou o nosso questionador a enviar-nos as seguintes palavras, pois acreditamos que todos e quaisquer pensamentos ou desejos que sejam lançados sobre o grande oceano da vida intelectual regressarão, trazendo uma preciosa carga de conhecimento. Cada pensamento cumpre a sua própria missão. A passagem da Escritura que nos foi entregue para explicação esta tarde é plenamente aplicável aos tempos atuais.

É já sem tempo que comeceis, cada um de vós, a escolher o vosso Deus. Tendes estado a flutuar há demasiado tempo entre Mamon e Deus. O Deus Espiritual é um Deus de princípio, sabedoria e amor eterno. O Deus Material é um Deus de ouro e pedras preciosas. Percebemos um desejo por parte da humanidade em geral de servir a ambos ao mesmo tempo. O Deus Espiritual declara através de toda a Natureza que não podeis servir senão a um Deus de cada vez. Agora, pois, para trazerdes oferendas aceitáveis ao Deus Espiritual, deveis renunciar ao culto de Mamon.

"Escolhei hoje a quem quereis servir."

A voz de luto e de aflição que se ergue de todos os cantos da vossa amada terra diz-vos que tendes estado a servir Mamon, que tendes estado a lutar pela riqueza terrena, em vez de pelo bem geral da humanidade.

Como posso servir melhor a mim mesmo e aos interesses do momento? É uma pergunta que tem estado e, lamentamos dizê-lo, ainda está no topo das preocupações de muitos, mesmo nos dias de hoje. Como podeis servir a Deus retamente, como deveis agir de modo a contribuir para o bem-estar dos vossos semelhantes, é uma pergunta que deveria ocupar a mente de cada homem, mulher e criança neste Continente Americano.

É já sem tempo de começardes a cortar os vossos ídolos, de vos desviardes do culto de Mamon para o do Verdadeiro Deus. O Espírito de Reforma, que é o Espírito de Amor, Sabedoria e Verdade, entra no vosso templo. Transporta uma espada na sua mão direita e a balança da justiça na outra. Agora, como consequência natural, deve haver miséria e aflição no seu rasto, pois nestes agentes admitis o anjo recompensador.

Tendes sido ignorantes e, através da ignorância, pecais, mas eis que no Oriente distante brilha uma estrela de paz e sabedoria. Ela aproxima-se e, dentro em breve, os seus raios entrarão não em poucas almas, mas todos começarão a sentir a sua luz e calor.

Não há na face de todo este continente um único templo dedicado ao culto do Deus Espiritual; todos estão dedicados ao serviço de Mamon. Não vos admireis, pois, de que a guerra civil domine a hora, que a discórdia eterna e a ruína total vos encarem de frente, pois este modo de viver interno e egoísta gera em vós a inarmonia, embora, por virtude do poder Divino, vos vá gerar também a alegria.

O parágrafo acima citado pode aplicar-se ao nosso questionador, bem como a todos os outros. Deus permita que, enquanto ele faz diariamente as suas orações, consiga cortar todo o tipo de ídolos, que se possa desviar do serviço do Deus Material para o do Deus Espiritual.

Oh, nosso questionador, ergue-te na força e no poder da tua própria glória. Administra a justiça a todos os homens, e em breve a voz do povo subirá em gratidão ao Pai Todo-Poderoso, agradecendo-lhe por esta hora de dor.

"Escolhei hoje a quem quereis servir."

Oh, possa o Eterno conceder que a vossa escolha seja sábia. Entrai no templo espiritual e renunciai para sempre ao culto dos Ídolos.

14 de abril.

PERGUNTA. — Por que razão aqueles que passaram para a "terra dos espíritos" nem sempre sabem quando os seus amigos aqui, que lhes foram um dia caros, deixam o corpo?

RESPOSTA. — Todo o espírito, quer dentro quer fora da forma, está sujeito a uma lei imutável e inalterável; e cada espírito individual pode ser chamado um satélite, girando em torno do grande centro — a Divindade.

Todos e cada um são sustentados por uma atmosfera que lhes é própria, ou, por outras palavras, vivem e têm o seu ser nesse elemento.

Acontece por vezes que um espírito entra na vida espiritual sem o conhecimento dos seus amigos. Alguns espíritos estão dotados do poder de entrar em relações materiais próximas, ou em *rapport*, com a

vida humana. Nem todos, porém, possuem este poder. Agora, pois, é perfeitamente claro, quando conheceis as influências que o vosso espírito possui. Eu, por virtude da minha condição, estou aqui hoje e sujeito à vontade de Deus.

Por vezes, um espírito permanece durante anos numa vida inconsciente, na vida espiritual. O seu meio ou as suas condições podem ser tais que induzam este estado peculiar. O espírito adormece, descansa; fica não parcialmente, mas totalmente inconsciente, e nessa altura, milhares de vezes dez mil vezes, poderiam entrar espíritos no mundo espiritual sem o conhecimento do espírito dormente ou adormecido.

Como a progressão é um dos grandes pontos da lei material, como todos têm de progredir, chegará o momento para todos em que cada espírito reconhecerá os seus próprios entes queridos nas esferas celestiais, tal como na vida terrena. A lei natural é uma lei progressiva.

P. — Se aqueles que deixaram a forma mortal estão ansiosos por comunicar com aqueles que deixaram na terra, conseguem sempre encontrar algum meio para o fazer?

R. — Certamente que não.

P. — Aqueles que prometeram dar uma palavra através do *BANNER OF LIGHT* não vêm todos, embora lhes tenha sido concedido tempo abundante. Existem, então, regras na terra dos espíritos — quaisquer leis que proíbam alguém de vir? Aqueles que eram verdadeiros aqui deveriam sê-lo ali.

R. — Muitos prometem inconsideradamente, porque não conhecem a lei que rege o regresso do espírito à terra. Mas quando chegam à terra dos espíritos, descobrem que são obrigados a esperar meses, e até anos, porque são incapazes de influenciar ou manter o controlo sobre um corpo estranho o tempo suficiente para tornarem a sua presença conhecida dos seus amigos na terra.

P. — Queira o espírito interpretar esta passagem da Escritura: "*And now, Father, glorify thou me with the glory which I had with*

thee before the world was" [E agora, Pai, glorifica-me tu contigo mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse]?

R. — Jesus, o divino, orou pelo transbordo dessa pureza e amor naturais de que o Pai era o tipo. "Concede-me", diz ele, "a glória que eu tinha contigo antes de o mundo existir, para que o teu filho também te glorifique a ti. Retira de mim estes elementos exteriores, este materialismo, e dá-me essa luz e sabedoria espirituais que me tornarão um companheiro idóneo para ti no mundo celestial." Não apenas por si mesmo orou Jesus ao Pai, mas pelos seus apóstolos e por todos os outros crentes na Vida Eterna, para que pudessem ser glorificados com ele no céu. Ele referia-se àquela pureza inata que existe em todos os princípios.

P. — Pode dar-nos a história da cobra, ou da serpente, que vem registada no Génesis?

R. — A menção bíblica da serpente foi meramente uma expressão figurativa, ou uma alegoria, deduzida de cerimónias dos antigos. Supunha-se que a serpente era um símbolo de sabedoria para uma certa classe de antigos e, como tal, foi transmitida às gerações mencionadas na primeira parte do Antigo Testamento. Encontramos a serpente a figurar no Éden, dotada do poder da fala e representada como sendo o animal mais subtil e astuto do campo que Deus tinha feito. Ora, nós acreditamos que a serpente mencionada como habitando no jardim do Éden era meramente um símbolo de engano, ou dessa sabedoria e astúcia subtis que resultam apenas no mal para os outros. Por outro lado, o Éden mencionado na Bíblia representava apenas uma condição espiritual da alma, ou a parte intelectual do homem.

"*Be ye wise as serpents, and harmless as doves"* [Sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas], foram as palavras de Jesus aos seus amados discípulos. Supondes que a serpente estava dotada de uma sabedoria superior? Não; a expressão era simbólica. Jesus, o Nazareno, de acordo com a natureza, nos seus ensinamentos, estava apenas a um passo da Mitologia Egípcia; portanto, era o que se

poderia chamar um Mestre natural. Todos sabemos que a natureza não dá passos rápidos, mas avança lentamente através das eras, passo a passo. Jesus, sendo um Mestre natural, estava então, nas suas ideias e ensinamentos, apenas a um passo do paganismo, ou da religião da Idade das Trevas, e consequentemente falou aos seus discípulos desta forma para que eles o pudessem compreender a partir desse ponto. E Jesus, o divino, bem sabia que não se poderia fazer compreender por eles se falasse de qualquer outra forma que não a acima mencionada — ele tinha de descer às capacidades deles, ou de outro modo os seus ensinamentos não lhes serviriam de nada.

14 de abril.

PERGUNTA. — Não serão estas terríveis manifestações de hoje os efeitos da violação da lei natural pelo homem? E não é a lei da retribuição que regressa sobre o homem em todas as relações da vida para o levar a condições mais elevadas?

RESPOSTA. — Esta pergunta é fácil de responder. A nossa resposta é, com toda a certeza, sim.

P. — A condição da alma após a segunda morte — queira falar sobre isto?

R. — Há tantas mortes quantas as diferentes etapas de vida e de ser. Confinar estes graus a dois seria limitar o poder de Deus, as leis de Deus. A morte está diante de nós, atrás de nós, acima de nós, abaixo de nós, sendo simplesmente a mão esquerda da imortalidade. Se lhe chamarmos a própria imortalidade, dizemos a verdade. O reino da alma ou mundo da alma — onde fica? Concebemo-lo como sendo o centro do indivíduo. Ora, este mundo abrange todo o espaço, todo o tempo, toda a vida. É infinito nas suas capacidades; ninguém o pode sondar, ninguém o pode medir.

O reino da alma contém dentro da sua esfera tudo o que se relaciona com a condição futura do homem. Não há nada no mundo objetivo que lhe seja desconhecido, que não esteja sujeito ao seu controlo. Assim, quando o espírito se volta para dentro das muralhas do seu próprio ser, não encontra qualquer falta, qualquer desejo

insatisfeito. Tudo o que foi, ou há de ser, podeis encontrá-lo registado no mundo da alma. Cada indivíduo é um reino, um domínio, um Deus ou Rei em si mesmo. Tão infinito como é Jeová, o que é este Jeová? Profundo, poderoso, grandioso, misterioso e sublime é o assunto que temos diante de nós, ó nosso questionador. Oh, a alma e as suas capacidades, o reino do pensamento! Somos incapazes de alcançar todos os seus labirintos; ficamos mudos perante a sua majestade e encontramos para sempre nova vida, algo mais grandioso, mais belo do que o passado nos ofereceu.

15 de abril.

A Oração

Percebemos que uma dúvida circula entre certas inteligências no que respeita à oração, ou no que respeita à forma como alguns espíritos oram. Por que razão é que os imortais dirigem por vezes as suas orações à Morte, à Sepultura e até ao próprio Diabo? Se este Espiritualismo é de origem divina, por que razões são permitidas tais coisas? Por que é que nos arrastam para baixo, do pedestal espiritual até ao seu próprio nível?

Quando eu próprio habitava na terra, ocupando uma forma minha de acordo com a natureza, era provavelmente tão rígido, no que respeita à oração, como qualquer pessoa na terra. Era sectário. Limitava o meu Deus. Construí-lhe um templo segundo o meu próprio plano teológico. Moldei-lhe um corpo — esse era o mais elevado dos meus conceitos de um corpo divino. Vesti-o com vestes da minha própria fantasia religiosa e fiz dele um ser ideal da minha própria conceção. Ora, a Cristandade faz isto incorretamente, e essa classe de pessoas conhecidas como cristãos tem perceções muito finitas de Deus e, em vez de lhe darem todo o universo como seu reino, dão-lhe apenas uma pequena porção dele.

O nosso consulente vem ter connosco com espanto, com dúvida, com todas essas condições de vida que pertencem às trevas. Quando o espírito desposta o traje mortal e se vê livre, o seu primeiro chamamento é por Deus. Pensais que a resposta vem apenas do reino

celestial? Não, cada átomo do mundo celestial, do etéreo, do material, responde a este chamamento: "*Though I take the wings of the morning and fly to the uttermost part of the earth, yet thou art there"* [Ainda que tome as asas da manhã e voe para as extremidades da terra, tu estás ali].

E daí que o homem ore ao mal, não está o nosso Deus ali? E daí que oremos àquele sol ali, quem o fez, cuja vida está ali? Certamente o mestre da alma é o autor do sol. Não há átomo, força ou ser encarnado ou desencarnado no céu ou no inferno que não tenha sido moldado por Deus. E daí que oremos ao Anjo Gabriel? Oramos tão seguramente ao Pai Infinito como se disséssemos: "*Our Father which art in heaven"* [Pai Nosso que estás no céu].

Oh, Cristandade limitada! Bateis ao interno do teu ser e esperamos que, dentro em breve, o Anjo da Mudança nos abra a porta. Enquanto o nosso consulente permanece duvidoso perante a majestade de Deus, seria bom para ele voltar-se para o seu interior e aprender algo da majestade e do poder de Deus a partir de si mesmo. Então começará a perceber que, quer oremos ao céu quer ao inferno, nos dirigimos diretamente ao Espírito Eterno — Nosso Pai.

18 de abril.

PERGUNTA. — "Pode dizer-me se sou médium ou não?", perguntou uma senhora na assistência.

O Espírito respondeu-lhe assim:

Todas as formas de vida, intelectuais ou outras, estão dotadas até certo ponto de poderes mediúnicos. No que respeita ao seu caso particular, não podemos declarar com exatidão até que ponto a senhora, como indivíduo, está dotada de poderes mediúnicos, porque não estamos em *rapport* direto consigo.

Novamente afirmamos que todas as pessoas vivas são médiuns. Algumas são dotadas desse dom desde o nascimento, outras tornam-se assim em consequência do seu meio, material e espiritual, mas ninguém carece desse dom.

Se os amigos não têm mais perguntas a propor, falaremos brevemente sobre uma que já nos foi apresentada.

PERGUNTA. — O que é a religião e quem são as pessoas mais religiosas da terra?

RESPOSTA. — Pode dizer-se que a religião é o traje terreno de Deus, e esses trajes são tão variados como as formas de vida intelectual. A religião do hindu é peculiarmente aplicável ao hindu, e é um traje do Todo-Poderoso que se adequa ao hindu. Ele usa-o até estar apto a usar outra coisa. A religião do cristão é um traje do Todo-Poderoso que se adequa ao cristão da mesma forma, e o mesmo se pode dizer de todos os tipos de religião na terra. Todos são trajes da Divindade.

Cada raça de seres, por mais baixa que esteja na escala da Criação, é coroada com inspiração intelectual. Todas as formas de vida animal estão mais ou menos dotadas deste dom. Sem ele, seriam apenas como folhas de erva que brotam e são pisadas pelos pés. Seriam efémeras como a erva que floresce durante uma estação e depois desaparece. Elas vivem, movem-se e têm o seu ser nesta atmosfera de inspiração Divina. Mas o homem tem uma ordem superior de intelecto; ele é a obra de coroamento do génio de Deus e é o segundo apenas para a Divindade em ponto de sabedoria intelectual.

Os antigos mal podiam realizar a verdade naquilo que hoje vos parece ser a verdade. Devemos supor, então, que a Sabedoria fez bem em dar-lhes uma religião que se adaptava à sua compreensão e às suas necessidades espirituais. A religião é algo que se encontra em todo o lado onde a mente existe. Podeis declarar que há alguns que não têm religião. Mas eles enganam-se a si mesmos e vós enganai-los a eles. Eles têm uma religião moldada por eles próprios, um traje para o Grande Jeová, que nunca cometeu um erro e é incapaz de errar.

"Quem são as pessoas mais religiosas da terra?" Do nosso raio de visão, do ponto de vista que assumimos, seria difícil declarar quem é mais religioso. Visto que todos têm trajes espirituais, seria sábio acreditar que todos são tão religiosos quanto Deus pretendeu que

fossem, ou tão religiosos quanto os seus variados intelectos lhes permitem ser.

Esta auto-superioridade vem apenas do mundo exterior. O cristão acredita que o seu Deus é o único Deus Verdadeiro digno de adoração, e tem razão em acreditar nisso. O ateu ignora todas as formas de religião estabelecida, e a sua crença é tão clara, tão sagrada e tão aceitável por Deus como a vossa o é para vós. Nos Altos Tribunais da Vida Intelectual, todas as religiões são reconhecidas.

O Espiritualismo, essa luz dos tempos modernos, e também dos tempos antigos, está a tentar ensinar-vos a todos que Deus não faz aceção de pessoas, nem de religiões, de modo que ninguém vivo pode verdadeiramente dizer: "Sou mais santo do que tu! Estou mais perto de Deus do que os meus semelhantes!"; pois o sorriso de Deus repousa sobre todos os seus filhos, e o seu amor não conhece distinção nem mudança.

A mãe hindu lança o seu bebé ao Ganges porque acredita que o seu Deus fica assim satisfeito. Pensais que não há um despedaçar de laços naturais no caso dela? Pensais que esta oferenda humana não é tão aceitável para o Deus dela como a vossa o é para o vosso Deus? Assim, pois, a nossa resposta em resumo é esta: todas as religiões são aceitáveis para Deus, e há tantas espécies de religião quantas as espécies de vida intelectual, ou diferentes capacidades para receber a luz espiritual; e todos os religiosos, quer do tempo passado, presente ou futuro, estão a caminhar na grande estrada traçada pela Divindade para o homem; portanto, todos estão certos, nenhum está errado.

6 de maio.

O Movimento

Se os amigos não têm perguntas a propor, prosseguiremos para falar sobre uma questão, ou assunto, que já nos foi apresentado. O que temos é isto:

PERGUNTA. — Não será toda a vida o resultado do movimento, e toda a morte a ausência de movimento?

RESPOSTA. — A ciência externa, segundo a compreensão dos filósofos externos, declara que sim. Eles responderão à nossa pergunta pela afirmativa. Não obstante tudo isto, nós declaramos que é o inverso. O movimento tem de ser o resultado da vida. Não pode ser de outro modo, visto que nos é dito que o Espírito Divino tem existido desde sempre. Ora, se isto for verdade, ele está por trás deste movimento. Ora, nós concebemos a vida como sendo a Divindade, quer na criança, no velho ou na rocha. Declaramos que Deus é a fonte da vida. Tomando esta posição, não pode haver morte — nada oposto à vida.

O nosso questionador remeter-nos-á sem dúvida para as coisas inanimadas, para provar a falsidade da nossa teoria; mas há uma vida dentro de todas estas coisas, embora não percecionada por vós, a qual, embora possa sofrer muitas mudanças, nunca morre. O nosso questionador declarará que não há vida neste artigo de mobiliário diante de nós [uma mesa]. Nós declaramos que há. Há vida na madeira de que é feito. A ciência espiritual desvela todas as coisas, tanto no mundo material como no celestial, mas a ciência material está confinada ao mundo material.

O movimento, então, declaramos ser o resultado da vida, ou da Divindade, e a Divindade encontra-se em todo o lado. Até o mais pequeno glóbulo que flutua na vossa atmosfera tem uma vida própria e roda segundo as leis do seu próprio ser. Esta vida em miniatura é invisível para os vossos sentidos, mas não para Deus, o autor dela. Todos sabemos que há ordens de vida animal que só se podem tornar visíveis ao homem com o auxílio de um microscópio potente; mas por trás das formas mais minúsculas da vossa terra há outras tão mais minúsculas do que estas que nem o olho humano nem a lente de aumento as podem descobrir. Mas se sois filósofos sensatos, não direis que estas formas de vida não existem, simplesmente porque são impercetíveis para os vossos sentidos.

O nosso questionador nunca contemplou as regiões Árticas, contudo, se lhe perguntássemos se tal localização realmente existe, ele responderia: “Oh, sim.” “Mas como sabe que isto é verdade?”,

perguntamos nós. “Disseram-lhe que sim”, diz ele. A ciência e a observação de outros homens ensinaram-lhe este facto. É essa toda a prova, toda a sabedoria que tem sobre o assunto? As próprias condições desta atmosfera em que viveis provam que tal região existe. Ora, podeis saber que há outras formas de vida além daquelas que são perceções para os sentidos humanos.

Então não há morte, mas simplesmente mudança; o velho está continuamente a vestir o novo, e o grande princípio, a vida, que é e sempre será, está a trabalhar através da Natureza de incontáveis maneiras; e embora esse silêncio a que chamais morte exista por milhares de anos, a vida está lá com certeza, manifestando-se a Deus, se não ao homem.

Podeis decompor as partículas que compõem o vosso planeta nos seus elementos primários e encontrareis uma vida separada e distinta ainda existente em cada uma delas. Não há vida, então, nas partículas de granito? Com certeza que há, de outro modo como poderia ele, em eras futuras, fornecer raiz e solo para as flores que dele brotarem? Deve haver uma vida e movimento correspondentes nessa massa de granito, de outro modo não poderia responder à vida que lhe é exterior.

Oh, nosso filósofo, enquanto vagueias pelos salões da ciência e do conhecimento, vê se não há olhos para o espírito, ouvidos para os sentidos, que sejam capazes de definir muito para ti que agora não compreendes.

8 de maio.

Pergunta e Resposta.

PERGUNTA. — Que fonte fiável podemos consultar no que respeita a obter conhecimento sobre o regresso do espírito à terra? Ou, por outras palavras, como podemos saber que os espíritos desencarnados da terra regressam e comungam com os seus amigos?

RESPOSTA. — Esta pergunta foi-nos entregue para a nossa elucidação. Pedem-nos para declarar que o espírito ou inteligência conhecido como Edgar A. Poe responderá à pergunta com as suas

próprias palavras e estilo peculiares, na próxima quinta-feira, se a atmosfera e a condição da nossa médium o permitirem.

12 de maio.

O Governo das Crianças

Propomo-nos agora falar brevemente sobre o governo das crianças.

A era da força bruta está a morrer, a era intelectual está a vir à vida. Com a morte do antigo, encontramos um varrer das esferas terrenas de certas velhas leis e teorias estabelecidas.

Um Salomão declara que "*to spare the rod is to spoil the child"* [poupar a vara é estragar a criança], mas a sabedoria do século dezanove declara que usar a vara é estragar a criança. Portanto, vedes que tomamos a nossa posição em oposição a Salomão, pois as eras estão a avançar, estão a tornar-se mais divinas, mais carregadas de sabedoria. A criança, por mais jovem que seja, está dotada de faculdades mentais ou de raciocínio mais fortes do que muitos supõem. Em vez de a tratarem como um ser intelectual deve ser tratado, as eras passadas trataram a criança como uma coisa de baixa condição, ou uma criatura possuidora apenas de instintos brutos, em vez de um ser dotado de espírito ou mente.

É algo prevalecente entre os pais negar aos seus filhos o que estes pedem e, no entanto, ao mesmo tempo, não lhes dar qualquer razão para o fazerem. O pai ou a mãe, em nove em cada dez casos, em vez de dar à criança uma razão para recusar o seu pedido, afasta-a com um simples "*No, I cannot"* [Não, não posso]. Ora, a razão na criança assim repelida ergue-se e exige saber por que razão o seu pedido foi assim tão friamente recusado. Ora, em vez de apelardes apenas aos seus sentidos externos, fazei um apelo direto ao interno. Só desta forma podeis esperar fazer com que os vossos filhos cresçam a amar-vos e a respeitar-vos, pois a falta de fé e de confiança, de qualquer dos lados, tem de gerar inarmonia entre pais e filhos. É verdade que a obediência por parte de uma criança é por vezes imposta pelo medo do castigo corporal, mas ao fazê-lo sufocais o amor que deveria fazer da

obediência um prazer, em vez de uma tarefa penosa e desagradável, realizada apenas por medo de receber castigo físico. Nenhum bom resultado foi jamais alcançado com pancada ou palavras duras, pois enquanto usais a vara impregnais a criança com aquele magnetismo que, no futuro, desenvolverá crimes muito mais hediondos na sua natureza do que aqueles pelos quais o castigo corporal é agora administrado.

Podeis forçar as crianças a obedecer-vos pelo medo, mas não podeis fazê-las amar-vos e respeitar-vos pelos mesmos meios duros. Tal como os vossos irmãos do Sul, elas podem curvar-se perante vós, mas não pode haver reforma efetuada por esta via.

Se uma forma diferente de governo infantil tivesse sido estabelecida há meio século, a guerra civil não estaria hoje no vosso meio, nem a morte e a carnificina a caminhar com passos gigantescos por todo o vosso território do Sul.

Oh, vós pais e vós mães! Não sabeis que responsabilidade monumental repousa sobre vós. O futuro está a exigir de vós o direito, que é a lei do Amor.

Os nossos opositores podem dizer que há muitos que não podem ser abordados de qualquer outra forma que não seja pelo castigo severo. Nós negamos essa afirmação. Deus nunca criou um ser para o qual não tivesse feito uma via através da qual se pudesse abordar a sua alma. Dissemos-vos para raciocinardes com os vossos filhos e para responderdes às exigências deles. Como o podeis fazer? Se eles têm formas físicas, têm também organizações espirituais correspondentes. Ora, através do espiritual vêm todas as doenças morais, intelectuais e físicas. Se quereis atingir o âmago ou o coração desta doença, ide direto ao espírito e trabalhai de dentro para fora em direção ao centro, e efetuareis uma cura permanente no futuro. E daí que façais os vossos filhos obedecer-vos pelo medo, supondes que erradicastes o mal nas suas almas para sempre? Oh, não. Reduzistes-nos à submissão pelo medo, e não pelo amor, e acreditai em nós quando vos dizemos que eles se provarão servos que apenas trabalham quando vigiados, em vez de sujeitos amorosos e de boa vontade ao vosso controlo.

Nada precisa de ser perdido se dirigido no canal certo; mas oh, que oceano infinito de perda há para pais e filhos quando o conhecimento dos primeiros é dirigido no canal errado. Oh, vós pais, o Grande Eterno confiou almas humanas à vossa guarda; cuidai, pois, para que elas não transportem no seu interno marcas da vossa negligência e maus-tratos no futuro. Cuidai para que não haja sementes de mal deitadas nos corações dos vossos filhos por ignorância da vossa parte, e para que o amor seja o elemento de coroamento concedido aos vossos filhos. Deixai de parte e pisai sob os vossos pés, se assim o entenderdes, o que Salomão ofereceu sobre este assunto.

A lei do Amor, apoiada por regras estabelecidas na governação dos vossos filhos, aconselhamo-los, recebei os vossos filhos sempre com...

O Tempo

PERGUNTA. — Como medem ou dividem o tempo os habitantes do mundo dos espíritos?

RESPOSTA. — Recebemos esta pergunta e propomo-nos falar sobre ela. Perguntaríamos ao nosso questionador — para provar que sabemos de onde vem a pergunta — como é que ele sabe que há um mundo dos espíritos? A sua religião falhou em informá-lo desse facto. Embora ele tenha pregado o que se chama o Evangelho por mais de trinta anos, contudo não encontramos prova na sua alma de que haja um mundo dos espíritos. Ele acredita na ressurreição, na indivisibilidade do corpo, contudo perguntamos-lhe como sabe ele isto? Dizemos que ele não o sabe.

Tempo é um termo aplicável a coisas destruíveis. O espírito, e todas as condições do mundo dos espíritos, são indestrutíveis, portanto o tempo não pode pertencer-lhes. A eternidade pertence ao mundo dos espíritos. Se perguntásseis a um habitante do mundo dos espíritos há quanto tempo vivia, a resposta seria: vivo desde toda a eternidade, pois a alma do homem nunca foi criada, sendo idêntica a Deus. Assim, pois, os habitantes do mundo dos espíritos não têm necessidade de

medir ou dividir o tempo. Mas quando regressam à terra, ou entram em *rapport* com as condições da terra, então medem o tempo. Fazem-no por virtude da sua memória. Não é por estarem habituados a isso no mundo dos espíritos que o fazem, mas simplesmente pelo poder da memória.

O espírito, mesmo enquanto habita na forma humana, não é um sujeito do tempo. Ele vive, move-se e tem o seu ser sob as leis da eternidade; e a eternidade engole todo o tempo. Esta é a nossa resposta, e ao nosso questionador diríamos que ficaríamos satisfeitos por receber outras consultas dele, para que possa saber que temos olhos para ver, ouvidos para ouvir e sentidos que compreendem não só o pensamento encarnado, mas aquele que dorme na alma.

13 de maio.

Regresso dos Espíritos Após a Morte

PERGUNTA. — A quem devemos ir para obter informação fiável relativamente ao regresso do espírito após a morte? Foi anunciado, na segunda-feira passada, que uma inteligência, designada como Edgar A. Poe, daria as suas opiniões relativamente ao regresso do espírito após a morte. Talvez seja bom declarar aqui que Edgar Poe não tem o hábito de controlar a nossa médium, não por não ser refinado e espiritual na sua natureza, mas por causa das circunstâncias particularmente desagradáveis que acompanharam os seus últimos momentos na terra. Como a nossa repórter poderia achar algo difícil acompanhar a linguagem rápida do poeta inspirado pelo Céu, dispensá-la-emos da tarefa, visto que o espírito é tanto capaz como está disposto a escrever as suas próprias ideias no papel.

[A resposta à pergunta registada nas nossas colunas como tendo sido dada na segunda-feira, 12 de maio, foi consequentemente dada sob a forma de um belo poema, produzindo um efeito eletrizante na assistência reunida. Os nossos leitores encontrarão abaixo uma cópia do poema tal como foi escrito pelo espírito:]

Não pergunteis a nenhum padre, ó ávida multidão da terra, Se os anjos podem regressar, Mas antes acendei as vossas lâmpadas de

conhecimento Onde queimam os fogos da Sabedoria — Que queimam por igual para o santo e para o pecador, Judeu e Gentio, grande e pequeno — Ensinando a partir de todo o registo da Natureza, O homem é julgado no salão da Razão.

Então trazei à Razão os vossos problemas;
Ela resolvê-los-á, a todos e a cada um.
Pois ela guarda as chaves do Céu,
E não veste nenhum manto funeral;
Mas as suas vestes são todas gloriosas
Como o arco que cruza o céu.
E sobre cada alma ela escreve assim:
"O Imortal não pode morrer."
E então, visto que a vida, e a vida eterna,
É dada a cada alma humana,
Quem circumscreverá os seus limites
À terra dos espíritos chamada Céu?
Nem o Deus do antigo Sinai,
Nem o Deus de Amor do Cristão,
Pois ao homem é dado o domínio
Sobre tudo o que está abaixo — e acima.
O peã da Liberdade — o hino da Natureza,
Cada espírito emancipado canta.
E para transportar os vossos entes queridos à terra,
O Céu e a Terra emprestarão as suas asas.
Então não habiteis mais nas sombras,
Com as paredes tristes do túmulo a fechar-se em redor,
Mas erguei-vos! tecei as vossas grinaldas de boas-vindas,
Pois os mortos vivem — os vossos perdidos foram achados.
15 de maio.

Obstáculos ao Controlo dos Espíritos

PERGUNTA. — Por que razão é que os nossos amigos espíritos nem sempre podem comunicar connosco?

RESPOSTA. — Há muitas razões. Por vezes a atmosfera está contra eles; por vezes não conseguem encontrar uma forma ou

médium que esteja bem adaptado ao seu uso. Por vezes a falta de poder por parte daqueles a quem eles gostariam de vir impede o seu regresso. Por vezes a lei que rege o controlo dos espíritos está contra eles, e então mais vale tentardes vir para o mundo dos espíritos com a vossa forma física do que nós tentarmos a comunicação com os mortais sob essas condições.

20 de maio.

Clarividência

Têm os amigos presentes alguma pergunta a propor? Se sim, estamos prontos para lhes responder.

[Sem resposta.]

Se não há nenhuma, falaremos então sobre uma pergunta que já nos foi apresentada, ou uma série de perguntas, que são estas: Primeira, o espírito desencarnado é clarividente? Se sim, até que ponto no futuro é ele capaz de ver? Por outro lado, se assim é, apontará algumas das melhorias que caraterizarão o próximo século?

Estas perguntas chegam-nos do silêncio e do segredo da secretária do nosso interrogador, onde foram cuidadosamente ocultadas da observação humana por ele. Agora, em troca de qualquer resposta que optemos por dar, pedimos-lhe que venha a público e declare, pelo menos a uma parte da comunidade em que vive, que algum poder invisível conseguiu penetrar nas profundezas da sua secretária e trazer ao mundo perguntas em que nenhum olho humano jamais poderia ter colocado o olhar.

O espírito do homem é, de facto, clarividente, quer esteja dentro quer fora do corpo. Enquanto no corpo, os seus poderes estão acorrentados, estão cercados pelas condições do corpo. Não são capazes de se estender muito no futuro, mas estão confinados a certos limites. Mas quando fora do corpo, capacitam-se a ver muito desse futuro que é o futuro para vós.

O poder do espírito individual ou da clarividência depende muito do seu desenvolvimento. Se for amplamente desenvolvido enquanto no corpo, fica então melhor preparado para se desdobrar no mundo

espiritual. Há diferentes graus de clarividência, tal como há diferentes graus de poder espiritual, moral e físico.

Penetrará o olho deste espírito no futuro, daqui a cem anos, e retirará dele os seus segredos? Não podemos demonstrar este poder do espírito, porque a mortalidade está acorrentada, está limitada nos seus poderes de perceção e de compreensão.

Indicai, se puderdes, algumas das melhorias que caraterizarão o próximo século, diz o nosso questionador. Muito bem, então; a era atual usa o poder contido no elemento água chamado vapor. Daqui a cem anos, a eletricidade tomará o lugar do vapor. As forças misteriosas da atmosfera serão mais amplamente compreendidas e desenvolvidas daqui a cem anos, pois o progresso e a maturidade devem exaltar o intelectual e, à medida que o espírito, ou a sabedoria, avança convosco na forma material, a forma física perde-se na espiritual. Assim, os anos terrestres do homem no futuro serão poucos, ou, por outras palavras, a sua peregrinação sobre a terra será curta...

A era atual faz uso do produto vegetal conhecido como madeira para o aquecimento das casas e para cozinhar. Daqui a cem anos, a água usurpará o lugar da madeira nesses aspetos. O calor, a luz e o poder, em vários graus, virão através da água, e este elemento tornar-se-á um dos vossos maiores servos — algo através do qual vós e a humanidade em geral realizarão uma enorme utilidade.

Por outro lado, quando a forma humana estiver doente nas eras vindouras, a humanidade procurará efetuar a cura através da parte espiritual da humanidade, e não da física, e os médicos profissionais — cujo segredo do poder se encontra apenas no uso de certos remédios e drogas específicos — terão passado ao esquecimento, pois o dedo do Todo-Poderoso terá escrito o seu selo de morte. Em vez de curar os doentes e enfraquecidos no corpo da forma antiga e estereotipada, a humanidade curará os males de que toda a carne é herdeira através do poder do espírito.

Contudo, as formas assim tratadas passarão mais cedo para a terra, porque não estarão tão bem adaptadas para lutar contra as provações da vida, devido ao seu refinamento ou, se assim podemos dizer, do fraco apego do espírito à mortalidade. Poderíamos falar de

uma variedade de melhorias que caraterizarão as eras vindouras, mas o tempo e a condição da nossa médium proíbem-nos de o fazer. Pedimos novamente ao nosso questionador que se chegue à frente e, num espírito de honestidade e firmeza, declare ao mundo em que vive que penetrámos a sua madeira e ferro, e lemos aquilo que, de outro modo, teria sido conhecido apenas pela sua própria alma e pela eternidade.

22 de maio.

PERGUNTA. — Podem os nossos amigos espíritos comunicar connosco quando solicitados a fazê-lo através de um médium?

RESPOSTA. — Isso depende inteiramente das condições, ou da lei regente, no momento em que o pedido é feito. Podem fazê-lo em todas as ocasiões em que as condições são favoráveis, mas quando desfavoráveis não podem.

P. — Como é este pedido tornado conhecido deles, e como são os nossos amigos espíritos reconhecidos?

R. — Não há necessidade de incorporar os nossos pensamentos em linguagem para que o espírito desencarnado os possa receber. O pensamento, tal como existe na mente do indivíduo, é tão real e tangível para o espírito desencarnado como se fosse dado sob a forma de som ou por palavras, da forma como agora vos falo.

P. — Os nossos amigos espíritos sabem ou recordam-se de coisas ou transações que fizeram antes de deixar este mundo e, se sabem, têm o poder de as contar?

R. — A memória é eterna; nunca morre. Qualquer experiência pela qual o espírito tenha uma vez passado nunca é esquecida por esse espírito. Está sempre presente com esse espírito, mas por vezes fica oculta da vida consciente pelas condições avassaladoras que o cercam.

P. — O que pensa das doutrinas Homeopáticas na medicina? E que relações mantêm elas com o Espiritualismo?

R. — Muitas das nossas inteligências espirituais são decididamente a favor desta forma de tratamento médico, e muitas não o são. A teoria é de facto grandiosa e bela; há mais beleza sob a sua superfície do que o homem supõe. Não vai longe o tempo — segundo

a nossa crença — em que a Homeopatia não só será melhor compreendida pela humanidade, como será o sistema predominante de tratamento médico.

P. — Devo entender que o senhor, como espírito individual, é a favor deste modo de tratamento?

R. — Entende, com toda a certeza.

P. — Está ciente de que a base dessa teoria é que aquilo que produz uma doença também a curará?

R. — Estamos.

P. — É a teoria, então, sólida na sua estimativa?

R. — Em algum grau, é; noutros aspetos, não. Resistirá à investigação e às críticas mais severas da ciência; não apenas à ciência do materialismo, mas à grandiosa ciência que subjaz a todas as outras — mesmo à vossa ciência —, a ciência do Espiritualismo.

P. — Então devemos esperar pacientemente por mais luz sobre o assunto, suponho?

R. — Sim, e ela virá, como a luz segue a escuridão, ou o dia segue a noite. Virá com certeza, como raio de estrela após raio de estrela vem do céu. Cuidai para que, enquanto ela vem em toda a sua simplicidade do Grande Pai do Espírito, as vossas mentes estejam prontas para a receber.

23 de junho.

A Verdade do Espiritualismo

Têm os amigos presentes alguma pergunta a oferecer? Se sim, estamos agora prontos para lhes responder.

[Sem resposta.]

Se não há nenhuma, propomo-nos então responder a uma que já se encontra connosco. Um bom irmão e expositor de Teologia, residente na vossa cidade, enviou-nos a seguinte pergunta:

“Se a doutrina do Espiritualismo for verdadeira, não regressará um ou mais dos meus amigos falecidos e comunicará comigo em

privado, para que eu possa então ficar positivamente seguro de que eles podem comungar com os habitantes da terra?"

Gostaríamos de o informar de que nem sempre somos capazes de regressar e comungar com os nossos amigos da forma e no momento em que mais poderíamos desejar fazê-lo, porque somos a todo o tempo sujeitos a leis que não podemos infringir — as leis de Deus. Ele estabeleceu os nossos limites e disse a cada espírito individual: "Até aqui irás e não mais além."

Ora, nós comungamos com os habitantes da terra através da forma física, e sempre que tentamos infringir as suas leis, o nosso poder é perdido. Poderíamos ficar à porta da vossa alma a bater para entrar por toda a eternidade. Ora, é necessário que nós, espíritos, tenhamos alguma pessoa ou sujeito, para que através da sua forma física sejamos capacitados a comunicar convosco. É verdade que por vezes usamos objetos inanimados, tais como cadeiras, mesas e vários artigos de mobiliário, para servir o nosso propósito de vos manifestar a nossa presença. Mas comungar com o nosso irmão, como ele deseja, sem a interposição de qualquer dos objetos acima mencionados, não podemos, simplesmente porque somos súbditos leais do Espírito Eterno.

Antes de encerrarmos, pediríamos ao nosso bom irmão que nos forneça um sujeito ou médium através do qual possamos comungar, e se não cortarmos aquilo que há tanto tempo se encontra fundamentado e enraizado no seu ser, a saber, o erro, ele poderá declarar que não há porta entre os dois mundos.

24 de junho.

Inspiração Antiga e Moderna.

Se os amigos presentes têm alguma pergunta a propor, estamos agora prontos para a ouvir.

[Sem resposta por parte da assistência.]

Se não há nenhuma, falaremos brevemente sobre uma que já se encontra connosco, que é esta:

"Não há uma diferença essencial entre a inspiração dos tempos Antigos e Modernos?"

RESPOSTA. — Para nós não há diferença na essência. A essência ou os elementos primários de todas as formas são iguais; todas as condições de tempo são iguais. A diferença existe apenas na manifestação exterior, ou na capacidade ou grau de desdobramento exterior. Assim, pois, a diferença está apenas na manifestação exterior, e não na essência. E as formas e organizações dos tempos Antigos e Modernos são diferentes; mas a inspiração de hoje é a inspiração de há séculos. A voz de Deus é a voz de Deus para todo o sempre, e nenhuma condição de tempo a pode mudar. É verdade que certas condições de tempo podem parecer afetar uma mudança na natureza da inspiração, mas, acreditai em nós, será apenas a aparência de mudança, e não a realidade em si.

Percebemos que o nosso questionador, em comum com a multidão, é possuidor de ideias ou impressões erróneas no que respeita à inspiração. Em vez de acreditar que Deus inspira todos os seus filhos, em maior ou menor grau, ele acredita que o Bom Pai inspira as pessoas apenas ao seu bel-prazer, e que durante certas estações do ano derrama sobre os indivíduos a sua Divina inspiração. Oh, que erro! Que calúnia contra a Divindade! O que é a inspiração? Ora, para nós é simplesmente um despertar ou acordar, por assim dizer, das faculdades latentes da alma humana. Não é algo pertencente a um mais do que a outro, pois Deus é um Deus imparcial, e concede os seus dons a todos os seus filhos de acordo com as suas necessidades e exigências individuais.

Dizem-vos muitas vezes que os vossos médiuns são detentores de dons espirituais que estão muito além das suas próprias capacidades para receber conhecimento. Isso não pode ser assim, pois Deus nunca mente, e nenhumas pessoas são dotadas de dons espirituais que não sejam também dotadas das faculdades de compreensão; pode acontecer que estas faculdades sejam em muitos casos impercetíveis à observação humana, mas estão, não obstante, em existência, embora permaneçam latentes durante anos, de outro modo o espírito nunca poderia atuar sobre elas. O próprio espírito poderia nunca ser capaz de as usar se deixado inteiramente aos seus próprios recursos de desenvolvimento, mas uma vez despertado para a ação por algum

poder estranho, as faculdades intelectuais logo se erguerão ao padrão de sabedoria e conhecimento do espírito.

Oh, nosso questionador, apontar-te-íamos a Criação — tal como ela fundou todas as ordens de vida — para prova da exatidão da nossa teoria. Olha para os reinos mineral, vegetal, animal, físico e intelectual, e vê se não encontras a inspiração gravada em todas as obras de Deus, por mais humildes que sejam. Ela não vem apenas a esta hora, como veio com Jesus de Nazaré, mas estará connosco amanhã como hoje, uma rica herança a que todos os filhos de Deus podem justamente reclamar direito a algo que será encontrado no futuro onde quer que a vida seja encontrada. As formas e capacidades de manifestação exterior podem diferir, mas a inspiração, ou a Palavra de Deus, é para todo o sempre a mesma.

1 de julho.

Solilóquio sobre o aproximar do Quatro de Julho.

Meus amigos, estais prestes a celebrar o aniversário da vossa independência nacional. Parastes alguma vez a considerar que não sois de modo algum independentes, quer no pensamento quer na ação? Que estais inseparavelmente ligados a cada ser humano que alguma vez existiu ou existirá? Muito poucos, tememos, pararam para considerar sequer o primeiro ponto deste grande assunto.

Independentes! Independentes de quê? Das potências estrangeiras; no vosso poder supremo de governar; na vossa capacidade de cuidar dos vossos próprios interesses, direis vós. Mas sois independentes nisto? Penso que não, nem acredito que alguma vez o sejais. É em vão que estabeleceis qualquer regra de independência, ou vos vangloriais da independência sob qualquer forma ou feição. É da ordem da Natureza ser dependente. Cada átomo é dependente de cada outro átomo para o seu próprio sustento e existência particulares. Supondes que vós, a joia de coroamento da criação, sois menos dependentes do que as obras menores da mão de Deus? Que estais à parte e sois independentes uns dos outros como semelhantes? Certamente o homem não é exceção à regra de Deus neste aspeto.

Por que suspirais quando olhais para os doentes e feridos que são diariamente trazidos para a vossa cidade, e lamentais a condição do vosso país? Porquê? Porque estais ligados a eles, a todos e a cada um, pelo cordão da simpatia; porque sentis a agonia deles e deveis ser sempre participantes nas suas dores, bem como nos seus prazeres.

Em poucas horas os vossos ouvidos serão saudados por sons de regozijo por todo o lado em redor de vós. Mas não haverá dor a misturar-se com esta alegria e folia? Deus sabe que haverá, e enquanto um beber do cálice da dor, todos devem mais ou menos sentir os efeitos da poção que adoece o coração; pois a grande corrente da simpatia humana une-vos a todos, corre através de vós todos e sustenta-vos a todos, mesmo nas vossas horas de miséria e desgosto. Independentes! Ora, poderíeis da mesma forma declarar-vos independentes de Deus como declarar-vos religiosa, física, social e espiritualmente independentes uns dos outros; mas em todos estes sentidos estais inseparavelmente ligados uns aos outros e, em consideração deste facto, estais obrigados a manter juntos as leis que Deus formulou para o vosso sustento e governo.

Cristo disse aos seus discípulos: "*A new commandment I give unto you, That ye love one another; as I have loved you, that ye also love one another. By this shall all men know that ye are my disciples, if ye have loved one another."* [Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros]. E na observância deste mandamento residem todas as vossas esperanças de felicidade e paz futuras. Negligenciai isto e negligenciais tudo. O quadro desolador que a hora presente nos apresenta não nos informa de que tendes vivido em harmonia convosco próprios, pois, acreditai em nós, se tivésseis estado sequer em paz convosco próprios, a guerra civil não teria sido vossa hóspede hoje.

Oh, quando o dia de amanhã for anunciado, e o futuro estiver convosco como o presente, oh, parai e refleti que sois todos e cada um dependentes uns dos outros, pela lei inalterável de Jeová. Procurai então estabelecer primeiro a harmonia dentro das vossas próprias almas, para que estejais melhor preparados para estender a esfera dos

vossos trabalhos nesse aspeto à humanidade em geral. Procurai fazer o bem a todos; não apenas por atos, mas por pensamentos, e esforçai-vos por arrancar cada joio que possa ter brotado no jardim dos vossos corações, e se fizerdes isto, tereis realizado muito no sentido de restaurar a paz e a harmonia entre vós como nação.

E esta gloriosa verdade, esta luz espiritual, enviada a vós por Deus do alto, será a estrela guia do vosso destino comum como povo daqui em diante. Oh, lembrai-vos de que o vosso Deus é o Deus do vosso inimigo também. Lutai contra isso o tempo que puderdes, esta verdade irá, mais cedo ou mais tarde, manifestar-se a vós. Oh, adorai a Deus na beleza da santidade, como seres naturais e dependentes, e dificilmente ireis para a guerra com os vossos vizinhos.

Possa Deus na sua infinita misericórdia abençoar-vos a todos, e possa ele enviar anjos ministradores do céu para guiar retamente os vossos passos errantes. E quando ouvirdes os sons de regozijo no dia de amanhã, oh, senti que tendes todos e cada um algo a fazer antes de terdes ganho uma vitória sobre o vosso pecado de estimação.

3 de julho.

Sofrerão os Bebés na Mudança Chamada Morte?

Solicitamos agora a receção de perguntas dos amigos presentes. Os amigos na mortalidade não precisam de temer ter conselho connosco. Não lhes faremos mal, pois não o poderíamos fazer se quiséssemos, e não o faríamos se pudéssemos.

PERGUNTA. — Sofrerão os bebés na mudança chamada morte?

RESPOSTA. — Em alguns casos não sofrem. Acreditamos que na maioria dos casos não sofrem. Antes da mudança chamada morte, o cérebro do bebé fica paralisado, ou o espírito perde o controlo dessa parte do mecanismo humano conhecida como a sede do pensamento, algumas horas antes da morte. A forma física, acrescentaríamos, dá por vezes evidência do que parece ser um grande sofrimento, mas nem sempre se deve julgar por estas evidências externas, pois são por vezes contrações musculares, enquanto o espírito, ou o cérebro, não toma qualquer parte nelas.

3 de julho.

Existimos Antes do Nascimento Mortal? Cansa-se Alguma Vez a Alma?

Propomo-nos agora manter uma conversa amigável com os amigos que se reuniram aqui. Se alguém presente tiver alguma pergunta a propor, ou quiser abrir qualquer assunto para consideração, estamos agora prontos para ocupar os próximos dez ou quinze minutos dessa forma.

PRESIDENTE. Parece não haver nenhuma.

Se não há nenhuma, ocuparemos o nosso tempo a falar de uma que encontramos Espiritualmente diante de nós. Para que não haja mal-entendidos por parte dos nossos ouvintes, declaramos que essas perguntas de que falamos como estando espiritualmente diante de nós são as enviadas para nós pelo Telégrafo-do-Pensamento. Por exemplo, uma pessoa ou pessoas no seu próprio quarto podem fazer-nos, apenas em pensamento, alguma pergunta ou perguntas, que nos são imediatamente telegrafadas pelo cérebro, proibindo assim toda a possibilidade de conluio mortal. Seria bom também acrescentar que, pelo poder do Todo-Poderoso, reunimos muitas almas no nosso rebanho por esta via.

Aquilo sobre o qual nos propomos falar esta tarde é um assunto em que muitas mentes esteve quase perdida; muitas almas foram naufragadas neste assunto, simplesmente porque nunca foram capazes de descobrir a verdade da matéria. O nosso consulente prefacia os seus pensamentos desta forma:

Sou compelido pela força de algo que não consigo designar a acreditar que eu, como espírito individual, existi nalgum outro estado antes da forma humana mortal. Se isto é verdade, pediria que alguns dos meus amigos regressassem e respondessem às seguintes perguntas:

"Tive eu uma existência antes de habitar a forma mortal? E, por outro lado, Cansa-se alguma vez a alma do homem?"

RESPOSTA. — Imortalidade! O que significa? Não tem maior significado do que aquele que geralmente lhe é atribuído? Significa que existimos aqui e através do futuro? Certamente que deve significar algo mais do que isto. Ora, acreditar que havemos de existir

através de um futuro sem fim é acreditar que sempre existimos, como indivíduos distintos, mantendo sempre a nossa própria identidade. E ao descermos ao presente, olhamos para nós próprios como tendo tido uma existência prévia num tempo passado e antes da nossa entrada espiritual no corpo humano.

Por que razão, bom amigo, está consciente deste sentimento de pré-existência? Ora, simplesmente porque viveu desde toda a eternidade; porque você, como Deus, sempre teve uma existência, e a própria alma está consciente dessa existência, e por vezes impressiona-a nos seus sentidos externos.

O que é esta força misteriosa que impressiona esta crença nos seus sentidos? Ora, é o próprio Jeová.

Sabemos que a nossa filosofia, em alguns aspetos, corresponde à antiga Doutrina Pitagórica; que nos afastámos do antigo caminho batido da religião; mas sabemos que estamos corretos, não obstante.

Se vivemos de todo no futuro, vivemos sempre; nunca tivemos um início, pois a alma nunca pode ter um fim.

"Cansa-se alguma vez a alma?"

RESPOSTA. — Com toda a certeza que sim. O corpo cansa-se quando provado além das suas capacidades habituais para o trabalho; os sentidos ficam cansados e cansam-se até do prazer. Quando o sistema se torna sobrecarregado por um excesso de trabalho, as forças vitais do sistema são todas viradas para o cérebro, ou, por outras palavras, o cérebro é obrigado a desempenhar não apenas as suas próprias funções, mas as de outros órgãos do corpo.

Assim pode explicar muitos dos seus casos de Loucura. A alma dá-lhe um aviso quando demasiado trabalho é exigido ao cérebro, e deve usar as forças do seu ser, por mais dormentes que estejam, para desviar a corrente do pensamento do cérebro. O monitor interno dá-lhe o aviso, e deve prestar-lhe atenção. A alma cansa-se, e se não prestar atenção às suas premonições, ela por vezes retira-se, e todas as forças do sistema são viradas para o cérebro. Tudo o que viu e fez aqui na terra parece ser pressionado ou amontoado no cérebro, levando sempre a resultados perigosos, e produzindo em muitos casos loucura incurável.

Nesta, como em todas as outras doenças, diferentes pessoas são diferentemente afetadas. Algumas estão loucas sobre vários assuntos, outras são monomaníacas sobre apenas um assunto. Isto depende da capacidade do indivíduo para receber o influxo do mundo exterior. Se for capaz de receber muito do mundo material, ora então o seu paciente estará louco sobre muitos pontos; se estiver louco sobre apenas um ou poucos assuntos, então a capacidade do seu paciente é limitada no que respeita a receber o influxo do mundo externo.

Oh homem, procura conhecer-te a ti mesmo, ao teu Deus! Pedimos em troca pelas perguntas a que respondemos hoje que o nosso questionador envie um canto de ação de graças a Deus. Pedimos que não nos envie agradecimentos a nós, pois nenhuns nos são devidos como indivíduos.

7 de julho.

O Egoísmo — O que é? Há um Lugar de Descanso para a Alma?

Se pudermos transmitir qualquer luz aos nossos amigos na mortalidade, ficaremos felizes por o fazer; e se os amigos nos puderem dar qualquer luz em troca, aceitaremos a mesma com a maior gratidão; pois a luz não vem apenas do mundo espiritual para iluminar o caminho do homem, mas vem muitas vezes do mundo material, e nós recebemo-la muitas vezes desse mundo, pois sabemos que o mesmo Deus caminha convosco como connosco, e que todos os seus filhos, quer da terra quer do mundo acima, são os recetores do favor e da misericórdia de Deus.

PERGUNTA. — “Egoísmo — o que é?”

RESPOSTA. — O egoísmo é um princípio, não obstante o seu exterior escuro e injusto, e é nascido de Deus. Ensinaram-vos a cuidar do eu como uma das primeiras leis da Natureza. O Espiritualismo ensina-vos mais do que isto, pois é uma das maiores leis da Natureza, e devia ser universalmente obedecida, pois dentro do vosso próprio ser está talvez uma contraparte do próprio Deus. Egoísmo! Todo o mundo dos anjos se uniria para vos dizer para cultivardes e acalentardes o egoísmo; não aquele egoísmo que é como um mensageiro do mal de tom escuro a caminhar entre vós hoje, mas aquele que é nascido de

Deus, e é um atributo divino de que qualquer dos filhos terrestres de Deus se poderia orgulhar de possuir.

O egoísmo, nosso amigo — podemos chamar-lhe Divindade, visto que deve a sua origem ao Pai de toda a Criação — é um princípio que deveria governar a própria vida. Mas para amar bem o eu, deve primeiro conhecer-se a si mesmo; deve conhecer as exigências do seu próprio ser, antes de poder atender adequadamente às suas necessidades. Quando o eu exige de si, como espírito individual, que responda aos chamamentos de Deus, deve de imediato deitar mãos à obra, e isto pode ser alcançado de nenhuma melhor forma do que procurar e compreender a Deus e aos seus chamados mistérios. O Passado trancou o eu do seu próprio ser; o presente destranca a porta e fornece-lhe um guia para os seus incontáveis labirintos. Volte-se para dentro do templo do eu, e enquanto vagueia por lá, não se esqueça de enviar para o mundo exterior evidências da sua pesquisa e trabalho, para que saibam que você, como indivíduo, está a caminhar com Deus. Egoísmo: que seja o rei reitor em todos através da vida, e aprenda a amar o eu com todo esse amor puro e imaculado que era tão caraterístico de Cristo quando esteve na terra. Procure conhecer o eu, e então conhecerá o seu Deus.

Uma pergunta chega-nos hoje de alguém que em breve se deve tornar um do nosso número, e de alguém que não tem a menor sombra de crença no regresso do espírito à terra, ou na existência futura da alma. A pergunta, ou antes, perguntas, são estas:

"Quando estarei em descanso? Quando deixarei de ser perturbado pelos meus próprios pensamentos? Há um lugar de descanso para a alma do homem após a morte? Se os espíritos podem regressar, regressarão os espíritos dos meus amigos e responderão às minhas perguntas?"

RESPOSTA. — Que eles podem regressar toda a Natureza lho provará, e que regressaram hoje em resposta ao chamamento do nosso irmão prestes a morrer, pedimos apenas uma resposta da sua própria alma. Estar em descanso é estar em harmonia consigo próprio; estar em descanso é estar numa condição de felicidade e bem-estar da Alma; numa condição de perfeita harmonia. Não importa se o espírito

está encarnado ou desencarnado, pois se há harmonia no interior, haverá harmonia no exterior.

Vai-se para o grande caminho da vida material em busca de paz e felicidade, mas não se encontra. Varra e limpe a câmara da sua própria alma, e não terá de vir para o vestíbulo exterior da vida material para procurar a Deus e ao descanso. E daí que vagueie por anos através da vida em busca deste cobiçado estado de felicidade e paz da alma, supõe que encontrará descanso enquanto carregar o inferno dentro de si próprio? Embora fosse transplantado para os reinos do Mundo Celestial, a sua alma perturbada falharia em encontrar descanso mesmo ali.

Oh, viajante no plano da terra, suplicamos-lhe que se volte para dentro da câmara do seu próprio coração e a varra e limpe. E se a reforma é necessária, comece-a em casa, e todos os elementos de discórdia em combate na vida exterior falharão em afetá-lo, e dirá, como disse um de outrora: "*Now mine eyes have seen thy salvation"* [Agora os meus olhos viram a tua salvação], estou pronto para todas as coisas.

8 de julho.

O Espiritualismo e os Bens Terrenos.

O assunto, ou pergunta, que nos propomos considerar esta tarde é um dos que tem flutuado através das mentes de muitos ao longo dos últimos meses, e que vem, segundo nos parece, das fileiras dos nossos opositores.

PERGUNTA. — Se o Espiritualismo vem de Deus e é exatamente o que deveria ser, por que razão é que tantos dos seus devotos crentes e seguidores são tão frequentemente despojados dos seus bens terrenos, e por que razão muitos deles se tornam incuravelmente loucos?

RESPOSTA. — Relativamente à primeira parte da pergunta, diríamos que vimos a vós, habitantes da esfera terrena, para que possamos destruir o vosso reino e o seu rei. Jesus, o nosso divino predecessor, fez o mesmo e disse aos seus Apóstolos: "*Think not that I*

am come to send peace on earth; I come not to send peace, but a sword." [Não penseis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer a paz, mas a espada]. Ele veio para criar a discórdia, para tirar os seus bens terrenos e para estabelecer o reino do mundo espiritual aqui na terra. Portanto, tendo em vista o exemplo de Cristo, esforçar-nos-emos, no melhor das nossas capacidades, por vos despojar dos vossos bens terrenos. Somos claros ao dizer-vos isto em todas as ocasiões, e sempre o fomos.

É verdade que há muitos a quem ajudámos na aquisição de riqueza terrena, mas prestámos a nossa assistência dessa forma para que pudéssemos, assim, facilitar a vinda do reino de Deus à terra. Mas, acreditai em nós, a nossa missão é destruir o vosso rei e pregar o seu sermão funeral. Eis, então, por que razão tantos são despojados dos seus bens terrenos. Dir-lhes-emos nós, se vierem bater à porta do céu pedindo entrada, como Cristo fez, que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus? Não; aprendemos sabedoria pela experiência e aprendemos a ocultar muitas coisas que ele expressou, mas dissemos aos filhos da terra que, se construírem templos terrenos, nós os destruiremos.

Oh, vós habitantes da terra, há demasiado tempo que vos curvais diante do santuário de Mamon; há demasiado tempo que ergueis para vós mesmos ídolos de ouro e prata! Era certamente tempo de o grande Rei do Espírito vir e reinar sobre vós, pois servistes Mamon durante demasiado tempo. Não vos admireis, pois, de que dólar após dólar vos esteja a ser tirado, até que a necessidade e a mendicidade vos encarem de frente; mas lembrai-vos de que o grande Eterno governa, e que ele não é feito de prata.

Relativamente à loucura resultante do Espiritualismo moderno, temos isto a dizer: há muitas espécies de intemperança, e aquele que bebe da taça de vinho não é o único bêbado que caminha pela terra, pois há extremistas em todas as coisas; e há muitos que são culpados de intemperança, mesmo no Espiritualismo. Contudo, isso não desprova o facto da comunhão com os espíritos, só porque algum dos seus defensores possa ter enlouquecido devido ao pensamento e trabalho excessivos sobre o assunto. Apenas prova que tais pessoas foram intemperantes, que não usaram a sua razão, mas beberam

demasiado profundamente da bebida colocada nas suas mãos para uso moderado. Diríeis que a bebida intoxicante era a culpada pela intemperança do bêbado? Certamente que não. Então, em nome do céu, atribuí a culpa ao raciocinador delinquente, e não ao Espiritualismo em si.

Sempre vos impusemos, como Espiritualistas, que sejais moderados, temperantes, e que useis a vossa razão em todos os casos em que novas verdades sejam apresentadas às vossas mentes para estudo e aceitação. E se aquilo que vos é dado do mundo dos espíritos não resistir ao (...) vosso próprio senso comum e razão, ora então rejeitai-o como matéria indigna da aceitação da vossa alma. Deus deu a razão e, se vo-la deu, deu-a para a usardes. Lembrai-vos de que os mensageiros do mundo invisível vêm para destruir o vosso rei.

Lembrai-vos de que eles vêm para derrubar os vossos templos terrenos para que possais encontrar para vós mesmos templos espirituais que serão como a vossa futura glória e felicidade daqui em diante. Lembrai-vos de que o Espiritualismo moderno, se vier de Deus, vos dará um reino no mundo acima, onde Deus é a Justiça (...)

10 de julho.

Os Dons de Deus ao Homem.

A distribuição equitativa dos dons de Deus ao homem. Este é o tema para a nossa consideração desta tarde. A questão que nos foi enviada pelo Telégrafo do Pensamento é a seguinte:

"Por que razão estão os dons de Deus tão desigualmente distribuídos?"

RESP.—Pena-nos perceber que a presente era é mais a era do Materialismo do que a do Espiritualismo. Pena-nos perceber-vos a habitar mais no reino das coisas materiais do que no das coisas espirituais. Ora, se a humanidade vivesse mais no espiritual do que no material, seria capaz de perceber mais claramente a mão de Deus em

todas as coisas; seria capaz de perceber que essa mão está sempre repleta de sabedoria e distribui os seus dons igualmente a toda a humanidade.

"Por que razão estão os dons de Deus tão desigualmente distribuídos?"

Não estão, ou pelo menos não da forma como alguns supõem. Consideremos o que se entende aqui pelos dons de Deus. O orpimento da terra; aquilo através do qual podeis obter os aplausos do Materialismo, a amizade da humanidade e os luxos da vida terrena. É isso que o nosso amigo e consulente concebe como sendo alguns dos dons especiais de Deus. Pelo contrário, nós percebemo-lo como um filho do mal, algo que foi gerado da vossa sensualidade. Alguns concebem os dons especiais de Deus como sendo a homenagem do mundo, que é a voz da opinião pública; o ouro e a prata, ou aquilo a que chamais as coisas preciosas da terra.

Todos os graus e condições da sociedade são de alguma forma recetores dos dons de Deus. Gostaríeis de ser ricos em intelecto? Não. Gostaríeis de ser ricos em sabedoria, retidão, bondade e pureza? Não. Em que gostaríeis, então, de ser ricos? Na vaidade da pompa e da exibição das coisas materiais. O ouro, a prata e as pedras preciosas da terra construirão para vós um templo, mas este será tão instável como a casa que os homens tolos construíram sobre a areia e que o vento e a chuva arruinaram.

Consideremos a condição do homem rico por um momento. Nós, que estamos do outro lado e fomos abençoados com olhos espirituais, sabemos com absoluta certeza que o homem rico vê pouca felicidade. Hoje, quando as ações estão em alta e ele se pode mover com facilidade numa determinada direção, está consciente de um sentimento de satisfação e, de momento, imagina-se um homem feliz. Mas quando os seus negócios financeiros tomam um rumo descendente, torna-se extremamente miserável e é mais digno de pena

do que aquele que mendiga a sua côdea de porta em porta. Oh, estas coisas destroem a felicidade e atormentam a paz de espírito daquele ou daquela que aspira apenas às riquezas do mundo, enviando tais pessoas para o inferno — enviadas para lá pelo excesso dos bens deste mundo.

Lancemos também um olhar ao homem pobre, na sua casa humilde, rodeado pela sua mulher e pelos seus filhos, após um dia de duro trabalho. Ele deu ao seu patrono uma recompensa liberal pelo dinheiro que recebeu das suas mãos. Não tem interesses avassaladores a perturbá-lo; não tem ações cuja subida e descida precise de vigiar; e, embora pobre em possessões terrenas, é pelo menos um homem honesto e feliz. Ganhou, talvez, o seu único dólar, ou pouco mais, com o suor do seu rosto, e está talvez mais satisfeito do que aquele que tem milhares à sua disposição. Assim, enquanto o homem pobre desfruta dos confortos da sua casa humilde, sem preocupações terrenas que lhe distraiam a mente ou o afastem daquele pequeno círculo à hora da noite, o homem rico encontra-se embaraçado e perplexo com contas de negócios, tanto de noite como de dia, não conhecendo nem os encantos da vida doméstica, nem os prazeres da amizade.

Oh, quem não preferiria ser pobre neste mundo a ser rico com toda a sucessão de incómodos aqui presente? E a questão não se fica por aqui. Não podeis levar a riqueza terrena convosco para a terra dos espíritos, pois Deus e Mamon não podem viver juntos na mesma casa. Não estão de modo algum aliados um ao outro e têm de governar individualmente. Se servis Mamon, não podeis servir a Deus fielmente. Se quereis encontrar o céu, deveis primeiro despir-vos das riquezas terrenas, para que o seu peso não vos sobrecarregue na vossa jornada.

Tão-pouco o reino dos Céus é acessível aos discípulos de Mamon. Daí a afirmação: "É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus." Dizemos-vos

que é impossível ao homem rico entrar pelos portões do céu. O homem rico tem de deixar o seu ídolo para trás se quiser entrar no reino de Deus; pois a porta não é suficientemente larga para admitir a ele e ao seu ídolo na morada do nosso Senhor. Ele tem de renunciar ao seu ídolo se quiser conhecer o céu, pois enquanto lhe estiver afeiçoado, vive no inferno.

Estão, então, os dons de Deus desigualmente distribuídos? Não há sabedoria em todos os dons do nosso Pai? A pobreza traz as suas bênçãos. Reúne em redor do seu possuidor a pureza e o contentamento, ao passo que as riquezas trazem conforto corporal e felicidade imaginária àqueles que não conheceram outro Deus senão Mamon. Isto é tudo o que obtendes do ouro e da prata — nada mais; e enquanto vos esforçais por acumular tão inútil escória na vida terrena, ela traz-vos o inferno com todos os seus demónios acompanhantes.

Portanto, não façais para vós palácios terrenos nos quais entronizar o vosso Deus; pois sabei que dentro daquele exterior pobre e humilde habita o Anjo do Todo-Poderoso. O nosso bom Pai demonstrou sabedoria em todos os seus dons. É apenas porque nós, na nossa tacanhez, falhamos em reconhecer a mão de Deus em todas as coisas, que assim murmuramos contra as determinações da Providência. Se estivéssemos melhor familiarizados com Deus, não questionaríamos o seu amor por nós, nem falharíamos em perceber que ele trata imparcialmente todos os seus filhos terrenos. Sustentamos que o nosso Pai "faz bem todas as coisas", e com o tempo cada filho individual seu fará eco das nossas palavras.

Oh vós que adorais no altar de Mamon, vós que abraçais tão estreitamente contra o vosso coração os vossos ídolos terrenos, permiti-nos que vos informemos, em nome de milhares que percorreram a estrada e entraram na Cidade dos Mortos, que há demasiado tempo vos curvais perante o bezerro de ouro, que há demasiado tempo adorais o Deus da vossa própria criação, em vez do verdadeiro Deus. Permiti-nos que vos informemos de que o Grande

Eterno vos envia continuamente mensageiros do céu para vos instarem a renunciar à sociedade e à companhia de Mamon; pois ambos, repetimos, não podem habitar juntos no reino de Deus. Portanto, não acumuleis para vós tesouros na terra; e se for a vossa desventura serdes possuidores de grandes riquezas terrenas, lançai-as aos quatro ventos da terra; dai-as àqueles que as procuram e que não são suficientemente espirituais para verem a sua loucura em cobiçar as riquezas da terra; rezando ao mesmo tempo para que em breve percebam que estão em erro, que os seus desejos são do corpo e não do espírito.

Oh, possa Deus, na sua Infinita misericórdia, dar-vos poder para discernir a sabedoria em tudo o que faz; poder para vos desviardes do mal que vos cercas por todos os lados, e para recolherdes para vós essas joias brilhantes do espírito que bem vos adornarão como um espírito nos reinos celestiais. 14 de Julho.

A Opinião do Espírito sobre o Certo e o Errado.

PERG.—O que pensam os espíritos daquela classe de indivíduos que professa conhecer o certo e, contudo, persiste em fazer o errado?

RESP.—Aquele que nos interpela refere-se, sem dúvida, a alguns dos membros delinquentes da seita Espiritualista. O que pensamos deles? Pensamos neles com pena, pois sabemos que são fracos e caem frequentemente no caminho da vida. Embora não apoiemos as suas ações e não queiramos que sigais o seu caminho, ainda assim, ao mesmo tempo, estender-lhes-íamos a mão da amizade e simpatia fraterna, em todos os momentos e sob todas as circunstâncias.

O que pensamos daqueles indivíduos que professam conhecer o certo e, contudo, persistem em fazer o errado? Novamente dizemos, pensamos neles com pena. Não os podemos censurar, pois não temos a certeza de conhecer nós próprios o certo. Se, portanto, ainda

caminhamos na escuridão, podemos não ser com segurança os seus guias nem tentar liderá-los para fora da escuridão da meia-noite do mal, em direção à grande e gloriosa luz do sol da sabedoria de Deus.

Vamos para onde os nossos passos nos levarem, e encontraremos sempre mais ou menos destes fracos da terra. Mas devíamos recordar-nos de que, enquanto eles tropeçam e caem no caminho da vida, nós temos talvez alguma força dentro de nós próprios para os erguer e, com palavras de bondade e esperança, iniciá-los novamente na sua jornada. É dever de todos viver vidas santas, na medida do possível. É dever de todos, quer sejam Espiritualistas, Universalistas ou Ateus, viver tão perto de Deus quanto possível durante a sua breve permanência sobre a terra. É de maior importância que a comunidade Espiritualista em particular leve uma vida santa, porque estão sobre a colina com as luzes do Todo-Poderoso a arder ao seu redor, e a multidão lá em baixo a olhá-los e a criticar cada um dos seus atos. Portanto, é de vital importância que eles, acima de todos os outros, levem vidas santas, por amor ao exemplo. Não obstante, exortaríamos aqueles que se transviaram do rebanho do pastor para seguir os ditames das suas próprias paixões terrenas, a regressar dos locais dourados de prazer para caminhar em caminhos mais santos e agradáveis, e assim erguerem-se triunfantes sobre todo o pecado e mal.

Aqueles que conhecem o certo nem sempre têm o poder de fazer o certo, por causa das influências avassaladoras que muitas vezes os cercam. Informaríamos esses fracos de que Deus de modo algum os esqueceu, nem jamais os repudiará, mesmo que continuem a viver em discórdia com as suas leis, mas está sempre pronto a ouvir as suas preces por misericórdia e perdão, e transmitir-lhes-á de bom grado essa força de alma que lhes permitirá resistir ao mal que os cerca, sempre que acharem conveniente implorar o seu auxílio.

O que pensamos deles? Oh, nosso consulente, não como vós pensais deles. Nós estamos afastados da mortalidade e podemos ver tanto os que fazem o certo como os que fazem o errado. Adoramos uns; temos pena dos outros. Oh, em nome do vosso Criador, não vos esqueçais de estender a estes caídos da terra a vossa simpatia e amizade; e se o manto da Retidão estiver sobre os teus ombros, tira-o e coloca-o sobre o corpo do teu irmão errante, que dele tem mais necessidade do que tu; e os anjos farão ressoar o elogio de "bem feito, servo bom e fiel, foste fiel no pouco, o teu Deus te fará soberano sobre o muito." 18 de Julho.

Há amigos presentes que desejam saber se os espíritos estão ao corrente dos assuntos deste país no momento presente.

Em resposta às indagações desses amigos, diríamos que a sua profunda solicitude por vós abriu a vossa visão para os perigos da vossa posição, bem como para a causa desta rebelião; mas o vosso país política, social e religiosamente está a mourejar sob o jugo da escravatura, e tocar no assunto, ainda que seja numa décima parte, levaria mais tempo do que aquele que temos atualmente à nossa disposição. Não obstante, responderemos brevemente a tais perguntas relativas à presente guerra conforme os amigos presentes optarem por apresentar nos poucos minutos que temos para dedicar a esse propósito.

PERG.—Podeis dizer-nos qual é a posição dos dois exércitos?
RESP.—Vemos duas forças em confronto. Cada uma sente que está certa, e de cada ponto sobem para a terra dos espíritos orações fervorosas por auxílio Divino e por força para subjugar os seus inimigos. E em resposta às orações destes exércitos em confronto, vem muitas vezes uma legião de espíritos acompanhantes para atender às suas necessidades e carências. O exército Confederado espera por poder. O exército Federal espera por poder também. O conflito será grande e mais longo do que supões que será, e muito espírito será apressado para a eternidade, sem anúncio e impreparado para

encontrar o seu Deus. Perguntais: será o exército Confederado ou o Federal vitorioso no final? Se a maior parte do direito repousa convosco no Norte, o Grande Eterno acolhe-vos a si nos mais estreitos laços de simpatia e amor, e fará pender a maré da vitória para o vosso lado. Se repousa com os vossos inimigos, então a vitória será deles, pois o certo conquistará o errado. Cuidai, pois, de seguir o certo e evitar o errado; de fazerdes, como indivíduos, tudo o que estiver ao vosso alcance para procurar a companhia dos anjos e assegurar para vós próprios, no porvir, um lugar no céu. Cuidai de cultivar o bem dentro de vós próprios, para que o exército do Eterno possa habitar convosco.

PERG.—O espírito reconhece o corpo? RESP.—Por vezes, a condição da vossa atmosfera torna impossível para nós ver as vossas formas externas com clareza. Outras vezes, somos capacitados a ver tanto o corpo como o espírito. No entanto, dizem-nos que há muitos no mundo dos espíritos que são capazes de ver o corpo muito mais claramente do que o espírito. Como explicar isto, não sabemos. Atualmente, apenas sabemos que esta é uma lei da vida. Uma parte daqueles que aqui estão reunidos em forma hoje, vimo-los em espírito e corpo; uma parte apenas em espírito. 15 de Julho.

Clarividência.

Propomo-nos agora a considerar qualquer assunto que os amigos desejem apresentar-nos.

PRESIDENTE.—Parece não haver perguntas por parte da assistência.

Consideraremos então brevemente uma questão já diante de nós, a qual, assumindo a forma de pergunta, é a seguinte:

"Se os habitantes do mundo dos espíritos são clarividentes e possuem a chave com a qual podem desvendar os segredos do futuro, por que razão não nos dão algo desse futuro, para que possamos saber melhor como agir, a fim de vivermos mais em conformidade com a vontade de Deus?"

Em resposta a esta pergunta, diríamos que o nosso Pai nos encarregou de levar certas verdades aos filhos da terra. Ele ordenou-nos que vivêssemos em conformidade com as suas leis e nós, como súbditos leais, devemos obedecer à sua vontade.

O passado ensinou-nos que o nosso Pai costumava afastar-se dos seus caminhos habituais para agradar ao indivíduo ou para se adequar à fantasia das massas; mas não conhecemos nenhum Deus que não seja capaz de se governar a si mesmo. Se ele não é capaz de se governar a si mesmo, não é capaz de governar os seus filhos.

"Se os habitantes do mundo dos espíritos são clarividentes e possuem a chave com a qual podem desvendar os segredos do futuro, por que razão não nos dão algo desse futuro, para que possamos viver mais em conformidade com a vontade de Deus?"

Já vos informámos de que os habitantes do mundo dos espíritos são clarividentes, que são capazes de penetrar o futuro e de arrancar os seus segredos; mas, pelo facto de termos este poder, haveria sabedoria em transmiti-lo a vós? Pensamos que não, pois o que pode ser seguro para nós pode não o ser para vós. O que pode ser um agente útil e benéfico nas nossas mãos, pode ser apenas um instrumento do mal nas vossas mãos.

Havemos de reter sempre esse conhecimento do futuro aos filhos da terra que, na nossa opinião, tenderia a destruir a sua felicidade e paz de espírito, não obstante os seus desejos e súplicas em contrário. E o Pai, que faz bem todas as coisas, nunca se afasta das suas leis para

responder às vossas orações. Deus é Deus, e as suas leis não podem ser transgredidas. Na vossa ignorância, sabemos que pensais que, se conhecêsseis o futuro, sereis talvez capazes de evitar os seus perigos e enfrentar com mais fortidão as provações e desilusões que ele possa ter reservadas para vós. Lembrai-vos, vós que nos interrogaram, de que sois os filhos de um Pai Todo-Sábio, e se esse Pai tivesse achado conveniente abrir-vos os olhos para os acontecimentos do futuro, tê-lo-ia feito voluntariamente e sem quaisquer sugestões nesse sentido por parte dos seus filhos terrenos.

Insistiríamos para que confiásseis mais implicitamente na sua palavra e para que, em vez de escutardes a voz da opinião popular e implorardes o auxílio da humanidade, dependêsseis mais daquele espírito que se move em cada ato humano. Confiai nisto, digo eu, e em vez de pregardes a fé aos outros, oh, em nome de Deus, cultivai-a na vossa própria alma, e o resultado será paz, alegria e um conhecimento mais perfeito de Deus, o vosso Pai. 17 de Julho.

Os Males da Sociedade uma Necessidade. "Serão os males de que a sociedade é fustigada uma necessidade?"

Esta é a pergunta proposta para a consideração desta tarde.

Certamente que são uma necessidade para a causa produtora, mas é nosso dever pausar e considerar qual é essa causa. Foi-vos dito que é Deus; mas nós declaramos que Deus é a alma da harmonia e, portanto, não pode ser a causa de nada que não seja bom e harmonioso. Ora, então, de acordo com a nossa crença, os chamados males da sociedade são uma necessidade para a causa produtora e, embora sendo os filhos legítimos e legais dessa causa, contudo não são de Deus e, portanto, não deveriam existir.

Seria impossível enumerar a quantidade de pecados ou males que flutuam na superfície da sociedade e que nascem da ignorância. Ora,

então, é vosso dever varrer toda a escuridão — mental, física, moral e religiosa — que habita convosco na terra.

Foi-vos dito que tudo o que existe convosco está certo — perfeitamente certo. Pedimos licença para divergir de vós, pois tudo o que não é nascido de Deus não pode estar certo; e estes males que flutuam sobre a sociedade e amaldiçoam cada hora vossa, não passam dos resultados da vida artificial, gerados pelas vossas próprias condições inarmónicas. Não há uma lei entre vós que não esteja em discórdia com Deus. Falhais em perceber isto porque vivestes tanto tempo no mundo material que os vossos olhos estão cegos para os caminhos do verdadeiro Deus. Continuais a viver em discórdia com as leis de Deus, não porque estivesse pré-ordenado que devêsseis entrar no céu através do inferno, mas por causa da vossa cegueira e ignorância.

Os males de que a sociedade é fustigada, serão eles uma necessidade?

Diríamos em resposta a esta pergunta: para Deus, nunca; para o vosso bem supremo, nunca; para a vossa existência presente, nunca. Eles surgem simplesmente porque o vosso tipo de vida artificial e superficial gerou e promoveu o seu crescimento entre os filhos da terra. Tendes estado a viver no mundo material em vez do espiritual, e não se poderia esperar que vivêsseis como súbditos leais tanto de Deus como de Mamon. Os males da vida — eles não são de Deus, e quem quer que declare que são, fá-lo por ignorância. Deus é um ser de infinita bondade e pureza, e as radiações do seu espírito divino estão em perfeita harmonia; elas dão-vos apenas paz, infinita sabedoria e felicidade.

Esforçai-vos, pois, por livrar a sociedade dos seus males; varrei-os do percurso da vida de aparato e começai por uma reforma em casa — dentro dos vossos próprios seres. Cuidai para que as vidas que

levais estejam livres de todos os excessos; mas se não estiverem, oh, em nome de Deus, procurai apenas concretizar uma reforma em casa. Apenas desta forma ireis entrar no céu e receber a recompensa de trabalhos bem executados enquanto na terra.

Oh vós Espiritualistas dos tempos modernos, sabeis o quanto Deus espera de vós como classe? Sabeis, oh vós filhos da luz, que os anjos esperam muito de vós? Oh, se sabeis, dareis um exemplo a outros menos sábios do que vós, o qual seja digno da sua imitação. Oh, vivei tais vidas enquanto aqui na terra, para que não tenhais vergonha de entrar na presença do vosso Deus no mundo do alto.

Oh nosso consulente, que nos imploraste que regressássemos da terra das sombras, nós rogar-te-íamos, em nome de Jesus — cujo Deus pretendes adorar —, que comeces o trabalho de purificação interior imediatamente, e faças o que puderes para lavar as manchas, para que o teu manto seja aceitável perante a Divindade. 21 de Julho.

PERG.—É uma lei da vida espiritual que, se o nosso trabalho não for todo realizado enquanto no corpo, devemos regressar após a morte e terminar aquilo que foi deixado por fazer na terra?

RESP.—É, com toda a certeza.

PERG.—Como será este trabalho cumprido? RESP.—Através de uma vasta variedade de caminhos e meios. Cada indivíduo tem a sua própria missão a cumprir. De acordo com a sua própria capacidade, esta missão é cumprida. Se tu, como indivíduo, és capaz de dar luz aos oprimidos sobre os planos da terra, com certeza tens de exercer esse poder em obediência à vontade de Deus — e ele não permite recusa. Não importa se transgredis por ignorância ou por falta de inclinação para cumprir o teu dever, a penalidade será a mesma.

PERG.—Não poderá esse trabalho ser cumprido na vida espiritual?

RESP.—Pode, com toda a certeza. Quando falamos da vida após a morte, não pretendemos limitar essa vida a um único lugar. Muitos cumprem a sua missão na terra dos espíritos, ao passo que outros são obrigados a regressar à terra para alcançar o mesmo propósito.

PERG.—Diz que os males da nossa vida terrena são o resultado da nossa ignorância. Como concilia isso numa epidemia como a cólera?

RESP.—Se estivéssemos na posse do conhecimento dos elementos, nenhuma epidemia imperaria entre vós. Teríeis poder sobre todos os elementos. Não há limite para a alma do homem. Ele pode recolher em si a alma de Jeová. Ele está de tal forma condicionado que se tornará no futuro apenas inferior a Deus em conhecimento e sabedoria. Virá o tempo em que dominareis os elementos do mal e fareis deles vossos servos. Eles agora mestreiam-vos e dominam-vos.

Se não estais na posse do conhecimento destes elementos, então não tendes domínio sobre eles; mas se estivésseis na posse desse conhecimento, poderíeis dominá-los, em vez de eles assentarem sobre vós e vos tornarem seus escravos. Um Franklin, há anos, fez do elemento subtil — o raio — o seu servo; e não há elemento em existência que não possa ser voltado para o vosso bem. Novamente dizemos, todos os males que são conhecidos do homem — e muitos não são conhecidos do homem mesmo na presente era — não são filhos de Deus, mas da ignorância, e vêm apenas da desarmonia. Quando essa for eliminada, o mal desaparecerá.

Ajudariam os espíritos que frequentam esta sala outros a vir aqui?

RESP.—Com toda a certeza que ajudariam. Todos e quaisquer que procurem admissão e auxílio, são ajudados no limite das nossas capacidades. 21 de Julho.

Apostrofando a América.

Oh, América! tu, filha do seio de Colombo, de bom grado te veríamos uma nação gloriosa, erguendo-se na escala da humanidade e de mãos dadas com a Divindade. Oh, América, pecaste profundamente e, portanto, deves sofrer! 24 de Julho.

A Constituição e a União. PERG.—A Constituição e a União — serão elas filhas de Deus?

Pode ser oportuno notar aqui que a incapacidade física da nossa médium no dia de hoje torna necessário que falemos brevemente sobre a questão diante de nós. "A Constituição e a União — serão elas filhas de Deus?"

RESP.—Esta pergunta guarda no seu corpo muito de importância, e a resposta treme nos lábios de toda a eternidade. Do quadro que o presente nos revela, somos levados a supor que há algo de errado na fundação sobre a qual vos ergueis. Há algo de errado convosco.

Sabemos que, ao vir aqui hoje, destruiremos o que há muito é considerado um ídolo por muitas pessoas. Mas o culto humano não é imortal, portanto deveis esperar o seu fim a qualquer momento, e quanto mais cedo o seu toque de finados for dado, melhor será para vós como povo. Na unidade, que é harmonia, há força, Imortalidade; na divisão, há o oposto. A União dos Estados, da mente, das esperanças individuais, de tudo o que tende a fazer-vos amados e

respeitados como povo — dessa falamos nós, e não do externo. Da primeira falaríamos, e não do que flutua nas vossas bandeiras e está inscrito nas vossas paredes.

Que deveis preservar a União se quereis viver em paz e harmonia, sabemo-lo bem; mas quando falamos da Constituição, falamos dela como algo que não pode existir para sempre; é um mero filho da hora que passa, uma coisa do presente, e não do futuro eterno. Deveis recordar-vos de que todos os instrumentos como a vossa Constituição não são imortais. O Grande Eterno não colocou o seu selo sobre ela e, portanto, ela não pode ser imperecível e eterna.

A guerra do século dezanove bem podia ocorrer nesta altura como daqui a anos. Se a Constituição dos Estados Unidos tivesse nascido de Deus, a guerra civil não teria sido agora vossa hóspede. Mas esse filho do tempo, tal como os vossos corpos, tem de ir para o pó. Podeis chorar por ela se quiserdes, mas o que é ela, quando a considerais em conexão com o espírito? Não tanto como os grãos de areia na praia do mar; contudo é o vosso ídolo — curvais-vos perante ela — adorai-la como se fosse imortal.

Como filhos de um Pai comum, amamos-vos. Sois-nos caros, infinitamente mais do que a linguagem tem poder para expressar, e sendo vós como sois, não reteríamos a espada que ameaça matar o vosso ídolo, se pudéssemos. Ela tem de morrer. Escutai! o eco ressoa por toda a criação — a Constituição tem de morrer! Novamente dizemos, tem de morrer. Ela alimentou e sufragou o mal no vosso meio e, portanto, não é digna de preservação. Sei que a maioria do povo Americano olha para a Constituição dos Estados Unidos como uma coisa por demais sagrada na sua natureza para alguma vez ser quebrada por mãos humanas; mas quando olhais para o mal que ela gerou entre vós como nação, concordareis connosco em que tem sido apenas um mero filho da hora e, embora muito bem tenha resultado dela, contudo há um mal a corroer no cerne do seu coração. Chorai a

sua morte se quiserdes, mas contemplai no oriente um novo Rei que vem cavalgando na nuvem do século, e o seu nome é Liberdade.

Fostes um povo livre em algum momento da história da vossa nação? O mundo dos anjos pode responder que não. Sois um povo acorrentado no cerne do coração, e aquilo a que loucamente chamáveis liberdade não passava de um mero fantasma, e não da coisa em si. Oh, erguei os vossos corações em ação de graças ao Pai de todas as misericórdias, porque a hora aproxima-se rapidamente em que a escravatura não apenas desaparecerá do Continente Americano, mas de toda a face da terra. Não é apenas pela escravatura africana que o mundo dos anjos rogaria neste momento, mas em favor de todos os que estão escravizados, de ricos e pobres, servos e livres, de todas as classes e de todos os países. Vimos rogar por vós e libertar-vos da idolatria e do mal.

"A Constituição e a União — serão elas filhas de Deus?"

Tudo o que estiver em discórdia com as leis do Todo-Poderoso não pode viver. A Constituição sob a qual o povo Americano viveu tantos anos nunca esteve em harmonia com as leis de Deus, e podeis estar certos de que, mais tarde ou mais cedo, tem de morrer e dar lugar a algo mais elevado, mais santo e mais divino. É verdade até que muitos da nossa esfera ainda estreitam a Constituição contra o seu coração em amor e reverência; não obstante, ídolo como é, está deformada e, portanto, não deve ser adorada, nem por espíritos nem por mortais.

Olhai para a terra do porvir e contemplai milhares que vieram nas asas da manhã sem vestes à presença do seu Deus, através da Constituição. Ela deu-vos muito joio. É verdade que vos deu muitos bons frutos, mas o joio tem sido mais numeroso do que os frutos, o mal maior do que as bênçãos que resultaram da existência da vossa presente Constituição.

A União! oh, glorioso pensamento, e edificação ainda mais gloriosa, onde quer que tenha sido erguida! União! Compreendeis o que significa? Não compreendeis, caso contrário renunciaríeis à Constituição e esforçar-vos-íeis por edificar a União sobre uma base mais nobre e mais firme do que aquela sobre a qual esteve no último meio século. A unidade das almas, do pensamento e da ação, o que não vos trará ela no futuro? Paz, prosperidade e felicidade, e para isso vimos preparar-vos, para a levar a um porvir definitivo. Oh, filhos da terra, olhai para vós próprios e vede se estais unidos em pensamento, para que possais primeiro estabelecer a paz e a harmonia em casa, e depois estender os vossos pensamentos a outros que não são como vós.

Então a América vestirá novas vestes de pureza e retidão; então não haverá mais lamentos, não haverá mais suspiros, não haverá mais guerras, mas tudo será paz e harmonia dentro das vossas fronteiras, estabelecendo assim uma União na terra tal como a alma do homem nunca concebeu. União, oh, deixai-a deitar raízes nas vossas almas e, enquanto o vosso ídolo se afunda diante dos vossos olhos, oh, voltai os vossos pensamentos para o céu e não vos curveis mais perante o Deus de madeira e pedra, pois ele não vos pode ouvir, mesmo que o invoqueis a cada hora das vossas vidas.

O vosso ídolo — a Constituição dos Estados Unidos — ocupou há muito um lugar de destaque no coração da nação; vestiu há demasiado tempo vestes que não lhe ficavam bem. Vimos despidas — ajudar-vos a subir a colina da Vida. Propomo-nos a desenrolar diante de vós o futuro glorioso. Oh, vós, filhos da hora presente, esforçai-vos em favor da unidade e, enquanto o fazeis, lembrai-vos de que sois filhos de um só Pai, que estais destinados a um só céu. À medida que o fizerdes, a Constituição desvanecer-se-á diante dos vossas olhos. 24 de Julho.

Propomo-nos a ocupar os próximos momentos a responder a qualquer pergunta ou perguntas que os amigos nos queiram propor.

PERG.—Não é a religião judaica a descendência legítima da religião egípcia?

RESP.—Com toda a certeza que é.

PERG.—Não foi a religião hindu anterior à egípcia?

RESP.—Pensamos que sim, e mais antiga do que a persa.
PERG.—Era Abraão um errante da Pérsia?

RESP.—Era. Há muito ligado à história de Abraão de memória bíblica que poderia, se devidamente apresentado, tornar-se extremamente interessante para a humanidade em geral, e pretendemos em algum momento futuro olhar para a história deste indivíduo e apresentá-la a vós.

PERG.—Pretendem pegar nas histórias de personagens bíblicas célebres e tratá-las separadamente?

RESP.—Pretendemos; estamos apenas à espera de um momento em que a humanidade esteja num estado adequado para a receber. No presente momento, ela está demasiado absorvida com outros assuntos. Seria uma loucura lançar qualquer novo assunto sobre a superfície da humanidade. 24 de Julho.

Discurso ao Povo Americano. Meus amigos, sabeis que a vossa nação está neste momento ou no limiar da ruína ou na manhã da ressurreição. Meus amigos, sabeis que viveis num momento que exige que cada um de vós ajude na ressurreição desta, a vossa República Americana? Meus amigos, sabeis o quanto recai sobre vós como indivíduos? Senteis que tendes algo a fazer? Oh, sim, é a resposta. Mas estais dispostos a cumprir o vosso dever? Estais dispostos a

empenhar todas as vossas energias no sentido de estabelecer o certo e esmagar o errado? Estais dispostos a ajudar com todo o vosso poder na repressão desta rebelião? Estais dispostos a fazer isto, embora vos custe o sacrifício daqueles laços mais caros que vos prendem à terra? Se não estais, então ficai certos de que a hora não vai distante em que o Todo-Poderoso chamará cada alma individual à responsabilidade pelo dever não cumprido.

Sabeis que vós, como nação, vivestes uma mentira durante todos estes anos da ascensão e prosperidade do vosso país? Conseguis sentir que isto é verdade, embora o conhecimento seja doloroso para o vosso amor-próprio, para a vossa honra como povo, que vivestes falsos para convosco próprios, para com o vosso país e para com o vosso Deus? Sabemos que a nossa acusação é dura e desagradável aos vossos ouvidos, mas dissemos a verdade. É verdade que muitos desejaram ver o certo estabelecido, mas será que cada um e todos vós vos esforçastes para manter o certo e esmagar o errado? Muitos dirão que sim; mas, oh, interrogai-vos a vós próprios e vede se em todos os momentos cumpristes o vosso dever sem temor e bem, independentemente de algo que há demasiado tempo exerce poder sobre vós como indivíduos.

Oh, meus amigos, esse algo é a maré da opinião pública, e chegou agora o momento em que cada um de vós deve agir por si próprio, não remetendo a retidão da sua conduta para mais ninguém senão para o Deus do seu próprio ser interior. Chegou agora o momento em que os vossos belos emblemas de liberdade já não podem flutuar sobre vós como povo, onde a liberdade não existe, mas onde a escravatura nas suas variadas formas habitou há tanto tempo em segurança imperturbável. Meus amigos, não há um gemido ou suspiro neste momento a sair do campo de batalha que não carregue consigo para o mundo dos espíritos um certo grau de poder para o bem ou para o mal; um poder que há de, no final, lavar o errado que há tanto tempo estabeleceu a sua corte no meio da vossa bela República.

Oh, sim, há uma poderosa força magnética a sair dos lábios dos soldados prestes a morrer que tão generosamente entregaram as suas vidas no altar do seu país, a qual ascende ao céu e atrai para o vosso lado, nesta hora de perigo da vossa nação, os espíritos daqueles entes queridos que foram antes de vós para a presença de Deus. Os anjos! Virão eles para velar por vós como nação enquanto não fordes livres? Virão eles para deitar abaixo as vossas instituições e mostrar-vos onde elas estiveram podres? Eles vêm. Virão eles para lavar todos os males que têm, até agora, enegrecido as páginas da história do vosso país, antes que a vossa bela nação se erga novamente entre as suas repúblicas irmãs? Com certeza que esta é a missão dos anjos para com os filhos da América neste momento...

Oh, ela habitou há demasiado tempo onde não tem o direito de habitar, entre cenas de escuridão e ignorância. Há demasiado tempo que veste vestes inadequadas para ela como nação, e há demasiado tempo que invocais a Deus para vos ajudar nos vossos nefastos planos de escravatura e injustiça. Pensais que o escravo não tem Deus? Pensais que os anjos de Deus não estão com ele assim como estão convosco? Pensais que eles se esqueceram dos seus irmãos no cativeiro? Pensais que o seu poder está diminuído, ou pensais que eles podem regressar pelo poder do Pai Todo-Poderoso e libertar todos aqueles que agora mourejam e gemem sob o jugo da tirania e da opressão?

Oh, esperamos que tenhais dentro de vós próprios aquilo que ajudará a estabelecer a luz da liberdade. Oh, meus amigos, percebeis totalmente pelo que estais a lutar neste preciso momento? Ouvimos dizer que lutais pela União e pela Constituição, e pela liberdade para toda a humanidade. A União e a Constituição! A primeira nunca existiu; a última é agora inútil.

Supondes que os anjos darão o seu auxílio para a perpetuação daquilo que sabem que contém apenas morte e escuridão? Supondes que eles sustentarão instituições que são más e doentias até ao cerne? Oh, não, não o farão; e se pedis auxílio e simpatia aos anjos neste momento, não deve ser para uma nação que vive uma mentira diante do seu Deus continuamente.

Oh, meus amigos, rezai para que a liberdade pouse sobre vós como povo — não essa liberdade da qual há tanto tempo falais e vos vangloriais, mas uma liberdade universal e gloriosa, tal como aquela a que os anjos darão a sua aprovação. Oh, rezai para que vos seja concedida — rezai para que as manchas sejam limpas da vossa brilhante bandeira e para que ela possa em breve flutuar sobre um povo que não habita no cativeiro, mas sobre uma nação que pode olhar para Deus e declarar-se livre!

1 de Set.

Convidaríamos agora os amigos a propor-nos quaisquer perguntas que desejem. Ocuparemos os próximos momentos a responder àquelas que nos apresentarem.

PERG.—Quais são os modos de crescimento do espírito ou de que forma o espírito cresce ou se torna mais poderoso, à medida que a criança cresce da infância para a idade adulta?

RESP.—O espírito do homem expande-se sempre através da sua própria experiência. É necessário que esse espírito adquira uma certa experiência relativa à terra, para que possa passar rapidamente quando se despojar das vestes mortais. Mas se falhar em receber esta experiência, o crescimento ou progresso do espírito deve, como consequência natural, ser lento. O espírito do homem passa por uma vasta variedade de mudanças, compostas por certas condições que são necessárias ao seu crescimento e desenvolvimento. Não pode crescer por quaisquer outros meios. A tristeza é uma das condições

necessárias à vida, ou ao crescimento do espírito. A alegria é outra, e as duas estão tão inseparavelmente ligadas uma à outra como o espírito está ligado ao corpo na vida material. Os modos ou processos pelos quais o espírito cresce ou se estende pela vasta expansão da Divindade são tão variados como o são as formas de vida já ao vosso redor.

PERG.—Compreendemos que o espírito tem forma. Como é essa forma circunscrita?

RESP.—É tão ilimitada e indefinida como os poderes do seu próprio ser. Os vossos médiuns ou indivíduos informam-vos de que veem frequentemente os vossos amigos na terra dos espíritos com a mesma forma de quando estavam na terra. O espírito tem o poder de se apresentar nessa forma a eles, para que possam ser capazes de o reconhecer mais facilmente, o que apenas serve para provar que o espírito é ilimitado nos seus poderes. O espírito, ou a porção da vida interior de vós próprios, é uma Divindade em si mesmo. Podeis dar qualquer forma à Divindade? Sei que os frequentadores da igreja deram à Divindade uma certa forma, mas é apenas aquilo que resulta do seu próprio espelho interior da vida, algo que cresceu da sua própria imaginação, e não de qualquer conhecimento real das coisas espirituais.

Como o Grande Espírito da natureza não tem forma, assim o vosso espírito não tem nenhuma, quando livre da mortalidade. A nossa teoria é nova e talvez chocante; não obstante, está fundada na verdade. Confinastes e limitastes há demasiado tempo as vossas ideias sobre a Divindade dentro dos limites estreitos do vosso próprio ser material; vivestes há demasiado tempo num pequeno céu da vossa própria criação e medistes há demasiado tempo a vossa alma pelas capacidades do vosso corpo exterior. Virá o tempo em que sabereis que o espírito é ilimitado, e que não é um sujeito do tempo, mas da eternidade.

PERG.—Como é essa teoria reconciliável com a individualidade distinta do espírito?

RESP.—Apenas compreendeis através dos vossos sentidos externos agora, mas quando o véu da externalidade for rasgado, então sabereis que o espírito não tem nenhuma forma particular.

PERG.—É o espírito um resultado da matéria, ou é a matéria um resultado do espírito?

RESP.—A matéria é um resultado das condições do tempo; ao passo que o espírito é um resultado da eternidade. O espírito é em todos os sentidos o pai e a mãe de toda a matéria.

PERG.—Há alguma diferença entre a alma do homem e a alma de Deus?

RESP.—Não há nenhuma. A vossa própria alma é tão infinita como a alma da Divindade. Oh, a Igreja disse-vos o contrário! Chegou agora o momento de vos libertardes das grilhetas que o Cristianismo vos impôs e de serdes guiados no vosso estudo das coisas espirituais pela luz do bom senso e da razão, que arde dentro de cada alma humana.

PERG.—Não continuamos a ser individualidades?

RESP.—Com toda a certeza que sois, e como acreditamos, sempre sereis.

PERG.—Por favor, dê-nos então a diferença entre a alma de Deus e a alma do homem.

RESP.—Novamente dizemos que não percebemos diferença alguma. A vossa alma é semelhante à Divindade; não a podeis medir ou compreender na totalidade. É demasiado vasta, demasiado infinita para o entendimento humano e, contudo, viveis sob a lei da individualidade distinta; sois, por assim dizer, reinos da terra, do céu e do inferno dentro de vós próprios, e dentro do alcance de vós próprios estão os ciclos da eternidade. O que mais podeis pedir? A Divindade que sereis capazes de compreender apenas em parte é a Divindade do Todo. 2 de Set.

Pensamento—Conhecimento,

PERG. Não é todo o pensamento o resultado do funcionamento secreto das forças positiva e negativa na Natureza? E não recebe o homem todo o seu conhecimento por meio de determinados processos educacionais pelos quais passa?

Estes são os questionamentos apresentados para serem expostos esta tarde.

RESP.—Supor que o pensamento nasceu da matéria seria supor que Deus ou a Divindade nasceu da matéria, e que Ele não era um ser da eternidade. Podemos analisar o mais intimamente possível todas as forças da Natureza e resolvê-las nas suas condições primárias, mas encontraremos aí o pensamento? Pensamos que não. Podemos rastreá-las até à sua fonte original e, ainda assim, não ter sucesso na descoberta do pensamento. Sabemos que existe uma certa classe de mentes na terra que acredita que o espírito do homem é algo que cresceu a partir do materialismo e que, através das muitas transformações por que passou, se tornou refinado e espiritualizado. Mas não podemos concordar com essa classe, pois sabemos que o espírito, ou Deus, é distinto da matéria; que não está aliado ao mundo natural, mas é algo nascido da eternidade.

"Não é todo o pensamento o resultado do funcionamento secreto das forças positiva e negativa na Natureza?" Pausemos e consideremos o que são estas forças na Natureza. Podemos dizer que são as mãos direita e esquerda do Princípio Infinito chamado Vida, que perpassa todas as coisas, e que a direita e a esquerda são ambas igualmente necessárias para a formação de novas condições no mundo exterior, que é o mundo percebido pelos vossos sentidos externos, mas não necessárias para a formação de novos pensamentos, pois o pensamento está fora e é independente da matéria.

"Não recebe o homem todo o seu conhecimento por meio de determinados processos educacionais pelos quais passa?" O homem, enquanto habita no mundo exterior, ou no mundo da matéria, é um ser duplo e, assim, deve necessariamente receber o seu conhecimento de uma dupla fonte. Uma fonte é a intuição, ou a voz de Deus; a outra são esses processos educacionais pelos quais toda a humanidade deve passar, em maior ou menor grau; e se ele deseja elevar-se no plano intelectual, combinado com o natural, deve aproveitar esses processos educacionais, pois eles são as únicas fontes das quais o homem recebe o seu conhecimento.

Olhai para trás, para os dias de Colombo, o descobridor do vosso Continente Americano. Alguma pessoa lhe disse que existia um mundo poderoso do outro lado da água? Oh, não. Como recebeu ele, então, o seu conhecimento? Recebeu-o através de algum meio externo? Pensamos que não, pois o vosso país era então um vasto deserto, e o olho da humanidade civilizada nunca tinha contemplado tal lugar. Como poderia Colombo ter adquirido tal conhecimento?

Talvez o nosso questionador responda: através de algum conhecimento da ciência material, ou através de algum meio externo desconhecido para nós. Não acreditamos que tenha sido esse o caso. Colombo sentiu dentro da sua alma que existia um novo mundo além das fronteiras daquele oceano. Ele recebeu o seu conhecimento de tal

facto através de fontes espirituais. Foi algo que existia fora das fronteiras da vida natural e, sendo esse o caso, foi então uma revelação divina para a alma do inspirado genovês. Assim, pois, o homem recebe o seu conhecimento de duas fontes: dos mundos interior e exterior.

O Materialista apenas consegue reconhecer uma Divindade que esteja envolta no Materialismo. O nosso questionador dir-nos-á que, até ao presente, não conseguiu descobrir outra. Oh, nosso questionador, podes ver o ar que respiras? Oh, não; mas nem por isso deixas de ter a certeza de que vives graças a ele. Podes ver o funcionamento interno de uma simples folhinha, que momentaneamente se expande em tamanho e beleza? Oh, não; no entanto, sentes que este crescimento e desenvolvimento da folha não deixam de ser verdadeiros. Mas porque vos dizemos que o vosso Deus é um Princípio, e não uma Personalidade, não conseguis acreditar em nós; contudo, ao mesmo tempo, acreditais que a vossa terra foi projetada a partir daquele sol. Podes compreender o seu funcionamento? Oh, não. Então por que não acreditar num Poder Supremo que não podes ver, mas que habita dentro de cada alma humana?

Em vez de olharem para o mundo externo em busca de alegria e felicidade, oh, olhai por vezes para dentro de vós mesmos, e vede se aquilo que procurais não está dentro dos limites das vossas próprias almas. Não precisais de deixar de confiar no Deus que está dentro das vossas almas, pois Ele nunca trairá a confiança que resolverdes depositar Nele. Oh, que coisa de grandeza e mistério é o pensamento humano! Oh Pensamento, tu, filho de Deus, não tentaremos analisar a tua vida! Apenas aspiraremos a saber tanto quanto seja para o nosso bem, e deixaremos o resto à fonte eterna do pensamento, o nosso Deus.

A Mente Humana.

"Não dependem todas as funções do corpo humano da ação da mente?" é a pergunta que nos é colocada para consideração esta tarde.

RESP.—Ora, se o nosso questionador penetrou ou não além do exterior da vida, não temos a certeza; mas, se nos for permitido dar a nossa opinião, diríamos que ele não deu um único passo além da superfície. *"Não dependem todas as funções do corpo humano da ação da mente?"* Certamente que não. Ora, estamos conscientes de que ficaremos em antagonismo com o nosso questionador, e desta forma não esperamos estar isentos de qualquer regra prescrita. Declaramos que tem havido casos em que pessoas nasceram inteiramente desprovidas de cerebelo, e existiram na vida durante trinta ou quarenta anos, tempo durante o qual as várias funções de todos os outros órgãos do corpo foram devidamente desempenhadas, e a pessoa gozou de perfeita saúde corporal, sem a existência da mente.

É-nos impossível provar, além de qualquer dúvida, que assumimos uma posição correta. Será impossível para nós impressionar essa verdade na mente de quem quer que seja. Tendes de vos colocar do lado espiritual e contemplar a morte do corpo que não continha mente. Então lereis com visão clara o que é agora um borrão e um mistério para os vossos olhos cegos pela terra.

E para levar o vosso assunto ainda mais longe, afirmamos que esses corpos que são desprovidos de mente estão aliados aos reinos animal ou vegetal, e não têm qualquer ligação com o espiritual. Portanto, quando esse corpo regressa ao seu pó parente, não esperamos que nenhum novo espírito se levante dele, pois o espírito individualizado cresce apenas onde se pode desdobrar, e temos a certeza de que o espírito não pode existir nem existe em tal forma. Sabemos que vos foi dito o contrário. Novamente dizemos: será impossível fazer-vos acreditar que, aquando da morte do idiota, ou ser sem mente anteriormente mencionado, não nasceu um espírito no reino dos espíritos nessa altura.

Não; esse corpo, enquanto esteve na terra, existiu sob as leis dos reinos animal e vegetal, e quando a morte chegou e o destruiu, a sua breve carreira chegou ao fim, pois, sendo destituído de espírito, não podia conhecer os prazeres da imortalidade. O campo que se abre diante de nós, ou a pergunta que nos é proposta esta tarde, é algo que cobriria toda a eternidade. É-nos impossível tocar sequer num ponto deste campo de especulação no breve tempo que nos é concedido para responder às perguntas aqui formuladas. É algo aliado ao homem como indivíduo, que podeis estudar constantemente e, ainda assim, nunca compreender totalmente, até vos juntardes à companhia dos anjos do outro lado.

Não deveis supor, por um único momento, que pelo facto de um idiota ser dotado de uma forma perfeita, essa forma humana esteja aliada ao reino espiritual, pois não é assim; e vós, que tivestes a infelicidade de perder tais filhos ou amigos por essa mudança chamada morte, não deveis esperar o seu aparecimento para vos saudar no mundo dos espíritos. Pois a lei é a lei, e aquilo que vos rege como seres físicos é tão fixo e imutável como a própria Divindade, e sempre que qualquer uma das criaturas de Deus tentar derrubá-la, descobrirá que é inútil.

E, oh, que privilégio é ser-vos permitido estudar e explorar tão grandioso assunto; mesmo que vagueeis pela eternidade, encontrareis novo alimento para a vossa investigação, novos temas para estudo. Recebe, nosso questionador, apenas a parte da nossa resposta que te pareça ser a verdade. E quando estiveres separado da mortalidade, retoma o assunto e estuda-o então, se não agora, e aprende com o Grande Doador das Leis, que nunca se cansa de ensinar os Seus filhos. 11 de Set.

PERG. O que é que produz as pulsações do coração humano?

RESP.—Fomos solicitados a apreciar esta pergunta. Estamos sem saber como definir a posição exata do nosso interrogador, mas, presumindo que ele questiona a partir do plano da ciência humana, trataremos o assunto o mais simplesmente possível, para que não apenas o nosso questionador, mas todas as pessoas presentes que possam estar interessadas nesta questão de importância fisiológica, nos possam compreender facilmente.

As pulsações do coração humano são produzidas pela ação de um determinado conjunto de nervos sobre o tecido muscular do coração. Esses nervos são, por sua vez, colocados em movimento por uma corrente elétrica e magnética. Essas correntes são geradas pela alternância do corpo entre a vida e a morte, ou pela decomposição e regeneração das forças do sistema. Tem sido dito, e fortemente defendido por muitos, que o coração recebe o seu poder de ação da mente; mas isso não pode ser assim, pois, como aqui afirmámos há poucos dias, existiram corpos que viveram durante anos sem uma mente e, no entanto, a vida animal foi mantida. Portanto, esta teoria deve estar incorreta.

Ainda, as pulsações do coração humano são produzidas pelas forças positiva e negativa, ou pelas forças de atração e repulsão. Estas forças positiva e negativa têm a sua origem nas duas correntes através de cuja agência os nervos são colocados em movimento. Da corrente magnética derivamos a força de atração, e da corrente elétrica a força de repulsão.

Oh, que bela peça de mecanismo é este corpo humano, e contudo quão pouco é compreendido. Está a chegar rapidamente o tempo em que a humanidade terá desvelado ao seu olhar muitas das belezas deste corpo humano; este grandioso microcosmo de tudo o que podeis ter no céu, na terra e no inferno. Quão poderoso, poderoso é o poder que envolve este pequeno microcosmo da terra, do céu e do inferno. Oh, podeis vaguear para sempre pelos salões do vosso próprio ser e,

contudo, nunca conseguir descobrir metade das suas belezas e dos seus mistérios, tão infinita é a alma humana.

Q.—A origem e a filosofia do pensamento.

R.—Foi dito por uma certa classe de mentes que o pensamento se originou com a matéria, ou seja, que surgiu através de todos os vários estágios da matéria por graus lentos, tal como o homem cresce da infância para a idade adulta. Mas isto não pode ser verdade, porque sabemos que o pensamento, o espírito ou a mente, estão por trás da matéria e, portanto, devem ter existido previamente ao nascimento da matéria.

O pensamento pode ser considerado o progenitor da matéria; e a grande variedade de formas que a matéria exibe no mundo exterior nasceu toda do pensamento. Este artigo de mobiliário foi primeiro uma mesa no pensamento, antes de ser projetado nesta forma externa para os vossos sentidos. Assim, pois, o pensamento deve ser o pai e a mãe de toda a matéria.

Pensamento, a filosofia do pensamento, de onde veio e para onde se dirige? Existe uma Inteligência Suprema a governar toda a mente, a quem chamais Deus. Estais para sempre a tentar medi-Lo e pesá-Lo nas balanças da vossa própria compreensão, e sem sucesso. O pensamento é de Deus e igual a Ele. Não importa quão insignificante possa parecer ser, é, não obstante, uma faísca dessa Mente Divina. Seria impossível definir o pensamento, construir qualquer filosofia sobre ele. Não o podeis limitar, não o podeis compreender. O pensamento é Deus; Deus é o pensamento; e compreender um é compreender o outro. E medir a Divindade nas escalas da compreensão finita seria, para vós, arrastar aquele sol da sua posição no firmamento para a terra, para que pudésseis escavar até ao seu coração. Não o podeis fazer, pois a lei — imutável e omnipresente — governa e mantém-vos a todos nos vossos devidos lugares.

Contudo, seria bom procurar compreender a Divindade e as Suas obras, porque, ao fazê-lo, desdobrais-vos e colocais-vos em maior proximidade com Deus e com o mundo dos anjos. Portanto, aconselhar-vos-íamos a continuar a procurar; mas quando esperardes sondar o pensamento, podereis esperar também sondar a Divindade.

Q.—O estado de guerra é natural para a raça humana?

R.—É. Já vos dissemos que as forças magnética e elétrica da vida, ou o que podemos chamar de forças de atração e repulsão da vida, são necessárias para a vida, a morte, a guerra, a paz, a alegria e a tristeza. Tudo isto são apenas nomes diferentes para uma só coisa, um grandioso princípio da vida, quer seja visto no reino animal, vegetal ou mineral. A guerra é uma necessidade. Tendes vivido demasiado tempo na ociosidade, adormecidos demasiado tempo na ignorância, vivido demasiado tempo em divergência com as leis de Deus, e é a Sua mão que vos castiga nesta hora da existência da vossa nação. As correntes elétricas geraram nos últimos setenta anos aquilo que é agora arremessado para o vosso meio e toma a forma da guerra civil que vedes hoje. Veio de causas naturais; é um filho legítimo de progenitores que estão todos os dias convosco. A guerra civil e o seu cortejo de misérias são necessários para a purificação da alma do povo americano enquanto nação e, portanto, devem estar certos aos olhos d'Aquele que permitiu que as sementes da malícia e da discórdia florescessem em rebelião.

Q.—Existe mais culpa de um lado do que do outro?

R.—Não existe.

Q.—Consegue ver quanto tempo durará esta guerra? R.—Podemos julgar, a partir do poder exibido, quanto tempo durará esta guerra civil, mas é-nos impossível formar uma estimativa correta do

vosso tempo, agora que já não somos filhos da terra. A nossa esfera de ação é na eternidade; a vossa é no tempo, e vós dividis o tempo em anos, meses, dias, horas, minutos e segundos. Não é assim connosco. Nós não dividimos as forças da natureza como vós; portanto, é-nos impossível formar uma estimativa exata do tempo que esta presente guerra civil ocupará.

Q.—Por favor, dê-nos a sua estimativa o mais aproximadamente possível?

R.—Diremos, então, entre sete e oito anos.

Questionador. Seremos todos mortos antes desse tempo.

Espírito—Tendes apenas de esperar pela passagem do vosso tempo para provar a exatidão da nossa afirmação. Se não houvesse elementos de repulsão no mundo natural, não haveria nenhum de atração; pois os dois são inseparáveis. Se não houvesse tristeza, não haveria alegria; se não houvesse guerra, não haveria paz; se não houvesse vida, não haveria morte. Estamos acima e à parte do grande confronto nacional que está agora a grassar entre o Norte e o Sul, e não podemos consistentemente declarar que os vossos irmãos do Sul têm mais culpa, nem podemos dizer que vós estais assim condicionados em relação a eles. Sabemos que sois filhos das forças da natureza e girais em torno de centros individuais da Divindade e, portanto, deveis estar sujeitos às mudanças que ocorrem constantemente no mundo natural.

Sabemos que não há escuridão que não seja aprovada pelo elemento luz. Sabemos que olhareis para trás, no futuro, e contemplareis a sabedoria do Deus Todo-Poderoso por vos ter dado estes dons de escuridão. Sabemos que desses escuros botões de desapontamento — guerra, tristeza e morte — sairão novas forças de vida, novas gemas de paz e felicidade. É necessário que ocorra comoção nos elementos mentais, assim como nos físicos. Não podeis

ver isto a partir do ponto finito a partir do qual o observais; mas quando tiverdes terminado com o tempo e medirdes as condições do tempo pela eternidade, então declarareis que tudo está em perfeita conformidade com Deus, tudo em perfeita harmonia com a vontade da Divindade.

15 de Set.

Pecado contra o Espírito Santo.

PERG.—Poderia o Dr. Kittredge, ou outro espírito, fazer o favor de nos esclarecer explicando a natureza do pecado contra o Espírito Santo?

RESP.—O que é o Espírito Santo? Para nós é o sagrado princípio da vida — a vida que em todo o lado perpassa todas as formas, todas as condições, todas as circunstâncias. O pecado imperdoável, o que é? Consideramo-lo como o irmão gémeo da depravação total, e ambos foram concebidos na superstição e na ignorância das sagradas leis de Deus. É-vos dito por uma certa classe de teólogos que o homem é capaz de pecar contra Deus a tal ponto que é por Ele condenado à perda eterna. É-vos dito que o pecado contra o Espírito Santo não pode ser perdoado, e nisto é-vos dito a verdade, pois todo o pecado cometido pelas criaturas de Deus, quer fora quer dentro da carne, deve ser expiado, se não na terra, mais tarde no mundo do espírito. Seria impossível até para a Divindade perdoar o vosso pecado; seria impossível para Ele afastar-Se da Sua própria lei fixa, que é tão imutável como Ele mesmo.

Se cometeis qualquer erro através do vosso ser físico, sofreis, e a sabedoria ser-vos-á dada pela experiência, e assim o expiais; e assim é através de todas as condições da vida, sejam naturais, físicas ou espirituais. O pecado imperdoável! É-vos também dito pela mesma classe de teólogos que nada é impossível para Deus; que o Seu poder é

supremo; que Ele pode dizer aos elementos: "Paz, quieta-te!"; e, no entanto, pensais que este mesmo Deus é capaz de condenar eternamente qualquer um dos Seus filhos que possa pecar contra as Suas sagradas leis.

Novamente dizemos, estes dois elementos — o pecado imperdoável e a depravação total — foram concebidos na superstição. Eles vieram da mitologia pagã e, no entanto, muitos agarram-se a eles com um forte grau de tenacidade; e porquê? Porque têm procurado a Deus apenas na vida exterior. Desde a primeira aurora da criação, cada átomo é controlável por Deus, e os dois, Deus e o homem, estão em perfeita harmonia.

Pecar contra o Espírito Santo é simplesmente pecar contra a luz mais elevada de que estais em posse e, contudo, este pecado, ou escuridão, ou condição de ignorância, será com o tempo varrido da terra, e a presente geração poderá talvez pregar o seu sermão fúnebre. Os habitantes do mundo dos anjos, que vêm ensinar-vos a verdade e a sabedoria através da tristeza, podem envolver-vos nesse manto de santidade e pureza que vos manterá afastados da tentação e do pecado no futuro. Mas pensais que todos os pecados hão de ser expiados por Jesus de Nazaré? Nunca. Ele não vos pode salvar, nem podeis esperar ser salvos pela intercessão de milhões que foram antes de vós para o mundo dos espíritos.

Se fordes salvos, terá de ser através da tristeza e do sofrimento; que vos redimirão, vos purificarão, vos ensinarão que não há pecado para o qual o Todo-Poderoso não vos possa dar um bálsamo para as feridas que infligistes a vós mesmos.

Oh, vós, filhos obscurecidos, suplicamos-vos que venhais para a luz e saibais que não há pecado que não possais expiar, e que o nosso Pai Celestial nunca condenará a uma punição eterna nenhum dos Seus filhos. A mente de um João Calvino, quando considerada

cientificamente, era bem capaz de originar tal teoria como a condenação eterna. As condições que envolveram o seu nascimento e que acompanharam a sua vida mundana permitiram-lhe proclamar aos seus seguidores que uma certa classe estava eleita para a condenação eterna e que nenhum poder os podia salvar. Ora, se fósseis observar as circunstâncias físicas desse homem, o véu ser-lhe-ia rasgado e deixareis de vos surpreender com as ideias erróneas do grande Reformador.

Toda a Natureza, à medida que vem florescendo até vós através do meio desta bela terra, deveria ensinar-vos que não existe tal coisa como o pecado eterno, mas sim a alegria eterna. Assim como viestes ao mundo livres de pecado, assim deveis regressar a Deus — deixar o finito e entrar no infinito, para gozar para sempre dos sorrisos do vosso Pai. 16 de Set.

As perguntas apresentadas para consideração esta tarde têm flutuado no grande oceano da mentalidade desde o início dos tempos. Podemos rastreá-las até onde nos é possível estender as nossas pesquisas na história do passado; no entanto, permanecem problemas não resolvidos, ainda mistérios que parecem flutuar na atmosfera da Divindade.

PERG.—O que é a natureza? O que é Deus?

RESP.—Por mais misteriosos e insondáveis que possam parecer ser, são, contudo, a própria alma da simplicidade, e a criança pequena tem as melhores faculdades para conhecer a Deus do que a pessoa adulta. A criança na infância habita, por assim dizer, na atmosfera de Deus, intui Deus e, quando a criança pequena pergunta aos seus pais a respeito de Deus, quão frequentemente é repelida e afastada com as palavras: "Quando fores mais velho dir-te-ei sobre Deus aquilo que não podes compreender agora." Por fim, a criança cresce até à idade

adulta, e o que é Deus? onde está Deus? é ainda a indagação que é enviada para o oceano do tempo e, contudo, permanece sem resposta.

A Natureza é Deus externalizado, e a vasta variedade de formas que são apresentadas ao vosso olhar através da natureza são apenas aquelas da Divindade que vos são assim reveladas. O princípio ou o interior deste Deus da Natureza concebemos como sendo Deus; não o Deus da mitologia pagã, mas o Deus da Natureza, a Inteligência Suprema, que mantém todos os mundos nos seus lugares, e deu ao homem o dom supremo da criação — o intelecto.

Acreditamos que as variadas manifestações da Natureza, tais como as que se apresentam ao vosso olhar, podem ser chamadas de membros do corpo de Deus, e através dessas coisas deveis aprender sobre a ascensão e o progresso do espírito — pois a matéria é eterna, tão eterna quanto a mente, e tão dependente de leis fixas e imutáveis como o vosso espírito.

O nosso Pai, o Desconhecido, contudo autor de toda a vida, está constantemente a apresentar-Se às Suas criaturas através de uma vasta variedade de comunicações. Ele bate a esta porta e àquela, e ainda assim a mente humana falha em reconhecê-Lo como o Deus Verdadeiro. O que é que une as partículas de vida vegetal que formam este artigo de mobiliário? O que é que atrai as partículas de matéria umas para as outras e as mantém firmemente unidas, como no caso da mesa diante de nós? O mesmo princípio que reina supremo no homem, o mesmo princípio de vida a quem vos curvais e adorais, o mesmo Deus Todo-Poderoso que governa o céu e a terra. Este princípio de vida que une estas partículas de madeira na mesa diante de nós é o mesmo Jeová, Deus Todo-Poderoso, Pai e Mãe, que controla o espírito bem como a matéria.

Sempre vos ensinámos a acreditar que Deus era um Deus Universal, não uma Divindade Pessoal e, contudo, uma Divindade

Pessoal; um Deus moldado segundo todas as formas de vida, até o pequeno grão de areia. Aprendei a compreender o vosso Deus na folhinha, como naquele sol, cujos funcionamentos misteriosos têm despertado o espanto e a admiração do homem desde a formação do mundo, e então começareis a voltar-vos para dentro com sagrada reverência para o Deus do vosso próprio ser. O que é a Natureza? O que é Deus? A Natureza é o exterior dessa vida que todos vós reconheceis de uma forma ou de outra. O interior desse espírito para quem os vossos pensamentos estão constantemente a ascender em oração é Deus.

Q.—Deus tem sensação e progride?

R.—Acreditamos que o nosso Pai, o Espírito Infinito de toda a lei, está tão sujeito à progressão como vós. O facto é demonstrado através das Suas próprias criações, a mais elevada das quais é o homem.

Q.—É Ele um Deus de sensação?

R.—Muito verdadeiramente é.

Q.—Se assim é, qual é o caráter dessa sensação?

R.—É personificada e demonstrada através dos vossos próprios órgãos. Tal como a que experimentais, Deus experimenta. Tal como a que o Monarca da Floresta experimenta, Deus também experimenta; pois a mesma lei e todos os pontos dessa lei são tão aplicáveis à Divindade como às Suas obras. A mente progride e a Divindade progride. O princípio e o material devem estar em harmonia. À medida que o material progride, assim deve o princípio, ou Deus do material, também progredir.

Existem atualmente mundos rudimentares que são ainda desconhecidos do homem?

R.—Existem, com toda a certeza. Existem milhões e milhões de mundos a existir em embrião no presente momento, que são ainda desconhecidos do homem, porque o tempo para o seu desdobramento ou desenvolvimento ainda não chegou.

Q.—Os cometas são mundos incipientes?

R.—São.

Q.—Os espíritos transmitem o seu poder e assistência na formação de novos mundos?

R.—A vasta família de espíritos, ou de espíritos desencarnados, todos prestam a sua ajuda na formação de toda a nova vida.

Q.—Os seres humanos chegam a atingir tal grau de refinamento que perdem a sua própria identidade e se tornam parte de Deus?

R.—Num sentido espiritual, sim, e tornam-se, por assim dizer, perdidos em Deus.

Q.—A mente está sujeita a novas faculdades constituintes à medida que progredimos em direção à eternidade?

R.—Está, com toda a certeza. A mente passa por uma série contínua de desdobramentos dos quais estais inconscientes, porque não podem ser compreendidos por vós nas vossas presentes condições de vida.

Q.—O progresso de Deus consiste no desenvolvimento de novos mundos, sistemas solares e no povoamento desses mundos?

R.—Consiste, com toda a certeza.

Q.—É essa a demonstração disso que vemos no Budismo?

R.—É.

Q.—Existe então alguma verdade na Fé Hindu?

R.—Existe muita verdade subjacente a essa forma de religião a que chamais Budismo, e as mentes dos seguidores dessa fé peculiar só se tornam deformadas ao entrar em contacto com o materialismo. Assim, não devemos julgar o Hindu pela sua observância de certas formas e costumes peculiares ao seu modo de culto, mas sim por esse princípio interno de verdade que constitui a base da sua religião.

A consumação da existência humana consistirá em o homem chegar a um estado de perfeição na vida vindoura?

R.—Com toda a certeza. E este estado de divindade só pode ser alcançado através do elemento religioso na natureza do homem, pelo qual ele se há de elevar espiritualmente e progredir continuamente.

Q.—É então o dom da vida a maior bênção de que o homem pode gozar?

R.—O dom da vida é o dom da Divindade, e ser um ser imortal é ser um Deus.

Q.—E todas as funções da vida, quer naturais quer espirituais, são apenas as radiações da Divindade. É esta a verdadeira ideia de Deus, de que Ele é o grande centro ou alma de luz?

R.—É com toda a certeza, e a única ideia de Deus que tem verdade nela, e sobre esta teoria repousam todas as formas de vida religiosa. O alicerce é bom e verdadeiro, mas o templo é obra de condições de vida pervertidas que pertencem ao externo mais do que ao interno.

Q.—A matéria é a vestimenta do Espírito, ou, por outras palavras, a cobertura de Deus?

R.—É, e a matéria é tão essencial para a Sua existência como a mente é para a vossa. As duas estão constantemente a agir uma sobre a outra e a produzir a criação. O mundo da mente não poderia existir sem o mundo da matéria; os dois estão inseparavelmente ligados, e ambos são eternos. 18 de Set.

Riquezas Terrenas.

"Não ajunteis tesouros na terra." — Mateus, 6:19.

Fomos solicitados a fazer algumas observações sobre este assunto esta tarde. O nosso questionador deseja saber se é absolutamente errado o homem ajuntar para si os dons terrenos de Deus que são necessários ao seu conforto e felicidade. O homem procura sempre a felicidade; procura sempre atingir um estado de contentamento e paz. Quer esteja no corpo quer fora dele, o espírito exige e procura a felicidade. É o grande objetivo de todos, sob todas as circunstâncias e através de todas as condições da vida. E é correto procurar a felicidade; e, ao fazê-lo, o homem apenas obedece às leis do seu ser, que são as leis de Deus.

Mas deveis lembrar-vos de que tendes vivido durante muito tempo não tanto no natural, mas no artificial, e que a vossa felicidade espiritual tem sido sacrificada em prol da do corpo, ou física. Há monumentos de vida artificial ao vosso redor. Voltemos para onde voltarmos, descobriremos que estais a viver mais no artificial do que no natural; e, neste sentido, estais a viver afastados de Deus e naquilo que vos trará a maior quantidade de felicidade no menor espaço de tempo. Mas sois culpados pela vida artificial em que tanto tempo vos indulgenciastes à custa total da vossa felicidade espiritual futura? Num sentido, pensamos que sois culpados; noutro, não.

"É absolutamente errado ajuntar para si o suficiente dos bens deste mundo para se ser feliz?" Isso depende do indivíduo, das circunstâncias imediatas que o rodeiam. Ora, como haveis de decidir quando tendes o suficiente dos bens deste mundo, quando estais a viver no erro, em vez do correto?

Respondemos: pesando as vossas circunstâncias, os vossos desejos, as vossas necessidades, nas grandes balanças da vida espiritual, em vez de os lançar nas balanças da vida material; e adorando menos a Mamon e mais a Deus. Pois o Deus do espírito ensinar-vos-á que não precisais de muito dos bens deste mundo enquanto estais na terra, e que a vossa felicidade futura depende da vossa riqueza espiritual, e não de quaisquer riquezas terrenas que possais ter ajuntado para vós enquanto no corpo.

O Divino Mestre de há séculos disse aos Seus discípulos que era muito mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um homem rico entrar no reino de Deus. Falou ele uma mentira ou a verdade? Em verdade vos dizemos que ele falou a verdade. Em todas as nossas experiências na vida espiritual, não vimos ninguém que estivesse de posse de uma grande quantidade de riquezas terrenas que não fosse proporcionalmente infeliz no mundo do espírito.

Anos são passados em miséria e aflição na terra dos espíritos, em consequência de se ajuntar demasiado dos bens deste mundo para a sua própria guarda pessoal. Ao amardes demasiado este mundo, subtraís muito à vossa felicidade na vida espiritual; roubais a vossa morada no céu para mobilar e adornar a vossa habitação terrena. Sois um ladrão, um salteador, e sois responsável perante Deus pelo roubo cometido, muito mais do que o salteador de estrada que vos para no caminho e exige a vossa bolsa.

Sabemos que o mundo vos diz o contrário, mas é um mundo artificial que se inclina demasiado para Mamon; e a vida artificial que tendes levado durante um período tão longo fechou os vossos olhos à verdade. Constantemente nos perguntam relativamente aos assuntos deste mundo mundano: O que devo fazer para me tornar rico em posses terrenas? E como posso ser bem-sucedido nos negócios? Oh, sabeis o que pedis? Percebeis que nos chamais a nós, que deixámos a terra e as suas tolices muito para trás, para entrar nos vossos templos dedicados a Mamon, para deixar o templo do Deus verdadeiro e servir os vossos vícios?

Oh, pausal e refleti! Sentes que te desviaste de Deus e das Suas sagradas leis? Se não sentes, é mais do que tempo de seres informado desse facto. Mas há uma enorme diferença entre o suficiente e mais do que o suficiente; entre a miséria e a felicidade. Há uma enorme diferença em ver na luz e tatear o caminho através da escuridão da noite. Oh, aconselhar-vos-íamos a despojar-vos da vossa púrpura e do vosso linho fino. Aconselharíamos que lançásseis o vosso ouro e prata aos ventos, mantendo apenas a quantidade dos bens deste mundo que seja absolutamente necessária ao vosso conforto corporal e, ao fazê-lo, cortásseis os laços que vos prendem à terra e ajuntásseis para vós essas brilhantes gemas de verdade e sabedoria pelas quais a vossa alma suspira.

Oh, nosso questionador, volta-te para o Deus dentro de ti em busca de conselho e ajuda. Ele decidirá por ti se estás a viver no

correto ou no erro, e pesará as tuas necessidades na balança da Justiça Eterna. Não há necessidade de enviares a tua indagação a nós, do mundo dos anjos, quando Deus está pronto para responder à tua pergunta. Oh, entra no quarto da tua própria alma e raciocina contigo mesmo, e Ele não te levará para o engano, mas por caminhos de paz e verdade.

O nosso irmão Divino, Jesus de Nazaré, cujo exemplo é digno da nossa imitação, disse uma vez que era melhor ir pelo mundo sem alforge ou bolsa do que ajuntar para nós esses milhões que, mais cedo ou mais tarde, nos arrastarão para a perdição. Oh, vós que professais viver perto de Deus, voltai-vos para dentro de vós mesmos e pesai na balança a vossa vida espiritual, e vede se ainda não estais carentes de divindade e verdade. Oh, vimos para vos elevar acima do mundo material e, tal vez, para vos abrir as portas da Cidade Eterna. Por que nos pedis, então, que vos demos a chave que vos levará à morte e à condenação, em vez da felicidade futura?

Vem, nosso questionador, procura saber o correto, pois estreito é o caminho e apertada é a estrada que conduz à vida eterna, e um tolo não precisa de errar nela. Acredita em nós, este mesmo Deus que tem vivido em espírito todos estes anos guiar-te-á corretamente; mas certifica-te de que pedes ao Deus do Espírito, e não a Mamon. 2 de Out.

PERG. Os espíritos têm vestuário e em que consiste ele?

RESP.—Consiste nos diferentes estados ou condições de ser do espírito individual. Por exemplo: vós, enquanto viveis no mundo natural, sois um ser triplo. Sois corpo, espírito e divino. Quando tiverdes despojado esta cobertura exterior, o corpo, sois então um ser duplo: sois espírito e divino. O Princípio Divino, ou de Deus, é aquilo que é imortal, aquilo que está destinado a viver através de todo o passado, presente e futuro. Essa parte imortal tem de ter uma

cobertura, e a natureza dessa cobertura depende das condições e circunstâncias peculiares do ser divino. Podemos chamar-lhe um halo magnético, que é inalado por ele a partir das suas condições no externo, e exalado por ele pelas suas condições no interno. Por vezes esse vestuário toma uma cor, por vezes outra.

Depende inteiramente do halo magnético que é inalado do mundo externo e que é exalado do mundo interno. Foi-vos dito que os espíritos usam vestes, ou vestuário, como os mortais. Isto é verdade no que respeita ao princípio, ou interno; mas no que respeita ao externo não é verdade, porque tendes de estar necessariamente, como espírito, sujeito à mudança e à progressão contínua. O presente apenas é vosso; o futuro podeis esperá-lo, mas não o podeis agarrar. Portanto, a condição do espírito não é amanhã o que é hoje, pois o espírito está sujeito a uma vasta variedade de mudanças na terra dos espíritos.

Q.—As minhas ideias sobre o assunto do vestuário dos espíritos foram sempre semelhantes às que acaba de expressar. A pergunta foi sugerida pelas observações de Andrew Jackson Davis sobre esse assunto, que afirma que o vestuário do espírito é semelhante ao usado pelo corpo.

R.—O vosso próprio bom senso deve ensinar-vos que não poderia haver tal condição de vida com o espírito que está sujeito a uma mudança contínua, e tal ideia deve ter nascido de uma imaginação pervertida, e nunca poderia ter surgido da razão. Estamos conscientes de que há tantos materialistas no mundo do espírito como no mundo mortal, e também de que eles têm uma forma de projetar as suas ideias nas mentes de muitos no mundo externo com tal aparência de verdade que desperta a crença por parte das suas vítimas crédulas. Supondes que há casas de tijolo, madeira e pedra na terra dos espíritos? Não são necessárias. Supondes que é necessário para os espíritos vestirem-se à moda dos habitantes das esferas terrestres? O vestuário do espírito é inalado das circunstâncias exteriores e exalado do interno. É um corpo magnético, que é atraído para ele pelas leis do

espírito, tal como inalais a atmosfera, e com tão pouca consciência, também, da sua parte.

Q.—Não há rios e árvores na terra dos espíritos?

R.—Há, com toda a certeza. Essas são as condições da Natureza, e essas condições ou manifestações não estão sem um espírito. Tendes o material aqui, e nós temos frutos, flores, árvores, colinas, vales, rios e todas as coisas que pertencem ao reino da Natureza na terra dos espíritos, bem como vós na terra. Mas vereis facilmente que os espíritos não têm necessidade de casas construídas à moda das erigidas pelo homem na terra.

Q. Há templos lá?

R.—O templo da alma é o único templo que conhecemos aqui no mundo dos espíritos. Não há estruturas materiais, nenhuma do padrão terrestre, mas há muitos templos da alma na terra do espírito.

Q.—Como é que os espíritos têm moradas?

R.—O vosso espírito, embora esteja encerrado numa morada de carne enquanto está na terra, está do mesmo modo rodeado por uma morada na terra dos espíritos, e essa morada é constituída pelas vossas boas ou más ações praticadas enquanto na carne. Portanto, cumpre-vos, como mortais, construir para vós mesmos moradas na terra dos espíritos enquanto na terra, as quais não vos envergonheis de habitar quando despojados da vossa mortalidade.

Q.—As crianças pequenas crescem em estatura na terra dos espíritos?

R.—Crescem.

Q.—Têm protetores lá como na terra?

R.—Têm. Os ternos botões da vida espiritual são vigiados e orientados com um cuidado incansável.

Q.—Essas crianças pequenas, quando retiradas da terra em tenra idade, retiram sustento das suas mães que ainda estão na vida terrestre?

R.—Retiram, muitas vezes. Isso depende, contudo, da condição espiritual da mãe. Se os instrutores ou guias das crianças pequenas na terra dos espíritos virem que as mães de tais crianças são espiritualmente capazes de sustentar e fortalecer os seus pequeninos, permitem que o façam, para que possam facilitar melhor o progresso da criança na vida espiritual.

Q.—Não é uma grande perda para essas crianças pequenas terem perdido a provação desta vida?

R.—É, pois elas devem ganhar as experiências da terra, mais cedo ou mais tarde, e se não na terra, na terra dos espíritos.

Q.—Pode essa perda ser compensada de alguma forma para elas?

R.—Sim, ao serem colocadas em sintonia com as condições materiais.

Q.—Os espíritos têm alguma forma de governo?

R.—Têm; mas essas pertencem ao espírito, e não ao material; ou, por outras palavras, não são de modo algum semelhantes às leis do governo material.

Q.—Não há, então, nenhuma simpatia entre os espíritos e as leis do mundo material?

R.—Há, com uma certa classe de espíritos, uma profunda simpatia, e essa existirá até que a sua missão nessa direção particular esteja terminada.

Q. O espaço divide os espíritos apenas dos seus amigos?

R.—Não, não divide. Na realidade, não há tal coisa conhecida como espaço para o espírito desencarnado. 2 de Out.

Estamos agora prontos para receber e responder, talvez, a quaisquer perguntas propostas pelos amigos presentes.

PERG.—Gostaria de perguntar se a primeira ressurreição se refere ao corpo?

R.—Acreditamos que se refere ao espírito, e ao corpo também. Acreditamos que quando o espírito é ressuscitado deste corpo pela morte, é ressuscitado pela primeira vez. Assim, acreditamos que se refere não apenas ao corpo, mas ao espírito também. Sabemos que há uma certa classe de mentes a viver em formas de carne que professam acreditar que este corpo, estes templos de carne e sangue, hão de ser ressuscitados do pó a que regressaram por virtude da morte, e hão de vir para fora ao chamamento do Todo-Poderoso, para serem instrumentos nas Suas mãos para a receção do espírito novamente. Mas não podemos acreditar que esta classe de mentes acredite realmente no que professa acreditar.

A massa do Cristianismo durante séculos passados resignou-se às doutrinas dos chefes da sua igreja e do sacerdócio, e tem, por assim dizer, embrulhado os seus talentos de pensamento num lenço e

enterrando-os na terra. Arranjaram alguém para fazer o pensamento por eles e, se aquilo que lhes era dado nem sempre era da sua aceitação, engoliram-no, no entanto, com tão boa cara quanto possível. Mas o espírito do homem ignora tal teoria como antagónica a toda a verdade, e basta estudar as leis da Natureza para vos satisfazerdes de que é esse o caso. A ressurreição, novamente dizemos, refere-se ao espírito e ao corpo ou a essa mudança chamada morte, que é na realidade apenas uma renovação da vida.

Q.—A posse de riqueza terrena é prejudicial para a felicidade espiritual?

R.—É, com toda a certeza. Não conhecemos maior maldição que a humanidade afague no seu peito, não apenas aqui mas no futuro, do que a riqueza mundana. Seria muito melhor para cada um de vós ser um mendigo do que um homem rico.

Q.—Parece ser necessário possuir uma quantidade considerável dela hoje em dia, pois os costumes da sociedade são tais que tornam as riquezas mundanas quase indispensáveis para a felicidade material do homem.

R.—Verdade, mas esqueces-te de que estás a viver no artificial, em vez de no natural, que o costume exige mais de ti do que é teu dever dar-lhe, que as quinquilharias da vida não são as estrelas no firmamento da imortalidade.

Q.—Se eu vir um homem mendigo, deverei tentar mantê-lo assim?

R.—Se ele mendiga pelo suficiente para se tornar confortável enquanto estiver aqui na terra, não lhe deves negar; mas se ele mendiga por mais do que o absolutamente necessário ao seu conforto

corporal, deves negar aquilo que se provará ser uma maldição em vez de uma bênção para ele, pois ele não sabe o que pede.

Q.—Mas se todos se tornassem mendigos, não haveria ninguém para dar. Esse parece ser o ponto difícil para mim.

R.—Há muitas classes de mendigos. Dissemos que seria melhor ser um mendigo do que um homem rico, e ainda nos mantemos fiéis à nossa afirmação anterior. Seria muito melhor para cada um de vós estar nos planos terrestres sem nenhum dos bens deste mundo do que ter em vossa posse aquilo que será um obstáculo para a vossa felicidade e conforto no mundo dos espíritos. O nosso sábio Pai deu-vos o suficiente. A terra floresce com vegetação, e os dons de Deus para os Seus filhos nos planos da terra são luxuosos e amplos.

Mas uma classe tira da outra e apropria-se do que pertence ao seu próximo. Isso é roubo, desobediência às leis do vosso ser; portanto, quem quer que detenha mais desta riqueza mundial do que o absolutamente necessário para o seu sustento corporal, priva os seus semelhantes do seu sustento necessário e periga a sua paz de espírito e felicidade futura. É absolutamente impossível para vós todos vos tornardes mendigos, quando a Natureza é tão liberal nos seus dons para com a humanidade. Mas no vosso artificial estais continuamente a pedir mais e mais das quinquilharias do mundo material. Cortai com a Arte, e vivei mais perto da Natureza, e não haverá ninguém a mendigar entre vós.

Q.—Defina a diferença entre salvação e imortalidade?

R.—Espiritualmente considerado, não há nenhuma. As duas estão tão espiritualmente entrelaçadas que seria impossível traçar uma linha de demarcação. 6 de Out.

A Proclamação de Emancipação. A seguinte pergunta vem até nós:

"Não é a proclamação de emancipação de Abraham Lincoln um filho extemporâneo? Ou, por outras palavras, não veio cedo demais para o bem da multidão?"

A nossa resposta é esta: O filho foi concebido pelo Deus Todo-Poderoso, e quem há de acusar o Todo-Poderoso de falta de sabedoria? Este belo filho do presente século veio no tempo certo, e não fora de tempo. Não é nem cedo demais nem tarde demais, como o futuro vos provará. Os habitantes do mundo espiritual olharam para o leste, oeste, norte e sul, e leram as mentes da humanidade, e perceberam que elas estavam prontas para receber este filho. Assim, na nossa opinião, como é de Deus, veio no tempo certo e trazer-lhes-á o alvorecer de um dia mais glorioso do que aquele de que tendes desfrutado até agora. A vossa bela nação tem suportado sobre os seus ombros um manto mais escuro do que o próprio inferno; tão espesso que a voz do Deus Todo-Poderoso mal o podia penetrar.

Mas, graças a esse Pai, Ele chamou bem alto, e o Seu poder está agora a ser manifestado no vosso meio hoje. Oh não, nem cedo demais nem tarde demais nasceu este filho para vós, e conselhá-los-íamos a recebê-lo como o vosso Salvador. Aconselhar-vos-íamos a sustentar o vosso Magistrado Principal. Dai-lhe não apenas a vossa simpatia em atos, mas em pensamentos também, o que formará para ele um círculo magnético que lhe dará mais força do que qualquer outra coisa poderia dar na terra. Nem cedo demais, novamente declaramos, nem tarde demais, veio este filho até vós. 6 de Out.

Estado de Existência Futuro.

PERG.—Que evidência temos de que há um estado de existência futuro e de que estamos aliados a ele?

RESP.—A pergunta acabou de ser enunciada pode parecer ter nascido no mundo da Infidelidade, mas para nós não há infiéis, não como são geralmente entendidos pela Humanidade e pelo Cristianismo. Para nós, todos estão a seguir os ditames da sua própria razão individual, e se o nosso irmão ou irmã não acredita como nós acreditamos, não devemos declarar que eles são infiéis, ou que não são tão fiéis ao seu Deus e a si mesmos como nós somos. "Que evidência temos de que há um estado de existência futuro?" Primeiro, temos a evidência dos nossos sentidos; segundo, temos as evidências que se manifestam em toda a parte na Natureza externa de que há um estado futuro. A ciência ensina-nos que todas as coisas no mundo da matéria são triunas.

Nenhum homem de ciência se atreverá a disputar isto, e somos livres de afirmar que o Tempo não é menos triuno do que a matéria, sendo passado, presente e futuro. Sabeis, não por experiência absoluta, mas por fé, que houve Tempo no passado, que este presente foi um estado de existência futuro para esse passado. Portanto, esta quantidade de fé e experiência deveria ensinar-vos que há um futuro, não apenas para as manifestações que se veem na Natureza externa, mas para o reino invisível da vida, que é, na realidade, o verdadeiro reino, o tangível para aqueles que vivem em espírito, porque é eterno.

"Que evidência temos de que há um estado de existência futuro?" O menor grão de areia dá evidência positiva da sua vida triuna. Que ele existiu no passado, tendes as evidências que se manifestam em toda a parte na Natureza; que ele existe no presente, tendes a evidência positiva dos vossos próprios sentidos; e que ele existirá no futuro, tanto a fé como a experiência vos devem ensinar. Tendes ao vosso alcance as três condições do Tempo: passado, presente e futuro; e desde o menor grão de areia até à maior obra do nosso Criador, há evidência inequívoca desta Trindade.

"Que evidência temos de que estamos aliados a esse estado futuro?" Novamente declaramos que temos a evidência dos nossos desejos, aspirações e inspirações. O homem deseja algo mais do que as horas fugazes da mortalidade. Não está contente com o dia de hoje, mas deseja o dia de amanhã; e se o homem procurasse dentro de si mesmo, encontraria a prova da sua aliança com Deus e com um estado de existência futuro. É-vos dito que os vários planetas que constituem o vosso sistema solar foram projetados do centro, ou sol; que eles se movem em redor do sol e que também se movem nas suas próprias órbitas e sobre os seus próprios eixos. A ciência demonstra esta verdade; é positiva, é tão clara para vós como o facto de o sol enviar os seus raios de luz sobre a terra, dando-vos assim calor e saúde.

Se isto é verdade no que respeita à matéria, estais a supor que a mente, ou espírito, não tem nenhum grande centro, ou coração, em redor do qual se mova? Que a mente, na sua condição individualizada, não está aliada a cada átomo individualizado precisamente da mesma forma que a vossa terra está para o sol e os restantes planetas do sistema solar estão uns para os outros? Atirais uma pedra para o vosso grande oceano. As suas ondulações alargam-se e alargam-se até atingirem a margem mais distante. Ora, cada gota de água que compõe esse oceano sente o efeito da queda dessa pedra nesse vasto corpo de água. E assim é com o grande oceano da mentalidade, ou reino das almas. Cada átomo de alma está inseparavelmente ligado e aliado a cada outro átomo, e está dependente deles para a sua existência. Para provar que dizemos a verdade, ilustremos.

Diante de nós há uma vasta assembleia de Seres. Por momentos estão num estado de quietude, a descansar, por assim dizer, tanto na mente como no corpo. Mas de repente um é introduzido na sua presença e eletriza a grande massa de almas, e imediatamente eles são mudados, um e todos. Pode ser que a mudança venha por um pensamento, um olhar ou uma palavra, mas a mudança ocorreu, não apenas para um, mas para todos os presentes; e o que é sentido por um é igualmente sentido por todos. Não há um único pensamento que seja

evoluído de qualquer cérebro no universo que não transmita a sua força magnética a alguma outra mente e, como a pedra atirada ao oceano, as suas ondulações alargam-se até que toda a massa de mentes que constitui o universo sinta, em maior ou menor grau, o seu poder elétrico.

O Espiritualismo Moderno trouxe às mentes do povo deste século a evidência de um estado futuro, ou mundo dos espíritos, e da vossa aliança com esse mundo, que todo o passado falhou em trazer-vos. E isto é assim porque uma certa classe de mentes existente no presente dia está pronta para receber estes pensamentos que estão a todo o tempo a fluir desse estado futuro.

O Espiritualismo Moderno será, mais cedo ou mais tarde, o dom de todos, quer em espírito quer, talvez, em mortal. Mas pelo facto de uma pessoa não ter esta luz, não deveis supor que tal pessoa não está aliada ao mundo do pensamento, ou que não é tão capaz de receber conhecimento como vós; mas deveis simplesmente supor que as condições pelas quais está rodeada não estão tão bem adequadas ao seu despertar como as vossas. Deveis supor que ela está a viver em exata conformidade com as leis do seu próprio ser.

"Que evidência temos de que estamos aliados a esse mundo futuro?" A evidência que existe na mente da mãe que, cheia de angústia, se inclina sobre o templo desolado que tão recentemente encerrava o espírito do seu querido filho. A morte veio e bateu à porta; levou o seu mais belo e melhor, e a alma da mãe instintivamente estende-se para o futuro e dá as mãos a esse pequenino na terra da alma; dá as mãos com o amado e perdido. Aqui, nesta única manifestação de mentalidade, há prova suficiente desta aliança. Isto, se não houvesse outra, deveria ensinar-vos que há um estado futuro e que estais ligados a ele pelas leis imutáveis do vosso ser. 7 de Out.

Comunicações Espirituais.

PERG.—Por que razão as comunicações que pretendem vir do mundo dos espíritos são muitas vezes tão vagas e indistintas que deixam dúvidas na nossa mente quanto à sua autenticidade? Farão os habitantes desse mundo dos espíritos o favor de nos demonstrar a verdade da sua posição?

RESP.—Quando Galileu foi chamado perante o tribunal e lhe foi exigido que provasse aos presentes que o mundo era redondo e se movia sobre o seu eixo, foi ele capaz de o demonstrar àqueles que o criticavam? Foi ele capaz de impor a sua teoria a mentes não preparadas para a receber? Pensamos que não, embora tenha declarado ao povo que a terra era redonda — ele sabia que era assim — e que também se movia sobre o seu próprio eixo, contudo não era capaz de demonstrar a sua teoria à assembleia perante a qual fora chamado a falar.

No entanto, o mundo continuou a mover-se, e os princípios que ele se esforçava por trazer do grande coração da ciência para o mundo externo, em toda a sua beleza e perfeição, em toda a sua maturidade, permaneceram firmes na mente do humilde astrónomo, que tinha recebido o seu conhecimento de fontes espirituais — até que as mentes da humanidade se tornaram suficientemente iluminadas e dispostas a receber essas grandes verdades que se encontram agora nos arquivos da ciência.

O Espiritualismo ocupa sensivelmente a mesma posição, relativamente, que a ciência demonstrada por Galileu aos seus compatriotas incrédulos. Eles olharam para ele como insano, como um tolo, e denunciaram não apenas a sua teoria, mas a ele próprio também, porque ele era incapaz de provar às suas mentes obscurecidas a teoria que estava então no seu início. O Espiritualismo é uma criança e, portanto, não deveis esperar que seja capaz de apresentar todos os requisitos da maturidade, pois, embora o princípio seja tão antigo como o próprio Deus, contudo as manifestações são novas; e será

necessário não apenas um ano de tempo, mas muitos séculos para que elas atinjam a sua maturidade.

"Por que razão as comunicações que pretendem vir do mundo dos espíritos são muitas vezes tão vagas e indistintas que deixam dúvidas na nossa mente quanto à sua autenticidade?" Se há um mundo dos espíritos preparado por Deus para a receção dos espíritos desencarnados dos Seus filhos, então esse mundo e esses habitantes são governados por leis tão imutáveis e inalteráveis como Deus, e não presumiríeis compreender senão uma pequena parte dessas leis, nem presumiríeis compreender Aquele que é o reconhecido autor dessas leis, na vossa sabedoria finita. Ora, como esta lei é tão imutável como o vosso Criador, não suporeis, se fordes um ser razoável, que compreendereis toda essa lei nos poucos anos que vos são concedidos para viver sobre a terra.

A mente humana tem uma variedade de pensamentos, e os meios para a transmissão desses pensamentos às mentes de outros são quase tão variados como os pensamentos a serem comunicados. Mas não conhecemos nenhum meio para a realização desta tarefa que seja perfeito em si mesmo. Mesmo convosco no tangível, ou naquilo a que chamais o mundo real, estais em falta também no método de vos manifestardes uns aos outros. Não há perfeição convosco na esfera mundana. Um amigo em Nova Iorque pode desejar comunicar convosco por carta, mas a menos que todos os aparelhos empregados funcionem de modo a lançar a sua vida magnética sobre vós, estais sujeitos a receber tudo menos aquilo que o vosso amigo gostaria que recebêsseis.

O Espiritualismo Moderno depende de meios semelhantes para o resultado bem-sucedido da sua missão e, se esses meios forem imperfeitos, é apenas natural supor que as comunicações recebidas dos habitantes do mundo invisível devam ser muitas vezes tão vagas e incorretas que despertem a incredulidade quanto à sua autenticidade

nas mentes da humanidade, pois há muitas formas de fazer do errado certo, e de fazer do preto branco e do branco preto, mesmo na esfera terrestre. Se desejásseis telegrafar a um amigo que vive numa cidade distante, seria necessário que os fios estivessem perfeitos, que os operadores em ambas as extremidades compreendessem bem o seu trabalho, que os elementos atmosféricos estivessem numa certa condição harmoniosa, de modo a assegurar a rápida e correta transmissão da vossa mensagem.

Assim é com o Espiritualismo, e é totalmente impossível demonstrá-lo à humanidade até que as mentes da mortalidade estejam numa condição adequada para receber as suas grandes verdades. Denominamos a teoria do Espiritualismo moderno uma ciência, e uma do tipo mais profundo. Na verdade, a mente humana é mal capaz de lidar mesmo com os menores problemas dessa grande ciência. Assim, o nosso Pai infinito, na Sua sabedoria e amor pelos Seus filhos terrestres, revela apenas a quantidade do Espiritualismo às mentes da humanidade que Ele acredita ser absolutamente necessária para o seu conforto futuro e para a sua felicidade enquanto na terra.

É bom para a mortalidade lidar com aquilo que não consegue compreender? Veridicamente é bom, pois ao fazê-lo desdobrais e desenvolveis a vossa própria alma. O que seria se um Franklin tivesse desistido das suas tentativas de extrair eletricidade das nuvens, meramente porque os seus primeiros esforços nessa direção não foram recompensados com um sucesso perfeito? Não teria ele sido menos do que um

PERG.—Nós, os mortais, somos em algum sentido agentes livres? RESP.—Propomos considerar brevemente esta pergunta recebida. "Nós, os mortais, somos em algum sentido agentes livres?" Quando olhamos em redor para o vasto mar da vida humana, e encontramos as suas ondas a rolar e a agitar-se, apesar da vontade humana, ficamos quase inclinados a questionar o poder do homem, e a

batizar-nos com a dúvida em relação ao vosso livre-arbítrio como mortais. Mas quando rasgamos o tecido fino e enevoado que vos esconde do mundo desconhecido, e penetramos nesse mundo além do túmulo, e contemplamos a causa, o plano de fundo da vida, então percebemos que sois, até certo ponto, agentes livres.

O livre-arbítrio do homem estende-se apenas até onde vai a sua sabedoria, não mais longe. Ele é capaz de agir por si mesmo apenas até onde a sua sabedoria alcança; mas se ele for destituído de sabedoria — pois esta tem sido dada ao homem em quantidades minúsculas, na melhor das hipóteses —, então lamentamos a sua condição, pois sabemos que ele deve viver como um escravo no mundo visível e no próximo. O homem tem um poder inato pelo qual pode superar todas as suas circunstâncias, pelo qual se pode tornar mestre de toda a criação.

Mas atualmente o homem está na sua infância. Ele sabe muito pouco das leis do seu ser físico, muito pouco das leis do seu ser espiritual, muito pouco das leis do seu ser moral; assim, deve necessariamente ser um escravo dessas condições. Há alguns anos passados, o selvagem não sabia como proteger-se da fúria dos elementos. As chuvas desciam, os ventos sopravam sobre ele, o sol abrasador derramava os seus raios ardentes sobre a sua cabeça exposta, e ele era incapaz de se proteger tanto do sorriso como do franzir de sobrolho dos elementos, porque a sabedoria estava à espera da voz do arcanjo para o despertar para a vida. Quando o selvagem começou, por graus lentos, a conhecer-se a si mesmo e ao seu poder, então começou a ver que podia proteger-se dos raios do sol, dos ventos abrasadores e das chuvas torrenciais, empregando a sabedoria que o Grande Espírito lhe tinha dado para o seu próprio uso e proveito.

Assim, vedes que o homem, na infância da vida, não é um agente livre. Não o pode ser, porque todo o mundo visível vos prova que o

seu poder, força, o seu tudo, reside na sabedoria, ou no desdobramento desse eu interno, cujo conhecimento lhe chega por graus lentos mas certos. O livre-arbítrio do homem vem, então, através da sabedoria; mas o tempo deve ser dado por eras para o desdobramento do Intelecto do homem.

Nós, os mortais, somos em algum sentido agentes livres? Percebemos que o nosso questionador, que se estende para o futuro e implora uma resposta para a sua pergunta aos invisíveis, está insatisfeito consigo mesmo. Ele está sobre um plano de dúvida, e de tempos a tempos diz para si mesmo: como é que tudo o mais na vida parece dotado de mais poder do que o homem? Eu não posso ser um agente livre, pois não tenho poder para governar nem a mim mesmo nem a outros em qualquer grau. Oh, tu, mortal, cujos pés mal vagaram além das planícies da terra, cujos olhos nunca olharam além do material, pedir-te-íamos que te voltasses para dentro da tua própria alma em busca dessa sabedoria que tanto almejas, e que estejas determinado a rasgar em dois o véu que te esconde do mundo dos espíritos. Faz isto, e descobrirás que, em vez de permaneceres um nada no mundo do pensamento, saberás que és um Deus, e tens comando sobre todas as coisas.

O nosso Pai celestial implantou dentro das almas dos Seus filhos um desejo de conhecimento espiritual. Oh, acarinhai-o bem e, acreditai em nós, ele atrairá a si sabedoria — como a que os anjos já possuem — dia a dia, e hora a hora, até que tu, oh Filho do Deus vivo, sejas capaz de perceber que és um agente livre. Oh, dentro da tua alma jaz adormecido um Deus em embrião, e o que há de maior no céu ou no inferno? E, oh homem, sabe que dentro de ti mesmo há uma gema brilhante que te iluminará a encosta da Fama, e te dará sabedoria sobre tudo.

Q.—Em que idade se tornam as crianças agentes morais livres?

R.—Afirmamos que o homem — a raça da qual vós sois um — está ainda na infância, e portanto o vosso livre-arbítrio é limitado. A criança, bem como aqueles que chegaram à idade adulta, é um agente livre, no que respeita à sua sabedoria.

Q.—O conhecimento é necessário para a felicidade?

R.—Para a felicidade espiritual é; mas para a felicidade que pertence às coisas desta vida nem sempre é necessário, pois por vezes encontramos mais real gozo ou felicidade terrena entre as classes pobres e ignorantes da sociedade do que encontramos entre aqueles que armazenaram o seu ser com conhecimento. A felicidade no mundo dos espíritos deve ser o resultado da sabedoria.

Q.—Há alguma diferença entre sabedoria e conhecimento?

R.—Não há nenhuma. Para nós são uma e a mesma coisa. O mesmo princípio existe nos dois. A cobertura exterior é a única diferença.

Q.—Judas Iscariotes foi um agente moral livre?

R.—Em pequena escala ele foi, mas acreditamos que Judas não era detentor de sabedoria ou poder suficiente para o constituir um agente livre em qualquer grande grau. Isto é, embora ele tivesse o poder dentro de si mesmo, ele não o sabia, pois no seu caso permaneceu não desenvolvido. Portanto, ele não poderia ter sido um agente livre em qualquer grande grau.

Q.—Toda a humanidade será finalmente salva?

R.—Com toda a certeza que será.

Q.—Em que medida sofreu Judas Iscariotes?

R.—O tempo não é connosco como é convosco. Nós medimos o tempo no mundo dos espíritos de forma muito diferente daquela que vós fazeis na terra. Judas tem sofrido por causa da ignorância, tal como fez enquanto na forma. Ele cometeu atos aqui na terra que nunca teria feito se tivesse sido guiado em qualquer medida pela luz da sabedoria. A ignorância de nós mesmos e das leis pelas quais nos movemos e temos o nosso ser faz-nos cometer crimes enquanto na carne, pelos quais devemos sofrer no futuro, e o lugar que Judas Iscariotes ocupa agora como espírito é justamente um lugar onde aquele que peca profundamente enquanto na carne poderia esperar habitar no futuro.

Q.—Pode descrever esse lugar?

R.—Para ele seria o inferno. A alma ou espírito do homem, sob todas as condições de vida, gravita para a sua posição própria. A Natureza é sempre fiel a si mesma e à sua lei, e nunca comete erros, e se vós, como espírito, estais insatisfeitos com a vossa condição, não tendes o direito de o estar; pois, acreditai em nós, a vossa condição é uma condição da Natureza, uma condição legítima, que enxertastes em vós mesmos, quer por desobediência voluntária às leis de Deus — que são também as leis do vosso próprio ser —, quer por ignorância, e da qual não podeis esperar escapar até que o vosso espírito tenha expiado a sua desobediência, ou pago a penalidade dos pecados por ele cometidos enquanto em mortal, por longo sofrimento e tristeza no mundo dos espíritos.

Q.—Se não sois um agente livre, não podeis libertar-vos dessa condição?

R.—Não, certamente que não podeis, pois todos os pecados cometidos pelo espírito enquanto em mortal devem ser expiados mais cedo ou mais tarde, e se não na terra, então no mundo do espírito. Suponde que a criança mergulha a mão no fogo. Ela não sabe; ela não tem sabedoria; mas a lei dá a penalidade para o ato, tão certamente como se o ato tivesse sido voluntário, e a criança sofre por ter feito dano ao seu ser físico. Assim, vedes que deveis expiar cada passo em falso dado durante a vossa estada sobre a terra, não importa quão espesso seja o véu de ignorância que oculta o correto do vosso olhar espiritual.

Q.—A duração da vida de um homem na terra é-lhe fixada por um poder superior?

R.—Não pensamos que seja, materialmente considerado; mas espiritualmente considerado, é certamente fixada por Deus.

Q.—O conhecimento é adquirido mais rapidamente no mundo dos espíritos do que na esfera terrestre?

R.—O conhecimento da mente é adquirido mais rapidamente lá. Aqui na terra tendes várias condições de vida artificial. No mundo dos espíritos tendes o conhecimento da alma e da vida real ou espiritual.

Q.—Qual é a posição ou condição de Cristo no mundo dos espíritos?

R.—Um espírito que possui todos os requisitos de Deus; um claro e perfeito desdobramento de amor. O amor é o cumprimento da lei, e Cristo alcançou esse cumprimento da lei de Deus. Portanto, podeis bem adorar o Seu exemplo como o vosso Salvador.

Q.—Fazemos bem em considerá-Lo humano?

R.—Ele era humano e divino. Da mesma forma sois vós. Jesus era humano porque usava, como vós, uma forma mortal; e divino na medida em que viveu de acordo com as suas convicções espirituais do certo e do errado enquanto habitava sobre a terra.

Q.—Há algum espírito na outra esfera igual a Ele?

R.—Há muitos.

Q.—Os grandes acontecimentos no nosso mundo são governados ou causados por certas mudanças que estão a ter lugar no mundo dos espíritos? Ou, por outras palavras, esta nossa presente contenda nacional é o resultado da desarmonia e da luta entre os elementos do outro mundo?

R.—Podemos dizer que sim, e dizer a verdade. Estais agora a viver no alvorecer de uma nova época. As eras estão a mudar, e todas as instituições, quer morais, políticas, físicas ou espirituais, estão todas a mudar as suas cores, estão a despir a crisálida da morte e a vestir as vestes da nova vida. A presente convulsão, que já vos causou tanta aflição, é apenas um efeito de uma causa espiritual.

Q.—Pensa que esta guerra é o resultado de uma luta pelo poder entre a Democracia e a Aristocracia nas esferas espirituais?

R.—É, com toda a certeza.

Q.—A Democracia tem de governar?

R.—Sim, no seu sentido mais elevado e amplo. Vós, como povo, escrevestes Liberdade nos vossos estandartes, mas dentro das vossas muralhas não tem havido senão escravidão e opressão, pois nunca

compreendestes o significado do termo Liberdade. Mas, acreditai em nós, viveis no alvorecer de tempos melhores. A terra que tem adormecido na escuridão está prestes a despertar para a vida e para a luz. O reinado da Liberdade está prestes a ser estabelecido no Continente Americano. E embora esta grande reforma seja alcançada apenas através da guerra e da escuridão, e embora a face de toda a natureza pareça ensombrada com desolação e ruína, contudo para vós, como nação, este filho da Paz e da Liberdade há de certamente nascer.

Q.—Todas as grandes mudanças não têm de ser compradas com violência e derramamento de sangue?

R.—Sim; a violência tem de ser feita ao físico bem como ao espiritual, a fim de que todos os grandes sistemas de reforma possam ser inaugurados sobre a terra.

Q.—Os espíritos dos nossos antepassados revolucionários estão ativamente envolvidos nesta presente guerra?

R.—Estão. Oh, se pudésseis saber quão ativos, se pudésseis perceber o poder dos seus esforços como espíritos em vosso favor, ficaríeis maravilhados com a vossa inatividade, sentir-vos-íeis envergonhados com a pouca energia que tendes exibido e com o pequeno grau de bem que até agora tem sido alcançado por esta guerra civil.

Q.—Mas não estão eles divididos, como nós, em ponto de opinião?

R.—Estão. Um Jesus não é um Confúcio, embora os dois sejam igualmente bons em ponto de sabedoria e amor. Não obstante, eles são individualmente diferentes nas suas ideias de Cristianismo. Há tanta diversidade de opinião no mundo dos espíritos como sobre a terra.

Q.—De que lado da presente contenda está Calhoun, como espírito, mais ativo?

R.—Calhoun chora o rumo que tomou enquanto aqui na terra. Ele lamenta a ignorância que o rodeava como um véu espesso, e cegou os seus olhos mortais para o correto. E por muito que ele possa ter desejado servir o partido a que pertencia quando na terra nesta grande contenda nacional, contudo a mudança pelas quais os seus sentimentos políticos passaram desde a sua estada na terra dos espíritos compele-o a exercer a sua influência noutra direção.

Q.—Ele está ativo do outro lado?

R.—Ele está ativo do lado do correto; e embora ainda se possa agarrar a algumas das suas antigas ideias, contudo está a esforçar-se no melhor das suas capacidades para estabelecer o reinado da Liberdade por toda a sua terra natal. Enquanto em mortalidade ele teria mantido escravos; agora, como espírito, não o faria, pois percebe que eles, como ele próprio, são filhos de Deus e, portanto, não devem ser mantidos em cativeiro pelos seus irmãos brancos.

Q.—Em que esfera está Franklin particularmente ativo?

R.—Na esfera da Ciência, ou naquela que se relaciona mais particularmente com a Filosofia Natural.

Q.—Como virginiano, onde se situa Washington?

R.—Os braços de um Washington envolvem tanto o Norte como o Sul. O seu amor é grande o suficiente para se tornar um manto para todos e, embora ame carinhosamente o lar do seu nascimento, e deva ser sempre atraído por ele, contudo o seu grande coração de amor

humano bate da mesma forma por todos. Um Washington sabe que na união reside a vossa força como nação e que, se divididos, deveis certamente cair. Portanto, ele esforça-se por vos unir.

Q.—A República cairá ou não?

R.—Pode parecer, e sem dúvida parecerá, cair; mas será apenas a ação de forças naturais que por algum tempo parecerá aleijar o vosso poder e ameaçar a vossa ruína. A vossa República pode parecer morrer, mas, acreditai em nós, ela não pode morrer enquanto tanto de bom existir dentro das suas fronteiras. Portanto, no final, ela vive; e como ela pode, como dizemos, manter-se de pé apenas através da vossa força unida como povo, cumpre-vos cultivar esses laços de simpatia e afeição que são tão necessários para a vossa futura força e prosperidade como nação.

Q.—Esta guerra não é uma luta entre os princípios da luz e da escuridão?

R.—É, e todos sabeis que a luz contém esses elementos que tiveram o seu nascimento na escuridão. Novamente, os vossos exércitos do Norte detêm dentro do seu poder essas forças positivas da natureza, que devem eventualmente triunfar sobre as negativas e levar à vossa vitória final sobre os vossos inimigos do Sul.

Q.—Madison, Webster e Calhoun exercem uma influência sobre as mentes do Presidente e do Secretário de Estado neste momento?

R.—Eles, cada um e todos, exercem a sua influência, cada um na sua forma particular.

Q.—Por que razão o Presidente emitiu a sua Proclamação de Emancipação contra as suas próprias ideias do correto?

ESPÍRITO. Tendes a certeza de que ele o fez contra as suas próprias conceções do correto?

QUESTIONADOR. Sim, ele diz que sim. Mas não houve alguma razão especial desconhecida para nós que fez com que o Presidente emitisse a sua Proclamação neste momento?

ESPÍRITO. Houve. Ele sabia que a hora tinha chegado para o fazer, e que os corações da humanidade estavam maduros e prontos para a sua receção.

Q.—Sim; mas ele não pensava assim. Ele disse que não...

ESPÍRITO. Os homens nem sempre dizem o que pensam, sabeis. Nós dissemos-vos há meses que o Presidente Lincoln realizaria atos e faria feitos que o seu próprio partido não apoiaria nem aprovaria no momento da sua realização. Dissemos-vos que o vosso Presidente estava em sintonia com os anjos; que ele era o homem para o vosso tempo, e que através dele grande bem adviria, não apenas para a humanidade, mas para o vosso país.

Q.—Mas não houve algumas circunstâncias particulares que causaram a emissão dessa Proclamação de Emancipação?

ESPÍRITO. Houve. O Presidente Lincoln está na posse de todos os seus sentidos e sabe bem o que está a fazer. Muitas vezes ele entra no quarto da sua própria alma e ali mantém comunhão com os anjos. Ele torna-se, por assim dizer, um instrumento para o bem nas mãos dos seus guias espirituais. Ele é o efeito a seguir à grande causa deste mal nacional, que deve a sua origem à desarmonia espiritual e à desordem nas esferas celestiais.

Q.—Ele é um crente no Espiritualismo?

R.—Internamente é; externamente não é.

Q.—Quer dizer que ele não faz profissão da sua fé no Espiritualismo?

R.—Quero. O Presidente Lincoln não faz profissão das suas intuições espirituais perante a multidão. Mas para aqueles que o conhecem e estão intimamente associados com ele, a sua confiança nas coisas espirituais não é segredo. Portanto, internamente ele é um Espirita, enquanto externamente não é.

Q.—A maioria das pessoas não é assim?

R.—Há demasiadas pessoas que são. Não culpamos, contudo, o Presidente Lincoln, pois sabemos que ele navega no mar do pensamento público; sabemos que ele é mantido com amor e reverência nos corações de muitos dos seus compatriotas; e sabemos que há também aqueles do seu próprio povo que olham para ele com desconfiança. Novamente dizemos, ele pode ser chamado o efeito da grande causa que tem a sua existência em Deus. Ele é um instrumento nas mãos de espíritos ministradores.

Q.—Esta guerra foi profetizada na Bíblia?

R.—Lede a Bíblia à luz da razão, e trazei os desenvolvimentos do Espiritualismo moderno a incidir sobre ela, e descobrireis que sim. 13 de Out.

O Espírito de Profecia É Infalível?

"O espírito de profecia — é infalível?"

Esta é a pergunta apresentada para consideração esta tarde. Mas, antes de começar a nossa tarefa, aproveitaremos aqui a ocasião para dizer que a condição física do nosso médium esta tarde torna necessário que sejamos muito breves na resposta a perguntas tais como as que nos possam ser apresentadas.

O espírito de profecia — é infalível?

RESP.—Como vemos em parte, como conhecemos em parte, assim profetizamos em parte. Como somos apenas partes finitas da Grande Mente Infinita, não nos seria possível profetizar sem essa imperfeição que marca toda a vida incipiente. "O espírito de profecia é infalível?" Não, certamente que não. Como toda a vida humana e tudo o que pertence à vida humana é falível, assim o espírito de profecia é falível. As condições que o rodeiam são finitas, e devem ser devidamente consideradas por todos aqueles que procuram uma explicação para esta pergunta. E quando tivermos considerado devidamente este espírito que se estende até ao futuro, receberemos sabedoria a seu respeito tanto quanto nos for possível extrair para o alcance da nossa visão mental.

Durante todas as eras têm surgido os vossos profetas, homens sábios e mulheres sonhadoras, que têm professado ter na sua posse a chave de ouro que abre os segredos do futuro; e que, em grande medida, têm sido capazes de extrair desse futuro uma grande variedade de gemas que, de outro modo, poderiam ter jazido escondidas no seu abraço. Mas há mais profetas do que aqueles que vivem em forma mortal. Não há nada na vida que não contenha em si mesmo os elementos de profecia em maior ou menor grau, e que não seja infalível — não, em nenhuma área da vida.

As partículas que compõem esta porção daquilo a que chamais vida inanimada — [mesa] — podem ser mudadas, mas nunca inteiramente destruídas. Sabeis que elas continuarão neste estado por algum tempo; mas suponde que intervêm condições de que não estais cientes, qual seria então o resultado? O espírito de profecia seria mudado, pois as partículas que compõem esta mesa no presente momento teriam sido moldadas noutra forma da vida inanimada. E assim é com o espírito de profecia no que se relaciona com a mente humana. Como somos seres finitos, não podemos agarrar, durante os poucos anos concedidos para habitar sobre a terra, todos os desdobramentos da grande Mente Mestra da Criação e, assim, estamos sujeitos a errar no nosso julgamento de pessoas e lugares; assim, o nosso espírito de profecia é marcado, como as nossas vidas, pela vida finita.

Todos são profetas, todos estão a olhar para o futuro. O espírito de profecia é para ser encontrado em cada ponto da vida, quer exista no reino animal, vegetal ou mineral. Todas as formas de vida, quer animadas quer inanimadas, contêm dentro de si mesmas o espírito de profecia; todas apontam do passado, através do presente, para o futuro eterno. E contudo, como dissemos antes, todos os diferentes graus de profecia espiritual são finitos e falíveis; e quando olhais para o espírito de profecia, implorar íamos que olhásseis para dentro de vós mesmos, e ali aprendêsseis que o espírito de profecia existiu, e sempre existirá, e sempre será marcado pela vida finita. 16 de Out.

PERG.—"E não haverá mais morte." Pode essa condição ser definida hoje?

RESP.—A morte é apenas uma condição relativa da vida; torna-se morte apenas através do medo humano, e quando o medo humano tiver sido varrido da terra, então a vida em toda a sua beleza e perfeição será exibida ao vosso olhar. Quando as mentes das várias raças de homens se tiverem tornado tão desdobradas e desenvolvidas

em ponto de sabedoria que tenham ultrapassado o seu pavor e medo instintivos da morte, então a própria morte estará morta, ou absorvida pela vida.

Q.—Como pode um organismo conter duas mentes ao mesmo tempo?

R.—O organismo humano nunca foi conhecido por conter senão uma mente num determinado momento; isso seria uma impossibilidade espiritual e física. 16 de Out.

A Instituição do Matrimónio.

"O que Deus uniu, não o separe o homem."

Fomos solicitados a dar as nossas opiniões relativamente a esta passagem da Escritura: "O que Deus uniu, não o separe o homem."

O nosso interrogador deseja luz — mais luz sobre a Instituição do Matrimónio e, em resposta ao seu pedido de mais luz, presumimos discutir a pergunta diante de nós a esta hora. Como muitos que se mantêm à parte do Espiritualismo Moderno e dos Espiritas Modernos, e observam a instituição e o povo a partir do seu próprio ponto de vista particular, o nosso questionador olhou apenas para a superfície das condições, olhou através da luz peculiar através da qual elas lhe foram apresentadas e, consequentemente, formou algumas ideias erróneas, algumas opiniões erróneas relativamente à classe chamada Espiritas, e ficou de posse da ideia de que eles não são o que professam ser em ponto de moralidade — em suma, não passam de praticantes do amor livre. Que os Espiritas Modernos ficam muito aquém do que professam ser, não pretendemos negar, mas que eles sejam o que ele entende que são, isso certamente negaremos.

O nosso questionador recebeu algumas ideias muito tolas de certos espiritas, ou pessoas que acreditam nas manifestações chamadas Espiritualismo Moderno, relativamente ao assunto do matrimónio. Foi-lhe dito — assim lemos na sua mente — que nenhuma importância é dada ao matrimónio pelos espiritas; que nove décimos deles acreditam que a humanidade estaria melhor sem ele, e que todo o tipo de espíritos, do menor ao maior grau, se junta a espiritas fanáticos e se une na sua denúncia, e alega que ele é do Diabo, e não de Deus.

Basta-nos olhar ao nosso redor para perceber que não há dois indivíduos constituídos da mesma forma, consequentemente há uma vasta variedade a compor a vida humana. As ideias que apresentamos podem não ser as ideias de todos, mas declaramos honestamente que são as ideias de Inteligências que, de tempos a tempos, se esforçam por dar os seus pensamentos ao homem; esforçam-se por o elevar a um padrão mais alto. Acreditamos honestamente que estão impregnadas de verdade e, como tal, dignas da vossa mais elevada consideração

"O que Deus uniu, não o separe o homem."

Há muitos que supõem que é muito difícil compreender a Deus — muito difícil saber quando estamos a ouvir a palavra de Deus ou a do mundo. Mas se desejarmos ardentemente procurar a Deus, penso que teremos pouca dificuldade em Encontrá-Lo, ou em distinguir a Sua voz da de Mamon. Assim, não podemos concordar com essa classe de indivíduos que acredita ser muito difícil compreender o que Deus é, onde Deus está e como Lhe devemos obedecer. Acreditamos que a Instituição do Matrimónio é de Deus; que está de acordo com as leis da Natureza, que são, igualmente, as leis de Deus e do vosso próprio ser. Acreditamos que a ordem, o governo, a forma, se originam na Natureza, ou são apresentados à visão externa do homem através do mundo natural, e que o matrimónio cresceu a partir da Natureza, ou do mundo natural, e foi edificado por Deus para o bem

dos Seus filhos terrestres. É verdade que muitos males se juntaram a esta Instituição do Matrimónio, na sua passagem de uma era para outra; contudo, sem o matrimónio e sem esses mesmos males aparentes, acreditamos honestamente que estariais muito pior do que estais agora.

Se a Lei do Matrimónio não fosse uma lei justa aos olhos de Deus, nunca teríeis sido chamados a curvar-vos perante ela, ou a reconhecê-la como uma lei. E assim é com todas as leis; todas se originaram na Natureza e, portanto, são justas para as condições a que pertencem. Não pretendemos dizer que a Lei do Matrimónio do presente dia seja o exemplar mais perfeito do seu género; mas dizemos que é a mais bem adaptada às vossas necessidades como povo, porque não estais aptos para viver sob nenhuma lei mais elevada no que respeita ao matrimónio neste momento. Há uma Inteligência Suprema que governa todas as coisas e que é a autora de todas as leis, físicas e espirituais, e essas leis devem ter um certo grau de infinitude e infalibilidade anexado a elas, caso contrário não poderiam existir nem por um breve período de tempo.

Quando qualquer classe de pessoas se afasta do caminho batido, ou quando qualquer classe de reformadores se declara livre de antigos costumes e antigas instituições, encontramos quase sempre dois extremos de princípio, a saber, o radical e o pacífico, se assim os podemos denominar; um que atua como moderador, o outro que atua como propulsor. Ora, não nos cabe a nós dizer que qualquer um deles está certo ou errado; não nos cabe dizer que um é mais produtivo de bem do que o outro; mas devemos esperar certos desdobramentos de cada um deles. Da classe radical esperamos o maior grau de reforma, pois eles tornam os seus braços muito longos e estendem-se para o futuro, mais do que para o presente. Da classe pacífica esperamos mais pensamento e menos ação no presente, e resultados mais elevados e duradouros no futuro.

Estamos conscientes de que se encontra entre os espiritas uma certa classe destes reformadores radicais, que acredita que o matrimónio não é necessário para a felicidade do homem, e que se tornou de certo modo insatisfeita com a relação matrimonial; e acreditamos verdadeiramente que, se esta classe de espiritas tivesse sido governada pela voz interior, em vez do diz-que-disse do mundo, dificilmente seria encontrada a sofrer sob o jugo da vida matrimonial. Mas, seja como for, o nosso questionador tem estado a lidar com esta classe de radicais e acredita firmemente que os espiritas — assim diz a sua mente — não são nem mais nem menos do que mórmones sob um novo nome. Não desejamos ser mal interpretados relativamente às nossas vistas sobre o assunto do Matrimónio, mas sabemos que o tempo não vai longe em que cada um se tornará uma lei para si mesmo. Mas isso, acreditamos, é um dom a ser-vos dado no futuro; a humanidade não está pronta para o receber agora e, assim, é necessário que estejais ligados e que a lei civil exista entre vós.

Repetimos novamente que esta lei civil cresce a partir do mundo Natural. Vós não seríeis o povo racional e inteligente que sois, se não fosse pela existência destas mesmas leis, de cuja severidade e inadequação agora vos queixais. Não dizemos que as vossas leis foram formadas sobre os princípios mais elevados da Sabedoria Divina, contudo têm servido bem a humanidade e, embora possa haver manchas no vosso tecido, ainda assim há muito que é bom e puro nele e, portanto, é digno de ser usado por vós no presente momento.

"Como havemos de saber quando é correto para dois indivíduos viverem juntos sob a relação matrimonial?" Percebemos esta indagação na mente do nosso questionador e propomo-nos dar-lhe resposta. Como dissemos anteriormente, não é muito difícil compreender a Deus, se desejardes ardentemente fazê-lo. Ora, acreditamos que nunca houve um ser humano criado que não fosse dotado, em certa medida, de sabedoria, faculdades de raciocínio ou julgamento, e que são desdobradas pelo seu contacto com o mundo. Após passar por um determinado período de tempo, o indivíduo

percebe intuitivamente o correto, através do que se pode chamar a sua própria razão e experiência. Ora, como acreditamos que todos estão dotados do poder de pegar diretamente na mão direita de Deus, então, se tendes esse poder, usai-o. Entrai na privacidade do vosso próprio quarto e pedi a Deus que vos mostre o correto, e eu chamo toda a hóstia do mundo dos anjos para declarar comigo que não sereis levados para o engano.

Acreditamos que não há um único ser dotado de razão que tenha sido colocado em contacto com esta lei do matrimónio que não declare que há muito de bom nela. Então, que cada um de vós pese bem a sua própria conduta, trazendo a ideia para a luz do sol da verdade e sabedoria Divinas ao mesmo tempo, e, acreditai em nós, dificilmente sereis encontrados a perguntar às vossas semelhantes criaturas se é correto para vós viverdes sob a vossa presente condição; dificilmente sereis encontrados a estender as vossas mãos através do rio em busca de conselho e ajuda dos anjos; pois quem quer que se una pela luz da razão, e com uma devida compreensão da condição um do outro, está casado pelo Jeová Infinito. Podeis estar certos disto. Mas quem quer que se precipite de cabeça e de forma imprudente na relação matrimonial, procurando engrandecer-se aos olhos do mundo, mais do que aos olhos de Deus, acreditai em nós, em nove em cada dez casos, a sanção do Infinito nunca repousou sobre tal matrimónio.

Desejamos que o nosso questionador saiba, de uma vez por todas, que nós, Espiritas Modernos, não ignoramos a Instituição do Matrimónio. Por muito que lamentemos a fraqueza encontrada dentro deste belo tecido, por muito que lamentemos as nódoas e manchas que repousam sobre esta veste nupcial; contudo, a veste, por si só, sabemos que foi feita no céu; o alicerce deste belo templo foi a Natureza, e é sustentado pelo Deus da Natureza. E, portanto, esteja ela manchada como estiver, deformada como estiver, não obstante, os princípios pelos quais ela vive são de Deus e, se a quereis tornar mais bela, mais em conformidade com aquilo que está além do mundo, mudai de vida e reformai-vos. Procurai purificar-vos, procurai elevar-

vos como espíritos, não como mortais, e em vez de cortejardes a homenagem e admiração de Mamon, procurai a admiração das hóstias de anjos, que estão ansiosamente a olhar para vós a partir do seu lar no mundo dos espíritos. Oh, desejai ardentemente os melhores dons, e de acordo com o vosso desejo, assim serão os dons. 3 de Nov.

Escrita Espiritual na Parede.

"E a própria morte há de morrer!"

É-nos dito que estas palavras foram recentemente escritas na parede do quarto de dormir do Lord Brougham, de Londres, Inglaterra, e fomos solicitados, se soubermos algo sobre a maneira como esta escrita misteriosa foi produzida, a fornecer ao nosso amigo inglês todo o conhecimento de que estejamos em posse relativamente ao assunto. É-nos dito que o nosso amigo inglês está bem satisfeito por as palavras anteriormente mencionadas terem sido escritas na parede do seu quarto de dormir sem a intervenção de mãos mortais. É-nos também dito que o nosso amigo é um estranho às manifestações espirituais, mas que, não obstante, está aberto à convicção e deseja saber os porquês e comoquês da questão.

As palavras foram escritas na parede do quarto de dormir do nosso amigo por um Sir John Brougham, que partiu da vida terrestre há sessenta e um anos e meio, e que afirma ser o conselheiro individual do presente Lord Brougham. É-nos dito que ele deseja abrir a alma do seu parente à verdade espiritual, e levar a mente do seu sujeito mortal para longe das coisas materiais, para que possa não apenas beneficiá-lo a ele, mas às mentes da humanidade através dele. Esta é apenas uma das formas pelas quais o Jeová Todo-Sábio entende ser adequado desdobrar a humanidade, ou, por outras palavras, propõe revelar-Se à alma humana. Por vezes o Espírito da Verdade vem aos mortais através do simples golpe, e por vezes vem de outra forma,

apelando a outro grau de mentalidade e abrindo a alma do homem aos seus ensinamentos divinos.

Mas quanto ao caso diante de nós. Percebemos que o nosso amigo deseja ardentemente saber se a escrita na parede do seu aposento foi obra de algum amigo falecido seu; e, se era possível para o espírito desencarnado regressar desta forma, "por que razão regressa ele a mim?" Percebemos que estas perguntas estão vivas na mente do presente Lord Brougham e, tendo declarado claramente o autor dessa escrita misteriosa na parede do seu quarto de dormir, propomo-nos agora responder à sua segunda indagação.

O nosso amigo, percebemos nós, tal como o seu parente na vida espiritual, que estais pronto para receber a verdade que está prestes a ser-vos dada através de fontes espirituais, e desejamos erigir uma plataforma mais substancial sobre a qual possais estar, aprender a verdade e dispensá-la à multidão. É verdade que tendes riqueza ao vosso dispor; tendes posição, que muitos vos invejam, e essa influência que pareceria assegurar-vos a felicidade mundana. Mas, alas, alas! descobrimos que não é assim convosco, nem nunca foi, e certamente os vossos amigos espirituais estão a lidar convosco em amor, ao mostrar-vos uma nova estrada na qual andareis e conhecereis mais felicidade do que alguma vez ousastes conceber. É-nos dito que admitis que a escrita na parede do vosso quarto de dormir não foi obra de mãos humanas; mas se declarássemos que esta escrita não foi o resultado de intervenção espiritual, mas do vosso próprio magnetismo, ficaríeis igualmente surpreendidos.

Ora, num sentido, aquilo que vos parece um mistério é, de facto, mistério nenhum, pois o vosso parente extraiu da vossa forma física essências refinadas para ajudar a colocar essa escrita na parede. Para provar que dizemos a verdade, entrai sozinhos no vosso quarto de dormir e pedi luz, e manifestações serão dadas através do vosso próprio organismo, pois aquilo que tem sido veio de vós mesmos. Isto

é o que temos a dizer relativamente a esta escrita na parede, e que é ainda estritamente privado relativamente ao indivíduo a quem viramos a nossa atenção. 4 de Nov.

As Últimas Eleições.

PERG.—A causa da liberdade humana sofrerá com os atos ou eleições de hoje?

RESP.—Pode parecer sofrer, e sem dúvida sofrerá até certo ponto, mas podeis estar certos de que a luz triunfará sobre a escuridão, a luz do sol sobre a tempestade; e embora mil vezes dez mil nuvens de trovão de todas as formas possam ser arremessadas sobre as vossas instituições, civis, religiosas ou políticas, ainda assim a manhã continuará, a luz do sol brilhará, e em breve vós, como povo, começareis a saber que o vosso Deus está convosco. E apesar das vossas falhas, da vossa ignorância, o Espírito Infinito da Liberdade envolver-vos-á num manto mais belo do que alguma vez sonhastes usar. Os pensamentos e atos de hoje terão uma tendência direta para fazer muitos corações sangrar e sofrer; mas dos corações a sangrar, dos membros quebrados da humanidade, será erguida uma nova estrutura. Mas tem de ser que os corações humanos sejam lacerados e que os antigos sistemas sejam quebrados, ou lançados, por assim dizer, aos quatro ventos do Céu, a fim de que outros mais novos e mais belos possam surgir das cinzas do passado. 4 de Nov.

PERG.—Os escravos ganharão a sua liberdade por esta guerra?

RESP.—Com toda a certeza que sim.

Q.—É de muito mais longa duração?

R.—De acordo com a vossa medição do tempo, durará muito mais. Há muitos elementos nas vossas condições humanas que têm de ser esmagados antes que estejais estabelecidos sobre uma base firme e duradoura de paz.

Q.—Devemos entender que a escravatura é a causa principal desta guerra?

R.—Deveis entender que sim, se conseguirdes olhar para o espelho da vida e ver que imagem escura e desagradável ali está refletida. Tendes alimentado uma ferida purulenta convosco durante muitos séculos, e era mais do que tempo de o Todo-Poderoso derramar o Seu bálsamo curativo sobre ela. Era mais do que tempo de serdes um povo livre. Eu sei que escrevestes liberdade nas vossas muralhas e a inscrevestes nos vossos estandartes; mas nos vossos corações não sentistes nenhuma liberdade, nenhum direito à liberdade, nenhum direito a seguir os ditames da vossa própria consciência.

Q.—As nações estrangeiras interferirão nesta guerra?

R.—É bastante possível que sim. Não precisais de ficar de todo surpreendidos se receberdes intimação de intervenção estrangeira num tempo não muito distante. Contudo, isso dependerá em grande medida da condição do seu próprio povo. Se eles estiverem ativos para sacudir o jugo que prende o seu campesinato, muito provavelmente não se meterão nos vossos assuntos; mas se não se despertarem para a atividade nas suas próprias margens, então será muito provável que tirem partido da vossa presente condição perturbada para interferir nos vossos assuntos nacionais.

Q.—Dá-nos o seu nome?

R.—Não tenho nome. Basta que esteja convosco hoje como um espírito livre e independente. O nome que tive na terra repousa com o meu corpo. O nome que agora uso não é aquele pelo qual era conhecido quando habitante da terra. Podeis chamar-me Verdade, pois me esforçarei por vos dar a verdade.

Q.—Depreendo das suas palavras que mudou de nome desde que fixou morada na terra dos espíritos?

R.—Deveis entender que o nome terrestre que usei já não é meu na terra dos espíritos. Esse adormece com o meu corpo, e desejo que assim seja sempre.

Q.—Pode dizer-nos por que razão o polo magnético se desloca de lugar para lugar?

ESPÍRITO. Tendes a certeza de que ele muda de lugar?

Q.—É-nos dito que sim.

ESPÍRITO. Não pensamos que mude; mas as condições de vida que o cercam, ou o que está ao seu redor, são na realidade o que muda, e não o polo magnético em si. É verdade que não vos parece assim.

Q.—De que consiste o polo magnético?

R.—Daquele gás subtil que entendeis por eletricidade, positiva e negativa.

QUESTIONADOR. Acredito que isso não está de acordo com os livros de filosofia.

R.—É verdade, não está; mas para a nossa mente é a verdade simples e honesta.

Q.—Por que razão os espíritos que comunicam neste lugar localizam os seus amigos a uma distância tão grande de nós que torna a investigação relativamente à verdade das suas declarações quase impossível da nossa parte?

R.—Não estamos conscientes de que assim seja. Pelo contrário, acreditamos que nove décimos dos espíritos que comunicam neste lugar têm amigos a viver em tão próxima proximidade convosco que podeis facilmente averiguar a exatidão ou falsidade das suas declarações. É verdade que há muitos espíritos que visitam o vosso círculo que têm amigos a viver em cidades e vilas distantes; mas é o nosso desejo, o nosso propósito, dar lugar e tempo a todos os que nos visitam, desde que o façam com o desejo de promover o bem da humanidade e de se identificarem perante os seus amigos em mortal.

Q.—Não é verdade que um tem tanta culpa como outro nesta nossa guerra civil?

R.—É, com toda a certeza. E se o homem consultasse o Deus dentro de si mesmo, o sagrado monitor que habita dentro das almas de todos os filhos de Deus, dificilmente seria encontrado a pegar em armas contra o seu irmão, ou a procurar de qualquer forma prejudicar os interesses das suas semelhantes criaturas.

Q.—Há espíritos a pairar por perto que desejem comunicar neste momento?

R.—Há milhares, muitos milhares.

Q.—Há alguns dos nossos recentes campos de batalha?

R.—Sim, muitos milhares, que foram enviados para o mundo dos espíritos quase sem um momento de aviso, e antes do seu tempo devido.

Q.—É verdadeira ou falsa a ideia de que na vida espiritual havemos de sentir esses mesmos laços familiares que sentimos aqui na terra?

R.—Acreditamos que sentireis esses mesmos laços de afeição na terra dos espíritos que eram vossos na terra, e aquilo que é uma criança em intensidade convosco aqui é uma pessoa adulta convosco no mundo dos espíritos. Este sentimento de afeição que agora sentis uns pelos outros aqui é apenas um recém-nascido, e fortalece-se e amplia-se com o crescimento do espírito.

Q.—Não pode a mãe amar outras crianças tão bem como as suas próprias, na terra dos espíritos?

R.—Não o amor que a mãe sente pelo seu próprio filho, que tem o seu nascimento no seu próprio ser e cresce com o seu crescimento; e assim seria mais natural para a mãe sentir um maior grau de afeição pelo seu próprio filho do que pelas crianças de outra pessoa. Ela vive, move-se e atua de acordo com as leis da sua natureza e, portanto, será sempre magneticamente atraída para o seu filho em amor antes de todos os outros.

Q.—Como podemos, então, ser semelhantes a Cristo, e por que razão não somos egoístas?

R.—Tudo o que é da Natureza é de Deus e, portanto, imparcial e altruísta. Um Jesus de Nazaré era possuidor de um organismo divino, para o qual e através do qual as inteligências mais elevadas eram

atraídas e se manifestavam constantemente. Ele sentia toda a força da lei do amor e através dele eram disseminadas grandes forças de amor; e pareceria que ele podia dar do seu amor a toda a humanidade: o seu manto de afeição era grande o suficiente para proporcionar uma cobertura a todos os filhos de Deus. Mas isto era apenas uma condição peculiar do seu organismo espiritual e divino, e não de forma alguma o resultado dos seus próprios esforços individuais como mortal.

Q.—O que se quer dizer quando se diz que os sete a tiveram por mulher, e de quem será ela mulher no céu?

R.—"Na ressurreição, portanto, quando ressuscitarem, de qual deles será ela mulher? Pois os sete a tiveram por mulher." A resposta foi: "Porque, quando ressuscitarem dos mortos, nem se casam nem se dão em casamento, mas são como os anjos que estão no céu", e procuram os seus devidos pares, não à moda dos mortais sobre a terra, mas de acordo com a vontade espiritual e divina. Portanto, aquilo que é unido na terra será dividido ou quebrado na terra dos espíritos.

Q.—Suponho que se refere ao legal, e não ao real.

R.—Referimo-nos.

Q.—Considera a nossa lei do matrimónio uma boa lei?

R.—Consideramo-la a melhor que o tempo e a vossa presente condição permitem, e recomendamos a obediência àquela que é a lei do vosso tempo. E embora haja muito que é mais glorioso, mais belo do que esta vossa mesma lei do matrimónio, ainda assim gostaríamos que prestásseis estrita obediência àquela que é a lei do vosso tempo, pois ao fazê-lo prestais em certa medida obediência a Deus.

Q.—Ao mesmo tempo não deveríamos procurar conhecer e compreender a nós mesmos?

R.—Com toda a certeza. Procurai conhecer a vós mesmos, tornar-vos mais bem familiarizados com o Deus que habita dentro do vosso próprio ser, e se vos compreenderdes a vós mesmos fareis muito poucos erros na vida, e raramente sereis encontrados a lamentar-vos sobre um matrimónio infeliz. Quando Jesus foi questionado pelos principais sacerdotes e escribas no templo quanto a se lhes era lícito dar tributo a César, Ele pediu um denário e disse-lhes: "De quem é esta imagem e inscrição?" E a resposta foi: "De César." E Ele então aconselhou-os a dar a César o que era de César, e a Deus o que era de Deus. Ora, nós aconselharíamos toda a mortalidade a prestar a devida obediência a toda a lei civil ou mortal.

É fácil fazer isto enquanto estais felizes em todas as relações da vida terrestre. Mas quando a infelicidade é o vosso quinhão, ficais a tremer e temeis sair e agarrar as realidades da Natureza, mal compreendendo como prestar obediência às leis que vos trazem apenas tristeza em vez de felicidade. Mas se puserdes de parte todo o medo da opinião pública e exigirdes do Deus da Natureza felicidade suficiente para vos servir enquanto habitardes sobre a terra, acreditai em nós, recebê-la-eis, pois Deus nunca nega aos Seus filhos terrestres esses dons que sente serem absolutamente necessários ao seu conforto e bem-estar futuro.

Q.—O que diria dessa classe de pessoas que se uniu sob a lei do matrimónio sem possuir quaisquer qualificações para se tornarem felizes uma à outra?

R.—Teríamos pena delas e lamentaríamos a sua triste condição. Mas o fogo da fornalha através do qual tais desafortunados têm de passar fará com que sejam regenerados, purificados novamente, e será o meio de os tornar mais perfeitos, mais aptos para gozar as glórias do mundo dos espíritos. Sugeriríamos que tais infelizes se voltassem para

dentro do quarto do seu próprio ser em busca de conselho, e se o Todo-Poderoso vos disser para continuardes sob essas relações mentais, que são a fonte de tanta tristeza e miséria para vós, é vosso dever aderir a esses votos que tomastes sobre vós mesmos, até que Deus entenda por bem dissolver essas relações através da morte. Mas se essa voz disser: "Cortai os laços que vos unem como marido e mulher e procurai a felicidade que o mundo vos pode proporcionar, separados um do outro", então fazei-o por todos os meios, pois os preceitos de Deus são justos e retos.

Vinde, quando estiverdes em dúvida, e raciocinai com o Deus da vossa natureza e, acreditai em nós, esse Deus fará com que todo o erro se torne certo. Sabemos que há muitos milhares a contorcerem-se em agonia sob o jugo da lei do matrimónio, mas sabemos que em algum momento eles violaram essa lei; pode ser sem intenção, sem dúvida que é, mas a visitação da punição é exatamente a mesma como se tivessem pecado conscientemente contra essa lei do matrimónio. Se não houvesse penalidade para as leis pisadas, quer civis, políticas ou espirituais, não haveria paz, não haveria harmonia, pois através da tristeza aprendeis a sabedoria, e pela sabedoria marchais pela encosta da vida acima.

A Natureza deu-vos um índice para as capacidades do espírito humano, ou alma do homem, e se aprenderdes a ler esses índices nunca precisareis de fazer erros, nunca precisareis de recolher uma serpente no vosso peito, ou andar de mãos dadas pela vida fora com o vosso inimigo. O tempo está a chegar, sim, está mesmo agora convosco, em que os anjos vos ajudarão a ler esses índices corretamente, e a desdobrar aquilo que parece jazer intimamente envolto no manto do mistério. Procurai a ajuda daqueles que estão muito perto de vós na vida espiritual, e um ou mais dessa banda de anjos, cuja missão é acompanhar-vos através da vida em mortal, dar-vos-á força e poder para ler esses índices do espírito humano e em breve, em vez de viverdes no túmulo, encontrar-vos-eis de pé sobre os

cumes das colinas da Liberdade e da Isenção de Servidão, e rodeados pela luz do Deus Todo-Poderoso. 6 de Nov.

PERG.—O soldado que morre no campo de batalha morre de morte natural? E quais são as suas sensações na altura de e imediatamente após a morte?

Estas são as perguntas sobre as quais fomos solicitados a falar esta tarde.

RESP.—Não há mortes naturais exceto aquelas que têm lugar numa velhice madura. Então o espírito é suavemente separado do seu corpo físico, ou as suas relações com o seu corpo mortal são tão quietamente dissipadas que não há mudança percecionável; há apenas um passar para fora da condição relativa da vida e um entrar noutra, que é mais espiritual e mais divina. Imediatamente após tal morte, ou melhor, nascimento na terra dos espíritos, o espírito torna-se livre e, estando em posse plena das suas faculdades, percebe logo intuitivamente a sua condição no mundo do espírito ou da alma.

Quando a lâmpada elétrica da vida tiver queimado a última das forças materiais, e essa lâmpada se tiver apagado quietamente, então percebemos uma morte natural, ou nascimento natural no mundo dos espíritos. Mas sempre que há qualquer separação violenta das relações que existem entre os dois corpos, então há uma lei pervertida; as condições são não naturais e consequentemente acompanhadas de mais ou menos tristeza.

Quando o indivíduo que morre no campo de batalha é colocado em sintonia com a morte, ou essa mudança que é chamada morte, ele acredita que todo o universo foi súbita ou violentamente abalado; que o choque não se deve apenas a ele como indivíduo, mas que todo o universo o sentiu. Imediatamente após tal morte ter tido lugar, uma escuridão densa obumbra o espírito, e esse espírito fica perdido na inconsciência para os objetos externos ou, por outras palavras, não tem conhecimento das suas condições como espírito, nenhum ponto de

apoio no mundo Espiritual e Divino, porque não é ainda possuidor de um corpo que é requisito para o seu crescimento e progresso na vida espiritual.

E esse corpo é tão necessário para ele e para os seus desdobramentos espirituais e para o seu reconhecimento do que o rodeia, como o vosso corpo físico é para o espírito enquanto habita sobre a terra. Sem ele, então, não sois capazes de reconhecer ou agarrar em qualquer medida as condições de imortalidade que vos rodeiam como espírito, e de cujo conhecimento a vossa felicidade e conforto no futuro eterno têm de depender. Assim, o espírito tem de permanecer necessariamente numa condição quieta até que as forças Divinas, ou a Natureza, lhe forneçam um corpo adaptado ao seu uso nesse mundo de espírito ao qual chegou como um ser imaturo.

A criança pequena que é introduzida na vossa existência mundana antes do pleno desdobramento do seu minúsculo organismo é incapaz de se relacionar plenamente com a vossa esfera de vida, consequentemente tem de passar para fora dessa vida e ir para essas primárias de onde teve a sua origem, até que chegue o tempo para o seu nascimento na terra dos espíritos. É-vos dito que muitos dos habitantes do mundo dos espíritos experimentam apenas tristeza, que estão excessivamente infelizes e insatisfeitos com a sua condição como espíritos. Ora isto é assim pelo facto de terem sido enviados para o mundo dos espíritos antes do seu tempo devido, ou por outras palavras, porque encontraram a morte por violência. Mas não é mais assim no que respeita ao soldado do que com o suicida, ou com aqueles que morrem na primeira juventude. E novamente vos dizemos, não conhecemos mortes naturais entre a mortalidade exceto aquelas que têm lugar numa velhice madura; pois quando o corpo físico terminou o seu trabalho, quando o espírito bebeu dele a última força da vida vital e este já não é necessário ao crescimento e desenvolvimento do espírito do homem, então a mudança a que chamais morte tem lugar, e mal há um momento a intervir entre o espírito consciente na vida imortal e o espírito consciente na vida espiritual.

Se há algum dom da Natureza pelo qual devais orar mais do que por todos os outros, é para que possais morrer de morte natural. Embora a teologia popular fale por vezes amplamente a favor da morte na infância, embora os lábios dos vossos mestres populares muitas vezes enunciem coisas que eles acreditam honestamente estarem certas, não obstante, declaramos-vos que deveis pôr de parte todas as formas de certo e errado que estão estabelecidas na arte, e viver em estrita conformidade com as leis da Natureza, se quereis ser felizes e contentes nesse mundo futuro que nunca conhecerá um fim.

Procurai morrer naturalmente, para que possais nascer naturalmente no mundo dos espíritos; para que não vades para o mundo dos espíritos antes de terdes terminado o vosso trabalho sobre a terra e depois, pela força da necessidade que é sempre apoiada pela lei eterna, serdes obrigados a voltar e a andar por esses mesmos caminhos ásperos da vida novamente, a fim de que a vossa missão sobre a terra possa ser cumprida, e para que a paz e a felicidade possam finalmente ser vossas no mundo do espírito.

O soldado que cai no campo de batalha não morre de morte natural. Os cordões finos e delicados da vida que unem o espírito ao corpo físico são violentamente separados, rudemente cortados, e pensais que as vibrações desse choque não são sentidas pelo espírito sensível? Pensais que o espírito do soldado não sofre profundamente em consequência da sua separação súbita e não natural do corpo físico, que por tanto tempo o encerrou?

Em verdade vos dizemos que sofre. Quando o espírito não natural na vida espiritual se torna possuidor do seu corpo espiritual, que o há de capacitar para agarrar as condições da eternidade, reconhece imediatamente que chegou ao mundo dos espíritos prematuramente e lamenta com mais intensidade de remorso a sua condição como espírito do que é possível para a mortalidade conceber.

Oh, estas maravilhosas máquinas da vida são ao mesmo tempo humanas e divinas! Elas contêm dentro de si o vasto volume da imortalidade; sim, dentro do vosso próprio ser há uma fonte de vida eterna. Lede, pois, as suas páginas, bebei da sua fonte e orai fervorosamente para que possais morrer de morte natural.

Q.—Aqueles que passam para a terra dos espíritos sem filhos vivem eternamente sem ter filhos?

R.—As forças reprodutivas naturais que se originam no sangue e no cérebro não são necessárias à existência do espírito desencarnado, ou, por outras palavras, a posse de filhos não é essencial ao desdobramento espiritual do espírito desencarnado. E, no entanto, aqueles que são sem filhos aqui não o são necessariamente no mundo do espírito. Mas os filhos da mente e da forma física diferem um pouco. O indivíduo que habita na terra dos espíritos pode possuir tantos filhos quantos os pensamentos, ou porções de pensamento, que emanam do espírito, pois o pensamento é o filho na terra dos espíritos.

Q.—Parece haver uma discrepância entre o que dizem em relação ao tempo que o espírito permanece inconsciente após a morte e o que Andrew Jackson Davis diz sobre esse assunto. Ele diz-nos que o espírito, após a sua separação do corpo, permanece inconsciente pelo espaço de três dias. Por favor, expliquem esta diferença?

R.—O espaço de tempo, ou condição de inconsciência, que pertence a um não pertence necessariamente a outro; e enquanto um espírito pode permanecer inconsciente, após ter passado pela mudança chamada morte pelos mortais, durante três dias, outro pode permanecer inconsciente durante três anos, e ainda outro pode não perceber tempo nenhum entre a sua separação do corpo e a sua entrada na terra dos espíritos. Não há uma lei geral a governar o nascimento do espírito. A lei individual é a lei da terra dos espíritos.

Não há regra, quer nesta condição de inconsciência quer em qualquer outra relacionada com a vida espiritual, pela qual possamos medir mais do que um único indivíduo. A duração de tempo em que um espírito pode permanecer inconsciente após a mudança chamada morte depende em parte da condição desse espírito no momento exato da sua separação do corpo mortal. Se houver uma intensa atividade a perpassar o espírito, um intenso desejo de sabedoria, então esse indivíduo despertará rapidamente na terra dos espíritos. Mas se o espírito for de raciocínio lento e talvez exija ou necessite de mais descanso do que o que lhe foi concedido enquanto esteve na carne, então esse descanso desejado será concedido ao espírito desencarnado, e ele pode adormecer por meses, e até anos, antes de despertar para as realidades da vida espiritual.

Q.—Qual é a esfera do espírito individual, ou como é ela circunscrita? E há algo análogo a ela na Natureza?

R.—Às capacidades desse espírito individual. Não queremos dizer uma condição localizada do espírito; queremos dizer a capacidade mental. Ela pode talvez estender-se ao redor do universo, e pode não o fazer. Isso depende das perceções internas do espírito individual. A esfera, novamente, pode ser chamada a atmosfera peculiar em que o espírito vive, se move, e através da qual atua, e perante a qual é responsável por cada um dos seus atos. O espírito não pode dar um passo fora da sua própria esfera, pois os seus movimentos são regulados por uma lei tão imutável e fixa como o é o universo externo que podeis contemplar. A lei e a ordem perfeitas são as condições da vida espiritual. O espírito individual é capaz de perceber apenas através da sua própria esfera, porque não pode viver na esfera de outro. Se o espírito tentasse vaguear fora da sua própria esfera, ficaria imediatamente perdido no grande oceano da Vida, e o termo vida individualizada seria um mero som sem significado. 10 de Nov.

...corrigir o nosso irmão, e declarar que não estamos mortos, mas vivos, com todas as nossas faculdades em pleno funcionamento; pois enquanto o espírito do homem está preso ao corpo de carne, mal se pode dizer que esteja vivo, acorrentado e contido como o seu espírito está por correntes materiais ou terrenas.

A carta, ou série de perguntas, corria assim: "Embora eu não tenha fé no Espiritualismo moderno, ou no Espiritualismo de qualquer tipo, embora não tenha uma sombra de crença de que os espíritos tenham o poder de regressar à terra e comunicar com amigos, e embora acredite profundamente que o que estou prestes a fazer não é sabido por ninguém fora do meu próprio ser, não obstante, estou ansioso por testar a verdade desta filosofia espiritual e, como desejo estar aberto à convicção da verdade e da luz de todos os tipos, sou impelido a colocar estes meus pensamentos no papel, etc.

Tenho um desgosto no coração do qual me gostaria de livrar; e ele vem sob a forma de loucura existente na pessoa da minha esposa. Durante quatro anos ela tem trabalhado sob a influência da loucura e, às vezes, é tão violenta que até os seus amigos mais íntimos não se atrevem a aproximar-se dela. Com lágrimas e muitos suspiros, há dois anos consignei-a a um hospital de alienados. Não o teria feito se não tivesse percebido que ela exibia um ódio intenso por mim; de facto, ela parecia mais louca, mais violenta quando eu estava na sua presença, embora quando estava com saúde ordinária eu fosse idolatrado por ela, e nenhuma mulher alguma vez parecesse amar um homem melhor do que ela me amava a mim.

Ora, se é possível para os espíritos regressar e comunicar com os mortais sobre a terra, e se eles têm o poder de adivinhar a causa da doença, gostaria que eles primeiro me dissessem a causa da loucura da minha esposa; e segundo, se há um remédio no universo, que me o deem."

Isto é, acreditamos nós, o conteúdo da carta, quase literalmente. Ora para a nossa resposta. Ficamos desgostosos por sermos forçados a declarar que há muito poucos dos vossos médicos praticantes que compreendam a loucura; muito poucos entre eles que compreendam esta doença, mesmo no mais pequeno grau. E não conhecemos nenhuma classe de médicos com que estejais abençoados ou amaldiçoados que seja tão deficiente a este respeito como aqueles que têm a seu cargo os asilos de alienados e hospitais para o tratamento dos doentes da mente. Encontramo-los geralmente tão fortemente casados com as suas antigas opiniões e teorias médicas que a trombeta do anjo Gabriel não os conseguiria despertar do sono do erro em que caíram, nem o martelo de Thor quebrar as correntes que os prendem ao passado. É assim que encontramos os factos tal como vo-los apresentamos. Propomo-nos agora responder às vossas perguntas.

Primeiro, "Qual é a causa da loucura da minha esposa?"

O nosso amigo lembrar-se-á, quando lhe avivarmos a memória nessa direção, que a sua esposa, há entre quatro e cinco anos, ficou muito estranhamente agitada por algum entusiasmo religioso. Ele encontrava-a dia após dia, e às vezes noite após noite, debruçada sobre certos volumes dedicados ao assunto da teologia, esforçando-se por encontrar, se possível, o caminho verdadeiro para a salvação e a vida eterna. Esta condição de mente foi induzida por escutar os sermões de um eclesiástico cujo nome omitiremos, mas que é amplamente conhecido e bem considerado entre a comunidade religiosa. Súbita e inesperadamente a esposa do nosso amigo perde a razão e torna-se, por assim dizer, violentamente louca.

Ora, a causa é muito aparente. Encontramos o órgão da veneração muito amplamente desdobrado no caso dela, ou um desenvolvimento extraordinário, e isto deveu necessariamente ser feito à custa das outras porções ou órgãos do corpo, produzindo assim desarmonia, ou uma falta de equilíbrio nas forças vitais do sistema. Ora, o remédio é

tão aparente para nós como a doença; e o remédio é simples. Não reside nos reinos mineral, vegetal ou animal, mas no reino espiritual; e visto que a doença está na parte espiritual, em vez da física, do corpo, e tem a sua origem no espírito, como nove décimos das doenças da família humana geralmente têm, é certamente sabedoria começar por aí para a remediar.

Ora, aconselharíamos que a paciente fosse imediatamente retirada do asilo onde está atualmente confinada e levada para a sua casa. Aconselharíamos ainda que o nosso amigo contratasse os serviços de algum magnetizador poderoso, cujo magnetismo estivesse em harmonia com o da paciente. Aconselharíamos então o magnetizador a virar toda a sua atenção para o órgão da veneração e, ao reduzir o fornecimento de energia nervosa que há tanto tempo tem estado concentrada sobre esse órgão particular, as forças vitais do sistema serão mais igualmente distribuídas.

A força e a vitalidade dadas desta forma a órgãos que se tornaram fracos e incapazes de desempenhar as suas funções adequadas servirão para equilibrar as forças do sistema e, quando isto for feito, a saúde deve seguir-se. A saúde geral da paciente é boa e não há razão para que ela não deva, se for devidamente cuidada, ser restituída à razão e à posse plena de todas as suas faculdades em pouco tempo. Percebemos que é uma maravilha para o marido que a sua esposa exiba um ódio tão intenso por ele em particular. A razão disto é muito clara para nós. O marido está naturalmente ansioso por causa dela. Ele sente uma ansiedade intensa relativamente à sua amada companheira e, muitas vezes, inconscientemente, contempla-a com profunda tristeza.

Ora, a alienada percebe esse olhar, e não apenas o que ele carrega na sua superfície, mas também aquilo que subjaz a esse olhar, a saber, o intenso desejo ou pensamento relativamente a ela mesma, e a mente da paciente interpreta rapidamente esse pensamento, que diz: "Oh, eu sei que estás louca; irás alguma vez ficar sã?" Ora, mais valia dizer-lhe em palavras claras que acredita que ela está louca, do que dar-lhe a

chave para a sua mente e deixá-la ler os pensamentos que ali estão inscritos nas suas tábuas.

Em todos os casos de loucura, em vez de dar a entender aos pacientes que estão loucos, dai-lhes por todos os meios a entender que estão tão sãos como vós próprio, e desta forma tendereis a fortalecer essas porções fracas do seu ser orgânico; mas se os deixardes pensar que os considerais loucos, então fortalecereis em vez de remover a doença. Em ligação com este tratamento magnético, aconselharíamos também banhar a paciente em água fria todas as manhãs; e que os rostos ao redor da paciente sejam, se possível, sorridentes. Em todos os momentos seja o rosto um índice de um espírito feliz e, estai certos, com este simples curso de tratamento encontrareis a alienada restituída à razão e à saúde em muito poucas semanas. Segui o curso que aconselhámos e, se tivermos tido sucesso em convencer-vos de que os espíritos podem regressar e comunicar com os mortais, e que têm o poder de ler e descobrir os seus pensamentos mais secretos, então não deis honra a nós, mas ao Grande Autor da Vida, perante quem somos responsáveis por cada um dos nossos atos. 11 de Nov.

Esforços para Resistir ao Mal.

A pergunta que estamos prestes a discutir é uma sobre a qual já falámos muitas vezes, mas como a procura aumenta, propomo-nos dar-lhe resposta da melhor forma que somos capazes. Um bom amigo na Igreja Cristã envia-nos a seguinte proposição:

"Não é nosso dever como cristãos empreender esforços mais vigorosos para resistir ao mal neste tempo de aflição geral?"

Não acreditamos que por resistir ao mal sejamos alguma vez capazes de o vencer. Pelo contrário, se contendermos com o mal, é positivamente certo que ele nos vencerá. Estranho e inconsistente como isto possa parecer, está, não obstante, em plena conformidade

com as leis de Cristo, em plena e completa harmonia com as leis de toda a natureza e, portanto, somos levados a acreditar que é verdade.

Ao resistir ao mal sob qualquer forma, colocamo-nos ao nível do mal, ou tornamo-nos imediatamente maus nós mesmos; e não acreditamos que um mal alguma vez tenha conquistado outro e produzido uma condição de bem. Ora, é evidentemente nosso dever empregar todas as energias do nosso ser no sentido de vencer o mal, pois não há nada desarmónico que alguma vez tenha existido ou exista que não tenhamos o poder de tornar harmónico e belo; nada que carregue a imperfeição na sua superfície que não tenhamos o poder de tornar perfeito; e à medida que atraímos a sabedoria para nós mesmos, seremos capazes de conhecer o nosso dever e de o fazer. Percebemos que o nosso questionador escolheu um ponto de vista bíblico, tal como ele entende a Bíblia.

Ele argumenta a partir de um certo ponto de vista assumido por certos mestres religiosos há milhares de anos. Não o culpamos; não é da nossa alçada dizer que ele está totalmente errado. A condição é sem dúvida boa, mas não adaptada às vossas necessidades no presente momento. Ora que é nosso dever vencer todo o mal com o bem, em vez de lhe resistir, é certamente nosso dever primeiro remover todo o mal dos nossos próprios corações, para que atraiamos a nós mesmos tanta sabedoria quanta possível. Suponde que um mal se nos apresenta sob qualquer forma? Seria sábio da nossa parte ficar a contender com ele, esgotando assim as essências do nosso ser para nada, quando, se fôssemos analisar os nossos próprios esforços, descobriríamos que eles eram inúteis? Mas não é inútil procurar inaugurar um sistema de bem em desafio ao mal; não é inútil viver de tal forma que criemos para nós mesmos uma condição de bem, para que os maus, vendo essa condição, sejam induzidos a perceber que há bondade para ser encontrada nos corações dos filhos de Deus, e por esta perceção no nosso opositor havemos de vencer esta condição de mal nos outros.

Suponde, por exemplo, que nos propomos reformar alguns dos caídos da terra. Havemos de fazer guerra contra os seus atos? Havemos de seguir no seu rasto com ameaças e reproches? Havemos de colocar-nos em desafio a eles? Se o fizermos, tornamo-nos tão baixos como aqueles que estamos a tentar reformar. Mas se queremos tornar-nos verdadeiros benfeitores, se queremos elevar esses caídos do mal, não deveríamos parar para contender com eles, mas inaugurar imediatamente um sistema de bem ao criar uma condição de bem para nós mesmos; e a humanidade nunca esteve tão depravada que não possa ver a bondade quando ela lhe é apresentada desta forma.

É de muito pouca utilidade pregar o Cristianismo e a moralidade ao mendigo, muito pouca utilidade para nós falar de reforma aos ignorantes e caídos da terra, quando não há nenhuma forma possível ao alcance da sua visão pela qual eles se possam tornar membros honestos e virtuosos da sociedade; muito pouca utilidade para nós apontar o caminho do correto aos fracos da terra que, se estivessem dispostos a andar nele, não têm a força para o fazer. O que havemos de fazer então? Ora, dai da vossa força, dos vossos meios, quer sejam espirituais quer materiais. Primeiro, procurai dar-lhes uma ideia dessa felicidade que será deles se forem fortes o suficiente para andar diretamente por cima do mal e sair para a ampla luz do sol da verdade e retidão de Deus.

É de muito pouca utilidade para vós contender com os vossos irmãos do Sul que estão alinhados em armas contra vós; muito pouca utilidade ir para a guerra com a expectativa de que os ides conquistar e submeter ao cometer um erro ainda maior vós mesmos, e nas vossas próprias almas tendes pouca esperança de sucesso, e não vos poderíamos profetizar a paz no final se não fosse pela ajuda e intervenção das hóstias de anjos em vosso favor.

O vosso Bom Livro diz-vos que deveis vencer o mal com o bem, e o livro da Natureza escreve esta verdade em letras resplandecentes sobre todas as coisas, e contudo as raças têm equivocado o significado da Natureza e, através da sua ignorância das leis da Natureza, têm-se

desviado do correto. Mas havemos de declarar, porque as nossas semelhantes criaturas se levantaram em inimizade contra nós, que elas são fora da lei aos olhos de Deus? Não; antes digamos, com o espírito de Amor, que, quando pregado na cruz, podia ainda encontrar no seu coração força para dizer dos seus inimigos: "Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem!" Se a Igreja e o Estado procurassem trazer uma reforma, o mal em breve desapareceria do vosso meio. Eles deveriam primeiro procurar acabar com o mal através de uma grandiosa e minuciosa inauguração de um sistema de bem. Deixai que o bem das vossas naturezas se levante supremo e, acreditai em nós, não haverá necessidade de recorrerdes às armas, nenhuma necessidade de resistir ao mal, pois basta mostrar-vos numa condição de bondade e pureza aos vossos inimigos e não pode deixar de ser de outra forma senão que o mal se prostre e vos adore.

O vosso Presidente deu recentemente os passos iniciáticos nesta matéria de reforma, ao dar ao mundo a sua Proclamação de Emancipação. E ele fez nisto o único ato que foi produtivo de quaisquer resultados bons durante esta guerra civil, e que no mais pequeno respeito tendeu a trazer-vos a paz. Ele deu o primeiro passo para entrar no templo da reforma; ele lançou o primeiro raio real de luz do sol que a nação conheceu durante longos meses e, como a pomba de Noé, encontrará um lugar de morada nos corações do povo, e fará muito mais do que a espada no sentido de conquistar o mal que há tanto tempo encontrou uma morada no vosso país, e de vos trazer a uma condição de paz.

Acreditai em nós, é inútil contender com o mal, e pior do que inútil lutar com os poderes das trevas. Antes voai nas asas da luz e voai por cima deles, e deixai que esses poderes vos contemplem em divina sabedoria e bondade; e, acreditai em nós, as condições deste sistema de mal e morte em breve se fundirão naquelas de bem, e não aprendereis mais a guerra.

PERG.—Por favor, dê a filosofia da convicção e da conversão, tal como são experimentadas nos reavivamentos ortodoxos.

RESP.—"A filosofia da convicção e da conversão, tal como são experimentadas nos reavivamentos ortodoxos." É puramente psicológica, se assim podemos falar, ou por outras palavras, o orador psicologizou as porções do seu auditório que são as mais impressionáveis e, através dessa força subtil, elas ficaram convictas, e muitas vezes convertidas. Elas experimentaram uma mudança de coração, ou por outras palavras, ocorre sobre toda a sua natureza espiritual uma mudança, algo que não tinham experimentado antes, porque ninguém tinha ainda tido sucesso em abrir os quartos do seu coração e revelar os seus mistérios escondidos ao seu olhar. O poder psicológico do orador, ou ministro, pode ser mantido durante muito tempo — às vezes é mantido durante anos, e pode ser durante a vida, mas isso depende muito da suscetibilidade dos indivíduos e do seu poder de reter o que lhes é dado. Na ciência da força psicológica pode ser encontrada a chave para todo o entusiasmo religioso — convicção e conversão; e acreditai em nós, por sacrílego que isto possa parecer, é uma verdade que, se procurardes, podereis demonstrar pela lei mais simples da Natureza. 13 de Nov.

Regresso de Crianças Pequenas.

PERG.—Como é possível para o espírito da criança pequena regressar, quando é de supor que tal criança não tenha conhecimento da lei do regresso, e comunicar com os seus parentes?

RESP.—Embora não seja possível para a criança compreender a totalidade da lei de Deus, contudo é possível para a criança compreender o suficiente da lei para servir o seu propósito. Há uma linha ininterrupta de vida que existe entre amigos em mortal e no mundo dos espíritos e, por e através da lei do amor ou afeição humana, os dois estão casados. Há um plano, ou estrada, traçado entre o mundo material e o espiritual, e a criança, bem como a pessoa adulta, pode andar por ele sem medo de tropeçar.

"Como é possível para o espírito da criança pequena regressar, quando é de supor que tal criança não tenha conhecimento da lei do regresso, e comunicar com os seus parentes?" O espírito desencarnado é um grande químico, intuitivamente, e todos compreendem, em maior ou menor grau, as relações existentes entre partícula e partícula de matéria no mundo material e, desde a criança mais pequena até à alma mais sábia na vida espiritual, todos estão dotados de um conhecimento desta lei do regresso precisamente de acordo com a mesma lei que compele o recém-nascido a procurar o seu alimento, e que é chamada instinto na sua condição incipiente de vida. É sábia o suficiente para ajuntar a si mesma tal conhecimento que conduza ao seu crescimento e progresso, e para rejeitar aquilo que é inimigo do seu desdobramento. E se a Natureza abençoou assim o espírito encarnado, não terá feito ainda mais pelo espírito desencarnado a este respeito? Pensamos que sim.

Os vossos pequeninos regressam à terra por virtude da lei; eles comunicam convosco por virtude da lei, e essa lei é tão fixa e imutável como é a grande lei geral pela qual os Universos estão ligados uns aos outros; e eles regressam a vós sobre a ponte que une a vida material e a vida espiritual. Não deveis supor que os vossos pequeninos são deixados a vaguear sem ninguém para guiar os seus passos juvenis na vida espiritual. Certamente que não. A Natureza dá-lhes protetores aqui na terra, e faz ainda mais no mundo dos espíritos. O nosso Deus nunca opera milagres, porque Ele não existe fora da vida universal; mas, pelo contrário, vive continuamente dentro das almas dos Seus filhos. Assim, a criança pequena compreende o suficiente de Deus e da Sua lei para servir o seu propósito. As suas pequenas mãos agarram pequenas porções da lei, mas o seu terno é seguro e forte.

A Natureza nunca comete erros. Os erros da vida vêm do vosso modo artificial de viver, e não da Natureza. E assim os vossos pequeninos são filhos da Natureza; e embora possais não supor que esses pequeninos pudessem agarrar muito de Deus e da Sua lei divina,

contudo dizemos-vos que eles têm um conhecimento suficiente dela para os capacitar a pilotar as suas minúsculas barcas sobre o rio áspero da vida e desembarcá-las em segurança no seio materno na vida material. A mãe ama o filho que foi habitar nas esferas espirituais, e pensais que esse pensamento de afeição não carrega consigo nenhum poder para a criança na vida espiritual? Em verdade vos dizemos que é forte o suficiente para puxar o pequenino de volta à terra novamente, e fazê-lo compreender o suficiente dessa lei do regresso para fazer dela o seu servo. 17 de Nov.

As Fotografias de Espíritos.

Percebemos que a mente pública está de certo modo exaltada no presente momento relativamente ao recente desdobramento espiritual que vos tem sido apresentado sob a forma de semelhanças de espíritos. E, como a mente humana está sempre a estender-se para mais verdade, mais luz, é de esperar que mais verdade e mais luz estejam constantemente a fluir para dentro das almas recetivas dos filhos terrestres de Deus. Não deveis supor que, pelo facto de receberdes uma grande verdade num determinado momento, nunca mais ides receber outra, pois os dons de Deus são incessantes.

Muitas mentes estão dispostas a desacreditar na autenticidade deste desdobramento, estão inclinadas ao ceticismo, e a essas diríamos: o vosso ceticismo, se for honesto, ser-vos-á de grande serviço para descobrir a verdadeira verdade, visto que vos ajudará a discriminar entre aquilo que é genuíno e aquilo que é falso. Sempre que vemos um cético honesto, ficamos satisfeitos com tal indivíduo, pois temos a garantia de que, uma vez erguidas as suas opiniões sobre a verdade, elas assentarão sobre um alicerce que o tempo nem a eternidade têm poder de destruir. O templo que ele erige para si mesmo durará para sempre, pois não terá sido edificado sobre a areia, mas sobre as rochas do pensamento sólido e da investigação minuciosa. Nenhum tecido erguerão tais mentes sobre o superficial.

Devemos esperar que as suas estruturas assentem sobre a base firme da verdade e sabedoria eternas.

As Fotografias de Espíritos — são genuínas ou não? É a pergunta.

ESPÍRITO REGENTE. — Consideraremos agora as proposições de correspondentes ou da assistência.

PERG. — Reivindica-se que o «local e ponto» para a perfuração do grande Poço Artesiano, em Chicago, foi dado a conhecer através de mediunidade espírita. Longe de ser necessariamente obtida naquele único ponto, não é provável, dado o vasto fluxo de água, que esta fosse encontrada abrindo poços em qualquer parte da cidade e na região vizinha?

RESP. — Temos algo melhor a fazer do que apontar localidades onde se pode encontrar água.

P. — B. F. S., de Shelbyville, Ky., escreve: «Gostaria que pedisse a alguns dos seus amigos espíritos que me dissessem por que razão nós, mortais, concebemos uma antipatia por certas pessoas, sem sermos capazes de dar qualquer razão para essa opinião pré-concebida?»

R. — A lei da atração e repulsão está ativa em toda a parte e tão ativa nos mortais, individualmente, quanto o está nos mundos em rotação. A ciência informa-vos que todos estes vários corpos, chamados corpos celestes, são mantidos nas suas órbitas próprias por esta lei. Eles são repelidos até uma certa distância e, de novo, são atraídos. Assim, são mantidos na sua esfera própria pelas leis da atração e repulsão. Ora, não deveis achar estranho se sois atraídos por alguns corpos materiais ou almas e repelidos por alguns outros. Se não houvesse diferença nas vossas simpatias e antipatias, pareceria que

estáveis isentos desta lei, isto é, no seu efeito sobre a vida universal. Não podeis escapar à sua influência, tal como não podeis escapar à influência do sol. O sol derrama os seus raios sobre a terra, não apenas sobre a terra, mas sobre cada coisa viva. Cada pedra, cada folha de relva, cada flor, cada coisa viva, tudo até ao centro da terra sente a sua influência. Não podeis escapar-lhe. Estais sempre sujeitos a ela. Às vezes atua de um modo, às vezes de outro, mas é sempre fiel a si mesma e a vós.

Espírito. Se a assistência tem perguntas a fazer que pudessem interessar a um público leitor, tem a liberdade de as fazer.

P. — É possível aos Espiritualistas apresentarem ao mundo alguma forma de fé pela qual venham a ser conhecidos como uma seita religiosa?

R. — A fé que é uma fé para os Espiritualistas é tão diversificada quanto o são as opiniões relativas à chamada nova religião. Não há dois que pensem da mesma maneira. Todos têm ideias diferentes sobre esta filosofia e, assim, cada fé difere de todas as outras fés. Ora, sendo isto verdade, dificilmente podeis apresentar ao mundo qualquer forma que possa ser usada como um padrão religioso. Pode ser tal para vós, para aquele que a apresenta, mas não pode ser tal para as massas.

P. — Como seremos conhecidos?

R. — Pelas vossas obras. Como Espiritualistas, todos vós acreditais no regresso do espírito após a morte. Acreditais que os vossos amigos voltam e falam convosco. Esta é a base da vossa filosofia. É uma plataforma sobre a qual todos os Espiritualistas assentam. Esta única verdade fundamental é suficiente para vos manter a todos nos vossos devidos lugares. Todos vós acreditais nela. Isso é suficiente. O mundo reconhece que o fazeis. Mas quando

tentardes estabelecer qualquer forma de fé, caireis. Podeis apresentá-la, mas nunca podereis forçar o mundo a aceitá-la.

P. — Então as nossas obras tornar-nos-ão conhecidos melhor do que qualquer profissão de fé?

R. — Certamente; pelas obras de cada indivíduo, a fé desse indivíduo pode ser conhecida. São Paulo diz: «A fé é a substância das coisas que se esperam.» Ora, considerada neste sentido, não é mais do que a vestimenta da vossa esperança, estando, portanto, sujeita a mudança.

P. — Na vida espiritual não somos julgados pelos motivos que nos governam, mais do que pelos atos?

R. — Certamente; pois às vezes sois compelidos a praticar certos atos em virtude de circunstâncias externas, ao passo que o coração, na sua profunda sinceridade pela verdade, se voltaria para o outro lado. E, além disso, no mundo dos espíritos a alma olha para dentro da alma e sabe por que razão cada ato foi cometido, conhece a causa de cada efeito. Ali recebeis os vossos justos deveres.

P. — Não é melhor julgar os espíritos na carne pelos motivos dos nossos próprios corações do que pelos atos?

R. — Nem sempre podeis julgar um outro por aquilo que vós próprios faríeis. Talvez, se o pudésseis fazer, nem assim fôsseis capazes de emitir um julgamento correto. Ao passardes sentença sobre as vossas criaturas semelhantes, mantende sempre a regra de ouro em vista. Não conhecemos melhor caminho. Fazei-lhes precisamente o que gostaríeis que eles vos fizessem a vós, em circunstâncias semelhantes.

P. — Esse era o único caminho que eu conhecia.

R. — Esse, certamente, é um caminho. Pode ser um caminho perfeito para alguns, mas não é o caminho pelo qual todas as almas podem entrar em comunhão com a regra de ouro. Alguns são compelidos a obedecer à regra de ouro contra as suas próprias inclinações. Em alguns casos, a alma deve erguer-se triunfante no seu poder e dignidade, e compelir-se a obedecer à regra de ouro. Onde a alma é suficientemente forte para projetar os seus próprios poderes através da carne, tal pode ser feito. Às vezes, contudo, o espírito está pronto, mas a carne é fraca. Devíeis todos orar fervorosamente, oh, quão fervorosamente, para serdes capazes de ser guiados pela regra de ouro, para serdes capazes de fazer aos vossos semelhantes como desejaríeis que eles fizessem convosco.

P. — O meu motivo ao fazer a pergunta era chegar à verdadeira filosofia da caridade.

R. — Não conhecemos melhor caridade do que aquela exibida na regra de ouro, assim chamada. Se sois fracos, gostaríeis que alguém vos emprestasse da sua força. Então fazei precisamente o mesmo a todos os que têm necessidade. Isto é verdadeira caridade. É apenas a fraqueza, quer intelectual, moral ou física, que vos faz cair no caminho da vida. Não é a alma que erra. Todas as almas são perfeitas e verdadeiras e boas aos olhos do seu Criador. Oh, se todos vós pudésseis apenas sentir que isto é verdade, como nós o sabemos! 9 de Nov.

ESPÍRITO REGENTE. — Responderemos agora às perguntas, quer de correspondentes, quer daquelas que a assistência possa ter.

PERG. — Irá o espírito regente na «Sala do Círculo Livre» expressar a sua opinião — ou o que seria ainda mais aceitável — irá ele consultar os seus associados e expressar na próxima reunião a

opinião conjunta deles sobre a conveniência ou inconveniência dos seguintes métodos de honrar e perpetuar a memória dos soldados e dos seus serviços na última guerra? 1.º método: Erigir monumentos em honra e memória dos mortos, como é habitualmente costume. 2.º método: Erigir estruturas duradouras de algum tipo, desprovidas de lemas e emblemas sepulcrais, em honra de todos os que serviram na guerra como soldados, inscrevendo os seus nomes e assinalando as mortes onde elas ocorreram. Tais lembranças seriam erigidas em cada município e cidade, e incluiriam apenas os nomes dos homens a eles pertencentes. De modo que, no resultado, se o primeiro plano for adotado, todos os homens cujas vidas foram tiradas durante a guerra serão transmitidos de forma duradoura para o futuro. E se o segundo plano for adotado — o qual é novo —, então, não apenas os mortos, mas também todos os que ofereceram as suas vidas pela sua pátria terão uma lembrança perpétua.

JAS. S. DRAPER. Wayland, Mass., 15 de Out. de 1865.

Nota. — Planos como o acima foram apresentados aos cidadãos da referida cidade.

RESP. — No que nos diz respeito individualmente, poderíamos responder à pergunta tão bem agora como sempre. Temos pouca reverência por formas, por monumentos ostentando inscrições. Preferiríamos ver a sua memória perpetuada pelos amigos que deixaram aqui na terra, por atos de bondade para com toda a humanidade; por lembrarem que eles deram as suas vidas no campo de batalha por um princípio, pela perpetuação de um grande bem, pela abolição de um grande mal. Erguei-lhes monumentos eternos de fama, monumentos que não vão esboroar-se e deteriorar-se.

Erguei esses monumentos nas vossas almas, cada um de vós. Sede determinados em que sobre a memória deles ireis construir uma nova estrutura na qual adorar o único Grande Deus, ou Espírito do Bem Eterno. Se adorardes este Deus em espírito e verdade, na nova estrutura que lhe erguestes, então conhecereis a paz; então não tereis

mais guerras; então não mais vidas humanas serão sacrificadas no campo de batalha. Sabemos que monumentos têm sido erigidos a heróis em todas as eras. Eles contaram, com certeza, a sua própria história. Mas um pensamento bondoso, um desejo santo para o bem, é um monumento muito melhor, tanto para aqueles que partiram como para vós mesmos.

P. — Por S. E. Palmer: Como somos capacitados a ouvir, aparentemente na nossa condição corporal natural, as vozes dos nossos amigos que ainda habitam a forma, através de uma distância de talvez centenas de milhas? E qual seria a condição desses amigos que assim parecem falar à distância? Podemos nós, à vontade, fixando a nossa mente firmemente num amigo assim à distância, chamar por ele através do espaço de tal maneira que o forcemos a ouvir e a responder?

R. — O espírito não está absolutamente vinculado às leis do corpo. Ele cede, com certeza, uma certa obediência à lei que governa a vida física; mas ele próprio é superior a essas leis e, sob certas circunstâncias, cada espírito humano deixa o seu corpo e perambula à vontade pela terra e pelas esferas espirituais. E às vezes as circunstâncias são de tal modo materiais, e eles próprios estão de tal modo materializados, que são capazes de falar e de ser ouvidos por ouvidos humanos; de compreender e saber da presença de amigos com os sentidos humanos.

PRESIDENTE. — A. W. Benton, M. D., de Fulton, Ill., envia três perguntas ao círculo:

1.ª P. — Se for consistente com outras circunstâncias, por favor pergunte à inteligência regente nos seus círculos se eles consideram a luz como sendo um elemento separado de matéria imponderável — *sui generis* — ou apenas um movimento peculiar de matéria rarefeita comum?

R. — A luz é tão material quanto o é a mesa diante de nós. A diferença está apenas no grau. Se não fosse material, não poderia apelar aos sentidos materiais; não a veríeis, não a poderíeis compreender, não a poderíeis analisar. É parte e porção de todas as coisas existentes no universo. Todas as coisas contêm mais ou menos luz. O sol não contém em si mesmo mais luz do que a terra. Porque assim é, o sol é capaz de refletir os seus poderes sobre a terra. Se a terra não contivesse luz, então o sol não poderia ter efeito sobre a terra, pois é apenas pela lei das correspondências que o sol pode refletir os seus poderes sobre a terra. A luz está em toda a parte. Mesmo nos lugares mais escuros a luz está lá.

2.ª P. — Gostaria de saber a visão do espírito sobre a seguinte premissa, a saber: toda a matéria tem força inerente — toda a força tem inteligência inerente.

R. — Sim; porque toda a matéria é capaz de ser desdobrada, de crescer, de mudar de forma. A matéria tem sempre forma, e as formas estão constantemente a mudar, mudando por força que é inerente dentro de si mesmas, e fora de si mesmas, também. A matéria e a força desenvolvem a inteligência, ou os seus meios de expressão.

3.ª P. — Existe mais do que um elemento original, ou primário, da matéria?

R. — Não, não absolutamente. Tem sido dito que há sessenta e quatro, mas nós não o podemos determinar assim. Para nós os primários de todas as coisas são iguais; portanto, eles são um.

P. — Irá um ato errado perturbar a consciência durante toda a vida?

R. — É provável que seja esse o caso. Se violardes aquilo que é a mais elevada lei do correto por vós conhecida em qualquer momento, acreditai em nós, tereis de pagar a penalidade dessa violação, até ao último centavo.

P. — Existe algum outro livro além da Bíblia que tenha um relato mais racional da criação do mundo? Se sim, qual é?

R. — O mundo nunca teve qualquer criação especial. Ele sempre existiu; é tão eterno na sua composição como o são as vossas almas. Portanto, todos os registos da criação do mundo são fundados em fantasia especulativa.

P. — Deverá a última orientação dos pais ser ouvida e obedecida mais do que em qualquer outro momento?

R. — Isso depende muito do que ela for. Se apela às vossas mais elevadas ideias do correto, então é correto dar-lhe ouvidos; se não, vale muito pouco para vós.

13 de Nov.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Em conformidade com o vosso costume habitual, estamos agora prontos para considerar quaisquer perguntas que tenhais para apresentar.

PERG. — Não irão os nossos corpos espirituais assemelhar-se aos nossos corpos terrestres?

RESP. — As formas mudam. Isto é inevitável. Os corpos que são chamados corpos espirituais não passam de formas e, portanto, estão sujeitos à lei da mudança. Imediatamente após passar para fora da

forma humana, a forma espiritual assemelha-se a essa forma humana. Mas passados tempos, a semelhança perde-se, pois estais todos a crescer, a progredir, a desdobrar-vos; e estas formas humanas não são de modo algum as mais elevadas que a vida pode produzir.

P. — Podem os espíritos dos nossos amigos dar-se a conhecer, ou fazer-se ver?

R. — Essa é uma pergunta a que as manifestações deste século dezanove responderam — responderam enfaticamente.

P. — Quando passarmos para o mundo dos espíritos, irão os nossos amigos usar tais formas, ou corpos espirituais, que nos permitam reconhecê-los como o fazemos aqui?

R. — O espírito não reconhece o espírito pela sua forma. Reconhece o espírito pela lei do espírito; isso é independente da forma. Não precisais de temer falhar em reconhecer os vossos amigos após a morte. Certamente o fareis. A lei do vosso próprio ser e do deles proibiria tal calamidade.

P. — É correto um indivíduo render as suas próprias convicções do correto sob quaisquer circunstâncias?

R. — De modo algum. Devíeis obedecer sempre àquilo que é correto para vós, tanto quanto fordes capazes de o fazer.

P. — Irão esses carinhos, laços e afetos, tais como os que existem entre pai e filho, irmão e irmã, ser reconhecidos no mundo dos espíritos? Se sim, em que forma?

R. — Eles serão um fruto, um aperfeiçoamento daquilo que tendes aqui na vida terrestre; algo de mais belo, contudo correspondendo ao que tendes aqui.

PERG. — Por Sra. D. B., de Leavenworth, Kansas: Que rumo, (se algum) deveria ser seguido para induzir a influência dos espíritos?

RESP. — «O vento sopramos onde quer, e ouvis o seu som, mas não podeis dizer de onde vem, nem para onde vai.» Assim é toda a influência espiritual. É impossível dizer que circunstâncias favorecem a vinda dos espíritos. Não pode haver um padrão geral que sirva para todo o tempo. Às vezes certas circunstâncias favorecem o regresso do espírito. Às vezes certas outras circunstâncias favorecem o seu regresso. Mas é sempre bom viver tão próximo da lei natural quanto fordes capazes. Isto ajudar-vos-á muito a este respeito.

P. — Por M. C. M. P., de Manhattan, Kan.: Há cerca de dezoito meses, ao regressar de uma sessão realizada nesta cidade, presenciei um fenómeno pelo qual não fui capaz de dar explicação. Era um objeto branco assemelhando-se a uma tábua ou prancha, de cerca de oito ou dez pés de comprimento; estava no caminho a cerca de trinta jardas de distância, quando descoberto pela primeira vez, vindo em minha direção, elevando-se gradualmente do solo à medida que avançava, e ao passar por mim, atingiu-me no rosto, quase me tirando o fôlego. Ora, foi isto uma manifestação espiritual, ou foi meramente um vapor? Se foi um espírito, não poderia ele ter tomado uma forma humana, e assim ter-me convencido da possibilidade de os espíritos regressarem à terra? Ou foram alguns dos meus amigos espíritos desejando convencer-me, e contudo temendo alarmar-me se viessem na forma da carne?

R. — Julgaríamos que a última conclusão era a mais correta.

P. — Muitos procuradores honestos da verdade ficam frequentemente perplexos com as generalidades e a vagueza das descrições dos espíritos, quanto ao como, ou modo de viver no reino dos espíritos. Ficaríamos muito gratos se o espírito que hoje rege lançasse alguma luz sobre o assunto, dissertando um pouco sobre os pormenores da vida na esfera que se segue à morte aqui: isto é, apresentasse-nos uma visão interior e simples da vida de um único espírito, por exemplo, e nos dissesse como ela é sustentada — o que ele faz, etc.?

R. — Todo o espírito é simplesmente pensamento corporificado. Ora acontece que os vossos pensamentos respeitantes à realidade das coisas que existem no mundo dos espíritos são tão vagos e indistintos, tão misturados com os ensinamentos não naturais que vos foram forçados através do vosso processo educacional, que é difícil dar-vos uma conceção justa das coisas espirituais. O espírito é pensamento. Não esqueçais isso; pensamento corporificado, ou pensamento tendo forma. Ora, porque tem forma, isso implica uma necessidade de um lugar onde viver, existir e realizar as capacidades dessa forma. Que todos os espíritos possuem as características que eram suas na vida terrestre após a morte, é um facto que tem sido demonstrado uma e outra vez pelo espírito que regressa. Sendo isto verdade, os seus desejos, e os meios para realizar esses desejos, são fornecidos ao espírito na vida espiritual.

Contudo, na medida em que a mente ou o pensamento difere da máquina ou corpo através do qual o espírito realiza os seus desejos na vida terrestre, assim a realização do pensamento difere da realização das coisas materiais. A árvore cresce, a flor projeta a sua floração e derrama a sua fragrância pelo ar. Os vossos sentidos espirituais absorvem a sua beleza. Os vossos sentidos humanos, também, absorvem, analisam e alimentam-se de pensamentos. Mas estes pensamentos de que o espírito se alimenta têm de ser primeiro passados através de realidades humanas, fontes materiais, e por esse processo tornarem-se materializados, a tal ponto que possam ser

harmonizados com os sentidos materiais. Portanto, eles podem compreendê-los e perceber que são materiais.

O que valeria um pensamento para vós se não fosse projetado através da vida sensorial? Nada. Assim, pois, vós passais por experiências na vida espiritual semelhantes às de aqui. As coisas que amais aqui, continuais a amar. Aquilo por que fostes atraídos em virtude da vossa espiritualidade, continuareis a ser atraídos materialmente no mundo dos espíritos. Todas estas coisas pelas quais estais cercados têm o seu espírito. Esta mesa tem o seu espírito. As vossas habitações têm o seu espírito.

O sol, a lua, as estrelas, cada folha de relva, árvore, cada riacho corrente, cada oceano, tudo o que a mente pode conceber, tem o seu espírito. Portanto este mundo é o mundo dos espíritos, e estas coisas que apelam aos vossos sentidos humanos têm o seu espírito. Este é o mundo dos espíritos. O espírito percebe aquilo pelo qual o corpo humano está cercado, e através do qual realiza a sua missão, a saber: formas materiais, ou substância; e mais ainda, faz uso da vida interior destas formas para o seu próprio crescimento.

16 de Nov.

PERG. — Qual é o mais digno de confiança, a História de Jesus, conforme dada por Saulo e Judas através da mediunidade de Alexander Smyth, ou a História do mesmo Jesus, tal como a encontramos no Novo Testamento?

RESP. — Estes dois registos — pois tais são — da vida humana do homem Jesus são ambos bons em si mesmos e, até certo ponto, são ambos dignos de confiança. Os erros parecem estar em toda a parte. A Natureza aperfeiçoa-se através deles, não apenas no físico, no externo, mas no mundo mental, também. Nós não acreditamos que alguma vez tenha existido, no absoluto, um registo perfeito de qualquer coisa ou de qualquer pessoa. Todos os historiadores, ou todos os escritores, não dão mais do que as suas próprias aspirações mais elevadas, fundadas nas suas observações e nas observações de outros. Todas estas

diversas coisas estão sujeitas a errar. As vossas observações podem ser perfeitas e podem não o ser. A vossa aspiração pode ser perfeita e pode estar algo manchada pelas rusticidades da vida humana; mas porque uma coisa não é absolutamente perfeita, não a mais elevada do seu género, não a deveis rejeitar. Pelo contrário, devíeis pesar e criticar cuidadosamente tudo o que vos é entregue de uma vida mais elevada para a vossa própria inspeção. Se não pesardes e medirdes todas as coisas na grande balança da razão humana, perdeis algo, e pela vossa perda toda a Natureza sofre. Assim, recebei tudo, pesai e medi tudo cuidadosamente e bem. Procurai compreender o que há de verdade em ambos os registos falados. Não nos cabe a nós dizer qual é o mais perfeito, qual o mais digno de confiança. Eles são ambos tão perfeitos quanto podem possivelmente sê-lo, considerando as condições sob as quais foram escritos.

O velho registo bíblico foi transmitido através de uma longa linha de fontes. Tornou-se desfigurado e perdeu muito da sua beleza original, mas não perdeu nada da sua verdade. Essa permanece exatamente a mesma, pois a verdade nunca pode ser destruída. O registo de tempos mais recentes carrega muito de verdade no seu coração e na sua superfície. Ele traz o homem Jesus para um plano mais racional e faz com que olheis para ele na sua humanidade e divindade também. Diz-vos, na medida em que pode apelar aos vossos sentidos humanos, que este homem era divino e humano também.

P. — Por J. B.: Irão os espíritos informar-me por que razão a mão não apareceu ontem à noite na janela do gabinete dos Irmãos Eddy, no Melodeon, quando foi pedida pela assistência, enquanto um dos membros da Comissão estava no gabinete?

R. — É muito possível que a esfera física, ou emanações da vida humana desse indivíduo, tenha interferido um pouco com o processo de produção da mão. Dizemos que isto é possível; acreditamos, além disso, que foi este o caso. Nem sempre podemos dizer que corpos

estão melhor adaptados à prestação destas manifestações, até os experimentarmos. 30 de Nov.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Senhor Presidente, estamos prontos para responder a interpelações, quer de correspondentes, quer da assistência.

PERG. — Não é Jesus Cristo um homem material, como era nesta terra?

RESP. — A forma pressupõe algo material. Tudo o que tem forma é material, senão não poderia ter formas; não poderia ocupar espaço. Todas as individualidades têm forma, portanto são materiais. Uma agregação de pensamentos possuindo forma é material. Neste sentido, pois, este Jesus o Cristo é material.

PRESIDENTE. — J. E., de Filadélfia, envia as duas seguintes perguntas:

1.ª P. — Vejo declarado no *Banner* de 21 de Dez. «que Jesus deveria ser adorado»; isto implica que ele era um Deus. Como é que esta teoria de uma pluralidade de Deuses se concilia com a razão, ou com a «Filosofia Harmonial»?

R. — Deveria ser compreendido que há tantos Deuses quantas as mentes necessitando de Deuses para adorar; não apenas um, dois ou três, mas muitos. No que respeita à Filosofia Harmonial, muito poderia ser dito. Aquilo que é em si mesmo perfeito, conforme relacionado com todas as outras formas em existência, está além da lei do progresso. Nós sustentamos que todas as coisas, todas as mentes, todos os espíritos, todas as almas, vivem sempre dentro dos limites da lei do progresso. Sendo isto verdade, então a teoria dos Harmonialistas de pouco vale. Haverá sempre estas imperfeições variadas entre a

humanidade. Cada grau concebível de pensamento será exibido em cada era.

A Natureza, no mundo exterior, demonstra-vos isto. Esta mesma variedade de pensamento deve ser encontrada em todas as experiências das vossas vidas interiores. Tendes necessidade desta vasta diversidade de formas e, porque tendes necessidade dela, tereis sempre, na nossa opinião. Devíeis adorar todas as coisas na vida que são belas, pois é correto. A flor deveria ser adorada pela sua beleza. A grandiosa obra de arte que é o resultado do trabalho do cérebro é digna da vossa adoração. A nobre árvore da floresta, o sol, a lua e as estrelas, todas as coisas são Deuses para vós, pois elas ministram às necessidades da vossa alma. É em vão supor que podeis todos curvar-vos e servir verdadeiramente a um único Deus. Não podeis. Cada um de vós tem Deuses próprios, e a esses Deuses servireis. Quer acheis correto ou não, no externo curvareis todos diante do vosso próprio Deus.

2.ª P. — Se temos dois Deuses, por que não incluir o Espírito Santo e assim adorar a Trindade, em conformidade com os velhos credos?

R. — A isso já respondi.

P. — Explique o que se entende pelo «pecado imperdoável»; ou se há pecados cometidos neste mundo que não sejam para ser perdoados aqui ou no mundo dos espíritos, e como poderemos viver melhor a fim de evitar esse pecado?

R. — Todos os pecados são imperdoáveis. Sois chamados a pagar por cada pecado cometido, sempre. A Natureza nunca vos perdoa, se cometerdes um assim chamado pecado contra a vossa forma física. Essa forma sofre e, através do sofrimento, ides além do pecado. Todos os pecados são imperdoáveis; nenhum mais do que outro.

PRESIDENTE. — Tenho duas perguntas de O. C., de Amesbury:

1.ª P. — O uso do tabaco prolonga a vida física? Foi declarado por um eminente médico que este é o facto. Duvido disso; daí propor a pergunta acima.

R. — Tendes prova positiva de que o tabaco é inimigo da vida física; e, porque o é, não pode de modo algum prolongá-la.

2.ª P. — O tabaco acalma a irritabilidade nervosa. A partir deste facto argumenta-se que tem uma tendência para prolongar a vida física. É esta alegação verdadeira?

R. — Não, não é verdadeira. Ele mantém as forças nervosas sob controlo enquanto está na ascendência. Mas assim que o seu poder é retirado, então essas forças caem abaixo do padrão adequado. Então, como é evidente, ficais piores em vez de melhores.

PRESIDENTE. — Com a sua permissão, lerei um extrato de um editorial recente na *World's Crisis*, entregue-me por um amigo, que solicita as suas vistas quanto a «Onde irá esta coisa parar?». A *Crisis* diz: «Quando se fala da religião de Jesus Cristo, um espírito diz, conforme relatado no *Banner of Light* de 30 de Sept. de 1865: "Ela não é adequada para a mente desenvolvida do século dezanove." Há vinte anos, quem teria acreditado que milhares e milhares de homens e mulheres inteligentes, nesta era dita iluminada, se teriam afastado tanto dos ensinamentos de Jesus ao ponto de alegarem que ela não é adequada para a mente desenvolvida do século dezanove? Contudo, tais expressões de infidelidade tornaram-se tão comuns que dificilmente atraem a atenção, e os homens que as fazem ou nelas acreditam estão entre os membros honrados da sociedade, que ocupam as primeiras posições de cargo na nossa nação. Onde irá esta coisa parar?»

R. — Numa colheita gloriosa. Prevemos uma colheita de grandes pensamentos. Culminará em grande bem para a humanidade. O seu correspondente aceitou a letra e esqueceu o espírito, como é habitualmente o caso de todos os membros da Igreja. Ele esteve sempre a olhar para o corpo, sangue e osso de Jesus Cristo, mais do que para o espírito. Nós aceitamos todos os ensinamentos espirituais deste Jesus. Nós subscrevemos plenamente todos eles. Mas a letra fria e morta do Cristianismo, pisamo-la sob os nossos pés. E novamente vos dizemos que esta é inadequada para a presente era. Mas o Espírito de Cristo, que é o Espírito da Verdade, é adequado para todos os tempos, para todas as pessoas em todas as eras. Esse é imortal. Muda a sua forma, mas em princípio é sempre o mesmo. A Verdade, conforme dita através de um Jesus Cristo ou de um Theodore Parker, é a mesma. Não devíeis procurar negar isto, pois quando o fazeis, megae Aquele a quem tentais, na vossa fraqueza, amar e servir. Este Espírito da Verdade que vive hoje, sempre viveu. Ora, poderíeis do mesmo modo declarar que ele será aniquilado só porque algumas mentes se levantam e dizem que é errado; a mente humana é depravada, e sempre o foi, diz-vos o homem da Igreja, mas esta doutrina é uma falácia, como todos vós mais cedo ou mais tarde aprendereis.

4 de Dez.

PERG. — É uma pessoa melhor nesta vida, ou na vida futura, por ser um membro coerente da Igreja Cristã Ortodoxa?

RESP. — Toda a bondade, como aquela com que estais familiarizados na vida humana, é medida por graus humanos; cada grau correspondendo à esfera da qual nasceu, ou da qual recebe o seu sustento. Certas mentes vivem religiosamente na fé Ortodoxa. Para elas essa fé é boa, porque nasceu da sua esfera religiosa particular. Tais mentes serão melhores, avançarão religiosamente sob a fé Ortodoxa. Elas não podem ver e compreender o vosso Espiritualismo, porque vivem numa esfera religiosa diferente. Elas não podem

apreciar aquilo que apreciais, pois a esfera delas não está próxima da vossa esfera.

Vós habitais, religiosamente, a dez mil vezes dez mil milhas de distância. E, contudo, não sois melhores do que elas espiritualmente. Em virtude da sua educação religiosa peculiar, acreditam que o seu credo é o único verdadeiro. Os Espiritualistas acreditam que o seu o é. Os Universalistas o seu. Os Unitários o seu. Os Ortodoxos o seu. Os Metodistas o seu. Cada seita religiosa julga-se a mais favorecida do alto céu; e porquê? Porque têm fé na esfera religiosa em que vivem. Isto é correto. Não podeis todos viver na mesma esfera. Eles vivem de acordo com a sua lei religiosa, e vós de acordo com a vossa.

P. — Era o braço da médium senhora que se viu nas sessões de Eddy na última sexta-feira à noite? Se assim foi, foi colocada alguma tinta no braço?

R. — É muito possível, na verdade, é bastante provável, que o braço da médium senhora possa ter sido manchado com tinta. Mas que tenha sido o braço da médium senhora que se viu na abertura do gabinete, nós negamo-lo positiva e distintamente. Isso teria sido uma impossibilidade física.

P. — Foi declarado pelos espíritos, através da Sra. Conant, que não pode haver manifestações dignas de confiança sem perfeita harmonia. Se assim é, explicará o espírito ou espíritos por que razão as manifestações tiveram lugar na sexta-feira à noite, após tanta confusão nessa ocasião?

R. — Todas as circunstâncias da vida humana só são dignas de confiança por comparação. Vós comparai-Las com outras circunstâncias correspondentes; nisso são dignas de confiança. Comparai-as com outras; são indignas de confiança. Não estamos cientes de ter alguma vez afirmado que não podia haver manifestações dignas de confiança sem perfeita harmonia, pois bem sabemos que

perfeita harmonia não podeis ter. Perfeita harmonia implica uma crença correspondente no objeto que desejais alcançar em todas as mentes; um fluxo perfeitamente uniforme de pensamento espiritual por todo o círculo, como achais por bem chamar-lhe.

Isto não podeis ter, pois estais todos a pensar em assuntos diferentes. Um está a pensar nesta coisa, outro naquela, portanto não podeis estar em perfeita harmonia. Mas quanto mais calmos estiverdes, quanto mais negativos fordes, mais suscetíveis sois. Condicionais-vos para receber aquilo que pedis para receber. Mas quando sois antagónicos, estais determinados a guiar em vez de ser guiados, sereis muito provavelmente desapontados nisto, como em todas as outras circunstâncias da vida.

P. — Por A. W.: Sabem os espíritos tudo o que se faz aqui na terra, ou apenas uma parte; e, se apenas uma parte, qual é essa parte?

R. — A mente ou espírito individual não é de modo algum omnisciente nas suas capacidades; portanto não pode possuir a compreensão de tudo o que se passa na terra.

P. — Pelo mesmo: Há uma oportunidade para os espíritos, depois de entrarem no mundo dos espíritos, se tornarem melhores e atingirem um grau maior de felicidade?

R. — Sim, certamente.

P. — Há um lugar de punição para onde vão os maus, ou vão todos para o mesmo lugar?

R. — Os lugares de punição são tão numerosos quanto as almas que precisam de punição. Sempre que violais as leis mais elevadas das vossas naturezas, sois punidos por isso. Sempre que transgredis

qualquer lei, sois punidos por essa lei, não num futuro distante, mas imediatamente.

P. — O mundo dos espíritos assemelha-se a alguma coisa na terra? Se não, a que se assemelha?

R. — Não vo-lo poderíamos dizer, visto que não estais prontos para que vos seja dito, nem o estareis até estardes despidos da carne.

P. — É permitido aos espíritos no mundo dos espíritos dizerem falsidades através de médiuns e enganarem as pessoas? Se assim é, como saberemos se as comunicações são verdadeiras ou falsas?

R. — A morte não vos rouba a vossa individualidade. Se estais inclinados a ser não verdadeiros antes dessa mudança, com toda a probabilidade sereis os mesmos após a morte. Não há restrição colocada sobre a mente após a morte. Ela pode mentir, ou dizer a verdade, conforme escolher.

11 de Dez.

PERG. — Pelo *Banner of Light*, vejo que os pregadores das Igrejas que se chamam Swedenborgianas desmentem qualquer ligação ou simpatia com os Espiritualistas modernos. Como Espiritista moderno, não tenho eu tão bom direito a Swedenborg como qualquer pregador de qualquer Igreja, desde que viva de acordo com os seus ensinamentos?

RESP. — Os seguidores de Swedenborg, nesta era, fazem melhor do que julgam. Estão inconscientemente a seguir no rasto do Espiritualismo. São guiados pelo mesmo poder espiritista, e a mesma influência espiritual está sobre eles que está sobre vós. Eles não o sabem; não o compreendem assim. Nem sequer percebem plena, clara e tangivelmente que o Deus deles é o vosso Deus também. Mas este é

o caso, não apenas com esses intolerantes formados em classes e seitas, mas é assim com os indivíduos. Vós, na vossa esfera de ação, sois igualmente intolerantes. Acreditais no vosso Espiritualismo como sendo preeminente relativamente aos Swedenborgianos. Isto é correto; e é igualmente correto que eles adorem a sua verdade correta ou perfeita. Não é estranho que os Swedenborgianos ignorem o Espiritualismo.

Fazem-no porque são religiosamente ignorantes. Não sabem que o seu Swedenborg foi outrora perseguido como os vossos médiuns de hoje. Dizei-lhes isso, e eles olharão para vós e encurvarão o lábio em desprezo. Mas assim é. Mais tarde ou mais cedo, eles também o perceberão como uma verdade. Todos vós tendes o direito não só de acarinhar as vossas próprias opiniões religiosas, mas de as expressar. Isto é correto. A era do progresso deu-vo-lo. E enquanto não interferirdes com os direitos de qualquer outro indivíduo ou seita, tendes o direito de vos expressar como vos aprouver. Eles têm o mesmo direito.

2.ª P. — Como Swedenborg pega na Bíblia e a disseca, e dá a cada capítulo e versículo, e a cada palavra, três significados diferentes, aos quais chama significados natural ou literal, espiritual e celestial, não fez ele, como vidente moderno e Espiritista, mais para impor um respeito esclarecido pela Bíblia do que todos os papas, padres e pregadores de todas as Igrejas, nos últimos mil anos?

R. — Ele fez mais por aqueles que estão de tal modo constituídos que podem acreditar nele. Mas nada fez por toda a grande massa que se encontra fora da sua esfera religiosa particular.

3.ª P. — Como essa Bíblia ensina, com os Espiritualistas, que os anjos cometem erros, e que há momentos e segredos que nenhum anjo, nem mesmo Jesus conhece, salvo o nosso Pai Celestial, portanto, não poderá mesmo o espírito regente deste círculo possivelmente

mudar a sua opinião relativamente à Bíblia, ou a alguma parte dela, num dia futuro?

R. — Ficaríamos muito tristes por acreditar que haveríamos de permanecer sempre da mesma opinião sobre qualquer assunto em que estamos hoje.

ESPÍRITO. — Recebemos um pedido fervoroso de verdade, de esclarecimento, ao qual julgamos adequado responder. Um bom filho do nosso Pai, cujos anos somam — segundo nos é dito por aqueles que o conhecem bem, neste mundo dos espíritos — sessenta e três, que passou sessenta e três anos de vida terrestre, diz-nos que não tem crença no Espiritualismo, pelo facto de não ver nada no Espiritualismo que o faça deixar o velho ponto de vista e entrar nesta nova Igreja espiritual, como ele acha por bem chamar-lhe. Diz também: Tenho um amigo muito querido com quem estou familiarizado desde a infância, que é um crente firme no Espiritualismo. Esse amigo diz-me que o seu filho regressa a ele do mundo dos espíritos, dizendo-lhe que há árvores, flores, pássaros, frutos, de facto, tudo o que constitui a paisagem da Natureza; enquanto o seu próprio irmão regressa, dizendo-lhe que não vê árvores, não vê flores, nada que corresponda ao mundo material, e não consegue compreender como o seu pai pode por um momento dar ouvidos a tal falácia.

Ora, diz ele, o meu bom amigo espiritista expressou-se com grande franqueza para comigo, e o que devo eu depreender desta contradição evidente por parte desses dois irmãos, ambos habitantes do mundo dos espíritos? Como devo conciliar esta discrepância espiritual? O que devo pensar disto? Fará isto de mim um Espiritista, ou será o meio de me fortalecer na minha descrença? Diz ele que se há alguém no lado terrestre da vida, ou no lado espiritual também, que possa dar-nos uma explicação sobre este assunto, que seja digna de confiança, ficaríamos muito felizes em recebê-la.

Nada há na vida tão digno de confiança que as vagas do amanhã não possam arrastar. A sua fiabilidade pode servir para hoje, mas amanhã pode não servir para o vosso propósito. E é por isso que damos o que damos para responder às exigências presentes e não futuras da humanidade. É para nós a luz mais elevada de que somos possuidores. Deveria ser compreendido que a mente, a parte inteligente do homem, depois de se separar da máquina física, já não precisa de olhos e ouvidos, tais como são estes olhos, estes ouvidos. Muitos dos sentidos estão fundidos num só, a perceção. O espírito percebe, não vê com os olhos do corpo. Permiti-nos ilustrar a partir da vossa própria posição, querido amigo. Dizeis-nos que não tendes fé no Espiritualismo; que ele não tem beleza para vós; não o podeis compreender como o vosso irmão o compreende.

O vosso bom irmão espiritista diz-vos que o Espiritualismo é uma luz para os seus pés, é a glória da sua vida terrestre, e ele acredita plenamente que será a luz da sua existência futura. Ora vedes que ele percebe beleza e verdade no Espiritualismo, ao passo que vós não podeis. Estais absolutamente a viver em mundos religiosos diferentes. Não podeis compreender estas coisas como ele as compreende. Ele sabe — ou acredita — que a vossa Ortodoxia vos falhará algum dia. Ele não consegue ver qualquer beleza nela; para ele é escura, disforme e horrorosa; enquanto para vós a Filosofia Espiritista dele é muito o mesmo. Assim, estes dois espíritos referidos percebem as coisas de modo diferente.

Um tinha um amor pela Natureza e pelas manifestações da Natureza; logo, ele percebe-as; elas são o seu céu, e formam uma parte do seu ser; são uma necessidade para ele; ele não pode passar sem elas; enquanto, por outro lado, o espírito não as vê; ele não amava a Natureza ou as manifestações da Natureza quando na terra, logo ele vive ou percebe as coisas a partir de um ponto de vista diferente. Quando perceberdes plenamente que espírito é espírito, é pensamento, sabereis que, porque o é, não vê com estes olhos naturais, nem ouve com estes ouvidos. Ele percebe e atrai a si tudo o que é necessário ao seu desdobramento.

Aquele homem que tem necessidade do seu cavalo, tê-lo-á. Ele percebe-o, percebe-o verdadeiramente, desfruta-o; enquanto o homem que não tem necessidade dele não pode perceber a sua utilidade para outro, não pode compreender que seja um objeto existente. O Espiritista diz-vos que o seu Espiritualismo é absoluto, é verdade, é um facto que pertence à eternidade. Mas o seu oponente não vê facto nenhum; para ele não é parte da eternidade; é uma mera ilusão; e diz-vos que estais iludidos.

E assim cada um destes espíritos pode dizer ao outro que eles estão iludidos. O amigo que não consegue ver as belezas do Espiritualismo diz ao seu amigo espiritista que ele está iludido, cego, e não pode perceber as belezas da sua religião, e vice-versa. Oh, aprendei a perceber, mortais, que sois espíritos; aprendei a sondar além da superfície, e então começareis a ver que nem um, provavelmente, em cada mil de toda a vasta multidão que regressa, é culpado de falsidade. 20 de Dez.

P. — Por A. Kent, East Stockholm, N. Y.: Temos compreendido que o espírito ou espíritos presidentes no vosso círculo ensinam a doutrina do progresso; também testemunharam que a raça negra em África estava mais avançada há cem mil anos do que agora. Irão eles conciliar as duas ideias?

R. — O progresso que a alma faz não é medido pelas coisas do Tempo, pelas formas deste mundo. É verdade que vós medis o progresso assim, mas esta não é uma medição correta. Deveria ser compreendido que não há retrocesso na vida. Mesmo aquilo a que chamais retrocesso não passa de progresso. Quando pareceis cair, vós apenas vos ergueis. O vosso correspondente não compreende a verdadeira teoria do progresso. Ele, como todos os outros, ou muitos outros, pelo menos, que são estranhos à verdadeira teoria do progresso, acredita que o homem pode cair. Isto não é correto.

Mesmo aquelas pessoas a quem chamais criminosos, que nas suas vidas exteriores são degradados, disformes, com quem não estais em harmonia, não caíram, estritamente falando. Estão apenas a libertar-se desse exterior de que não têm necessidade. Estão apenas a obedecer à lei das condições humanas. O efeito está apenas a seguir a causa, apenas a ir adiante daquilo que o está a impelir para a frente. Sempre vos declarámos que toda a vida progride em ciclos e, porque o faz, repete-se. Ora, porque o intelecto se encontrava elevado na raça africana há cem mil anos no seu próprio clima, não tendes o direito de dizer que o africano de hoje se encontra abaixo deles. Não, espiritual e divinamente falando, o plano deles é plano e harmonioso.

P. — Há alguém que, por meio de assinaturas, ou de uma mola de cabelo, possa dizer se duas pessoas estão aptas a fazer um casamento feliz e harmonioso? E é melhor consultar tais pessoas antes de entrar nesta relação sagrada?

R. — Embora haja pessoas que são capazes de definir tão claramente o caráter ao ponto de serem capazes de dizer se duas pessoas estão ou não conjugalmente adaptadas uma à outra, preferiríamos recomendar que vos esforçásseis fervorosamente por vos conhecerdes a vós mesmos; por abrirdes o livro das vossas próprias naturezas com a vossa própria mão, e lerdes com a vossa própria inteligência o que nele está escrito, em vez de permitirdes que outros vo-lo digam. Aquilo que vos é forçado é sempre, quase sempre, de pouco valor. Lembrai-vos disto, vós Espiritualistas que procurais forçar a verdade da vossa filosofia sobre mentes que não a podem compreender, não podem perceber a sua verdade e beleza. Para elas está perdida. Todas as vossas belas ideias, toda a vossa bela filosofia que é realizada através da Verdade espiritual é inútil. Elas não a podem compreender, não a podem apreciar. Assim, tudo o que procurais forçar sobre os outros regressa a vós mesmos. «Aquele que é convencido contra a sua vontade», diz o poeta, «continua a ter a mesma opinião.» Lembrai-vos disto.

P. — Há escolas na terra dos espíritos onde as crianças aprendem os primeiros rudimentos da aprendizagem? E, se não, por que lei é que os espíritos de crianças que deixam a forma na infância comunicam com os seus amigos nas formas ordinárias de escrita e conversa?

R. — Há escolas na terra dos espíritos pelas quais as crianças são ensinadas nos vossos modos ordinários de aprendizagem. Mas essas escolas são as vossas escolas, as vossas instituições de aprendizagem; e são as nossas. Vós tendes o material que responde ao vosso caso. Nós temos o espiritual que responde ao nosso.

P. — Quer dizer que elas entram em contacto?

R. — Certamente que sim. A infância vem para a infância, e a idade madura para a idade madura. Sois atraídos para as vossas homólogas. Aprendeis com elas, e elas convosco.

P. — ... o esgotamento de tais materiais e forças como os que eram necessários para a sua reprodução? E, se assim for, não virá o tempo em que toda a vida animal e vegetal se extinguirá no nosso globo?

R. — Não foi essa a causa. As formas mudam constantemente. Uma forma é fundida noutra perpetuamente. A vossa forma irá, em anos vindouros, sustentar outras formas. A vida é para a frente. A forma é para a frente. A mudança é a ordem do universo externo. Todos estes restos fósseis não fazem mais do que contar-vos esta história: que tais formas existiram. Também vos dizem que essas formas foram sustentar as do vosso tempo, e do tempo que precedeu o vosso. Não, não; não é porque a terra não as pudesse sustentar, mas porque a terra foi capaz de sustentar algo mais elevado.

2.ª P. — São todos os mundos pertencentes ao nosso sistema solar compostos pelos mesmos princípios constituintes? E os habitantes de todos os que são habitados possuem essencialmente a mesma forma física?

R. — Os primários de todos os mundos e de todas as coisas são iguais. As manifestações produzidas são variadas sem número. Os habitantes de todos os mundos que são habitados por seres possuidores de inteligência, que são capazes de receber intuição, inspiração, todos esses têm formas semelhantes à vossa própria, variando um pouco em tamanho, mas não muito na forma. Dizeis-nos que a idade média do homem no vosso planeta é de trinta a trinta e cinco anos. Isto é assim porque o vosso planeta atingiu uma certa idade, porque já não pode dar às massas mais vida animal, já não pode dar uma concessão de vida animal. Há alguns mundos a povoar os chamados espaços cujos habitantes têm uma concessão mais longa do que vós, porque esses mundos estão mais condensados, têm maior poder para sustentar a vida animal. Todos vós viveis tanto tempo quanto a vossa terra concebe que devais viver. Sois mantidos em posições adequadas, como os planetas o são, e mudais conforme eles ou o grande Deus que os fez decretar. 28 de Dez.

P. — Sois capazes de ver objetos materiais? E, se assim for, de que modo, visto que os vossos órgãos materiais de visão já não estão ao vosso dispor?

R. — Na nossa condição espiritual não somos capazes de ver objetos materiais como vós sois capazes de os ver; não com o sentido da vista, o olho humano; esse bem sabeis que não o temos. O espírito vê por perceção. Quando entramos em perfeito sintonia com os vossos médiuns humanos físicos, então vemos os vossos objetos humanos — às vezes perfeitamente, mas muitas vezes muito imperfeitamente.

P. — A forma externa dos espíritos de crianças, por exemplo, permanece sempre a mesma quanto ao tamanho?

R. — Não; cresce em estatura até atingir a forma de maturidade; até ter atingido essa estatura que teria atingido se tivesse permanecido até à idade madura aqui na terra.

P. — A maneira como os espíritos tomam conhecimento uns dos outros é mais real e vívida do que o nosso modo de nos vermos uns aos outros no corpo?

R. — Não.

P. — Há espíritos mal-intencionados ou travessos que tenham no seu poder aproximarem-se e comunicarem connosco?

R. — Sim.

P. — Pode ser explicado, sem implicar engano por parte dos espíritos, como se diz que grandes homens estão presentes e comunicam, quando aquilo que é comunicado mostra claramente que os grandes homens não estão presentes?

R. — Deveria ser compreendido que a mente — cada qualidade — tem a sua esfera particular na qual viver e através da qual atuar. Qualquer outra qualidade, se atua de todo assim, deve fazê-lo por interposta pessoa, no que a estas manifestações diz respeito. Ao copiar imagens fotográficas, o vosso artista dir-vos-á que o poder de vida e a beleza das imagens se perdem.

Por exemplo, copiais de uma imagem um retrato que foi tirado do natural ou original, e obtendes uma semelhança menos exata do original; e quanto mais frequentemente fotografardes uma cópia de outra, menos perfeita ela será. Embora todos os contornos sejam bons,

contudo o preenchimento é frequentemente deficiente. Assim é com todas as manifestações espirituais. Se o espírito que comunica não está no mesmo plano ou esfera em que o indivíduo habita, deve haver um intermediário empregado. Portanto, algo do poder e da perfeição perde-se. Esta é uma necessidade inevitável, como todos vós aprendereis mais cedo ou mais tarde. 1 de Jan.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Senhor Presidente, ouviremos as suas perguntas, se tiver alguma para propor.

PERG. — Se Jesus Cristo não era divino, bem como humano, por que razão é que tais acontecimentos tiveram lugar aquando da sua morte como a Bíblia fala, como o sol a escurecer, a terra a convulsionar-se, rochas a fenderem-se, espíritos a regressar?

RESP. — Todos os que acreditam em Jesus o Cristo, ou na religião conforme promulgada por ele, acreditam que ele era divino. De facto, a sua humanidade teria sido sem valor desprovida de divindade.

1.ª P. — Estão as esferas tão definitivamente dispostas que possam ser numeradas? E, se assim for, o modo habitual de cálculo connosco da terra é correto?

R. — Não, não é correto; nem podem elas ser numeradas. Estas esferas a que tão frequentemente vos referis não são de modo algum localidades, apenas diferentes estados de mente. E deveis saber, tão bem como nós próprios, que seria muito difícil numerar estes diferentes estados de mente.

2.ª P. — Dir-nos-á o que se pensa nas esferas relativamente à ideia popular entre os mortais de um diabo pessoal?

R. — É geralmente acreditado que é uma superstição pertencente a eras passadas e, em alguns aspetos, infringindo a luz da presente era.

3.ª P. — Qual é a posição no mundo dos espíritos daqueles que morrem na infância?

R. — A infância é infância, e nada mais, no mundo dos espíritos. A mente infantil, quando desprovida da carne, é às vezes trazida em contacto com aqueles por quem é espiritualmente atraída na terra, para desdobramento, para que possa tomar o seu primeiro ponto de partida intelectual na vida. Às vezes, contudo, isto não é necessário. A criança prossegue na vida moral e intelectual, bem como espiritual, sem o auxílio direto da vida física.

4.ª P. — Dar-nos-á as vistas que agora nutre a respeito do castigo e do destino final daqueles que foram particularmente pecadores e degradados enquanto na terra?

R. — A alma, no seu estado primário ou desprovido de vestuário, é pura e santa. Portanto, todas as almas individualizadas, é nossa crença, estão destinadas a sobreviver a toda a inarmonia, toda a imperfeição, tudo a que chamais mal, para estarem em paz consigo mesmas, com o mundo e com essa vida mais elevada a que chamais Deus. O castigo está sempre em ação. Se infringirdes qualquer lei física, o castigo segue-se. Do mesmo modo é com toda a lei espiritual. Violai os ditames da consciência, e sereis infelizes. Se puserdes a mão no fogo, a lei física foi ultrajada, e o vosso sofrimento é o castigo. Não vale a pena pensar que ides esperar por algum dia de julgamento distante. De modo algum. O julgamento, a sentença e o sofrimento seguem-se imediatamente ao ato.

P. — Dar-nos-á alguma luz a respeito da educação nas esferas?

R. — À mente, nas esferas, é permitido seguir a tendência das suas próprias inclinações. Sem preconceitos e imparcial, não tem ali, como convosco, as faixas de ferro da convencionalidade. Aquele que seria o artista tem o poder de se tornar tal. O mecânico tem também o poder de exercer a sua perícia mecânica. Aquele que encantaria o mundo com a sua música tem poder para o fazer.

Aquele que seria o poeta pode sê-lo. Para qualquer lado que a mente se volte, encontra um auxílio a cada passo. Para a frente, para sempre para a frente, é o lema de todas as esferas. Mas na vossa tendes as muralhas do preconceito, do egoísmo, da intolerância, das falsas pretensões; e estas são as coisas que são as vossas pedras de tropeço; estas são as coisas que formam os obstáculos sobre os quais tendes tanta dificuldade em passar para atingir o fim desejado.

P. — Como é com as diferentes línguas, antigas e modernas?

R. — A linguagem, com o seu vestuário de som, pertence-vos na vossa vida física, e não ao espírito. Aqui tendes uma confusão de sons, a que chamais línguas. Ali a alma percebe o desejo da alma, e responde através do mesmo canal. Uma linguagem universal perpassa todas as esferas da vida, e essa é sempre governada pela lei da mente e feita uso pela perceção. A linguagem corre através do canal da perceção. Convosco passa através do som, e é-vos transmitida pelo som. Vós compreendei-la através do som. Não é assim connosco.

2 de Jan.

PRESIDENTE. — Informação relativamente aos espíritos de James T. Doyne, Newton Baker, Robert B. Gilmore, é desejada pelos seus amigos. Também uma pergunta de I. H. Browne, de Warren, Trumbull County, Ohio.

Resp. — Aos assuntos relativos a questões pessoais daqueles que nos interrogaram, faremos o nosso melhor para atender mediante investigação.

PERG. — Conhecem os espíritos essas pessoas, aquando da sua entrada na terra dos espíritos, que nunca conheceram ou viram enquanto na forma?

R. — As mesmas facilidades de reconhecimento estão em voga na terra dos espíritos como aqui, pondo de parte a da visão, aquela que vem em virtude do órgão, o olho. Vós conheceis os vossos amigos aqui por certos sinais, símbolos, através da fala e através de vários outros meios. A vida de todos estes vários meios é usada na terra dos espíritos. As almas são atraídas para as suas homólogas na terra dos espíritos, ou para aquelas em harmonia com elas. Elas são agrupadas ou agregadas em virtude da lei — a lei do seu ser e daqueles com quem estão agrupadas.

P. — Começam os espíritos de crianças, aquando da sua entrada na vida espiritual, imediatamente a aprender a linguagem, ou são obrigados, como aqueles na forma, a esperar pelo desenvolvimento dos seus poderes?

R. — A linguagem não é de modo algum uma necessidade para o espírito desencarnado; portanto, como linguagem, não é usada.

P. — Há duas semanas, na última segunda-feira, o espírito que controlava este médium disse que não havia mortes prematuras; que Deus ordenava cada evento. Se assim é, como somos seres responsáveis? Ouvi outros espíritos dizerem que era intenção do Criador que o homem vivesse até à velhice. Se ele morria na infância ou juventude, era por causa de doença herdada, ou então através da ignorância daqueles que cuidavam dele. Por favor explique esta contradição?

R. — Cada alma viva percebe de modo diferente de cada outra alma viva sobre todos os assuntos; e todas têm direito ao seu próprio método. Ninguém tem o direito de infringir o método de outro. Eu posso ver que uma Providência omnisciente reina sempre em todas as manifestações menores da vida. Portanto não há acidentes na Natureza, não há mortes prematuras para mim. Não posso conceber um poder que é em todos os aspetos divino e divino como Deus, que sofresse que quaisquer acidentes fossem cometidos na Natureza. Acredito numa Inteligência soberana omnisciente que, sendo omnisciente, é toda bondade e, sendo toda bondade, produz todas as coisas em perfeição. A perfeição difere em grau, de acordo com a vida a que é imposta. Deus, sendo Deus, está em toda a parte. Sendo isto verdade, nenhuma influência menor ou oposta pode encontrar lugar na Natureza.

P. — Há alguma coisa que se assemelhe ao nosso uso de livros na vossa formação espiritual?

R. — As ideias agregadas às vezes tomam a forma de livros mesmo connosco, como convosco.

P. — Pode dizer-nos algo sobre a adoração nas esferas?

R. — A alma, no seu estado desprovido de vestuário, adora tudo o que é belo, tudo o que é grandioso, tudo o que tem poder para a inspirar com adoração.

PERG. — Por John Littles, de Dansville: Sendo um crente no Espiritualismo, e desejando levar outros para a luz, desejo fazer uma pergunta de teste. Tive dois filhos. O nome do filho mais velho é Charles Littles; o nome do mais novo é James Littles, tendo ambos um segundo nome. Ora, se pudermos obter uma comunicação através do seu médium, dando os segundos nomes dos dois rapazes, será muito

convincente para muitos na nossa terra, e fará avançar a causa muito materialmente, ao ser publicado no *Banner of Light*. E contudo uma outra, que seria ainda mais convincente, é esta: Lodawick Poast vendeu uma parcela de terreno. Se algum dos seus médiuns puder dizer a quem a propriedade foi vendida, e onde está localizada, e onde os papéis podem ser encontrados, isso será ainda mais convincente. Há ainda uma outra amiga de quem desejamos ouvir — a Sra. Della Kelble. Ela tem um segundo nome.

R. — O seu correspondente toma uma visão muito superficial desta coisa. Como a ave marinha, ele roça o topo das vagas e nem sequer mergulha o seu bico debaixo da água. Ele supõe que, porque isso o satisfaria a ele de que estas coisas são o que pretendem ser, satisfará outros. Mas ele está enganado. Cada alma precisa de alimento adaptado ao seu próprio grau de desdobramento. Nenhuma alma se pode alimentar de alimento adaptado a outra com satisfação.

Os curiosos e ignorantes estão constantemente a apelar-nos para derrubar esta pedra e aquela pedra, para demolir este edifício, para que algo de melhor possa ser erigido no seu local. Mas porque somos apelados a fazer estas coisas, nem sempre sentimos que o nosso dever reside nessa direção.

PRESIDENTE. — S. B. McMillan, de East Fairfield, Ohio, envia quatro perguntas ao Círculo.

1.ª P. — Se na terra dos espíritos os nomes da vida terrestre são retidos, como são distinguidas essas multidões de espíritos cujos nomes na vida terrestre eram os mesmos?

R. — Nomes tais como os que tendes na vida terrestre não pertencem ao espírito.

2.ª P. — Tiveram as diferentes raças de homens a sua origem em criações distintas, ou variações da espécie original?

R. — Tem sido dito que os vários tipos distintos de vida humana possuíram sempre uma individualidade humana distinta. Mas não é assim. Acreditamos que houve um tempo em que todas as várias raças que habitavam a terra eram uma só. Portanto, todas as várias raças que estão agora na existência humana são ramificações desta única humanidade. Esta é a nossa crença. Se não vos oferece verdade, não a aceiteis.

3.ª P. — De que porção da superfície da terra passou o primeiro espírito humano para o mundo dos espíritos?

R. — Não sabemos.

4.ª P. — Considera a vida, o espírito e Deus como absolutamente idênticos? E, se assim for, como se relacionam ou se distinguem da lei natural?

R. — A lei natural é, acreditamos nós, uma manifestação da Inteligência Divina. Todos estes vários nomes não passam de termos usados para significar diferentes gradações de vida. A vida permanece sempre a mesma, e a vida é Deus.

8 de Jan.

PERG. — Por I. B. Garland, de Washington, D. C.: O que aconteceu às «tribos perdidas de Israel»? E têm elas quaisquer representantes ou descendentes agora sobre o globo? Se sim, onde?

R. — É alegado por alguns que estas inteligências já não têm uma existência individualizada na terra. Não é nosso propósito declarar que elas têm realmente uma existência individualizada, nem declararemos

que são uma raça inteiramente extinta. É um facto histórico bem conhecido que estas pessoas, estas inteligências, após terem sido expulsas da sua terra natal, acharam absolutamente necessário espalharem-se. Elas não poderiam de modo algum permanecer juntas, pois os seus conquistadores não o permitiriam. E assim foram espalhadas, não porque fosse o seu desejo, mas porque foram obrigadas a fazê-lo por aqueles que tinham ganho a ascendência sobre elas. Ora, não é de supor que a sua identidade fosse extinta, como uma vela, num instante; nem é de supor que estas pessoas, que eram tão exclusivas nos seus hábitos, que sustentavam que misturar-se com aqueles que não eram da sua fé religiosa especial, que não podiam reivindicar um direito de nascença na Judeia, se tenham perdido na vida dos Gentios.

Com todos os que estavam fora, os Judeus tinham muito pouco a ver. Mantiveram-se isolados. A sua religião exigia isto, e as peculiaridades, também, das suas naturezas físicas exigiam-no. Portanto, elas tiveram uma existência, portanto é que estas pessoas permanecem na terra, ou os representantes destas pessoas permanecem na terra em minoria. Elas não estão extintas; essa inteligência distintiva existe convosco hoje, mas em minoria.

Tem sido mantida, em muito grande medida, exclusiva, por causa da sua religião e das peculiaridades da sua organização, mas não tem sido inteiramente, absolutamente exclusiva. Houve pontos de divergência e, a partir destes, muitos no reino dos Gentios receberam inspiração judaica. Esta inteligência fluiu para vós, e vós bebeste-la sem o saber. Não vos melhorou, não vos influenciou, ao que parece, a favor deles. Não. Contudo está convosco, e a inteligência distinta permanece na terra convosco hoje. As formas passaram — essa é uma questão de necessidade material —, mas a inteligência permanece.

P. — Por favor explique-nos por que razão é que declarações falsas são tão frequentemente feitas por espíritos. É-nos repetidamente dito, nos nossos círculos privados, por espíritos que afirmam ser os

nossos mais queridos e verdadeiros amigos, coisas que são inteiramente falsas.

R. — Provavelmente nem um em cada dez dos que são acusados de falsidade é culpado da acusação. Uma falsidade torna-se tal em virtude do motivo, não pela sua aparência externa. Tendes ainda de aprender esta verdade. Muitos de vós, Espiritualistas, tendes ainda de aprender, ou desaprender, alguns dos absurdos que se incorporaram na vossa crença. De alguns destes absurdos pode ser bom falarmos. Muitos de vós estão possuídos da ideia de que aqueles que passaram para o mundo imortal, assim chamado, devem ser dotados de sabedoria sobre-humana. Isto, nove décimos de vós acreditam ser verdade. Aqui estais enganados. A mudança química da morte não acrescenta ao intelecto do homem ou da mulher. Ele não é mais sábio depois de ter passado pela mudança.

O vosso amigo não está melhor capacitado para vos aconselhar, certamente, depois de ter passado as fronteiras da vida física do que estava antes disso. É verdade que fostes assim educados, fostes ensinados a olhar para o mundo dos espíritos em busca de conselho. Portanto é que muitos de vós depositam uma confiança muito grande na palavra daqueles a quem chamais amigos espíritos. Se isto não for levado ao excesso, é bom. Se for, não é bom. E, novamente, muitos de vós são levados a duvidar das asserções daqueles que vêm do mundo dos espíritos. Um regressa e diz-vos que encontra as coisas de uma certa maneira; outro vem dizendo-vos que não são assim para ele. Assim ficais confusos, esquecendo que cada um destes espíritos é constituído de modo diferente.

Ninguém vê por outro, compreende por outro. Não há dois que possam ver da mesma maneira, não há dois que possam ouvir da mesma maneira, não há dois que sejam verdadeiros um para o outro em todas as coisas. Todos são verdadeiros para si mesmos, mas não verdadeiros em algumas coisas para todos os outros. Estais todos dotados, vós que viveis na terra, de razão. É um sentido que é comum à humanidade e, podeis estar certos, se em qualquer altura a

embrulhardes num lenço, tornando-a inútil, ireis arrepender-vos. É-vos dada pelo Deus da vossa natureza para vosso uso, não para que a sepulteis, mas para que a useis. O Deus do vosso próprio ser declara-vos que deveis usar os vossos próprios poderes distintivos, e nunca os de outro.

É bom trocar inteligência, mas nunca é bom mendigá-la. Uma troca de pensamento resulta sempre em bem para ambas as partes; mas uma regra arbitrária toda a alma ignora. Eu não tenho o direito de impor qualquer verdade particular sobre vós, porque é assim, porque é uma verdade para mim. Ora, algo na natureza de cada um de vós erguer-se-á em rebelião. Isto que sempre se ergue é a sentinela sempre vigilante que o grande Deus colocou dentro do vosso ser, ali colocada para vos guardar, para vos avisar do perigo.

Portanto permiti-nos aconselhar-vos a pesar cuidadosamente na balança da vossa própria razão tudo o que vos chega. Ao mesmo tempo não aceiteis nada que não possais compreender, não aceiteis nada, nem mesmo se vier de um Jesus de Nazaré. Embora possais estar certos de que vem dessa fonte, não o aceiteis, a menos que haja algo dentro de vós que vos diga que é verdade. E depois não suponhais que não podeis ensinar os habitantes desse mundo desconhecido, pois digo-vos que podeis. Não suponhais que eles se encontram totalmente na atitude de professores, pois digo-vos que não. Muitos milhares vêm constantemente para a vossa esfera mental, para se curvarem aos pés da vossa inteligência, para aprenderem convosco. Lembrai-vos disto.

Quando uma vez sentirdes que isto é uma verdade, sentireis que uma responsabilidade repousa sobre vós. Ora muitos de vós procuram lançá-la sobre os ombros do mundo dos anjos, mas uma porção muito grande repousa sobre vós. Oh, vós mortais, cuidai para que sejais bons e fiéis professores para os vossos amigos espíritos; então vireis a ter uma melhor compreensão, não apenas convosco mesmos, mas com eles; e em vez de perpetuamente os acusardes de falsidade para convosco, sereis capazes de perceber a real verdade, e também o

caminho certo para o céu. Isto todos vós estais fervorosamente a procurar, mas estais a procurar pelo caminho errado. Estais a procurar ir para o céu por uma luz estranha, que pertence a alguma outra pessoa. Voltai-vos para dentro; há aí uma luz, chamada razão, que vos guiará a um porto de sabedoria. Confiai nela, pois ela ser-vos-á sempre fiel. Podeis sofrer às vezes por confiar nela, mas mesmo pelo sofrimento ganhareis essas experiências de que tendes talvez vasta necessidade.

P. — Por W. R. Hill, de Detroit: Por que razão são algumas pessoas ladrões naturais, outras mentirosos naturais, etc., que tiveram aparentemente a melhor educação por pais piedosos?

R. — Estes corpos físicos, estas organizações humanas, não passam de máquinas sobre as quais o espírito está perpetuamente a tocar e através das quais, no que respeita a esta esfera, ele se manifesta. Ora a manifestação depende da organização da máquina. O espírito, a parte interna de tudo, é harmonioso, perfeito. Não pensaríeis em afirmar que não há tal coisa como harmonia só porque a máquina através da qual ela apela às vossas vidas externas é imperfeita. Oh não; não pensaríeis em ignorar a música porque o instrumento a partir do qual ela é produzida é imperfeito. Mas quando estes instrumentos humanos estão desafinados, chamais ao homem ou mulher real o ladrão, a prostituta, ou o mentiroso. Isto é errado.

O homem real, a mulher real, é perfeito, aos olhos do Grande Pai de Todos, sempre. A máquina é um fruto da terra, portanto deve ser correspondentemente imperfeita, deve corresponder às condições da terra. Portanto é que na vida terrestre alguns acontecem ser mentirosos e ladrões, e que outros acontecem ser, felizmente, verdadeiros, honestos, harmoniosos. Estes corpos externos são o resultado de exterioridades, são o resultado agregado de circunstâncias humanas. À medida que aprenderdes os vossos deveres para com estas máquinas, voltareis a vossa atenção para o seu cultivo, como a voltais agora para os animais de carga, para os frutos. O florista pode dar-vos os espécimes mais gloriosos da sua arte; o arquiteto pode dar-vos os

resultados mais belos do seu cérebro criativo em pedra e madeira. A Natureza está sempre pronta a assistir os seus filhos em qualquer e em todos os seus departamentos. O pintor pode dar-vos, poderemos dizer, um retrato divino da vida interior de um indivíduo.

E para todas estas várias exterioridades tendes voltado a vossa atenção, deixando a Natureza, como tendes dito, e Deus, cuidarem destes vossos corpos, quando é vosso dever fazê-los o que quereríeis que fossem. É mais difícil organizar em harmonia uma destas gloriosas máquinas do que dar cor e forma à flor, e sabor ao fruto? Devemos responder à nossa própria pergunta. Não, certamente que não. Tendes-vos equivocado no vosso dever. Faltastes em ver o Deus da vossa própria natureza, embora ele tenha estado a bater à porta dos vossos corações durante tanto tempo. Esforçai-vos por vos harmonizardes a vós mesmos. Fazei isto, e haverá menos mentirosos, quer aqui quer no mundo dos espíritos.

É verdade que há tais na vida espiritual. Por exemplo, se uma organização está adaptada ao dizer de falsidades, ao falsificar das coisas, essa esfera particular de ação será impressa, gravada em linhas profundas sobre o espírito. Assim, pois, o espírito carrega essa impressão para o mundo dos espíritos. Assim, pois, eles devem sobreviver-lhe. Se fizerdes uma incisão este ano no tronco de uma árvore, um ano ou dois anos não a apagarão; não, deveis esperar por uma série distinta de ciclos, que pertencem ao crescimento da árvore, para virem ao redor, antes que a marca seja obliterada.

Ora esperais menos da vida humana, quando estas coisas são gravadas sobre o espírito por uma lei natural e divina, também? Esperais que um sopro as vá afastar? Oh, voltai a vossa atenção para uma reforma na vida humana. Aí reside o vosso dever. Então, os mentirosos tornar-se-ão extintos, ou viverão apenas na lembrança. Estas coisas que agora vos incomodam, e que soam tão áspera, tão rudemente sobre o vosso espírito sensível, irão uma após outra desaparecer. Então, trazei para o campo de batalha todos os vossos próprios talentos, toda a vossa própria sabedoria, e não confieis mais naquilo que está fora de vós mesmos.

P. — Se os espíritos controlam em alguns casos particulares, por que não é justo presumir que eles governam todas as nossas ações nesta vida?

R. — Se o sol primaveril e as chuvas controlam a manifestação da primavera, por que não é justo supor que estas mesmas condições possam controlar no verão, no outono e no inverno? Porque uma coisa é uma verdade para vós, como uma inteligência distintiva hoje, é razoável supor que permanecerá sempre tal para vós? Não. Porque eu guio os vossos passos numa coisa, é justo supor que o vou fazer sempre? Não, certamente que não, porque os vossos amigos espíritos num momento vos avisam de um perigo, é justo supor que eles sempre podem ou vão fazer isto? Não, certamente, não é justo, nem é razoável.

P. — É a humanidade responsável perante qualquer coisa, ou qualquer pessoa, fora de si mesma, no que se refere ao nosso futuro?

R. — Não, certamente que não. No que respeita à vossa comunicação uns com os outros, sois, acredito eu, responsáveis uns perante os outros pela existência. Se dizeis uma palavra áspera, ou fazeis um ato indelicado a qualquer das vossas criaturas semelhantes, sois responsáveis pelo resultado dessa palavra ou ato indelicado. Se ensinais aos vossos semelhantes aquilo que resulta na sua infelicidade, ou talvez assim chamada destruição, então sois responsáveis por isso. A força, ou vida do ato, regressa a vós mesmos e alimenta-se da vossa própria vida, até que tenhais pago até ao último centavo por isso. Não fazeis assim chamados passos em falso na Natureza pelos quais não pagueis. A Natureza é muito exata em todas as suas transações com todas as suas criações. A lei da compensação é extremamente ativa. Nunca houve um tempo em que não o fosse.

P. — Quais são as vistas quer de Thomas Jefferson, Henry Clay, George Washington ou Abraham Lincoln sobre o sufrágio negro?

R. — O vosso orador acredita que eles estão todos como um só homem a favor do sufrágio negro, sabendo que é correto.

P. — Irá a pestilência que afeta pessoas e gado em Inglaterra chegar também aos Estados Unidos este ano, ou escaparemos à praga no gado e nos homens?

R. — Não vemos razão para que devais sofrer em qualquer grande medida dessa calamidade.

P. — Por T. J. L.: Não podem os espíritos das pessoas representadas no Antigo e no Novo Testamento manifestar-se através de médiuns total ou parcialmente desenvolvidos, tão prontamente como qualquer espírito que tenha recentemente deixado a forma?

R. — Eles têm necessidade de condições perfeitas, como qualquer outro espírito tem; mas caso eles viessem declarando-se ser Paulo, ou Lucas, ou João, ou Mateus, supondes vós que os reconheceríeis pelos relatos que tendes deles na Sagrada Escritura? Em verdade, dizemos-vos, não reconheceríeis.

P. — Por W. C. B., de Lansing, Mich.: Se Jesus e os seus apóstolos eram médiuns espiritualistas altamente desenvolvidos, e o desenvolvimento progressivo for verdadeiro, por que razão não continuou o Espiritualismo a aumentar e a espalhar-se, e a ser tão familiar ao povo em geral durante os últimos dezanove séculos, como no presente momento? Não existia o desejo tão fortemente durante todo esse tempo por parte dos espíritos de dar, e dos seus amigos na forma de receber comunicações deles como agora, e se assim é, por

que razão não lhes foi permitido fazê-lo, ou fizeram-no eles, e o registo disso perdeu-se para nós no dia de hoje?

R. — Nunca houve um tempo desde o despontar da inteligência em que os assim chamados espíritos desencarnados não tenham regressado e mantido comunhão com os amigos terrestres. Notai-nos, nunca houve um tempo em que esta inspiração especial fosse retida. No presente estais a receber um grande afluxo de luz espiritual — e porquê? Porque vós próprios estais mais prontos para a receber, e porque a terra está numa condição de gerar essa vida atmosférica que é absolutamente necessária à manifestação do espírito. Ao vir até vós que habitais a vida física, é absolutamente necessário que as condições atmosféricas sejam, até um certo ponto, espiritualmente rarefeitas, se assim nos podemos expressar. Isto não poderia ter tido lugar em tão grande medida em qualquer outro momento da existência da terra como agora; em todo o caso, de que tenhamos registo.

Contudo, tem havido sempre tempos e estações em que os espíritos dos falecidos têm feito grandes esforços para superar estas condições atmosféricas, e estabelecer perfeita comunicação com os amigos da terra. Mas em todos estes tempos, e sob todas estas circunstâncias, estas inteligências sombrias têm vindo entre vós, têm falado com as vossas vidas interiores, têm-se amiúde manifestado às vossas vidas externas, têm estado convosco, não longe de vós. O Espiritualismo não é um filho do dia de hoje, mas de toda a eternidade. 29 de Jan.

P. — Por W. W.: Estando consciente da sabedoria superior da inteligência invisível que responde a perguntas nos vossos Círculos, há muito que tenho um forte desejo de submeter à sua inspeção uma especulação minha. Acredito que muito da Bíblia foi ditado pela mais elevada sabedoria de que temos qualquer conhecimento, e que passagens tais como a seguinte têm um significado até agora pouco sonhado — que «Satanás é o Príncipe e poder do ar», e que «virá o tempo em que os animais terão perdido a sua ferocidade». Isto será

efetuado naturalmente; e não poderá ser que o mal no homem faça com que as suas emanações infetem o ar, e assim a água, a vegetação e tudo o que vai sustentar toda a vida inferior, criando assim neles as suas naturezas cruéis? E que, à medida que o homem for gradualmente tornando-se regenerado e difundindo melhor magnetismo, não poderão o leão e o basilisco ser regenerados com ele? E se houver alguns cujas naturezas não se possam dobrar, que esses se irão extinguir, como o mastodonte e outros? Também, que trovões, furacões, etc., têm a mesma origem? Se tal for a verdade, quão grande é a responsabilidade do homem!

R. — Os átomos que compõem os vossos corpos externos estão intimamente relacionados com cada outro átomo. Não importa onde esse átomo tenha um lugar de descanso — quer neste continente quer além dos mares. Vós estais fisicamente relacionados com o universo da vida física. Estais vinculados ao reino vegetal, ao animal e ao reino mineral; e estais vinculados ao reino espiritual. Ora, pois, sendo isto verdade, tudo o que está fora de vós afeta-vos, e é afetado por vós. Estando relacionados tão intimamente com tudo o que existe, quer nas vossas vidas interiores quer exteriores, deve haver um reconhecimento mútuo entre vós. Assim, pois, a planta é afetada por vós, e vós sois afetados pela planta.

Os mundos em rotação sois afetados por eles e, por sua vez, eles são afetados por vós. Cada pensamento que vai através do espaço não para no seu curso, até ter afetado todas as mentes e toda a matéria. Esta é uma verdade não tão vaga mas que a possais compreender em toda a sua verdade e sublimidade. Seria errado supor que os homens eram inteiramente culpados por todas as manifestações externas da Natureza. Não, isto não é assim. Nós não imputamos isto a eles; pois tão certo como o fizermos, isso regressará a nós mesmos. Saúda o trovão os vossos sentidos; varre o tornado a vossa terra; sois vós culpados?

Não, certamente que não. Estas são fortes manifestações da Natureza, nascidas, com certeza, em parte da vossa vida, mas vós não

tendes controlo sobre o seu nascimento, nem sobre a sua manifestação. Vós não passam de um átomo no grande universo da mente e da matéria. Vós auxiliais na realização da lei divina e natural, mas mais frequentemente auxiliais inconscientemente do que conscientemente. Voltai as páginas da vida, folha por folha, e aprendereis que o homem não é culpado. É verdade, ele é até certo ponto responsável pelos seus atos conscientes — aqueles que pertencem à sua consciência externa. Por estes ele será responsabilizado. Mas por todas estas manifestações externas ele não será responsabilizado. 30 de Jan.

PERG. — Por G. B.: Há algum tempo foi anunciado aqui por um espírito pretendendo ser Thomas Paine, o autor de «A Era da Razão», «Senso Comum», etc., que ele escreveu as famosas Cartas de Júnio. Desde a sua publicação, a autoria destas Cartas de âmbito mundial tem sido uma questão fortemente debatida; e hoje não se sabe positivamente a cuja pena mordaz elas devem ser atribuídas. Se Thomas Paine as escreveu, é-lhe possível agora dar evidência ou prova inconfundível desse facto? E fará ele o favor de o fazer?

RESP. — Há muitas coisas que devem permanecer não demonstradas para vós mortais, e esta pode ser uma delas. Somos informados de que o espírito em questão ditou realmente as cartas referidas. Mas se fomos bem informados ou não, não o podemos dizer. Podemos apenas formar uma opinião, julgando pelas circunstâncias do caso, como formamos opiniões relativamente a outros assuntos. Vós viveis vidas de circunstâncias, todos vós. Alguns de vós não sabem positivamente que um lugar como Londres, em Inglaterra, realmente exista. «Oh», mas dizeis vós, «nós sabemo-lo.» Estivestes lá? «Não.» Então não sabeis: apenas vos foi dito por aqueles que lá estiveram. Isto não é conhecimento; é apenas crença fundada em evidência de circunstâncias.

Ora devíeis pesar, e medir, e criticar cuidadosamente todos os ditos que emanam do mundo que é invisível para vós. Esta é a vossa parte do trabalho, e não é de modo algum um trabalho que se provará inútil para vós, se lidardes com ele verdadeira e justamente; pois cada pedra que voltais torna-se para vós uma gema de valor incalculável. Todo o conhecimento que atingis por trabalho árduo e fervoroso é de valor para vós. Aquilo que vos chega sem trabalho é de pouco valor — talvez de nenhum; portanto é que os anjos não escancaram a porta que está dobrada entre os dois mundos, e vos mandam entrar nas cenas espirituais de imediato. Eles regressam, auxiliando-vos apenas na medida em que precisais de auxílio.

Comparai os pensamentos, a vida interior deste sujeito em questão com aquilo que é acreditado, positivamente acreditado ter sido as efusões interiores de Thomas Paine; vede o quanto são parecidos; descobri se o mesmo espírito perpassa ambos. Se puderdes apurar isto para vossa própria satisfação, então isso é suficiente. Mas vós questionais: Talvez nos possamos satisfazer com aquilo que está errado? Muito verdade; mas virá um tempo em que, no processo de revelações naturais, aprendereis que estais no erro, e pela lei natural do progresso — que vos acolhe a todos — deixareis esse erro, e tomareis algo menos errado. Passo a passo progredis; a página do grande volume é voltada.

Mas vós quereríeis saber, sem dúvida, se isto que vos dissemos é verdade. Para nós é verdade; para vós não é totalmente verdade, porque estais em dúvida. Assim, pois, esforçai-vos por lavar a vossa dúvida pela vossa procura. Nós não o podemos fazer por vós, porque seria inútil para vós. Deveis fazê-lo por vós mesmos. 1 de Fev.

P. — Por S. C., de Pontiac, Michigan: «Dudley Waller, um jovem de cerca de dez anos de idade, deu, em duas ocasiões, recitações na nossa terra, e os seus poderes de declamação espantaram muitos, se não todos os que o ouviram. Aparentemente com a maior facilidade e

naturalidade, o seu estilo de elocução ultrapassa em muito o do orador mais acabado. É dito que o seu poder de memorizar é igualmente grande. Podem os espíritos no círculo informar-nos a respeito dos poderes extraordinários que ele parece possuir?»

R. — A partir da declaração do seu correspondente, deveríamos dizer que o jovem tinha o que se pode chamar poderes extraordinários próprios e, em conjunção com estes, ele é talvez às vezes influenciado por inteligências externas. Levando estas coisas em consideração, não é de admirar que as manifestações sejam o que são.

P. — Por B. F. S., de Shelbyville, Ky.: Se o nosso amor for puro, genuíno e espiritual, não deve ele necessariamente ser mútuo?

R. — Não, nós não o entendemos assim. Há muitos tipos de amor. A mãe pode amar o seu filho intensamente, devotadamente, com todo aquele amor que é tão peculiar à mãe, e contudo o filho pode não responder a ele. O filho pode ser caprichoso, e virar-se desse amor de mãe e pisá-lo sob os seus pés. Mas o amor da mãe pode permanecer o mesmo — perfeito, santo e verdadeiro. Assim é com todos os outros tipos de amor.

P. — Pelo mesmo: Embora o nosso amor seja tão forte que nos force a sacrificar riqueza, honra e até a vida por ele, não podemos assumir que é um amor falso, espúrio, a menos que seja mútuo?

R. — Não, certamente que não.

5 de Fev.

PERG. — Por J. Edson, de Ryegate, Vt.: Mudam os habitantes do mundo dos espíritos as suas ideias ou teorias no seu progresso em conhecimento e sabedoria? Descartam eles alguma vez erros que foram outrora supostos ser verdades?

RESP. — Certamente que sim. Como a infância muda para a virilidade e a velhice, assim o espírito muda as suas vistas. Não importa onde esteja. Vós não sois, nem mesmo em pensamento, hoje, o que éreis ontem, ou no dia antes desse. O grande carro do Progresso está a rolar-vos a todos para a frente, quer queirais quer não. Mas é absolutamente inútil dizer que ides ficar parados, pois não podeis. A marcha da mente é para a frente, para sempre para a frente. Podeis estender os vossos braços débeis e esperar que os universos fiquem parados, mas tudo em vão. Assim é com um único pensamento. Não pode parar. O seu progresso é para a frente, para a frente para sempre. Lentamente passa do presente para o futuro. Uma a uma as vossas imperfeições são largadas, e vós tornais-vos mais e mais perfeitos. A grande oficina do Pai é um lugar ocupado, e os trabalhadores não estão ociosos, nenhum deles.

P. — Pelo mesmo: Descobrem esses espíritos qualquer nova verdade, ou descobrem qualquer erro naquilo que era suposto ser verdade? Encontram esses espíritos avançados ou progressivos qualquer oposição daqueles no mundo dos espíritos que não progrediram para o mesmo plano?

R. — Aquilo que não vale a pena opor, vale muito pouco. O vosso Espiritualismo valeria muito pouco, se não valesse a pena opor-lhe. Se não tivesse oponentes, diríamos que era de pouco valor. Sim, cada assim chamada nova ideia que toma o seu lugar no palco de ação encontra oposição. Em si mesma ela combate pelo seu lugar na vida e, porque o faz, somos levados a supor que há algo com que combater. Ora, como estais todos materialmente, bem como espiritualmente, agregados de modo diferente, vós todos pensareis de modo diferente. Eu posso não pensar como vós pensais; vós podeis não ter as mesmas opiniões que eu tenho; e assim sucessivamente, através de toda a vasta massa que faz a vida humana. Todos pensam de modo diferente.

Há algumas mentes de tal modo constituídas que estão determinadas a que as suas naturezas positivas estejam na ascendência; mas mesmo estas mentes encontram às vezes um poder pelo qual são combatidas com sucesso. Estes oponentes são os combatentes de toda a vida. Encontramo-los no mundo teológico, destacando-se como os oponentes de todos os professores teológicos, que procuram impor as suas ideias sobre os seus ouvintes. Eles não vos asseguram apenas que é uma verdade para eles, mas que deve também tornar-se uma verdade para vós. Em virtude da sua organização, a sua natureza positiva tornou-se parte e parcela do seu ser.

Portanto eles atuam-na. Tudo, desde o átomo mais baixo no mundo material, está sujeito a oposição. É esse poder que produz movimento. Sem ele haveria silêncio no mundo mental bem como no material. É a oposição que cunha novas ideias, vos dá novos pensamentos, novas teorias. É a oposição que faz a mente brilhante. A oposição faz os vossos vários Deuses o que eles são — perfeições divinas do vosso próprio ser. Todos adoram aquilo que é o seu ideal mais elevado; e vós não podeis adorar outro. Este é um Deus que declara a cada alma: Tu te curvarás e me adorarás a mim sós. Vós não podeis adorar o Deus pagão. O Deus Ortodoxo não é o Deus Universalista, nem o Deus do Metodista o Deus do Espiritista. Todos estes vários Deuses estão constantemente a opor-se uns aos outros. Graças sejam dadas ao Grande Poder Eterno, a vida não seria vida não fosse pela oposição.

P. — Pelo mesmo: Haverá eternamente novas verdades a vir à vista? Há algum ponto de paragem para a Verdade Divina?

R. — Não conhecemos nenhum. Novas verdades, verdades que são novas para as vossas naturezas externas, estão constantemente a vir à superfície. Contudo toda a verdade é tão antiga quanto a eternidade, como tínhamos observado antes.

P. — Da assistência: Nega o Espiritualismo ensinado aqui que Jesus não é o Cristo, o Filho do Deus vivo, predito por todos os profetas e videntes do mundo antigo, fazendo dele nada mais do que um homem como nós próprios, ou um professor divino?

R. — O Espiritualismo não se propõe ensinar sobre este homem, Jesus. Os Espiritualistas, como todo o resto do mundo cristão, estão perpetuamente a pedir para saber algo deste homem. Alguns pensam que ele era possuidor apenas de atributos humanos, não tendo mais divindade do que outros têm. Para nós ele foi o sublime representante do Grande Eu Sou; um desdobramento perfeito da vida humana e divina. A luz que tem brilhado através dos misticismos ténues das eras. Essa luz da verdade que foi dada através deste homem, Jesus, nunca pode morrer. É boa para mim, para vós, boa para toda a eternidade. Nós reverenciamos tudo o que é digno de ser reverenciado. Voltamo-nos para este homem, Jesus, como um exemplo sublime de vida humana; de benevolência; de santa confiança e santa fé nas obras do Pai.

Nisso ele é um professor, um líder, um salvador. Do que mais precisamos? Não é do corpo que cuidamos, ou que procuramos saber. É dessa santa centelha de verdade que comanda o corpo, que dá vida e ação a estas ideias, a este homem Jesus, esta pessoa santa. Ele, sem dúvida, foi selecionado muitos, muitos séculos antes de tomar a sua posição no palco de ação. Sendo isto assim, os vossos profetas, videntes, clarividentes dos tempos antigos foram capazes de saber da sua vinda. Portanto eles profetizaram, e as suas profecias foram transmitidas de era em era, ao povo da terra. Isto deveria provar-vos a verdade da profecia, o sublime poder da clarividência. Deveria provar mais do que isto para vós: que o humano e o divino estão vinculados; e por quem? O Grande Juiz Eterno, perante quem vós e eu somos responsáveis.

P. — O que há para nos impedir de fazer exatamente o que nos apraz na terra, se todos havemos de ser salvos e igualmente felizes no fim? Que incentivo há para ser bom?

R. — Se ides ser atraídos ou tentados para a bondade, como as crianças são tentadas pela promessa de brinquedos, então a vossa bondade é sem mérito. Devíeis todos procurar ser bons pelo amor à bondade — não por causa da recompensa. Devíeis lembrar-vos de que estais a viver no meio de forças sobre as quais tendes pouco ou nenhum controlo. Devíeis lembrar-vos de que, mesmo no meio dessas forças severas, estais sempre possuídos da vossa individualidade. Portanto é que, dentro do círculo da vossa própria individualidade, reside a vossa capacidade. Sois responsáveis perante o Deus que habita dentro do vosso ser. Esse sublime Criador vincula-vos a todas as forças externas, e aos Poderes Celestiais. Perante isso sois responsáveis. Isso constitui a medida em que sois um agente livre.

O seu correspondente pergunta: Que incentivo temos para a bondade se todos havemos de ser igualmente felizes no fim? Notai-nos: os Poderes, terrestres e celestiais, nos quais viveis e pelos quais vos moveis, estão todos a forçar-vos à ação; e, quer queirais quer não, deveis prestar obediência ao Deus do vosso ser. Não podeis fazer de outro modo, pois as suas leis não são para ser quebradas. Oh! pobre, débil vida! esperas tu quebrar as leis de Deus? esperas infringir até o menor ponto das leis de Deus? Deveis realizar as vossas vidas interiores no mundo externo. Quando as forças batem fortemente à porta das vossas vidas interiores, essa vida interior, acreditai em nós, responderá. Não pode fazer de outro modo. 6 de Fev.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Estamos prontos para considerar quaisquer perguntas que tenhais para apresentar.

PERG. — Por um correspondente de Elmira, N. Y.: Pode explicar-nos por que razão é que espíritos afirmando ser os nossos

mais verdadeiros e queridos amigos fazem frequentemente declarações que são inteiramente falsas?

RESP. — Presumindo que seja porque aqueles que afirmam ser os vossos mais próximos e queridos amigos são falíveis — dizemos presumindo que este seja o caso —, assim o determinaremos. Esqueceis que os habitantes do invisível, ou assim chamado mundo dos espíritos, não passam, como vós próprios, de fracos e falíveis. Esqueceis que eles às vezes erram no julgamento, como vós, e frequentemente, portanto, são tão suscetíveis de vos induzir em erro como de vos guiar com retidão, particularmente nas coisas deste mundo. Provavelmente nem um em cada dez dos que são acusados de lidar deslealmente com aqueles com quem comunicam o faz por motivos não santos. Preferiríamos lidar com eles com caridade do que de outro modo, sabendo que têm muitos obstáculos a superar para chegar até vós e manter comunhão convosco. Devíeis considerar tudo isto; pesar e medir todos os pontos deste caso como faríeis em qualquer outro caso, dando a mesma indulgência aos vossos amigos invisíveis que daríeis a um que está na carne.

P. — Reconhece o espírito que controla no movimento Feniano que ele é para a libertação da Irlanda do controlo de Inglaterra? Ou tem um objeto ulterior?

R. — O movimento Feniano tem, acreditamos nós, três objetos distintos em vista. Um é a libertação da Irlanda do domínio britânico; outro, o estabelecimento de um padrão universal da Fé Católica Romana; e outro — não poderemos falar desse hoje, pois o tempo e a estação não estão ainda maduros para o seu desdobramento.

P. — Por F. M. C.: Pode dar-nos uma cura para a loucura?

R. — Há muitos tipos de loucura. Portanto o que possuiria propriedades curativas num caso poderia não possuir para outro. As

pessoas são às vezes tornadas loucas por causas espirituais, às vezes por causas físicas. A fim de declarar o que, na nossa opinião, produziria uma cura, devemos saber algo do caso especial com que estamos a lidar. 12 de Fev.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Propomo-nos agora responder a quaisquer interpelações que tenhais para propor.

PRESIDENTE. — Não tenho nenhuma.

ESPÍRITO. — Consideraremos então, em breve, uma que foi recebida por nós, embora não pelo modo habitual. É esta: O que é a perfeição da vida? E ainda mais além, qual é o poder pelo qual toda a vida é tornada perfeita?

R. — Há tantos graus diferentes de perfeição quantas as fontes a partir das quais aperfeiçoar. A perfeição não implica um lugar de descanso, uma cessação de ação, uma suspensão de todas as faculdades da alma, de modo algum. Contudo há alguns que supõem que a perfeição é definida deste modo. O nosso correspondente professa acreditar num estado absoluto de perfeição para alguma da família humana; e no seu documento para nós ele expressa-se assim. Diz ele: «Acredito que uma certa porção da família humana está de tal modo constituída que nunca pode obter perfeição absoluta.» E contudo, no início da sua teoria ele derruba-se a si mesmo, pois pergunta por que poder há toda a vida de ser aperfeiçoada?

Ora, aqui ele, como muitos outros teólogos, é extremamente coxo. Para voltar ao nosso ponto de partida, afirmamos novamente que há tantos graus de perfeição quantas as fontes a ser aperfeiçoadas, das quais a perfeição flui. Hoje alguns indivíduos podem considerar que são perfeitamente felizes. Não conseguem conceber nada que se acrescentasse à sua felicidade. Conhecemos alguns que estão neste

estado, particularmente no lado sombrio da vida — (sombrio para vós; não assim para nós). Eles sentem que o seu céu é absoluto, perfeito.

Estão satisfeitos; mas muito em breve percebem que não estão isentos da lei da mudança. O que eles são hoje não o podem por qualquer possibilidade ser amanhã. O estado perfeito de felicidade que é tal para eles hoje não pode ser tal para eles amanhã. Deve haver alguma mudança, mesmo que seja tão diminuta que o possuidor a não possa descobrir; contudo ela ocorre, pois a mudança deve vir.

Os Cristãos afirmam que o seu Salvador levou uma vida perfeita e santa. Mas essa mesma vida perfeita e santa avançou, prosseguiu; e a perfeição que lhe pertencia há dezoito séculos não é a que lhe pertence hoje. Está sempre em marcha, nunca fica parada. Cada indivíduo possui uma certa quantidade de perfeição. Em certas vias da vida eles estão especialmente aperfeiçoados. Um Webster, no que à inteligência diz respeito, era muito perfeito. Moralmente ele era extremamente imperfeito. A sua moralidade muitas vezes esteve num nível muito baixo, enquanto intelectualmente ele se erguia à altura das montanhas.

Ora, com toda a vasta variedade de graus de perfeição apresentados diante de nós, é absolutamente impossível erguer qualquer padrão geral sobre o qual erguer um símbolo de perfeição, nem vós o podeis. Todas as vidas são perfeitas em relação às suas fontes. Sem dúvida o nosso interrogador perguntará: Não brotámos todos da mesma fonte? Sim, absolutamente; mas materialmente, no que respeita às vossas vidas externas, elas brotaram de fontes muito diferentes. Cada um é diferente de todos os outros. Assim, todos estes graus de perfeição são apenas graus relativos, e eles destacam-se diante da vida humana para a crítica humana. O homem de letras que se considera o erudito perfeito está também aberto à crítica, como o está o ignorante. Isto mostra que a sua perfeição é tal apenas para ele. Ele pode lê-la e compreendê-la. Ele pode apreciá-la a si mesmo. Alguns poucos na vida externa podem fazê-lo; mas há alguns que a irão criticar e destronar.

Os Judeus não veem perfeição em Jesus, o Cristo, enquanto os Cristãos se curvam reverentemente diante do santuário da sua assim chamada perfeição. Mas onde a fonte de todos estes vários graus de perfeição? Onde a nascente? Respondemos: onde toda a vida está. Está na terra, nos céus, está em toda a parte. E este maravilhoso e perfeito poder é o nosso Deus. Nós adoramo-lo. Vemo-lo na beleza da flor. Ouvimo-lo nos murmúrios do oceano, e no canto do pássaro selvagem. Para nós está em toda a parte; mas mais bela e perfeitamente para a nossa consciência, quando expresso através da vida humana. 13 de Fev.

PERG. — Por E. M. B., de Albion, Mich. Paulo diz em Gálatas 1: 8:

«Ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro Evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema.»

Como há de este versículo ser harmonizado com o Espiritualismo?

RESP. — Há muitas expressões externas que no externo são irreconciliáveis, enquanto no interno há harmonia. Paulo carregou consigo para o seu Cristianismo muitas das rusticidades e absurdos da sua religião anterior. Ora, é um facto bem conhecido que ele era muito zeloso, pelo menos no que respeita à sua religião. Ele não procurou apenas forçar as suas vistas sobre alguns, mas sobre todos. Sentia sem dúvida dentro de si que estava certo, que tinha encontrado a verdadeira religião, tinha atingido a perfeição, nesse aspeto. E assim diz ele, ou o registo assim o afirma: Se alguém vier a vós pregando qualquer outra religião que não a minha — ele bem podia ter dito isto —, seja anátema, não é a verdadeira religião, não é a voz de Deus.

Ora ele exibe claramente o espírito ditatorial, que estava sempre vivo na religião de onde ele tinha vindo, que ele não tinha superado inteiramente, nem nunca superou durante toda a sua vida natural; pois

se o seguirdes, percebereis que ele estava constantemente a fazer referência ao passado, constantemente a arrastar estes velhos absurdos para a sua nova religião. Ora, certamente não culpareis Paulo pelo que vós próprios estais a fazer. Vós que saístes da velha fé Ortodoxa, não tendes nenhuma nesga disso na vossa nova fé? Em verdade tendes. Podeis não supor que seja esse o caso, mas carregastes mais ou menos das coisas que pertencem à vossa velha para a vossa nova religião. O seu correspondente deseja saber como há este versículo de ser harmonizado com o Espiritualismo? Externamente não o podeis conciliar. Os dois estão em desacordo, porque Paulo fez referência direta a esse velho espírito de religião, ou ao espírito da religião de tempos mais antigos, de onde ele tinha nascido. Esse e o novo não podem habitar juntos. É como pôr vinho novo em odres velhos. E contudo, se vos derdes ao trabalho de ir além da superfície, de procurar as vidas interiores de todas estas incongruências, vereis que não há tanta desarmonia interna como o externo representa.

P. — Por Sra. L. Putnam, de Brattleboro, Vermont: Cura o novo modo de usar as máquinas elétricas sem dar choques mais doenças do que a medicina?

R. — Aquelas doenças que pertencem às forças elétricas do corpo humano são mais facilmente alcançadas, e mais rápida e eficazmente curadas, por este do que por qualquer outro método.

P. — Por C. E., de Oswego, N.Y.: Têm os espíritos, ao passar de uma esfera para outra, o mesmo medo ou pavor que nós temos da morte?

R. — Sim, têm, e contudo não deveria dizer o mesmo; mas têm um medo correspondente a ele. E esse medo advém do facto de não saberem o que reside no futuro. O presente é tudo o que a vida humana pode absolutamente reivindicar, e é o indefinido, a incerteza do futuro que os faz temê-lo. Se essa incerteza estivesse definida, o

medo não existiria. Mas é essa incerteza que acompanha o futuro que gera o medo.

Quando o primeiro navio a vapor cruzou o Atlântico — permiti-nos ilustrar —, não houve um único que embarcasse nele que não tivesse um certo medo vago de que a viagem pudesse não ser próspera. Não sabiam o que estava além deles. Era uma experiência e, como um disse, era como dar um salto no desconhecido.

Uma classe semelhante de medo perpassa o espírito quando ele sabe que está prestes a mudar de esferas de ação. Ele sabe o que há no presente, mas o que o futuro reserva ele não sabe. A separação de todos os laços, quer materiais, espirituais ou físicos, traz uma certa classe de aflição. A separação de laços físicos traz dor, miséria física. A separação de laços materiais traz desarmonia, confusão. A separação de laços espirituais traz desgosto, tristeza. Todos estes são naturais, e verdadeiros para as suas causas. Se este, ou estes vários estados não tivessem existência, então os vossos laços com o presente, em qualquer ou em todas as suas relações seriam sem valor, absolutamente sem valor, pois seriam tão fracos e impotentes que não seriam de utilidade; não vos serviriam. Se não houvesse medo, nem desgosto, teríeis muito pouca reivindicação sobre o presente, ou sobre a vida consciente de todo.

P. — Por «Frank», um correspondente do «Banner», que diz ter lido várias respostas do espírito que controla relativamente à vida de Jesus, por «A. Smyth». Os sermões são muito belos, e estão mais bem adaptados para fazer o bem do que aqueles dados no Registo Antigo. Mas o que mais o perturba é o relato dado de Saulo e Judas. Desempenharam eles o papel que são representados ter feito?

R. — Não estamos perfeitamente certos de que eles tenham desempenhado os papéis que ali estão estabelecidos, em cada pormenor. Contudo, julgando por eles próprios e pelas suas atuais

circunscrições particulares, somos levados a acreditar que eles seguiram nessa direção até certo ponto.

P. — Por B. F. C., Nova Iorque: Foi afirmado que dentro dos próximos cinco anos uma guerra tripla rebentaria neste país — uma guerra de raças, de partidos e de religiões. O resultado seria a nacionalização separada, no fim, dos negros, a dissolução do Governo, a formação de uma Democracia Teocrática, e a concessão de direitos políticos às mulheres. Os Espiritualistas e reformadores seriam, nesta nova crise, compelidos a pegar em armas em defesa própria, e o Catolicismo indicaria então ferozmente o que estava agora secretamente a planear realizar. Acha o espírito que controla que a profecia acima é correta, e irá ele informar-nos sobre qual é o nosso dever em relação ao povo de cor, política e religião acima referidos?

R. — É crença do vosso orador que estas profecias no essencial estão corretas. Alguns dos pormenores podem não ser tão corretos, mas no essencial estão corretas, acreditamos nós. Ora, quanto ao dever individual, esse é mais bem conhecido por cada indivíduo. Todos vós quereis liberdade. Há um amor inato dela em cada um de vós, assim o esperamos. Não acreditamos que haja um filho ou filha que tenha recebido inteligência por dote neste hemisfério que não ame a liberdade, que não sinta que a liberdade é uma necessidade absoluta do seu ser, que não pode viver sem ela.

Ora, se vós próprios sentis este desejo, não é justo estender essa liberdade à raça negra? Se desejais ir às urnas e depositar o vosso voto por um homem que acreditais ser verdadeiro, e que vos servirá bem, tendes qualquer direito de negar o mesmo privilégio aos negros? Não são eles filhos e filhas da inteligência, como vós sois? Quando puderdes provar que não o são, então podereis provar até às vossas próprias consciências que tendes o direito de lhes recusar o sufrágio. Eles têm direito aos mesmos privilégios do homem branco — nada mais. Vós exigis impostos deles. Vós reivindicais que eles adiram às vossas leis. Então as vossas leis devem estender o mesmo privilégio a

eles que é estendido ao homem branco. Se não o fizerem, então não há justiça nas vossas leis, nem mesmo a justiça comum da vida humana, para não dizer nada daquela que pertence a Deus. Acreditamos que o vosso dever para com eles é simplesmente o que quereríeis que eles fizessem por vós; nada mais, nada menos. O plano é muito simples; o caminho é muito direito, muito claro. Não precisais de errar nele. 19 de Fev.

PRESIDENTE. — M. P., de Damariscotta, Me., envia as seguintes perguntas ao nosso Círculo:

PERG. — O conferencista que falou sobre «A Ressurreição e o Mundo dos Espíritos» disse recentemente aos seus ouvintes «que um véu está lançado entre os mundos terrestre e celestial, de modo que os habitantes de qualquer dos mundos não podem ver os do outro». Como é isto? Quais são os factos?

RESP. — Estes nomes não passam de termos que significam diferentes estados de ser. O véu representado pelo orador não passa daquela incerteza que pende sempre diante do futuro. Os habitantes das esferas terrestres da mente — chamai-lhes isso, ou chamai a estas esferas qualquer outro nome —, os habitantes de qualquer esfera distintiva não podem ter um conhecimento perfeito ou uma compreensão clara relativamente aos habitantes de qualquer outra esfera, exceto se for o caso de terem passado por ela no seu curso ascendente. Tudo o que reside no futuro para vós é absolutamente incerto. Esta incerteza... ... no voto.

P. — Há uma grande classe de pessoas que estão inclinadas a ser céticas sobre todos os assuntos, e que irão vasculhar o mundo em busca de causas, reais ou imaginárias, que não espirituais, para explicar cada ocorrência extraordinária. Elas declaram que o fundo de conhecimento positivo não foi aumentado pelas assim chamadas manifestações espirituais — que o que tem sido dado ao mundo por

este meio ou já era conhecido antes, ou estava ao alcance fácil por outros meios. Ora, ocorreu-me que se alguma questão de ciência física, compreendida pelos antigos, mas confessadamente além do conhecimento atual do homem, pudesse ser satisfatoriamente resolvida pelos espíritos (pois não pode haver dúvida de que eles retêm o conhecimento), um argumento do poder mais convincente seria apresentado à classe de mentes pela qual todos devíamos ter a mais calorosa simpatia.

Tal questão é claramente apresentada no modo de construção dos velhos monumentos e templos egípcios. Algumas das pedras de que estes são construídos são de um tamanho tão enorme que são imóveis por quaisquer meios agora conhecidos. Não irá algum espírito dos tempos antigos explicar o método pelo qual estas vastas rochas foram movidas das suas pedreiras, trazidas para o local e içadas para os seus lugares? Seremos certamente capazes de compreender o método, se ele apenas for dado a conhecer; e, na medida em que é agora confessadamente desconhecido, prova direta será fornecida à mente mais material da ação de inteligências superiores.

R. — Oh, pobres mortais de curta vista! O seu interrogador parece supor que as crianças dos dias antigos, aqueles que habitavam a terra num período antigo, ainda retêm na memória ativa todas as cenas das suas vidas terrestres. Isto é um erro. Embora vós as retenhais, contudo elas não estão ativas. Como é convosco que habitais aqui na vida ativa? Lembrais-vos de todas as cenas da infância? De modo algum. É verdade, lembrar-vos-eis dos acontecimentos mais marcantes desse período, mas não é tão fácil criar atividade nos acontecimentos menores. Contudo, vós tem-nos sempre, e os meios adequados desenvolvê-los-ão para a vida ativa novamente. Não é o propósito daqueles que regressam de tempos a tempos a vós do mundo dos espíritos impor o que sabem ser verdade sobre vós na mortalidade, a menos que estejais prontos para receber as suas verdades.

O solo que não está pronto para a semente nunca pode germinar a semente; isso é impossível. Vós não plantais as vossas sementes no

inverno. Não; esperais até que o solo esteja pronto para a receber na primavera. Então colocai-la na terra. Então ela germina, surge e abençoa-vos. Quão imprudente seria para todos aqueles que regressam de tempos a tempos do mundo dos espíritos procurar impor as suas verdades sobre aqueles que não estão prontos para as receber. Ora, seria tempo perdido. Eles estão prontos para esperar até que o Grande Agricultor prepare o solo para eles; então podeis estar certos de que haverá muitos cultivadores que sairão a semear as sementes do Espiritualismo. No que respeita a estes blocos massivos de pedra, usados pelos velhos Egípcios na ereção dos seus monumentos, diríamos que é um facto bem conhecido que os antigos eram mais versados em algumas ciências do que vós o sois hoje. Vós falais das artes perdidas.

Elas não estão perdidas. Estão todas no coração da humanidade. Mais tarde ou mais cedo estareis prontos para as receber novamente. Mas nós dissemos antes que os antigos compreendiam algumas ciências que não são parte, na sua perfeição, das vossas vidas. Ora não poderá ser possível que os blocos ou pedras referidos tenham sido removidos em partes? Isto é, eles não eram inteiramente como são no presente momento, mas foram transportados para os locais onde agora se encontram em pequenas peças?

E não poderá ser que essas pedras fossem tão habilmente cimentadas juntas que não podeis detetar as juntas? Ora nós não damos isto como algo que possa ser, mas afirmamo-lo como sendo um facto; e como prova da sua verdade, tendes apenas de dissecar estas massas de pedras pelos vossos meios habituais de as quebrar, e elas apresentarão uma prova indiscutível ao nosso argumento. Se o nosso interrogador visitar estas pirâmides, ele pode facilmente satisfazer-se no assunto. Mas, dizeis vós, não nos será permitido fazer isso.

Oh, muito bem; talvez o Grande Espírito que governa a vós e a mim produza tudo a seu tempo. As estações vêm e vão em virtude da lei Divina. E assim cada pensamento, cada ideia, é eliminado do cérebro da inteligência, pela lei. Lembrai-vos também disto, e quando tomardes pleno conhecimento disso, não perguntareis por que razão

isto e aquilo não é feito, simplesmente para satisfazer os caprichos de alguns.

P. — Por que razão são as respostas dos espíritos às investigações fervorosas dos amigos tão vagas e insatisfatórias? Não podem eles dar-nos respostas mais explícitas?

R. — É muito suscetível de ser o caso de as próprias perguntas serem vagas e indistintas. Devíeis lembrar-vos de que não é a escrita nela contida que nós percebemos — são as ideias nela contidas. Se não há alma na escrita, o sujeito invisível que responde não pode claramente responder às vossas perguntas. Se queríeis ter respostas definidas, claras, ponde uma alma nas vossas perguntas. Então podeis estar certos de que obtereis respostas vivas, também. 26 de Fev.

PERG. — Por C. T., um correspondente: Quem tem mais influência e controlo do homem nas suas ações sobre a terra, aqueles na vida física ou aqueles que passaram para o estado espiritual?

RESP. — Às vezes a mente guardada na vida física está na ascendência neste assunto; às vezes a mente que passou além da vida física tem a ascendência. Depende muito das circunstâncias que acompanham o indivíduo.

ESPÍRITO. — Talvez seja bom ocupar alguns momentos do tempo a responder a uma pergunta que foi recebida por nós de uma alma que está a lutar fervorosamente para acreditar na filosofia e verdade do Espiritualismo, mas que, como muitas outras almas, está cercada pelas enormes muralhas das convencionalidades humanas. Se este mesmo filho recém-nascido do Espiritualismo fosse o ismo mais popular do dia, seria muito fácil para estas almas entrar no templo e adorar ali. Mas porque não acontece ser, no presente momento, os obstáculos que se encontram no caminho do seu progresso parecem ser numerosos.

O amigo deseja tornar-se esclarecido sobre o ponto de saber se o espírito pode ou não regressar da sua existência *post-mortem*, comunicando com amigos deixados na terra. E assim diz ele: «Se for uma verdade que almas desencarnadas regressam, respondendo a perguntas, e de outros modos manifestando-se a amigos, irá alguém responder a esta pergunta por mim, simplesmente para me deixar saber que fui ouvido por alguma inteligência individual?»

A pergunta era esta: Dizei-nos que objeto tinham os Egípcios ao erigir as suas pirâmides.

Esta mesma pergunta foi proposta de uma fonte diferente.

Há muitas opiniões relativamente a todas estas relíquias monumentais. Contudo, é a opinião do vosso orador hoje que estas pirâmides foram erigidas pelos Egípcios com uma vista especial à sua religião particular. É um facto bem conhecido que a astrologia e a astronomia — estas duas irmãs gémeas — formam a base da religião dos antigos. O sol, a lua e as estrelas eles divinizaram, e o norte, este, sul e oeste eram todos divindades particulares, cada uma proporcionando-lhes certas peculiaridades. O norte dava-lhes força, poder vital. O sul dava-lhes vida renovada, vida jovem. O este dava-lhes morte, destruição. O oeste dava-lhes às vezes morte, e às vezes vida. Estes monumentos acreditamos terem sido...

... muito possível que tenhamos chegado a uma conclusão errada, mas temos ainda de a compreender assim. Importa muito pouco, contudo, para que foram estes monumentos erigidos, para o povo da presente era. Eles são, tal como se encontram, monumentos vivos do passado, e nesse passado vós não viveis. Vós viveis no presente, pertenceis ao presente. Deveis atuar por e através do presente. É bom às vezes voltar atrás para aquilo que vos foi dado, mas não é bom

demorar demasiado tempo no passado. O presente precisa de toda a vossa atividade, quer mental quer física.

O dia de hoje precisa de vós, senão não estaríeis aqui. Assim dai, oh mortais, todas as vossas energias ao dia de hoje; e se fizerdes isso, o dia de hoje terá referência direta ao futuro. Esperamos fervorosamente que o nosso bom amigo que deseja acreditar no Espiritualismo, mas não se atreve a sair da escuridão para a luz, saia muito em breve dos seus entraves, sacuda os seus grilhões, deite fora as fraldas do passado, e adore o Deus do dia de hoje. Já há tempo suficiente ele louvou o Deus de outros dias, enquanto a voz do dia de hoje está constantemente a chamar por ele, como para todos os outros professores e vigias sobre as torres: «Adão, onde estás tu?» 27 de Fev.

PERG. — Os espíritos que comunicam neste círculo têm muitas vezes declarado que a alma humana teve uma existência eterna como uma individualidade separada. Ora, se todas as almas existiram desde sempre como partes separadas do Ser Supremo, e cada uma constituindo uma unidade indivisível em si mesma, como é isto conciliável com a teoria de que Deus é um ser indivisível, se ele é composto destas partes ou unidades?

RESP. — Aquilo que está dividido contra si mesmo não pode subsistir. Aquilo que está unido em todas as suas partes dura para sempre. É nossa crença que a alma — cada alma — tem uma individualidade perfeita, infinita e distinta, tem desde sempre uma existência. É também nossa crença que cada alma é parte da grande alma Infinita, um membro do grande corpo eterno. Não há divisão nesta maravilhosa vida da alma. Embora ela seja feita de muitas partes, contudo cada parte é uma necessidade — cada parte é perfeita em si mesma, e nunca pode por qualquer possibilidade ser dividida do todo.

P. — Pelo mesmo: Se estas almas individuais separadas existiram desde toda a eternidade, como partes da Divindade, pode Deus ser

qualquer outra coisa senão a agregação destas almas humanas separadas?

R. — Para nós, Deus é a agregação de toda a vida, de tudo o que foi, é, e alguma vez será; quer essa vida exista em almas, quer em flores, árvores, montanhas, vales, sóis e estrelas. Onde quer que a vida esteja, para nós ali está Deus.

P. — Ao desenterrar um corpo para remoção para outro lugar numa terra a uma curta distância de Boston — que tinha estado enterrado doze anos —, descobriram que se tinha transformado em pedra, mantendo a forma o seu tamanho original. Por favor explique a filosofia disto.

R. — Os poderes pelos quais este fenómeno foi produzido existiam no corpo, o cofre da alma, e na atmosfera e no solo. Estes três poderes combinando-se a si mesmos, deram o resultado acima aludido. Tem sido dito — e com verdade — que não há nada de absolutamente sólido no Universo. Pois na medida em que a grande lei química universal que existe em toda a parte, quando trazida a incidir sobre estes átomos agregados que compõem as formas, é capaz de os desintegrar a cada um, por mais sólidos que possam parecer ser, se fossem absolutamente sólidos, então esta lei não poderia ter efeito sobre eles. E, novamente, na atmosfera existe tudo o que é requisito para cristalizar formas, ou produzir aquilo a que chamais sólido, em toda e qualquer forma. 1 de Mar.

PERG. — Por T. Gibson, de Louisville: Se é possível, por que razão não dão os espíritos um relato pormenorizado de algum acontecimento notável no dia seguinte, através de médiuns em França, Inglaterra e Índia — por exemplo, o assassinato de Lincoln —, e desse modo fornecerem factos do poder dos espíritos que o mundo cético não possa refutar?

RESP. — Todas estas coisas foram feitas muitas, muitas vezes, e em muitos lugares; e contudo há céticos, como haverá sempre, como deve haver sempre, porque estais todos física, bem como espiritualmente, agregados de modo diferente. Abraham Lincoln não estava de modo algum despreparado para o seu assassinato. Abraham Lincoln esperava-o, porque tinha sido informado de que ele teria lugar por essas mesmas inteligências a quem o seu correspondente apela para saber por que razão não prefiguraram tal acontecimento. Nem sempre é melhor fazê-lo; mas às vezes pode ser melhor. Suponde que nós íamos desvendar, se tivéssemos poder, o futuro para vós. Tiraria isso o vosso ceticismo? Não; nem um ápice. Tornar-vos-ia melhores? Não. Mudar-vos-ia um iota? Não. Então qual a utilidade? Um agricultor sábio põe a semente no solo quando este está pronto para ela, nunca antes.

P. — Irá São Paulo dizer-nos, através deste espírito, se o que foi escrito sobre ter ele sido o meio de perseguições e crucificação de Cristo por causa do seu próprio poder e engrandecimento é verdadeiro ou falso?

R. — Lede e julgai por vós mesmos. São Paulo, sem dúvida, não considera que seja seu dever quer condenar-se quer absolver-se a si mesmo. Neste caso, os factos, se tais forem, estão diante de vós; vós tendes sentido comum, uma agregação de poderes de raciocínio. Se não os usardes, mais tarde ou mais cedo eles tornar-se-ão inúteis. Portanto, quando estas perguntas surgem, em vez de pedirdes a outra pessoa fora de vós mesmos para as analisar por vós, ide antes diligentemente trabalhar e resolvei vós mesmos o problema.

A asserção, quer na afirmativa quer na negativa, seria de pouca utilidade para vós, a menos que a resolvais vós mesmos. É absolutamente inútil para nós regressar impondo as nossas opiniões sobre vós. Vós tendes todos de gerar as vossas próprias, e por vós mesmos. Nós não somos padres, como esses que tendes nos vossos púlpitos, que declaram uma coisa ser assim-e-assado, e procuram

fazer com que outros acreditem nisso, também. Não; este não é o nosso método de ensino. Nós lançamos as nossas ideias, e deixamo-las para vós criticardes e analisardes.

P. — É possível para qualquer homem agora vivo fazer como a Bíblia diz que Jesus fez?

R. — A nossa mais elevada ideia de Divindade, conforme manifestada através da carne, e na verdade exibida através de Jesus o Nazareno, era simplesmente o espírito da Verdade vestido de uma vestimenta simples, mas, contudo, em vestes do céu. O seu interrogador pergunta se é possível para outros fazerem como ele fez. Ora, certamente; ele disse-vos isso; ele diz: mesmo coisas maiores do que eu faço vós podereis fazer. Ele não alegou que não era humano, bem como divino. Ele apenas alegou que transmitia o espírito da Verdade; era um instrumento nas mãos do seu Pai, cujo Pai era maior do que ele. Do mesmo modo nós o acreditamos.

P. — É um dever para qualquer homem agora vivo tentar fazer como Jesus é dito ter feito?

R. — Não em todas as coisas, certamente que não. Jesus viveu de acordo com a era em que viveu. Ele atuou em virtude das circunstâncias que o cercavam. Mas essas circunstâncias não são as vossas. Ora, se não estais cercados pelas mesmas circunstâncias em que Jesus estava cercado, não sois chamados a fazer exatamente como ele fez.

P. — É um dever tentar fazer como Jesus fez?

R. — Em muitas coisas é; mas não em todas.

P. — Visto que a Bíblia diz que Josué, ou Miguel, ou o que os Cristãos pensam o mesmo com Jesus, uma vez disputou com o diabo sobre o corpo de Moisés, e não se atreveu a trazer uma acusação injuriosa contra ele, mas apenas disse: «O Senhor te repreenda.» Ora não tenho eu o direito de dizer, com Josué, ou Miguel, ou Jesus: «O Senhor te repreenda», o que eu entendo significar o mesmo que «que sejas amaldiçoado», quando sou injustiçado, e insultado, e abusado, e roubado pelo meu inimigo?

R. — Esta passagem na assim chamada sagrada escritura teve a sua origem simplesmente num misticismo astrológico; um misticismo, porque aqueles que professavam acreditar nele não o compreendiam. Estes vários carateres eram nomes simplesmente, dados a corpos celestes.

É errado permitirmo-nos ser influenciados por um sentimento de vingança, muito errado; porque nos traz desarmonia, o que é o inferno. O mal cai sobre nós mesmos mais do que sobre os outros. Quando amaldiçoamos qualquer pessoa, isso não a prejudica de todo; mas quando se volta sobre nós, vai rasgar-nos sem misericórdia. Isto é um facto que ninguém que conheça a natureza humana negará. Vós todos sabeis que é melhor perdoar do que amaldiçoar. Vós todos sabeis que é melhor exibir amor do que ódio. Vós todos sabeis que é melhor cultivar a harmonia do que a desarmonia. Quando dizeis: «Deus te amaldiçoe» ao vosso amigo ou inimigo, não é a palavra que detém o pecado; não, é aquilo que está por trás dela, o motivo, espírito, a força propulsora. Podeis estar certos de que vos prejudicais a vós mesmos mais do que ao vosso inimigo. Por que razão, então, não procurar cultivar sob todas as circunstâncias uma mente uniforme, que é harmonia e céu? Este é o melhor caminho. É verdade, vós não o podeis ver todos de uma vez, contudo nós temos esperança; pois vós todos o vereis mais cedo ou mais tarde.

P. — Ora supondo que eu deixo a vingança nas mãos de Deus, e não bato, dou pontapés, nem esmurro o meu inimigo, nem o processo na lei, nem testemunho contra ele perante o grande júri, mas meramente penso, dentro da minha própria mente: «Que Deus te amaldiçoe, vais apanhá-la em algum lado», não atuo eu exatamente ao contrário de Jesus, quando ele disse: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem», enquanto os seus inimigos o torturavam até à morte no modo mais cruel jamais inventado por homem, anjo ou diabo?

R. — Ora, certamente, há uma grande diferença entre as duas exibições de ação humana. Jesus tinha-se exercitado de tal modo que era capaz de dizer: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.» Ele tinha aprendido que estes, os seus inimigos, tinham exercido a sua vingança sobre ele através da ignorância, porque não sabiam o melhor caminho. Portanto foi que ele orou para que o seu Pai lhes perdoasse. Ora procurai saber por que razão o vosso inimigo vos prejudica. Podeis estar certos de que descobrireis que ele não vos prejudica apenas a vós, mas prejudica-se a si mesmo mais. Ele não sabe isto. Se soubesse não o faria. Assim, pois, em vez de amaldiçoardes os vossos inimigos, fazei como Jesus fez: orai para que os santos anjos os voltem para o melhor caminho, e assim os batizem com o espírito de Amor, para que eles façam a todos os homens o bem, e a nenhum homem o mal. 5 de Mar.

P. — Em que difere a Razão da compreensão?

R. — Estes são dois termos que significam o mesmo significado.

P. — É o que é comumente chamado moralidade ou Virtude no homem o resultado de crescimento interior, ou desdobramento, ou de formação externa?

R. — Em parte do interno, em parte do externo.

P. — Há quaisquer espíritos desencarnados que tenham superado o seu apego à terra e às coisas terrestres infelizes? Se sim, o que causa a sua infelicidade?

R. — Tudo o que produz uma perturbação na atmosfera espiritual causa infelicidade ao espírito que habita nessa atmosfera. Não nos é possível declarar a causa exata da sua infelicidade. Às vezes é uma coisa, às vezes outra. Às vezes as perturbações que existem convosco atingem os próprios contornos mais distantes do mundo dos espíritos. É um facto bem conhecido que todas as almas, onde quer que situadas, estão todas unidas. Ninguém está isento da influência de todos os outros. Vós não vos podeis afastar tanto do centro da vida que fiqueis além da lei da vida. Vós sois todos átomos, ligados juntos por uma lei sobre a qual não podeis infringir.

Eu sei muito bem que é dito que vós muitas vezes transgredis a lei Divina; mas não é assim. A lei é maior do que vós sois. Vós não a podeis quebrar; não podeis infringir sobre ela. Perturbações ocorrem em consequência da lei; a ação quer da lei Divina quer da humana. Por lei humana nós não queremos dizer a vossa lei civil. Não: queremos dizer leis pertencentes ao vosso mundo natural, pelas quais os mundos são mantidos no lugar, e que vos mantêm, como seres físicos, nas vossas órbitas físicas. Por lei Divina queremos dizer aquilo que pertence à vossa vida interior, ou àquilo que é o homem e a mulher reais.

P. — É próprio perguntar o nome do espírito que esteve a falar?

R. — Nomes são de pouca importância. É próprio, e é igualmente próprio recusar responder.

P. — Gostaria de perguntar quem controlou a Mlle. Doton, em Nova Iorque, na sua elucidação do 47.º problema de Euclides?

R. — Acreditamos que a inteligência — ou inteligências — que controlava o orador nessa altura não era uma sozinha, mas muitas influências combinadas que tinham outrora habitado na terra. 12 de Mar.

PERG. — Por que razão é que os mortais, para serem desenvolvidos como médiuns para o intercurso com os espíritos, devem sentar-se num círculo na hora marcada para esse propósito?

RESP. — Isto nem sempre é necessário para o desenvolvimento desses poderes mediúnicos latentes de que uma pessoa possa estar possuída, embora o seja às vezes. O objeto de se reunirem em grupos, chamados círculos, é simplesmente para que possais concentrar as vossas forças espirituais numa direção espiritual. Não é para que sejais materialmente mudados; não é para que algo possa ser realizado do nada; é simplesmente para direcionar essas forças num canal adequado. Às vezes isto pode ser feito melhor com um indivíduo sozinho do que de qualquer outro modo.

P. — Por que não somos desenvolvidos tão bem e tão rapidamente na cama como sentados num círculo para esse propósito?

R. — O processo de desenvolvimento mediúnico está sempre a decorrer onde quer que haja algo dessa força que é usada pelos habitantes do mundo invisível para comunicar convosco. Está sempre em uso, dormindo ou acordado.

P. — Qual é o dever do povo leal e liberal deste país nestes tempos excitantes?

R. — Estender a mesma justiça a toda a família humana que reivindicais para vós mesmos. Se fizerdes isto, fareis tudo o que

qualquer lei, elevada ou baixa, pode por qualquer possibilidade exigir de vós.

P. — Crença, fé, conjetura, suposição — não são sinónimos?

R. — São.

P. — E não são eles a base da Teologia Cristã e o fundamento da Igreja Cristã, e um passaporte para o miserável mais vil entrar em qualquer Igreja da Cristandade?

R. — Sim, quando filosoficamente considerados.

P. — E não são mesmo os nossos tribunais mais baixos mais sábios do que a Igreja, ao não admitirem testemunhas a testemunhar o que elas acreditam?

R. — A teologia e a sabedoria nunca casaram. Não há harmonia, não há unidade entre elas. O teólogo presta cega obediência aos ditames daqueles que se intitulam professores do Evangelho.

P. — Não seria melhor para os Governos passarem leis para proibir o ensino da teologia, crença, fé e, em vez disso, estudar os primeiros princípios e ensiná-los às gerações vindouras?

R. — De modo algum. A teologia, como está, está bem adaptada ao crescimento de algumas naturezas externas. Portanto é boa para essas naturezas. Alguns morreriam de fome com ela, enquanto outros prosperariam. Nós acreditamos na liberdade de expressão e liberdade de ato, quando ela está sob a regra da lei moral. Nós não acreditamos que os governos humanos tenham qualquer direito de ditar à alma para que lado ela se voltará para encontrar o Céu. 13 de Mar.

PERG. — Quando no círculo na semana passada, coloquei um envelope sobre a mesa, para o médium responder à pergunta nele contida. Posso pedir uma explicação da resposta dada, que foi aparentemente estranha à pergunta?

RESP. — Na medida em que não estamos possuídos de factos pertencentes a este assunto particular, dificilmente podemos dar uma resposta direta. Em toda a probabilidade a pergunta carecia de alma. Ou, em outras palavras, não havendo vida na pergunta, aqueles que foram chamados a responder-lhe foram incapazes de entrar em sintonia com qualquer coisa. Se eles entram em sintonia com qualquer coisa, deve ser com a vida da pergunta. Se a pergunta é desprovida de vida, a resposta deve ser vaga.

P. — Por que razão não comunicam os amigos espíritos ligados aos visitantes deste círculo com eles, em vez daqueles que são estranhos, ou eram, sobre a terra?

R. — Não é o objeto dos espíritos que vêm aqui de tempos a tempos fazer comunicações comunicar com aqueles que estão presentes. O objeto destas sessões é dar luz àqueles que estão na escuridão; àqueles que não têm luz; ao mundo que não sabe que os espíritos podem regressar e podem comunicar aqui, eles vêm; a esses amigos que não têm verdadeira ideia de uma vida além da sepultura.

P. — Existe a alma antes de entrar no corpo do bebé? Se sim, quanto tempo antes?

R. — Uma porção da pergunta pode ser respondida, e uma porção não pode ser respondida. Acreditamos que a alma tem existido desde toda a eternidade. Ora não podemos dizer quão longa, quão larga ou quão alta a eternidade é. É tudo da vida que a alma é capaz de conceber.

P. — Vive a alma de Adão ainda na terra dos espíritos?

R. — Certamente; há muitos Adões lá. 19 de Mar.

PERG. — São os ensinamentos de Swedenborg, como um todo, verdadeiros ou falsos?

RESP. — Tomados como um todo, acreditamos que são verdadeiros.

P. — Qual tem feito mais mal neste mundo, um mau feitio ou a bebida alcoólica?

R. — Eles são ambos aparentemente males muito grandes. É muito difícil determinar qual tem feito mais mal. Um mau feitio está às vezes sob o controlo do indivíduo que o possui, desde que esse indivíduo esteja num estado normal. Mas dai a tal pessoa um estímulo externo não natural, e um mau feitio é muito suscetível de descontrolar-se. Às vezes estas paixões são excitadas para a ação por este estímulo externo, e portanto a causa de todos os atos praticados por esse meio deve residir no estímulo externo. Ora levando todas as coisas em consideração, julgando pela circunstância e âmago, estaremos muito inclinados a determinar que os espíritos ardentes têm feito mais mal no mundo do que um mau feitio.

ESPÍRITO. — Recebemos uma pergunta bastante estranha de amigos em Inglaterra — estranha num sentido, e não tanto quando considerada a partir de outro ponto de vista.

Parece que a porção inteligente, vida inteligente, ou inteligência que habita neste corpo [o do médium] tem de tempos a tempos estado no hábito de perambular através do oceano, e ali fazer comunicação

direta e positiva a certas partes. Tão distintas têm sido estas comunicações que eles questionaram se a pessoa que lhes comunicava estava realmente viva no corpo; e quando no curso do tempo aprenderam que a pessoa era de facto um habitante das margens do Tempo, mas tinha apenas feito uma viagem transitória ali durante o controlo temporário do seu próprio corpo por outros, eles ficaram ainda mais intrigados, e não podiam satisfazer-se da existência terrestre do seu sujeito, mas estavam muito inclinados a acreditar que tinham sido enganados por alguma inteligência desencarnada intencional.

Nós dissemos antes que os espíritos são às vezes capazes de se separar tanto dos seus organismos físicos ao ponto de irem a uma terra distante fazendo comunicação e dando evidência da sua identidade e personalidade espiritual. Não é um milagre. Quando julgado pelas leis da mente, percebereis facilmente que é exatamente tão fácil para um espírito que vive no corpo perambular, como para qualquer espírito desencarnado fazê-lo. O espírito não está vinculado por leis da matéria; é livre. E com estas pessoas há menos afinidade com pessoas materiais do que com outras pessoas. É tão comum com elas que tem lugar espontaneamente.

Isto é um facto que pode ser satisfatoriamente demonstrado, se trouxerdes os vossos sentidos a incidir sobre ele. Ora nós aconselharíamos que os nossos amigos do outro lado da água fizessem disto um estudo. Em vez de ficardes com medo de que fostes enganados por alguma inteligência desencarnada intencional, procurai fervorosamente saber os porquês e os paraquês da coisa. Se tal ocorrência teve lugar, procurai saber por que meios foi produzida. Examinai-os criticamente pela vossa razão comum, sentido comum, por todos esses poderes da mente que vos foram dados. Fazei tudo o que fordes capazes, como mortais e imortais, para resolver o problema. Quando tiverdes feito isto, e não puderdes ir mais longe, então apelai ao mundo dos anjos. Se eles forem capazes, estarão prontos para vos ajudar a resolver o problema. 20 de Mar.

PERG. — Por P. Cole: A. J. Davis localiza o mundo dos espíritos a uma imensa distância da terra, e diz que os espíritos podem, mas raramente o fazem, visitar a terra. Os espíritos dizem que os dois mundos são contíguos, e que os espíritos estão continuamente ao nosso redor e se interessam pelo nosso bem-estar. Fará a influência que controla o favor de explicar e conciliar estas declarações?

RESP. — Para começar, não estamos cientes de que A. J. Davis localize o mundo dos espíritos tão longe da terra; e para terminar, declaramos-vos distintamente que o mundo dos espíritos está aqui no vosso meio; que vós hoje viveis nesse mundo dos espíritos tanto quanto alguma vez podereis viver. Está aqui; está a milhões de milhas de distância; está em toda a parte.

P. — Pelo mesmo: Ouvimos muitas vezes falar de casas assombradas. Podem os espíritos manifestar-se em casas onde não há médium presente?

R. — Não, não onde não há médium presente; mas há outros médiuns além destes corpos físicos. Um bloco de madeira, uma estátua de mármore, um artigo de mobiliário, uma gota de orvalho, uma flor; de facto, todas as coisas são médiuns para o espírito. Ora no caso das assim chamadas casas assombradas, é muito óbvio por que razão as manifestações podem ser dadas ali. Acontece que a principal inteligência que controla essas manifestações, num período anterior àquele em que as manifestações são dadas, deve ter possuído um forte grau de magnetismo que impregnou as instalações, dotando assim essas instalações com poderes mediúnicos especializados. Se um espírito incorporou o seu magnetismo num bloco de madeira, ele pode manifestar-se movendo-o de um modo inteligente, de modo a que ele — o bloco de madeira — apele à vossa inteligência.

Através da forma e mudança de forma, a vossa inteligência humana é apelada. Podeis dizer que é apelada pelo som; mas não

sabeis que o som tem forma, exatamente tanta forma como estes corpos têm? Todas as formas são médiuns para o espírito; lembrai-vos disto. Estes pobres sujeitos humanos não passam de porta-vozes, que podem ser usados mais inteligentemente, mas não são de modo algum os únicos átomos que possuem poderes mediúnicos, pois declaramos-vos distintamente que todas as formas de vida são mediúnicas, não importa onde existam.

P. — Pelo mesmo: Há quaisquer meios conhecidos para prevenir essas manifestações violentas?

R. — Certamente, há meios conhecidos, mas estes meios são tais que vêm através da inteligência. Deveis abrir correspondência com as inteligências que produzem as manifestações; e esclarecendo-as e recebendo uma correspondente quantidade de esclarecimento, sereis capazes de acalmar estas perturbações; ou em outras palavras, de produzir um equilíbrio. Elas deixarão de desejar fazer estas coisas, porque o seu objeto terá sido atingido.

P. — Por L. W. Ransom: Tomem-se dois indivíduos, ambos nascidos com igualmente grandes proclividades para o crime; um deles vive a sua vida verdadeira até ao limite máximo, é um mentiroso, ladrão e assassino em ato, e termina a sua vida terrestre num cadafalso onde assassinatos legais são cometidos. O outro, por força das circunstâncias, é, para a aparência externa, um homem «maravilhosamente correto», um membro de uma igreja talvez, e assim morre na sua cama, chorado e lamentado por toda uma comunidade, enquanto no coração e na alma é um criminoso tão grande como o seu companheiro. Será ou não a sua condição na vida espiritual mais favorável do que a do outro?

R. — Aqui parecem estar duas quadros na vida desenhados pelo mesmo artista, apresentando numa direção as mesmas características, e contudo, no que ao ato diz respeito, totalmente diferentes um do

outro. Um floresce em perfeição, o outro permanece uma semente. O seu correspondente pergunta se a semente existirá sob influências mais favoráveis após a morte, ou aquilo que floresceu em perfeição aqui? Ora, em consequência da não aparição de condições desfavoráveis ao seu crescimento, e em consequência da aparição dessas condições que eram favoráveis ao seu crescimento, ela germinou, surgiu e floresceu em ato. É nossa crença que aquilo que se tinha tornado uma flor em aparência externa na vida humana, tinha viajado exatamente esse tanto mais longe na linha do progresso humano. A semente deve mais cedo ou mais tarde ser desdobrada.

As propriedades inatas da sua própria vida, acreditamos nós, devem mais cedo ou mais tarde desdobrar-se em ato. Se o desdobramento não vem para a semente durante a vida terrestre, virá o tempo em que a semente germinará, e a flor florescerá. Mas deveria ser compreendido que a semente projeta a sua vida interior em correspondência com a sua externa, sempre. O agricultor dir-vos-á isto. Cultivai o solo, e cercai-o com condições adequadas, e a flor florescerá em beleza e fragrância, desde que tenteis manter em lembrança a lei do seu ser. Ora, pois, as redondezas do mundo dos espíritos, essas exterioridades que cercam cada espírito vivo, são de tal modo modificadas, espiritualizadas, tão diferentes das redondezas do mundo material, que o produto da semente ali pode ser muito diferente do produto da semente que germinou aqui sob as vossas condições externas. Contudo o crescimento da semente deve vir.

O rebentar da casca deve vir. Embora a flor floresça sob influências diferentes, ela deve florescer, deve vir à perfeição mais cedo ou mais tarde. Permiti-nos ilustrar. Um passou da vossa esfera com as proclividades do assassinato implantadas no seu ser. Essas proclividades nunca amadureceram aqui, mas foram passadas para a segunda esfera da vida tomar conta delas. Chegando ali, as condições tornam-se de certo modo mudadas. O indivíduo descobrindo que lhe é possível regressar e viver as suas próprias tendências naturais, em vez de cometer assassinato ele mesmo, ele enxerta o pensamento sobre alguma outra mente plástica, e assim por esse meio prepara o solo ao

redor dessa alma individual para praticar um ato de assassinato. Tais pessoas, em vez de praticarem o assassinato diretamente, deitam fora o orvalho da sua própria vida sobre outro solo, e a flor floresce ali. É apenas uma ação indireta que produz o mesmo ato. Enquanto no outro caso, com um que foi trazido para a plenitude de atos aqui, o poder repousa com ele como um indivíduo. Assim, pois, declaramos novamente que é nossa crença que aquele que viveu as suas proclividades interiores enquanto aqui em atos, está tanto mais além no grande caminho para o progresso. 22 de Mar.

PERG. — Por H. W. A., de Filadélfia, Pa.: Podem os espíritos visitar os diferentes planetas em qualquer altura em que sintam curiosidade de aprender a sua condição, ou está o astrónomo compelido a usar um telescópio, como na terra?

RESP. — Foi-vos dito que o espírito, após passar pela mudança química chamada morte, ou, em outras palavras, após ter sido libertado do corpo material, era livre para ir para onde quisesse. Isto é verdade; mas devíeis ter em mente que ele é obrigado a observar as leis que governam a matéria, bem como a mente, em todos os seus movimentos. A alma atua através da lei, desdobra-se através da lei; aquilo que pertence particularmente a si mesma, também através da lei de toda a vida orgânica. Ora, se acontecesse que uma alma, uma alma fervorosa, desejasse saber, em toda a honestidade, o que se estava a passar na lua, ela primeiro averiguaria se as leis que governam ali, e no seu caso especial, estavam em harmonia. Se estivessem, então a passagem seria fácil. A alma é possuidora de grandes poderes reflexivos, também de grandes poderes percetivos.

Ela vê ao perceber, e compreende ao refletir. Assim, antes de a alma, ou espírito, desejar visitar a lua, ela primeiro refletiria se a lua estaria pronta para a receber, ou se os seus próprios poderes de locomoção seriam adequados para a viagem. Tem sido dito que a alma não conhece nem tempo nem espaço. Isto é verdade, no que respeita à própria alma; mas se o tempo e o espaço existem, eles devem ser

observados. Se a alma passa de um ponto de existência para outro, isso prova a existência do espaço, assim chamado. E o próprio desejo de passar de um ponto para outro prova que cada ponto de existência é governado por uma lei própria. Dizemos desejo, pois todo o desejo é governado por uma lei própria, para onde o desejo tende, bem como onde ele nasce.

P. — Pelo mesmo: Adquirem os espíritos uma habitação local e um nome (inteiramente separados do seu antigo lar e redondezas gerais na terra) através dos seus próprios esforços individuais no mundo dos espíritos?

R. — Os espíritos obtêm uma habitação local e um nome através dos seus próprios esforços individuais. Às vezes essa localização é inteiramente à parte e extinta da sua morada terrestre. Às vezes é dentro dos limites da sua morada terrestre.

P. — Sem uma quadratura perfeita do círculo, todas as nossas medidas permanecem imperfeitas. Há alguma regra matemática conhecida dos espíritos pela qual o quadrado do círculo possa ser aperfeiçoado?

R. — Há, certamente.

P. — Darão eles aos mortais a informação de que tanto se necessita?

R. — Não, certamente que não. É um problema que os mortais devem resolver por si mesmos a fim de lhes ser útil. Que vantagem seria para a vida mortal o espírito desencarnado regressar resolvendo este problema? Seria como o mestre de escola fazer a conta para o aluno. Se ele fosse justo para com o aluno, exigiria que a sua própria vida cerebral realizasse o trabalho. Nós assim exigimos de vós.

Quando nos pedis para fazer todo o vosso trabalho, não podemos senão responder: «Oh, filhos da terra, não sabeis o que pedis!»

P. — Um cavalheiro em Rhode Island — John Davis — pensa que aperfeiçoou esta medida. A sua proporção é de seis para dezanove — em vez de sete para vinte e dois, o velho número usado. O que pensa o espírito desta nova proporção?

R. — Ele chegou mais perto do que os de tempos antigos; e contudo não está correto, como muito em breve aprenderá.

26 de Mar.

PERG. — Por Sra. George, Kent: «As comunicações dadas pelos amigos espíritos só chegam a nós a partir da segunda esfera?»

RESP. — Há tantas esferas quantas as diferentes mentes ou espíritos necessitando de esferas nas quais viver, e através das quais atuar. Ora vós, na vida humana, vedes a alma a exibir poderes através de todas as esferas. Sendo isto verdade no que respeita à morada da alma na forma humana, certamente não é menos verdade relativamente àqueles que passaram além das fronteiras da forma física. A terra dos espíritos não está de modo algum dividida em esferas conhecidas como localidades. Pode haver dez mil vezes dez mil inteligências diferentes, todas a viver em diferentes esferas da mente, no vosso meio neste momento, aqui, dentro dos limites desta pequena sala do círculo. Estas podem parecer histórias estranhas para alguns; mas para aqueles que compreendem as leis da mente, não é estranho. A sua correspondente não devia depositar qualquer confiança em qualquer declaração desse tipo. Se o fizer, descobrirá mais cedo ou mais tarde que não dá em nada.

ESPÍRITO. — Propomo-nos responder a uma pergunta que recebemos do Oeste. É esta: O que pensam as inteligências regentes

que comunicam nos «Círculos do Banner of Light» do órgão do Oeste?

Supondo que se referem ao jornal que recentemente começou nessa região, falaremos sobre ele, embora brevemente.

O que pensamos dele? Ora, com certeza, pensamos que é outra voz de Deus, a soar para o povo do século dezanove; a proclamar boas coisas a todo o povo em toda a parte, sob quaisquer condições em que possam existir, quer nas Igrejas quer fora delas. Esta voz propõe-se alcançar todos. Assim como o vosso *BANNER* entra em cada lar escurecido, e alcança as câmaras escurecidas de cada alma com a sua luz, assim este órgão propõe-se ir de mãos dadas convosco, enviando as suas alegres novas em cada brisa, e dando a cada alma sustento a seu tempo. Ele foi batizado com a bênção dos anjos: portanto não podemos fazer menos do que pensar bem dele.

27 de Mar.

PERG. — Dar-nos-á a inteligência alguma informação sobre desinfetantes, e o que é melhor para fumigação em tempo de doença?

RESP. — Há muitos agentes remediais que poderiam ser usados com bom efeito deste modo em tempo de doença. Mas o que serviria bem numa forma particular de doença, não serviria bem noutra. Cada classe particular de doenças precisa dos seus específicos particulares. No presente momento estais com muito medo de vir a ser visitados por esse inimigo da vida humana — o cólera. Permiti-nos aconselhar-vos a que penseis tão pouco a respeito dele quanto vos for possível. Mantende as portas da vossa mentalidade fechadas a este inimigo, e ficai certos de que, se fizerdes isto, ele nunca poderá invadir com sucesso o vosso território. Todos os inimigos se aproximam primeiro dos pontos fracos dos seus oponentes, e é de supor que eles sabem onde esses pontos fracos estão. Se deixardes as portas todas

escancaradas através das quais o inimigo pode entrar à vontade, não o culpeis se ele vier e habitar convosco.

P. — Não haverá algum modo pelo qual a atmosfera de vizinhanças e localidades possa ser limpa ou purificada, onde há muita doença e o ar não é bom?

R. — A Natureza instituiu o seu próprio método de limpar a atmosfera. Isto vem através de mudanças elétricas. A Natureza pode fazer esse trabalho muito melhor do que vós, portanto confiai nela para o fazer, observando todos os hábitos de limpeza em todos os departamentos do vosso ser. Tende naturezas espirituais limpas, naturezas físicas limpas e moradas temporais limpas. Se fizerdes isto, tendes pouco a temer dessas doenças que seguem sempre de perto nos calcanhares da guerra.

P. — As pessoas que por orgulho ou desgosto na vida terrestre se tornam misantropos permanecem tais por qualquer período de tempo após passarem para a vida espiritual?

R. — Sim, por um certo tempo; porque todas as condições que vos pertencem, como humanos, fazem mais ou menos incursões sobre os vossos espíritos. Elas gravam a sua vida particular sobre vós como seres espirituais, e vós carregais essa vida convosco para fora daqui. Portanto sois mais ou menos afetados por ela até que a supereis.

P. — Pode o espírito regente dar alguma informação relativamente a uma pessoa que se chama a si mesma George Snyder, de Nova Iorque, que professa ter passado seis anos no planeta Marte, tendo sido transportado para lá pelo espírito de Copérnico, materialmente bem como espiritualmente; e como tendo acabado de regressar à terra?

R. — A imagem apresenta-nos muitas aparências diferentes; mas a mais proeminente de todas é aquela que às vezes precede um dia claro e ensolarado, a saber, uma manhã de nevoeiro. Estaríamos muito inclinados a determinar que o cérebro que redigiu tal epístola estava um pouco enevoado. Em todo o caso, aconselhar-vos-íamos a expulsá-la da vossa própria esfera mental, não pensando mais nisso.

P. — É possível para qualquer coisa dessa ordem ocorrer?

R. — De modo algum. O vosso próprio bom sentido comum devia ensinar-vos que todas as coisas que têm de todo uma existência, têm essa existência em virtude da lei. Tudo é governado pela lei. E se tal acontecimento tivesse lugar, teria de ocorrer fora da lei — a lei que pertence à vossa terra e ao planeta Marte. Portanto é que determinamos que nunca teve lugar.

27 de Mar.

PERG. — Por C. P.: Irá a inteligência regente fazer o favor de nos informar como é que o Cristianismo moderno se compara com os ensinamentos e exemplos de Jesus?

RESP. — O Cristianismo moderno, nos seus aspetos externos, difere amplamente dos ensinamentos do Nazareno. Mas, por baixo do seu exterior, a sua vida é toda perfeita e serena, pura e santa como quando veio a lume pela primeira vez através dos ensinamentos de Jesus. Isto a que chamais Cristianismo é um filho da Eternidade, pois nasceu da Verdade, e a Verdade sempre teve uma existência e sempre terá. E assim é relativamente a todas as verdades dos teus filhos. Não devíeis olhar tanto para o externo e tão pouco para o interno. O Cristianismo é o Cristianismo hoje, no que à sua vida diz respeito, exatamente tanto quanto sempre foi. As formas mortas pelas quais está cercado não são de modo algum o Cristianismo.

P. — Por F. M. C.: Explique a passagem onde se lê assim: «Mas agora que é morto, por que jejuaria eu? Poderei eu fazê-lo voltar? Eu irei a ele, mas ele não voltará para mim.» Outra: «E se alguém vos perguntar: "Por que o desatáveis?", assim lhe direis: "Porque o Senhor precisa dele."» Outra: «Passados poucos anos, irei pelo caminho de onde não voltarei.»

R. — A mente que deu expressão a estas passagens estava sem dúvida muito na escuridão relativamente àquelas coisas que pertencem ao espírito. É possível que essa mente não acreditasse que a alma estivesse livre após a morte, e tão livre para regressar como para permanecer no fabuloso Paraíso dos antigos.

P. — Pela mesma: «E aconteceu que, indo eles caminhando e falando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho.» Foi o corpo de Elias que subiu ao céu?

R. — De modo algum. Os vossos médiuns de hoje veem visões semelhantes, realizam experiências semelhantes. Mas a distância lançou um encanto sobre a história de outros dias, e assim tendes um gosto por ela.

P. — Pela mesma: Podem os espíritos que deixaram o corpo humano regressar e falar através de animais e bestas ou aves?

R. — Não como falando através da natureza humana. No que à vossa forma, ao vosso externo diz respeito, estais aliados a todas as outras formas — ligados a todas as outras formas. E, mais ainda, no que às vossas vidas interiores espirituais diz respeito, estais aliados a todos os espíritos; e, porque o estais, estando à cabeça de tudo em virtude da vossa inteligência, tendes tudo mais ou menos sob o vosso controlo. Deste modo o espírito pode regressar e influenciar ou falar através de cada ordem de vida.

2 de Abr.

PERG. — A Bíblia fala de pessoas estarem possuídas por diabos. Não é o que chamamos pessoas loucas? Dar-nos-á o espírito alguma luz sobre o assunto?

RESP. — Não há espíritos loucos! A loucura é apenas uma manifestação imperfeita do espírito através do organismo através do qual se manifesta. A falta é sempre no instrumento, não na vida, no poder, na alma, no espírito.

P. — A. Kent escreve assim: «Os espíritos declararam no BANNER de 3 de Março que Ele (1) acredita que o homem pode cair. Tenho pensado há vinte anos, ou quase isso, que a queda de Adão não foi queda nenhuma — foi progresso. Mas não importa; o meu caso, ou as minhas vistas, não estão em discussão. Não tenho desejo de ensinar homens ou espíritos neste momento. Estou desejoso de compreender os espíritos, se a coisa for possível?»

R. — Ora, o seu correspondente apresentou a sua pergunta de um modo muito vago, indefinido. É muito difícil determinar o que ele deseja alcançar. Uma queda simplesmente, no que ao espírito diz respeito, implica reação, e isso apenas. Vós não compreendeis o verdadeiro significado do termo quando aplicado ao espírito. Convosco, significa degeneração. Significa que vos voltastes do bem para aquilo que não é tão bom. Significa que perdestes a vossa elevada condição com o Infinito. Mas isto não pode ser. A alma não dá passos atrás. Cada passo que dá é para a frente. Embora para os vossos sentidos humanos possa parecer de outro modo, contudo mesmo na prática do crime a alma está a marchar para a frente.

P. — G. S. pergunta: Fará o espírito regente o favor de nos informar se alguma vez existiu o tempo em que seres humanos com quatro braços e quatro pernas existissem, e se assim for, por volta de

que altura na história do mundo; e se tais seres existiram, de que utilidade eram mais do que os membros naturais?

R. — Não estamos cientes de que tais monstruosidades tenham alguma vez tido uma existência. Contudo, é possível que possam ter tido.

3 de Abr.

PERG. — Por T. G. W., de North Canton, Conn.: Que efeito tem o éter no sistema humano quando tomado para produzir insensibilidade à dor?

RESP. — Ele impele o espírito para fora do *sensorium*, suspendendo desse modo a consciência externa.

P. — Tem um mau efeito?

R. — Quando criteriosamente administrado e sob condições adequadas, não tem mau efeito. É como a entrada do espírito estranho no corpo mediúnico. O espírito habitante retira-se do *sensorium*, cede-o durante o tempo em causa àquele que está no controlo. Quando isto é feito adequadamente, sob condições harmoniosas, nenhum mal resulta. Quando de outro modo, o mal pode resultar. Não podemos dizer.

P. — Por J. W., de North Castine: Estamos a ter uma reunião de reavivamento na nossa aldeia, e temos tido em terras vizinhas, por um homem novo para nós. Para onde ele vai, a influência parece ir. Irão os nossos amigos na vida espiritual explicar o lado espiritual de tais reavivamentos, pois parece que a influência de um espírito ou espíritos andará no ar? Quem ou o que é isso?

R. — Estas comoções religiosas podem frequentemente ser atribuídas à influência psicológica dos vossos oradores. Se eles são capazes de psicologizar totalmente a sua assistência, então muitos convertidos são feitos; se não, há silêncio e morte nas águas religiosas. Às vezes estas perturbações religiosas podem ser atribuídas à influência de Inteligências desencarnadas, estando tais inteligências ansiosas por produzir algum efeito sobre as mentes de amigos que habitam na forma. Quando não podem produzir exatamente o efeito que desejam sobre os seus amigos, ficam satisfeitas por produzir a perturbação religiosa, pois mesmo isso traz-lhes uma sintonia mais próxima, uma comunhão mais apertada com espíritos que habitam no corpo.

P. — Por C. A. G. Rayhouser, de Brookstown, Ind.: Por que razão são algumas pessoas mediúnicas quando professam desacreditar, e até denunciar o Espiritualismo (como no caso de H. Melville Fay), e contudo os espíritos recusam-se frequentemente a manifestar-se por causa, segundo é dito, da presença de descrentes?

R. — O instrumento musical não é obrigado a acreditar na música. Um executante hábil pode dar sons exatamente tão harmoniosos através de um instrumento inanimado como através de um possuidor de consciência e vida animada. Não é de modo algum necessário que um médium deva acreditar no regresso dos espíritos falecidos. Eles são máquinas, e não é a sua consciência que é usada, mas simplesmente a máquina sobre a qual a sua consciência toca.

P. — Pelo mesmo: Algumas pessoas tornam-se médiuns quando não desejam sê-lo. Elas esforçam-se por afastar a influência, e contudo, com toda a sua oposição, são levadas a ceder. Outras têm um desejo ardente de se tornarem médiuns, mas esforçam-se em vão pelo dom espiritual. Irá o espírito regente informar-nos por que razão isto é assim?

R. — Todas as pessoas que são médiuns no absoluto, são-no desde a conceção, portanto nada podem ter a ver com a feitura da sua mediunidade. Certas condições desdobram a flor. Estas condições, também, elas não têm controlo sobre elas, por muito que resistam. Elas não têm crença no regresso dos espíritos falecidos, e quando forçadas, voltam-se contra isso. Os seus preconceitos educativos erguem-se em fileira contra isso. Elas não têm desejo de se tornar médiuns, e contudo o espírito toca no instrumento recém-afinado à vontade.

PERG. — Não estão as partículas da atmosfera a ser atuadas pela luz de várias cores? E a cor da substância, pela atração ou reflexão de partículas dessa cor particular?

RESP. — A atmosfera detém dentro de si todo o tipo de cores, e dá a cada partícula aquilo que está melhor adaptado a ela. A relva é verde, os lírios são brancos; e assim sucessivamente através de todo o catálogo. Cada átomo na vida atrai da atmosfera essa cor que está mais adaptada a ele; mais em harmonia com a esfera da sua própria existência interior e exterior. Todos os átomos, no que à cor diz respeito, estão continuamente a atuar e a reagir uns sobre os outros. A atmosfera atua sobre o calhau, e o calhau por sua vez atua sobre a atmosfera. É um dar e receber através de todo o vasto universo do ser.

P. — Por A. Kent, de East Stockholm, N. Y.: Os espíritos, no *Banner* de 3 de Março, ao responderem a uma pergunta minha, dizem-nos «que a vida progride num círculo e repete-se a si mesma». Tenho a certeza de que os homens e os Espiritualistas usaram a palavra progresso para significar progresso ascendente — mudança para melhor — um aumento em sabedoria e bondade — uma elevação moral. Mas agora entendo que estes espíritos querem dizer simples e unicamente ir para a frente — ou mover-se — mover-se num círculo. Pergunto respeitosamente aos espíritos se é este o seu significado. Entendo-os eu agora? Entendo eu agora que eles nunca quiseram dizer

que a raça africana era mais sábia e melhor há cem mil anos do que agora?

R. — A vida progride de facto, ou desdobra-se a si mesma, no que ao externo diz respeito, em ciclos, portanto deve repetir-se a si mesma. As estações ensinar-vos-ão essa lição. A primavera veio novamente, como veio muitas milhares de vezes antes. As flores florescerão, a vegetação surgirá. Quando os ventos agressivos do outono varrerem a terra, elas morrerão, no que à sua vida externa diz respeito. Mas elas estão apenas a marchar em ciclos, apenas a repetir-se a si mesmas. Num período fixado as flores florescerão, a vegetação surgirá, e todas as várias cenas naturais que se apresentam aos olhos da humanidade no verão, mostrar-se-ão novamente. Vós estais tão proximamente, nos vossos sentidos exteriores, ligados às coisas do mundo externo, que deveis mover-vos em ciclos. Não pode ser de outro modo. Mas não queremos dizer com isto que estais a ir para a frente e para trás perpetuamente.

Queremos dizer que a cada revolução ganhais algo e não perdeis nada. Ora, notai isto: ao ganhar não perdeis nada. Atingis ideias mais grandiosas. Viveis no meio de pensamentos mais santos, mais sábios e mais divinos. As vossas vidas interiores são feitas de pensamentos. Os pensamentos são as flores das vossas vidas interiores. Os pensamentos são a linguagem das flores, o tudo dessas vidas. Vós não o podeis compreender, porque estais a mover-vos rapidamente através de formas, através das rusticidades da vida humana. Estais tão aliados a estas formas que existem no mundo natural, que não podeis entrar em consciência próxima com o interior e o divino.

Mas, mais tarde ou mais cedo, quando tiverdes acabado com estas formas externas, tiverdes passado além delas, percebereis as coisas da vida interior. O seu correspondente percebe numa direção, enquanto nós percebemos noutra. Ele entende-nos — por expressões usadas nessa altura — como tendo querido dizer que o espírito vai para a frente e para trás, alternando entre o mal e o bem. Isto nós não o queremos dizer. Em primeiro lugar, negamos a existência do mal

absoluto. Não há tal coisa. Acreditamos na existência de um Bem Supremo Eterno, que preenche toda a vida. Não há lugar para qualquer outro poder. Aquilo a que chamais mal não passa de um bem menor — de degraus para um bem mais elevado, desenvolvimentos mais perfeitos da vida, é tudo perfeito em si mesmo. É apenas porque vós o entendeis mal que falais dele como não santo e imperfeito.

P. — Pelo mesmo: Novamente, temos entendido que os espíritos ensinam que o homem, como homem, brotou da terra, e subiu através de todas as ordens inferiores para o seu estado atual; que ele está a melhorar, a progredir, conforme a terra melhora e progride, se não mais ou mais depressa. Entendi-os corretamente? Se assim for, querem eles dizer por progredir num círculo e repetir-se a si mesmo que ele há de voltar ou andar à volta para a terra, e novamente subir através do mesmo processo, e isso em sucessão infinita?

Hei de eu novamente regressar à terra e ser refeito num homem, e num homem tal como agora? Eu supunha que nem a matéria nem a mente fossem criadas, mas o meu corpo e a minha mente fossem formados como individualidades. Como mente, hei de eu crescer mais e melhor para sempre? Ou hei de mover-me em redor e em redor no mesmo plano para sempre? Confesso que não consigo compreender os espíritos na sua recente resposta à minha simples pergunta. Se a minha mente não é para eles desesperadamente escura, peço-lhes que tentem novamente.

R. — A alma, como alma, não está de modo algum dependente da matéria para o seu desdobramento. Ela possui uma individualidade positiva distinta própria. Estas formas físicas, estas formas da Natureza, são os produtos da Natureza. Elas foram construídas a partir de todas as ordens inferiores do ser material. Hoje elas são mais belas do que eram há cem anos. Conforme a vossa terra, que é a progenitora destas formas externas, cresce, progride, desdobra-se, assim, pois, as formas crescem, progridem e desdobram-se; e assim, pois, através delas o espírito pode falar de si mesmo mais claramente do que

quando habitava a forma rústica há séculos. Contudo, no que à sua própria vida divina diz respeito, ele não está dependente da terra para o seu desdobramento. Ele sempre existiu, e, acreditamos nós, sempre existirá; se não, poderia vir um tempo em que ele passaria fora da existência. Ele sempre foi, e sempre será. A última parte da pergunta do seu correspondente já a respondemos.

P. — Sou um Espiritista há muitos anos, e fiz mais para estabelecer esta nova Filosofia do que qualquer pessoa que eu conheça nesta localidade. Compro o BANNER OF LIGHT de Boston — um excelente jornal; tenho quase todas as principais obras espirituais para esclarecer a minha mente nas grandes verdades do Espiritualismo — e contudo, depois de tudo, estranho dizer, sou um homem muito infeliz. Tenho constantemente diante da minha mente tirar a minha própria vida, e às vezes a de outros. Irão os espíritos explicar a causa disto? Não tenho segredos. Desejo que todos saibam a verdade.

R. — Somos informados por aqueles que têm uma melhor compreensão deste caso do que nós temos, que este estado infeliz pode ser atribuído a causas pré-natais. Estes sentimentos que às vezes absorvem tanto os sentidos e tornam o possuidor tão miserável foram gravados na tábua desse ser externo antes de esse ser ter forma. Esta é uma asserção estranha, selvagem, talvez, para alguns, contudo, não obstante, é verdadeira. Ora tudo o que o querido amigo tem de fazer é lutar continuamente contra a carne. Procurai fervorosamente o auxílio desses amados que estão sempre prontos a auxiliar os fracos da terra.

10 de Abr.

ESPÍRITO CONTROLADOR

As perguntas que recebeu, Senhor Presidente, estamos prontos para responder.

PRESIDENTE. — Não temos nenhuma hoje.

ESPÍRITO. — Responderemos então a uma que foi recebida. Acreditamos que tenha emanado de um coração desgostoso, um que de bom grado olharia além das nuvens, para que pudesse ver o brilho do sol; um que parece contemplar uma sombra escura a cobrir a terra, que devia ser expulsa para muito longe daqui.

A pergunta é esta: Podem os habitantes dessa terra de luz e amor dizer-nos quanto tempo levará até que esse sistema de barbarismo seja abolido, a saber, a pena de morte? Quanto tempo permanecerá desembainhada a espada da Vingança?

Lenta e firmemente a inteligência que existe sobre a terra está a marchar para fora da escuridão para a luz. Um a um os erros do passado são colocados de parte, e um a um os mimos do presente são substituídos para esse fim. A Natureza não faz ruturas em parte nenhuma. Uma revolução firme, inabalável marca todas as coisas, e esta não é de modo algum uma exceção. É nossa crença, contudo, que este tempo tão esperado e por que tanto se orou está próximo. Acreditamos que estais mesmo no limiar dessa gloriosa manhã que há de despontar, varrendo a escuridão que tem pendido como um manto sombrio ao redor desta relíquia de barbarismo. Ela foi transmitida desde tempos imemoriais. É velha, muito velha, e deveis esperar que, como tem estado convosco há eras, não possa ser varrida num dia, num ano, ou num século. Mas sabeis vós que os Anjos de Misericórdia e Justiça têm estado há anos a esforçar-se por elevar a humanidade sobre um padrão de benevolência, caridade e amor? Pois viram que era errado, que nenhum bem jamais veio da pena de morte, nem jamais virá.

O crime existe hoje, como sempre existiu, e estes assim chamados exemplos não passam de incitadores que levam para a escuridão, não para a luz. Eles apenas mantêm vivo o espírito de assassinato. Eles apenas o alimentam e acarinham terna e cuidadosamente. Em vez de serem o que foram destinados a ser —

destruidores do crime —, são de facto os próprios pais do crime. Mas tende bom ânimo. O dia está a despontar. As nuvens estão a abrir-se. A escuridão está a fugir, e a luz do sol da Justiça e Amor Eternos brilhará em breve sobre vós.

12 de Abr.

PERG. — Por um correspondente, em Dayton, Ohio: Vós afirmastes duas vezes que «o espírito é pensamento». Isto, no meu estado atual de esclarecimento ou falta de esclarecimento, não posso aceitar. Portanto, pelo amor da luz, mais luz, proponho respeitosamente as seguintes perguntas: Não é o pensamento o produto de atividades cerebrais? Se não, o que é o pensamento; e qual é a função do cérebro? Se sim, não são o cérebro e um organismo de suporte necessários ao homem em cada esfera da sua existência?

RESP. — Os pensamentos tiveram uma existência muito antes de os cérebros terem uma existência. Mas os pensamentos estão dependentes da ação — no que às coisas deste mundo diz respeito — sobre o cérebro; sendo o cérebro o instrumento sobre o qual o pensamento toca. O seu correspondente não parece compreender que tudo o que é o resultado da inteligência é o resultado do pensamento. Esta mesa não passa de um fruto do pensamento. Tudo o que é trazido para uma existência externa foi trazido para ali pelo pensamento. O pensamento é espírito. O pensamento é vida. O pensamento é Deus. O pensamento é tudo. O seu correspondente está na escuridão, porque coloca o material no fundamento, e constrói o espírito ou pensamento a partir desse fundamento material, o que é começar mal.

A mente é superior à matéria. O pensamento é o progenitor da matéria. Sem pensamento não poderia haver exibição realizada, tal como se vos apresenta em toda a natureza. Acreditamos numa Inteligência soberana, no pensamento combinado e realizado nas suas incontáveis formas. Deus ou o pensamento existe em todas as coisas; na folha de relva, no grão de areia, nas grandiosas realizações da arte e da ciência, em todas as manifestações da natureza; em tudo há

pensamento, e vós no externo e no interno não passais de átomos agregados pelo pensamento.

P. — Que relação sustenta o pensamento para com a mente? É o pensamento de um homem o produto da sua mente, ou é a sua mente o agregado dos seus pensamentos?

R. — A mente é o espelho humano que reflete os pensamentos do indivíduo para as coisas no mundo externo. Aquele que não está desdobrado na direção da mente não vos pode dar nenhuma exibição de pensamento. O idiota pode pensar, na sua vida interior, mas o pensamento não pode ser expresso no externo ou espelho, porque não há espelho ali.

P. — É a mente um elemento, ou como alguns periodicamente afirmam, uma substância imaterial?

R. — Não acreditamos em nada que seja imaterial, absolutamente considerado. Tudo o que é capaz de ser condensado em forma é material. Os espíritos que são vossos convidados hoje são materiais. Eles estão tão afastados dessa matéria rústica que pertence à vida externa, à natureza no mundo exterior, que vós não os podeis perceber, não os podeis compreender, a não ser quando entrais em sintonia com eles. Se não fossem materiais, as formas materiais não poderiam responder-lhes.

P. — Se a mente é um elemento, como é ela individualizada, e por que meios atinge ela o conhecimento próprio?

R. — A mente toma as características do corpo humano e dessas redondezas humanas do indivíduo. Um exibe o espelho da mente através da Ortodoxia, outro através do Universalismo, outro através do Espiritualismo, e assim sucessivamente, provando conclusivamente

que a mente é moldada ou formada pela constituição física desse indivíduo.

P. — Se um organismo é necessário para atingir o conhecimento próprio, não será também necessário para reter o mesmo?

R. — A vida orgânica é a ordem da vida em toda a parte. A vida possui uma variedade incontável de organismos, cada organismo particular dando manifestações diferentes. O conhecimento depende da inteligência; do desdobramento das faculdades intelectuais; e não repousa de modo algum especialmente na mente. A mente não passa de um espelho através do qual o intelecto se retrata a si mesmo, e não é o intelecto em si mesmo.

P. — Por favor explique a passagem: «Somente portai-vos de modo digno do Evangelho de Cristo, para que, quer vá ver-vos, quer esteja ausente, ouça acerca de vós que estais firmes num mesmo espírito, combatendo juntamente com uma só alma pela fé do Evangelho»?

R. — Uma injunção dada aos amigos da Inteligência que a deu. Pertence-lhes a eles, e não a vós. Tem um significado especial para eles, mas pouco ou nenhum para vós. Eu posso dizer palavras que elevem o povo deste dia e geração; mas algumas gerações no futuro as minhas palavras podem ser como letras mortas, porque não terão aplicação viva nessa altura; elas pertencem a esta era. Assim é relativamente à passagem em questão.

P. — É o homem responsável perante Deus por ser um pecador? Ele nasce um, e não o pode evitar. Se não é responsável pela sua natureza pecaminosa, não pode ser responsável perante Deus pelas suas ações, sendo elas o resultado da sua natureza e os frutos naturais da mesma; como as maçãs crescem naturalmente nas macieiras, não sendo as árvores responsáveis. Qual é a sua opinião?

R. — Acreditamos que o homem possui uma certa individualidade distintiva, e com ela vem a responsabilidade. Na medida em que estais intelectual e moralmente desdobrados, nessa medida sois responsáveis perante a lei do vosso próprio ser, mas não perante a lei intelectual ou moral de qualquer outro ser. Vós ides ser julgados pelo Deus que repousa dentro da esfera da vossa própria vida; nenhuma outra vida. Se vós, como indivíduo físico, puserdes a mão no fogo, experimentareis dor física.

Não importa se sabíeis que isso vos causaria sofrimento ou não, sofreis do mesmo modo. Assim é quando infringis qualquer lei moral; ela suavemente vos lembra, por sofrimento quer físico quer espiritual, que vós transgredistes. Mas é também absolutamente impossível para vós quebrar qualquer das leis de Deus. Podeis aproximar-vos disso; mas quebrá-las nunca podeis, porque a lei é maior do que vós sois. Ela é mais poderosa; detém-vos no seu punho; vós não a detendes a ela.

P. — O domingo não é Sabático de Deus, de acordo com a lei de Deus, não tendo ele nunca feito uma lei para que o homem se abstenha do trabalho no primeiro dia da semana. Não há tal lei na Bíblia, portanto o homem não pode quebrar tal lei, porque nenhuma lei dessas existe. É esta a sua opinião?

R. — É; e contudo as naturezas morais e intelectuais dos seres humanos exigem que devais abster-vos às vezes do trabalho manual, dando ao corpo uma oportunidade de recuperar, e ao espírito uma oportunidade de se batizar nas águas da inteligência e da sabedoria. Neste sentido é um dia ordenado por Deus.

P. — Nem uma das assim chamadas Igrejas dos Cristãos professos, nem todas elas unidas, são as Igrejas, ou a Igreja do Senhor Jesus Cristo, pois não? Dê-nos a sua opinião?

R. — Cada homem e cada mulher é uma Igreja por si mesmos, e o Espírito Santo habita dentro do santuário interior dessa Igreja. Não há necessidade de irdes para grandiosas catedrais, ajoelhar em almofadas de veludo, e elevar as vossas orações de paredes afrescadas para o Grande Autor da Vida. Podeis do mesmo modo ir para os campos e orar a Deus e adorá-lo ali. Um que nunca disse senão a verdade, disse uma vez: entra no teu quarto e ali fala com o teu Pai, querendo dizer que devias entrar no santuário do teu próprio ser ou alma, e ali manter sagrada comunhão com o Deus do teu ser. Ele estará sempre pronto a ouvir-te.

16 de Abr.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Se tem perguntas, Senhor Presidente, responderemos a elas.

PRESIDENTE. — Não tenho nenhuma hoje.

E. — A assistência tem então a liberdade de propor algumas, se as tiver de modo a que fossem lidas com interesse pelo público.

PERG. — É cada pessoa, enquanto na forma, acompanhada tanto por um génio ou espírito bom, como por um génio ou espírito mau?

RESP. — Os vossos acompanhantes alternam para se adaptarem à vossa condição. Às vezes sois acompanhados por uma classe de inteligências a que chamais má. Às vezes sois acompanhados pelo inverso. Elas são atraídas para vós em correspondência com as vossas redondezas humanas. Se estais tristes, atraís uma classe de espíritos tristes; se alegres, uma classe de alegres; e assim por diante. O semelhante atrai o semelhante, através de todo o vosso ser espiritual. Foi dito nos dias antigos por uma certa classe de inteligências habitando na terra que cada homem e mulher era acompanhado por um génio bom e um mau. Ora, esta fábula tem algo de verdade no seu

fundamento, pois os antigos percebiam que as influências que os cercavam correspondiam com a sua condição. Às vezes eram boas, às vezes eram más; às vezes alegres, às vezes tristes.

P. — Atrairá o estado do indivíduo esses espíritos maus, ou produzem as características que acompanham esses espíritos esse estado? Ou qual foi anterior?

R. — A condição da alma a habitar no humano atrai as inteligências pelas quais ela está cercada, sejam elas boas ou más. Essas inteligências não produzem o fundamento das vossas redondezas.

P. — Por que razão é que não podemos sentir influências espirituais quando estamos com aqueles que se lhes opõem?

R. — Por que razão é que não podemos sentir influências espirituais quando estamos com aqueles que se lhes opõem? Ora, a oposição a estas influências espirituais tende a produzir uma condição que as força a afastar-se da vossa presença. Elas vêm a vós em virtude da atração que existe nas vossas redondezas. Se essas redondezas as repelem, elas não podem vir.

P. — Foi o espírito que apareceu a Swedenborg e se anunciou como o Senhor o mesmo espírito que se manifestou através da forma de Jesus de Nazaré?

R. — Não temos razão para supor que fosse de facto essa inteligência particular. Ele pode ter suposto que sim. Outros podem ter suposto que sim. Mas não há evidência de que esta inteligência fosse outra senão um dos seus próprios amigos especiais, um que tinha habitado na forma com ele, um intimamente aliado a ele como

indivíduo; um que pensava como ele pensava, que se encontrava no mesmo plano que ele.

P. — Por que razão se anunciou como o Senhor?

R. — Porque essa era a maneira comum como os espíritos se anunciavam entre os antigos. Um diz: «Eu sou o teu Senhor e contudo o teu servo.» Assim declaram as antigas Escrituras. Ele podia do mesmo modo ter dito: «Eu sou o teu Senhor, o teu acompanhante espiritual, e sou um dos teus companheiros de servidão, tais como existiram em formas terrestres.» Há muitos Senhores e muitos Deuses a preencher toda a vida.

P. — Origina a tristeza no corpo físico ou no espírito?

R. — As suas manifestações externas podem ser atribuídas a alguma enfermidade corporal. Mas no absoluto, todas estas experiências podem ser traçadas até ao espírito. O desgosto ou a alegria pertencem ao espírito, bem como à manifestação externa. 23 de Abr.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Senhor Presidente, se tem perguntas responderemos a elas.

PERG. — São as doenças o resultado do pecado? E regressam os espíritos para afligir, infestar ou para se vingar de ofensas reais ou supostas que lhes foram feitas enquanto vivos, ou depois de despirem a forma material?

RESP. — A crença de que a doença é o resultado do pecado nasceu da mãe ignorância. A doença é exatamente tão natural ao corpo como as tempestades o são à terra. A terra não peca quando uma tempestade terrível varre a terra. Vós não pensais em supor que a terra

pecou por causa de uma tempestade a varrê-la. Oh não. Então não devíeis acusar o corpo de pecado, nem o espírito também. Sim, os espíritos regressam frequentemente para se vingar de males quer imaginados quer ilusórios, e procuram por todos os meios possíveis descarregar a sua vingança sobre quem quer que ela possa cair.

Onde quer que haja uma máquina negativa, tal como aquela que o vosso orador agora usa, ali o seu poder é mais sentido, ali eles podem exercer a força mais real. Através destas máquinas eles podem enviar uma influência magnética que pode afetar quer para o bem quer para o mal, quando imaginam que foram injustiçados. Se eles passam com essa crença para as esferas espirituais, se há um modo de poderem regressar, eles aproveitarão esse modo. 24 de Abr.

PERG. — «Por favor pergunte às inteligências no círculo público se sabem alguma coisa sobre uma doença chamada a doença do leite, no Sul de Illinois? Se não, farão o favor de se informar, e sugerir uma cura ou preventivo?»

RESP. — A Natureza fornece um meio adequado de cura para todos os males da vida; e esta não é de modo algum uma exceção. O velho ditado é tão bom agora como sempre: «Mais vale prevenir do que curar.» Então para prevenir este mal, recorrei ao banho livre, ao exercício livre ao ar livre, e à abstenção total de todo o tipo de comida que tende antes a quebrar a constituição física do homem do que a construí-la. Este é o melhor meio de prevenção que conhecemos.

P. — Por J. Bailey, de Florence, Mass.: Desejo perguntar nos vossos círculos que traço de caráter, na vossa opinião, indica uma grande paixão ou amor por flores cultivadas e plantas de casa? Não se pode supor geralmente que manifesta um gosto refinado e uma disposição amável? E não deveria o costume ser encorajado, por ter uma boa influência?

R. — Diz-se que as flores são os emblemas pelos quais os anjos falam. Há muita verdade nesse dizer. Os habitantes do mundo dos espíritos — a maior parte deles — deleitam-se no belo. Tudo o que é belo para os sentidos é apreciado pelas massas que são invisíveis para vós. Eles amam as flores que têm uma existência na vossa terra material. Assim, pois, aqueles na forma que são afeiçoados às flores tornam-se muito intimamente aliados às inteligências além do túmulo; e, pelo meio das flores, são muito suscetíveis de entrar em sintonia clara e distinta com os anjos. É bom, se quereis manter a companhia dos anjos, cultivar flores. Aprendei a amá-las; mantende-as convosco. Aprendei a adorá-las; pois tudo o que é belo é digno de adoração, como o é tudo o que é bom.

P. — Foi Jesus para o templo e derrubou os cambistas, e pegou num chicote ou azorrague e chicoteou os negociantes de dinheiro para fora, como a Bíblia representa? Se assim foi, seria correto para os seus seguidores imitar o seu exemplo?

R. — Acreditamos que o Registo assim o declara; e mais ainda, acreditamos que se Jesus entrou no templo e expulsou os cambistas, isso não militou contra o seu caráter divino. Mas deveria ser lembrado que todos os ditos, tudo o que está registado dentro das capas da vossa Bíblia, tem um duplo significado; um significado espiritual e um significado material. Ora é muito possível que o espírito daquilo que está registado fosse a vida existente. O que queremos dizer com isto é que possivelmente pode ter sido uma alegoria espiritual, e não material. O espírito da verdade está hoje constantemente a entrar nas vossas assim chamadas casas de Deus, nos vossos santuários de adoração divina, expulsando o espírito do ganho, repreendendo, através das consciências daqueles que ali se reuniram, todos esses que carregam para ali a influência dos seus atos materiais no mundo exterior. O espírito da verdade está em toda a parte presente, e é essa vida divina que devíeis reconhecer. Esquecei o corpo, e lembrai apenas os seus atos; pois ao fazerdes isso cometereis menos erros na vida.

P. — Por J. E. H.: Em que sentido era Jesus de Nazaré o único filho amado de Deus?

R. — Em sentido nenhum, na nossa opinião.

P. — Pelo mesmo: Em que sentido é verdade que nenhum homem pode vir a Deus senão através de Cristo?

R. — Nenhum homem pode vir a uma compreensão da verdade senão através da verdade. Nenhum homem pode saber o que são as verdades, senão caminhando na verdade. Isto é o que se quer dizer com esta passagem, acreditamos nós.

ESPÍRITO. — Um amigo no Oeste de Nova Iorque faz-nos esta pergunta: «Como hei de eu saber que há uma vida após a morte, visto que não posso sentir essa vida?» Estas, acreditamos nós, são as palavras precisas que ele colocou no papel e trancou dentro das capas da sua secretária, e nos pediu para responder. Fá-lo-emos.

Como sabeis que a prata existe na atmosfera? Vós não a podeis ver, não a podeis sentir; e contudo ela está lá. O químico provará que ela está lá, que existe na atmosfera. E novamente, tomai uma placa de prata, deitai-a em ácido nítrico. Em breve a sua identidade é perdida. Mas foi-se a prata? Não, a sua vida permanece, e pode ser restaurada à sua antiga forma novamente. O químico pode fazê-lo; pode dizer-vos exatamente como é feito. Direis vós que porque a prata mudou de forma ela não existe? Certamente não devíeis.

Assim é relativamente ao espírito. Tendes o direito de questionar relativamente a essa vida além do túmulo simplesmente porque não a podeis ver? Não, não tendes direito de o fazer. A morte não passa de um nome para a mudança, e o mundo dos espíritos não passa de outro nome para esse mundo que existe no meio da vossa vida humana. Ora

amigo, se vos queríeis informar relativamente a essa vida na qual deveis mais cedo ou mais tarde participar, aproveitai os meios ao vosso redor. Derdes o primeiro passo — dai o segundo. Quando tiverdes dado esse, dai outro, e outro, até que fiqueis sobre a montanha do conhecimento, agradecendo a Deus por terdes alguma vez dado o primeiro passo. 29 de Abr.

PERG. — No segundo capítulo dos Atos, versículo trinta e um, diz: «A sua alma não foi deixada no inferno, nem a sua carne viu a corrupção.» Primeira aos Coríntios, capítulo quinze, versículo cinquenta, diz: «A carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus.» Estes dois versículos parecem uma contradição. Irá o espírito presidente fazer o favor de explicar?

RESP. — Seria difícil harmonizar todas as contradições que existem no vosso assim chamado Sagrado Registo. E também como ele vos é apresentado, seria extremamente difícil definir o real significado de todo o Registo; pois compreenda-se que onde tendes uma frase perfeitamente apresentada, tendes dez muito imperfeitamente apresentadas. E contudo é o vosso Livro Sagrado. Nós nada temos a dizer mais do que dissemos. Não podemos responder à pergunta.

P. — Pode explicar como a Sra. Denton vê as coisas psicometricamente, por objetos colocados nas suas mãos — vê as transações de há anos atrás?

R. — Não há separação na vida, em parte nenhuma. Todos os átomos estão ligados por uma lei imutável. Assim, se o psicometrista detém qualquer átomo dentro da sua influência magnética, ele pode em virtude dessa vida magnética determinar a localização precisa de onde esse átomo, como um átomo, originou. Todos os átomos têm uma alma, uma vida interior. A mesa tem a sua alma, o grão de areia, os mundos em rotação no espaço têm as suas almas; os corpos

humanos têm as suas almas, e por essa vida o psicometrista determina o passado.

P. — Como é que o psicometrista retém esse poder?

R. — A vida — a vida individualizada — nunca se afasta do átomo enquanto ele for um átomo. O calhau na praia tem uma vida individualizada; exatamente tanto quanto vós tendes. Essa vida é vista pelo espírito, é reconhecida pelo psicometrista. Há uma linha direta que leva de volta à fonte material de onde esse átomo nasceu. Portanto é muito fácil determinar as suas redondezas. Enquanto ele detiver uma existência material, individualizada, durante esse tempo essa vida magnética existe com ele.

P. — Como é que objetos tirados de grandes profundidades podem ser influenciados por coisas na superfície?

R. — Simplesmente porque todos os átomos estão ligados. Vós, como um átomo espiritual e físico e intelectual, influenciais todos os outros átomos, particularmente no que à vossa vida da alma diz respeito. Isto é verdade, também, de cada outro átomo existente no universo.

ESPÍRITO. — Pode parecer estranho a alguns que tenhamos tão pouca reverência pela vossa Bíblia; mas compreenda-se que o vosso orador não tinha a menor reverência por ela quando estava aqui. Ele não a acreditava mais a palavra de Deus do que qualquer outro livro. A mesma vida que pertencia ao vosso orador na terra, pertence-lhe hoje. Ele existe como uma individualidade distinta hoje, como existia no passado. Ele segue no mesmo rasto na vida, e em muitos aspetos não mudou as suas opiniões, embora em muitos tenha mudado. Mas onde ele acreditava que o Registo não era verdadeiro aqui, ele agora sabê-lo; portanto ele fala como fala. Ele não pede desculpa. Se ofende,

fica triste. Mas ele sabe que virá o tempo em que adorareis o espírito, e não o livro. 30 de Abr.

PERG. — Há quaisquer uniões permanentes na Natureza, quer com a matéria quer com a mente?

RESP. — Não; não há uniões permanentes na Natureza, quer na natureza da matéria quer da mente, porque a vida está perpetuamente a aperfeiçoar-se a si mesma através da mudança. Portanto os átomos que formam uma massa agregada hoje podem estar espalhados para todos os ventos amanhã. Almas que estão agrupadas em amor e afinidade hoje, amanhã podem estar amplamente separadas.

P. — Uma mensagem pretendendo vir do espírito de Anna Goodwin foi publicada no «Banner of Light» em Fevereiro passado, comunicada nos Círculos Livres. Declarava que o seu pai tinha visitado algum médium com um amigo, [o Sr. Moulton,] para obter uma mensagem da sua filha [Anna]. Um cavalheiro desejando um teste, perguntou ao Sr. Goodwin se era assim. Ele disse que nunca tinha ido a nenhum médium ou sessão, ou feito quaisquer investigações sobre o assunto. Irá o Espírito Regente fazer o favor de explicar a discrepância?

R. — Acontece às vezes que essas inteligências que recentemente se tornaram residentes da terra dos espíritos confundem de tal modo a ação da mente com a ação da matéria, ao ponto de declararem que a forma, as formas externas foram vistas em tais e tais lugares e comunicaram com os amigos da terra, em vez da vida habitante da forma. É um facto científico espiritual bem conhecido que o espírito habitante, em todos os momentos, sob todas as circunstâncias, mantém comunhão com aqueles que mais ama. Mas o resultado dessa comunhão é raramente transmitido aos sentidos externos. Ora é muito possível que isto possa ser atribuído ao confundir do espiritual com o externo; contudo nós não sabemos — dizemos que é possível; nós não

fomos informados diretamente relativamente ao caso, mas acreditamos que a discrepância possa ter sido causada deste modo.

P. — Os Baptistas dizem que há um dia de julgamento. O que é feito com os espíritos daqueles que não são bons até esse dia?

R. — Como um espírito, como uma inteligência consciente, vós estais continuamente a ser julgados. Portanto não há necessidade de qualquer dia de julgamento especial. Esta tradição foi transmitida da mitologia egípcia, derivando eles a sua crença dos céus estrelados. Em certas estações do ano eles acreditavam que o sol, que era o Deus da criação, chamava todos os seus súbditos e passava sentença sobre eles. Aqueles que eram mais afortunados eram ressuscitados no tempo da primavera. Aqueles que eram desafortunados eram consignados ao esquecimento. Disto, e disto apenas, originou a crença do Cristão num dia de julgamento. Acreditai em nós, vós estais todos continuamente a ser julgados pelo juiz dentro de vós. Vós não podeis cometer o que entendeis ser pecado sem serdes julgados. Portanto deste modo apenas ides ser julgados. Nenhum juiz mais perspicaz precisais. Ninguém passará julgamento mais justamente do que o juiz dentro de vós. Não há dia de Julgamento geral. Não pode haver nenhum. 3 de Maio.

PERG. — Podem os espíritos ver ou descrever uma localidade desconhecida para eles quando na terra?

RESP. — O espírito desencarnado, ao tomar conhecimento das coisas que pertencem a esta esfera mundana, é obrigado a fazer uso dos vossos médiuns espirituais como agentes. Portanto, se estes agentes forem bons e bem adaptados ao caso em questão, eles podem ver e descrever perfeitamente qualquer localidade — não sem isso.

P. — É a felicidade um objeto legítimo da procura humana?

R. — Na medida em que toda a vida inteligente está a procurar a felicidade, isso em si mesmo é prova suficiente de que é legítimo procurar por ela. Nós não acreditamos que o grande Autor da Vida tivesse alguma vez implantado o desejo de ser feliz, se esse desejo não fosse legítimo e para ser concedido.

P. — Irá o espírito fazer o favor de explicar a passagem: «Ele terá misericórdia de quem quiser ter misericórdia; e a quem quiser endurece»?

R. — A passagem parece pender muito fortemente para o lado do fatalismo, quando considerada a partir de um ponto de vista material ou externo. Ela simplesmente declara que há um Poder a governar o universo que fará o que quer que quiser, apesar de quaisquer orações ou súplicas individuais. Vós estais sempre sob o controlo desse Poder. Vós não tendes vontade sobre ele. Ele chamou-vos à existência, e governará essa existência, não de acordo com a vontade do indivíduo. Esta é toda a definição que podemos dar relativamente à passagem. 14 de Maio.

PERG. — Por J. E., de Filadélfia: Por que processo foi o primeiro ser humano neste planeta produzido?

RESP. — É absolutamente impossível determinar conclusivamente onde a vida intelectual teve um início, ou como teve um início. Na verdade, é quase um facto estabelecido que ela nunca teve um início; que a vida, através da inteligência, sempre existiu, nunca tendo tido qualquer forma de criação. Portanto é que somos forçados a concluir que nunca houve quaisquer primeiros estágios de inteligência, quer sobre este planeta quer sobre qualquer outro.

P. — Pelo mesmo: Se os espíritos se movem de lugar para lugar através da sua vontade apenas, qual pode ser a utilidade de terem pés?

R. — Devíeis saber por experiência que a vossa locomoção através da vida humana depende da ação da vossa vontade. E devíeis saber, também, que na medida em que tendes pés, há necessidade de pés. Ora, pois, se os pés existem em forma além da morte, isso é prova de que os pés são precisos além da morte, ou da mudança química, como vós lhe chamais. Os pés são usados aqui em virtude da vontade do espírito habitante. Os pés são usados ali pelo mesmo poder, e através do mesmo modo de ação. Todas as coisas que são, são por necessidade, não por acaso. 15 de Maio.

PERG. — Por S., de Ohio: No «Circular», o jornal impresso pela Comunidade de Oneida, Nova Iorque, encontra-se na sua declaração de crença religiosa a ideia expressa de que Jesus Cristo é o centro da organização celestial, e que o seu reino foi fundado e a sua segunda vinda teve lugar há dezoito séculos atrás, e que todo o progresso, civilização e reforma desde então é o resultado: Possui a inteligência regente evidência suficiente para garantir esta asserção de que Jesus Cristo é e foi o centro e líder, o primeiro, quer dentro quer fora da forma material, que atingiu essa condição de harmonia necessária para expressar na vida real o que é entendido por céu, ou o reino do céu? Em que sentido é a declaração do Circular correta ou incorreta?

RESP. — Jesus o Cristo, ou Jesus o Dizedor da verdade, foi simplesmente uma expressão externa desse princípio da verdade que libertará todas as almas. Neste sentido ele é o centro do poder, o centro do progresso, da sabedoria, o centro de tudo o que faz o vosso céu. Sem um conhecimento dessa verdade estais em servidão; com um conhecimento dela estais inteiramente livres, não apenas no sentido externo da palavra, mas no interno; livres no sentido absoluto do termo. Estas pessoas que se agruparam a si mesmas, e estão a viver sob certas ideias peculiarmente subscritas, estão sem dúvida verdadeiras para consigo mesmas, e têm uma ideia vaga dessa verdade que foi manifestada através de Jesus; mas deram-lhe uma manifestação rústica e incerta. Portanto é que ninguém senão elas

mesmas pode compreender a sua posição. Contudo no essencial, no fundo além da superfície, acreditamos que estejam corretas.

P. — Por B. F. Clark, de Nova Iorque: Acredito que o calor é vida, e o frio é morte. Portanto não acredito que o gelo possa ser bom para o cólera; mas, pelo contrário, seria suscetível de ser muito prejudicial. Terá a bondade de mencionar este assunto no seu círculo público?

R. — O seu correspondente tomou uma visão extrema do caso. Ele acredita que o calor é vida, e o frio é morte; quando a verdade é que a vida reside entre os dois. O modo adequado de tratamento a ser adotado no cólera depende muito da condição do doente. Há alguns casos de cólera que poderiam ser melhor tratados pela aplicação de gelo, interna e externamente, do que de qualquer outro modo. E, novamente, há muitos outros que morreriam, como vós chamais, sob tal tratamento. Portanto é absolutamente necessário que os vossos homens médicos sejam homens científicos.

É absolutamente necessário que eles saibam a causa do cólera em cada caso individual e, sabendo a causa, tenham sabedoria suficiente para aplicar o remédio adequado. Há muito poucos casos onde seria sábio administrar tratamento frio; contudo há alguns, e estes, como a outra classe, requerem ser tratados com sucesso. Nós instaríamos com os vossos homens médicos para que procurem, em todos estes casos difíceis, aprender qual a causa, ou causa principal, da doença; e, tendo-a aprendido, se forem versados nessa ciência particular que pertence à vida humana, saberão bem como tratá-la.

P. — Irá o espírito fazer o favor de nos dizer o significado do texto: «No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus. E o verbo se fez carne e habitou entre nós. Ele foi chamado Emanuel, Deus connosco»?

R. — «No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus.» No princípio era todo o espírito, o princípio de toda a vida; e esse é Deus; sendo Deus, está com Deus; e onde quer que seja manifestado através de tabernáculos de carne, ali o Espírito de Deus é manifestado. Esta passagem particular tem referência à palavra da verdade ou vida, conforme dada através de Jesus. E o verbo se fez carne, ou a verdade foi manifestada através da carne, e habitou entre nós.

P. — Se o Espiritualismo é destinado a elevar a raça humana, e tornar os homens e mulheres melhores, por que razão é que uma porção tão grande daqueles empenhados nesta nobre obra são tão desarmónicos nas suas relações familiares?

R. — Aqueles que estão doentes devem ser purgados da causa da sua doença antes de poderem ser tornados sãos. O Espiritualismo é um médico que anda pelo largo e comprido da terra, aplicando os seus remédios em toda a parte; nos vossos círculos familiares, através das nações e aos indivíduos este grande médico vai, aplicando a sonda e dando os seus remédios. Se os seus remédios têm de se provar eficazes, ele deve primeiro tornar os seus doentes muito doentes. A doença é desarmonia, perturbação, e todas essas perturbações que são vistas através deste reino espiritual na terra não passam de indicações de que mais tarde ou mais cedo tereis deitado fora estas desarmonias que habitam entre vós. Então a paz pousará sobre vós, tal como é conhecida entre os anjos. 17 de Maio.

PERG. — Irá a inteligência regente fazer o favor de explicar as palavras na oração do Senhor: «Venha o teu reino assim na terra como no céu»?

RESP. — Venha o teu reino à consciência externa dos teus filhos, assim como é na consciência interior. Permite-lhes que nas suas vidas exteriores saibam que são guiados pelo santo espírito, como o sabem

nas suas vidas interiores. Permite que a mesma paz que perpassa as suas vidas interiores ou da alma seja encontrada nas suas vidas externas ou naturais. Pois compreenda-se que estais a viver duas vidas distintas ao mesmo tempo, não obstante alguns não o entenderem assim. E como Jesus percebeu que isto era verdade, e como outros filósofos espirituais antes do seu tempo o tinham percebido, assim esta oração teve nascimento desse princípio de harmonia — a harmonia e o céu da vida interior. Não era estranho que ele orasse para que o Grande Pai de Todos estendesse este céu para a vida exterior.

P. — Por R. C.: A irmã do interrogador — cética antes — descobriu a verdade do Espiritualismo imediatamente ao deixar o plano terrestre. A sua mãe esteve infeliz durante algum tempo após deixar a terra, e ficou desapontada por não ver Deus. Ela gradualmente superou as suas vistas e ensinamentos da igreja, e é agora feliz. Não superam todos os que são mantidos em servidão mental pela igreja, mais cedo ou mais tarde, os seus ensinamentos teológicos?

R. — Como a infância supera as circunstâncias da infância, assim os homens e mulheres superam as suas superstições teológicas.

P. — Pelo mesmo: Serão todos os sermões e orações que ouvimos por teólogos de algum benefício para nós no mundo dos espíritos? Podem eles ser de utilidade para nós, fundados como estão em falsas doutrinas?

R. — Tomados como um todo, são de nenhuma utilidade. Mas individualmente são de utilidade, pois há algumas almas que só podem ser trazidas a uma compreensão de uma vida espiritual através destas mesmas, para alguns, declarações não verdadeiras relativamente a essa vida. Os teólogos pregam e oram de acordo com a luz que brilha sobre eles. Portanto eles recebem a bênção dessa vida; experimentam a alegria que vem por razão de terem feito o que

consideram o seu dever espiritual. E essa classe de seres que estão em sintonia com estes teólogos, eles, também, são abençoados pela mesma luz. A noite vem sobre a face da natureza para o bem, e assim esta noite espiritual é sofrida existir para o bem. Algumas almas crescem melhor na escuridão do que na luz; portanto o Grande Pai de Todos foi sábio ao instituir mesmo a escuridão teológica.

P. — Pelo mesmo: É verdade que enquanto o corpo físico não está decomposto, o espírito é atraído, puxado para ele, e não pode voar tão alto, nem ser tão feliz, até que ele esteja todo dissolvido e absorvido nos elementos? E é também verdade que é um peso sobre o espírito, e a sua atração toma o tempo de que eles precisam para outra coisa qualquer? Se isto for assim, não é moralmente errado embalsamar um corpo, causando dor, inquietação e infelicidade ao espírito?

R. — Há uma certa atração misteriosa que existe entre o corpo espiritual e o corpo material, enquanto os átomos que compõem esse corpo forem mantidos juntos. Ela não absorve, contudo, o tempo do espírito, nem traz infelicidade positiva sobre o espírito. Há apenas um sentido de atração para ele que o espírito não pode resistir, e não quer resistir. Vós viveis, como inteligências na carne, em virtude da atração que existe entre o corpo espiritual e material. Essa mesma atração é mantida após a morte do corpo, apenas num grau menor do que quando o espírito habitava nele. Nós não recomendaríamos o processo de embalsamamento. O vosso tempo podia ser gasto com melhor proveito, como mais tarde determinareis. Há muitas inteligências na terra dos espíritos cujos corpos foram submetidos a esse processo, e elas disseram ao vosso orador que foram tornadas muito infelizes em consequência; não porque a atração fosse mais forte do que em outros casos, mas porque elas estavam não desejosas de que os seus amigos colocassem o seu afeto sobre um corpo que deve perecer, em vez de o transferirem para o espírito vivo.

E quando elas encontram os seus amigos a irem, como às vezes fazem, semana após semana, ao local onde o seu corpo jaz embalsamado, para que possam chorar sobre ele, esquecendo no seu desgosto que o espírito vive e os ama ainda, então é por razão desse choro que o espírito chora também. Portanto nós não recomendaríamos que embalsamásseis os corpos materiais dos vossos amigos aquando da morte. Antes deitai-os suavemente sob o seio da mãe terra. Deixai-a cuidar deles, pois eles pertencem-lhe a ela.

P. — Pelo mesmo: É a oração por procuração de algum proveito? Será a oração pública, particularmente aquela que é paga, ou destinada a ser paga, de algum proveito para nós no mundo dos espíritos?

R. — De modo algum. A verdadeira oração, que é eficaz, vem da alma fervorosa que deseja ser elevada para fora da sua condição atual. Ela pede algo que não tem. Essa oração de que falais nasce das coisas sórdidas do tempo, e não da vida da alma da alma. Se queríeis ser beneficiados pela oração, deixai que seja essa que deita raízes dentro e brota espontaneamente fora, alcançando, por assim dizer, a grande fonte de toda a oração.

P. — Pelo mesmo: Será a preparação sacerdotal de um assassino prestes a ser executado de algum bem para ele no mundo dos espíritos? Qual será a sua condição ali?

R. — A condição de cada alma, quer aqui quer de futuro, é diferente de cada outra alma. Nenhuns dois criminosos experimentam a mesma vida, quer no mundo dos espíritos quer no mundo material. As orações do padre em favor do criminoso são absolutamente inúteis. A oração que é de utilidade deve vir do próprio criminoso, e não do padre. O padre pode orar apenas ao seu próprio Deus. O criminoso tem outro Deus — o Deus da sua alma. A esse ele deve orar, pois esse Deus ouvi-lo-á a ele, e a ele apenas. 21 de Maio.

PRESIDENTE. — No *World's Crisis* há alguns comentários sobre a resposta a uma pergunta dada no nosso Círculo Livre, e publicada no *BANNER* de 21 de janeiro de 1865. Gostaria de os ler, se estiverem dispostos a isso.

ESPÍRITO CONTROLADOR

Teríamos muito gosto em ouvi-los.

PERG. No *Banner* de 10 de dezembro, noto que a Terra de Verão de A. J. Davis é uma produção da fantasia. E dizem depois que a alma é retirada da lei das coisas materiais quando deixa o corpo. É, então, pensamento — pensamento absoluto: vive no mundo do pensamento; e daí deduzo que consideram o pensamento como imaterial. Gostaria simplesmente de perguntar: Pode haver personalidade, lugar, existência, ou seja o que for, onde não há nada, ou substância nenhuma?

RESP. — Os pensamentos nunca existem sem forma e lugar. Os vossos pensamentos são o vosso verdadeiro eu. O corpo através do qual os pensamentos são projetados não é, de modo algum, o verdadeiro homem ou a verdadeira mulher. É apenas o mecanismo mortal e bruto através do qual o pensamento se manifesta. Ora, para alguns, o pensamento é uma espécie de matéria, intensamente sublimada, sem dúvida, pois o pensamento é suscetível de ser dissolvido, desintegrado, alterado, devendo, por isso, possuir algo de vida material, caso contrário não estaria sujeito à lei da mudança.

O vosso correspondente não precisa de ter receio de vir a ficar insatisfeito com a sua condição de espírito por não ser mais do que pensamento, pois esse pensamento é o real, não o ideal; o pessoal, não o fantasioso, algo inteiramente substancial, não insubstancial. É algo mais do que sopro, algo mais do que forma, algo mais do que realidade, tal como compreendem o termo realidade. É uma imortalidade, uma entidade individualizada; algo capaz de memória;

algo capaz de amor; algo capaz de erguer para si mesmo um lar que o satisfaça.

Encontramos aqui a suposição de que existiremos no mundo futuro como pensamentos, e não como pessoas reais e tangíveis. Mas os pensamentos não são entidades que abandonam os homens na hora da morte, mais do que a dor ou a alegria. Ninguém sustentaria que a dor pode ser retirada de um homem e preservada como um objeto; mas isto poderia ser feito tão bem quanto o pensamento pode existir como um objeto, independentemente da pessoa que pensa. O pensamento, no homem, é o resultado de um cérebro ativo, tal como a dor é o resultado de um determinado movimento no seu sistema. Ambos cessam com a morte. "No dia em que o sopro do homem sai... nesse mesmo dia perecem os seus pensamentos." — Sl., cxlvi: 4. Quando o organismo físico de qualquer ser morre, esse ser não pensa mais até que ressuscite dos mortos; e se os mortos nunca ressuscitam, então não há consciência futura para os que morrem. Este ponto é filosoficamente correto e escrituristicamente verdadeiro.

RESP. As opiniões do editor do *Crisis*, que acabaram de ler, não são de modo algum corretas, não são de modo algum verdadeiras, e não há nada em toda a terra, ou acima da terra, ou debaixo dela, que as fundamente. O pensamento existe porque Deus existe, e assim tem de ser para sempre. Uma agregação de pensamentos forma a individualidade da vida humana e da vida pós-humana. Isto está estabelecido para além de toda a contradição. O vosso correspondente assenta no velho, miserável e podre alicerce dos ressurreccionistas. Esse alicerce em breve passará, e ele ficará, por assim dizer, sem nada debaixo dos pés, nem mesmo um céu sobre a sua cabeça.

Contudo, existirá como pensamento individualizado e agregado, e esse pensamento procurará o seu Deus por todo o universo, e terá a certeza de O encontrar. Ele diz: "Os espíritos ensinam algumas doutrinas estranhas e dizem alguma verdade." O que eles ensinam é de facto estranho para aqueles que não estão preparados para o compreender. Vem como carne fora de tempo; vem como semente que é semeada em pedregulhos. Não há alma que a nutra, para que possa brotar numa vida consciente e ativa. Mas todas as almas, bem o

sabemos, assentam num solo progressivo e ativo. Todas as almas assentam num solo que está sempre a mudar e tem, como consequência necessária, de progredir também. Mesmo aqueles que são mais rígidos na sua crença religiosa perdem, com o tempo, a sua rigidez, tornam-se com o tempo suavizados e dão frutos que pertencem à hora presente. Temos esperança para eles após um sono de mil anos, nem os entregamos a uma vida individual inconsciente. O pensamento é Deus, e quando o vosso correspondente puder provar que não o é, então começaremos a acreditar que estamos em erro; mas não antes disso.

22 de maio.

PERG. — Irão os espíritos transmitir as suas ideias sobre o tema do prolongamento da vida e dar instruções sobre como o fazer? Spencer, nos seus "Princípios de Biologia", informa-nos "que na criação criteriosa do gado, pelo menos noventa e seis por cento, e dos cavalos noventa e cinco por cento atingem a maturidade, mesmo no nosso clima rigoroso; ao passo que na raça humana nada menos de trinta e cinco por cento perecem na infância e na juventude, e nas classes menos favorecidas nada menos do que cinquenta por cento morrem antes de completarem sete anos. Considera-se que o assunto possui atrativos aterradores para todos os que se importam minimamente com o bem-estar da humanidade. Nem este medonho e sensaborão desperdício de vida esgota, de modo algum, o sombrio interesse do assunto. Das multidões que são assim varridas para sepulturas prematuras voltamo-nos para os vivos e deparamos com a lívida questão da qualidade de vida nas multidões que restam. Rastreando esta mortalidade prematura até às suas causas, verificamos que elas atuam em graus variáveis e produzem uma ampla diversidade de efeitos. Condições físicas e mentais estampam-se no organismo vivo. Alimentação deficiente, vestuário imperfeito, ar viciado, água impura, trabalho excessivamente exaustivo, desânimo mental, más companhias, hábitos viciosos e uma multidão de agentes morbíficos estão a fazer o seu trabalho fatal sobre vastas classes da sociedade.

Mas enquanto milhares perecem, a própria corrente da vida é envenenada, de modo que estes agentes destrutivos se revelam não

apenas na morte prematura, mas numa estirpe doente e debilitada, que transmite as suas próprias imperfeições à sua descendência, amaldiçoando assim gerações vindouras. Imperfeições orgânicas, fraqueza constitucional, moléstias corporais e mentais, e até tendências para o crime, são transmissíveis de pais para filhos. As leis da hereditariedade, que transportam semelhanças de forma e feição e peculiaridades corporais de geração em geração, transportam também debilidade corporal e mental, impurezas do sangue, predisposição para a escrófula e para a loucura, apetites mórbidos, controlo pessoal frágil e a dominância das propensões inferiores."

RESP. — Todos estes diversos males, se assim lhes podemos chamar, brotaram de uma só raiz, e essa raiz é as vossas associações não naturais, masculinas e femininas. Estas associações têm sido mantidas, têm vindo a crescer e a ampliar-se há séculos, e ano após ano extrai-se desta raiz algum novo desenvolvimento, algum crime, talvez, com que os moralistas não sabem lidar — alguma doença com que os médicos não sabem lidar — alguma moléstia mental sobre a qual os sacerdotes não conseguem ter poder algum. Esses são os demónios que exe3recem obsessão a vida humana; e estes são os espíritos maus, ou demónios, que deveriam ser expulsos. Mas eles só saem por meio de jejum e oração. O que queremos dizer com isto? Ora, que vos abstenhais daquilo que é não natural e oreis fervorosamente para serdes auxiliados a alcançar o que é natural. A Natureza e o seu Deus dotaram-vos — a vós, reis e rainhas da vida animal — com tantas bênçãos quantas dotou a ordem inferior de animais. Mas vós corrompeste-las na vossa ignorância; procurastes muitas invenções e desviastes-vos para muito longe do caminho certo.

Seria absolutamente impossível para vós retificar estes erros num século. Mesmo que começásseis hoje a esforçar-vos fervorosamente por retificar estes erros, passariam muitos séculos antes que pudésseis atingir esse padrão natural que é o vosso direito concedido por Deus. Nove décimos das vossas relações de casamento são falsas. Homens e mulheres associam-se uns com os outros sem vista alguma para o futuro. O presente, com os seus desejos mórbidos, absorve-lhes o

pensamento, e eles passam para o fogo mesmo quando os seus sentidos sabem que é fogo.

O mundo dos anjos não abriu as suas portas e as suas janelas à vossa consciência humana em vão, assim o esperamos; pois lenta e seguramente cada alma que regressa desse mundo invisível até vós está a pregar a palavra da vida eterna, mostrando-vos um caminho mais excelente, cada qual à sua maneira peculiar — uns guiando-vos por um atalho, outros por outro, mas todos esforçando-se por vos elevar para fora da vossa condição atual. Eles dizem-vos que estais errados. Dizem-vos que estais a trazer maldições não apenas sobre vós mesmos no dia de hoje, mas que as estais a transmitir a gerações ainda por nascer.

Acreditas nisso? Alguns de vós acreditam; e esses poucos que acreditam serão como o fermento que abrirá o seu caminho por toda a massa, até que finalmente todos conheçais o caminho melhor; e porque é o caminho melhor, porque é todo ele santo e divino em si mesmo, estareis dispostos a cumpri-lo. 24 de maio.

PERG. — Fará a inteligência o favor de me informar como me parecerá possivelmente ao entrar pela primeira vez no mundo dos espíritos? Explique qual é a sensação na morte, ou a mudança?

RESP. — A sensação que acompanha a mudança chamada morte nunca pode ser explicada satisfatoriamente, a não ser à medida que o indivíduo passa por ela. A experiência tem de vos trazer uma resposta satisfatória, nada mais o poderá fazer. A morte é apenas o despojar do corpo exterior. É apenas uma entrada naquela que pode ser chamada a segunda esfera de vida ou ação. Não é de modo algum o despojar de nenhuma das faculdades da alma concedidas por Deus, pois essas faculdades são ampliadas. A alma, em virtude de ser uma alma, conserva tudo o que ganha através das experiências da vida humana. Por isso nada perde com a morte, salvo o corpo exterior. Não vos

podemos dizer como vos sentireis quando passardes pela morte. Apenas a experiência vos pode dar essa informação.

PERG. — Por que razão pessoas que estão vivas e de boa saúde são vistas em lugares diferentes ao mesmo tempo? O meu pai foi visto de forma clara e distinta por três membros da família da sua irmã ao mesmo tempo, quando o seu corpo estava na realidade a cinquenta milhas de distância. Conheço vários casos desses. Fará o favor de me informar relativamente a este fenómeno? Ele parecia estar tão natural e perfeito como quando lhe pegámos na mão.

RESP. O espírito ou alma pode duplicar-se a si mesmo, tantas vezes e em tantos lugares quantos escolher, desde que as circunstâncias sejam tais que se adaptem ao seu propósito. Todos vós tendes sido ensinados pelas diferentes inteligências que vos visitam de tempos a tempos que, como almas, sois livres; sois possuidores de um poder maravilhoso; na verdade, que detendes todo o poder dentro da vossa própria esfera, apenas não estais conscientes disso. Mas à medida que crescerdes num conhecimento mais perfeito da vida do espírito, vereis então que não cresceis ali pela inação, apenas cresceis como almas através da ação consciente.

PERG. Do público: Por favor, explique a passagem: "O que desvia o seu ouvido de ouvir a lei, até a sua oração será abominável." Também esta passagem: "O sacrifício dos ímpios é uma abominação para o Senhor; mas a oração dos retos é o seu deleite." Não há uma grande diferença moral entre a oração do homem cristão e a oração de um homem pecador?

RESP. — Oração é oração, venha de onde vier. O poeta diz-nos:

"A oração é o desejo sincero da alma,

Não pronunciado ou expresso;

O movimento de um fogo oculto

Que treme no peito."

Certamente não vos podemos dar uma definição mais clara ou mais positiva. Os cristãos não sabem mais como orar do que os pagãos. Todos eles oram, cada um à sua maneira; cada um segundo a luz que recebeu. A oração de um, acreditamos nós, é tão aceitável para o Grande Infinito como a de outro.

PERG. — Irá William Strauss dizer-nos o que pensa da "Nova Vida de Jesus", dedicada a si pelo seu irmão, Frederick Strauss? Ou responderá a inteligência ao acima exposto, se o espírito do Sr. Strauss não estiver presente?

RESP. Não tendo conhecimento pessoal relativamente a essa consulta em particular, certamente não podemos responder-lhe.

PERG. — Por H. K. Parker: Quais são as condições atuais, e o que estão as seguintes pessoas nomeadas a fazer agora? A saber: Adão e Eva, Noé e esposa, Abraão e Sara, Moisés e Zípora, Faraó e o milagre do Mar Vermelho, Josué e Jabim, Sansão e Dalila, Samuel e Saul, David e esposa ou esposas, Daniel da Cova dos Leões, Crianças da Fornalha, Jesus e Judas, Paulo e João, Arnold e Lincoln, Maomé e Swedenborg, Wesley e Irving, Calvino e Armínio, Ann Lee e Joseph Smith, Voltaire e Paine. Uma descrição das condições, princípios e práticas destes indivíduos, em contraste agora com o que foram em tempos passados na sua vida terrena, e no estado espiritual de agora, mostraria os resultados de caminhos amplamente diferentes.

RESP. Cada tribo antiga teve o seu Adão e Eva, portanto não podemos dizer a qual o vosso correspondente se refere. Que ele seja um pouco mais explícito, e então responderemos à pergunta.

PERG. — Referia-me àqueles mencionados na Bíblia. RESP. — Talvez devêssemos dizer que nenhuns desses existiram jamais. Em todo o caso, não estamos de modo algum familiarizados com tais inteligências, pelo que não podemos responder pela sua condição, quer no presente quer no passado.

PERG. Qual é a condição presente e passada de Samuel e Saul?

RESP. Todas estas personagens — algumas que tiveram uma existência real neste mundo mundano, e algumas que tiveram uma existência apenas na imaginação do povo — vivem cada uma na sua esfera separada ou distintiva, e são governadas pela lei dessa esfera. Por lei têm uma existência nessa esfera, consequentemente são governadas pela sua lei. É absolutamente impossível para qualquer inteligência exterior saber a condição exata de outra, quer esteja no corpo quer fora dele. Apenas elas próprias podem julgar com justiça a seu próprio respeito. O vosso orador poderia declarar que Theodore Parker foi um homem exemplar; que viveu uma vida de justiça, verdade e amor, tal como é conhecido na vida humana. Talvez Theodore Parker não julgasse assim. E quem dirá que Theodore Parker não teria o direito de dizer isto? Que não saberia ele melhor? O mesmo acontece relativamente a todas as outras personagens. Só elas podem escrever a sua história com verdade. 28 de maio.

PERG. — Por E. D. Couch, de Salisbury, N. H.: Foi afirmado pela inteligência controladora no Círculo do Banner of Light há pouco tempo que a pobreza era uma condição muito desejável nesta vida. Gostaria de perguntar se se pode dizer, em vista de todo o crime, degradação e miséria entre os pobres das nossas grandes cidades, que a pobreza é favorável ao cultivo da natureza espiritual do homem?

RESP. — A pobreza não é, de modo algum, a geradora do crime. O crime vem em virtude da ignorância, e apenas por ela. Aqueles que são abundantemente abençoados com as coisas do tempo tendem a ser muito apegados às suas vidas terrenas; tendem a agarrar-se muito estreitamente às coisas deste mundo: E assim é que, quando chega o momento de mudarem de mundo, não estão preparados para ir. A sua riqueza retém-nos aqui. É como tantas dez mil cordas que os estão a prender à terra.

O espírito acha muito difícil desapegar-se das coisas terrenas. E, em vista disto, afirmamos que a pobreza é melhor do que as riquezas. Se pudessem ter a riqueza deste mundo sem nenhuma dessas circunstâncias que vêm sempre a acompanhá-la, decidiríamos de forma diferente. Mas porque sabemos que não podem, não podemos senão dizer que é melhor terdes pobreza. Se a sociedade assentasse num alicerce correto, teríeis menos disso a que chamais crime a existir entre os pobres. Há igualmente tanto entre os ricos, mas vós não o vedes: Está coberto pela sua riqueza.

Mas os pobres não têm tal escudo com que cobrir os seus crimes. E assim é que vedes estas coisas. Elas estão expostas para serem vistas por todos, pois eles não têm dinheiro para comprar aquilo com que as cobrir. Estarão os pobres assentes num alicerce pior do que os ricos que cometem crimes? Serão eles piores do que aqueles que os cobrem? De modo algum. A pobreza é de facto uma bênção que todos vós, mais cedo ou mais tarde, sabereis como valorizar. E a riqueza deste mundo é de facto uma maldição que todos vós, mais cedo ou mais tarde, compreendereis.

PERG. — Como poderiam os empreendimentos comerciais do mundo, ou mesmo os projetos benévolos do filantropo, ser levados a cabo com sucesso sem uma boa porção desse artigo anatematizado, o dinheiro?

RESP. — Se vos amásseis uns aos outros como se diz que Cristo amou o mundo; se a nossa benevolência fosse ampla e profundamente

enraizada, não haveria necessidade de que uns poucos tivessem uma reserva de riqueza enquanto a maioria ficava sem ela. Todos os projetos benévolos com que a humanidade sonha, mas não leva à vida ativa — exceto em raras ocasiões — poderiam facilmente ser levados a cabo sem a chamada riqueza deste mundo, se a sociedade estivesse apenas num alicerce diferente. Se a lei do meu e do teu fosse anulada, então a manhã do milénio despontaria. Nessa altura a benevolência de cada alma poderia exercer o seu domínio de uma forma mais grandiosa do que nunca. Essa benevolência que vem através de dólares e cêntimos é de uma qualidade muito fraca, acreditem em nós.

PERG. — A inteligência também apresentou a opinião de que nunca houve um dilúvio geral, como descrito na Bíblia. Se assim é, como explica as tradições desse acontecimento que se encontram entre as várias e amplamente separadas tribos da vida selvagem?

RESP. Não foi afirmado como uma mera questão de opinião que nunca houve um dilúvio geral, mas sim como um facto fixo, fundamentado na verdade histórica e geológica. Que não poderia ter havido um dilúvio geral é provado pela geologia. É um facto bem conhecido que as tribos antigas que existiam sobre a face da terra eram muito ignorantes, comparadas com as de hoje. Não faziam ideia de que havia um grande universo situado ao redor delas, do qual não tinham tomado conhecimento algum. Para elas, o mundo inteiro estava dentro do pequeno espaço da sua visão limitada. E quando esse pequeno espaço era inundado ou alagado pelos céus, elas acreditavam que todo o mundo estava como elas estavam. Todas estas várias tradições que têm sido transmitidas de geração em geração tiveram a sua origem na ignorância e na superstição, todas e cada uma delas, como todos vós mais cedo ou mais tarde aprenderão.

PERG. Se os geólogos estão corretos na sua crença de que a terra foi outrora uma massa de fogo líquido, e que arrefeceu gradualmente na sua superfície, formando uma crosta de cerca de cinquenta milhas de espessura, não está o processo de arrefecimento ainda a decorrer, e

a temperatura da superfície e da atmosfera circundante a diminuir gradualmente a cada ano?

RESP. Acreditamos que haverá sempre uma certa quantidade de vida atmosférica sobre e ao redor da terra. Haverá também — assim o acreditamos — uma certa porção daquilo que pode ser chamado a vossa terra num estado fluido, e uma certa porção num estado mais sólido e condensado. Absolutamente falando, não há nada de sólido no universo. Aquilo que é absolutamente sólido não pode ser desintegrado por nenhum processo na natureza. E como todas as coisas que conhecemos podem ser reduzidas de novo a um estado gasoso, assim sabemos que nada é sólido no universo. A lei do dar e receber está sempre ativa. Aquilo que é mais condensado, mais sólido do que o fluido, está constantemente a retirar algo do fluido, e aquilo que é fluido está constantemente a receber aquilo que o converterá num estado mais solidificado, para que possa manter o seu equilíbrio. E assim sucessivamente através de todas as várias condições de vida; cada uma preservando a sua própria órbita e movendo-se com perfeita precisão. Não podemos admitir que o vosso correspondente tenha encontrado exatamente o lugar certo, mas ele não está de modo algum inteiramente no erro. Podemos em algumas coisas ter avançado um passo além dele, enquanto em algumas outras ele está além de nós. Mencionaremos que ele continue a pesquisar; resolva cada problema que lhe é apresentado, com certeza e devagar. Então abrirá o seu caminho, não com temor e tremor, mas com grande regozijo.

PERG. — Restos de elefantes, diz-se, foram encontrados nas regiões árcticas. Como explica a inteligência controladora a sua existência ali?

RESP. — Ora, sob a mesma hipótese de que acabámos de falar relativamente à lei do dar e receber. As mesmas condições que são necessárias para sustentar a vida aqui onde estais agora a existir estiveram outrora em existência nas regiões árcticas. Esta é uma afirmação estranha de se fazer, mas é muito verdadeira. E as regiões

árticas estiveram outrora onde o vosso plano de ação existe agora. Devei-vos lembrar de que estais constantemente a girar, não simplesmente sobre o eixo do mundo, mas em todas as coisas, repetindo-vos e mudando de lugar constantemente. Hoje esta porção do mundo onde estamos agora a falar é terra firme, assim chamada.

Dez mil anos no futuro, poderá ser um oceano insondável. Isto é uma verdade; uma grande e poderosa verdade natural, que estais todos a mudar de lugar. Que morreis, é prova disso. Que viveis de novo além do túmulo, é outra prova disso. Que, à medida que as eras rolarem de novo, voltareis a habitar formas humanas, é ainda mais uma prova disso. Podeis seguir-nos até aí? Não, não podeis, nem nós desejaríamos que o fizésseis. Aconselhar-vos-íamos antes a limitar as vossas pesquisas às vossas próprias redondezas imediatas. Satisfazei-vos relativamente a elas, e ficareis satisfeitos no futuro.

C. — Esta mudança dar-se-á gradualmente? RESP. Tão gradualmente que os sentidos humanos não darão conta da mudança que está a decorrer.

PERG. Qual será, na sua opinião, o resultado da contenda entre a Áustria e a Prússia?

RESP. Acreditamos que da atual contenda interna entre estas duas potências nascerá uma criança mais perfeita. Cada uma chegará a uma compreensão mais perfeita das suas próprias necessidades. E quando o fizerem, cessarão de guerrear uma com a outra. Por isso acreditamos que se dirá que nenhuma venceu.

31 de maio.

PERG. — Por M. H. P.: Quais deveriam ser as condições ao redor do leito de morte para o espírito passar tranquilamente do corpo?

RESP. — Certamente não as de luto. Se quereis que os vossos amigos passem pela mudança pacificamente e felizes, que a atmosfera mental que os rodeia seja pacífica. Visto que sabeis que a separação é apenas no exterior, visto que sabeis que a mudança será um ganho para eles — embora alguma perda para vós mesmos — esforçai-vos por estar alegres. Apontai-os para além dos seus sofrimentos; assegurai-lhes que em breve estarão livres; que em breve o véu será erguido e eles serão acolhidos, não pelos mortos, mas pelos vivos. Que as vossas câmaras da morte sejam chamadas câmaras em que a alma nasce para uma esfera nova e mais brilhante. Em vez de as cobrir de escuridão e penumbra, colocai ali belas flores. Cantai canções e regozijai-vos com o espírito que parte, à medida que alça voo para uma melhor esfera de ação.

PERG. — Qual é a causa do defeito de visão conhecido como daltonismo, ou cegueira de cores, e como pode ser melhor remediado?

RESP. Tudo o que tender a produzir um equilíbrio absoluto em todas as forças nervosas eliminará esta dificuldade; ou, por outras palavras, produzirá um equilíbrio entre os raios solares e o nervo ótico.

PERG. — Pelo mesmo: Por que razão os espíritos, ao preverem acontecimentos futuros, usam uma linguagem calculada para enganar o leitor, como no caso do cometa que devia aparecer em 1863?

RESP. Não estamos cientes de que usem uma linguagem calculada para enganar os seus ouvintes. Por vezes os vossos ouvidos não estão tão profundamente afinados com a música do mundo dos espíritos que vos permitam ouvi-la distintamente. Não é intenção daqueles que vos visitam induzir-vos em erro ou mistificar-vos. Por vezes não se expressam tão claramente como noutras ocasiões, mas isso não é por intencionarem induzir-vos em erro. Frequentemente o problema está em vós mesmos.

PERG. — É a teoria apresentada pelos físicos, Dr. Mayer, Professor Liebig, Humboldt, Faraday e outros, a saber: Que a luz, o calor, a eletricidade, o magnetismo, etc., são apenas modos de movimento e "afeções da matéria", correta? Ou são entidades ou substâncias separadas e distintas, e que posição ocupam no mundo da natureza?

RESP. São todas carros através dos quais a vida nas suas várias formas é transmitida, mudada de um ponto do ser para outro. O magnetismo é apenas um nome para Deus; assim é a eletricidade; assim é a rocha, o riacho, o oceano, a montanha e o vale. Todas estas várias substâncias, quer vistas quer invisíveis, que vós na vossa consciência nomeastes, são para a nossa consciência partes e porções da Divindade. O movimento é tão constante como o repouso, e o movimento é sempre movimento e sempre o tem de ser. "E contudo, o movimento não é senão vida; a vida não é senão movimento." Estas substâncias inanimadas que dizeis estarem imóveis não o estão na realidade. Se pudésseis ver o trabalhar das suas vidas internas, o trabalhar constante que está a decorrer dentro e fora de cada substância individual que constitui todos os átomos, não diríeis que estes objetos são inanimados e imóveis. Acreditamos que estas pessoas que estão a teorizar e a especular sobre estas coisas estão, no essencial, corretas; ou, em todo o caso, saíram do caminho certo.

PERG. — É a matéria, assim chamada, algo mais do que uma forma de força, tornada tangível e concreta pelas operações das suas leis inerentes?

RESP. — A matéria é um agente da força, tornado tangível e concreto pela sua própria causa inerente, com certeza.

PERG. — Como opera o sol para produzir calor à nossa distância dele? O que sustenta a operação ao longo de tantas e tão longas eras?

É uma substância separada e independente, ou uma vibração do fluido etéreo que permeia o espaço?

RESP. — Pode ser chamada uma vibração do fluido que permeia o espaço, assim chamado. A terra contém tanto calor e luminosidade como o sol. Portanto, tendes esse assim chamado poder completo; ou o sol tem esse assim chamado poder completo sobre a terra. Há sempre um equilíbrio, no que diz respeito ao calor e à vida magnética, entre o sol e a terra. Agora compreendei-nos quando dizemos que a terra é tão luminosa para o sol como o sol é para a terra; caso contrário o sol não seria o sol para vós.

PERG. São a luz e o calor capazes de entrar em combinações químicas com as substâncias das plantas?

RESP. Todas as combinações químicas possuem luz e calor. Nunca estão ausentes. A luz e o calor existem onde quer que a vida exista. Não há escuridão absoluta. 7 de junho.

PERG. — Poderá a inteligência controladora informar-nos por que meios o espírito ou alma está ligado ao corpo físico?

RESP. — Essa pergunta é muito difícil de responder. O mesmo poder que une todas as almas e une inseparavelmente a mente e a matéria, une a alma ao corpo. O que ele seja, não o podemos dizer. É o poder do Infinito, é o mesmo poder que mantém os mundos nos seus devidos lugares; que vos dá a primavera, o verão, o outono e o inverno; que ordena todas as coisas com perfeição e sabedoria. Pode ser chamado a lei da atração, ou força invisível, que une o visível e o invisível, mantendo todos os corpos na sua devida relação uns com os outros.

PERG. — Notei, num "BANNER" recente, uma comunicação de "Martha Percival", na qual ela afirma que embalsamar o corpo retarda

o progresso do espírito. Dir-nos-á a inteligência qual é a melhor maneira de dispor do corpo e dar a maior liberdade ao espírito?

RESP. — Entregai-os ao seio da Mãe Terra. Há muitos que acreditam que o processo de embalsamar corpos retarda o espírito no seu progresso para o exterior. Que ele interfere temporariamente com o progresso do espírito, não o podemos senão admitir. Mas não é uma interferência permanente com o curso ascendente do espírito. É apenas como uma nuvem a passar sobre o sol; apenas como uma tristeza que atrai o espírito para a terra por algum tempo. Mas quem dirá que mesmo este quadro sombrio não será uma força propulsora para impulsionar o espírito para a frente ainda mais depressa quando estiver absolutamente livre das coisas dos mortais.

PERG. — No BANNER vejo anunciado um remédio que tira todo o desejo de bebidas fortes. Agora gostaria de pedir aos amigos espirituais que dessem, através da Sra. Conant, um remédio para os consumidores de tabaco, tanto para os que mascam como para os que fumam. Milhares de mulheres sensíveis sofrem muitíssimo por serem obrigadas a inalar os fumos dessa erva maldita, e mais especialmente pela irritabilidade daqueles que a usam. Muitos ficam quase loucos com o seu uso, e tenho um amigo que tem algo parecido com *delirium tremens*, segundo creio, por fumar. Ele nunca usou bebidas alcoólicas e muito pouco chá ou café.

RESP. — O mesmo remédio que é declarado por muitos como tão eficaz na destruição do desejo de bebidas espirituosas também pode ser usado, acreditamos nós, com bons resultados, para destruir o desejo de usar tabaco. Existe uma vasta variedade de diferenças de opinião relativamente ao uso do tabaco. Mentes muito inteligentes declaram que não é prejudicial, quer para a mente quer para o corpo. Muitas outras mentes inteligentes declaram que é muito prejudicial para ambos. O vosso orador está muito inclinado a tomar o partido destas últimas, sentindo a certeza de que tudo o que eleva as forças nervosas acima de um padrão normal tende a prejudicar o indivíduo.

Pois quando, porventura, elas são baixadas, caem então exatamente na mesma medida abaixo.

A prostração segue-se, e o espírito, de momento, em todo o caso, fica absolutamente incapaz de controlar o seu instrumento, o corpo. O tabaco, acreditamos nós, tem em algumas pessoas a tendência para as alterar inteiramente, perturbando as funções naturais do corpo físico — as funções naturais, notai bem — e, em vez disso, para substituir por uma condição não natural. E mais ainda: quando algumas pessoas que estão viciadas no uso do tabaco caem sob as garras da doença, é muito difícil para o médico ser capaz de tratar o paciente com sucesso, porque o sistema está inteiramente saturado com esse veneno virulento, e resistirá à ação dos agentes remediadores.

Eles ficam ali inertes; mais vale não serem tomados. Portanto, aquele que usa tabaco, se a doença cair sobre ele, os remédios habituais que restaurariam outros não podem ser tidos como certos no seu caso. Ó vós, consumidores de tabaco, se abraçais a serpente contra o vosso peito, se mais tarde ela se virar e vos picar, quem há de ser culpado? A vossa própria ignorância, talvez. Assim o esperamos. Em todo o caso, esperaríamos que, se fosseis esclarecidos sobre o assunto, exercêsseis a vossa vontade contra o vosso inimigo, conquistando-o assim. 11 de junho.

PERG. — São os polos da terra côncavos, de acordo com a teoria do Prof. Symes? Se assim é, não é muito quente ali durante três dos meses de verão? Se assim é, não é habitado pelo homem e por animais? Se assim é, pode descrevê-los?

RESP. — Não; os polos da terra não são côncavos, como o Professor Symes averiguará muito em breve.

PERG. — Por J. M. C.: É a terra oca, ou composta por matéria fluida aquecida?

RESP. — Não há vácuo em parte alguma na Natureza. A terra está cheia de calor, caso contrário não poderia sustentar a vida. E este calor é matéria, onde quer que exista; quer sublimado quer bruto, fluido ou sólido, é sempre matéria.

PERG. — Por C. P., Fort Warren: Há algum outro Deus (a quem pudéssemos adorar) além da bondade do coração humano? E há algum outro diabo além das propensões egoístas da natureza humana, dadas ao homem através da composição de carne e sangue?

RESP. — A bondade da natureza humana pode ser chamada o lado ensolarado do vosso Deus. A maldade da natureza humana pode ser chamada o lado sombrio do vosso Deus. Toda a Natureza, toda a vida é o vosso Deus, hoje e para sempre. Nós não admitimos a existência de um diabo. As sombras da vida que se manifestam através daquilo a que chamais mal não são senão um bem menor. O mesmo grande Poder que fez o bem fez aquilo a que chamais mal. Não podemos acreditar que Ele tenha dividido o Seu poder com qualquer ser ou qualquer classe de seres; com qualquer inteligência individual ou inteligência combinada. Deus é Deus em toda a parte, como o espírito humano, mais cedo ou mais tarde, aprenderá.

PERG. — Por F. M. C.: Quem é o eu próprio? Webster diz: "Não conheço o sentido primário desta palavra." Sabeis vós? Se sim, por favor explicai a vossa opinião.

RESP. — O eu próprio pode ser chamado essa individualidade que pertence ao indivíduo humano. E contudo, num sentido verdadeiro, não possuímos qualquer individualidade própria isolada, pois estamos tão ligados à grande família da vida humana, divina e material, que não podemos reivindicar propriamente um eu isolado.

25 de junho.

PERG. — Podeis dizer-nos qual é a causa dos sons guturais semelhantes a explosões, debaixo de água, ouvidos ocasionalmente quando está calmaria em Kelley's Island, Ohio?

RESP. — Acredita-se por certas inteligências que a terra naquela localidade foi projetada para a sua forma atual por erupções vulcânicas. Ora, se isto é um facto, pode não ser errado presumir que estes sons são produzidos pelos fogos internos que estão em ação debaixo da superfície da terra naquela localidade. Pela nossa parte, não presumimos decidir sobre o caso. Apenas estamos a dar uma opinião de outros, deixando o problema ainda aberto, para ser resolvido talvez mais satisfatoriamente por alguém que nos siga.

PERG. — Podem os mesmeristas e psicólogos fortes trazer realmente sob a sua influência ou controlo os espíritos fora da carne, bem como os que estão no corpo? Se sim, por favor explicai como se pode fazer isso, e até que ponto?

RESP. — O espírito é capaz de ser influenciado pelo espírito em toda a parte. E quem quer que, como individualidade, possua a maior quantidade de força vital, ou força de vontade positiva, pode controlar aqueles que possuem uma quantidade menor, desde que sejam sujeitos em quaisquer circunstâncias controláveis. Há certas inteligências chamadas espíritos, no corpo e fora do corpo, que, embora sejam em si mesmas extremamente negativas em todos os momentos, seria perfeitamente impossível obsessediá-las ou controlá-las. O poder mesmérico ou psicológico não está de modo algum limitado à terra. Pelo contrário, tem tido uma existência através de todas as esferas, invisíveis para vós, desde tempos imemoriais, ou, deveríamos antes dizer, ao longo de toda a eternidade.

PERG. — Por J. Ashley, do Michigan: Qual é o significado da passagem no quinto capítulo de Mateus, onde Jesus disse: "Bem-aventurados os pobres de espírito"?

RESP. — Jesus proferiu um grande número de ditos que, no que diz respeito à sua vida externa, são muito obscuros; mas quando vistos de um ponto de vista espiritual, são muito claros e fáceis de compreender. Se ele alguma vez deu expressão a essas palavras, presumimos que foram dirigidas àqueles com quem estava especialmente a conversar. Pode ter acontecido que eles se tivessem queixado a ele por não estarem suficientemente, de acordo com os seus desejos, abençoados com o poder com que vós hoje estais abençoados, e por isso talvez tenham murmurado; e assim, para acalmar os seus murmúrios, ele disse: "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque mais tarde aquilo que procurais, aquilo que tão fervorosamente desejais, virá silenciosamente, como o reino dos céus vem aos corações sequiosos."

PERG. — Por Sra. Martin, de Rochester, Vt.: O que causa a doença chamada bócio? E que efeito tem o uso de ouro ao pescoço sobre ela?

RESP. — Uma condição mórbida dos órgãos respiratórios, acreditamos nós ser a causa primária desta doença. Mas não conseguimos perceber que o uso de ouro ao pescoço possa ter qualquer efeito, quer a produzir esta doença quer a preveni-la.

2 de julho.

PERG. — O "Registo" por Pedro diz-nos quem levou os nossos pecados no seu próprio corpo. Significa isto médiuns de cura a tomarem sobre si uma condição da humanidade sofredora? Ou Jesus a carregar no seu próprio corpo os sofrimentos físicos daqueles que curou?

RESP. — Bem, significa ambos, segundo o nosso entendimento; pois ambos parecem ser uma e a mesma coisa. Quem quer que seja

capaz de entrar em perfeito *rapport* com a vida humana é capaz de carregar as enfermidades da vida humana, não particularmente do indivíduo, mas aquelas que pertencem a todos com quem porventura entreis em *rapport*. A vida pode ser comparada a uma corrente de muitos elos. Não falta elo nenhum. Cada um é perfeito no seu lugar; cada um a responder a todos os outros, e inseparavelmente ligado. Os mundos são mantidos na sua devida posição pelas leis da atração e da repulsão. E assim são mantidas as almas na sua devida posição pela mesma lei.

E deve ser compreendido que a mente e a matéria estão a todo o tempo dependentes uma da outra. A mente seria nula sem a matéria, e a matéria sem a mente. Ambas são necessárias uma à outra, portanto estão sempre em *rapport* uma com a outra. Todas as perturbações da vossa vida exterior e as perturbações da vossa vida interior são transmitidas umas às outras, porque estais inseparavelmente ligados. Mas há certas pessoas — sensitivos, assim chamados — que são capazes de entrar em *rapport* direto com a família humana; que são capazes de tomar sobre si não apenas as alegrias do céu, mas as misérias do inferno. Jesus compreendeu isto e esforçou-se por transmitir o seu entendimento aos seus ouvintes.

PERG. — Sofrem os olhos quando expostos subitamente a uma luz acrescida, como a do relâmpago? Se sim, de que forma são afetados?

RESP. — A introdução súbita desse elemento positivo, uma superabundância desse elemento positivo chamado luz, tem por necessidade de produzir mais ou menos perturbação sobre os nervos óticos. Desta forma, talvez, mais do que em qualquer outra, os olhos sofrem com a introdução súbita de luz.

PERG. — Por D. Cargo, de Bowling Green, Ohio: Durante os últimos anos, tenho sido bastante perturbado sobre o assunto da existência de Deus. Sempre tive um pavor ou aversão a ser chamado ateu, e preferiria muito mais acreditar na existência de um Ser

Supremo, mas preciso de ter alguma evidência ou não posso acreditar. E devo confessar que tenho (segundo penso) melhores razões para desacreditar na existência de um Ser Infinito, pensante e individualizado, do que tenho para acreditar. A ideia ortodoxa comum de Deus eu descarto-a como pior do que ridícula. Em vez de o homem ser criado à imagem de Deus, percebo que Deus é feito à imagem do homem. O Deus ortodoxo de partes e órgãos, de forma e feição, a ocupar uma localização particular e definida, é demasiado contraído e apequenado para se ajustar às minhas ideias de Infinitude. É geralmente admitido que a obra da criação teve um início. Ora, se isto for verdade, então deve ter havido uma longa eternidade anterior a esse início, na qual Deus esteve inativo. Isto eu não consigo compreender. Agora gostaria de perguntar se Deus é um ser pensante?

RESP. — Pelo facto de o vosso correspondente ser um ser pensante, há a prova de que Deus é também um ser pensante.

PERG. — Pelo mesmo: Teve a criação visível um início?

RESP. — De modo algum. Segundo o nosso entendimento, aquilo que teve um início tem por necessidade de ter uma conclusão também; e nós sustentamos que a vida é infindável; nunca tendo tido um início, é indestrutível e imortal. Há algumas pessoas que são constitucionalmente descrentes, que não conseguem acreditar naquilo em que tão prontamente se acredita por outros. Mas quando estas pessoas são uma vez convencidas, são tão estáveis como os montes eternos. Por isso não vos deveis queixar por causa da existência de tais pessoas no vosso meio, pois elas são de grande utilidade. Estas pessoas que não podem ser levadas a acreditar numa hora, num dia, num ano ou num século, elas são o alicerce do templo da sabedoria. Não nos admiramos de que tantos dos que saíram das Igrejas estabelecidas na terra ignorem completamente a existência de Deus.

Na medida em que lhes foram ensinadas ideias erradas relativamente a esse Deus, estão agora a correr muito depressa para o outro extremo. Visto que o seu Deus, ou o Deus da sua infância, não

se encontra na sua idade adulta, estão inclinados a decidir que não há Deus de modo algum. Mas quando saem pelos vastos campos da natureza e começam a raciocinar relativamente a Deus, começam naturalmente a pensar d'Ele como o bem mais elevado que se encontra em toda e qualquer parte. É então que começam a agarrar algo que é tangível; que apela não apenas às suas vidas externas, mas à sua vida interna.

Pois começam a perceber que cada forma tem uma vida; começam a questionar o que é essa vida, e finalmente decidem que deve ser Deus. Deus, para a nossa compreensão, é um Princípio vivo e todo perfeito, a preencher todas as formas, a permear todo o espaço e a manifestar-se através de toda a mente. Nunca tendo tido um início, portanto nunca pode ter um fim. E vós sois todos partes deste ser; partes necessárias. E assim, quando oramos à Grande Parte Suprema da Vida, apenas oramos àquelas inteligências que estão acima de nós, que são mais sábias do que nós; àquelas inteligências que nos podem guiar para uma vida mais elevada. Em verdade, Deus está em toda a parte, e em toda a parte muito bom. 3 de julho.

PERG. — Por J. A. Tyler, de Grass Valley, Cal.: Por que razão, no início da vida, antes de a razão e a reflexão terem ganho qualquer força para combater e subjugar as paixões, são elas mais impulsivas do que em qualquer outra altura da vida, e mais necessitadas de auxílio e têm menos auxílio do que em qualquer momento posterior? Assim também no reino vegetal. A árvore deita milhares de ternas flores antes de haver uma folha ou quase qualquer sinal de folhagem para as proteger da geada amarga.

RESP. — Não acreditamos que assim seja. Portanto, não há qualquer base possível para um argumento. As mesmas excentricidades existem ao longo de toda a vida adulta que existem na infância. Estão alteradas nas suas manifestações, mas existem contudo; e não são mais difíceis de governar ou guiar numa direção mais adequada na infância do que na idade adulta. O vosso correspondente não parece ter uma visão correta desta matéria. Seria

bom se ele considerasse a natureza um pouco mais de perto em todos os seus aspetos; não apenas como existe na infância e na idade adulta, mas examinasse todos os passos que intervêm entre elas, e visse se esta mesmíssima força que existe na infância, as mesmas manifestações que existem na infância, não existem ao longo de toda a vida, sendo apenas alteradas na manifestação.

PERG. — Por J. V. Dunbar, da Virgínia Ocidental: Não havia exatamente tantos espíritos quando Adão e Eva foram criados como há agora, ou haverá alguma vez?

RESP. — Isso não o sabemos. Seria uma impossibilidade absoluta responder a essa pergunta adequadamente.

PERG. — Pelo mesmo: Não é esta terra ou mundo que agora habitamos um ser vivo, pensante e inteligente, e por este facto escolhe a sua órbita ao redor do sol?

RESP. — Não, não acreditamos que esta terra, como terra, seja um ser vivo, pensante e inteligente. Acreditamos que é governada por uma lei absoluta e perfeita; e porque o é, segue os propósitos da lei. Não é obrigada a pensar para o fazer, mais do que a árvore é obrigada a pensar quando o tempo da primavera chega e chama, para que ela ponha a sua folhagem.

PERG. — Pelo mesmo: À medida que o homem morre e toma um corpo espiritual, não morrerá esta terra ou mundo e tomará um corpo espiritual, e daí será o lar de todos os seus antigos habitantes e filhos?

RESP. — A terra, como o homem, está a morrer perpetuamente. A terra, como o homem, passa por muitas mudanças marcadas, e muitas que não são muito marcadas. Mas não há uma morte especial

para o homem ou para a terra. Esta terra é hoje tanto a habitação de espíritos despidos do corpo como alguma vez o será. Os vossos lares são os lares daqueles que são invisíveis para vós. Não acrediteis que haja qualquer localidade especial atribuída ao espírito despido do corpo, pois asseguramos-vos que não há.

PRESIDENTE. — O London Spiritual Times contém este parágrafo, que se pretende ter emanado do mundo dos espíritos:

"O mal alterou a face da terra, ao trazer para a sua atmosfera as exalações venenosas que surgem na forma de coisas más, víboras venenosas, serpentes, insetos, plantas, coisas que picam, etc. Tais coisas são o resultado do mal, e portanto pertencem exclusivamente à terra e às regiões mais sombrias, das quais originalmente brotaram."

Por favor explique como o mal mencionado alterou a face da terra, causando assim a formação de répteis venenosos, etc.

RESP. — O mal não é senão um grau menor do bem, e estas manifestações, que num determinado sentido são realmente o resultado do mal ou do bem menor, passarão à medida que o bem maior predominar. Quando esta terra como terra, e a inteligência como inteligência, não tiverem mais necessidade destas ordens inferiores de vida, então elas cessarão de existir, e não antes; pois tudo o que é necessário para o desdobramento da inteligência ou da vida em qualquer sentido tem uma existência. Não acreditamos que haja um segundo poder, chamado mal, a governar na vida. Acreditamos apenas num Bem Supremo e Eterno, que é detentor de um número infinito de graus, desde as ordens mais baixas de vida até às mais elevadas nos Tribunais da Sabedoria.

5 de julho.

PERG. — Se, como é reconhecido pelos pensadores mais avançados, o homem é o culminar de tudo o que está abaixo, ao redor e acima dele, e contudo não é absoluto, será racional, filosófico ou mesmo proveitoso tentar compreender ou falar de um ser absoluto? E não será uma promulgação da superstição e uma negligência das leis do progresso ensinar tais pensamentos e ideias?

RESP. — Quando considerado espiritualmente, o homem é um ser absoluto; mas quando considerado materialmente, quando considerado no plano da forma, ele não é um ser absoluto. Pelo facto de todos possuirdes eternamente a vossa própria individualidade, somos levados a acreditar que sois absolutos na alma. Mas pelo facto de estardes constantemente a mudar de forma, estais dependentes da existência de todas as outras formas. Hoje, no que diz respeito às vossas vidas externas, não sois o que éreis ontem. Deste da vossa vida material a outras formas, e elas deram da delas a vós.

Viveis fisicamente do mundo animal, vegetal e mineral. A estes três reinos a vossa vida física está ligada. Girais neles e sois influenciados por eles. O sol, a lua e todas as estrelas, os seixos debaixo dos vossos pés, as ondas de luz, as ondas do oceano, as flores, as árvores, as ervas, tudo vos afeta, no que diz respeito à vossa vida física, e sempre para o bem; notai bem, sempre para o bem. Mesmo esses flagelos chamados pestes, que visitam certas localidades, produzem uma espécie de bem; pois há muitos graus de bem. Não há como escapar a esta verdade, pois na medida em que sois governados por um Bem Supremo e Todo-Sábio, portanto existis pela vontade que é boa, e para o bem de todos. O homem é um ser progressivo, física e espiritualmente.

Ele progride fisicamente através dos três reinos do Tempo. Ele progride espiritualmente através do único reino da Eternidade. E acreditamos que, como inteligência distinta e plenamente desenvolvida, ele é um ser absoluto, e consequentemente deve possuir uma vida distintiva própria para sempre. Falais de terras a serem criadas, de mundos a serem chamados à existência, o que para a nossa mente não é assim. Não há criações positivas distintas. A vida

prossegue passo a passo, lutando e marchando pelas escarpas da eternidade, nunca criando, mas mudando perpetuamente de forma.

O vosso correspondente pode sentir-se seguro na garantia de que o grande Deus ou Princípio de imortalidade que existe dentro dele é absoluto; pode ter a certeza de que o progresso é o dom do Infinito para todos. Ninguém pode ser despojado da sua porção, e ninguém pode vender o seu direito de nascença ao progresso. Todos têm de prosseguir. A força propulsora interior determina isto, quer queirais quer não.

PERG. — Não estaríamos melhor empregados se procurássemos conhecer-nos a nós mesmos e às coisas ao redor e na nossa composição, em vez de conhecer o que é reconhecido por todos como um Deus incompreensível?

RESP. — Quando as inteligências humanas compreenderem o eu próprio, compreenderão Deus. É inútil esticar a imaginação até ao futuro distante, ou ao passado, para encontrar Deus, quando Ele está dentro da alma, pois Ele manifesta-se mais perfeitamente através da vossa própria vida do que em qualquer outro lugar. É pior do que inútil procurar encontrar um altar diante do qual adorar Deus no futuro ou no passado, quando o altar está no presente imediato, onde devíeis adorar. Deus está aqui; e um bom escritor disse, e com sabedoria também, que o coração de uma criancinha é o templo do Deus vivo — porque essa criancinha é sem dolo, porque é o templo da beleza, da verdade, da simplicidade, de todos esses pontos mais finos que a alma sempre deseja adorar, e chama-lhe bem, ou Deus.

PERG. — Como nenhum de nós foi consultado pelo Deus Todo-Sábio, Todo-Sabedor e Todo-Poderoso sobre que tipo de existência teríamos antes de sermos introduzidos neste mundo, seremos seres responsáveis perante tal Poder?

RESP. — A nossa própria razão, a nossa própria inteligência, as nossas próprias aspirações para o elevado, o bom, o santo e o verdadeiro determinam para nós até que ponto somos responsáveis perante a Inteligência governante Suprema e Todo-Sábia. É verdade que não tivemos voz em nenhuma das mudanças pelas quais passamos, mas como inteligências, exigimos de nós mesmos fazer o bem mais elevado de que somos capazes de fazer; realizar os atos mais grandiosos que nós, como seres inteligentes, podemos realizar, o que é o melhor de que somos capazes, tudo o que exigimos de nós mesmos, tudo o que o Infinito exige de nós. Uma alma que está satisfeita com os seus próprios atos, tendei a certeza de que Deus está satisfeito com ela.

PERG. — Foi dito que cada alma nascida na terra teve a sua contraparte ou outra metade nascida na vida espiritual ao mesmo tempo. E quando aquela que nasceu na terra passa para a vida espiritual, junta-se a ela essa outra metade que nasceu no espírito, para permanecerem juntas para sempre. É a opinião acima uma opinião correta?

RESP. — Acreditamos que, como inteligências perfeitas, fostes criados, e contudo não criados, mas existis como macho e fêmea. A regra não é plenamente perfeita, no que diz respeito à forma com a fêmea, e vice-versa. Mas relativamente a esta teoria, tal como foi apresentada ao vosso correspondente, nós, talvez, possamos estar incorretos na nossa opinião, mas não acreditamos na exatidão da afirmação de que uma fêmea nasceu, na terra dos espíritos, ou foi feita, no momento exato em que a sua contraparte nasceu no mundo material. Pode ser verdade, e pode não ser, mas não temos nada que prove que o seja. Não vimos nenhuma demonstração absoluta da sua verdade, e não sentimos que seja absolutamente verdadeira, portanto para nós é pelo menos uma questão aberta.

PERG. — Passou algum dos espíritos que visitam e falam neste lugar pela segunda morte, ou da vida espiritual para a divina?

RESP. — Acreditamos que, como inteligências humanas, estais a viver vidas triplas. Existis no físico, no espiritual e no divino. Acreditamos também que quando a alma sobreviveu, foi além de todas as atrações da terra, então pode dizer-se que existe exclusivamente na vida divina. Mas enquanto a terra for capaz de os acolher no seu seio, eles viverão também na vida terrena; serão influenciados pelas existências da terra e estão sujeitos às mudanças que têm lugar na terra. Num sentido, estamos a viver sempre na vida divina, porque a vida divina nunca está ausente de nós. Mas noutro sentido, não estamos realmente a viver na vida divina, porque essa vida não compõe todos os nossos arredores; não somos absolutamente e perfeitamente influenciados pela vida divina. Quando uma alma se apossou da sabedoria das esferas; quando compreende tão plenamente o seu próprio ser e a vida pela qual está rodeada, então pode dizer-se que vive absolutamente no divino. O vosso correspondente perguntou se vos visita alguém que viva na vida divina? Sim, em dois sentidos: no absoluto, e naquilo que é um degrau para ele.

PERG. — Não são todos os verdadeiros Espiritualistas "progressionistas", ou "amigos do progresso"?

RESP. — Sim.

PERG. — Não seria uma sabedoria chamar à Organização Nacional de Espiritualistas pelo simples nome de Espiritualistas? E também às organizações locais o mesmo, em vez de por tantos nomes diferentes, como os Espiritualistas estão a fazer?

RESP. — Os nomes são apenas veículos para ideias. Não importa o que sejam. Se a palavra Espiritualista transmite a ideia melhor do que qualquer outra palavra, usai-a. Se qualquer outra palavra transmitir melhor a ideia do que a palavra Espiritualista, ora, usai qualquer outra palavra.

PERG. — Não seria melhor para a Organização Nacional estar livre de adesões especiais, e fazer com que todos os Espiritualistas se considerem membros, ou não, sem terem os seus nomes registados? Digamos, tê-la tão livre para todos como o mundo dos espíritos é livre para todos os espíritos, elevados ou baixos?

RESP. — A vida é livre, e o espírito é livre. As águas da vida, disse Jesus, são livres; e quem quiser, venha e tome delas livremente. Quem quer que deseje tornar-se membro da Organização mencionada deve certamente ter liberdade para o fazer.

9 de julho.

PERG. — Terá Cristo sido um médium, na aceitação atual do termo?

RESP. — Acreditamos que Cristo era um médium, na acepção atual do termo.

PERG. — Estão os pais, que se encontram na terra dos espíritos, infelizes quando os seus filhos são maltratados aqui na terra?

RESP. — Estão certamente; pois assim como a alma está ligada à alma, assim o espelho através do qual a alma se exibe, chamado mente, está ligado à mente. A atração que existe entre pai e filho é, para o progenitor que passou os limites da vida física, como um espelho, refletindo perfeitamente a condição dos que ficaram na terra. E se os maus-tratos ao filho causariam tristeza ao progenitor no corpo físico, certamente não causariam menos fora do corpo físico. A mudança chamada morte não vos rouba, de modo algum, os vossos amores e ódios.

Apenas vos tira a máquina física chamada corpo humano, deixando todas as vossas sensibilidades e peculiaridades precisamente as mesmas. No entanto, a tristeza daqueles que passaram além da terra, que paira como um manto de luto ao redor dos seus entes queridos, é de algum modo modificada pelo conhecimento de que as nuvens passarão, o sol voltará a brilhar e que estas experiências duras e brutas pelas quais estão a passar tornarão a gema ainda mais brilhante.

PERG. — No 1.º capítulo do Génesis somos informados de que Deus fez o mundo em seis dias. Informará a inteligência controladora se o relato ali dado pode ser verdadeiro num sentido literal?

RESP. — De modo algum. Num sentido literal é absolutamente falso. As vossas próprias pesquisas no reino das causas deveriam ter provado a sua falsidade, se ainda não o fizeram. Em primeiro lugar, o mundo nunca teve uma criação, propriamente falando, e não acreditamos que venha a ter um fim. Sabemos, pelo nosso julgamento do passado, que ele tem de passar por um número infinito de mudanças, mas não podemos acreditar que venha a ser apagado da existência como mundo, como um corpo distinto a ocupar um ponto no espaço. Parecerá sem dúvida estranho ao nosso questionador que falemos assim, mas ainda temos de aprender que o mundo alguma vez tenha tido um início, e, também, de aprender que alguma vez venha a ter um fim.

O velho registo bíblico, no qual tantas almas naufragaram a sua razão, é literalmente inverídico. Há, com certeza, um fundamento para a história histórica; mas que signifique que o Deus Todo-Sábio criou este mundo redondo e vertiginoso em seis dias, não acreditamos; ou que a terra não tenha mais do que seis mil e alguns anos de idade. A ciência da geologia desmente-o. As leis imutáveis da vida universal estão constantemente a ensinar-vos através das vossas faculdades de raciocínio. E se apenas permitirdes que essa razão vos ensine em todos os momentos, e nunca for silenciada pelo ditame de qualquer

indivíduo ou qualquer número de indivíduos, estareis sempre em segurança, pois a vossa razão sozinha vos guiará no caminho certo.

PERG. — Gostaria de perguntar se os cometas que aparecem no horizonte em diferentes momentos não são também mundos a solidificarem-se no decurso dos anos?

RESP. — Que eles nem sempre mantêm a aparência ou forma ou vida peculiar aos cometas, mais do que esta terra manterá sempre a sua atual forma de existência, sabemo-lo. Embora vá existir sempre, contudo, no decurso de milhões de anos, estará tão mudada que não reconheceríeis a vossa antiga morada. Os cometas são mundos incipientes, que não atingiram crescimento vegetal suficiente para serem capazes de sustentar a vida vegetal e animal nas suas manifestações mais perfeitas. Mas eles aperfeiçoar-se-ão, como a vossa terra se aperfeiçoou; continuarão a mudar, a girar ao redor da terra, mas em órbitas que lhes foram prescritas.

Na natureza das suas próprias existências, estão dependentes do seu próprio centro para a vida, para o poder, para a ação e, ao mesmo tempo, estão ligados a cada átomo que tem uma existência em toda a parte, quer definido como um átomo quer indefinido; pois compreenda-se que toda a matéria está inseparavelmente ligada entre si, como todas as mentes individuais estão ligadas entre si. A Grande Mente Infinita uniu de tal modo todas as mentes individuais que elas, num sentido divino, são uma só.

PERG. — Nos últimos doze anos tenho tido a prática de compor longas peças de poesia, sendo, por assim dizer, inspirado ou impelido a fazê-lo, quer quisesse quer não. Mas agora, há cerca de um ano, todas as minhas faculdades poéticas me abandonaram. Ora qual é a causa disto? Será que algum espírito ou espíritos protetores me ajudavam? E, se assim for, por que razão me abandonaram agora? E voltarão a ajudar-me se eu o desejar fervorosamente?

RESP. — Não tendo conhecimento deste caso particular, apenas podemos dar uma resposta geral. É muito razoável supor que a pessoa esteve sob a influência de alguma inteligência ou inteligências desencarnadas num determinado momento, mas por alguma causa, possivelmente existente nela própria como médium, elas não são capazes de manter a mesma comunicação que mantinham anteriormente. Se o poder voltará novamente, não o podemos dizer. No entanto, é sempre bom pedir esses dons que desejais possuir, pois o próprio espírito que acompanha o pedido é uma força de atração. Assim, pois, não faria mal nenhum à senhora pôr em prática a sugestão que foi lançada relativamente à sua pergunta.

PERG. — J. Emerson, de Lowell, Mass., deseja que a Sra. Conant explique a declaração aparentemente falsa do Sr. Blake ligado a Laura V. Ellis. Ele anexou uma carta do Escrivão da Vila (Levi E. Coe), de Meriden, Ct., dizendo que, após um exame das listas de soldados e de fazer perguntas a partes com o nome de Blake e a outras suscetíveis de saber, não foi capaz de obter conhecimento de qualquer pessoa com o nome de Leon Blake ter-se alistado daquele lugar, ou ter alguma vez vivido naquela vila.

RESP. — Os vossos Escrivães de Vila estão muitas vezes em erro nestas matérias, como nós pessoalmente sabemos. Portanto, seria tão bom testar a veracidade deles como testar a veracidade dos espíritos desencarnados. Enquanto questionais tão fervorosamente e, talvez, honestamente a integridade daqueles que vêm a vós, a quem não podeis ver, não devíeis esquecer que uma certa quantidade do crédito que lhes concedeis pode ser bem aplicada em alguns daqueles que habitam no corpo. Não sois seres perfeitos; nem estais sempre dispostos a percorrer o caminho mais honrado na vida — para vossa vergonha seja dito! O vosso orador sabe disto. Não é mera especulação. Ele viveu aqui; ele analisou a vida humana por e através das suas próprias imperfeições. E aqui permiti-me dar o relato de um pequeno incidente que ocorreu durante a minha própria vida natural. Se a minha memória não me falha, foi cerca de dois anos antes de eu mudar de mundo que recebi uma nota anónima, solicitando que eu

informasse o autor sobre a veracidade de uma determinada mensagem dita espiritual que tinha sido comunicada num círculo espiritual realizado em Boston; a inteligência comunicante declarava que eu o conhecia bem e que me responsabilizaria pela sua declaração. Fiquei de algum modo indignado por ser chamado a desvendar este caso de Espiritualismo e, consequentemente, devolvi a nota ao local onde me foi indicado para dar a informação, com esta resposta: "Nada sei sobre o assunto, nem me importo.

No entanto, é minha opinião que nunca tal pessoa teve existência." Cerca de uma semana depois, estava eu sentado sozinho na minha biblioteca e fui impressionado com a ideia de que estava enganado. Eu conhecia tal pessoa. E disse para mim mesmo: "Agora que penso nisso, é tudo verdade, mas, com toda a probabilidade, eles receberam informação de algumas almas humanas conhecedoras desta coisa, e não terei nada a ver com o assunto." Assim, o assunto ficou por ali para mim. Agora vedes que eu sei, pela minha própria experiência humana, que aqueles a quem se apela para verificar estas mensagens muitas vezes falham no cumprimento do seu dever. Por isso criticai-os, questionai a sua integridade, bem como a daqueles a quem não podeis ver.

10 de julho.

PERG. — Que instituição de meios considera melhor para o tratamento de pessoas demente?

RESP. — Há muitos tipos de loucura; tantos que não há dois casos iguais. Nenhum começou precisamente pela mesma causa. Nenhum caso tende precisamente para o mesmo fim. Por isso, o que seria aconselhável num caso certamente não o seria totalmente em qualquer outro. No entanto, há uma certa regra geral que pode ser seguro usar como guia, e essa é a regra da bondade uniforme. Procurai sempre trazer uma condição harmoniosa, espiritual e física, ao indivíduo. Nunca procureis governar pela força arbitrária, pois isso apenas tende a tornar o caso muito pior do que antes de o terdes

empreendido. Por vezes estes casos surgem de causas inteiramente físicas.

Nesse caso, devia ser o vosso esforço fervoroso harmonizar as forças físicas e, com isso, restaurar aquilo que está em certa medida perdido. Por vezes surgem de causas inteiramente espirituais. Nesse caso devíeis procurar fervorosamente harmonizar as forças espirituais. Virá o tempo em que as leis da mente ligadas às leis da matéria serão mais perfeitamente compreendidas. Nessa altura sabereis melhor como lidar com estas causas misteriosas. Há necessidade de outros médicos além daqueles que lidam especialmente com a vida física. E é nossa crença, e também esperança mais fervorosa, que não vá longe o tempo em que aqueles a quem está confiado o bem-estar físico considerem necessário, absolutamente necessário, estudar além da vida física, para saberem como lidar com sucesso até com essa.

E quando eles sentirem a absoluta necessidade de olhar para além da forma física, para saberem o que farão para equalizar as forças dessa forma e trazer uma condição de saúde, então procurarão fervorosamente o dom, e a sabedoria virá. O Grande Pai da Sabedoria providencia sempre um meio para responder às exigências materiais dos seus filhos. Não podeis pedir por uma única bênção, com toda a verdade, com toda a sinceridade, sem que o Grande Autor da vida providencie um meio para lhe responder, e perfeitamente também.

PERG. — No BANNER de 30 de junho, em resposta à pergunta de L. W. Ransom, os invisíveis afirmam que "acreditam que aquele que vive no exterior as suas inclinações internas enquanto aqui em atos está muito mais avançado na vida espiritual do que aquele que foi impedido de o fazer por circunstâncias externas." Esta afirmação suscitou alguma discussão entre os crentes na filosofia espiritual, a qual penso derivar mais de um mal-entendido sobre o significado da resposta do que de qualquer real diferença de opinião. A fim de resolver o ponto, proporia aos invisíveis a seguinte pergunta: Se uma pessoa possuir inclinações más, recomendaria que ela atuasse essas inclinações e permitisse que elas tomassem a forma de atos?

RESP. — Aquilo que é absolutamente natural ao indivíduo, a Natureza fará uso mesmo até ao ponto de atos. A vida é vida em toda a parte e em todas as circunstâncias; e como ela procura aperfeiçoar-se a si mesma, em mais formas do que podemos possivelmente contar, é muito difícil determinar o que é uma absoluta necessidade para o bem e o que não é. Para o moralista é absolutamente mau, perverso, praguejar, roubar. Mas para quem tem uma tendência natural inata nessa direção, é exatamente o oposto. Há algumas pessoas que não conseguem roubar; estão constituídas de tal modo que não conseguem praguejar. E, por outro lado, há outras que não o conseguem evitar.

Estão constituídas de tal modo; e quanto mais procuram evitá-lo, maior é a propensão sentida interiormente. Ora, embora todas estas coisas tragam grande tristeza, uma miséria excessivamente grande sobre o possuidor e sobre todos os que estão ligados a ele, contudo não cabe a vós ou a mim determinar que Deus fez mal em dá-las a quem as possui. Quem dirá que não é a própria estrada sobre a qual essas almas têm de passar, a fim de se tornarem purificadas e aptas para o céu. O cristão diz: "Deus faz tudo bem." Essa é uma afirmação muito ampla de se fazer, considerando que o Cristianismo acredita num diabo, na existência do mal, num estado de coisas muito imperfeito a existir em toda a parte. Ora, nós acreditamos que Deus faz de facto tudo bem; todas as coisas, não uma parte. O mais autêntico criminoso que alguma vez teve existência nesta terra ou em qualquer outra terra vive pela mesma lei Divina pela qual vós e eu vivemos. Há um curso diferente traçado para ele do que para vós e para mim. O orador que respondeu à pergunta em consideração, conforme oferecida há poucas semanas, declarou que o espírito que viveu mais naturalmente aqui estava avançado, espiritualmente, em relação àqueles que procuraram tolher as faculdades naturais do espírito ou esmagaram ou amesquinharam as propensões naturais da sua vida na terra. Se é de facto absolutamente necessário que roubeis, roubai por todos os meios.

Mas devíeis lembrar-vos de que o maior e mais elevado dom com que o Grande Pai de Todos vos abençoou é o dom da razão; e devíeis trazê-lo a exercer sobre todos os pontos da vida. Se estas chamadas monstruosidades na vida têm uma existência convosco, perguntai à

vossa razão por que razão estão elas aqui? E quando a razão tiver respondido à pergunta, em vez de tentardes esmagar a criança, matai o progenitor. Em vez de vos esforçardes por desviar a maré da vida natural para qualquer outro curso que não aquele que a Natureza determinou para ela, procurai começar de tal modo estas existências físicas que não tenhais nenhum destes pesares com que lidar. Se não quereis ladrões, e mentirosos, e assassinos, não os tragueis à existência. Se o fizerdes, lidai misericordiosamente com eles enquanto aqui estiverem. Se semeais joio, em nome de Deus não espereis colher trigo. Não espereis converter o joio em trigo, pois não podeis.

O gérme está lá e seguirá a inclinação da sua própria vida, e nenhuma outra. Podeis virá-lo para aqui e para ali, podeis forçá-lo nesta ou naquela direção, mas apenas estais a adiar o tempo em que ele viverá na sua própria vida, manifestando-se de acordo com a sua própria natureza. Prestais uma atenção muito grande — alguns de vós, pelo menos — à criação dos vossos animais domésticos, enquanto não prestais nenhuma à criação destas, as mais grandiosas e elevadas formas de Deus na terra.

Dais às almas humanas máquinas para roubar, mentir e assassinar, e depois procurais matar a máquina porque ela é um estorvo para vós. Oh, escavai até às raízes destas sombras escuras, estes mantos sombrios que estão lançados por toda a terra. Em vez de podar este e aquele ramo, tornai a vossa vida física perfeita como ela devia ser, e então tereis pouca causa para achar falha em mentirosos, ladrões e assassinos; essas pessoas que estão constantemente a transgredir as vossas leis civis e ditas Divinas.

PERG. — Podem aqueles que trabalharam durante tanto tempo em Dungeon Rock esperar alguma vez ter as suas esperanças concretizadas exteriormente?

RESP. — Há tantas opiniões sobre esse assunto como mentes a pensar sobre ele. Pela nossa parte, não acreditamos que as suas esperanças venham a ser concretizadas exteriormente.

12 de julho.

ESPÍRITO CONTROLADOR

O público tem a liberdade de fazer as perguntas que o público leria com interesse. [Uma pausa.] Se o público não tem perguntas a propor, propomo-nos considerar uma consulta que nos chegou de um dos nossos irmãos na terra. Ele deseja saber o que o espírito de John Pierpont e os seus associados pensam relativamente aos procedimentos do seu funeral. Ficou ele satisfeito, ou o contrário?

John Pierpont, como vos disse ontem, está em plena posse de todas as suas faculdades. Ele pensa como pensava antes da morte. Ele sabia antes da sua mudança onde os seus opositores se posicionavam. Ele compreendia a atitude teológica deles para consigo e compreendia, também, a fraqueza — notai bem, a fraqueza — que se aglomerava ao redor de alguns dos seus próprios amigos pessoais e parentes, que eles próprios acreditavam no regresso do espírito desencarnado. Portanto, compreendendo a fraqueza deles e a posição teológica daqueles que conduziram os exercícios na ocasião, ele não ficou de todo desiludido. Foi um resultado natural de fraqueza, fanatismo e ignorância; e sendo natural, John Pierpont não é o homem para falar contra isso.

Ele pode ter pena daqueles que são fracos, daqueles que são ignorantes, daqueles que estão em trevas teológicas, mas, ao mesmo tempo, far-lhes-ia justiça, sabendo, como sabe, que nem todos podem estar na mesma plataforma, nem todos podem ouvir com os mesmos ouvidos, ver com os mesmos olhos, ou compreender como ele compreende. Assim, pois, ele tem uma devida quantidade de caridade para com eles, porque eles não conseguem ver como ele via; não conseguem compreender como ele compreendia. A mesma caridade que o caracterizava enquanto esteve na terra, como uma inteligência visível, ele não a perdeu. Ele sabia quem eram os seus inimigos teológicos quando estava aqui e tinha pena deles; e faz o mesmo agora. Ele sabe bem, também, que a ignorância constrói sempre o seu próprio fogo e consome-se a si mesma. Não há necessidade de ele construir um fogo para a ignorância deles, pois, na ordem das providências de Deus, tudo será feito.

John Pierpont vive hoje e tomará uma parte ativa em tudo o que o interessava antes da sua morte. Ele não se sentará na inatividade. Ele procurará fervorosamente derramar essas verdades sobre a terra que serão aceitáveis para a humanidade. Conhecendo as necessidades da humanidade, como conhece — pois vem fresco do seu coração —, ele dar-lhes-á o que elas precisam. Não há fraqueza ligada ao seu espírito, nenhuma treva aglomerada ao redor do seu intelecto. Ele foi para o mundo dos espíritos como uma inteligência não escondida debaixo de um alqueire, mas no topo da montanha. A sua voz nunca foi silenciada aqui, quer por fanáticos quer por aqueles que se encolhiam por causa da ignorância. O seu braço esteve sempre forte no maneio da espada da verdade, e esse braço do espírito estará igualmente forte agora — sim, e mais ainda. Sabei, pois, que ele não tem censura para aqueles que estão em trevas teológicas, que não conseguiram ver que o último movimento da sua vida foi o mais grandioso. Ele tem apenas pena. E quando, em anos posteriores, eles se curvarem aos seus pés e o reconhecerem como seu superior em sabedoria, ele apenas lhes oferecerá a mão direita da amizade e pedir-lhes-á que se levantem e se ponham de pé numa plataforma toda sua — não na dele.

John Pierpont pode bem dar-se ao luxo de ser caridoso, pois o seu Pai o abençoou abundantemente. Ele estava de tal modo organizado que podia ver, podia perceber esta Nova Dispensação; e, estando assim organizado, podia perceber, também, que aqueles que estão organizados diferentemente têm de ver diferentemente.

Seria bom que todas as classes de mentes começassem o estudo da mente como ligada à matéria. E, quando tiverem avançado apenas alguns passos nessa direção, verão que cada mente tem de se desdobrar diferentemente, tem de ir para o céu pela sua própria estrada. Vendo isto, sentindo a sua verdade, exercerão mais caridade; as guerras cessarão e a terra florescerá em paz, porque os seus filhos se compreenderão a si mesmos.

4 de setembro.

PERG. — Por que razão os espíritos nunca dão qualquer descrição das suas ocupações na outra vida? Quando questionados ficam em silêncio ou dão respostas extremamente vagas e insatisfatórias?

RESP. — Isto pode ser verdade no que diz respeito ao vosso correspondente, mas é inverídico no que diz respeito à experiência de outros. Muitos espíritos regressam dando relatos claros da sua ocupação no mundo dos espíritos. Alguns não dão a sua ocupação, pela muito boa razão, talvez, de não terem ocupação nenhuma. Estais bem cientes de que estão presentes convosco na terra muitas pessoas que estão, em muito grande medida, desocupadas. Parecem ter muito pouco que fazer. Ora, é exatamente o mesmo com uma certa classe no chamado mundo dos espíritos, e pode não ser impossível que o vosso correspondente tenha lidado com essa classe.

PERG. — Pelo mesmo: Por que razão é permitido aos espíritos maus intrometerem-se em círculos e imporem-se ao procurador fervoroso e sincero da verdade, sob o disfarce de queridos amigos falecidos?

RESP. — No absoluto não há espíritos maus. Eles são apenas aqueles que possuem uma menor quantidade de bem do que certos outros. Ora, é muito possível que o Grande Pai de Todos, que permite, guia e governa todas as coisas, na sua sabedoria tenha visto que uma maior quantidade de bem devia ser ganha ao admitir um chamado espírito mau a qualquer círculo ou sessão do que ao admitir um George Washington, um Abraham Lincoln, um Jesus de Nazaré ou um João Batista. Jesus disse: "Os que estão de boa saúde não precisam de médico, mas sim os que estão doentes." É muito possível que o único bálsamo curativo que existe para eles possa ser encontrado dentro dos limites de algum círculo terreno. Ieis vós excluí-los? De modo algum. Se eles dão trevas, em troca dai-lhes mais luz; e assim vencei o seu mal, se tal for, pelo vosso bem maior.

PERG. — Por A. T. H.: Conserva o espírito qualquer das deformidades ou vícios do corpo físico depois de deixar o corpo?

RESP. — Tudo isso deixa uma impressão legítima no espírito. Essa impressão é mantida até que o espírito a supere, ou viva além dela.

PERG. — No BANNER do dia 14 do corrente, na comunicação de Stephen Lee, encontra-se o seguinte parágrafo: "É muito verdade que a minha vida aqui foi passada em parte à sombra e em parte ao sol; mas mais frequentemente à sombra do que ao sol. No entanto cheguei à conclusão de que o mesmo Grande Poder que nos molda, molda o nosso destino; onde quer que ele nos guie, nós temos de seguir." A última parte do parágrafo é aquilo para que desejo chamar particular atenção; e gostaria de perguntar se devemos entender que a vida que levamos no corpo é apenas o resultado de um destino sobre o qual não temos controlo, embora essa vida pareça ser de contínua felicidade e prazer, ou de aparentemente ininterrupta tristeza e desgosto, crime e miséria, conforme o caso?

Não estou plenamente convertido à ideia de fado ou destino no curso que seguimos nesta vida. Serão um facto que onde quer que o nosso destino nos guie, nós temos de seguir? estando plenamente conscientes de que nos cumpre tentar sempre ser bons e fazer o correto; contudo muitas vezes ficamos aquém, ou parecemos ficar, nos nossos esforços para nos beneficiarmos a nós mesmos e aos nossos semelhantes, tanto temporal como espiritualmente.

RESP. — Não temos o direito de decidir relativamente a esta pergunta por mais ninguém além de nós próprios. Embora possamos acreditar na doutrina do destino, não gostaríamos de impor essa crença a quem não está preparado para ela. Ao olhar ao redor do universo e através dos universos, descobrimos que uma lei imutável governa. Os mundos são mantidos na sua devida posição por quê? pela lei do

destino. A terra atingiu a sua posição atual pela lei do seu destino; assim o acreditamos. Acreditamos que o Grande Pai de Todos, conhecendo todas as coisas, estando de posse de toda a sabedoria, todo o poder, nunca falha em momento algum em estar adiantado em relação às suas criações. E acreditamos também que todas as suas criações estão de tal modo unidas e atraídas para esse poder superior que têm de o seguir, quer queiram quer não.

Acreditamos também que a doutrina do destino, ou a crença no destino, não vos despoja de modo algum da vossa responsabilidade ou individualidade. Na medida em que sois seres inteligentes conscientes, sois responsáveis perante a vossa própria inteligência. Há um tribunal dentro de cada um de vós, e perante ele estais todos a ser julgados. Sabeis como é com todos vós aqui. Se cometeis um ato com o qual nas vossas vidas interiores ficais insatisfeitos, imediatamente o vosso tribunal entra em sessão, juiz e júri estão presentes, e a sentença é pronunciada imediatamente. Dizeis que fizestes mal nisso; que não fareis mais assim porque isso vos traz tristeza. E no entanto, acreditamos que fora e além de todos estes assuntos menores há uma Inteligência a governar todas as coisas, a controlar todas as coisas. Se não acreditássemos nisto, seríamos miseráveis de facto. É como uma âncora que é sempre segura; como uma bússola que sempre nos guiará no caminho certo. Sentimos que há uma força ao nosso redor que nunca cederá à nossa fraqueza.

6 de setembro.

PERG. — Por favor declare o significado desta passagem nas Escrituras, que diz: "Porque a todo o que tem, dar-se-lhe-á, e terá em abundância; mas ao que não tem, até aquilo que tem ser-lhe-á tirado"?

RESP. — Cada inteligência ou mente distinta dispõe ou resolve todos esses problemas de acordo com o seu próprio padrão intelectual. Alguns definem a passagem de uma maneira, alguns de outra. Pela nossa parte, acreditamos que o orador fazia referência àqueles com quem estava a viver. Ele bem sabia que aqueles que possuíam uma boa quantidade das coisas desta terra eram mais capazes de somar a

essa riqueza. Por exemplo: é muito fácil para um homem rico obter riquezas, pois ele pode aplicar a sua riqueza e por meio dela atrair ainda mais. Mas o homem pobre que tem apenas um pouco, até esse pouco lhe é tirado pelo homem rico. Exemplos de tais coisas vedes ao vosso redor todos os dias. O homem que é morno na sua religião é muito suscetível de perder o pouco que tem, por absorção daqueles que têm mais do que ele tem. Isto é muito natural; e Jesus, sendo um homem da natureza e um expositor das leis da natureza, bem o compreendeu.

PERG. — Por J. H. C., de Salisbury, N. H.: Será que não mantemos os nossos amigos espirituais perto de nós, dentro da esfera terrestre, e assim impedimos o seu progresso, ao pensar continuamente ou frequentemente neles? Se assim for, não é nosso dever esforçarmo-nos por pensar menos neles?

RESP. — Não, não é vosso dever esforçar-vos por pensar menos neles, nem o facto de pensardes neles retarda o seu progresso; pois se em virtude do vosso pensamento intenso os atraís a vós, então eles têm de progredir ao vir. A lei do progresso nunca se detém em caso algum. Todas as almas estão sujeitas a ela, e quer as mantendes no inferno quer no céu, elas progridem da mesma forma.

PERG. — É um uso livre do sal prejudicial à saúde?

RESP. — Um excesso é prejudicial, como todos os excessos são; mas um uso moderado não é de modo algum prejudicial. Se o vosso correspondente quer dizer um uso moderado, pela expressão "livre", diríamos que não era.

PERG. — Por C. Cross, de Filadélfia: Não é o caráter de Jesus de Nazaré, como dado por Alexander Smyth, mais natural, mais racional

e mais digno da nossa consideração do que o dado nos evangelhos do Testamento?

RESP. — Os evangelhos do Testamento são simplesmente uma história dos feitos espirituais do homem Jesus. Eles fazem muito pouca alusão aos seus excessos materiais, portanto pensamos que o outro, seja verdadeiro ou falso, é certamente o mais natural.

PERG. — Não são as doutrinas e morais dadas neste livro mais racionais e praticáveis, e mais capazes de beneficiar a humanidade, do que aquelas que são geralmente ensinadas sob o nome de Cristianismo?

RESP. — Muitas coisas que levam o nome de cristão ou Cristianismo não o são na realidade. Tudo o que é bom no absoluto guiará homens e mulheres para mais alto; torná-los-á melhores. Não importa que nome leva.

PERG. — É da opinião e intenção dos espíritos que as doutrinas deste livro venham eventualmente a substituir as do Testamento Cristão e das Igrejas?

RESP. — Quando essa história da religião cristã — esse registo bíblico — tiver realizado o seu trabalho, cumprido a sua missão, será substituída por algo que abraça todo o seu próprio bem e algo mais. Mas até que tenha cumprido o seu próprio bem, encontrará um lugar de repouso aqui com homens e mulheres.

PERG. Do público: O que diz a história ou tradição espiritual sobre as raças pré-adâmicas?

RESP. — Há muitos Adões e muitas Evas. Os referidos na história da criação do mundo não são de modo algum os únicos Adões e Evas deste e de outros planetas. Acreditamos que inteligências físicas distintas, e, mais, sabemos que inteligências físicas distintas tiveram existência nesta terra muito antes do período atribuído para a existência do vosso Adão e Eva.

PERG. Que dizer do primeiro homem e da primeira mulher nesta terra?

RESP. — Não acreditamos que tenha havido algum primeiro homem ou primeira mulher nesta terra. Em todo o caso, não temos registo no qual nos possamos fiar como determinando tal facto.

10 de setembro.

PERG. — Fará o espírito controlador o favor de nos dizer qual é o melhor tratamento para a curvatura da coluna na sua fase inicial na infância?

RESP. — O melhor método de cura de que temos conhecimento é aquele que se pode obter através da influência magnética. Necessita-se de força, e ela não pode ser dada de melhor forma do que através do chamado magnetismo, ou seja, esse elemento distinto e positivo da vida física.

PERG. — Em que consistia a fé do Centurião, que mandou chamar Jesus para que este curasse o seu servo? Lucas, capítulo 7, versículos 8 e 9.

RESP. — São Paulo diz "que a fé é a substância das coisas que não se veem". Supomos que a fé do Centurião consistia no poder que Jesus era capaz de exercer sobre ele, levando-o a acreditar que o Nazareno podia curar o seu servo, estivesse ele presente ou não.

PERG. — Pelo mesmo: Como devemos entender esta observação de Cristo a Pedro: "Para trás de mim, Satanás"?

RESP. — Para trás de mim todas as influências que me levariam para fora do caminho do meu próprio dever. Jesus sabia bem que caminho o seu Pai tinha traçado para ele, e estava determinado a caminhar nele, apesar de todas as tentações que se pudessem aglomerar ao seu redor. Há um certo e um errado para cada alma individual; mas pertence apenas à alma individual e a mais ninguém; cada alma, por outras palavras, tem o seu próprio padrão de certo e errado. Jesus tinha os seus bons e maus espíritos; o mau era para ele um bem menor. Podeis chamar-lhe o mau espírito da tentação, como dar-lhe qualquer outro nome. Chamais-lhe Diabo, Satanás ou Belzebu, mas é simplesmente um bem menor, algo que nós, como indivíduos, não reconhecemos como pertencendo ao nosso bem mais elevado. Jesus compreendia a missão que tinha de cumprir; e quando lhe ofereceram o ouro e a prata da terra, respondeu: "Vai-te daqui! Para trás de mim! Tenho algo melhor a fazer do que curvar-me a servir o Deus deste mundo, que é para mim o diabo."

PERG. — Aprova a construção de salões livres, dedicando-os a Deus, e ignorando a liberdade de expressão?

RESP. — De modo algum. Acreditamos na construção de templos livres, dedicando-os à verdade mais elevada conhecida; e, se fizerdes isto, dedicá-los-eis à liberdade de expressão.

PERG. — Pelo mesmo: Qual considera mais em harmonia com a Filosofia Espiritual: dedicar salões livres a Deus e depois temer e tremer para que não seja proferida alguma verdade impopular; ou permitir que a verdade seja dita, por mais impopular que seja?

RESP. — No absoluto não há padrão de verdade. O que é verdadeiro para um é falso para outro. Quando tentais erguer um padrão geral, um santuário no qual todos devam adorar, então tereis a certeza de falhar. A verdade é tal apenas em virtude de vós a compreenderdes como verdade. A vossa Filosofia Espiritual é uma grande ilusão para os vossos opositores; para vós, uma grande verdade. Ora, estarão eles totalmente errados? De modo algum. Devem eles ser postos de lado pela sua descrença? Certamente que não. Não há verdade absoluta, tal como não há certo e errado absolutos. Acreditamos em dar expressão à verdade mais elevada que vós, como indivíduos, possuís. Se realmente acreditais que a doutrina da condenação é verdadeira, ora, pregai-a por todos os meios. Se realmente acreditais que é inverídica, pregai contra ela por todos os meios. Não deveis supor que todos podem adorar num só altar de verdade, porque sois todos diferentemente compostos — espiritual, física, moral e intelectualmente. Não há dois iguais; portanto, não há dois que possam possivelmente ver e pensar da mesma forma.

PERG. — Favorece a realização de reuniões para uma discussão e indagação livres e honestas para obter a verdade?

RESP. — Certamente que sim, e contudo dizemos-vos, logo à partida, que nunca a obtereis com uma certeza absoluta.

PERG. — Que pessoas considera que fazem o maior bem no mundo — aquelas que proferem honestamente a verdade tal como a sentem, sem prestar atenção ao que o mundo possa dizer, ou aquelas que apenas dizem verdades impopulares quando sabem que haverá pouca ou nenhuma oposição?

RESP. — A pergunta foi respondida. Acreditamos em dar expressão às verdades mais elevadas que possuís, sejam elas populares ou impopulares. As verdades que Jesus demonstrou e pregou não eram populares no seu tempo. Se tivessem sido, ele não teria sido

crucificado. As verdades que formam a base da vossa Filosofia Espiritual não são populares, e contudo há milhares de pessoas que se atrevem a dar-lhes expressão. Mas virá o tempo em que estas mesmas verdades impopulares, estas ideias — que alguns concebem como sendo toda a verdade e nada mais do que a verdade — se tornarão populares. Nessa altura, milhares afluirão a este mesmo Santuário Espiritual e estarão prontos para ali adorar.

11 de setembro.

PERG. — É a imaginação uma faculdade criativa ou reprodutiva?

RESP. — É ambas, num sentido, e noutro sentido não é nenhuma das duas. No que diz respeito a este mundo, ou às coisas — às coisas tangíveis que são vistas pelos sentidos mortais —, é uma faculdade reprodutiva e criativa. Mas quando divinamente considerada, como espiritualmente relacionada, não é nenhuma das duas.

PERG. — Pelo mesmo: Informar-nos-á sobre o que constitui um bom caráter moral?

RESP. — Há tantos padrões de moralidade que é extremamente difícil determinar o que constitui um bom caráter moral; ou é difícil determinar para outro. Podemos ser capazes de determinar corretamente para nós próprios, mas para os outros podemos não estar tão esclarecidos. Como indivíduo, posso acreditar na impessoalidade de Deus, consequentemente posso adorar um princípio, fazendo isto em virtude da adesão à minha própria lei moral. O meu vizinho pode ser honesto ao acreditar num Deus pessoal e, portanto, adorará um Deus pessoal, e sentirá que é extremamente imoral afastar-se dessa crença. Ora, quem determinará entre o certo e o errado destes dois padrões? Ambos são, acreditamos nós, igualmente corretos. Há uma certa regra ou lei do certo — se assim nos podemos expressar — a existir entre os homens.

Essa lei muda de acordo com os costumes da raça; pois os usos e costumes das raças estão sujeitos a mudança. À medida que as raças mudam, assim mudam todas as leis que governam entre elas. O que os vossos antepassados consideravam uma lei moral, ou os vossos antepassados de há cem anos atrás, não considerais muito hoje em dia. Porquê? Porque vós e a lei avançaram; cresceram, não ficaram parados. É sempre bom, quando nos perguntamos a nós próprios relativamente à lei moral, relativamente ao que é certo e errado, manter em vista a regra de ouro.

É uma regra excelente; nunca houve outra melhor. É tão antiga como a eternidade, contudo não caiu em decadência. O frescor do tempo da primavera ainda paira ao seu redor. É declarado por alguns como muito difícil seguir esta regra de ouro. E se nos aproximarmos desta regra, faremos muito bem; obedeceremos aos ditames de uma lei moral que é suficientemente elevada para todos.

PERG. — Pode a visão ser cultivada?

RESP. — Isso depende muito do que quer dizer com cultivo. Esse é um termo que não parece aplicar-se muito estritamente à visão.

PERG. — Leio muito, mas não consigo recordar o que leio; e é apenas com grande dificuldade que consigo lembrar-me do que adquiri pelo estudo. Como pode a memória ser melhorada?

RESP. — Apenas pela ação. Pode ser fortalecida forçando-a a tudo o que for capaz de suportar; mas nunca além desse ponto.

PERG. — Tenho ideias, mas não consigo encontrar palavras para as expressar. Como posso, em certa medida, superar isto?

RESP. — Desenvolva o órgão da linguagem, se possível. Acreditamos que é possível para a vida orgânica, em todos os seus departamentos, ser melhorada. Assim como melhorais as plantas e toda a natureza, assim podeis melhorar estes órgãos, se apenas souberdes como.

PRESIDENTE. — Uma senhora que é membro de uma Igreja Presbiteriana na cidade de Nova Iorque solicita ao espírito que explique as seguintes passagens das Escrituras: Lucas iv., versículos 25 e 26: "E ia com ele uma grande multidão; e, voltando-se, disse-lhes: Se alguém vier a mim, e não aborrecer seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo."

RESP. — Tem havido uma enorme quantidade de discussão relativamente à dita passagem na Sagrada Escritura, assim chamada, e acreditamos que certos investigadores chegaram a esta conclusão, como resultado das suas investigações: A saber, que a passagem não foi traduzida com veracidade. Há muitas coisas estabelecidas no vosso volume sagrado chamado Bíblia que em si mesmas são verdadeiras, mas a sua expressão externa não é verdadeira. Esta é uma delas. Jesus era um amante da lei, de toda a lei, e particularmente da lei que pertencia à natureza; dessa lei que nos liga àqueles que amamos.

E se ele a amava, ensinaria os seus seguidores a quebrá-la? De modo algum. Diria ele, perante ela, com toda a natureza a repreendê-lo, que é bom odiar aqueles que vos amam? Não podemos pensar que o fizesse; não o acreditamos. Honramos e amamos Jesus como uma inteligência divina a manifestar-se através do humano e, como tal, temos de acreditar que ele deu expressões que estavam de acordo com leis tanto humanas como divinas. É por isso que o vosso orador, em comum com outros que investigaram o assunto, é levado a acreditar que esta passagem não foi traduzida com veracidade.

PERG. — Por favor explique o seguinte: Marcos iv., versículos 10 a 12: "E, quando se achou só, os que estavam ao redor dele com os

doze interrogaram-no sobre a parábola. E ele disse-lhes: A vós vos é dado saber o mistério do reino de Deus, mas aos de fora todas estas coisas se dizem por parábolas, para que, vendo, vejam, e não percebam; e, ouvindo, ouçam, e não entendam; para que se não convertam, e lhes sejam perdoados os pecados."

RESP. — Suponde que o vosso orador estivesse a falar com um grupo de seguidores que questionassem como Jesus foi questionado relativamente aos porquês e aos motivos da cegueira, da cegueira espiritual que existia entre as pessoas que tinham visto a luz do reino; tinham visto as manifestações e os chamados milagres realizados por Jesus e pelos seus seguidores, que resposta lhes daria ele? Ora, com toda a probabilidade, uma resposta semelhante à dada por Jesus. Eles viam; mas uma coisa é ver e outra é perceber. A perceção é a visão do espírito. Eles viam exteriormente, mas interiormente, espiritualmente, estavam cegos. As manifestações para eles eram misteriosas, mas para aqueles cujas perceções estavam desdobradas, ativas, não eram misteriosas. As coisas do reino eram claras; estas manifestações não eram milagres. Mas para as coisas feitas por lei natural e divina, Jesus viu que eles estavam cegos.

Os vossos médiuns da terra muitas vezes falam como Jesus falou; a saber, em parábolas. E assim muitas vezes se acusa de que as suas respostas são vagas, indistintas, misteriosas. Mas se a vossa visão espiritual, as vossas perceções, as vossas intuições fossem claras, estas parábolas seriam ditos simples, comuns, e um caminho para os guiar no caminho certo. Mas porque as vossas intuições espirituais estão nubladas, não estão abertas, elas são vagas, misteriosas e incertas. Podeis perguntar por que razão vos falamos em parábolas? Por que razão o fez Jesus? Bem, muitas vezes é feito para que as vossas perceções espirituais possam ser vivificadas, para que possais confiar nos vossos próprios poderes, não nos de outro.

Se vos dissessem que uma coisa era assim, no alfabeto simples da vida comum, talvez désseis por adquirido que era assim; não diríeis não, nem pararíeis para a pesar na balança do vosso próprio critério. Jesus sabia disto, e aqueles que vêm a vós hoje sabem-no; por isso ele procurou impressioná-los de que a estrada que leva ao céu é estreita;

larga o suficiente apenas para admitir que se caminhe por ela — e esse é o próprio indivíduo —, que cada alma tem de ir para o céu à sua própria maneira, pelas suas próprias perceções, pelo seu próprio desdobramento espiritual. Os habitantes do mundo invisível vêm a vós, declarando que estão situados assim e assado. Há alguns que percebem que eles dão a verdade a este respeito. Há outros que dizem: não consigo compreender. Sei que o dizes, mas não o realizo. Isso é porque apenas ouviram a linguagem, e não perceberam a vida além dela. 17 de setembro.

PERG. — Farão os espíritos o favor de dar as suas opiniões sobre a história bíblica da imagem da cabeça de ouro de Nabucodonosor, e a sua destruição por aquilo que é representado como uma pedra? E se podemos fazer alguma aplicação disso para nosso benefício no dia de hoje?

RESP. — A história referida é simplesmente um incidente dos tempos antigos que, acreditamos nós, não pode de modo algum ser aplicado às pessoas do dia de hoje para o bem. Muito do que parece jazer envolto em mistério dentro das capas do vosso "Livro Sagrado" não é de facto mistério nenhum, mas simplesmente um registo do que foi; e esse registo pertence exclusivamente à fonte de onde veio; portanto, não pode pertencer-vos. Se fordes bem-sucedidos em chegar perto das verdades divinas, tal como ensinadas pelo nosso irmão, Jesus, tereis realizado uma obra muito grande. Se procurardes fervorosamente moldar as vossas vidas pela vida dele, tereis feito tudo o que ele poderia pedir-vos.

Não há necessidade de estardes a debruçar-vos sobre as fábulas mofadas do Registo Antigo. Elas não vos podem fazer bem nenhum, não podem fornecer alimento para as vossas almas. Mas se virardes a vossa atenção para a palavra viva, tal como ensinada por Cristo, as vossas almas serão alimentadas por ela; e em vez de ficardes a perguntar-vos de onde vem o registo, percebereis a verdade dentro do registo e dentro de vós mesmos também. 18 de setembro.

PERG. Explique alguma inteligência sob que princípio quatro pessoas podem elevar a quinta no ar, nas pontas dos seus dedos, por respiração simultânea? E diga se, na sua opinião, seria possível compreender e controlar a gravitação de modo a permanecer no ar à vontade?

RESP. — O processo é muito simples quando o compreendeis, mas muito misterioso e complicado quando não o compreendeis. Parece, por tudo o que sou capaz de aprender durante a minha curta estadia aqui no mundo dos espíritos, que a mente é, em todos os momentos, através da inteligência, senhora da matéria; que não há lei a governar no mundo material, ou mundo da matéria, que não possa ser anulada e subjugada pela mente. Sendo isto verdade, a lei da gravitação pode, naturalmente, ser tratada em conformidade. Sou informado por aqueles que têm estado amplamente interessados em certos movimentos científicos através da ação do espírito, durante os últimos dezoito anos, que quando a inteligência desencarnada — um espírito, homem, mulher ou criança — deseja controlar qualquer objeto sem poder, isto é, elevá-lo no ar, ou movê-lo para aqui e para ali, não usa as mãos ou os pés, ou a cabeça, ou qualquer parte dos seus corpos espirituais para realizar isto; mas, sendo bons químicos, extraem do objeto em questão qualquer qualidade que seja que o torna subserviente à lei da gravitação. Tendo removido isto, o artigo torna-se então subserviente à lei da mente. A seguir a mente pode dizer ao objeto: Vai para aqui, vai para ali; eleva-te ou cai; e o objeto obedece, como se tivesse inteligência.

Eu tinha suposto, em comum com muitos Espiritualistas — muitos dos quais se consideravam investigadores —, que a lei era a lei, onde quer que existisse; que os espíritos não interferiam com nenhuma lei conhecida nas suas operações sobre a matéria. Mas isto foi um erro muito grande. As leis da matéria são inferiores às leis da mente — são distintas delas, inteiramente separadas. E, como o superior governa sempre o inferior, é sempre capaz de o controlar, assim a mente tem de controlar a matéria. E era isto que Jesus queria dizer quando disse: "Se tiverdes fé, podereis dizer a este monte:

Ergue-te e lança-te no mar, e assim se fará." Bem, o que queria ele dizer com fé? Ora, acredito que ele a usava neste sentido: se soubésseis o suficiente, podíeis ver claramente além do véu.

Se pudésseis sentir, nas vossas vidas interiores, que a mente podia controlar a matéria, então seria possível para vós fazer esta coisa. Mas, porque não podeis, há aquilo a que ele chamava uma falta de fé. Agora, para me deter um momento particularmente sobre o assunto em discussão, a saber, essa porção que se refere à elevação de um corpo por quatro pessoas, simplesmente por uma ação material, simplesmente por uma força material lançada através da mente, ora, duvidaria muito que isso pudesse ser feito.

Mas se estas pessoas compreendem de tal modo as leis da terra — isto é, se têm experiência de alma, ou se a experiência que ganharam pelo contacto com a vida humana é tal que lhes mostre como estas coisas devem ser feitas —, elas podem mudar quimicamente as forças que ligam o objeto ou corpo à terra, tornando-o sujeito às leis da gravitação. Mas uma pessoa pode fazer isto tão bem como quatro; pois um homem ou uma criança, sendo uma unidade em si mesmos, é um universo. Um Jesus de Nazaré podia caminhar sobre as ondas tão bem como dois ou uma dúzia. Mas talvez já tenha dito o suficiente sobre este assunto, portanto passarei para outra coisa, se tiverdes mais alguma coisa a oferecer.

PERG. — Farão os espíritos o favor de dar as suas opiniões relativamente à seguinte "história insólita": Correspondência do Mount Sterling Sentinel.

CONCELHO DE BRACKEN, KY., 17 DE FEVEREIRO DE 1866. As pessoas desta vizinhança estão no maior estado de agitação em consequência de uma notável visitação, ou aparição, de alguma personagem demoníaca no nosso meio.

Na última segunda-feira à noite, depois de mim e da minha família nos termos retirado para descansar, fomos subitamente

despertados por um grande clamor vindo das senzalas — que ficam imediatamente nas traseiras da casa —, no qual orações competiam pela supremacia com blasfémias; homens, mulheres e crianças a gritar "fogo!" e "assassínio!" com toda a força das suas vozes, tudo a conspirar para criar uma cena digna de um pandemónio. Terrivelmente assustados, a minha mulher e eu saltámos da cama. O quarto estava iluminado tão brilhantemente como por uma inundação de luz solar, embora a luz fosse de um tom azulado. A nossa primeira e mais razoável conclusão foi a de que as cabanas dos negros estavam a ser consumidas pelo fogo. Corremos para as janelas e contemplámos uma visão que literalmente gelou o sangue nas nossas veias de horror, e encheu os nossos corações do maior terror. As minhas filhas, a gritar ruidosamente, vieram a voar para o meu quarto, histéricas de medo. Isto foi o que contemplámos:

De pé, à direita da cabana superior, perto da cerca que separa a horta dos negros do quintal da casa, estava uma criatura de estatura gigantesca e da aparência mais horripilante. Era quase tão alta como o cume da cabana, e tinha uma cabeça monstruosa não dissemelhante em forma à de um macaco; dois cornos curtos e muito brancos apareciam acima de cada olho; os seus braços eram longos, cobertos de pelo grenho de um tom acinzentado, e terminavam em patas enormes, não dissemelhantes às de um gato, e armadas com garras longas e aduncas. O seu peito era tão largo como o de um boi de grande porte. As suas pernas assemelhavam-se às pernas dianteiras de um cavalo, apenas os cascos eram fendidos. Tinha uma cauda longa, armada com um corno em forma de dardo, que estava continuamente a chicotear de um lado para o outro.

Os seus olhos brilhavam como dois carvões em brasa de fogo, enquanto as suas narinas e boca emitiam lençóis de chama de cor azulada, com um assobio, como o assobio de uma serpente, apenas mil vezes mais alto. A sua cor geral, salvo os braços, era um castanho baço e sujo. O ar estava fortemente impregnado com um cheiro a enxofre a arder. Os pobres negros estavam evidentemente a sofrer sob o mais extremo terror, e dois deles, uma mulher idosa e um jovem, foram realmente levados à loucura pelos seus medos, e não

recuperaram a razão até ao momento em que escrevo. Não sei quanto tempo este monstro, demónio ou diabo esteve visível depois de chegarmos à janela — possivelmente uns três segundos. Quando desapareceu, estava envolto numa coluna espiral de chama que alcançava quase o topo das acácias adjacentes, e que escondia a sua forma horrível completamente da vista. A extinção da chama foi instantânea, e com o seu desaparecimento fomos aliviados da presença deste visitante notável.

Se a nossa tivesse sido a única família visitada por esta criatura do outro mundo, eu teria ficado em silêncio e, talvez, torturado a minha mente na crença de que era uma alucinação. Mas precisamente a mesma aparição fez a sua presença em casa do meu vizinho, a Sra. William Dole, aparecendo ali precisamente na mesma forma em que se nos apresentou a nós, salvo a cabeça, que pareceu àqueles que a presenciaram em casa da Sra. D. assemelhar-se à de um cavalo. Em casa do Sr. Adam Fuqua, outro vizinho, a sua cabeça era a de um abutre. Na terça-feira à noite apareceu em casa do Sr. Jesse Bond, usando ali a cabeça de um elefante. Em todos estes lugares fez a mesma aparição que na minha casa — excetuando apenas a mudança da cabeça — e desapareceu da mesma maneira. Estas partes são todas senhoras e cavalheiros de confiança e, a meu pedido, prestaram juramento relativamente ao que presenciaram.

O que seja, qual o seu objetivo, qual a sua missão, é algo que passa a minha fraca compreensão. O que acima escrevi é a verdade simples e sem adornos. Tem a liberdade de usar isto de qualquer maneira que estimar.

Respeitosamente, o seu amigo,

NATHANIEL G. SQUIERS.

ESTADO DO KENTUCKY, CONCELHO DE BRACKEN. — Neste dia compareceram pessoalmente perante mim, o abaixo assinado, John G. Finley, Juiz de Paz, dentro do concelho e para o

Estado supra-citado, Nathaniel G. Squiers, Minerva Squiers, Sarah D. Squiers, Lucy Squiers, Martha W. Dole, Adam Fuqua e Jesse Bond, os quais, tendo prestado juramento de acordo com a lei, declaram que as afirmações na carta antecedente são verdadeiras no que se refere a cada um deles. E certifico que os declarantes são pessoas credíveis e de confiança, e as suas afirmações merecedoras de pleno crédito. JOHN G. FINLEY, J. P., C. B.

RESP. — Deve ser compreendido que aquilo que a mente é capaz de conceber é capaz de representar em forma, capaz de exteriorizar. Ora, se a mente é capaz de conceber um Satanás com cornos e cauda, é capaz de exteriorizar essa forma. E, como a mente é detentora de uma amplitude maior de poder depois da morte do que antes, vereis facilmente que é mais fácil para o espírito despido do corpo, isto é, o espírito que foi além do corpo físico, tomar sobre si uma forma como a descrita, do que é para vós aparecer numa tal personagem num baile de máscaras. Todos vós sabeis que é fácil para vós aparecer num qualquer disfarce, mesmo aqui na terra. Podeis representar o que concebeis ser um diabo, ou um anjo. Bem, então é ainda mais fácil para o espírito desencarnado fazer a mesma representação. Apenas tendes de vos familiarizar com as leis que governam a matéria, e quando fordes senhores delas, podeis vestir qualquer traje que achardes conveniente. O processo não é de modo algum difícil ou misterioso; mas relativamente ao caso que nos apresentastes, não temos informação direta.

PERG. — É cada ser humano um médium de alguma forma?

RESP. — Certamente.

PERG. — O que ocasiona tumores ósseos?

RESP. — Se eu tentasse responder a essa pergunta, provavelmente falharia; portanto, deixá-la-ei para outro qualquer que possa possivelmente seguir-me, que possa lidar com ela melhor do que eu.

Se não cansar a paciência dos meus ouvintes, gostaria de fazer uma breve referência a uma carta que recebi pouco tempo antes da minha mudança, na qual o autor expunha os seus problemas e solicitava o meu conselho. Eu tencionava responder à carta e dar o conselho que parecesse mais adequado na altura; mas várias circunstâncias interferiram. Não fui capaz de levar a cabo as minhas intenções, e assim o autor permanece na ignorância quanto a saber se cheguei a receber a sua carta ou não; ou se a recebi, se me importei em responder-lhe. Ele diz: "Sendo um ministro do Evangelho, um dispensador da fé dos santos, estou, como deve bem saber, numa eminência um pouco acima do povo. Muitos me veem e me criticam sem que eu os veja; sem que os conheça.

Ora, acontece que há poucos meses atrás — talvez seja melhor dizer há poucos anos atrás — investi quietamente, e posso dizer secretamente, ou tentei investigar o Espiritualismo moderno. Tornei-me acidentalmente o recetor de um artigo que me fez sentir que gostaria de saber se havia ou não alguma verdade nisso. Por isso olhei quietamente para o assunto. Mas não passou muito tempo antes de descobrir que alguns membros da minha igreja, da minha família, do meu círculo social estavam cientes do que eu estava a fazer; e gradualmente deste ponto vinha uma seta, e daquele ponto, até que no presente momento estou completamente sitiado por aqueles que me são mais caros e próximos, e tenho-me perguntado em mente se estou a seguir o caminho certo ao ocultar o que aprendi no decurso das minhas investigações; ou se é uma causa justa ou não?

Se eu estivesse certo, absolutamente certo, de que a causa era justa, estaria disposto a sofrer por ela; pois Jesus disse: Bem-aventurados sois vós quando fordes perseguidos por causa da justiça. Sentiria que era de facto bem-aventurado. Olharia para cada palavra de censura, para cada seta de calúnia como um carro a trazer-me uma bênção do céu. Mas não consigo sentir, não consigo saber que a causa

seja justa. Tenho trabalhado arduamente e orado mais do que fervorosamente para saber o que é certo. E quando me sentei sozinho hoje à noite no meu quarto, determinei-me a questioná-lo, sabendo que tinha sofrido como eu agora sofro. Espero que seja capaz de me aconselhar.

Primeiro diga-me, pensa que a causa que tenho estado a investigar é justa? Depois diga-me que curso seguiria se estivesse situado como eu estou? Sou fraco, absolutamente fraco, e peço da sua força." E no fecho diz — o que me prova a sua fraqueza da forma mais clara —: "se alguma vez fizer algum uso público desta carta, peço-lhe que oculte o meu nome." Dei uma sinopse tão clara da carta quanto sou capaz de memória, ocultando alguns poucos parágrafos pessoais. E agora para a minha resposta.

A justiça não se mede por credos ou por palavreado sacerdotal. Pode ser medida apenas pela luz mais elevada que o seu possuidor possui. Aquele que se julga de posse de um pensamento justo só pode saber se esse é ou não de facto um pensamento justo pesando-o na balança da sua própria razão. Nenhum credo de igreja pode decidir por si; nenhuma lei quer no céu, na terra ou no inferno, fora da própria razão do homem. Se o Espiritualismo ou a Filosofia Espiritual de hoje não forneceu a sua própria prova, não demonstrou a sua própria justiça, tenha a certeza de que não foi longe o suficiente. E como seu conselheiro e confessor, imploro-lhe que vá um pouco mais longe; despeça o traje de Nicodemos e venha para fora como eu fiz, e então talvez o mundo dos anjos derrame a sua plena inundação de glória sobre si. Não poderá então estar enganado.

Se é fraco, as trevas nunca o fortalecerão; apenas a luz o pode fazer. Precisa do elemento positivo, a luz; e como seu amigo e irmão ainda no ministério, ainda a pregar a palavra da Verdade, e a caminho do Tribunal da Sabedoria, rogo-lhe fervorosamente que tire o seu traje de trevas e vá para fora, para a luz do dia. As suas perseguições então serão doces; a sua coroa de espinhos então não a sentirá. Pregue toda a verdade, não metade; e quando questionado relativamente à sua fé, declare-a sem vacilar, sabendo que Deus e os seus anjos estão do seu

lado. Mas, como observei antes, se o Espiritualismo não demonstrou a sua justiça para si, é porque não foi longe o suficiente.

Vá mais longe, procure mais fundo, ore mais fervorosamente; e de tudo o que fizer, não tenha medo de confiar quer o seu bom nome quer o seu caráter quer a sua bolsa com ele; pois se o fizer, alguma alma duvidosa, quer do nosso lado quer do seu, poderia levá-lo um pouco para fora do caminho. Não sente, lá no fundo da sua alma, que há um manto totalmente justo e de Deus sobre este movimento? Se sente, reúna a pouca força que tem e vá para fora; e se sentir que vai afundar-se sob as ondas da oposição, ore, como Pedro fez, e a mão do Divino estender-se-á para o salvar. Estou obrigado, Sr. Presidente, pela sua paciência, e também obrigado ao público pela sua. 20 de setembro.

PERG. — Que condição natural de temperamento ou constituição é requisitada para um médium de incorporação?

RESP. — Não estamos certos de que o dom dependa de qualquer peculiaridade de organização. Está mais dependente das circunstâncias acompanhantes do que da feitura da máquina.

PERG. — Dir-nos-á o Espírito Controlador por que razão Jesus Cristo nunca vem a nós através de um médium?

RESP. — Tem a certeza de que Jesus Cristo nunca vem através de um médium? Não, não tem. E mais ainda, tem a certeza de que um tal homem como Jesus Cristo existiu alguma vez? Não, não tem; mas, através da fé, que é um atributo da alma, acredita nisso. Acredita que uma tal pessoa teve uma existência no passado. A alma tem o direito de assim acreditar; e pela nossa parte não questionamos a verdade, a absoluta verdade de uma tal existência. Mas no que diz respeito a vós, mortais, não o sabeis. Há muitas pessoas que são investigadoras desta bela filosofia, chamada Espiritualismo moderno, que estão desinclinadas a acreditar que o seu Deus-ídolo, Jesus o Cristo, pudesse

por qualquer possibilidade regressar, manifestando-se pessoalmente através dos médiuns modernos.

Bem, não as culparemos porque não conseguem acreditar que Jesus Cristo pudesse vir nestes dias, ou venha. Apenas dizemos a essas pessoas: procurai fervorosamente conhecer a vida de Cristo: o espírito, e não a letra morta; procurai saber relativamente a ele como uma inteligência distinta, não como um corpo humano; e não procureis apenas através do Registo, do imperfeito Registo que tendes da sua vida, mas procurai dentro do Santo dos Santos da vossa própria natureza. Tomai esse Registo imperfeito do homem Jesus e comparai-o com uma linha de vida semelhante no vosso próprio ser interno. Depois trazei os dois para fora, para a vida externa, e criai-os até à idade adulta, fazendo deles um Deus perfeito, Divino e humano, também.

PERG. — Muitas pessoas nos perguntam frequentemente se o homem Jesus Cristo regressa alguma vez através dos vossos médiuns. Ora, suponde que dizíamos que ele regressa, e muito mais frequentemente do que imaginais; acreditarias em nós? Alguns de vós acreditariam, mas as massas não. Imploramos-vos que descarteis as vossas cascas exteriores. Deixai-as cair como folhas mortas aos vossos pés; e quando algo vier do mundo dos espíritos que apele à vossa consciência interior como verdade, recebei-o, quer venha de um Jesus Cristo quer de um Thomas Paine.

PERG. — É a forma do espírito parecida com aquela que ele habita aqui? Tenho pensado ou comparado a um peixe que é tirado da concha. Ali está a forma completa, mas a concha é posta de lado?

RESP. — O corpo ou máquina de que a alma ou espírito faz uso durante o seu segundo período de existência individualizada e inteligente é uma contraparte exata do humano, da concha, do corpo físico; ou, talvez devêssemos dizer, uma contraparte exata do que esse corpo deveria ou teria sido, se a doença, ou o que chamais acidente, não tivesse intervindo. Mas as formas, tal como os documentos e os pensamentos, estão continuamente a mudar. Porque vós, no vosso

futuro espiritual imediato, habitareis uma forma que é uma contraparte exata daquela que tendes aqui, não suponhais que será sempre assim. A alma no seu segundo estado de existência veste-se de acordo com as circunstâncias da sua vida de alma. O seu exterior é um fruto do interior, e não deveis supor que sereis os mesmos, espiritualmente, daqui a cem anos, do que sois hoje.

Certamente esperamos que não. As vossas opiniões, pensamentos e todo o vosso ser terão passado por uma grande mudança. As vossas vidas interiores terão mudado inteiramente; e se o exterior é um fruto do interior, certamente ele tem de mudar também.

PERG. — Se a mente do homem é imortal e pode agir independentemente do corpo, por que razão se torna ela geralmente fraca com o corpo, e muitas vezes bastante imbecil, enquanto o corpo conserva considerável força? A velha resposta de que ela está obstruída pelas enfermidades do corpo e portanto não pode agir não é satisfatória. Considero isto o maior argumento contra a imortalidade da alma. Gostaria de uma resposta explícita.

RESP. — O vosso orador, durante a sua peregrinação terrena, tropeçou precisamente na mesma pedra de tropeço. Ele mal podia acreditar na imortalidade de uma alma que se tornava fraca à medida que o corpo se tornava fraco, mas ele aprendeu que a alma é absolutamente obrigada a prestar estrita obediência às leis do corpo, enquanto estiver nesse corpo. Enquanto se manifesta através do corpo, ela tem de se manifestar de acordo com as leis do corpo. Se o corpo é fraco, a manifestação da alma tem de ser correspondentemente fraca; mas a alma em si é sempre forte. A alma nunca está doente, não como alma. Todas as doenças mentais são um resultado de indisposições físicas ou de influências tomadas da vida externa.

A alma sente todas as doenças primeiro — agora não nos interpreteis mal —, a alma sente todas as doenças, quer mentais quer físicas, antes do corpo, mas a sua própria integridade de alma não é violada. Quando ela está livre, absolutamente livre do corpo físico e

das circunstâncias que a rodeiam, então ergue-se e manifesta-se de acordo com as novas leis sob as quais passou a estar. Devei-vos lembrar de que é a manifestação que é fraca e imperfeita. Ora não confundais as duas. A manifestação é distinta da coisa que se manifesta. Temos estado ao lado do espírito em mudança quando o corpo estava enfraquecido pela mão bruta da doença. Na verdade, temos visto a forma esvanecer dia após dia, e o espírito, ou alma, ou parte pensante, tornar-se correspondentemente fraco nas suas manifestações. Oh, nessa altura temos questionado Deus mais do que fervorosamente para saber se a centelha de vida se apagaria ou não à medida que o corpo ficasse imóvel na morte. Mas aprendemos que a vida é vida para sempre; que o dom da imortalidade vem de Deus e é nosso para sempre.

As formas, sempre vos dissemos, estão sujeitas a mudança, e mudam ao passar ao longo da corrente da vida; isto é, através da fraqueza. A mudança é sempre operada através da fraqueza. Mas não entendais, porque o corpo é fraco, porque o corpo morre, que a alma se torna fraca e morre também, pois dizemos-vos que o espírito apenas está obrigado a prestar obediência às leis da vida física enquanto se manifesta através dessa vida. Cada orador que vem tomando o controlo anormal do vosso médium está obrigado a observar a lei que governa a máquina através da qual trabalha. Não podem ir além dessa lei. Podem exceder as chamadas capacidades naturais do sujeito, e excedem, mas nunca a lei.

24 de setembro.

PERG. — Onde há uma ansiedade mundial para saber o destino de uma determinada pessoa — Sir John Franklin, por exemplo —, por que razão ele ou algum outro espírito não dá informação que revelasse os factos do caso? Ou, no caso de assassínio, ou de outros grandes crimes, por que razão o espírito da pessoa assassinada não dá factos e circunstâncias que levassem à deteção do criminoso? Isto faria mais para prevenir o crime do que todas as outras coisas.

RESP. — Falando relativamente a Sir John Franklin, tiraremos vantagem de termos nascido em terra *yankee* e faremos uma pergunta, em vez de responder a uma. Tem o vosso correspondente a certeza de que Sir John Franklin não deu tal informação relativamente a si próprio? Não, não tem a certeza. Nós estamos certos de que ele não tem, porque não pode ter por qualquer possibilidade. Ora, relativamente à última parte da vossa pergunta, poderíamos pregar um longo sermão sobre ela e ainda assim deixar-vos nas trevas exteriores. Nem sempre é sábio dizer tudo o que uma pessoa sabe, ou mesmo uma pequena porção do que sabe. Nem sempre é bom regressar dando tal informação que incriminasse qualquer indivíduo e fizesse com que fosse executado na vossa forca americana.

O Espiritualismo propõe-se deixar-vos tão independentes quanto é possível serdes. O Espiritualismo não se propõe enviar emissários da terra das almas para vos dizer isto ou aquilo do qual era melhor que permanecêsseis na ignorância. Vós sois ainda crianças pequenas e pedis mais do que aquilo de que realmente precisais. Mas graças a Deus há uma Inteligência Suprema que possui toda a sabedoria, que guia os assuntos de homens e mulheres sempre; e quer eles queiram quer não, serão sempre guiados finalmente no caminho certo. Há muitos casos em que pessoas que foram subitamente enviadas para o lado invisível da vida por alguma pessoa ou pessoas a quem chamais os vossos assassinos regressaram, apontando os seus assassinos. Incriminais vós sempre essas pessoas porque tal informação é dada? Está o mundo preparado para receber o Espiritualismo nos seus registos de Jurisprudência? De modo algum. Por isso os habitantes do mundo invisível estão a aguardar o seu tempo, e a esperar sempre por aqueles mais elevados do que eles próprios para os guiar. Sois todos elos na grande corrente da vida humana; cada um a atuar sobre todos os outros.

Estais ligados uns aos outros; e quando um sofre, ou quando um está alegre, todos os outros estão correspondentemente assim. Devei-vos lembrar disto. E pensamos que quando souberdes isto, procurareis fazer felizes todos os que estão ligados convosco, como meio de obterdes felicidade para vós próprios; pois a única forma verdadeira de nos tornarmos felizes é procurar fazer todos os outros felizes. Não

o podeis fazer colocando alguém na forca. Não o podeis fazer forçando o conhecimento sobre qualquer alma individual; pois se o fizerdes, ele voltará para trás sobre vós mesmos. Mas quanto àquilo que é procurado, podeis ter a certeza de que a pessoa está preparada para isso.

PERG. — Fará o espírito controlador o favor de dar a sua opinião quanto à veracidade ou falsidade da seguinte afirmação que está a circular na imprensa diária?

"Os astrónomos consideram a luz como a vibração de um fluido que permeia todo o espaço. Sendo este fluido um corpo material, tem de obstruir e retardar os movimentos dos corpos que passam através dele. Consequentemente a lua, nas suas revoluções ao redor da terra, tem de mover-se constantemente cada vez mais devagar, e tem finalmente de entrar em contacto com ela. Nessa altura a crosta da terra será despedaçada, o impacto gerará um calor imenso e os dois planetas fundir-se-ão num só. A seguir começará o arrefecimento e uma nova terra formar-se-á. Da mesma forma a terra e todos os planetas têm eventualmente de ser absorvidos pelo sol, que talvez não seja senão o satélite de algum sol central maior, e está, por sua vez, destinado a ser absorvido, até que finalmente todo o universo material se combine numa só massa poderosa."

RESP. — A teoria é totalmente absurda demais para que qualquer mente sã e pensante por um momento a acredite, pois ela aniquilaria inteiramente a teoria da individualização. A luz é um princípio distinto e positivo. Ela existe em todas as formas, em todos os lugares. Mesmo as trevas não estão desprovidas de luz. Elas contêm dentro de si o princípio. A terra, como satélite, realizou as suas jornadas distintas ao longo de toda a eternidade passada. Não acreditamos que ela alguma vez tenha sido criada, ou venha alguma vez a ter um fim; e quando dizemos isto relativamente à terra, queremos dizer que ela pode mudar na sua manifestação, mas continuará a ser uma terra individualizada. Não acreditamos que a terra venha alguma vez a ser acolhida no

abraço do sol. O sol não infringe a lei da terra, nem a terra a lei do sol. São dois corpos distintos, a moverem-se nas suas próprias órbitas, a viverem as suas próprias vidas. Cada vida é inteiramente distinta da outra, contudo dependente da outra. Virá ainda o tempo em que novas — dissemos agora novas? não queremos dizer isso —, em que velhas, mas para vós novas, e impressionantes teorias relativamente aos corpos celestes vos serão apresentadas. E de início, prevemos, salvo com a exceção de muito poucas mentes, ignorareis a teoria como sendo inteiramente incompatível com tudo o que aprendestes. Mas o mesmo Poder que ensinou um Galileu terá a certeza de transmitir informação a alguém a habitar na vossa terra hoje. O mesmo Poder Divino que guia o destino da vossa terra dar-vos-á informação relativamente a ela, e terá a certeza de o fazer tão depressa quanto esteardes preparados para receber.

1 de outubro.

PERG. — Era Adão a encarnação simbolizada da natureza terrena da humanidade?

RESP. — Essa visão é pelo menos aceitável para o vosso orador. Ele só pode responder por si próprio. Na medida em que a Natureza lhe ensinou, nas suas pesquisas através do laboratório dela, que nunca houve um primeiro homem e uma primeira mulher, ele, talvez como muitos outros, está propenso a olhar para o assunto de um ponto de vista espiritual. Homens e mulheres de todas as eras têm tido sempre, e sem dúvida continuarão a ter, certas ideias relativamente ao passado, no que diz respeito àquilo a que chamam a criação do mundo. É muito natural para a visão limitada do homem supor um início para as coisas pelas quais está rodeado. Mas à medida que a visão se expande, à medida que ele se desdobra a si mesmo, assim estas coisas se desdobrarão. Em vez de acreditar num verdadeiro primeiro homem e numa verdadeira primeira mulher, ele estará muito suscetível de acreditar neles como símbolos da vida humana.

PERG. — Pode a existência pessoal na terra de Jesus Cristo, "o Senhor", ser traçada linearmente até qualquer indivíduo?

RESP. — Sim; isso é tão facilmente feito como é fácil traçar a nossa própria linhagem. Não há mistério sobre este homem Jesus Cristo, nem ele é um mito, mas sim uma realidade distinta e positiva.

PERG. — Se o espírito é matéria, ou substância, por que meios vivem os espíritos? — ou, por outras palavras, são eles obrigados a trabalhar a fim de subsistir?

RESP. — A Natureza — ou o Poder pelo qual a Natureza existe, devíamos dizer — fornece provimentos para todas as necessidades. Na medida em que o espírito do homem tem de ser sustentado, o poder sustentador está em existência e ao seu alcance. O espírito é de facto apenas matéria refinada; mas está tão afastado da matéria que constitui as formas pelas quais estais rodeados na vida humana que mal podeis ver qualquer analogia entre os dois; e contudo não há separação. A mente, assim chamada, e a matéria, ou matéria refinada e bruta, têm de estar inseparavelmente ligadas. O mundo dos espíritos tem tanta necessidade desta terra, com todas as suas brutalidades, como a terra tem necessidade do mundo dos espíritos. Há uma ação contínua entre os dois. Vós subsistis pelo poder do espírito, e o poder do espírito subsiste por vós, também. O dar e receber está na ordem das coisas sempre.

2 de outubro.

PERG. — Há um homem em quem confiei como amigo quando em necessidade; como amigo, confiei-lhe os meus bens. Ele trai a minha confiança, guarda os meus bens e recusa-se a dar-me aquilo que é justa e honestamente meu, e justifica-se a si próprio ao fazê-lo. Ora o que eu desejo saber é isto: Quando tais pessoas vão para o mundo dos espíritos, aprovarão e justificarão elas os seus atos injustos nesta

vida e não terão pesares pelo passado, tal como parecem não ter nenhum enquanto aqui na vida terrena?

RESP. — Assim como o homem passa para fora da carne, assim ele entra nas realidades do mundo dos espíritos — pensando da mesma forma —, e, para todos os efeitos e propósitos, ele é o mesmo, no que diz respeito ao seu espírito. Todos os maus ou chamados maus atos que um homem comete enquanto na terra serão lavados pelos seus próprios esforços individuais, através do seu próprio desdobramento individual. Quando o homem ou a mulher aprender que há um caminho melhor, que há um caminho mais justo, então ele porá de lado aquilo que é menos justo e perseguirá imediatamente um curso mais adequado. Mas a alma tem de receber uma educação.

Aqui ela pode preparar as suas asas de justiça e voar para longe dessas coisas a que chamais mal. Mas a lei da retribuição é uma lei toda ela perfeita e santa em si mesma. Ela não pune através da ira, não porque o Autor da lei esteja irado com o sujeito, mas a própria natureza do passo em falso induz a ação da lei; e quando a lei atua sobre o sujeito, imediatamente o sujeito começa a sentir que há um caminho melhor — que aquele não é o curso mais adequado. Nessa altura a tristeza vem, porque há mais ou menos confusão. Deitai vinho novo em odres velhos, e os odres rebentarão. A confusão segue-se por um tempo, e a seguir o pesar. Vós sabeis muito bem como tendes sofrido nos últimos quatro anos devido à confusão política em toda a parte no vosso meio. O mesmo acontece relativamente à alma. Quando ela aprende que cometeu um erro, mesmo na coisa mais trivial, experimenta tristeza. A seguir vem esta agitação, este corte, este desprendimento do corpo da alma daquelas circunstâncias que constituíam a sua cobertura. Mas todas estas coisas crescem muito lentamente. O homem nunca se torna grande e bom e sábio num dia. Nós não acreditamos nesse arrependimento que vem como um relâmpago sobre o indivíduo. Não, não podemos. Acreditamos naquele que é de crescimento lento e natural; que vem das camadas inferiores, lança-se para o presente, fazendo uma flor duradoura e imortal.

PERG. — Por J. C. C.: Fará o meu amigo Enoch Harrington e o grupo de espíritos que acompanhou o Capitão Mitchell, após o incêndio do seu navio Hornet, na lat. 2º Norte e lon. 112º Oeste, o favor de dar uma descrição da sua perigosa travessia e do que aconteceu aos dois barcos desaparecidos?

RESP. — Um amigo presente, como representante da parte em questão, informa-nos de que seria impossível dar uma descrição clara, mental e materialmente, da cena pela qual passaram. Relativamente aos dois barcos desaparecidos: a carga de um entrou na terra dos espíritos, e eles não sabem mais da carga do outro barco do que vós, mas presumem que não são habitantes do mundo invisível; portanto têm de estar quer em terra firme quer no oceano.

4 de outubro.

PERG. — Por W. T. Smith, do Michigan: Vi no BANNER de 2 de junho de 1866 que, na remoção de um corpo do seu local de repouso original, ele se tinha transformado em pedra. Ora, a Natureza ensina-me que quando o princípio governador da vida parte, a forma tem de se decompor. Por favor dê as suas opiniões sobre o assunto.

RESP. — O vosso correspondente parece ter conceções muito limitadas da vida. Ele falha em compreender que a vida está em toda a parte; que não há lugar desprovido dela. O princípio da vida não pode, por qualquer possibilidade, ausentar-se de lugar nenhum. As suas manifestações são tão numerosas que não as podeis contar; mas a vida é a mesma. Teria sido uma pergunta exatamente tão razoável ter perguntado por que razão Deus não morre quando os mundos mudam as suas órbitas, como perguntar por que razão o princípio da vida não morreu quando o espírito, ou parte pensante, a habitar a máquina, estava separado e distinto da máquina. É absolutamente impossível para nós enumerar e seguir todas as manifestações da vida. Nenhuma alma individual pode, por qualquer possibilidade, fazê-lo alguma vez; pois, se pudessem, haveria uma altura em que a alma morreria por mera inércia. A alma tem de estar ativa, e só pode estar ativa em

virtude de procurar saber o que há ao redor e além dela. Se todos vós compreendêsseis a vida perfeitamente, mesmo a vossa própria vida, de modo a serdes capazes de definir o alcance do vosso próprio ser, ora nessa altura a força propulsora dentro de vós poderia por vezes tornar-se inativa.

Mas isso não pode ser; e nós acreditamos que o Grande Princípio da Sabedoria, a governar em todas as coisas, percebe que a alma tem de ter sempre algo por que pedir, que tem de haver sempre algo que ela não atingiu. E isto, acreditamos nós, é a própria força que a mantém na existência, e o próprio alicerce sobre o qual a imortalidade existe. Decomposição é apenas outro termo para mudança. O corpo muda na morte — pode ser para pedra, pode ser para pó —, mas o princípio da vida nunca o abandona.

PERG. — Regressam os espíritos e tomam sobre si corpos físicos de novo? E, se assim for, com que frequência se repete isso?

RESP. — O vosso orador regressou absolutamente e tomou sobre si um corpo físico; mas não é de modo algum certo com que frequência ele pode repetir a mesma manifestação. Se o vosso correspondente faz referência à doutrina pitagórica, talvez seja necessária uma resposta um pouco diferente à sua pergunta. Seria absolutamente impossível para nós decidir relativamente ao período de tempo determinado atribuído à alma, pelo qual ou quando ela tem de regressar e tomar sobre si uma forma humana, e manifestar-se através dessa forma, desde que o grande e sábio Pai tenha determinado que ela se tem de desdobrar assim.

A Natureza, pelo decreto de Deus ou da Vida — ou dai-lhe qualquer nome que vos agrade —, por algum decreto bem estabelecido, parece ter uma variedade infinita de caminhos e meios através dos quais se aperfeiçoar; e a mesma lei mantém-se válida quando referida à alma. A alma, como aliada da Natureza, faz uso, acreditamos nós, de cada forma conhecida na Natureza através da qual se desdobrar. A alma fala através das rochas, através dos riachos, através das ondas do oceano, através dos céus, através de todas as

formas de vida animada e inanimada, bem como através da forma física. Isto é absolutamente verdadeiro, e não o podeis contestar com sucesso.

O escultor percebe diante de si o bloco de mármore. A alma ou vida interior do seu próprio ser é lançada sobre o mármore. E assim ele vai esculpindo, dia após dia, até que o bloco de mármore parece estar dotado de vida. O que o tornou assim? O que operou a mudança? Ora, a ação da alma do homem sobre ele. A alma trabalhou, através da máquina humana, e através da vida física e material, sobre o bloco de mármore, até ser um glorioso representante da vida humana. A alma está ali; a vida do homem está ali. Não podeis olhar para uma bela rosa, admirando a sua beleza, inalando a sua fragrância, sem a dotar com a vossa própria vida. O vosso pensamento da rosa é muito mais belo do que a própria rosa. Devei-vos lembrar desta grande verdade: que, assim como Deus fala através da alma, assim Ele fala através de todas estas formas de vida também. A vida está em toda a parte. Deus é Vida, e a Vida nunca está silenciosa, nunca inativa. Ela está sempre a ir para fora e para a frente, aperfeiçoando-se de acordo com a lei do seu grande Autor.

15 de outubro.

PERG. — Pensa ser possível que venhamos a descobrir que diferentes metais não são senão diferentes agregações do mesmo metal, e que possamos aprender a mudar um metal noutro — digamos, prata em ouro, ou ouro em cobre?

RESP. — Os químicos no mundo dos espíritos declaram que os primários de todos os átomos são idênticos. Se isto é verdade — e eu, como indivíduo, não tenho razão para duvidar —, então tudo o que falta para mudar um metal noutro é o conhecimento com que combinar os ingredientes necessários que estão em toda a parte convosco. Por exemplo, se quereis mudar prata em ouro — o que estais extremamente ansiosos por fazer no presente momento —, ora, se apenas tiverdes o conhecimento químico, ou conhecimento dos

primários, o alicerce, a vida dos metais em questão, podeis fazer o vosso trabalho muito facilmente. É muito fácil para um mecânico, por exemplo, construir uma casa, mas não é de todo fácil para um pregador do Evangelho fazê-lo.

Ora eu nunca construí uma casa, nem penso que alguma vez pudesse; mas podia pregar, e outra pessoa podia construir a casa. Sim, sim; eu acredito que a transferência de um metal para outro pode ser feita. Tudo o que falta é o conhecimento disso. E como todos os dias sois mandados através de incontáveis fontes procurar a sabedoria, ora, parece-me que bem podeis procurá-la nesta direção como em qualquer outra, visto que vós todos adorais o metal tão devotamente.

PERG. — James M. Allyn teve um alfabeto universal comunicado a si a partir do mundo dos espíritos. Pode o mundo dos espíritos, como um todo, tendo mesmo uma linguagem universal, estar interessado na adoção de um alfabeto universal pelos povos da terra?

RESP. — Num sentido os habitantes do chamado mundo dos espíritos têm uma linguagem universal, e, noutro sentido, ela é tão diversificada como essa que tendes convosco. A linguagem do mundo dos espíritos é uma linguagem de símbolos nascida de ideias. Os símbolos são, se me posso expressar assim, os filhos das ideias. O que quer que um homem pense ali, ele mostra. Não há como o esconder. É uma pena muito grande que a mesma regra não exista convosco. Mas não existe. Um homem pode pensar pensamentos muito maus, e ter uma face muito santarrona ao mesmo tempo. Connosco não é assim. Quando tiverdes terminado com o corpo físico, o corpo material, vereis esta coisa como nós vemos. Existe no mundo dos espíritos hoje um grupo de espíritos que está extremamente ansioso por trazer uma reforma entre vós, povo da terra, no que diz respeito à vossa linguagem. Eles acham extremamente difícil fazerem-se compreender ao regressar, sob a atual confusão de linguagens.

Por exemplo: um francês deseja comunicar os seus pensamentos a um americano através desta médium. Se as condições forem adequadas, e ela estiver perfeitamente desdobrada como médium, ora

nessa altura o francês pode falar a sua própria língua materna. Mas depois, vedes vós, a outra ponta do fio do telégrafo está em baixo. O americano não consegue compreender. Com um alfabeto universal, as almas que representam todas as nações da terra poderiam vir sempre que quisessem comunicar com os amigos. E como há milhares — sim, milhões; não os posso contar — que estão desejosos de vir, dando as suas ideias ao povo da terra, acredito que se organizaram num grupo para esse propósito. Mas é extremamente difícil dar grandes passos no vosso meio em qualquer direção. Suponde que o vosso orador declarava a todo o mundo — se todo o mundo pudesse ser levado a ouvir a sua voz — que todas as religiões da terra deviam ser fundidas na religião do racionalismo.

Suponde vós que isso teria algum grande efeito? Não; diríeis que tais ideias loucas nunca poderiam ser recebidas. O mesmo acontece relativamente a qualquer outro projeto que vos seja proposto. Muito frequentemente olhais para ele e deitai-lo fora como sem valor. Se eu pusesse um diamante na mão de uma criança, ela olharia para ele e depois talvez o pisasse debaixo dos seus pés. Mas deixai-a crescer até à idade adulta e ser informada do seu valor — o valor que o mundo lhe dá —, e supondes vós que ela o trataria dessa maneira? De modo algum. O mesmo acontece com as novas verdades.

Vós sois crianças pequenas e deitai-las fora porque não podeis ver o valor delas; e depois, quando chega o momento de as usardes, tendes um trabalho difícil para as encontrar; por vezes não as encontrais de todo. Eu sugeriria a conveniência de terdes um grande tesouro, no qual deitareis todas as novas verdades do mundo dos espíritos — todas, para vós, novas verdades — que vêm a vós de tempos a tempos, que não compreendeis. Quando não as puderdes apropriar, ponde-as no tesouro. Nessa altura, quando as quiserdes usar, não tereis um trabalho tão difícil para as encontrar.

PERG. — Por D. C. Newton, de Sharon, Wis.: Não sobem os nossos amigos, que entraram na vida espiritual anos antes de nós, que estamos ainda no corpo, tão alto em círculos de progressão que nós, ao entrar ali, seremos incapazes de os alcançar?

RESP. — Vós tendes ideias tão loucas de progressão que é muito difícil trazer-vos para baixo dos vossos voos aéreos, muito difícil de facto. O pai, naturalmente, nasce antes do filho. O pai, naturalmente, recebeu a sua educação antes de o filho nascer. Supondes vós que seria absolutamente impossível para o filho crescer até à idade adulta espiritual, moral, divina e fisicamente, superior ao seu pai? Dizeis que não; que esse não é um caso paralelo.

Mas é exatamente paralelo. Nós, ao entrar no mundo dos espíritos, não saltamos para o sol ou para a lua ou para uma estrela distante tão depressa como pensais que saltamos. Temos perceções ampliadas, com certeza, e maiores oportunidades de melhoria do que vós tendes aqui; mas não damos nenhuns passos muito grandes, pois essa não é a ordem da Natureza. Os graus de progressão vêm muito próximos uns dos outros. São tomados muito devagar, mas são tomados de acordo com as capacidades da vida interna do indivíduo. Alguns correm muito depressa, alguns vão muito devagar; mas todos são tomados com cautela. Não há pressa. Vós não compreendeis a coisa de todo. Quando ouço uma criança dizer: "Oh, não terá a minha mãe progredido para esferas celestiais, de modo que não me conhecerá e eu não a conhecerei?", penso que ideia louca! Exatamente como se o laço não existisse, ou a ligação não fosse tão forte como sempre!

16 de outubro.

PERG. — Por que razão acontece que, com uma pessoa, do berço à sepultura, tudo o que faz vai contra ela, e com outra tudo vai a seu favor, não importa o que faça?

RESP. — Um determinado escritor declarou que o espírito e a carne estão sempre em guerra um com o outro; que nunca há harmonia perfeita entre o espírito, a vida habitante, e a máquina através da qual ele se manifesta para o mundo externo. Há uma verdade muito grande subjacente a esta afirmação. Mas alguns espíritos e as suas máquinas parecem estar em harmonia, enquanto outros exibem uma guerra perpétua. Nós próprios observámos que há certas inteligências a

habitar na vida física que parecem não estar de modo algum em harmonia com a máquina em que vivem, através da qual atuam.

O organismo humano não parece responder ao comando do espírito, e por mais que aspirem fervorosamente à bondade, o mal parece estar presente com elas. Ora é absolutamente impossível determinar por que razão estas coisas são assim. Não seria sábio afirmar que o Moldador da vida humana e da vida divina tinha cometido um erro nestas coisas. Pela nossa parte, acreditamos que cada espírito requer uma certa quantidade de experiência terrena, que não pode obter de outra forma senão através da forma física que o grande Deus lhe deu, quer essa forma obedeça ao seu comando quer não, quer haja harmonia quer desarmonia entre a vida habitante e a vida externa. Se a alma é obrigada a manter uma guerra perpétua entre si própria e a sua vida exterior, há uma necessidade para isso. Acreditamos que é absolutamente necessário para algumas almas beberem até às próprias borras da miséria, a fim de que possam ser capazes de apreciar e desfrutar o céu que todas as almas procuram.

Nem sempre sabeis o que é melhor para vós. A alma que pede que o sol da prosperidade possa sempre repousar sobre ela não sabe que coisa temível está a pedir. As nuvens da adversidade não fazem senão derramar gotas de chuva que nutrem para a vida as flores mais belas da alma. Não pediríamos que a paz, a prosperidade e a fartura fossem sempre os vossos hóspedes. Não; preferiríamos orar para que ficásseis satisfeitos com a vida, com a vossa vida, sabendo que, como o Grande Autor concedeu precisamente essa quantidade sobre vós, e não mais, então é melhor que suporteis muito. A vida é feita de sol e sombra, de céus limpos e céus nublados. A morte não é senão uma nuvem que oculta um raio de sol. A tristeza, em todas as formas, é dada à alma para a purificar e aperfeiçoar.

PERG. — D. G. L., de Fly Creek, N. Y., deseja saber o que significa a passagem da Escritura, que se encontra em I Pedro, cap. 4, versículo 18: "E, se o justo dificilmente se salva, onde aparecerá o ímpio e o pecador?"

RESP. — A velha crença pagã num Deus de vingança, sem dúvida, forma a base do assunto que apresentastes. "Se o justo dificilmente se salva, onde aparecerá o ímpio e o pecador?" Não é de admirar que uma tal pergunta tivesse sido proposta, quando o foi e como o foi, considerando as trevas que se aglomeravam ao redor do tempo do seu nascimento. Era quase uma impossibilidade para a alma, qualquer alma, acreditar na salvação absoluta nessa altura. A mente humana que existia sobre a terra nessa altura não estava preparada para acreditar num Deus Todo-Misericordioso, numa Suprema Inteligência Todo-Amorosa, capaz de acolher cada alma, capaz de abraçar com os seus braços amorosos o bem menor e o bem maior.

Dizemos que era quase impossível para qualquer alma acreditar num tal Deus. Mas as raças dos homens cresceram intelectual e moralmente, bem como física e espiritualmente, desde então. E agora é raro encontrar uma pessoa que acredite na condenação eterna; que apenas uns poucos estejam eleitos para a salvação. Mesmo aqueles que fazem profissão exterior de uma tal crença, interiormente a negam. Virá o tempo no futuro em que, em vez de falardes relativamente ao ímpio e ao pecador, mudareis os termos; compreendereis que na realidade não há pecadores, ninguém que seja absolutamente ímpio, porque não há ninguém que não esteja sob o controlo absoluto da divindade, portanto têm de ser piedosos. A lei de Deus e o amor de Deus abraçam todas as coisas e toda a mente, portanto todas as coisas são piedosas; toda a mente é piedosa. Não há ninguém ímpio; não, nem um único.

29 de outubro.

PERG. — Por um correspondente: Comunica alguma vez Jesus de Nazaré, ou qualquer dos Apóstolos ou Profetas de outrora, com este círculo? Se não, por que razão não procuram eles esclarecer-nos sobre essas questões de religião que são a causa de tanta disputa no presente momento?

RESP. — O leite é bom para os bebés, e a carne para a idade adulta. Vós sois ainda bebés nesta nova filosofia religiosa, e os vossos

estômagos infantis não poderiam digerir bem aquilo que pedis. Uma Providência Todo-Sábia e amorosa — chamai-lhe qualquer nome que vos agrade — conhece bem as vossas necessidades, e responde a cada necessidade a seu devido tempo. O vosso correspondente pergunta se algum dos santos antigos, os Apóstolos, Profetas, visitam este lugar, comunicando através deste organismo? Respondemos que sim, muitas vezes, muito frequentemente. Mas deveis compreender que, quaisquer que sejam as ideias que vos são dadas de tempos a tempos, quaisquer que sejam os pensamentos que vos são comunicados a partir de qualquer fonte, a fim de serem de utilidade para vós, têm de ser modificados, de modo a haver uma adaptação entre vós próprios e as verdades.

Suponde que um Jesus de Nazaré, suponde que qualquer dos antigos vinha pessoalmente a vós, falando-vos como eles falavam no seu tempo, no seu dia e geração, compreendê-los-íeis vós? Não. Apreciá-los-íeis vós? Não. E mais ainda: suponde que essas pessoas regressavam, dando-vos a plenitude da sua experiência atual, dando-vos os frutos plenos do reino em que agora existem, através do qual agora atuam, compreendê-las-íeis vós? Não. Apreciaríeis vós os seus esforços? Não. Sabendo isto, eles modificam as suas ideias; as verdades que vos dariam, para se ajustarem à vossa capacidade de receber.

PERG. — Onde está localizado o lugar chamado terra dos espíritos? É na terra, ou na atmosfera acima da superfície da terra?

RESP. — A terra dos espíritos está em toda a parte, como a vida e as suas manifestações estão em toda a parte. A terra dos espíritos está ao vosso redor e dentro de vós. Está debaixo de vós e acima de vós. Cada objeto material tem o seu espírito ou vida interna. Se não houvesse vida não poderia haver forma. Assim, pois, deveis compreender que o mundo dos espíritos não está localizado longe. Não tem localização especial. Está em toda a parte.

PERG. — Oferece o tempo chuvoso ou nublado algum impedimento à comunicação dos espíritos?

RESP. — Isso depende muito do organismo a ser controlado. É absolutamente impossível controlar alguns médiuns exceto numa atmosfera rarefeita. Por outro lado: é possível controlar alguns médiuns em todos os estados da vida atmosférica. Relativamente ao organismo que o vosso orador controla, as mudanças atmosféricas fazem muito pouca diferença.

PERG. — Não são os dez mandamentos tanto lógicos como espirituais?

RESP. — Sim, quando devidamente considerados.

PERG. — Entendo que um espírito guia deste círculo afirma que é melhor para uma pessoa seguir os seus impulsos naturais, quer sejam para o bem quer para o mal. Se estou mal informado, desejo ser corrigido. Mas se não estou mal informado, tenho de tomar o partido contra vós, e ficaria feliz por discutir este assunto convosco no futuro, altura em que me esforçarei por demonstrar a minha posição pela ciência. Esta é uma questão momentosa, e de uma solução correta dela depende a felicidade ou miséria de incontáveis milhões de seres.

RESP. — Há muitas inteligências diferentes a controlar neste lugar; cada uma a possuir as suas próprias opiniões distintivas relativamente a todos os assuntos, e cada uma a possuir o direito de expressar essas opiniões, de acordo com as suas ideias de certo ou errado. O vosso orador acredita que é correto, sob todas as circunstâncias, procurar mais do que fervorosa e fielmente superar o bem menor com o bem maior. Há certas mentes que acreditam ser melhor para um indivíduo viver de acordo — quer na vida terrena quer na vida espiritual — com as chamadas tendências naturais.

O vosso orador não acredita nisto; pois sabe, por observação, que quase nove décimos de toda a vida física é propagada sob circunstâncias desfavoráveis; portanto a base tem de ser um bem menor e não um bem maior. Ao bem menor, os homens chamaram mal. Sendo isto verdade, tanto maior é a necessidade de o indivíduo que vive assim condicionado guerrear perpetuamente contra esse grau de bem menor, sobre cuja base parecem estar — na qual parecem mover-se. É também declarado por certas mentes que é absolutamente impossível para qualquer indivíduo atuar absolutamente ao contrário dos seus instintos naturais. O vosso orador não acredita nesta afirmação; pois sabe que há incontáveis exemplos em contrário, e estes exemplos são em muitos aspetos as luzes do mundo. Jesus disse: "Deveis procurar sempre vencer o mal com o bem." Se não houvesse necessidade desta guerra, certamente ele não a teria ordenado.

30 de outubro.

PERG. — Por J. M. Sterling: Há várias opiniões e teorias relativas à origem da Corrente do Golfo. Pode dar-nos alguma luz sobre o assunto?

RESP. — O vosso orador seria incapaz de dar qualquer luz sobre o assunto. Há outros que podem ter o poder de dar luz nessa direção; mas, como o vosso orador não tem esse poder, naturalmente, se for honesto, tem de o dizer.

PERG. — Pelo mesmo: Há influências na vida espiritual conhecidas como a Circular e a Piramidal? Se sim, explicar-nos-á a natureza e a diferença das duas?

RESP. — Toda a vida se move em círculos, existe em círculos. Nós não temos conhecimento de nenhuma condição na vida espiritual a que o vosso correspondente faça referência.

PERG. — É a soberania individual a ordem mais elevada de governo?

RESP. — Pensamos que não. E contudo cada indivíduo é uma soberania em si mesmo; um poder perfeito em si mesmo. Acreditamos que a atual forma de um Governo Republicano é a melhor de que vós, mortais, sois capazes de apreciar; pois é o fruto mais elevado e mais recente da vossa existência política. Não conheceis nada mais elevado. Tendes uma ténue e vaga perceção de algo melhor, mas não podeis trazer essa perceção para a vossa vida atual, pois ela pertence ao vosso futuro. Os indivíduos, como grupos e nações, crescem nesta matéria, como em todos os outros pontos da vida, e crescem muito devagar. Houve um tempo, há alguns anos atrás — ou há alguns séculos atrás, talvez fosse melhor dizer —, em que a regra dura, severa e inflexível da soberania individual não era o que é agora. Era nessa altura o poder de um só homem no sentido mais estrito, ou soberania individual no sentido mais estrito. Mas hoje a mente mistura-se com a mente tão facilmente e tão perfeitamente que, no que diz respeito às nações, não pode haver soberania individual.

PERG. — Posso viver uma vida verdadeira sem exercer um controlo pessoal e individual, protegendo-me a mim próprio e defendendo-me a mim próprio?

RESP. — Não, certamente que não.

PERG. — Fico feliz por discordar de vós.

RESP. — Se não obedecêsseis à lei da vossa individualidade, não teríeis individualidade; pois a vossa própria obediência a ela dá-lhe vida. Não podeis ser outra pessoa; outra pessoa não pode ser vós.

PERG. — Preciso de proteção de outros?

RESP. — Certamente que sim, porque estais unido a cada outra alma no universo. Recebeis de cada outra alma, e dais a cada outra alma. Emprestais da vossa força para proteger cada outra alma; e cada outra alma empresta da força dela a vós. Há uma dependência mútua a existir ao longo de toda a vida.

1 de novembro.

PERG. — Por G. M. Gould, de Atenas, Ohio: É sentar-se sozinho um meio melhor de desenvolvimento de médiuns do que num círculo? Se sim, porquê?

RESP. — Há alguns poderes mediúnicos latentes que podem ser melhor desdobrados sozinho — isto é, no que diz respeito à forma humana — do que podem no círculo. E, por outro lado, há alguns que podem ser melhor desdobrados sentando-se no círculo.

PERG. — Pelo mesmo: Pode dar algumas instruções para esse desenvolvimento?

RESP. — Não, certamente que não. Cada caso particular requer o seu próprio curso particular.

PERG. — Por E. W. S., de Fitchburg, Mass.: Por favor dê uma explicação do versículo 6, capítulo 9 de Isaías: "Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o governo estará sobre os seus ombros; e o seu nome será Chamado Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz."

RESP. — A mitologia antiga esteve sempre a profetizar a vinda de um Messias, a vinda de um Governador Espiritual, um Rei Divino, que os libertaria de toda a tristeza terrena e os guiaria para uma

condição de felicidade. Quando Jesus nasceu, foi declarado por uns certos poucos como sendo esse Governador Espiritual, o Príncipe do outro mundo, que devia guiar os filhos da vida mortal além das tristezas dessa vida. Ele devia governar sobre eles com sabedoria, e finalmente trazê-los para a terra prometida ou lugar de repouso. Esse povo disperso, os judeus, cujos monumentos existem no pensamento, se não exteriormente entre todas as nações da terra, está ainda à procura da vinda desse Líder Espiritual. E se frequentásseis os seus lugares de culto, ouviríeis com toda a probabilidade expressões não dissemelhantes daquela que foi lida pelo Presidente, pois eles são um povo à espera, a vigiar não por aquilo que foi, mas por aquilo que há de vir. Embora Jesus tivesse sido declarado como sendo o Rei dos Judeus, o Líder Espiritual dos Judeus, o Governador Divino que os devia guiar para fora das trevas para a luz, contudo apenas o mundo gentio acreditou neste Jesus. Não o rejeitaram eles? Eles crucificaram-no. E rejeitam-no hoje.

Na realidade os judeus são um povo mais espiritual do que os gentios. Eles estavam à procura do espírito, enquanto o mundo gentio estava à procura da forma, da expressão do espírito. Nsso acreditavam eles. Não era assim com os judeus. O seu Rei, o seu Governador, a sua Cabeça Divina não devia nascer numa manjedoura. Ele devia vir nas nuvens do Céu espiritualmente, com toda a pompa e aparato do seu fabled Céu. Há muitas, muitas passagens no Guia do Cristão para o Céu que precisam de ser despedaçadas, regeneradas, retrabalhadas. Pois acontece, ou aconteceu no processo da sua transformação no Concílio de Niceia, que foram cometidos alguns erros muito grandes, tão grandes que a simples verdade foi quase inteiramente obscurecida.

A expressão da verdade é, de acordo com o modo de transformação deles, de modo algum adaptada à simplicidade da verdade. Mas como vós, cristãos, estais propensos a adorar a forma mais do que o espírito, e estais satisfeitos com ela, não é meu propósito tornar-vos insatisfeitos. Se a Bíblia, mesmo como está traduzida, vos levar ao vosso Céu, desejar-vos-ia o bom sucesso de Deus na jornada; mas se em qualquer momento sentirdes que apenas a letra está ali, enquanto o espírito está ausente, há uma legião de anjos de Deus que estão em todos os momentos prontos a ajudar-vos a

entrar num meio de transporte mais seguro para o vosso Céu. O Senhor Deus da Verdade reina hoje omnipotentemente, tal como reinava no passado; e só porque as suas verdades estão obscurecidas pela escória da ignorância humana, elas não são por isso menos verdades. A Bíblia contém exatamente tantas verdades hoje como sempre conteve, apenas a letra a cobriu. Mas nós oraríamos mais do que fervorosamente em conjunção com todos os que amam a verdade para que a letra possa ser rapidamente mudada, e a simples verdade que nunca pode ser morta vos seja mostrada.

PERG. — Se a doutrina espiritual for verdadeira, de que cada espírito ou alma humana tem um espírito ou alma do sexo oposto para seu par, ou para se tornar seu par, para serem unidos numa harmonia fundida, como acontece que dois ou mais homens amem e procurem tão frequentemente e fervorosamente a mesma mulher? O poema de Tennyson, Enoch Arden, ilustra belamente este facto comum, e é demasiado frequente na vida real:

"Mas quando, passada a alvorada da infância rosada,

E o novo calor do sol ascendente da vida

Foi sentido por ambos, ambos

Fixaram o seu coração

Nessa única rapariga."

Pelo menos tal tem sido a minha amarga experiência. Se a vossa doutrina for verdadeira, por que razão não encontrei o meu par destinado, e a minha vida foi por isso tornada brilhante e feliz, em vez de miserável, como é?

RESP. — Os caminhos do Infinito para a nossa ignorância humana parecem muito misteriosos. O vosso orador acredita que o Grande Poder Infinito da Vida, o Deus, o Espírito a preencher todos os átomos, fez de facto todas as coisas, macho e fêmea. Ele acredita

também que o macho é imperfeito sem a fêmea, e vice-versa; isto é, cada um separado do outro não atingiu o seu bem mais elevado, não realizou o seu estado mais elevado de desdobramento físico, moral, intelectual e espiritual. Mas é da ordem da Natureza em toda a parte ser mais ou menos imperfeita por uma temporada. E enquanto a Natureza luta através das tempestades da vida imperfeita, ou vida não desdobrada, devíamos antes chamar-lhe, há sempre tristeza.

Por vezes é moral, por vezes intelectual, por vezes espiritual. Por vezes o espírito sente a ferida mais profundamente, e por vezes o material. Mas por que razão isto é assim, não o podemos dizer. Apenas sabemos que é assim. Observamo-lo em toda a parte; desde a simples folha de relva sobre a qual pisamos sem querer, até ao modelo mais elevado do corpo humano. A tristeza e a alegria caminham juntas pela vida lado a lado. A alma perfeitamente desenvolvida ao comunicar com o seu par vai lado a lado com uma que não atingiu esse estado elevado. Supondo que estava determinado que todos fossem felizes, todos plenamente desenvolvidos na vida ao mesmo tempo, desfrutariam da vida como desfrutam agora sob as vossas atuais existências? De modo algum. Vós apenas sabeis como apreciar a alegria por terdes a tristeza humana; a saúde, por terdes estado doentes. Todas estas coisas, acreditamos nós, estão ordenadas com sabedoria; mas sondar essa sabedoria não o podemos fazer.

PERG. — Poderia Swedenborg ser induzido a falar no Círculo do Banner hoje, ou num dia futuro?

RESP. — Isso não o poderíamos determinar. Mas supondo que um Swedenborg falava, ficaria o vosso correspondente de algum modo melhor satisfeito de que era ele?

5 de novembro.

PERG. — Por W. K.: No N.º 19 do Banner há um convite para uma Convenção Estadual da Paz como auxiliar da Sociedade Universal da Paz. Não haverá algum amigo da paz que nos esclareça a

nós e a muitos outros sobre este ponto? A maioria de nós somos teoricamente defensores da paz e da não-resistência, e na prática defensores da força, isto é, da resistência e da guerra. Estamos habituados a lançar opróbrio sobre os Jesuítas pelo seu princípio de que "o fim santifica os meios", contudo cortamos a perna a um homem para lhe salvar a vida. Como poderíamos aplicar o princípio da não-resistência ao proprietário de escravos, em harmonia com a simpatia pelo escravo?

De que servem todas as proclamações sobre os nossos irmãos de pele vermelha? Se eu tivesse o poder, oferecer-lhes-ia a civilização, e se eles não a aceitassem de boa vontade, forçá-la-ia sobre eles, dividindo-os em famílias e espalhando-os por todo o país, como Carlos Magno fez aos Saxões. Provavelmente o Dr. A. B. Child é o melhor expoente da teoria da paz; contudo não consigo superar a convicção de que, em muitos casos, a guerra é o caminho para a paz. A forma de aplicar o princípio da não-resistência, em vez da força, é o que peço em nome de todos aqueles que, como eu, estão às escuras. Em nome da verdade deixai a vossa luz brilhar, se a tendes, para que o Reino Celestial possa ser estabelecido na terra por meios celestiais, não por meios infernais.

RESP. — O vosso correspondente parece estar em dúvida quanto a qual é o caminho mais perto para o céu, o caminho da paz ou o caminho contrário ao da paz. Pela nossa parte, acreditamos que uma paz desonrosa é muito pior do que a guerra. Acreditamos e honramos essa guerra que procura trazer bons fins. Honramos essa guerra que Jesus honrou quando foi ao templo e, com pequenos chicotes, expulsou aqueles que estavam a desacatar esse chamado lugar santo. Acreditamos que a cena recente de guerra pela qual acabastes de passar, como americanos, vos trará as maiores bênçãos e a maior honra que ainda recebestes das mãos do Todo-Poderoso. A Natureza ensina-vos que a guerra, a desarmonia, sob certas condições bem organizadas, resulta sempre em harmonia, ordem e paz. Nós não acreditamos nesse tipo de guerra que é tal simplesmente para que uma parte possa ganhar supremacia sobre outra.

Esse não é o tipo de guerra que defendemos. Mas acreditamos naquela que tem o olhar posto exclusivamente no bem de todos. Acreditamos em vencer o mal com o bem. Há alguns entre o partido da paz que nos perguntam: há algum bem na guerra? Nós responderemos: há. Olhai para o glorioso emblema da vossa nação. Há poucos anos atrás ele estava manchado com sangue mais vermelho do que aquele que fluiu pelo canal da guerra, de longe. Uma mancha mais profunda, mais escura estava ali; a mancha da escravatura. Era uma mentira, escrita em cores de sangue e fogo sobre a vossa bandeira de amplos desfraldamentos; uma mentira! e foi forçada de volta para o coração do povo pela guerra, para que as vossas estrelas e faixas pudessem flutuar sobre um povo livre, não apenas no pensamento, mas no ato. Ora, não resultou já em bem a guerra por que mal acabastes de passar? Há alguns que podem responder não.

Mas esses não conseguem ver o bem, não conseguem saber que há bem. No entanto, o bem está aqui, aqui convosco. E, embora esteja aqui hoje, uma criança aleijada, deformada em parte, uma criança horrorosa de se olhar, contudo, no futuro, será gloriosa. E a criança que nasceu do coração de simpatia da nação americana irá, no futuro, abençoar o progenitor; guiará o progenitor até um padrão de verdade e virtude e justiça. Sabíeis vós, como povo, o que era a justiça antes da vossa guerra? Não, não sabíeis. Faláveis dela, mas não a conhecíeis. A justiça nunca se sentou nas vossas salas de conselho; nunca teve uma audiência convosco, salvo lá no fundo do vosso coração dos corações.

Estava ali silenciosa, à espera da voz de Deus para a chamar. O vosso correspondente gostaria de saber, do lado espiritual da vida, sem dúvida, que curso devia ele e outros tomar relativamente a este partido da paz. O documento mostra na sua face que ele está em harmonia connosco. Ele acredita, como nós, que a guerra é uma necessidade. Ele acredita que é por vezes absolutamente necessário tornar um paciente muito doente antes de ele poder ser tornado inteiramente são. Nós amamos a paz, uma paz honrada, verdadeira, que está fundamentada na justiça. Essa nós amamos; mas qualquer outra não amamos. Preferiríamos dizer: dai-nos a guerra, com todas as suas nuvens escuras, em vez de uma tal paz.

PERG. — Qual é o significado do Espiritualismo Moderno? Não existiu o Espiritualismo sempre?

RESP. — Houve um Espiritualismo Antigo; assim há um Espiritualismo Moderno. É simplesmente um termo a designar um do outro.

PERG. — Diz-se que alguns espíritos continuam ao redor das suas sepulturas por um grande número de anos, incapazes de se libertarem; e, embora conscientes e responsivos a chamamentos, contudo a influência do cemitério ainda os prende e os atrai de volta. Esclarecer-nos-á a Inteligência sobre este assunto?

RESP. — A lei de afinidade existente entre a alma e o corpo, ou a mente e a matéria, é extremamente forte. A morte parece não ter poder algum sobre ela. E visto que todos são obedientes às leis do seu próprio ser, ser facilmente compreendido por que razão há algumas pessoas que estão, em grande sentido, casadas com os seus próprios tabernáculos terrenos.

PERG. — Por J. W. Harris: O que é o amor? Devemos considerá-lo um sentimento de permanência ou simplesmente de impulso? Webster diz: "O amor entre os sexos é um afeto composto, consistindo em estima, benevolência e desejo animal." É esta uma boa definição de amor entre os sexos? Fazendo a devida concessão para organizações imperfeitas, pode o amor ser controlado, ou tem ele de atuar em concerto com o destino ou a natureza? A inteligência superior a controlar a médium nos vossos círculos fará o favor de definir esta matéria do amor, como vista da sua posição avançada.

RESP. — Acreditamos que o amor é um elemento da alma. Pertence à alma, mas as suas manifestações aqui na terra são governadas, são controladas pela organização através da qual é

obrigado a manifestar-se. Há algumas pessoas que manifestam muito pouco de qualquer tipo de amor, enquanto outras parecem ter uma superabundância dele. Não é porque o amor falte na alma mais numa do que noutra. A falha, se tal for, está na organização. A alma através de tal é incapaz de se manifestar harmoniosamente, perfeitamente, claramente, e, se assim nos podemos expressar, plena e completamente.

PERG. — Pelo mesmo: Podem o destino e a divindade ser amalgamados com a Natureza e Deus? Ou não são o destino, a divindade, a Natureza e Deus uma e a mesma coisa?

RESP. — Para a nossa mente são uma e a mesma coisa. Aquilo que é o nosso destino é o nosso Líder, o nosso Controlador, e em todos os sentidos o nosso Deus. — Numa das sessões da semana passada foi feito um apelo à caridade do público aqui reunido, e notámos que havia alguns entre o público que estavam em dúvida relativamente ao assunto de quem pedia caridade, na medida em que as inteligências invisíveis não subscreveram o apelo. As inteligências a controlar nessa altura não julgaram necessário fazer qualquer outro apelo além daquele que foi feito pelo presidente, ou devia ser feito pelo presidente. A fim de remover as dúvidas que ainda pairam nas mentes de alguns, diríamos que conhecemos bem a senhora, e sabemo-la, em todos os aspetos, honrada e verdadeira. E estamos também familiarizados com as circunstâncias dolorosas que a forçaram a apelar aos seus amigos, pedindo a sua ajuda; e nós, todos e cada um, subscrevemos de bom grado o apelo do presidente em seu favor. E lembrar-vos-íamos das palavras do nosso irmão e mestre dos tempos antigos, nas quais ele diz: "Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber."

6 de novembro.